A Sabedoria dos Deuses

Tradução de
Amadeu Duarte

Herbert
Dennis
Bradley

LONDRES

T. WERNER LAURIE LTD – 1925

"Para alcançar a sabedoria, é necessário explorar as alturas e profundezas da experiência; e a Verdade deve ser estabelecida, não com base em mitos nem em crenças, mas sobre o alicerce sólido do conhecimento."

CONTEÚDO

LIVRO I

CAPÍTULO I – O FÍSICO E O ELEMENTAR

O autor explora um território desconhecido e descobre a verdade sobre a sobrevivência — Explica as razões para as suas investigações psíquicas e para o presente livro — Uma dissertação sobre médiuns, com especial destaque para a Sra. Osborne Leonard e o Sr. George Valiantine — Um convite aos cientistas para explicarem até os fenómenos físicos mais simples — Os métodos através dos quais o autor desenvolveu a sua própria mediunidade.

CAPÍTULO II – COMO AS VOZES SE MANIFESTARAM

Uma explicação sobre a forma mais recente e elevada de mediunidade — O primeiro som de uma voz espiritual — A senhora e a trombeta — Porque é que a música ajuda as forças espirituais a manifestarem-se — Os espíritos manipulam os diversos instrumentos de uma banda de jazz — Mr. Caradoc Evans descreve um espírito que lhe falou, e Mr. Noel Jaquin o seu plano para um registo espiritual.

CAPÍTULO III – CONFIRMAÇÃO POR PROVAS CRUZADAS

Nesta sessão, quem assume o protagonismo é o espírito de Warren Clarke, que comenta as acusações de Mr. Joseph De Wycoff contra George Valiantine — Uma análise desconcertante do carácter de Mr. De Wycoff — Informações evidenciais sobre o filho do autor, Anthony Bradley — Um espírito refuta a alegação absurda relacionada com a trombeta mencionada num capítulo anterior.

CAPÍTULO IV – SEM MÉDIUM EXTERIOR

O autor torna a sua trombeta luminosa — O espírito de Lord Northcliffe fala com Mr. Hannen Swaffer — Este espírito comunica também com Miss Louise Owen — Mr. Swaffer oferece uma descrição vívida desta sessão — A irmã do autor, Annie, transmite notícias sobre uma doença grave.

CAPÍTULO V – A PROVA DE LORD NORTHCLIFFE

Lord Northcliffe fala sobre certas pessoas no plano terrestre e faz diversas referências de natureza delicada — A teoria surpreendente do autor sobre crianças em embrião — Uma figura pública é severamente criticada — "O amor é a mola propulsora da vida" — Mr. Swaffer recebe conselhos do seu antigo "chefe" — Annie transmite uma mensagem urgente, que viria a ser confirmada posteriormente.

CAPÍTULO VI – O MILAGRE DA VOZ DIRETA

Entre outros acontecimentos, este capítulo regista uma cena dramática e comovente entre Miss Frances Carson, a famosa atriz, e o espírito do seu falecido marido — O editor da revista *The Tatler* faz uma pergunta sobre um cão e obtém uma resposta correta — Mr. Donald Calthrop escreve: "Obrigado pela minha primeira introdução real ao mundo além" — Mr. P. C. Wodehouse não reconhece uma voz espiritual — O autor é aconselhado a interromper as sessões e são-lhe dadas as razões — Escutando uma sessão por detrás de uma porta fechada.

CAPÍTULO VII – FRAUDE

Neste capítulo, o autor aborda acusações falsas contra médiuns — Relata a verdadeira história das acusações de Mr. De Wycoff contra Valiantine e como as refutou — Fala também sobre comunicações estranhas entre Mr. De Wycoff e Mr. J. Malcolm Bird da *Scientific American*, terminando este relato com uma nota de comédia — A denúncia de fraude feita pelo Capitão Ben Hick.

CAPÍTULO VIII – UMA PERDA DE TEMPO

Algumas reflexões características sobre tolos e charlatães — A médium que vendava os olhos e proferia "disparates ininteligíveis e sem sentido" — O investigador demonstra indignação perante a "burla vulgar destinada a impressionar os crédulos e frágeis".

CAPÍTULO IX – A PROCURA DE RAZÕES

O espírito de Warren Clarke explica porque foi o autor aconselhado a interromper as sessões de Dorincourt e dá-lhe conselhos sobre uma proposta feita por um investigador da Sociedade para a Investigação Psíquica — É também alertado para certas irregularidades financeiras — Uma pergunta sobre os poderes da mediunidade e a respetiva resposta — Uma previsão sobre um grande abalo no campo psíquico — "Telepatia: o refúgio banal das almas inquietas."

CAPÍTULO X – UMA SESSÃO COM UM MÉDIUM DE VOZ

Um correspondente escocês chama a atenção do autor para as Irmãs Moore — Arthur Brandise sobre os bens de Mr. De Wycoff — Obtêm-se provas inquestionáveis — O segredo para obter poderes mediúnicos.

CAPÍTULO XI – UMA MÉDIUM EM TRANSE

Mrs. Scales, uma médium clarividente e clariaudiente — A questão do controlo — Uma transformação extraordinária — Annie manifesta-se, dando origem a uma das experiências mais impressionantes e memoráveis da vida do autor.

CAPÍTULO XII – A NECESSIDADE DE CRÍTICA

Algumas observações sobre a mediunidade de Mr. Evan Powell — A mãe de Miss Madeline Cohen — Lord Northcliffe conversa com Lord Beaverbrook — Um sussurro ténue de Mr. Bonar Law e a resposta de Lord Northcliffe — O falecido Mr. Harold Ashton fala sobre Mr. A. G. Hales, o correspondente de guerra.

CAPÍTULO XIII – UM MISTO DE EMOÇÕES

O relator demonstra irritação — Um encontro com Mr. F. F. Craddock — O falecido Alfred

Russell Wallace retrata-se das suas teorias no livro *O Lugar do Homem no Universo* — O estado mental do autor ao realizar sessões com novos médiuns.

CAPÍTULO XIV – A MEDIUNIDADE DE MUNNINGS

Um discurso sobre ministros, advogados, atores, pintores, poetas e proprietários de jornais como introdução ao relato de uma sessão com Mr. F. T. Munnings, um médium de voz direta — Dan Leno canta, George R. Sims oferece uma quadra humorística, W. T. Stead envia uma saudação — O seu cão favorito comunica com Mr. J. M. Dick, jornalista desportivo — Animais nos planos espirituais — Dr. Ellis Powell atua como guia de Mr. Munnings — A corda psíquica — Lord Northcliffe comunica com Mr. Swaffer e Mr. Dick.

CAPÍTULO XV – A FILOSOFIA DE JOHANNES

H.D.B. retoma o contacto com o espírito de Johannes, o filósofo cujas observações surgem em *Rumo às Estrelas* — Escrita automática — Johannes discorre sobre o futuro da comunicação espiritual, as provas fornecidas por Northcliffe, Oscar Wilde, os símbolos da Trindade, ética e moral, energia e preguiça, e critica alguns dos seus detratores, tal como escreveu na obra anteriormente referida.

CAPÍTULO XVI – UMA DISCUSSÃO SOBRE O PODER DA "VOZ"

A trombeta de Mr. Munnings desperta o interesse do investigador — Ainda assim, os acontecimentos desta sessão são registados fielmente: como o espírito de George Herbert Lee Mallory se manifestou, o que o guia Emanuel disse a Anthony, como o Dr. Herbert Fullerton Ransome examinou Mrs. Bradley e H.D.B., e os resultados dessa análise.

CAPÍTULO XVII – UMA EXPERIÊNCIA NEGATIVA

As sessões privadas são retomadas e, como a sessão descrita abaixo revelou-se negativa, o autor apresenta as suas observações sobre a trombeta iluminada, o poder psíquico e os instrumentos musicais como meios para desconcertar os materialistas.

CAPÍTULO XVIII – UMA REPOSIÇÃO BEM-SUCEDIDA

Mr. John De Forest tem uma experiência dramática: Theodora transmite-lhe uma mensagem para "Napper" — O espírito de T. W. H. Crosland tenta comunicar mas não consegue — O autor sente-se satisfeito.

CAPÍTULO XIX – UM AVISO MATERIAL IMPORTANTE

O espírito de Caston recorda a Mrs. Gaston Sargeant de um dever social para com os seus amigos, os Lowthers — Warren Clarke fala das suas filhas — O "tom de martelo" de H.D.B. ao escrever — Annie avisa o autor sobre dificuldades financeiras.

CAPÍTULO XX – UMA SESSÃO MARAVILHOSA E COMPROVATIVO

Lord Northcliffe fornece provas inequívocas da sobrevivência do seu espírito — Este capítulo regista uma das sessões mais surpreendentes; o autor lamenta as supressões relativas a assuntos de natureza privada — Uma tentativa de materialização — As vinte e uma declarações de Northcliffe, muitas das quais são confirmadas por Miss Louise Owen no capítulo seguinte.

CAPÍTULO XXI – CONFIRMAÇÃO ATRAVÉS DE EXAME
Uma entrevista extraordinária e comprovativo, durante a qual Miss Louise Owen é interrogada sobre as vinte e uma declarações de Lord Northcliffe.

CAPÍTULO XXII – O MILAGRE DAS "VOZES"
Lord Northcliffe volta a comunicar — Warren: "Não tenho experiência suficiente para ser o Guia Principal" — Provas confirmatórias de uma sessão com Munnings — "Northcliffe está satisfeito com os arranjos do Queen's Hall."

CAPÍTULO XXIII – UMA VIAGEM ESTÉRIL
Relato de uma peregrinação até um médium de mente simples no norte de Inglaterra — O autor regressa desiludido após a visita.

CAPÍTULO XXIV – A TERCEIRA EXPERIÊNCIA COM MUNNINGS
O autor faz uma pausa para tecer algumas observações sobre Horatio Bottomley — Movimentos sobrenaturais da trombeta de H.D.B. — Luzes espirituais na sala.

CAPÍTULO XXV – UMA DESCOBERTA MATERIAL DRAMÁTICA
Uma experiência emocionante — Uma sessão cujos resultados tinham implicações financeiras na ordem de muitos milhares de libras — Espíritos localizam livros de contabilidade incriminatórios — "O facto permanece: sem qualquer médium externo, eu e a minha esposa conversámos durante horas com os espíritos da minha irmã Annie e de Warren Clarke, e esses espíritos falaram com as suas próprias vozes distintas e individuais, claramente e diretamente do espaço" — À porta do Templo do Conhecimento.

LIVRO II – VALIANTINE E AS VOZES

CAPÍTULO I
George Valiantine chega a Inglaterra e é recebido por H.D.B. — Segue-se uma sessão notável, na qual antigos amigos — amigos de *Rumo às Estrelas* — regressam — "Sei que não existe morte."

CAPÍTULO II
O autor fica furioso — O efeito negativo de um participante materialista — Discute-se um caso de encefalite letárgica e o Dr. Barnett prescreve um tratamento.

CAPÍTULO III
Uma sessão à luz do dia, durante a qual os espíritos falam com Pat, o filho de oito anos do autor — Mr. Creville Collins assiste a uma sessão, fica perturbado e é retirado da sala — A mãe de Miss Madeline Cohen dirige-se à filha — Informações evidenciais — O espírito de Arthur Playfair conversa com Mr. Swaffer — É mencionada Miss Phyllis Montliman — Os lamentos do falecido William Archer.

CAPÍTULO IV
Uma passividade cooperante que proporcionou uma sessão bem-sucedida — O pequeno Bobby Worrall e Pat — Um espírito assobia uma melodia militar — Os marcianos: a sua

mentalidade e os seus corpos — O testemunho de Mrs. Helen White — "Perfeitamente natural."

CAPÍTULO V
O autor desfruta de um relaxamento estimulante longe do mundo psíquico — Mrs. Bradley realiza uma sessão a sós com Valiantine — "Só um movimento espiritual universal pode prevenir a guerra": o solene aviso do Dr. Barnett — Uma combinação mediúnica ideal.

CAPÍTULO VI
H.D.B. lamenta o número excessivo de senhoras nesta sessão: parecia um chá de convívio — O falecido Mr. Scott fala com a sua viúva — Espíritos comunicam em alemão — O espírito do Major Dighton-Probyn fala sobre a prevenção de guerras — Uma carta notável.

CAPÍTULO VII – UM DUETO COM O ALÉM
O espírito de Bert Everett canta um dueto com uma gravação de Galli-Curci no gramofone: a cena cómica faz o Dr. Barnett rir — O pai de Miss Winifred Graham fala com a filha — Mais informações sobre a receita para a doença do sono — A vida nas esferas espirituais.

CAPÍTULO VIII – UMA SESSÃO PRIVADA COM VALIANTINE
Mrs. M. I. Ellis participa numa sessão privada com Valiantine — Dois espíritos falam em simultâneo — Relato de Mrs. Ellis sobre a conversa com a sua filha e com Sir Ernest Shackleton.

CAPÍTULO IX – DUPLA SESSÃO, PODER REDUZIDO
A realização de duas sessões no mesmo dia enfraquece o poder — Questões de desgaste e da dificuldade de manifestação.

CAPÍTULO X – A VOZ ESTRANGEIRA
Uma espera de 45 minutos — Uma voz dirige-se à Condessa de Onslow — Uma conversa em dialeto chinês — "Informação que pode ser de grande valor" — Lord Northcliffe sugere um título para o livro de Mr. Swaffer.

CAPÍTULO XI – UM DESAFIO À MÁGICA
O desafio de cem guinéus de H.D.B. ao Capitão Maskelyne — As condições — Desistência — Por que razão o Capitão Maskelyne se retirou — Uma confissão reveladora de ignorância diverte o autor — "Ilusionistas e mágicos são enfadonhos."

CAPÍTULO XII – CONVERSAS COM LENDAS
Pat O'Brien fala com Sir Oliver Lodge — "Pat" Raymond Lodge fala com o pai — O Almirante Henderson e uma referência estranha a Joseph Honner — Sir Oliver discute o éter com um espírito — A receita de Dr. Barnett é testada — Nota de rodapé: o doente de sono é curado — O autor desabafa sobre a S.P.R. — Comentários sobre *Raymond* — H.D.B. expõe a sua filosofia espiritual.

CAPÍTULO XIII – UM LOCAL INADEQUADO
Uma sessão numa sala pouco apropriada, no nº 27 da Trinity Street, em Cambridge — "É impossível continuar", diz o Dr. Barnett — H.D.B. discursa perante os Heréticos.

CAPÍTULO XIV – AS MULHERES COMO MELHORES PARTICIPANTES
O autor afirma: "As mulheres são melhores participantes que os homens" — Um pai encontra-se com a filha no espírito — Miss Ida Cohen conversa com a tia falecida — Dezassete vozes manifestam-se.

CAPÍTULO XV – UMA SESSÃO FRACA
Uma sessão pobre — Uma mensagem intraduzível — Uma voz persistente — Bert Everett tenta ajudar mas falha.

CAPÍTULO XVI – MENSAGENS INESPERADAS
Um espírito tenta comunicar com Mr. Austin Harrison — O espírito de William Archer explica-se — O enredo de *The Green Goddess* — Feda repreende a anónima Mrs. X. — A confissão de Mrs. X — Carta do autor a Mr. Harrison — Fotografias de ectoplasma.

CAPÍTULO XVII – O PESO DA PUBLICIDADE
Quando a fama se torna um fardo: a notoriedade de Valiantine e a posição ridícula da Society for Psychical Research — A sala de sessões da S.P.R.: de conceção medieval e design inquisitorial — O autor fica indignado — Como foi destruída a primeira sessão de teste da S.P.R. — A S.P.R. moribunda.

CAPÍTULO XVIII – HARMONIA E CONSELHOS
O autor sublinha a importância da harmonia — As vozes manifestam-se em trinta segundos — Algumas observações sobre más peças de teatro e pessoas estúpidas — Mais conselhos sobre finanças — Discurso do Dr. Barnett sobre o planeta Marte — Bert Everett fala sobre o corpo etéreo.

CAPÍTULO XIX – OS BONS E OS MAUS PARTICIPANTES
Pessoas que contribuem positiva ou negativamente para as sessões — Uma palavra-passe com um espírito — A Sra. Dawson Scott recebe uma mensagem do avô — Um amigo falecido fala com Mr. Dennis Neilson-Terry — O falecido Harry Pelissier comunica com Miss Fay Compton — Pelissier prega partidas com o gramofone — O riso como melhor vibração para fenómenos de voz — O espírito de Billie Carleton — Impressões de Miss Fay Compton e Mr. Dennis Neilson-Terry.

CAPÍTULO XX – OUTRA SESSÃO NA S.P.R.
Nova sessão na sede da S.P.R. — Uma noite fútil — O autor, ausente, critica as condições da S.P.R. — Obstáculos impostos por falta de inteligência.

CAPÍTULO XXI – UMA CRÍTICA ESPIRITUAL À S.P.R.
O espírito do Dr. Barnett aponta os erros da S.P.R. — Northcliffe fala com Mr. Connoshie Komai, o célebre poeta japonês — A Honorável Sra. Fitzroy Stanhope recebe provas — Uma conversa em japonês — A Condessa Ahlefeldt-Laurvig comunica com um espírito em dinamarquês e russo.

CAPÍTULO XXII – UMA SESSÃO BEM-SUCEDIDA
Relato de Mr. Hannen Swaffer sobre uma sessão bem-sucedida — Kokum canta a sua

música favorita — Mensagem de Charles Garvice à esposa — Northcliffe encontra uma secretária para Miss Louise Owen — Nova palavra do Dr. Barnett: "hipostático".

CAPÍTULO XXIII – A BUSCA DO DR. WOOLLEY

O enigma da missão do Dr. Woolley — Una, Lady Troubridge, e Miss Radclyffe Hall em Dorincourt — Lady Troubridge recebe provas — O pai de Miss Hall fala com a filha — Provas mentais mais uma vez confirmadas.

CAPÍTULO XXIV – UM DESEJO MUSICAL

Valiantine expressa desejo de ouvir a banda de jazz — Notas compiladas a partir do relatório de Mrs. Bradley — O espírito de um baterista italiano — O Dr. Barnett dá notícias sobre a família de Valiantine nos EUA — Impressões de H.D.B. fora da sala — Um esforço impressionante.

CAPÍTULO XXV – UMA CRIANÇA EM SESSÃO

Pat, com oito anos, participa numa sessão com Valiantine — Conta como a tia lhe falou, bem como Bert Everett e Bobby Worrall — Salienta-se a perfeição das condições geradas por uma criança — A falecida mãe de Miss Constance Collier faz um comentário significativo — A falecida Lily Hanbury fala com Dame Clara Butt — Mrs. Hilton Philipson, deputada, é saudada por um espírito amigo — Mr. Ivor Novello reencontra um velho conhecido falecido — O canto de Clara Butt — Os espíritos elogiam uma grande artista.

CAPÍTULO XXVI – UMA SESSÃO OFICIAL DA S.P.R.

Sessão oficial de teste da S.P.R. — Lady Troubridge recebe uma comunicação comprovativo — O Dr. Woolley concorda — Lady Troubridge assinala a presença de um espírito a falar em simultâneo com Valiantine — Palavras diretas do Dr. Barnett ao Dr. Woolley.

CAPÍTULO XXVII – EXPERIÊNCIAS À LUZ DO DIA

Anthony e Valiantine experimentam sessões à luz do dia — Anthony relata a manifestação de Warren e Annie — Experiência diurna de Mrs. Bradley — Uma sessão num local estranho, sem trombetas — "Considero isto um teste muito notável."

CAPÍTULO XXVIII – CONTRA A TELEPATIA

O autor rejeita a teoria da telepatia e apresenta as suas razões — O falecido Albert Chevalier fala com a sua viúva — A irmã de Sir Arthur Conan Doyle — A esposa de E. W. Hornung — Uma conversa em japonês — Provas que impressionam profundamente o autor — Sem guerras em Marte — "Eu sei que o meu marido falecido falou comigo", diz Mrs. Chevalier.

CAPÍTULO XXIX – UMA SESSÃO DEDICADA À S.P.R.

O autor confessa que a sua irritabilidade não melhorou — Feda comenta um erro curioso na identificação de duas senhoras — Conselhos para investigadores psíquicos — Feda deixa de participar nas sessões com Valiantine.

CAPÍTULO XXX – UMA SESSÃO A PEDIDO DE PAT

Sessão realizada a pedido especial de Pat — Pat faz o Dr. Barnett rir — O espírito de Camarano faz um excelente solo de bateria — Uma atuação extra para Pat — Bobby

Worrall toca a sirene — Kokum alegra-se por ver o "pequeno índio nos seus mocassins e quimono" — A visão de uma criança sobre a morte.

CAPÍTULO XXXI – AMANTES REENCONTRAM-SE

"Dá o meu amor à Vivian" em alemão — O pai de Miss Violet Loraine expressa orgulho pela carreira da filha — O espírito de Minnie, criada e camareira de Miss Loraine, regressa: "Estive contigo, mas não estou no túmulo" — Impressões de Miss Loraine.

CAPÍTULO XXXII – SESSÃO À LUZ DO DIA

Miss Radclyffe Hall participa numa sessão à luz do dia com Valiantine — Una, Lady Troubridge, integra o círculo — "Isto consolidou Valiantine de forma excepcional."

CAPÍTULO XXXIII – UMA SESSÃO MÉDICA

As prescrições do Dr. Barnett para tuberculose, cancro e sífilis — O Dr. Barnett é questionado por médicos sobre as suas fórmulas — O autor debate os prós e contras dos tratamentos sugeridos.

CAPÍTULO XXXIV – UM DESENVOLVIMENTO SURPREENDENTE

Um desenvolvimento de valor incalculável — Relato de Mr. Swaffer sobre uma sessão diurna — Sem possibilidade de truques — "Removemos o medo da morte."

CAPÍTULO XXXV – UMA MÃO ESPIRITUAL

Uma mão espiritual toca Mr. Beverley Nichols — O Lord Chancellor Westbury dá conselhos a um descendente — Pat Raymond Lodge agradece a Mrs. Bradley a gentileza para com o pai — Um espírito trata um pulso partido — Impressões da Honorável Mrs. R. Bethell.

CAPÍTULO XXXVI – ARTISTAS EM SESSÃO

Uma sessão com muitos artistas — Mr. Oliver Baldwin recebe uma mensagem de um parente falecido — Um espírito reconhece o anel de Miss Margaret Bannerman — O autor parte um disco de gramofone — Relato da sessão por Mr. Oliver Baldwin.

CAPÍTULO XXXVII – UMA SESSÃO A PEDIDO DE UM ESPÍRITO

Sessão realizada a pedido de um espírito — Conselhos de saúde de Dr. Barnett — Kokum prega uma partida ao médium — Provas irrefutáveis de um espírito infantil — O tio Michael do autor manifesta-se pela primeira vez — Mensagens de Marte — Uma experiência que surpreenderia qualquer investigador psíquico comum.

CAPÍTULO XXXVIII – UM CÉTICO TEIMOSO

Um participante teimosamente cético — Dr. Barnett responde a Mr. Allan Miller — Mrs. Gordon Craig conversa com o filho afogado — Miss Rebecca West ouve vozes espirituais — Lady Malmesbury explica o trágico atraso na sua viagem para junto da mãe moribunda.

CAPÍTULO XXXIX – UMA SESSÃO EM FAMÍLIA

O investigador convida membros da sua casa para uma sessão com Valiantine — Os resultados são registados pelo seu motorista, A. Huntley.

CAPÍTULO XL – SOBRE A MENTE DOS PARTICIPANTES

"Sou um investigador, não um missionário" — O autor discorre sobre um certo tipo de

mentalidade — Miss Gladys Cooper pede uma sessão — Convidados auto-invitados que esperavam um espetáculo sensacional — Um espírito desconhecido fala com Mr. Somerset Maugham — A resposta aguda de Mrs. Dudley Coats — Uma noite terrivelmente aborrecida — "A sensibilidade é uma cultura de polaridade."

CAPÍTULO XLI – EXPERIÊNCIAS CIENTÍFICAS COM A S.P.R.
Oficiais da S.P.R. assistem a uma sessão diurna em Dorincourt — Primeiro experimento: respostas através de batidas — Segundo: Mr. Dingwall ouve uma voz pela trombeta — Terceiro: uma voz diz "Pai Woolley" — Um avanço científico.

CAPÍTULO XLII – UMA SESSÃO REGISTADA POR HARRY PRICE
Mr. Harry Price regista a sessão — Bert Everett usa a palavra-código — O gramofone pára sem motivo — Uma conversa em italiano — O círculo é repreendido por falar demais — Mrs. Ellis Powell comunica com o marido — Lord Northcliffe fala com Louise Owen — Os controladores espiritualistas avariam o gramofone — Impressões de Mrs. Vlasto.

CAPÍTULO XLIII – IDENTIDADE DE MICHAEL BRADLEY
Durante esta sessão, o espírito de Michael Bradley estabelece a sua identidade, levando à seguinte conclusão: "Tal acontecimento mostra como a comunicação espiritual pode ser natural e normal em condições perfeitas."

CAPÍTULO XLIV – UMA EXPERIÊNCIA À LUZ DO DIA
Experiência de Miss Winifred Graham à luz do dia — O seu comentário: "Pareceu-me maravilhoso e muito mais agradável do que estar sentada no escuro."

CAPÍTULO XLV – A SESSÃO DE JESSICA SYKES
Sessão descrita por Jessica Sykes, esposa de Charles Sykes, o famoso artista — A voz sussurrante de um espírito que não foi encorajada — "A tia e o pai do meu marido manifestaram-se com as suas vozes" — "Uma voz alta chamou-me pelo nome, identificando-se como 'Mãe'".

CAPÍTULO XLVI – CINCO VOZES FALAM COM PAT
Cinco vozes espirituais falam com Pat em plena luz do dia.

CAPÍTULO XLVII – CONTRASTES VIVOS
Uma sessão que se destaca em nítido contraste — Uma ilustração do negativo e do positivo na investigação psíquica — Leon Quartermaine, o distinto actor, conversa com o irmão — O espírito de um amigo confunde Mr. P. G. Wodehouse — Harry Pelissier afirma que dará as boas-vindas a Miss Fay Compton no além — Billie Carleton recorda a sua morte, e o seu amigo Jack Marsh recorda um episódio — "Não há ciúmes do outro lado", diz o Dr. Barnett — Miss Compton escreve as suas impressões.

CAPÍTULO XLVIII – SEGUNDA SESSÃO DIURNA
Miss Winifred Graham regista as suas impressões da segunda sessão realizada à luz do dia.

CAPÍTULO XLIX – SESSÃO FRACA
Uma sessão de fraca qualidade — Espíritos falam com Miss Constance Collier e Mr. Ivor Novello.

CAPÍTULO L – MENSAGENS IMPORTANTES

Mr. P. H. G. Fender recebe uma mensagem espiritual para o pai — Uma antiga criada fala com Mrs. Arthur Bendir — Mrs. Theodore McKenna fala com o filho, Justine — "Têm de acabar com estas guerras" — Mr. Oscar Hammerstein, o dramaturgo, recebe provas valiosas.

CAPÍTULO LI – UMA EXPERIÊNCIA MARAVILHOSA

A maravilhosa experiência diurna de duas senhoras desconhecidas.

CAPÍTULO LII – CONVERSAS MULTILÍNGUES

A Condessa Ahlefeldt-Laurvig participa numa conversa em francês e russo com o espírito do seu irmão Oscar, em plena luz do dia.

CAPÍTULO LIII – UM APELO MATERNO

A mãe do autor, uma devota católica romana, apela ao espírito da sua filha — Um pássaro azul entra no círculo — A experiência de Mr. Noel Jaquin — Impressões de uma mão e das patas de um pássaro — A nódoa da perversão sexual — H.D.B. apela a uma denúncia pública.

CAPÍTULO LIV – MÚLTIPLAS MANIFESTAÇÕES

Três vozes falam com Mrs. Gibbons Grinling — Um espírito dirige-se a Mr. Dennis Neilson-Terry — O espírito do pai de Miss Mary Glynne recorda-lhe uma visita a Penarth — O falecido Lord Curzon fala com Mr. Oliver Baldwin — Uma mensagem para Lord Birkenhead — Lord Curzon é recebido pela sua primeira esposa no além — Impressões de Mr. Denis Grinling e Mr. Oliver Baldwin.

CAPÍTULO LV – SESSÃO DIURNA ENTRE AMIGOS

Valiantine realiza uma sessão com dois amigos à luz do dia — Bobby Worrall fala com o avô.

CAPÍTULO LVI – O SEGREDO DO PÁSSARO AZUL

Mrs. Maurice Hewlett não consegue comparecer — O autor tem uma reação característica — O segredo do pássaro azul é revelado.

CAPÍTULO LVII – PERGUNTA IMPARCIAL

Pat Bradley faz uma pergunta imparcial sobre um barco e recebe uma resposta satisfatória — Um cão pastor alsaciano ouve uma voz espiritual em plena luz do dia.

CAPÍTULO LVIII – UM ESTADISTA ANÓNIMO

A experiência de um estadista anónimo em Dorincourt — Lord Curzon afirma estar vivo — Lord Northcliffe recorda H.D.B. de uma omissão importante — O estadista recebe um aviso.

CAPÍTULO LIX – IMPRESSÕES SUPERNORMAIS

Sessão dedicada à obtenção de impressões supranormais, com assistência de Mr. Noel Jaquin — Mr. Christopher Marlowe, M.A. — Discussão sobre a mão ectoplasmática com o Dr. Barnett — Impressões de uma assinatura e de uma borboleta — A opinião de Mr. Charles Sykes sobre a borboleta — Impressões de Mr. Marlowe — Análise de Mr. Jaquin — O autor afirma: "Estas impressões vão confundir os grandes críticos científicos."

CAPÍTULO LX – A BORBOLETA E A LUZ DO DIA
Registo de Mr. Charles Sykes sobre uma sessão diurna — Conversa com o espírito do pai sobre a impressão da borboleta — Notas de Mrs. Sykes.

CAPÍTULO LXI – AMIZADES ETERNAS
A última de uma série extraordinária de sessões — As boas amizades desta vida mantêm-se intactas e imensamente fortalecidas na próxima — A grande Verdade da Sobrevivência é estabelecida, não com base em mito ou crença, mas sobre o sólido alicerce do conhecimento.

ÚLTIMO CAPÍTULO – REFLEXÃO FINAL
O autor revê tudo o que realizou — Explorando profundezas e escalando alturas — Desafiando a ciência e as Igrejas — A lei divina da evolução — O espírito da sabedoria.

LIVRO I

CAPÍTULO I – O FÍSICO E O ELEMENTAR

O autor explora um território desconhecido e descobre a verdade da sobrevivência — Explica a razão das suas investigações psíquicas e deste livro — Uma dissertação sobre médiuns, com especial referência à Sra. Osborne Leonard e ao Sr. George Valiantine — Um convite aos cientistas para explicarem mesmo os fenómenos físicos mais simples — Os métodos pelos quais o autor desenvolveu a sua própria mediunidade.

Maio a Julho de 1924

A vida, tal como a conhecemos, apesar dos seus encantos e sofrimentos, não é mais do que a sombra da nossa existência real e definitiva.
Diante de nós estende-se um vasto território de conhecimento, cujos confins mal começámos a tocar.

Assim, quando um explorador parte deliberadamente para descobrir um território desconhecido, é-lhe impossível prever o caminho ou as aventuras que o esperam.

E à medida que alguém penetra na vasta floresta da investigação psíquica, torna-se impossível saber para onde a aventura poderá levar, ou que experiências se esconderão nas suas profundezas. Passo a passo, à medida que se avança pelos recantos misteriosos, cresce a certeza de que as trevas espessas não são insondáveis, que o progresso não só é possível, como inevitável, e que cada passo em frente conduz a descobertas surpreendentes.

O apelo do desconhecido, que ainda leva homens ao gelo dos Polos e aos perigos do Evereste, é perfeitamente explicável e compreensível. Nenhum esforço de um cientista ou químico na busca de uma nova força ou de um novo elemento é hoje ridicularizado nestes tempos de materialismo em excesso, e nenhum novo Galileu precisa temer escárnio ou perseguição, desde que se mantenha firmemente no domínio do material e do físico. É apenas o investigador do espiritual e do não-material que pode ser chamado a suportar, por

algum tempo, a inimizade, o desprezo e os preconceitos dos mentalmente fossilizados, dos voluntariamente inertes e dos secretamente receosos.

I

Foi em Junho de 1923 que eu, um cético ligeiramente aborrecido, mas amavelmente disposto a entreter-me, assisti à minha primeira sessão espírita. Desde então, as minhas experiências têm sido variadas, surpreendentes e profundas. As experiências dos nove meses seguintes, de Junho de 1923 a Março de 1924, foram publicadas no meu livro *Rumo às Estrelas*, e como esta narrativa é uma continuação e desenvolvimento dessa obra, torna-se necessário relatar a minha iniciação a esta grande verdade da sobrevivência.

Estava de visita aos Estados Unidos e, certa noite, enquanto permanecia como hóspede de Mr. Joseph De Wyckoff na sua casa de campo, Arlena Towers, em Ramsay, Nova Jérsia, a convite do meu anfitrião, o médium George Valiantine realizou uma sessão. Estavam presentes, além de mim, o meu anfitrião e o sobrinho dele. Encontrava-me num país estranho, num ambiente onde os meus assuntos privados e domésticos eram completamente desconhecidos dos três homens que se encontravam na sala.

Durante os primeiros vinte minutos da sessão, nada aconteceu.

Depois, o silêncio foi quebrado por uma voz feminina de tom suave. Reconheci a voz da minha irmã preferida, Annie, que havia falecido há dez anos, com quem partilhava um laço de afeto e uma intimidade de pensamento e visão de vida verdadeiramente raras. Ela identificou-se pelo nome e falou-me longamente com grande emoção e ternura. Durante mais de quinze minutos conversámos como apenas duas pessoas profundamente ligadas e completamente compreensivas poderiam conversar. A maior parte da conversa teria perdido muito do seu significado para um observador externo, tão subtis eram as nuances da intimidade; e o diálogo não foi sussurrado, mas em tons claros e audíveis. A voz dela não provinha da boca do médium, mas de forma independente; de facto, parecia que ela estava a pouco mais de meio metro de mim.

Não senti choque nem surpresa. Conversámos de forma fluida e natural, discutindo assuntos íntimos e acontecimentos que eu nunca partilhara com mais ninguém desde a sua morte, e dos quais, em vida, apenas ela e eu tínhamos conhecimento. Referiu-se a incidentes de há vinte anos — muito antes de eu ter conhecido qualquer dos presentes na sessão — e sobre os quais nunca havia falado. Depois, sem qualquer sugestão da minha parte, falou de acontecimentos que se deram após a sua morte e que marcaram a minha vida.

Na noite seguinte, a minha irmã Annie — doravante chamá-la-ei simplesmente Annie, pois continua viva em espírito — voltou a falar comigo. Dessa vez, falámos durante cerca de vinte minutos, e dela recebi muitos dos maravilhosos indícios da vida que está para vir.

Durante essas duas noites, mais de uma dúzia de outras vozes espirituais comunicaram connosco. Cada voz era distinta e individual, tanto no sotaque, como no tom, na forma de falar, na maneira e no conteúdo das conversas.

Existem, naturalmente, muitas formas de mediunidade, mas a mais rara e intensamente dramática é, sem dúvida, aquela em que se ouve a voz do espírito de forma independente e individual. Sabendo hoje o que sei, após dois anos de estudo e reflexão, reconheço que fui particularmente afortunado ao receber provas tão extraordinárias logo na minha primeira experiência — uma experiência iniciada, como disse, com a atitude de um homem ligeiramente arrogante, cético, disposto a divertir-se, mas duvidoso da qualidade do entretenimento.

Não foi por acaso que fui conduzido a essa revelação; estou tão certo disso como de poucas coisas nesta vida — foi decidido por inteligências superiores à minha.

Desde essa noite, raramente deixei de estudar este vasto tema. Não só li uma grande quantidade de literatura autêntica sobre investigação psíquica, como também visitei e estudei quase todos os médiuns deste país — muitos dos quais, lamento dizer, revelaram-se totalmente dececionantes.

II

Afirmo deliberadamente que o registo das minhas experiências, descritas em muitos casos sem qualquer comentário da minha parte, em *Rumo às Estrelas*, constitui o mais impressionante testemunho já publicado sobre a sobrevivência. Não se trata de exagero; e não o digo com vaidade.

O pequeno "ego", perante o ilimitado, encolhe-se em muito apropriada insignificância.

Correndo o risco de ser acusado de egocentrismo, talvez seja útil, para ajudar o leitor a compreender o valor e a natureza das provas contidas naquele livro — e neste que agora começo — fazer alguma revelação pessoal.

Receio ter, por natureza, uma visão fria e crítica da vida, talvez a roçar o cinismo. Uma adolescência no coração do West End de Londres tende a retirar o brilho à ilusão, e ao longo da minha vida conheci muitos vigaristas, homens e mulheres — alguns divertidos, mas na maioria insuportavelmente aborrecidos. Muitos tentaram enganar-me; felizmente para a minha carteira e para a minha paz de espírito, a maioria falhou, mas aos poucos que tiveram êxito, devo muito da experiência que adquiri com eles. À medida que se envelhece, as faculdades críticas não diminuem e o cinismo tende a enrijecer, mas mantenho ainda juventude suficiente para ressentir-me com a impostura e desprezar a fraude mal disfarçada. Os charlatães divertidos e sem dinheiro que rondam as pistas de corridas, os bastidores do teatro, os clubes noturnos e os inúmeros pontos de encontro semi-chiques onde se supõe que andem as "pombas gordas e desejáveis", não me são desconhecidos, e não me iludo ao dizer que me prestam o elogio de me deixarem em paz.

Além disso, lamento dizer, um apelo cruamente direto às emoções tem o efeito deplorável de ofender o meu sentido estético e de me deixar desconfortavelmente frio.

Quando, portanto, com calma e deliberação, decidi lançar-me no estudo deste gigantesco tema que tão repentina e dramaticamente se abrira diante de mim, gostaria que o leitor compreendesse que não foi um investigador facilmente impressionável, altamente suscetível

e inexperiente que se propôs à tarefa, mas alguém com um conhecimento variado do mundo, tanto nas suas faces divertidas como nas menos agradáveis, e possuidor daquele curioso microcosmo a que se chama, com certo desdém, "vida do West End".

Se fosse abençoado com ilusões, tê-las-ia perdido rapidamente no decurso das investigações que empreendi enquanto escrevia *Rumo às Estrelas*. Os médiuns neste país são poucos — se a mediunidade fosse uma profissão bem remunerada, como afirmam os oponentes fanáticos de qualquer revelação da vida após a morte, as fileiras da profissão estariam certamente mais povoadas — e mesmo entre esses poucos deparei-me com os enfadonhos, os incompetentes e os desonestos de forma patética. Mas, da mesma forma que a existência de um gerente de banco fraudulento não nos leva a perder a confiança no sistema bancário, também a existência ocasional de um médium fraudulento não altera a minha crença na sobrevivência após a morte.

A conclusão a que cheguei, após uma longa série de experiências e investigações — incluindo muitas falhas e frustrações — é que dois factos de colossal importância para a humanidade foram estabelecidos de forma inequívoca: primeiro, que há sobrevivência do espírito após a morte física; segundo, que é possível às pessoas vivas comunicarem diretamente com aqueles que já partiram.

III

Durante as minhas investigações, os dois médiuns mais dotados com quem tive contacto foram Mrs. Osborne Leonard e George Valiantine, e o processo através do qual desenvolveram os seus poderes foi bastante semelhante.

E aqui permito-me tentar dissipar alguns equívocos sobre a natureza da mediunidade. Um médium é simplesmente aquilo que a palavra indica: um meio de comunicação com o invisível. As possibilidades para o charlatanismo são, evidentemente, grandes, mas a astúcia necessária para enganar um observador experiente e científico — cujo único objetivo é separar o verdadeiro do falso, sem se deixar levar por sentimentalismos ou preconceitos — exigiria tamanha perícia que lhe valeria somas elevadíssimas noutros campos de atividade. Do ponto de vista material, a mediunidade é uma das profissões menos lucrativas que se oferece ao vigarista inteligente em busca de dinheiro fácil.

Mrs. Leonard manifestava clarividência por volta dos dez anos; aos quinze, participou na sua primeira sessão, mas foi proibida pelos pais de continuar. Aos dezanove anos, decidiu investigar o assunto e, em 1909, com três outras senhoras, começou a realizar sessões de mesa. Realizaram-se vinte e sete sessões antes que algo acontecesse; na vigésima oitava, ouviram-se pancadas. No caso de George Valiantine, os primeiros sinais de que possuía dons mediúnicos surgiram sob a forma de pancadas quando já tinha mais de quarenta anos.

Um dos resultados da minha investigação foi convencer-me de que a mediunidade é essencialmente uma questão de desenvolvimento; estou certo de que qualquer pessoa pode tornar-se mediúnica em graus variados, desde que se dedique e estude. Não afirmo que todos possam atingir o nível elevado de Mrs. Leonard ou Mr. Valiantine, mas estou seguro de que existem capacidades mediúnicas em cada um de nós...

Ao refletir sobre os resultados das minhas primeiras experiências, perguntei-me por que razão, se Mrs. Leonard e Valiantine — pessoas perfeitamente normais — conseguiram desenvolver este tipo de mediunidade a partir dos inícios mais simples e rudimentares, não haveria eu de conseguir o mesmo. E, se eu pudesse, porque não também a minha esposa? E, nesse caso, porque não qualquer pessoa?

E se tal desenvolvimento for possível, significaria um passo gigantesco na difícil missão de convencer o cético, ao produzir provas sem depender da intervenção de um médium remunerado. O médium pago é o espantalho do investigador tolo — aquele que já decidiu, por ignorância, que "não há nada de verdadeiro nisto".

Francamente, não tenho qualquer simpatia pela crítica ao "médium pago", que para certas mentalidades parece contaminar até os resultados mais extraordinários. Um médico, um advogado ou um corretor não são acusados de fraude por receberem pagamento pelo seu trabalho, e os honorários dos médiuns mais famosos do mundo não se comparam, em grandeza, com os praticados em Harley Street, no Temple ou em Throgmorton Street. Mas o simples facto de um médium ser pago parece invalidar o seu trabalho, e sinto que, se pudermos abolir a mediação e obter provas diretamente, poderá ser dado um salto extraordinário.

IV

As formas e graus da mediunidade são infinitos. No que diz respeito, por exemplo, ao fenómeno extraordinário das vozes espirituais diretas, nada sabemos sobre como os espíritos conseguem materializar-se e produzir essas vozes. Que se trata de um processo científico é certo. De algum modo ainda desconhecido, os operadores espirituais utilizam as forças físicas e psíquicas do médium por meio dos seus sentidos mais desenvolvidos.

Muita tolice tem sido escrita por pessoas inexperientes sobre este tema. Posso agora escrever como médium — a prova disso será mostrada mais adiante — e, embora o médium seja apenas um instrumento de comunicação, o facto de possuir uma inteligência aguçada faz com que as minhas impressões sejam de valor infinitamente superior às de qualquer cientista ou teórico.

Até agora, este grande campo de estudo tem sido limitado por regras e fórmulas ridículas: negativas e sem progresso. É o tolo quem permanece no primeiro degrau da escada.

A quantidade de disparates escritos pela maioria dos chamados especialistas em fenómenos psíquicos é risível. As suas experiências são limitadas; muitos concentraram a atenção num único médium rotineiro e, após observarem alguns dos seus métodos e condições, imaginam tola e arrogantemente que os segredos de toda a mediunidade estão assim revelados.

Tal suposição é absurda. Existem centenas de formas de mediunidade e dezenas de milhares de graus. O que se aplica a um caso pode ser exatamente o oposto noutro.

É inútil tentar definir, fixar ou limitar o processo mediúnico. É estúpido basear conclusões na tradição ou na história. Devemos olhar para o progresso de amanhã.

Mesmo nos estágios mais avançados e poderosos que conhecemos atualmente, a mediunidade é apenas um tímido e incoerente esvoaçar em direção ao conhecimento que poderemos alcançar no futuro.

Dentro de cinquenta anos, os poucos grandes médiuns da atualidade serão vistos como o homem que, pela primeira vez, se lançou da altura com um para-quedas rudimentar.

As pessoas instruídas têm um desprezo natural pelas batidas nas mesas — um desprezo que partilhei. Para começar, o processo é tão suscetível ao ridículo que nunca me cativou, nem mesmo após várias experiências bem-sucedidas sinto que este fenómeno, por si só, possa ser aceite como prova da sobrevivência. Só porque Mrs. Leonard e George Valiantine começaram as suas experiências por este método é que me permiti realizar experiências semelhantes, com a determinação de utilizá-las como uma criança usa o caderno de caligrafia antes de aprender a escrever — como degraus para um desenvolvimento superior.

Foi em Maio de 1924 que realizei a minha primeira experiência por conta própria e, salvo uma ocasião, num serão irreverente no West End — onde imperava a brincadeira — nunca antes tinha participado sequer numa sessão de batidas à mesa.

As circunstâncias tiveram influência na decisão de agir, pois, apesar de já ter decidido levar as investigações até ao limite, encontrava-me exausto após um ano de estudo de temas psíquicos e da preparação do livro *Rumo às Estrelas*, que então seguia para impressão.

Embora estivesse decidido a tentar cultivar a minha própria mediunidade, planeava primeiro fazer um descanso adequado e adiar tais experiências para o outono. Para desfrutar desse repouso e das belezas da primavera inglesa, aluguei uma encantadora casinha à beira-rio em Maidenhead. Mas durante todo o mês de Maio, o rio transformou-se num torrente furiosa: a chuva parecia incessante, com raras exceções nos dias em que, por desespero, me aventurava a Londres para almoçar ou jantar.

Em apenas dois ou três dias consegui tentar remar um pouco rio acima e regressar a grande velocidade, ou levar a canoa elétrica por algumas eclusas, regressando encharcado.

A atmosfera da casa era pacífica, mas o descanso é uma ilusão que o meu temperamento raramente permite. A eternidade jamais me atrairá se tudo o que puder oferecer for "descansar em paz". Perante essa negação do esforço, preferiria até uma existência perpétua num plano de conflito e agitação.

Numa noite, cansados da paz húmida, a minha esposa e eu fizemos a nossa primeira experiência com uma sessão de mesa. Usámos uma pequena mesa dobrável comum. Sentámo-nos no escuro, esperando que algo acontecesse. Pouco depois, ouviram-se pancadas suaves. Depois, tornaram-se mais audíveis. Perguntámos quem era — mencionando nomes e estabelecendo um código para "sim" e "não" — e descobrimos quem afirmava estar a produzir as batidas. As pancadas vinham, segundo o que nos foi indicado, do espírito de

Annie e do meu cunhado, Warren Clarke. (Warren Clarke aparece em *Rumo às Estrelas* como W.A. Agora tornou-se uma figura célebre na literatura, e é apropriado que o anonimato seja abandonado.) Tanto Annie como Warren desempenharam papéis centrais nos meus estudos psíquicos.

Não houve qualquer evidência objetiva nesta experiência, mas as pancadas eram claras e distintas, e as respostas afirmativas e negativas mostravam-se inteligentes. Para uma primeira experiência — comparada com os primeiros passos de desenvolvimento de Mrs. Osborne Leonard — os resultados, embora insignificantes, pareceram-me bastante bons.

Na sessão seguinte os resultados melhoraram, e com o uso do alfabeto, mensagens simples e inteligentes foram soletradas para nós. Nessa ocasião, a mesa moveu-se pela sala e, num momento de brincadeira, ergueu-se no ar, ficando sobre dois pés e empurrando-nos de forma quase carinhosa.

Estou disposto a rir com o cético ao relatar estes fracos movimentos, tal como se ri de um bebé desajeitado nas suas primeiras tentativas de caminhar. Mas quando relatar o progresso que fiz poucos meses após estas tentativas iniciais de mediunidade, terei material suficiente para dar muito que pensar aos maiores cientistas do mundo.

V

Após uma ou duas sessões de mesa realizadas apenas por mim e pela minha esposa, o nosso círculo foi alargado com a participação do nosso filho, Dennis Anthony Bradley — em casa para férias do Trinity College, em Cambridge. (1) Foi então que as batidas se tornaram mais fortes e várias mensagens simples começaram a ser soletradas para nós.

Então, numa noite em Maidenhead, quando a minha esposa e o meu filho jantavam fora, experimentei sozinho à mesa. Sentei-me com os dedos pousados levemente sobre o tampo. Não ouvi qualquer pancada, mas a mesa foi deslocada completamente para fora do meu alcance. Moveu-se cerca de vinte e três centímetros e depois foi empurrada de volta até mim. Isto aconteceu duas ou três vezes.

Regressámos à minha casa em Dorincourt, Kingston Yale, em Junho, e lá realizámos mais algumas sessões de mesa. Numa das ocasiões, sentámo-nos no meu escritório às escuras e usámos um gramofone. A música aparentemente aumentou o poder de forma considerável. As perguntas que fizemos foram prontamente respondidas por pancadas altas e distintas, e enquanto o gramofone tocava, a mesa vibrava intensamente, levantava-se no ar e empurrava-se contra nós.

No início de Julho, Mr. Caradoc Evans, o famoso romancista e dramaturgo galês, e a sua esposa jantavam comigo, e a seu pedido realizámos uma sessão nessa noite. A mesa fez todo o tipo de coisas extraordinárias. Levantou-se completamente do chão. Empurrou-se contra o peito de Mr. Evans e, elevando-se de forma sobrenatural, acabou por pousar sobre a sua cabeça.

Várias mensagens foram soletradas para mim e para a minha esposa, da parte de Annie e de Warren Clarke. O nome do amigo dele, Edward Wright,[2] foi soletrado para Mr. Evans, e mensagens foram transmitidas para ele e para a sua esposa.

Mais tarde, Mr. e Mrs. Charles Sykes participaram numa sessão de mesa e várias mensagens foram também soletradas, verificando-se as mesmas vibrações extraordinárias da mesa.

Noutra sessão, o meu cunhado, Edward Fry, e a minha irmã, Gertrude Fry, juntaram-se a nós. Os fenómenos físicos, nessa ocasião, foram espantosos. Parece particularmente curioso que, embora Mr. e Mrs. Fry tivessem lido sobre as minhas experiências, pareceram mais impressionados por este método primitivo de comunicação do que com o relato publicado de outras experiências infinitamente mais surpreendentes. Isto demonstra mais uma vez que é a experiência pessoal — por mais simples que seja — que convence as pessoas da verdade da sobrevivência.

[1] O meu filho escreve sob o nome de Anthony Bradley. Neste livro, é referido alternadamente como "Dennis" e "Anthony".
[2] Edward Wright, que eu não conhecia, era amigo de Mr. e Mrs. Evans. Faleceu há alguns anos.

Durante o mês de Julho, realizámos uma sessão em Dorincourt após o jantar, com Mrs. Cory (Miss Winifred Graham, a romancista), o seu marido e Mrs. Graham (sua mãe). Mensagens pessoais foram dadas a cada um dos participantes através de pancadas. Esta foi, convém mencionar, a primeira experiência dos três convidados com uma sessão de mesa e, como é habitual entre principiantes, todos pareceram surpreendidos com os resultados.

Outra sessão teve lugar, numa noite após o jantar, em casa de Mrs. Cory, em Hampton. Nessa ocasião, a mesa utilizada era muito pesada e quase impossível de levantar por qualquer dos presentes. Várias mensagens foram transmitidas por pancadas, e depois essa pesada mesa foi levantada e completamente virada, ficando com as pernas voltadas para o ar. Este tipo de demonstração não me atrai e nunca me convenceria da sobrevivência, mas, ao mesmo tempo, ficaria grato se algum cientista tivesse a gentileza de explicar como e porquê estas coisas acontecem. Pode dizer-se que, se foram os espíritos que realizaram esse ato físico — e estou perfeitamente convencido de que o foram — então este não é um modo muito digno de exibir os seus poderes. Tais demonstrações são feitas para convencer os presentes de que existe um poder para além do humano. As manifestações físicas são apenas sinais iniciais desse poder oculto.

Durante todo este tempo, eu sabia exatamente o que estava a fazer ao conduzir estas experiências. Utilizei esta forma primitiva apenas para desenvolver, tanto quanto possível, o poder psíquico em mim. O meu objetivo e a minha determinação eram experimentar para obter as vozes diretas e independentes, que considero a mais elevada forma de mediunidade.

Como isso foi alcançado, mostrarei no próximo capítulo.

CAPÍTULO II

COMO AS VOZES SE MANIFESTARAM

Uma explicação da mais recente e elevada forma de mediunidade — O primeiro som de uma voz espiritual — A senhora e a trombeta — Porque é que a música ajuda as forças espirituais a manifestar-se — Os espíritos manipulam as várias partes de uma banda de jazz — Mr. Caradoc Evans descreve um espírito que lhe falou e Mr. Noel Jaquin expõe o seu plano para uma impressão espiritual.

Julho a Setembro, 1924

I

Entre as muitas formas de mediunidade, talvez a mais vulgarmente utilizada seja a chamada "escrita automática". Por mais interessante que esta forma possa ser, pela minha experiência pessoal e testes realizados, diria que, por este meio, apenas em um caso em mil se obtém um facto que possa ser aceite como prova indiscutível da sobrevivência.

As objeções à escrita automática são óbvias, sendo perfeitamente possível imaginar um experimentador absolutamente honesto que, de forma inconsciente, imprima a sua própria personalidade e ideias nas mensagens recebidas.

A forma de mediunidade mais maravilhosa e dramática é, de longe, a da voz independente que fala a partir do espaço. Ela não sai da boca do médium — que pode, e muitas vezes o faz, falar em simultâneo — facto que permite afastar qualquer sugestão de ventriloquismo como absurda. É com a investigação e desenvolvimento desta forma extraordinária e valiosa de mediunidade que o verdadeiro estudante da investigação psíquica deve preocupar-se.

Na história do tema, houve — e ainda há — poucos médiuns de voz direta ou independente. Home foi considerado — embora de forma talvez exagerada — como um dos maiores médiuns de sempre, mas creio estar correto ao afirmar que, em todos os registos de fenómenos produzidos por Home, apenas em um ou dois casos os participantes chegaram a ouvir sequer o sussurro de uma única palavra. Ao mesmo tempo, importa lembrar que Home nunca tentou obter a voz direta.

Os médiuns modernos de voz, como são chamados, representam a forma mais recente e elevada da mediunidade.

Além de Valiantine, que se destaca como o mais notável de todos os médiuns, entre os que conheci pessoalmente incluem-se Evan Powell, as irmãs Moore, F. T. Munnings e F. F. Craddock.

Mr. Powell é um médium genuíno e poderoso, mas em certas ocasiões nenhuma voz se manifesta, e noutras as conversas são confusas e incoerentes, limitando-se a algumas frases curtas e ambíguas. Em boas condições, contudo, as conversas têm durado vários minutos e foram transmitidas muitas comunicações evidenciais.

II

A grande dificuldade na consolidação do facto da comunicação espiritual reside no facto de que, em praticamente todos os casos, apesar dos fenómenos inexplicáveis produzidos e mesmo perante as mais fortes evidências, levantam-se invariavelmente acusações contra o carácter pessoal do médium genuíno.

Por exemplo, foram feitas três acusações de fraude contra Valiantine e, em cada uma delas, provei que eram escandalosamente falsas. No entanto, os boatos maliciosos espalham-se sempre como fogo em mato seco, e a grande massa de críticos levianos prefere aceitar uma mentira mal construída a uma verdade solidamente comprovada. É muito mais fácil, e essa atitude confere-lhes uma sensação de superioridade cómica.

Raciocinei que, se Valiantine tinha a capacidade de comunicar com os espíritos, e se possuía as qualidades mediúnicas que permitiam aos espíritos falar connosco, não havia razão para que eles não pudessem comunicar também comigo e com a minha esposa, mesmo sem a presença de Valiantine. Foi, de facto, o próprio Valiantine quem me disse, ao partir de Inglaterra, que tinha a certeza de que eu conseguiria obter as "vozes".

Foi já no final de Julho de 1924 que fiz a minha primeira tentativa para obter vozes espirituais diretas e independentes.

Quando sugeri a experiência à minha esposa, ela achou graça e declarou que seria absolutamente impossível. Por isso, recusei-me a fazer qualquer tentativa nessa noite.

Contudo, duas noites depois, realizámos a experiência. Havia apenas três pessoas: a minha esposa, a mãe dela e eu mesmo.[1]

Sentámo-nos no meu escritório em Dorincourt; uma trombeta — uma trombeta de alumínio dobrável para amplificar sons, que Valiantine me deixara ao regressar à América, em Março passado — foi colocada sobre uma mesa no centro da sala. Obtivemos as pancadas na mesa como anteriormente, e, após cerca de vinte minutos, a trombeta foi levantada e cada um de nós foi tocado levemente.

Em seguida, ouviu-se um som sibilante, como se alguém, com grande dificuldade, tentasse articular palavras.

Ao fim de algum tempo, vozes ténues chamaram-nos pelos nomes, e dois espíritos comunicaram connosco, um identificando-se como Annie, e o outro como Warren.

Recebemos apenas algumas frases soltas, que não conseguimos decifrar. Mas, por mais ligeiros que tenham sido os fenómenos, considerei a tentativa extraordinariamente bem-sucedida.

[1] *Mrs. George Hunt.*

III

Durante a experiência seguinte, realizada com os mesmos participantes, as vozes eram mais audíveis. Numa sessão realizada exatamente nas mesmas condições, para além de mim

e da minha esposa, estiveram presentes Mrs. Cory (Miss Winifred Graham), o seu marido e Mrs. Graham. Mais uma vez, a trombeta foi levantada e cada um dos presentes foi tocado na cabeça. Obtivemos novamente respostas ténues às nossas perguntas, afirmativas ou negativas conforme o caso, mas não conseguimos obter frases com mais de três palavras.

Numa sessão posterior, quando estavam presentes apenas a minha esposa, a mãe dela e eu, sentámo-nos à mesa, colocando a trombeta no centro, como antes. A mesa soletrou rapidamente, através de pancadas, a frase: "No sábado, coloquem a trombeta no meio da sala." Perguntei: "Quereis dizer que não devemos usar a mesa de todo?" A resposta foi: "Não."
Disse então: "Devemos tentar agora sem a mesa?"
"Sim!"

Removi a mesa e coloquei a trombeta no meio da sala. Após algum tempo, ela foi levantada, flutuou no ar, e conseguimos receber algumas frases curtas.

No sábado seguinte, eu e a minha esposa fomos convidados para jantar numa certa casa, estando também presentes Mr. e Mrs. Osborne Leonard. Pediram-me que levasse a trombeta e, após o jantar, realizámos uma sessão. Além de Mr. e Mrs. Osborne Leonard e da minha esposa e de mim, havia mais cinco pessoas no círculo: os nossos anfitriões, a irmã da anfitriã, uma outra senhora e um cavalheiro. Abster-me-ei de referir os seus nomes, pois o episódio que se segue é de natureza algo delicada.

Antes disso, vinha a refletir sobre como ultrapassar a limitação da escuridão total em que quase todas as sessões de voz direta são realizadas. Concebi então a ideia simples de colocar uma faixa luminosa na extremidade larga da trombeta, para que cada movimento pudesse ser visto e a localização exata do som da voz determinada.

Para esta ocasião, portanto, a trombeta estava luminosa, e qualquer movimento podia ser visto pelos participantes. Começámos por nos sentar em torno de uma mesa, com a trombeta colocada ao centro. Ouviram-se várias pancadas de diferentes tipos e respostas às perguntas. A mesa foi levantada e, embora fosse fácil e natural que a trombeta escorregasse, ela manteve-se na posição, sustentada por mãos invisíveis. Mais tarde, retirámos a mesa e colocámos a trombeta no centro do círculo. Foi levantada e flutuou no ar; todos foram tocados por ela e, por vezes, chegou mesmo a sair do círculo. Flutuou sobre uma das senhoras presentes e pousou-se nas suas mãos. Recebemos respostas ténues de "sim" e "não", e no final uma voz transmitiu uma mensagem afetuosa.

Cerca de dois dias depois, para minha surpresa, recebi uma carta da minha anfitriã dizendo que estávamos a ser enganados: que durante a sessão, quando a trombeta pousou sobre a mão da sua irmã, esta estendera rapidamente o braço e sentira uma mão a segurar na outra extremidade da trombeta, que, segundo sugeria, seria a mão de Mr. Osborne Leonard. Note-se que nenhuma acusação foi feita no momento da sessão. A minha anfitriã afirmou ainda ter recebido, através de escrita automática, uma mensagem que culpava Mr. Leonard por ter segurado na trombeta e por todos os restantes acontecimentos.

As conclusões da minha correspondente eram ridículas, uma vez que o mesmo tipo de fenómenos já tinha ocorrido anteriormente em Dorincourt, quando Mr. Leonard não estava presente. A senhora que fez a acusação nunca antes participara numa sessão e era extremamente cética em relação a sessões espíritas. É possível que tenha sentido uma mão na trombeta — se é que sentiu — mas, nesse caso, tratava-se, sem dúvida, de uma mão materializada, e não da mão de Mr. Osborne Leonard.

Qualquer pessoa que conheça Mr. Leonard tão bem quanto eu se riria com desprezo de uma acusação tão infantil. Este incidente, no entanto, demonstra como acusações de fraude são lançadas de forma leviana por pessoas inexperientes, e também serve para ilustrar que grande parte da escrita automática que surge está colorida pela mente de quem a escreve. A confirmação dessa mensagem, por várias razões íntimas, não poderia, de forma alguma, ter vindo do espírito de quem se assumia como o emissor. De facto, noutra sessão[1], o espírito em questão negou categoricamente ter enviado tal mensagem.

[1] *Ver Capítulo III.*

A partir dessa altura, passámos a realizar sessões privadas com alguma regularidade em casa.

Muitas vezes me perguntaram porque motivo tocamos o gramofone antes de uma sessão, e no meu caso, a razão é simples.

Verificou-se, pela experiência, que música de algum tipo — seja a voz humana ou instrumentos — ajuda a harmonizar as mentes dos participantes e, de alguma forma ainda inexplicável, as vibrações criadas pela música facilitam a manifestação das forças espirituais. Além disso, sou um péssimo cantor e, portanto, prefiro a produção mecânica da música ao som da minha própria voz.

Mas é importante ter em mente que a música, embora útil, não é de modo algum essencial. Quando há perfeita harmonia entre os participantes, ela é desnecessária; em muitas ocasiões, quando eu e a minha esposa nos sentámos com Valiantine a sós, não usamos música e as vozes manifestaram-se quase de imediato. Noutras ocasiões, em que me sentei apenas com a minha esposa, ocorreram fenómenos semelhantes sem qualquer música.

Após as experiências iniciais, eu e a minha esposa fizemos uma pausa de algumas semanas, durante as quais estivemos a viajar.

No final de Setembro, retomámos as sessões e, na primeira, estiveram presentes a minha esposa, a mãe dela, o meu filho Anthony e eu.

Durante a sessão, as vozes de Annie e de Warren Clarke comunicaram connosco e, a meio da sessão, Anthony sugeriu que, se os espíritos tinham o poder de levantar a trombeta, também deveriam ser capazes de levantar outros objetos. Perguntou-me se me importava que saísse da sala para ir buscar um tambor e baquetas da sala de dança. Concordei, e assim foram colocados no centro da sala um tambor e as respetivas baquetas. Enquanto tocava uma melodia de jazz no gramofone, as baquetas foram levantadas e o tambor foi tocado em perfeita sincronização com a música.

No dia seguinte fui à loja Hamley's e comprei um conjunto completo de instrumentos de jazz e, além do tambor, adquiri também um pandeireta, pratos, triângulo, sirene e um conjunto de sinos de trenó bastante pesados.

Para essa noite convidei Mr. e Mrs. Caradoc Evans, Mr. Noel Jaquin — que nunca antes tinha assistido a uma sessão — e, além deles, estavam presentes a minha esposa, Anthony e eu.

Mr. Noel Jaquin é um dos maiores especialistas da Grã-Bretanha no estudo das mãos e impressões digitais, e tinha o desejo de verificar se seria possível obter a impressão de uma mão espiritual.

Nessa sessão, todos os instrumentos da banda de jazz foram tocados em perfeita sintonia com a música reproduzida pelo gramofone. A sirene foi levada até ao teto e soou, e durante uma das melodias os sinos de trenó tocaram em harmonia com a música. Antes do início da sessão, coloquei na trombeta uma faixa luminosa viva, feita pelos senhores Barratts, de Piccadilly, para que todos os seus movimentos pudessem ser observados.

Aproveito para reforçar que os fenómenos físicos deste tipo, por mais extraordinários que possam parecer, nunca me impressionariam ou convenceriam, se eu não sentisse que por detrás deles havia uma inteligência, e se não pudesse também estabelecer comunicação efetiva com essas inteligências e aprender com elas algo de valor.

Durante essa noite, tivemos seis vozes espirituais distintas a comunicar connosco através da trombeta, cada uma identificando-se pelo nome. O espírito de Edward Wright falou longamente com Mr. e Mrs. Evans. Mr. Jaquin também foi abordado por uma voz espiritual que se apresentou como George Gregory. O espírito de Feda[2] manifestou-se, riu, conversou e, aparentemente, caminhou pela sala.

[2] *Feda é o espírito-guia de Mrs. Osborne Leonard — uma criança espirituosa e travessa.*

Devo referir que Feda se manifesta através de voz independente. Costuma intercalar os seus comentários com uma risada peculiar, mas alegre. Feda visitou-nos em Dorincourt, com as mesmas características que demonstrou durante as sessões com Valiantine em Inglaterra, no passado mês de Fevereiro. Tem uma personalidade imediatamente reconhecível por quem já a tenha ouvido falar com voz independente.

Annie e Warren Clarke também nos falaram, e no final da nossa conversa com Warren perguntei-lhe se seria possível obter a impressão digital materializada. Disse que era muito difícil, mas que, com o tempo, poderiam conseguir.

Quando coloquei no gramofone os discos da Galli-Curci e de Battistini com excertos de ópera, a trombeta luminosa foi erguida e usada como batuta, e a ópera foi dirigida da forma mais profissional. No final desta manifestação, perguntámos ao maestro se poderia dizer o seu nome. Inicialmente não o conseguimos distinguir, e Mr. Evans perguntou:
— "É inglês?"
A voz respondeu:
— "Não, não."

Mr. Jaquin perguntou:
— "É francês?"
E novamente a voz disse:
— "Não."
O meu filho perguntou:
— "É italiano?"
E a voz respondeu:
— "Sim, sim, italiano."
Pedimos o nome, mas a voz era tão indistinta que não conseguimos compreendê-lo.

Esta sessão durou quase duas horas e, no final, Mr. e Mrs. Caradoc Evans e Mr. Noel Jaquin declararam que estavam absolutamente estupefactos com os resultados fenomenais que tinham sido obtidos.

Curiosamente, após várias manifestações da trombeta a agir como maestro musical, a minha esposa contou-me, numa manhã, que tivera um sonho em que alguém lhe dizia que o nome do espírito que conduzia a música operática nas nossas sessões era Palestrina, o grande compositor italiano do século XVI.

Numa sessão posterior, isso foi confirmado pela voz espiritual. Não é, de forma alguma, ilógico que o espírito de Palestrina se manifeste desta forma, pois uma demonstração espiritual tão extraordinária como esta pode ter efeitos profundos.

Pedi a Mr. Caradoc Evans que escrevesse um breve relato da sua experiência. Eis o que me enviou:

"Os vários instrumentos da pequena banda de jazz — que Mr. Bradley comprara nesse mesmo dia e que eu ajudara a desempacotar — começaram a mover-se antes de o primeiro disco do gramofone ir a meio. Nunca tinha ouvido música jazz, pois não me agrada esse género de entretenimento, mas garanto que os músicos invisíveis tocavam os seus instrumentos em perfeita sintonia com o que se ouvia do disco.

Alguns minutos depois, enquanto se ouvia uma gravação da Madame Galli-Curci a cantar uma ária de ópera, a trombeta elevou-se deliberadamente do chão; normalmente, ela treme um pouco antes de subir, mas naquela noite subiu com a firmeza de um homem que decidiu agir. Num instante, estava no ar, a dirigir a peça com majestade e dignidade.

Estávamos sentados há cerca de meia hora quando senti um toque forte no lado do joelho esquerdo. Perguntei ao meu vizinho, que estava a vários metros de distância: 'Foste tu que me tocaste no joelho?' Ele respondeu: 'Não.'
Eu insisti: 'Alguém me tocou.' E então ouvi uma risada. Soou no centro da sala.
'És tu, Feda?', perguntei, lembrando-me das travessuras de Feda. Nova risada, e uma voz respondeu: 'Sim.'

— C.E.: 'Ora vê lá, minha menina, não deves fazer partidas. Além disso, meninas bem-comportadas não andam a meter os dedos nos joelhos dos senhores. E aposto que não sabes quem eu sou.'

'Sei.'
'Então diz lá.'
'Caradoc Evans.'
'Aproxima-te de mim. Talvez consiga perceber-te melhor.'

Ela aproximou-se e, embora eu não a visse, senti as suas mãos a apertarem-me os tornozelos.

— C.E.: 'Senta-te no meu colo, Feda.'

O espírito de Feda sentou-se no meu colo com tanta solidez que poderia muito bem ter sido uma criança de carne e osso.

— C.E.: 'E que tal um beijo?'

Dois lábios beijaram-me a face várias vezes; lábios quentes, com o calor da vida, e entre os quais se sentia o sopro que reconhecemos como o sopro da vida.

Quando penso em Feda agora, não a vejo como um espírito, mas como uma criança encantadora que foi um pouco mimada em vida.

O meu amigo falecido, Edward Wright, veio visitar-nos. Falou comigo e com a minha esposa. Não disse nada que fosse comprovativo, mas aquilo que disse só ele poderia ter dito."

Eis as impressões de Mr. Noel Jaquin:

"Tive o privilégio, no dia 30 de Setembro, de participar pela primeira vez numa experiência espírita.

Sugeri a Mr. Bradley que, se fosse possível obter a impressão de uma mão espiritual — a mão materializada de uma pessoa cuja impressão eu tivesse recolhido em vida — isso constituiria uma prova concreta e incontestável da sobrevivência. Não esperava, de todo, conseguir obter essas impressões logo na primeira sessão, mas, por precaução, preparei algum papel fumado e levei-o comigo para Dorincourt.

Mr. e Mrs. Caradoc Evans, Mr. e Mrs. Bradley, Dennis Anthony Bradley e eu entrámos na biblioteca pouco antes das nove da noite. Ajudei Anthony a montar o conjunto de instrumentos de jazz que ele trouxera da cidade nessa noite; o conjunto incluía um tambor, pratos, triângulo, apito tipo 'swanee whistle' e um aro com pequenos sinos. Estes instrumentos foram colocados no centro da sala; a minha caixa com o papel negro foi cuidadosamente colocada ao lado da trombeta e, em semicírculo, dispus algumas folhas de papel branco normal, que me assegurei estarem isentas de qualquer marca humana. Coloquei todas essas folhas com uma pinça.

Concluídos os preparativos, as luzes foram apagadas, deixando-nos numa escuridão total. A única coisa visível era a extremidade da trombeta, que tinha uma faixa luminosa numa das pontas. A menos que se tivesse visão de gato, seria impossível alcançar a trombeta sem tropeçar nos instrumentos ou pisar algum dos papéis. Mr. Bradley sentou-se em frente a

mim, a operar o gramofone. Durante o primeiro disco nada aconteceu; por volta do meio do segundo, a trombeta ergueu-se de repente a cerca de dois metros e meio no ar e começou a 'dirigir' a seleção operática que então se ouvia."

"Quando o disco terminou, Mr. Bradley pediu ao nosso maestro desconhecido que tentasse dizer o seu nome. Apenas surgiu um sussurro rouco e áspero pela trombeta, que não conseguimos compreender. Alguém perguntou então se era francês; a resposta foi um ténue 'Não'. Todos os presentes ouviram. Foram sugeridos vários outros países, recebendo sempre como resposta um 'Não', até que Anthony Bradley disse: 'É italiano?' De imediato, a trombeta girou e respondeu 'Sim'.

Tentou-se de seguida uma melodia de jazz e depois um fox-trot; estes não foram dirigidos, mas, por volta de um quarto da duração do segundo, as baquetas aos meus pés foram movidas. Ouvi o som de uma baqueta a bater na outra e, segundos depois, o tambor foi percutido, em tempo com a música. Sugeriu-se que, se estivessem presentes outros espíritos, poderiam ajudar a tocar os instrumentos da banda. De imediato, o apito tipo *swanee whistle* começou a tocar do meu lado direito, e o aro com sinos, ao centro da sala, também soou, ambos em pleno ar.

O maestro desconhecido voltou a manifestar-se mais tarde, quando Mr. Evans perguntou, num tom algo alarmado: 'Quem me está a tocar?' Todos lhe assegurámos que não éramos nós. Pessoalmente, não poderia ter alcançado Mr. Evans sem tropeçar nos aparelhos espalhados pelo chão. Descobriu-se que era *Feda*, que, com uma mão materializada, tocava no joelho de Mr. Evans. Sendo esta a minha primeira experiência, encontrava-me naturalmente numa atitude crítica, embora não hostil. Pedi que *Feda* viesse tocar-me. De imediato, senti um dedo quente e suave na minha mão direita. Pedi então que tocasse na esquerda, que baixei para o lado, e também foi tocada da mesma forma.

Pouco depois — a meio de um disco — viu-se a trombeta a erguer-se. Mr. Bradley parou o gramofone e pediu ao espírito que tocasse na pessoa com quem queria falar. A trombeta aproximou-se de mim com suavidade, como se quem a segurava tivesse receio de a deixar cair, e tocou-me levemente na lateral da cabeça; não foi tanto um toque, mas uma carícia. Depois, ficou suspensa diante do meu rosto, a extremidade luminosa a cerca de cinco centímetros. Muito suavemente, ouvi: 'Olá, Bill.'

— 'Quem és tu, amigo? Diz-me quem és.'

— 'George.' (Esta foi muito mais clara e forte.)

— 'George quem?' (Eu suspeitava de quem se tratava, mas não queria precipitar-me.)

— 'George Gregory.'

Convenci-me então de que era realmente o meu velho amigo de escola e cunhado a falar comigo. Contei-lhe a experiência que estávamos a tentar e a ideia de obter a impressão de uma mão espiritual, explicando de quem queria obter essas impressões. Ele prometeu ajudar-me em tudo o que pudesse. A trombeta começou a tremer, como se quem a segurava estivesse cansado, por isso despedi-me. Ela voltou a aproximar-se de mim e acariciou-me a

lateral da cabeça. No mesmo instante, senti uma mão a dar palmadinhas suaves no meu ombro. A trombeta foi então colocada exatamente na posição inicial.

O meu cunhado era extremamente meticuloso, e sempre que nos despedíamos, costumava dar-me uma palmada gentil no ombro. Ninguém naquela sala sabia que eu tinha um cunhado; e certamente não poderiam imitar traços pessoais tão característicos e cheios de ternura. Mais tarde, durante a noite, senti uma mão a acariciar-me levemente a cabeça, num gesto encorajador e simpático. Essa mão era quente e macia, como massa morna — mas sem dúvida uma mão. Outros espíritos falaram, pessoas que eu não conhecia — um parente de Mr. Evans, a irmã de Mr. Bradley e Warren Clarke.

Warren Clarke foi o último a falar. Dirigiu-se a Mr. Bradley e depois falou com Anthony Bradley. Quando se afastava de Anthony, disse-lhe: 'Boa noite, Mr. Warren, é um prazer conhecê-lo, e gostaria de lhe perguntar o que acha da ideia da impressão? Acha que vale a pena?'

— 'Ótima ideia, ajudarei no que puder.'

— 'O papel foi tocado esta noite?'

— 'Não — muito difícil.'

Mr. Bradley então pediu a Warren que levasse a trombeta até ao teto e que batesse duas vezes. De imediato, a trombeta percorreu rapidamente a sala e subiu em espiral até ao teto, que foi batido duas vezes com grande clareza. Demos então por encerrada a sessão e acendemos as luzes. Os papéis estavam intactos, exceto por uma ligeira mancha causada pela trombeta ao cair sobre um deles.

A altura da sala impedia qualquer pessoa de levantar a trombeta até ao teto, mesmo que subisse ao topo da estante ou da secretária — o que era impossível; o topo da estante estava cheio de livros e objetos, e a secretária ficava atrás da minha cadeira. Este foi um detalhe a que prestei especial atenção.

Antes de a sessão começar, Mr. Evans e eu, a convite de Mr. Bradley, examinámos a trombeta e verificámos que o seu interior estava completamente seco. No final da sessão, voltámos a inspecioná-la e constatámos a presença de uma ligeira condensação no interior, mas as bordas externas estavam secas. Se o sopro materializado for usado, deve produzir exatamente a mesma condensação que o sopro humano, mas sem humedecer as bordas exteriores da trombeta com saliva, como aconteceria com um agente humano.

Quando 'li' a mão de Mr. Bradley, adverti-o contra o excesso de esforço sobre o sistema nervoso, pois afetaria o coração, que era 'nervoso'. Ele respondeu-me honestamente que eu estava errado apenas num ponto — justamente o do coração."

CAPÍTULO III
CONFIRMAÇÃO POR PROVAS CRUZADAS

Nesta sessão, o espírito de Warren Clarke assume o protagonismo e discute as acusações de Mr. Joseph De Wyckoff contra George Valiantine — Uma análise inquietante da personalidade de Mr. De Wyckoff — Informações evidenciais sobre o filho do autor, Anthony Bradley — Um espírito refuta a ridícula alegação da trombeta referida num capítulo anterior.

21 de Setembro de 1924

A 21 de Setembro de 1924, teve lugar a minha primeira sessão sob a mediação de Mrs. Osborne Leonard na sua casa de campo em Hertfordshire, desde a realizada a 6 de Janeiro de 1923, registada no meu livro *Rumo às Estrelas*.

Considerei importante o intervalo de tempo entre as duas sessões, pois queria verificar e discutir questões referidas em sessões recentes em Dorincourt, e também aprofundar uma alegação de fraude — que tivera consequências algo graves — feita contra George Valiantine por Mr. Joseph De Wyckoff a 20 de Abril de 1924, cujos detalhes e refutação constam de outro capítulo.

Estiveram presentes na sessão com Mrs. Leonard a minha esposa, Anthony e eu.

Importa esclarecer que Mrs. Leonard não sabia absolutamente nada sobre os vários episódios referidos por Warren Clarke a respeito do carácter de Mr. De Wyckoff ou sobre um acontecimento ocorrido em Nova Iorque, que é relatado neste livro. Devo indicar que, sempre que participo numa sessão com Mrs. Leonard, é usada uma pequena luz vermelha, para que seja possível registar tudo o que é dito. Mrs. Leonard, é importante salientar, é uma médium de transe clarividente e clariaudiente. As "comunicações" são feitas pela sua voz. Este é um tipo de mediunidade completamente diferente das sessões de "voz independente", nas quais as vozes provêm do espaço, independentes do médium ou dos presentes.

Mrs. Leonard demorou dois minutos a entrar em transe, e Feda manifestou-se e falou.

Também é necessário explicar que, sempre que surge o nome Dennis, refere-se ao meu filho, Dennis Anthony Bradley, e que o nome Herbert se refere a mim — Herbert Dennis Bradley.

Segue-se a transcrição literal:

FEDA: Bom dia! Falei com o Dennis através da trombeta. [1] Vou conseguir ajudá-lo. A Annie e o Warren estão aqui e mandam muito amor. Há tempos grandiosos pela frente e muitas coisas importantes para fazer. Mais tarde conseguiremos extrair mais poder das vozes através da trombeta. A Annie, o Warren e o Bob [2] ficaram tão felizes por perceberem que conseguiram materializar as suas vozes.

WARREN ("W.A."): Sei que conseguirão atingir um grande poder nas sessões, mas têm de ter muito cuidado com quem se sentam. A Winnie e a Alice parecem estar bem. [3] Estou sempre com o Herbert. A mediunidade que desenvolveram é uma combinação entre os dois, embora eu ache que a Mabel [4] conseguiria desenvolvê-la sozinha.

(1) Isto refere-se às sessões em Dorincourt.
(2) O espírito de Mr. Robert Graham.
(3) Os nomes referem-se a Winifred Graham e à sua mãe, Mrs. Alice Graham.
(4) A minha esposa.

Devem ter atenção às condições. Fiquei muito satisfeito por terem desenvolvido este poder, porque ele vai ser uma grande ajuda para o livro (5) e para os teus escritos futuros. Há pessoas importantes que trarei até aí. (6)

O clã Bradley vai formar o núcleo de um grupo forte de novos espiritualistas. Não se trata de pessoas vulgares: são pessoas que nunca antes se interessaram por isto. Isto fará parte do trabalho importante. Todos nós — deste lado — estamos preparados, mas tens de ter cuidado em encontrar os participantes certos e as condições certas para consolidar o poder.

Mais tarde, conseguiremos afastar mais as vozes de ti — completamente para fora do círculo. Sabes que o Valiantine foi extremamente útil. Todos conseguimos evoluir com estas experiências, e todos deveríamos estar gratos ao pobre velho.

Consegues compreender que, em condições más, ou num estado ainda não desenvolvido, a mediunidade funciona como um prolongamento controlado? Às vezes é difícil para nós manifestarmos as vozes, porque dependemos mais do etéreo do que do puramente físico.

H.D.B.: O que achaste da sessão de ontem à noite?

WARREN: Ontem correu razoavelmente bem, mas as coisas não estavam completamente certas. Ficou algo por resolver de uma sessão anterior.

H.D.B.: Achas que, mais adiante, será possível fazer estas sessões com uma pequena quantidade de luz?

WARREN: Aconselho-te a continuares no escuro por agora. Mais tarde, quando o poder estiver mais forte, talvez consigam introduzir um pouco de luz vermelha. Deves lembrar-te de que isto é o nascimento do desenvolvimento deste novo poder em ti. É como se nós, deste lado, estivéssemos a tentar cultivar algo e, se arrancares as raízes da terra e as expuseres, vais matar a planta. É uma germinação.

(5) Nesta altura, embora tivesse mantido apontamentos, não tinha intenção de escrever outro livro sobre temas psíquicos. Estava envolvido noutra obra literária e só fui impelido a iniciar este livro no final de Novembro.
(6) Isto foi confirmado mais tarde, com o espírito de Lord Northcliffe e outras figuras importantes — se assim se pode dizer — a manifestarem-se em sessões subsequentes.

H.D.B.: Desde que nos disseste para colocar a trombeta no chão, as vozes têm sido muito melhores.

WARREN: Sim! Para nós é mais fácil extrair o poder a partir dessa posição. Aquela mulher afetou-te negativamente. Ela drenou-te. Teve um efeito paralisante. E tornou as coisas muito difíceis para nós, pois não conseguíamos extrair o poder. Não é o tipo de

pessoa com quem deves sentar-te. Refiro-me à Evelyn, [1] e o —— [2] até poderia ser um bom participante, mas precisa de mudar de perspetiva.

H.D.B.: Podes dizer-nos algo sobre o Valiantine?

WARREN: Gosto dele e estou grato. Sei que tem um grande poder e que é verdadeiramente genuíno. Seria bom tê-lo cá novamente.

H.D.B.: Sabes que o De Wyckoff fez acusações contra ele, por causa de uma ação em que ele apenas colocou a trombeta de volta no lugar — e isso está a ser usado como prova contra ele.

WARREN: Isso não foi nada. O Valiantine é um bom homem, mas se o voltares a convidar para este país, deves garantir que ele tenha a oportunidade de contactar com outras pessoas. Quanto à última acusação feita contra ele, Herbert, conseguirás desfazer os argumentos dos críticos — e dos teus também. Eles já cometeram grandes erros — vais poder esmagá-los. Estás protegido. Mantém a tua posição e eles nunca conseguirão deitar-te abaixo. São forças da ignorância. [3]

Queremos reunir certas pessoas de confiança para quando ele cá voltar. Pessoas em quem se possa confiar. O pai de Raymond [4] e outras pessoas de estabilidade.

(Aqui, Warren fez uma análise extraordinariamente íntima e notável do carácter de Mr. De Wyckoff e de certos assuntos pessoais a ele relacionados. Durante cinco minutos, Warren forneceu provas excecionais do seu conhecimento pessoal sobre acontecimentos que tinham ocorrido recentemente na América. Referiu-se em detalhe à atitude de Mr. De Wyckoff em relação a *Rumo às Estrelas* e às suas ações subsequentes, cujos pormenores constam do Capítulo VII.)

[1] Este nome refere-se à irmã da minha anfitriã, que participou na sessão registada na página 35 e que, posteriormente, afirmou que um dos participantes estava a mover e a segurar a trombeta.

[2] O nome foi dado, mas seria indelicado imprimi-lo.
[3] Isto refere-se aparentemente à minha controvérsia na imprensa com Mr. Malcolm Bird, do Comité da Scientific American, e com Mr. De Wyckoff.
[4] Presumivelmente Sir Oliver Lodge.

H.D.B.: Lembras-te, Warren, de que quando o Valiantine cá esteve pela última vez o Dr. Barnett estava a discutir a questão de dar fórmulas para os tratamentos da tuberculose, do cancro e da sífilis? É uma das experiências que gostaria de realizar com ele.

WARREN: Sim — seria correcto fazer essa tentativa. Deviam trazê-lo, nem que fosse apenas para tentar isso.

(Para Mrs. Bradley) Mabel, o Joe não parecia doente quando o encontraste em Nova Iorque? Tinha olheiras e linhas profundas. [1]

MRS. BRADLEY: Sim — parecia mesmo. Warren, tens visto o Bob [2] ultimamente?

WARREN: Sim — é uma personalidade bela e simples. Tem o coração de uma criança. Para ser sincero, ele teve de se aproximar das coisas materiais.

H.D.B.: Quero perguntar-te, Warren, se alguma vez encontraste o espírito de Lord Northcliffe, e se seria possível trazê-lo até mim. Tenho uma razão especial para perguntar isto.

WARREN: Conheci o Northcliffe. De certo modo, ele tem estado ligado a mim aqui. Quando estava na Terra, era um militarista, mas antes de falecer começou a encarar as coisas de uma forma diferente.

[1] *Isto é correto. Quando Mrs. Bradley viu De Wyckoff pela última vez, em Abril passado, em Nova Iorque, ele parecia doente.*
[2] *O espírito de Robert Graham.*

Isso causou-lhe uma confusão extraordinária de ideias, mas já era tarde demais para ele mudar. Anteriormente, tinha ideias fixas e opiniões fortes, formadas de forma muito vívida. No final, embora essas opiniões tenham mudado, ele não tinha força para as expressar. Isso provocou-lhe desarmonia mental e uma guerra espiritual interior. Foi melhor que tenha partido quando partiu; tudo na Terra estava a tornar-se demasiado penoso para ele. [1]

H.D.B.: Consegues pô-lo em contacto connosco?

WARREN: Vou tentar. Acho que vais ter de fazer uma sessão especial para isso. Será melhor eu contactá-lo e preparar tudo com antecedência. Sabes agora que o Northcliffe está muito empenhado em evitar guerras futuras. Repara que tenho tido de gastar muito tempo a resolver coisas triviais, mas posso dizer-te que isto é o início de um grande desenvolvimento em ti, e o Northcliffe vai trabalhar connosco, e com a Louise e o Swaffer. [2]

Quanto às sessões em tua casa, poderão surgir estranhos, mas apenas ocasionalmente. Tu, Dennis, conseguirás desenvolver-te bastante. Serás capaz de escrever e falar, tanto a nível político como social. A propósito, vais para Cambridge em breve; não precisas de te preocupar com os teus quartos. Posso dizer-te já que não vais ficar nesses quartos por muito tempo. Vais mudá-los em breve. [3]

(Aqui, Warren deu-me conselhos importantes sobre uma certa pessoa que estava a tratar dos meus assuntos financeiros. Mencionou o nome completo, e o aviso revelou-se mais tarde de enorme utilidade para mim. Neste momento, Feda anunciou o espírito de Robert Graham, que, disse ela, queria falar por seu intermédio.)

ROBERT: Por favor, dá esta mensagem à Alice. Antes de mais, o meu amor mais profundo. Diz-lhe que a vi a olhar para uns escritos antigos meus, que encontrou por acaso recentemente. Tinham sido escritos há muito tempo. Ela não os procurava de propósito. Era algo com uma espécie de desenho bordado. Abracei-a e disse: "Alice, estou aqui como sempre estive."

[1] Lord Northcliffe sofreu grande agonia mental no final da vida.
[2] Todos estes nomes foram dados voluntariamente. Miss Louise Owen era secretária de Lord Northcliffe e Hannen Swaffer, à data editor de The People, tinha anteriormente ligação íntima com Northcliffe nos seus jornais.
[3] O Anthony iria para Cambridge em Outubro e, na semana anterior, tinha ido ver os seus quartos, com os quais ficou bastante descontente. O curioso é que, no dia a seguir à sua mudança para esses quartos, o seu tutor informou-o de que, por acaso, outro excelente conjunto de quartos em 27 Trinity Street estava disponível, e ele mudou-se no dia seguinte. Isto ocorreu três semanas após a sessão.

FEDA: O Bob está muito feliz e isso tem-lhe dado grande consolo, tanto na escrita [1] como na fala. [2] Espera conseguir realizar coisas ainda mais maravilhosas em breve. [3]

Diz que não se incomodou com a mudança de quarto da Alice; o quarto dela será sempre o dele. Ele está lá todas as noites, quando ela se deita. Dá o amor dele à Winnie e diz-lhe que tem muito mais a fazer com ela, através da escrita. Ela vai ter uma peça estreada em breve. [3]

WARREN (para Mrs. Bradley): Obrigado por tudo o que tens feito, muito do qual foi feito na escuridão, em mais do que um sentido.

FEDA: ------ [4] diz que não sabe do que estão a falar.

WARREN: Estou a referir-me à coloração mental: ao uso da trombeta.

UM ESPÍRITO [5]: A trombeta, claro, é segurada. Eu é que a seguro. A posição em que a tenho de controlar serve para obter o poder certo. É um controlo exteriorizado. A mensagem que foi transmitida sobre isto por escrito [6] foi mal interpretada. Outra mente já tinha deixado a sua marca antes.

As provas pessoais dadas voluntariamente durante esta sessão foram verdadeiramente notáveis. Os vários temas foram discutidos em profundidade e a informação foi transmitida com inteligência e conhecimento.

Adicionalmente, foi referido por Warren um incidente não aqui registado, que era conhecido apenas pela minha esposa. Não considero desejável publicar os pormenores, que são puramente pessoais, mas posso garantir que a informação dada por Warren foi uma surpresa total e absoluta tanto para o meu filho como para mim.

[1] Escrita automática.
[2] Através das vozes nas nossas sessões.
[3] Esta informação foi confirmada por Mrs. Graham e Miss Winifred Graham.
[4] O nome foi dado.
[5] O nome deste espírito foi dado e é o mesmo que se manifestou quando foi feita a acusação de que Mr. Leonard segurava a trombeta. É importante referir que nem Mr. nem Mrs. Leonard sabiam que essa acusação tinha sido feita. Ver página 36.
[6] Escrita automática.

CAPÍTULO IV
SEM MÉDIUM EXTERIOR

O autor torna a sua trombeta luminosa — O espírito de Lord Northcliffe fala com Mr. Hannen Swaffer — Esse espírito fala também com Miss Louise Owen — Mr. Swaffer dá uma impressão vívida desta sessão — A irmã do autor, Annie, dá notícias de uma doença grave.

7 de Outubro de 1924

I

Convidei Mr. Hannen Swaffer, Miss Louise Owen e Miss Madeline Cohen para participarem numa sessão privada em Dorincourt, sendo os únicos outros presentes a minha esposa, Anthony e eu.

Para além da faixa luminosa na extremidade larga, pintei a trombeta com duas faixas de tinta luminosa, com cerca de um centímetro cada, desde a base, para que qualquer movimento pudesse ser facilmente observado e o ângulo exato identificado. Aproveito para mencionar que todas estas tentativas de tornar os movimentos da trombeta visíveis continuam, nesta fase, a ser de carácter experimental; o efeito exato da luz, de qualquer natureza, sobre o sucesso dos fenómenos, continua a ser uma questão em aberto.

Durante a sessão, a banda de jazz — cujos instrumentos tinham sido colocados no centro do círculo — foi tocada em compasso sincopado quando se colocava música adequada no gramofone, e apenas quando se tocava música operática é que a trombeta era erguida e utilizada como batuta.

Ao fim de algum tempo, uma voz espiritual dirigiu-se a Miss Madeline Cohen. A trombeta aproximou-se do rosto de Miss Cohen. A voz identificou-se como sendo a sua mãe, mas apenas algumas frases foram trocadas e a voz era muito indistinta.

Evidentemente, esta foi a primeira vez que o espírito de Mrs. Cohen se manifestou no plano terrestre. Descobri que um espírito inexperiente tem normalmente grande dificuldade em materializar a voz na primeira tentativa. Os espíritos têm de aprender e praticar o uso de certos poderes para dominar o método de falar antes de conseguirem tornar-se distintos e fluentes — tal como nós temos de aprender a melhor forma de comunicar com eles.

Depois, Feda manifestou-se, a sua voz era particularmente boa e distinta. A trombeta luminosa percorreu toda a sala, e Feda conversou com cada um dos presentes, no seu estilo característico. Perguntei-lhe se achava que seria possível o Lord Northcliffe falar connosco, e ela respondeu que iria tentar.

Algum tempo depois, uma voz anunciou-se como "O Chefe" — o nome pelo qual Lord Northcliffe era invariavelmente conhecido entre os seus colaboradores — e, dirigindo-se a

Mr. Swaffer, disse: "Estou tão contente por te ver, Swaff!" e continuou a falar de forma algo rápida e entusiasmada com Mr. Swaffer e Miss Owen.

O espírito de Annie falou com a minha esposa, o meu filho e comigo, e também com Mr. Swaffer. Warren falou durante algum tempo com todos nós.

H.D.B. (para Warren): Consegues levantar a trombeta até ao teto e batê-la?

"Isso é fácil!" respondeu Warren com um tom divertido, e imediatamente a trombeta subiu até ao teto — que, diga-se, está a cerca de três metros e meio do chão — e bateu nele várias vezes.

Esta sessão durou quase duas horas.

Encerrámos, e enquanto comentávamos as experiências, Mr. Swaffer virou-se para mim, dizendo:

"É maravilhoso. Pela primeira vez na vida, estou absolutamente convencido da sobrevivência e da realidade da comunicação com os espíritos."

II

Na edição seguinte de *The People* (domingo, 12 de Outubro), Mr. Swaffer escreveu um relato da sua experiência, que ocupou o espaço de duas colunas. Cito alguns excertos, para que fiquem registadas as impressões de um observador externo e imparcial:

"Ao relatar exatamente o que aconteceu, quero mencionar que as cinco pessoas que estavam comigo naquela ocasião eram amigos íntimos, que conheço há muitos anos, que não foi utilizado qualquer médium externo, e que se tratou apenas de uma experiência feita por seis amigos numa casa particular.

Depois de colocar no chão uma trombeta de alumínio, cuja extremidade larga estava marcada com tinta luminosa, sentámo-nos no escuro, enquanto o gramofone reproduzia as vozes de Galli-Curci e Battistini. Depois, viu-se a trombeta erguer-se no ar e, ao fim de alguns segundos, começou a ser agitada, como se estivesse a dirigir a música, com movimentos amplos e vigorosos.

Ao fim de algum tempo, vimos a trombeta, que tinha caído no chão, mover-se novamente em direção a Miss Cohen, que estava sentada em frente a mim. Ouviu-se um sussurro alto vindo da trombeta, que não conseguimos compreender, embora parecesse dizer a palavra 'Mãe'.

'Fala mais alto', disse Mr. Bradley. A trombeta repetiu a palavra 'Mãe' com mais clareza, depois disse 'Madeline' e 'Querida', e depois algo sobre 'beijos'.

Miss Cohen, que nunca tinha assistido a uma sessão antes, perdeu a mãe há nove anos.

Depois, a trombeta voltou a erguer-se no ar, e ouvimos o nome 'Feda'.

'Feda' diz-se ser uma rapariga indiana, que morreu há um século, e que é bem conhecida nas sessões de Mrs. Leonard.

Após algumas saudações amistosas, Mr. Bradley disse: 'Feda, consegues fazer com que o Lord Northcliffe fale? Tenta, por favor.'

'Vou fazer o meu melhor', disse Feda.

Pouco depois, a trombeta caiu novamente no chão. Depois de uma pausa — durante a qual nada aconteceu, voltámos a pôr o gramofone a tocar cada vez — a trombeta voltou a ser levantada. A música foi parada e a trombeta luminosa veio diretamente até mim, a poucos centímetros do meu braço esquerdo, e disse: 'O Chefe. O Chefe. Estou tão contente por te ver, Swaff.'

Lord Northcliffe era conhecido como 'O Chefe' por todos os seus colaboradores, e, embora ele me chamasse sempre de 'O Poeta', 'Swaff' é o meu apelido habitual.

'Estou tão contente por te ver', continuou a voz, depois de eu ter respondido. Depois, a trombeta moveu-se diretamente até Miss Owen, que estava ao meu lado direito. Cumprimentou-a também. E depois, voltando a mim, e depois a ela várias vezes, ouvimos: 'Tenho uma grande missão para ti, para Deus e para o mundo. Boa noite.'

Depois, outra voz, que Mr. Bradley identificou como sendo a de Warren Clarke, seu cunhado, e ainda outra, que disse ser a sua irmã Annie, conversaram com os três Bradleys.

No caso da voz que falou com Miss Cohen, apenas ela foi abordada, embora a trombeta, antes de cair, tenha vindo tocar-me no braço. No caso da voz de Northcliffe, apenas Miss Owen e eu fomos abordados. No caso das outras duas vozes, a família Bradley foi a primeira a ser abordada e, depois, os três visitantes. A forma como a voz de Northcliffe se aproximou foi a de uma personalidade dominante. Quando a 'Feda' falou, parecia que um espírito jovem e alegre estava a usar a trombeta; pois ela movia-se rapidamente. Quando se ouviu a voz da 'Mãe', tudo era muito sério. Mas quando as vozes de Warren e Annie quebraram o silêncio, a trombeta moveu-se como se já estivesse habituada a estar no círculo.

Que as vozes não pertenciam a ninguém na sala, estava fora de qualquer dúvida.

Éramos todos amigos chegados, que não se prestariam a enganar-se mutuamente, mesmo que fôssemos suficientemente habilidosos para sermos ventríloquos, ilusionistas ou pessoas capazes de se mover no escuro sem serem apanhadas.

Imaginar, por exemplo, que um dos outros cinco participantes insultaria a memória sagrada da mãe de Miss Cohen, fingindo que era ela a falar, é, naturalmente, impensável. Nem pessoas inteligentes se sentam no escuro durante duas horas a pregar partidas aos seus amigos."

III

Quinta-feira, 9 de Outubro de 1924.

A minha esposa e eu sentámo-nos sozinhos, apenas com a trombeta. A minha irmã Gertrude estava gravemente doente; e Annie manifestou-se, começando de imediato a falar sobre a sua doença.

"Herbert," começou ela, "foi tão bom da tua parte mandares o carro a Bath para ir buscar a Gertrude."

Na verdade, os médicos tinham decidido que a única hipótese de salvar a vida da minha irmã era levá-la para a Suíça, embora admitissem que era duvidoso que, no seu estado de exaustão, ela aguentasse a viagem. Mas era uma última tentativa desesperada, e aconselharam o risco. Por isso, mandei o meu carro nesse dia a Bath, para a levar por estrada até Dover, de modo a evitar o desconforto da viagem de comboio. No ano anterior, ela tinha passado o Inverno na Suíça e o seu pulmão fora tratado, mas o problema tinha voltado a manifestar-se — desta vez com complicações graves, e como último recurso o médico decidiu enviá-la para Montana, embora nos tenha avisado de que até a viagem poderia ser fatal.

Gertrude estava tão doente que só conseguia falar uma ou duas frases e, a seu pedido, nenhum dos familiares, exceto o meu velho pai, a acompanhou, juntamente com o seu marido. O meu pai voltou de Dover, onde ela foi levada para o barco, e disse-me que receava muito que ela não conseguisse sobreviver à viagem.

A conversa com Annie decorreu de forma fácil e fluente, e a sua voz era natural e maravilhosamente distinta. Nesta ocasião não utilizámos o gramofone, nem cantámos, nem fizemos qualquer tipo de preparação. Sentámo-nos em silêncio, e Annie falou connosco quase imediatamente após nos sentarmos.

CAPÍTULO V
A PROVA DE LORD NORTHCLIFFE

Lord Northcliffe fala sobre certas pessoas no plano terrestre e faz muitas referências de natureza muito delicada — A surpreendente teoria do autor sobre crianças embriónicas — Uma figura célebre ainda viva é severamente criticada — "O amor é a mola principal da vida" — Mr. Swaffer recebe conselhos do seu antigo "Chefe" — Annie transmite uma mensagem urgente, que mais tarde foi confirmada.

Domingo, 12 de Outubro de 1924 — 11h00

Uma ou duas semanas antes, marquei uma sessão com Mrs. Osborne Leonard, e ela estava convencida de que eu a visitaria em Hertfordshire acompanhado da minha esposa, como sempre acontecera até então. No entanto, marquei esta sessão com o objetivo de levar comigo Mr. Hannen Swaffer. Fomos juntos de carro e, até à nossa chegada, Mrs. Leonard não sabia que Mr. Swaffer viria comigo. O único encontro anterior entre ela e Mr. Swaffer fora numa sessão realizada em Dorincourt, em Fevereiro de 1924, sob a mediunidade de

Valiantine, registada em *Rumo às Estrelas*; nessa ocasião, trocaram algumas palavras, mas nada mais.

Mr. Swaffer sentou-se ao lado de Mrs. Leonard, de modo a poder observar a expressão do seu rosto e o seu estado quando entrasse em transe, e eu tomei notas à luz de um pequeno candeeiro vermelho.

Após Mrs. Leonard entrar em transe, Feda manifestou-se. O seguinte relato está necessariamente abreviado e, em partes, expurgado. Os excertos citados, no entanto, são *verbatim*.

FEDA (cumprimentando-nos a ambos): Bom dia! Bom dia! Sabes que falei contigo através da trombeta antes, e também falei com a Louise. [1] O Chefe está aqui, e também o Warren e a Annie.

[1] *Louise Owen. Refere-se à sessão de Dorincourt, em 7 de Outubro.*

Feda continuou então a repetir as mensagens de Lord Northcliffe que lhe haviam sido transmitidas, mas a maioria dessas mensagens foi proferida na primeira pessoa, e durante cerca de vinte e cinco por cento do tempo ouvi a voz de Lord Northcliffe como que por um fio, a cerca de trinta centímetros da cabeça da médium. Uma grande parte da conversa foi registada por mim a partir da voz direta do espírito de Lord Northcliffe, na primeira pessoa, antes de a mensagem ser repetida por Feda, através da boca da médium. Trata-se de uma fase extremamente rara e notável na mediunidade de Mrs. Leonard.

NORTHCLIFFE (para Mr. Swaffer): Estou contente por teres vindo. Isto é extraordinário, não é? Tenho tantas coisas para dizer. Sabes, falei contigo recentemente, mas nessa altura não consegui dizer muito. Lembras-te de eu ter-te tocado na cabeça — e de forma algo desajeitada no corpo ou no braço? [1] Podia ter falado por mais tempo, mas desperdicei energia. Isso foi porque estava a sofrer de excitação contida, mas mais tarde entenderei melhor as condições. Senti-me mais presente ali do que na outra sessão. Vejo que o Fatty ainda existe — às vezes chamado Tubby. É uma pessoa cheia de importância que tem um grande carinho por mim. Quando estava na Terra, era algo impaciente com o Fatty. Era demasiado letárgico.

(Aqui, Lord Northcliffe mencionou o nome Pearson e, depois, o nome Sim — ou Simpson.)

Sim é um homem que ainda trabalha no escritório. Não propriamente no escritório, mas no edifício. Faz trabalho suplementar. O Graham também. Muitos deles pensam em mim e querem saber se penso neles. E penso, porque já não sentem o mesmo no trabalho como sentiam quando era eu que liderava. Mesmo que não gostassem das coisas que eu fazia, gostavam de mim.

(Aqui, Northcliffe mencionou alguns assuntos pessoais de grande intimidade em relação à sua vida na Terra. Embora os factos apresentados fossem probatórios, não me considero autorizado a publicá-los. Eram de natureza extremamente delicada.)

[1] *Numa sessão em Dorincourt, sob a mediunidade da minha esposa e minha, o espírito de Northcliffe falou com Mr. Swaffer, que confirmou ter sido tocado por mãos invisíveis.*

(Depois, em voz independente, o espírito interrompeu-se e disse a Mr. Swaffer:)

NORTHCLIFFE: Hannen, o Bradley está bem?

MR. SWAFFER: Sim! O Bradley está bem. Podes dizer o que quiseres na presença dele.

NORTHCLIFFE: Fiquei muito preocupado e incomodado com certas coisas que disseram sobre mim. Mas, afinal, isso é apenas da minha conta. Se eu escolho assumir a responsabilidade, levo-a até ao fim. Não consigo fazer isto bem da forma como gostaria. Não tenho por onde agir.

MR. SWAFFER: A Louise não poderia ajudar?

NORTHCLIFFE: Não sei se devo envolvê-la nisto. Tenho um novo nome para a Louise: *L.O.*

(Aqui foram feitas outras referências de carácter privado.)

Lembras-te de quando fiquei lá em baixo [1] e não consegui subir?

(Aqui, Feda interrompeu, dizendo que o espírito de Northcliffe estava a bater nos quadris.)

FEDA: Isso irritou-o bastante. Ele magoou-se e não conseguiu vir até à cidade. Foi quando estava em Broadstairs, e foi bastante embaraçoso. Aconteceu algum tempo antes de falecer; penso que foi há dois ou três anos antes. Saiu de lá assim que pôde. Não foi um acidente, mas a anca ficou especialmente má.

NORTHCLIFFE: Há uma senhora aqui de quem estava a falar.

(Uma referência íntima que identificava esta senhora foi feita aqui.)

Ela faleceu de forma bastante repentina. Foi uma grande pena; pelo menos, assim pareceu na altura — foi como se tivessem cortado o chão debaixo dos pés. Eu já cá estava há algum tempo antes dela passar. Sentia que ela estava a chegar, mas não estava preparado. Estava preocupado com ela, mas essa inquietação passou. Ela faleceu há cerca de um ano.

[1] *O nome do local já tinha sido dado anteriormente por Northcliffe.*

Ela já não estava bem há algum tempo. Partiu depressa e tudo aconteceu de forma chocante. Um dos filhos dela também está aqui. Ela ficou muito surpreendida por o encontrar vivo deste lado. [1]

É um sentimento curioso para mim, agora que percebo que não me posso envolver demasiado com os que ainda estão na Terra. Adoro crianças. (Para Swaffer.) Tu e a Louise sabiam mais do que ninguém. Os outros não compreendiam o essencial da minha personalidade.

O rapaz de quem eu tanto gostava e que morreu na guerra — tinha grandes esperanças nele. O rapaz faleceu antes de mim. Havia tantas coisas que pensei poder fazer com ele.

Sentia-me mais próximo dele do que o próprio pai. Ele esperava por mim quando passei para este lado. As pessoas pertencem umas às outras por uma relação da alma. De certo modo, existe uma relação da alma entre mim e ti, Swaffer, e também entre mim e a Louise.

MR. SWAFFER: Tens alguma mensagem que gostarias de enviar à tua mãe — Mrs. Harmsworth?

(A resposta foi dada por Northcliffe com notável delicadeza, mas não creio ter o direito de a repetir.) [2]

NORTHCLIFFE (interrompendo o assunto): O Bradley tem grande poder (presumivelmente poder psíquico), e também a sua esposa. Ele fará muito para convencer o mundo de que existe vida para além da física, que o salto para o desconhecido — que tanto assusta — é apenas um passo para a sala ao lado. Isso eliminará o medo corrosivo que afecta as pessoas. A maioria das pessoas permite que esse medo se torne substância. Sabendo isso, quero remover esse peso — essa limitação — das pessoas.

H.D.B.: Quando vieste a Dorincourt, dirigiste-te a Mr. Swaffer e a Miss Owen, mas não falaste comigo. Foi porque não havia afinidade entre nós? Pergunto porque sempre discordei das tuas opiniões na Terra — como tu, certamente, terias discordado das minhas. Parecias-me um militarista extremo, enquanto eu era, e sou, um pacifista convicto.

[1] *As provas anteriores dadas nestas comunicações são bastante claras. Esta criança não é identificada, mas poderá ter sido um embrião, já que os espíritos me disseram, em dezenas de ocasiões, que o embrião vive. O espírito da criança vive se tiver existido no útero por mais de nove dias após a concepção. Segundo isto, são inumeráveis os espíritos criados no plano terrestre que partem dentro de um mês ou mais após a concepção, sem que tenhamos consciência da sua criação definitiva.*

[2] *A mãe de Lord Northcliffe faleceu no ano seguinte a esta sessão.*

NORTHCLIFFE: Na Terra, teríamos ficado irritados um com o outro, mas essas inibições supérfluas agora já não contam. Cheguei ao essencial das coisas. Sempre tive o dom de captar o essencial.

MR. SWAFFER: Tentarás manifestar-te de novo com a tua própria voz nas sessões do Bradley?

NORTHCLIFFE: Sim! Tenho intenção de voltar a manifestar-me nas sessões do Bradley, se ele me permitir.

H.D.B.: Devo entender que tentarás manifestar-te em Dorincourt mesmo quando o Mr. Swaffer não estiver presente? [1]

NORTHCLIFFE: Sim! Gostaria de tentar.

H.D.B.: Se o fizeres, terei muito gosto em receber-te. E, se me permites, gostaria de fazer-te uma pergunta. Qual é a tua opinião sobre...? [2]

NORTHCLIFFE (de forma muito incisiva e decidida): ...é um caso perdido. Esquece-o. Perde-o. Ele tem poder material, mas poder material nada significa. O poder espiritual terá mais importância agora do que teve nos últimos séculos. Sabes, ele nem sequer tem intelecto! Possui um mecanismo notável, mas esse mecanismo é frequentemente ativado pelas mãos de outros. Sozinho, o que teria feito? Pouco ou nada! Tem apenas o dom notável de usar o intelecto dos outros, tal como usaria os corpos deles — e até as suas almas, se pudesse. Mas a ti ele não conseguiu, Swaff!

MR. SWAFFER: Não! Sabes que sempre gostei de ti, Chefe.

NORTHCLIFFE: Não digas "gostei". Porque não dizes o que queres dizer? Amo-te, e tu amas-me. Que se lixe o "gostar" — o amor é a mola principal da vida. Muitos gostavam de mim, mas há amor... e amor. Eu amava-os como se fossem crianças crescidas, crianças estúpidas, crianças teimosas. Ninguém ficou mais surpreendido do que eu ao descobrir, depois de passar para este lado, que era amado nos meios mais inesperados.

[1] *Ele viria a conseguir fazê-lo, como será mostrado mais adiante.*
[2] *Nome de uma figura célebre.*

Quando passei para este lado, fui recebido por um rapaz bastante jovem. Agora está crescido. Na Terra, gostava muito dele. Era um pouco magro e os cabelos já estavam a ficar grisalhos. Tinha o hábito de olhar para baixo e andar com o queixo inclinado para o peito. Ao caminhar, arrastava os pés. Lembras-te de como eu surpreendia as pessoas ao reparar em pormenores que julgavam que me tinham escapado?

Agora que estou aqui, o meu rosto está sereno. Sentia-me tão cansado no fim, e o cérebro não me deixava descansar. Funcionava a dez vezes a velocidade habitual, mas não conseguia manter o foco, e os pensamentos vinham aos montes — todos misturados. O resultado foi confusão. Estava a consumir a força do meu corpo. Era como um vulcão prestes a explodir. A mente já não conseguia atravessar aquele coágulo cerebral. Estou certo de que, no fim, tinha um pequeno coágulo no cérebro. Nunca teria desaparecido e, se tivesse sobrevivido, teria sido miserável — em tormento.

Havia um amigo meu — um homem que conheci bem e que faleceu sensivelmente ao mesmo tempo — que esteve intimamente ligado à construção do meu império. Relembrámos os velhos tempos juntos. Eu não o via há já algum tempo antes de morrer. Admirava-o muito; tinha ideias brilhantes, mas na Terra via-o como alguém com a cabeça nas nuvens. Talvez o tenha magoado ao tentar contrariar algo nele. Sabes que eu costumava interromper as pessoas de forma abrupta — mas geralmente com razão.

MR. SWAFFER: Sim, Chefe; sabias como magoar!

NORTHCLIFFE: Sim, magoava, mas era uma espécie de cauterização. Nunca foi para ferir estupidamente. Era para os despertar — sacudi-los.

MR. SWAFFER: Tens algum conselho para mim?

NORTHCLIFFE: Não estou a falar de questões psíquicas — falo da tua vida pessoal.

(Aqui, Feda disse que Northcliffe estava a pôr as mãos sobre Mr. Swaffer, e parecia estar a levantá-lo. Ela disse: "Parece que o está a levar para novas condições.")

Não te estou a tirar da Terra, embora fosses muito mais feliz aqui. Swaff — expandir-te-ias aqui. Na Terra não te deixam ser quem és. Ainda não foste o teu verdadeiro eu — por completo. Tenho de te ajudar a alterar as tuas condições terrenas. Vais entrar numa fase mais feliz, mais forte e diferente — interior e exteriormente — do que alguma vez viveste. O trabalho que estás a fazer agora é temporário. Há algo muito mais importante a caminho — não de imediato. Tem paciência e vais fazer algo em que poderás expressar-te. Vais deixar certas pessoas com quem tens lidado. Isso será excelente. Então poderás usar o teu próprio poder num novo ambiente.

Vais encontrar alguma dificuldade no teu trabalho quase de imediato. Haverá oposição, mas — pelo que te disse — não exageres. Não é algo que tenha acontecido recentemente, mas algo que está a chegar ao clímax. Não lhe dês o peso de uma crise. É de importância secundária, não principal. Põe isso em segundo plano e segue em frente.

(Interrompendo-se.) —— [1] não está muito contente. Mas isso não importa. O poder dele é material. —— tem medo. O valentão é sempre um cobarde.

MR. SWAFFER: Quanto tempo achas que vai demorar até eu poder avançar com algo?

NORTHCLIFFE: Tenho de puxar muitos cordelinhos. Tenho de preparar o terreno.

MR. SWAFFER: Estou certo em ser paciente agora, ou é cobardia?

NORTHCLIFFE: A cobardia é uma virtude, nesta fase. É melhor seres paciente por enquanto. Há coisas a acontecer fora de ti. Elas vão materializar-se mais tarde. Aí, poderás agir. Estás, neste momento, a tentar conter-te.

MR. SWAFFER: Fiz bem em ceder ontem?

NORTHCLIFFE: Sim! Mas não era o que pretendias fazer.

MR. SWAFFER (diretamente): Eras tal e qual como ——.

NORTHCLIFFE: Que coisa para se dizer! Mas não posso dizer que sejas um "ajuntador de brasas"... Sim — fizeste bem, mas não era o que esperava de ti. Estavas a pensar nisso no outro dia. Tentei dizer-te para não resistires. Estou do teu lado. Consegues imaginar-me, com poder, inerte e apático? Fui o meu espírito que realizou o que realizei. A mente era a força motriz — impulsionada pela vontade. Ainda tenho a minha mente. Não te estou a ajudar a seres tolo — imprudente. Tens de esperar o momento certo.

MR. SWAFFER: O que é melhor fazer para avançar com o trabalho?

NORTHCLIFFE: Não quero que faças nada agora — apenas continua como estás. Não gostas disso. A tua dignidade revolta-se. Outra coisa: não antecipes. Vive cada dia, Swaff; não deixes que isto se torne uma obsessão. Quando não estiveres a tratar do assunto, tira-o da cabeça. Mais tarde vais achar que lhe deste demasiada importância. Lança sobre isto o foco de amanhã. Uma pista pode surgir subitamente. Conserva a tua força nervosa e

energia para isso. Significará liberdade pessoal. Então aproveita-a e desfruta-a. Estou a apoiar-te deste lado, e sei que vais conseguir. Tens ajuda deste lado; mesmo que nada de concreto aconteça, vais senti-la a apoiar-te espiritualmente e mentalmente. Não te falharemos. Estaremos por detrás de ti — a ajudar-te por dentro e por fora. [2]

Tens dentro de ti, há anos, o desejo de trabalhar connosco. A tua abordagem foi justa. Na Terra, até fui uma limitação para ti. Tentava sempre colocar-te em planos onde não encaixavas — dava-te empurrões mentais. Agora reconheço o que havia em ti. Sei que vais trabalhar por mim, abrir-te para mim, para receberes inspiração e impressões. Tens sido demasiado ansioso no plano mental. Agora estás aberto ao espiritual. Faz o espiritual funcionar através do material. É difícil, mas pouco a pouco vou ajudar-te a fortaleceres-te. Forte, mas sem ser demasiado afirmativo. Posso dar-te muita matéria — coisas que nunca foram inventadas por mentes literárias baratas. Matéria real. Sólida. Original. Não esperes milagres já. Falando de trabalho ——.

[1] *Nome dado de uma figura célebre.*
[2] *Referência à mentalidade política de Mr. Swaffer; aproximava-se uma eleição geral.*

WARREN CLARKE (interrompendo repentinamente): A lubrificar a engrenagem.

NORTHCLIFFE: Suponho que seja isso. Tens um sistema nervoso difícil para eu trabalhar, mas hei de conseguir ajudar-te a dominá-lo completamente. Vais desenvolver o teu "eu superior" — no pensamento ou na ação — e posso ajudar-te em tudo. Gostava de poder falar contigo sem intermediários, e então perceberias. Hei de dar-te confiança, equilíbrio — uma base de força espiritual. Traz o espiritual para o físico. Trabalharei contigo mentalmente, não por escrita automática.

A maior parte da escrita automática é um disparate. É através da mente que posso trabalhar — da mente. Estou a praticar contigo agora, mas no início só com pequenas coisas.

Para te tornares mais recetivo, esvazia a mente por um momento. Se estiveres em apuros, dar-te-ei uma impressão do que fazer. Não faças nada fora do comum por enquanto. Caminha com prudência, mesmo que isso te faça desprezar-te por um tempo. Voltarei a falar contigo através da trombeta em breve. Em casa do Bradley, presumo — lá há as condições necessárias.

WARREN CLARKE (intervindo): Vais conseguir transmitir mais da próxima vez. Achei que a primeira vez foi maravilhosa. [1]

(Para Swaffer): Olha, velho amigo, não te aborreças com a banda de jazz.

(Aqui, Swaffer e eu rimos, pensando que se referia à eleição que se aproximava.)

MR. SWAFFER: Queres dizer o pessoal da política?

WARREN CLARKE: Não! A nossa é melhor do que a deles. Refiro-me à de Dorincourt.

MR. SWAFFER: Pensei que te referias a elefantes azuis e Manchester.

WARREN CLARKE: A nossa música não é política. A banda de jazz que tocou em Dorincourt pode não ser particularmente boa, mas ao menos é bastante decente! Eu sei, Swaff, que não gostaste muito da música jazz durante as sessões, mas deves lembrar-te de que o sinal psíquico dado por essa banda ajuda. Não é tão trivial quanto possa parecer. É extraordinário, e realmente espanta as pessoas, e com a tinta luminosa torna-se impossível para qualquer ser humano explicar como aquilo é feito. Faz as pessoas pensarem. Portanto, à sua maneira, é algo belo e elevador.
[1] *Referindo-se à voz direta e individual.*

(*Feda interrompeu e disse que Annie estava a chegar, mas que só poderia ficar um minuto, pois tinha muita pressa.*)

ANNIE: Herbert, só posso ficar uns minutos, mas há duas coisas que queria dizer-te. Relativamente às tuas sessões, quando as estiveres a realizar, por favor tenta não te irritar tanto em casa.

H.D.B.: Lamento, mas fico tão nervoso às vezes, especialmente antes das sessões, que por vezes não consigo evitar sentir-me irritadiço. Queres dizer que isso afecta o poder?

ANNIE: Sim! Afeta. E se conseguires acalmar um pouco a mente, isso ajudaria imenso o nosso lado. A outra coisa que queria dizer-te é que acabei de sair de junto da Gert e vou já regressar para junto dela. Ela acabou de chegar a Montana. Está bem até ao momento, mas, embora não haja perigo imediato, está numa condição muito crítica. Está extremamente exausta, mas a viagem tinha de ser feita. Estive com ela todo o tempo, a tentar transmitir-lhe vitalidade, mas o seu estado é tão frágil que foi quase impossível influenciá-la. Houve um momento — há cerca de uma hora — em que pensei que não sobreviveria aos efeitos da viagem. Um ligeiríssimo esforço extra poderia ter sido fatal. Vou agora voltar para junto dela para a vigiar. O meu amor para ti e para a Mabel.

NORTHCLIFFE: O meu mais sincero afeto para ti, Swaff, e os meus melhores pensamentos. Tudo de bom que te possa desejar. Aguenta firme!

A sessão terminou.

Com exceção de ocasionais interjeições de Warren Clarke e a breve, mas pungente, comunicação de Annie, é evidente que Northcliffe conduziu praticamente toda a conversa.

Considero esta sessão extraordinariamente comprovativa, especialmente dado que certos nomes foram voluntariamente revelados — alguns dos quais não podem ser aqui transcritos — e foram feitas referências íntimas e pessoais que não posso citar.

A personalidade de Northcliffe manifestou-se de forma poderosamente dominante. As palavras da minha irmã, no final, foram dramáticas e evidenciais. Nem Mrs. Leonard, nem Mr. Swaffer, sabiam da existência da minha irmã Gertrude, nem do seu estado crítico de saúde. No momento em que Annie se manifestou, por volta das doze e quarenta e cinco da tarde, Gertrude tinha acabado de completar a viagem até Montana. Esta informação foi voluntariamente transmitida pelo espírito de Annie, e todos os detalhes do seu estado — até ao momento crítico em que esteve à beira do colapso devido ao esforço da viagem —

foram posteriormente confirmados pelo marido de Gertrude, Mr. E. J. Fry, quando regressou da Suíça três dias depois. Seria difícil conceber prova mais convincente da sobrevivência do que esta comunicação. E não só pelo seu valor comprovativo, mas também como demonstração do cuidado que os espíritos podem ter com aqueles que amam — tentando, em momentos de crise, impressioná-los, até ao ponto de os vitalizar fisicamente.

Segue-se agora a impressão deixada por esta sessão em Mr. Hannen Swaffer, publicada em *The People* de 19 de Outubro:

"Durante quase duas horas, Mrs. Leonard esteve em transe. Sentou-se numa sala parcialmente escurecida — uma sala onde já se sentaram muitos inquiridores célebres. Mr. Bradley anotou cuidadosamente tudo, o que, a seu tempo, será acrescentado aos registos da *Society for Psychical Research*, sociedade cujos testes Mrs. Leonard já superou.

Nos meus artigos sobre este tema, mantive uma linha perfeitamente imparcial, limitando-me a descrever o que aconteceu, sem comentários. Mas devo dizer que, de várias formas, quem quer que estivesse realmente a falar no último domingo demonstrou conhecimento considerável de assuntos que, presumivelmente, apenas Lord Northcliffe saberia. Houve uma longa referência à sua mãe, e a assuntos pessoais conhecidos por muito poucos. A voz falou de pessoas ainda ligadas ao grupo do *Daily Mail*, descrevendo-as. Por vezes, mencionaram-se nomes. É difícil descrever esta parte da conversa sem, eventualmente, causar embaraço.

Os meus próprios problemas pessoais foram abordados, e conselhos foram-me dados — conselhos semelhantes aos que Lord Northcliffe me dava em vida. De tempos a tempos, uma frase tipicamente sua surgia.

Tudo pareceu tão pessoal, tão íntimo, que quando a voz disse: 'Gostaria de me sentar naquela cadeira contigo por cinco minutos, Swaff, para que compreendesses', senti como se um homem que eu conhecia muito bem estivesse realmente muito perto de mim.

'Não estou morto, estou vivo', disse a voz, a certa altura. 'Consegues imaginar-me inerte? Foi o meu corpo que viveu? Foi a minha mente, impulsionada pela minha vontade. A minha mente ainda vive.'

Precisaria de páginas para descrever a intimidade desta longa conversa.

'O salto para o desconhecido, que tanto aterroriza, é apenas um passo até à sala ao lado', disse-me a voz no último domingo. 'Isso eliminará o medo insidioso que consome as pessoas. A maioria deixa que ele se torne substância. Sabendo isto, quero aliviar esse peso, essa limitação nas pessoas.'

É difícil abordar este assunto de outra forma que não seja com a mais profunda reverência. Só se zomba quando se ouve falar pela primeira vez. À medida que se avança, quase se inveja aqueles que, em relação ao espiritualismo, se deleitam com a sua conversão, declarando que é a explicação alegre de tudo aquilo que esperaram por anos."

CAPÍTULO VI
O MILAGRE DA VOZ DIRETA

Este capítulo relata, entre outros acontecimentos, uma cena dramática e comovente entre a Sr.ª Frances Carson, a famosa atriz, e o espírito do seu falecido marido — o Editor do *The Tatler* faz uma pergunta sobre um cão e recebe uma resposta correta — O Sr. Donald Calthrop escreve: "Obrigado pela minha primeira verdadeira introdução ao mundo do além" — O Sr. P. G. Wodehouse não reconhece a voz do espírito — O autor é aconselhado a interromper as sessões e são-lhe dadas as razões — Escutando uma sessão atrás de uma porta fechada.

21h00, domingo, 12 de outubro de 1924

I

Na noite deste dia, convidei para Dorincourt o Sr. Edward Huskinson, editor do *The Tatler*, o Sr. P. G. Wodehouse, o famoso romancista, o Sr. Hannen Swaffer, o Sr. Donald Calthrop, o conhecido ator e encenador, e a Sr.ª Frances Carson, a célebre jovem atriz. A Sr.ª Carson é, creio, de origem canadiana, mas ganhou fama nos Estados Unidos antes de vir para Inglaterra, onde, nos últimos dois anos, desempenhou vários papéis principais nos principais teatros do West End. Jantámos todos juntos, e a sessão teve lugar em seguida, completando o círculo eu e a minha mulher.

Devo reiterar mais uma vez que as experiências pessoais em que estou envolvido têm como objetivo obter as vozes diretas dos espíritos, que falam nos seus próprios tons, de forma independente e a partir do espaço, fornecendo provas pessoais e características da sua sobrevivência após a morte física. É a mais profunda investigação sobre o enigma da vida que alguma vez foi feita, e o seu êxito triunfal marca uma época e representa o milagre mais extraordinário deste ou de qualquer outro tempo da história. Em comparação com estas descobertas, as maravilhas da telegrafia sem fios empalidecem, tornando-se meros brinquedos materiais de criança.

Os cientistas disseram que, se conseguíssemos receber sequer um sinal ininteligível do planeta Marte, isso representaria um avanço no conhecimento.
Nos últimos dois meses, em Dorincourt, ultrapassámos essa ambição inatingível e alcançámos a surpreendente condição de comunicação audível e real com aqueles que vivem noutros mundos.

A Idade das Trevas ficou para trás, e podemos agora compreender o sorriso da Esfinge, cujo enigmático significado é: *"Tolos! Há experiência, mas nunca morte."*

Descendo à experiência concreta... Como a tinta luminosa se revelara tão eficaz quando usada no trompete de amplificação, decidi pintar também as baquetas e os guizos, de modo a que todos os seus movimentos fossem visíveis. No decurso da sessão, enquanto era tocada música estilo *jazz*, as baquetas podiam ser claramente vistas a fazer os movimentos necessários, e os guizos foram repetidamente erguidos, tocados e depois deixados cair bem fora do círculo dos participantes.

Por volta das onze horas, Annie falou com voz direta, sendo claramente ouvida por todos os presentes. Disse-me que Gertrude tinha sobrevivido à provação da viagem, que estava a repousar, e que pensava que se encontrava agora num estado ligeiramente melhor e conseguiria recuperar. Esta informação foi confirmada em detalhe pelo meu cunhado na quarta-feira seguinte, quando regressou da Suíça.

Não sei se conseguirei transmitir o efeito extraordinário que é receber duas comunicações diretas num só dia sobre um assunto tão pessoal e importante como este.

Depois, uma voz de mulher, que o Sr. Huskinson conhecera, falou-lhe e perguntou-lhe por que razão não trouxera a esposa. Quando ele lhe perguntou se se lembrava de "Nigger", a voz respondeu: *"Sim, era um cão de caça."* Outra voz dirigiu-se ao Sr. P. G. Wodehouse. No entanto, esta voz era tão ténue que não foi possível qualquer reconhecimento.

Duas vozes espirituais falaram longamente com o Sr. Donald Calthrop. Uma era a do seu pai, o ator John Clayton, que falecera quando o Sr. Calthrop era ainda muito jovem, e a outra de uma tia por quem ele nutria grande afeição. A voz desta tia, importa referir, falou primeiro com voz independente, sem trompete, junto ao rosto do Sr. Calthrop, e mais tarde, a meu pedido, utilizou o trompete, soando então bastante mais alto. Seguiu-se uma das cenas mais dramáticas que alguma vez testemunhei.

A Sr.ª Frances Carson terá, imagino, cerca de vinte e oito anos. Ninguém na sala sabia nada sobre a sua história passada.

Uma voz masculina chamou-a pelo seu nome próprio.
"Frances, querida, sou o Eric!" — exclamou, de forma agitada.

Seguiu-se, durante cerca de quatro ou cinco minutos, uma conversa emocionante e arrebatadora, claramente entre duas pessoas que tinham sido tudo uma para a outra. Falaram de Devonshire, dos caminhos tranquilos por onde ela caminhara recentemente, de ele ter-lhe falado antes de falecer, do seu sucesso em Londres — sucesso esse que sempre desejara quando estava com ele na América.

A voz, disse-me ela mais tarde, era a do marido, que morrera subitamente de pneumonia na véspera de Ano Novo, oito anos antes. Nunca ouvi cena de amor mais perfeita, mais bela. Sentia-se que era algo demasiado sagrado para ser partilhado.

A Sr.ª Carson nada sabia de espiritualismo, e nunca antes participara numa sessão. Enquanto o marido lhe falava, chorou com emoção, e durante alguns momentos após a sua partida estava profundamente comovida. Pediu-nos desculpa, explicando que não estava triste, pois aquele fora o momento mais feliz da sua vida. A revelação de uma vida após a morte e da possibilidade de comunicação com alguém que se amou, disse ela, foi o acontecimento mais maravilhoso da sua existência.

Três dias depois, a Sr.ª Carson partiu para a América, e uma ou duas semanas depois recebi uma carta sua, escrita a bordo do *Olympic*:

"CARO DENNIS BRADLEY, — Tenho desejado dizer-lhe tanto, mas temia a incoerência dos meus pensamentos sobre tudo isto. Deu-me tanto, e quero que saiba da minha sincera gratidão. A minha apreciação pessoal da experiência deixou-me verdadeiramente atordoada. Ouvir uma voz que julgávamos perdida, e receber uma prova tangível do amor eterno — oh, é demasiado maravilhoso. Quero descobrir mais e mais, embora confesse sentir um leve receio. No entanto, deixou-me tão feliz. O meu sono tem sido deliciosamente tranquilo, e ao despertar tenho a certeza de que, durante o sono, estive com ele. Nunca fora assim antes. Veja, conheci o Eric quando tinha cerca de dezasseis anos, e casámo-nos. Ele foi a influência determinante da minha vida, e continua a sê-lo, mesmo tanto tempo após a sua partida, há oito anos.

"Sentia que era errado olhar para trás, para a maior felicidade da vida, mas sempre achei que nenhum futuro me poderia dar tanto. É realmente maravilhoso, e conto-lhe tudo isto para tentar explicar a minha alegria pessoal e felicidade ao reencontrar o meu tesouro perdido. Que noite extraordinária. Dê oportunidade a outras almas aflitas de ambos os lados. Pela alegria das vozes e pela harmonia que existia, estou certa de que está a fazer uma obra grande e construtiva."

Quatro das sete pessoas presentes nessa noite nunca tinham tido qualquer contacto com questões psíquicas.

II

Embora habitualmente goze de perfeita saúde, pouco antes desta sessão sentia-me cansado e sobrecarregado de trabalho. No dia seguinte, tive uma dor de cabeça terrível — o mesmo sucedeu com a minha esposa — e fui obrigado a recolher-me cedo. Inclino-me a pensar que o efeito e a tensão destas experiências, e possivelmente o facto de participar com pessoas novas, estavam a tornar-se excessivos para mim. Um ou dois dias depois, recebi a seguinte carta do Sr. Calthrop:

"MEUS QUERIDOS MABEL E DENNIS, — A maravilha e a beleza da noite passada continuam tão vivas em mim que me é realmente difícil escrever-vos, embora tenha a certeza de que compreenderão quanto desejo agradecer-vos pela minha primeira verdadeira introdução ao mundo do além. Ainda estou algo atordoado com tudo isto, a Beleza foi tão grande e a Realidade ainda maior. Creio que nunca mais poderei duvidar. Rezo para que assim seja. Muito obrigado."

Tanto o Sr. Huskinson como o Sr. Wodehouse disseram-me nessa noite, e também em ocasiões posteriores, que ficaram profundamente impressionados pela felicidade extraordinária que presenciaram.

Quarta-feira, 15 de outubro de 1924

Na quarta-feira seguinte, realizei outra sessão com o meu cunhado, Edward Fry, que regressara nessa noite da Suíça.

Estávamos seis pessoas presentes, sendo uma sessão estritamente caseira. Os fenómenos habituais ocorreram, e não é necessário descrever os pormenores. Apenas menciono que

Annie falou durante algum tempo connosco e disse ao meu cunhado que, desde que ele partira da Suíça, a sua esposa tinha vindo a melhorar.

Três dos seis presentes nunca antes tinham participado numa sessão.

III

Sábado, 18 de outubro de 1924

Nessa noite, realizei uma sessão onde estavam presentes apenas a minha mulher, a sua irmã Ida[1], que acabava de chegar a Inglaterra após vários anos no estrangeiro, e eu próprio. Ida nunca tivera qualquer experiência anterior em sessões espíritas.

Ocorreram fenómenos físicos. Tocou-se música com banda, e a música operática foi conduzida com brilho. Ouviram-se sons a moverem-se pela sala e Ida foi tocada no ombro por mãos materializadas, o que a assustou. Pedi então aos espíritos que não a tocassem mais. O trompete foi erguido e o seu pai, George Hunt, falou com ela durante dois a três minutos. Depois disso, o espírito de Annie falou-lhe.

IDA: Sabes onde estou a viver agora?
ANNIE: Claro que sei, estás a viver em Chemnitz.

Um pouco mais tarde, perguntei a Annie como pensava que estávamos a progredir. Para minha estupefação, ela respondeu: *"Lamento muito, Herbert, mas tenho de te dizer que deves interromper estas sessões."*

Fiquei extremamente surpreendido e perguntei a razão.
"Porque estão a ter um efeito muito prejudicial na tua saúde," respondeu. *"O Warren falará contigo dentro de momentos e dir-te-á como isto é necessário."*

Pouco depois, o espírito de Warren comunicou-me que era absolutamente imperativo que eu parasse por um tempo. Tive uma longa conversa com ele, durante a qual disse: *"Lamento muito, meu velho, porque sei quão desiludido ficas, mas temos de considerar a tua saúde acima de tudo."*

Perguntei-lhe se isso significava que devia parar definitivamente. Ele respondeu: *"Não posso dizer por agora, mas se o Valiantine vier a este país, tudo estará bem para voltares a sentar-te com ele."*

Perguntei-lhe se, no caso de o Valiantine não estar cá, seria permitido sentar-me em caso de grande emergência.
Warren respondeu: *"Sim, mas só em caso de verdadeira emergência."*

Na verdade, eu encontrava-me horrivelmente sobrecarregado. Desde a publicação de *"Towards the Stars"*, fui inundado com milhares de cartas — na sua maioria de completos desconhecidos — de todas as partes do mundo, pedindo conselhos e ajuda. Não me parecia humano ignorar esses pedidos e isso, conjugado com o meu trabalho literário e outras ocupações, mal me deixava tempo para um descanso mental.

O desenvolvimento da mediunidade e a série de experiências dramáticas que se tinham vindo a suceder tornaram-se fascinantes e absorventes, quase ao ponto de excluírem qualquer outro interesse. Foi uma grande deceção ser instruído a parar por um tempo, mas na manhã seguinte compreendi o quão essencial isso era. Percebi que era impossível continuar a trabalhar a este ritmo intensivo sem sofrer com o esforço.[2]

IV

Quinta-feira, 23 de outubro de 1924

Nessa noite, convidei para jantar em minha casa o Sr. Julian Shalders e duas outras pessoas cujos nomes não pretendo divulgar.

Os convites haviam sido feitos cerca de duas semanas antes, e os convidados aguardavam com expectativa a experiência de uma sessão. Infelizmente, no sábado anterior fora-me dito que não devia sentar-me novamente durante algum tempo. A minha mulher sugeriu que ela se sentasse com os convidados, sem a minha presença.

Foram então para o meu escritório, onde colocaram os vários instrumentos no chão, com o trompete luminoso, etc., dispostos da mesma forma que nas sessões anteriores que eu dirigira.

Mal os deixei, fui invadido por uma curiosidade irresistível quanto ao que poderia acontecer. Levantei-me e, sem que eles soubessem, fiquei de pé do lado de fora da porta do escritório.

Quatro discos foram tocados no gramofone e, passados cerca de doze minutos, começaram a ouvir-se alguns instrumentos musicais. Os sons eram audíveis com nitidez do lado de fora da porta fechada. O efeito em mim foi curioso, pois, embora a casa estivesse bem aquecida com aquecimento central, as minhas pernas, dos joelhos para baixo, ficaram muito frias, como se uma corrente de ar gelado me envolvesse. Esta é a sensação habitual que tenho em todas as sessões quando ocorrem fenómenos psíquicos, mas nunca tão intensamente como nesta ocasião.

Pouco depois, alguém disse que o trompete estava a flutuar no ar e que tinha tocado cada um dos participantes. Ouvi então uma voz espiritual a chamar: *"Edgar—Edgar."* Um dos participantes perguntou: *"És tu, Warren?"* — pensando tratar-se do espírito de Warren Clarke.

A voz respondeu: *"Não, é o Reg que fala."*

Este espírito revelou ser o irmão de um dos participantes anónimos. Tinha sido morto em França. Mais tarde, este espírito também se dirigiu à segunda pessoa anónima pelo nome correto. Esta estivera, anteriormente, um pouco nervosa por ser tocada pelo trompete, e o espírito disse-lhe: *"Não tenhas medo, sei que não queres que te toque."*

No final da conversa, ouvi o trompete cair. Foi novamente erguido e, segundo me disseram, pairou em frente ao Sr. Shalders. Ouvi uma voz espiritual chamar: *"Pai, Pai."*
O Sr. Shalders respondeu: *"És tu, Owen?"* [3]

O Sr. Shalders ficou algo perturbado e não tentou obter provas; antes, fez algumas afirmações espontâneas ao espírito. Uma delas, que ouvi, foi: *"A tua mãe está bem, Owen,"* ao que o espírito respondeu com uma gargalhada: *"Bem? Claro que sim; sei perfeitamente!"*

A captação da energia e as formas de mediunidade associadas a esta sessão são explicadas em detalhe no Capítulo IX, que contém o registo de uma sessão com a Sr.ª Osborne Leonard.

V

Esta sessão foi notável, pois há poucos registos de sessões que possam ser ouvidas do exterior do círculo. Na verdade, durante as sessões realizadas em Dorincourt, tanto por mim como pela minha mulher, e também por Valiantine, as vozes foram ouvidas a uma distância considerável da sala, quando a energia era forte. Em certa ocasião, uma voz espiritual muito alta foi ouvida por pessoas que estavam no corredor, num piso acima. Noutra ocasião, a minha mulher escutou junto à porta durante algum tempo, tendo ouvido claramente as conversas.

Esta cessação ordenada das minhas experiências era, aparentemente, necessária. Num primeiro momento, senti-me irritado, embora compreendesse o seu significado. A minha mente rebelou-se contra este ultimato inesperado.

A progressão tinha sido tão rápida, e a aproximação ao sublime tão iminente, que me revoltava que uma consideração tão frágil como a minha saúde física fosse tida como mais importante do que a minha investigação.

Mas os milagres da comunicação espiritual foram estabelecidos de forma irrefutável. Isso é uma realização concreta.

E quando os espíritos me fizeram parar, não compreendi o seu propósito. No entanto, o seu duplo objetivo tornar-se-á evidente para todos os que lerem este livro — eles obrigaram-me a fazer uma pausa para que eu pudesse escrever.[4]

[1] *Mrs. Gunther.*
[2] *Refere-se ao esgotamento físico e mental do autor, motivado pela avalanche de correspondência e trabalho após a publicação da sua obra.*
[3] *Este era o nome do seu filho, que falecera alguns anos antes.*
[4] *O espírito visava não apenas proteger a saúde do autor, mas também assegurar que ele pudesse documentar as experiências vividas.*

CAPÍTULO VII
FRAUDE

Neste capítulo, o autor aborda acusações falsas contra médiuns — relata a verdadeira história das acusações do Sr. De Wyckoff contra Valiantine e como estas foram refutadas — relata também as estranhas comunicações entre o Sr. De Wyckoff e o Sr. J. Malcolm Bird do *Scientific American*, terminando com uma nota de comédia — Exposição do Capitão Ben Hicks.

I

Outubro de 1924

Confrontado subitamente com fenómenos inexplicáveis, a única explicação que o ignorante ou o preconceituoso consegue conceber é que fenómenos que lhe são inexplicáveis devem, por força, ser obra de fraude.[2]

Trata-se, em certo sentido, de um estado mental puramente cómico: "*Sei tudo o que é possível saber, logo, o que não sei é impossível.*"

Em dado momento, acusações de fraude foram lançadas contra quase todos os médiuns conhecidos, muitas vezes baseadas em escassa ou nenhuma evidência, e frequentemente motivadas pelo desejo histérico do acusador de encontrar uma explicação simples, compatível com a sua mente simples, para fenómenos que o perturbaram e confundiram. Repetidamente, essas acusações provaram-se infundadas, e será certamente evidente que, se todo o vasto estudo da comunicação espiritual assentasse na fraude, há muito teria deixado de atrair mentes inteligentes e, em vez de ganhar novos estudantes todos os dias — investigadores frios e equilibrados das leis de um novo conhecimento — o grupo dos chamados "espiritualistas" não passaria de um conjunto débil de inadaptados mentais.[3]

Ora nunca antes o seu estudo atraiu tanta atenção, e nunca os seus estudantes incluíram tantas figuras de grande prestígio entre as profissões eruditas — homens que aceitam como facto comprovado a realidade da comunicação espiritual, e que procuram descobrir as leis que a regem.

Contudo, continua a ser regra geral que, sempre que se faz uma acusação de fraude — seja por quem for, e com que fundamento ligeiro for — essa acusação é aceite por todo o lado e, muitas vezes, com base em evidência não corroborada ou preconceituosa, o trabalho inteiro desse médium é desacreditado. Um rumor sem base, ou mesmo um incidente insignificante, tem sido usado para lançar descrédito sobre toda uma massa de provas acumuladas e criteriosamente avaliadas que constam do seu percurso. Essas acusações, muitas vezes inspiradas por preconceitos pessoais, apoiam-se normalmente em frágeis premissas e a menor suspeita, baseada no mais trivial dos incidentes, é demasiadas vezes aceite sem investigação ou crítica, servindo depois os céticos e os interessados para desacreditar todo o trabalho realizado.

Um caso concreto deste tipo, que chegou ao meu conhecimento e que tive o cuidado de investigar até ao fim, representa bem muitos outros. Por essa razão — e por ser tão representativo — proponho-me analisá-lo com algum detalhe.

George Valiantine foi acusado de fraude em três ocasiões: uma vez pelo Comité do *Scientific American* em Nova Iorque — conclusões essas que refutei após investigação prolongada —, outra pelo Sr. Joseph De Wyckoff, tal como referi em *Towards the Stars*, e novamente pelo mesmo Sr. De Wyckoff, em Nova Iorque, na primavera de 1924.

Antes de entrar nos detalhes dessas acusações e das respetivas refutações, permitam-me apresentar brevemente o médium. George Valiantine é um homem baixo, robusto, com

cerca de cinquenta anos, que ganha a vida no comércio, numa cidade provincial americana. Fala pausadamente, mas é simples, direto e franco em toda a sua conversa. O seu leque de interesses parece limitado, como seria de esperar pela sua vida e ambiente. O seu vocabulário é restrito e parece ter escasso sentido do valor das palavras. A sua expressão favorita para descrever algo que o agrada é: "*Pretty good*" (razoavelmente bom).

Em suma, a impressão pessoal que transmite é precisamente a de um pequeno comerciante ou agricultor de uma vila inglesa secundária — um indivíduo genuinamente honesto, trabalhador, com uma educação imperfeita, visão limitada e poucas oportunidades de as ampliar ou refinar. Apesar da sua falta de conhecimentos, é de natureza delicada e possui uma das personalidades mais gentis e sensíveis com que me cruzei.

Disse-me que só aos quarenta e três anos descobriu as suas capacidades mediúnicas. Desenvolveu-as gradualmente até atingir o fenómeno da voz direta e também o da materialização. As sessões que conduzia eram gratuitas e o seu círculo era composto apenas por amigos e familiares.

Foi há cerca de quatro anos que os seus extraordinários dons chegaram ao conhecimento do Sr. De Wyckoff, um abastado financista americano de origem judaica, que há algum tempo se interessava por assuntos psíquicos. O Sr. De Wyckoff entrou em contacto com Valiantine e várias vezes o convidou para a sua residência de campo, Arlena Towers, com o fim de realizarem sessões, custeando naturalmente — e com justiça — as despesas de viagem e demais encargos de Valiantine.

Durante alguns anos, o Sr. De Wyckoff e Valiantine mantiveram uma ligação relativamente próxima nas suas experiências e, como relatei em *Towards the Stars*, o Sr. De Wyckoff continuou a demonstrar plena confiança nas capacidades do médium. Esteve presente em várias das sessões realizadas em Londres, em Dorincourt, em fevereiro de 1924, e regressou com Valiantine à América no mesmo navio.[4]

II

É curioso observar que, embora as duas primeiras acusações de fraude contra Valiantine tenham tido origens distintas, na sequência da terceira acusação, os dois acusadores parecem ter-se comunicado e aliado.

A publicação das minhas críticas severas às conclusões do Comité do *Scientific American* suscitou grande repercussão na imprensa americana e britânica. Um editorial da revista *Light* — o semanário especializado em assuntos psíquicos — exigia uma resposta do Sr. J. Malcolm Bird, editor executivo do *Scientific American*, responsável pelos relatórios do Comité de Investigação Psíquica. A sua carta foi publicada na edição de *Light* de 20 de setembro de 1924. Era uma carta bastante cautelosa, na qual, ao mesmo tempo que reconhecia a "atuação notável de Valiantine no campo dos fenómenos subjectivos", procurava justificar a atitude do seu Comité alegando que se preocupavam apenas com fenómenos objetivos. O tom defensivo era notório, mas no parágrafo final insinuava — de forma algo velada — dispor de elementos para publicar nova denúncia.

Tal afirmação dúbia, para não falar da insinuação contida nesse último parágrafo, exigia uma resposta. Aparentemente — por meios que posso apenas presumir — o Sr. Bird obteve informações sobre uma sessão posterior, em Nova Iorque, na qual o Sr. De Wyckoff acusou Valiantine de fraude, e com base nesses dados atreveu-se à tola ameaça de divulgar os detalhes.

Infelizmente para ele, ameaças funcionam comigo mais como estímulo do que como dissuasor. Assim que o Sr. Bird se entregou ao que não posso deixar de considerar o ligeiramente desprezível "argumento por ameaça", decidi expor todo o incidente e publicar os pormenores completos.

Na edição de *Light* datada de 27 de setembro de 1924, foi publicada a seguinte carta da minha autoria:

"Li o fraco esforço do Sr. Malcolm Bird para responder à minha crítica incisiva da atitude do Comité do Scientific American na sua investigação à mediunidade de George Valiantine, em Nova Iorque, em julho de 1923. As minhas opiniões sobre os métodos do Comité constam do meu livro Towards the Stars, e baseiam-se no relatório de três páginas publicado no Scientific American."

"O Sr. Bird refere-se a Valiantine como um médium de mensagens. Valiantine não é um médium de mensagens — é um médium de voz independente; e as vozes, quando se manifestam, são frequentemente ouvidas a vários metros de distância de onde Valiantine se encontra sentado."

[1] *Mrs. Gunther.*
[2] *Referência ao raciocínio simplista que associa o inexplicável à fraude.*
[3] *Crítica ao preconceito que desconsidera a investigação psíquica como disciplina válida.*
[4] *Refere-se à relação prolongada entre o médium George Valiantine e o Sr. Joseph De Wyckoff.*

"Valiantine não compareceu perante o Comité do *Scientific American* para produzir fenómenos objetivos. Apresentou-se perante o Comité para três sessões experimentais, sem ter feito qualquer promessa ou garantia de fenómenos, com o único propósito de permitir que os membros observassem o que pudesse acontecer. Diversos fenómenos ocorreram e o Comité, incluindo o próprio Sr. Bird — que já nessa altura tinha a convicção formada de que a comunicação espiritual era uma fraude — ficou perplexo quanto a uma razão plausível para rejeitar Valiantine.

Recorreu então ao seu engenho e produziu o argumento pueril de que a cadeira em que Valiantine se sentava, e à qual tinha sido secretamente acoplado um dispositivo elétrico, não registara o peso total do médium durante quinze segundos numa das sessões, e em outras ocasiões com variações entre um, três, seis, nove e catorze segundos. Apesar disso, o próprio Sr. Bird é forçado a admitir que manteve um longo diálogo com um dos guias espirituais do médium, cuja voz, segundo ele, vinha 'do alto, no ar'; e essa conversa durou dez vezes mais do que os quinze segundos durante os quais se alegou que o peso não tinha sido registado.

Como explica ele isto? Sugere que Valiantine saltou no ar para iniciar a conversa durante quinze segundos e depois voltou a sentar-se para a continuar durante dois ou três minutos? Onde está o sentido? Segundo o relatório do Sr. Bird, não havia qualquer motivo para Valiantine sair da cadeira.

"O Sr. Bird admite no seu relatório que oito vozes espirituais distintas falaram à assembleia. Na sala da sessão encontravam-se, creio, entre quinze e dezassete pessoas. Sugere o Sr. Bird que Valiantine, sendo um homem pesado e usando botas, foi capaz de se levantar no escuro e dançar entre os assistentes como uma Pavlova, sem que alguém o ouvisse ou notasse a sua ausência da cadeira? Se assim foi, então Valiantine sentou-se com tolos. A teoria da cadeira não explica os fenómenos que o próprio Sr. Bird admite terem ocorrido.

"No seu relatório de julho de 1923 no *Scientific American*, o Sr. Bird afirmou que, se o peso sobre a cadeira fosse inferior a 125 libras, isso indicaria que o médium estava fora da cadeira. Um mês depois — em agosto — após ter sido apresentada a teoria do ectoplasma, ele recuou, dizendo que um peso de nove libras era suficiente para manter a lâmpada acesa. Porque não disse isto no seu primeiro relatório, em vez de guardar o que considerava prova importante para um mês depois?

"Na minha crítica, disse que é totalmente impossível alguém manter-se perfeitamente imóvel durante meia hora sem qualquer movimento; e mais, que quando se está a ouvir atentamente para captar um som ou seguir uma voz, inclina-se involuntariamente o corpo para a frente, e com as mãos sobre os joelhos, quase todo o peso do corpo é facilmente sustentado de forma independente da cadeira em que se está sentado — tudo isto o Sr. Bird ignora. A verdade é esta: temos muito menos provas de que a lâmpada — que estava noutra sala — se apagou efetivamente, do que de que Valiantine saiu da cadeira. Mas estivesse ele dentro ou fora, isso nada prova nem invalida, e os fenómenos que se manifestaram continuam inexplicáveis para a mente lenta do Sr. Malcolm Bird.[1]

"O Sr. Bird, referindo-se à teoria do ectoplasma, afirma que devo apresentar um precedente se quiser avançar com uma teoria. Respondo-lhe que nunca existe um precedente para uma descoberta; o investigador fiel preocupa-se apenas com o facto da descoberta. Censurei o Comité do *Scientific American* pelas suas conclusões contra Valiantine, quando rejeitou publicamente a autenticidade da sua mediunidade.

Manifestei a minha opinião de que tal decisão era ridícula. Lançou uma mancha injusta sobre ele, não apenas na América, mas também neste país, onde diversos jornais afirmaram que o *Scientific American* tinha provado que Valiantine era uma fraude. A gravidade dessa conclusão, baseada apenas num ponto frágil e insignificante, poderia ter sido suficiente para desacreditar totalmente Valiantine — não fosse ele ter conseguido, na primavera deste ano, demonstrar as suas capacidades de forma inequívoca perante alguns dos mais brilhantes homens e mulheres deste país.

"O que teria acontecido se eu tivesse sido descuidado ao aceitar a precipitada conclusão do Comité do *Scientific American*? Nunca o teria convidado para Inglaterra, e como

resultado disso, a investigação psíquica teria sido privada de um avanço notável no conhecimento, e uma enorme quantidade de provas de sobrevivência jamais teria sido registada. Valiantine nunca antes pusera os pés em Inglaterra até 1 de fevereiro deste ano (1924), e foi comigo de Waterloo até à minha residência de campo, Dorincourt, onde conduzi experiências quase diárias durante cinco semanas.

Mais de cinquenta pessoas participaram em sessões com ele: editores, romancistas, dramaturgos, escultores, artistas, médicos e cientistas. A maioria era completamente desconhecida para Valiantine, e só foi apresentada ao médium depois das sessões, que decorriam em ambiente escuro. E, no entanto, nessas sessões manifestaram-se mais de cem vozes espirituais diferentes, conduzindo longas conversas pertinentes. Falaram-se línguas como russo, alemão, espanhol e até galês idiomático nas vozes independentes dos espíritos.

Poderá o Sr. Malcolm Bird oferecer qualquer explicação humana para estes fenómenos extraordinários? Consegue ele oferecer qualquer explicação científica para o facto de o Sr. Caradoc Evans, o romancista galês, ter conversado com o seu pai em galês de Cardiganshire? Consegue ele explicar como foi possível ao Sr. Harold Wimbury, editor de uma revista, conversar sobre assuntos íntimos durante mais de um quarto de hora com o espírito de um amigo jornalista que morrera há cerca de vinte anos?

"Afirmo que as inúmeras provas de sobrevivência e de fenómenos supranormais, manifestadas sob a mediunidade de George Valiantine, são mais notáveis e de valor infinitamente superior a qualquer outra já registada na história da investigação psíquica. E ainda assim, permanece o facto terrível de que este homem foi rejeitado pelo Comité do Sr. Bird, e a aceitação das suas capacidades mediúnicas poderia ter sido completamente destruída por esse julgamento injusto.

"Dado o afastamento de Valiantine por parte deste Comité, e as observações frias e desdenhosas do Sr. Bird no seu relatório de julho de 1923, é quase divertido observar a mudança completa de atitude do Sr. Bird nas suas referências, na edição da semana passada da revista *Light*, a Valiantine. Tardia como é, posso agora felicitá-lo pelo parágrafo em que afirma que, de várias fontes, recebeu relatos da atuação de Valiantine neste campo, indicando que, por seu intermédio, foram transmitidas mensagens independentes em pelo menos uma dúzia de línguas, cada uma falada por um nativo, e pertinentes ao espírito alegadamente a comunicar-se.'[2]

"Que tipo de investigador é o Sr. J. Malcolm Bird, editor executivo da prestigiada *Scientific American*? Que tipo de relator é este cientista? Que espécie de jornalista é este jornalista-cientista? Termina a sua carta ao *Light* com o seguinte:

'Se for necessária uma nova edição do volume do Sr. Bradley, sugeriria um capítulo adicional. Esse capítulo incidiria sobre a sessão onde, na presença do Sr. Bradley, a luz foi acidentalmente — e com toda a boa fé — acesa um pouco antes do tempo por uma das colunas do espiritualismo, que não poderia de forma alguma ser acusada de má fé neste deslize. Observou-se o trompete a uma distância inferior à habitual do médium, e viu-se a mão e o braço do médium a afastarem-se do mesmo.

O exame do trompete revelou que estava quente no ponto onde uma mão humana naturalmente o agarraria, e que o bocal estava húmido. Contará o Sr. Bradley esta sessão, ou deixará a mim encontrar um caminho indireto para publicá-la na América? Não deve ter qualquer delicadeza em contar-nos, pois o nome do responsável involuntário por esta pequena revelação já aparece por extenso no livro do Sr. Bradley, em ligação com outras sessões de resultado mais feliz — embora o Sr. Bradley tenha prometido usar apenas as suas iniciais.'"

"Não conheço qualquer sessão semelhante. Nunca prometi usar apenas as iniciais de qualquer pessoa que tivesse participado numa sessão com Valiantine. O Sr. Bird introduziu elementos estranhos numa sessão ocorrida na minha casa e que está fielmente registada em *Towards the Stars*. Esta foi a sessão em que a luz foi acesa por um dos meus empregados, na garagem exterior, e penetrou pela janela acima do topo das cortinas.

Observou-se que Valiantine estava em grande sofrimento, respirando com dificuldade e gemendo, e o trompete, que se via suspenso no ar, sustentado de forma claramente supranormal e a alguma distância dele, caiu no chão, onde permaneceu até que Valiantine fosse levado para a cama. O Sr. Joseph De Wyckoff, que estava presente, apercebeu-se com alarme sincero e profunda preocupação de que a súbita iluminação física estava a ter o efeito de forçar violentamente o ectoplasma de volta ao corpo de Valiantine, causando-lhe grande dor.

Ajudou-o de imediato e declarou que o homem estava envolto numa espécie de filme esbranquiçado. Chamou um conhecido jornalista londrino, também presente, como testemunha do que dizia. O jornalista aproximou-se e mais tarde descreveu esse filme como sendo uma espécie de bolha viscosa e espumosa, onde se podia enfiar o dedo, mas que não se conseguia perfurar.'[3]

"Passou-se meia hora até que Valiantine recuperasse o suficiente para ser colocado na cama. O Sr. De Wyckoff permaneceu no quarto durante cerca de trinta minutos. Eu voltei para o rés-do-chão e recolhi os trompetes. Além do Sr. De Wyckoff, havia mais oito pessoas presentes, que podem e confirmarão a veracidade do meu relato.

"É de notar que a luz não foi acesa por 'um dos pilares do espiritualismo'; que o trompete não estava ao alcance do braço do médium; e que o trompete não foi examinado, nem se encontrou quente ou húmido. Se o Sr. Bird está deliberadamente a induzir o público em erro, então não é cientista; se acreditou num relato distorcido, não é investigador; se confundiu dois conjuntos de provas, não é jornalista.

A sua história é falsa. Suspeito que a construiu com base numa mistura entre a sessão de Dorincourt e outra sessão ocorrida num hotel de Nova Iorque, na qual não estive presente. Será este o caminho tortuoso e enviesado por onde este cientista-investigador-jornalista recolhe as suas provas? Deverá a comunicação espiritual ser condenada por métodos destes? Estou agora na posse de detalhes sobre a sessão de Nova Iorque e do papel que nela desempenharam o Sr. De Wyckoff, Valiantine e outros, e como esta informação é de máxima importância, proponho-me revelar toda a história numa próxima edição da *Light*."[4]

[1] *Crítica à inconsistência lógica dos argumentos de Bird quanto ao alegado abandono da cadeira.*
[2] *Alusão sarcástica à reviravolta tardia de Bird após a refutação pública.*
[3] *Testemunho visual de um fenómeno associado à materialização ectoplásmica.*
[4] *Promessa de continuação da investigação sobre a acusação de Nova Iorque.*

Contudo, o Sr. Bird e as suas excentricidades jornalísticas pareciam-me de pouca importância em comparação com a questão essencial, vital e simples: a veracidade ou falsidade de Valiantine. Após investigação, publiquei na *Light*, a 18 de outubro de 1924, uma nova carta na qual expus a sessão de Nova Iorque que deu origem à terceira acusação de fraude. Eis o conteúdo da minha carta:

"Pensei — talvez de forma otimista — que as provas irrefutáveis reunidas em *Towards the Stars* — muitas delas obtidas na presença de algumas das figuras mais ilustres de Inglaterra — teriam dissipado qualquer dúvida quanto às genuínas capacidades mediúnicas de George Valiantine. Mas enganei-me. Pouco mais de um mês após a minha última sessão com Valiantine — uma sessão relatada no meu livro — surgiu na América uma nova acusação de fraude. A acusação não foi impressa nos Estados Unidos, e aqui apenas tem sido insinuada; circula de boca em boca nesse país e está a causar grandes danos à causa da investigação psíquica.[1]

Esta é a terceira vez que Valiantine é acusado de fraude. A primeira foi quando participou em sessões para o Comité do *Scientific American*, cuja conclusão injusta o editor, Sr. J. Malcolm Bird, se viu forçado a contradizer recentemente, ao afirmar, numa carta à *Light*, que tinha recebido relatos de mensagens evidenciais recebidas através da mediunidade de Valiantine em mais de uma dúzia de línguas.

A segunda acusação foi feita na América, pelo Sr. Joseph De Wyckoff, em novembro de 1923. Os pormenores constam do Capítulo XI de *Towards the Stars*. Duvido que o Sr. De Wyckoff aprecie esse capítulo, pois demonstra que não se lhe podem atribuir os dotes de um Sherlock Holmes. Em todo o caso, o Sr. De Wyckoff reconheceu o seu erro perante mim, no Hotel Claridge's, em Londres, no dia 5 de dezembro de 1923, e enviou imediatamente um telegrama a Valiantine a retratar-se. Este telegrama foi depois confirmado por carta. Além disso, fez um pedido de desculpas pessoal — também na minha presença — a Valiantine, aquando da chegada deste a Londres, em fevereiro de 1924.

A terceira acusação diz respeito à alegada revelação de uma fraude durante uma sessão em Nova Iorque, transmitida ao Sr. Bird por uma das chamadas 'colunas do espiritualismo'. É a sessão onde se afirma que essa 'coluna' agarrou no trompete de Valiantine e o encontrou quente e húmido. O Sr. Bird pergunta: *"O Sr. Bradley relatará esta sessão, ou deixará isso ao meu critério, para procurar uma via indireta de publicação na América?"*

Passo por alto a mentalidade de um investigador científico que procura *vias indiretas*. E, com propriedade, deveria ignorar o investigador que tira conclusões com base apenas numa declaração unilateral.

Contudo, estou em condições de contar ao Sr. Bird a verdade sobre essa sessão de Nova Iorque, que ele distorceu de forma tão lamentável. E ofereço ao público britânico o seguinte facto: a fonte do Sr. Bird — a sua 'coluna' — é, mais uma vez, o Sr. Joseph De Wyckoff.

Como já referi, a sessão ocorreu cerca de um mês depois de Valiantine ter deixado Inglaterra. Antes de relatar a história feia e insensível que se seguiu, procurarei transmitir a mentalidade do Sr. De Wyckoff imediatamente antes da mesma.

O Sr. De Wyckoff é um financista muito astuto e competente. Tem uma personalidade dominante e valoriza intensamente o poder material. Como muitos magnatas financeiros do seu calibre, está habituado a fazer valer a sua vontade, sendo intolerante à sugestão, crítica ou oposição.

Na altura — fevereiro de 1924 — eu estava a conduzir uma série de experiências com Valiantine na minha casa, Dorincourt, em Kingston Vale. Entre o Sr. De Wyckoff e eu existiam já algumas divergências de opinião. Além disso, ocorreram desentendimentos entre ele e a sua esposa durante as sessões realizadas a 3 e 10 de fevereiro, o que me levou a recusar continuar quaisquer sessões com ambos, a menos que aceitassem participar separadamente.

No domingo anterior à partida do Sr. De Wyckoff para a América, abordei com ele um projeto material na Guiana, no qual estava interessado e para o qual considerava indispensável a colaboração de Valiantine.

Valiantine, um homem simples e sem experiência em negócios, consultou-me sobre o assunto. Como os seus serviços eram considerados essenciais para o projeto, perguntei ao Sr. De Wyckoff que compensação estaria disposto a oferecer a Valiantine pelo tempo e esforço envolvidos. O Sr. De Wyckoff revelou-me os seus planos, os quais considerei — do ponto de vista de Valiantine — absolutamente inadequados. No dia seguinte, informei Valiantine dessas condições e aconselhei-o fortemente a não aceitar o compromisso, a menos que o Sr. De Wyckoff concordasse em assinar um contrato. Redigi, para esse fim, um esboço que garantia termos justos.

Antes de partir de Inglaterra, o Sr. De Wyckoff sugeriu que cuidasse da publicação de *Towards the Stars* na América. Embora tais assuntos sejam geralmente tratados por um agente literário, aceitei a proposta, por entender que pouparíamos tempo em negociações.

A 8 de abril, enviou-me um telegrama de Nova Iorque indicando que a editora Century Company estava disposta a publicar o livro. O telegrama era claro, e confirmei a informação com o Sr. W. Ives Washburn, diretor da filial londrina da empresa, que, por correio posterior, recebeu excelentes pareceres do escritório nova-iorquino sobre o meu manuscrito.

Nessa altura, o Sr. De Wyckoff preparava a viagem à Guiana com Valiantine. Mas, seguindo o meu conselho, Valiantine apresentou-lhe o esboço do acordo e pediu-lhe que o assinasse antes da partida. O contrato era justo e equitativo, mas o Sr. De Wyckoff não

reagiu com agrado à proposta. Acabou por assiná-la, e o rascunho assinado encontra-se atualmente em minha posse.

Estes eram os termos da relação entre as partes envolvidas e o contexto psicológico do Sr. De Wyckoff e de Valiantine na data da sessão que teve lugar no Hotel St. Regis, em Nova Iorque, a 10 de abril do corrente ano.

O Sr. De Wyckoff dissera a Valiantine que gostaria de realizar uma sessão nessa noite. Até então, só contava com um convidado para se juntar a ele e ao médium. Este convidado era o Sr. Allan Miller, a quem pediu que arranjasse mais dois participantes. O Sr. Miller dirigiu-se a um restaurante próximo, onde encontrou por acaso dois conhecidos, que persuadiu a assistir à sessão.

Ocorreram fenómenos e manifestaram-se vozes espirituais. Um dos convidados do restaurante, após comunicar com um espírito que dizia ser o do seu irmão, ficou tão emocionado e nervoso que teve de pedir para sair da sala. Outros fenómenos sucederam-se e, como era habitual nas sessões com Valiantine, no final o Dr. Barnett, seu guia espiritual, encerrou a sessão com uma breve alocução.

Após o discurso do Dr. Barnett, o trompete tinha caído lateralmente entre as pernas de Valiantine, com a extremidade estreita encostada ao assento da cadeira. De forma perfeitamente natural, Valiantine levantou o trompete e voltou a colocá-lo na posição correta — tal como eu e muitos outros o fizemos dezenas de vezes nas minhas sessões privadas. Enquanto Valiantine o fazia, o Sr. De Wyckoff acendeu um fósforo e repreendeu-o por esse gesto. Valiantine, incomodado e ofendido, abandonou o hotel.

É neste episódio que o Sr. De Wyckoff baseia a sua segunda acusação de fraude contra Valiantine.

Na manhã seguinte, Valiantine escreveu-me, relatando os pormenores de forma clara e direta. O Sr. Allan Miller transmitiu praticamente a mesma versão a uma senhora de nome Mrs. Rodems, que viria a conhecer mais tarde, em Londres.

Por uma estranha coincidência, o Capitão Ben Hicks encontrou um dos convidados vindos do restaurante, que confirmou de forma independente a versão da sessão tal como relatada por Miller e Valiantine.[2]

[1] *Referência ao impacto negativo das acusações orais e não documentadas sobre a reputação do médium.*
[2] *Testemunho independente que corrobora a versão dos factos do médium, contrariando a acusação de fraude.*

O próprio Sr. De Wyckoff relatou o incidente — exatamente como o descrevi — à minha esposa, quando esta passou por Nova Iorque, vinda de Los Angeles, no final de abril. A Sr.ª Bradley desvalorizou o episódio, considerando-o trivial, e comentou que o Sr. De Wyckoff parecia estranhamente obcecado na tentativa de amplificar a sua importância.[1]

A atitude do Sr. De Wyckoff em relação a este caso merece uma análise cuidadosa, já que ele é o responsável pelos rumores amplamente difundidos e prejudiciais de que teria conseguido desmascarar Valiantine como sendo uma fraude.

Um dos aspetos mais curiosos e reveladores da sua postura parece ter sido transmitido à Mrs. Rodems — uma senhora sem qualquer interesse em assuntos psíquicos — que me declarou que o Sr. Miller lhe dissera que, antes da sessão, o Sr. De Wyckoff lhe pedira que assistisse a uma experiência porque *"tencionava apanhar um indivíduo em falso"*.

Se isto reflete verdadeiramente a atitude do Sr. De Wyckoff para com Valiantine — com quem ainda recentemente pretendia estabelecer um acordo comercial — então a curiosa decisão de reunir convidados desconhecidos num restaurante de hotel torna-se explicável.

É significativo que o Sr. De Wyckoff, que deixara Inglaterra aparentemente em bons termos comigo, nunca me tenha escrito a informar da sua alegada "descoberta" de fraude por parte de Valiantine. Porque não o fez?

Sugiro que a sua atitude para comigo e para com Valiantine se alterou de forma clara a partir do momento em que este último lhe apresentou o esboço do contrato comercial equitativo que eu preparara para ele em Londres.

Passemos agora às consequências.

A 7 de maio, recebi a seguinte carta do Sr. W. Ives Washburn:

"... Sou forçado a transmitir-lhe uma má notícia relativamente ao seu livro, pois acabo de receber o seguinte telegrama de Nova Iorque, que diz o seguinte:
'Informar Bradley que não podemos publicar o livro; carta explicativa segue por correio.' — Century."

"É realmente lamentável que isto aconteça depois dos pareceres tão encorajadores que tinha recebido até aqui, mas, naturalmente, até chegar a carta a que o telegrama se refere, não estou em posição de lhe fornecer uma explicação satisfatória da nossa decisão..."

Numa carta da editora Century que recebi a 21 de maio, a razão invocada foi que *"tinha sido praticamente provado que Valiantine era responsável pelas conversas espirituais ocorridas durante as suas sessões, sendo essa atualmente a opinião do Sr. De Wyckoff."*

Desejo deixar absolutamente claro que não culpo, de forma alguma, a editora Century pela sua decisão. Considero que, perante a grave alegação feita pelo Sr. De Wyckoff, a sua atitude foi plenamente justificada.

Contudo, há algo que tenho o direito de exigir: haverá alguma justificação concebível para a acusação danosa do Sr. De Wyckoff? Ele rotulou Valiantine como fraude e impediu a publicação do meu livro nos Estados Unidos, sendo que a sua ação lança uma sombra sobre o vasto corpo de evidências de sobrevivência recolhidas através da mediunidade de Valiantine — provas essas que registei numa obra que exigiu mais de um ano de estudo intensivo e exaustivo.

O Sr. De Wyckoff estará disposto a afirmar publicamente que Valiantine é uma fraude e que imita centenas de vozes espirituais distintas que se manifestaram nas sessões registadas?

Estará ele preparado para afirmar que Valiantine — homem simples e com fraca instrução — fala francês, alemão, espanhol, russo, italiano e galês de Cardiganshire, de forma culta e fluente? E que possui a capacidade de falar com as inflexões distintas de homem, mulher e criança?

Será que o Sr. De Wyckoff pretende condenar toda esta extraordinária evidência com base num único gesto momentâneo, natural e lógico de Valiantine — o simples ato de levantar um trompete que caíra ao lado da sua cadeira?

Se o Sr. De Wyckoff for um estudante inteligente da investigação psíquica, deverá admitir que as provas obtidas através de Valiantine seriam igualmente notáveis mesmo sem a utilização de trompete, e mesmo que ele falasse com a sua voz normal, como fazem os médiuns videntes tradicionais.

Há ainda um ponto que devo abordar, pela sua relevância científica. O Sr. Bird afirma, na sua carta à *Light*:

"O exame do trompete revelou que ele estava bastante quente no ponto onde uma mão humana o agarraria naturalmente, e que o bocal estava húmido."

Isto é precisamente o que se verifica nos fenómenos de voz independente, e com esta afirmação, tanto o Sr. De Wyckoff como o Sr. Bird revelam-se investigadores inexperientes.

Nos últimos dois meses, eu e a minha esposa desenvolvemos formas poderosas de mediunidade. Não só se produziram fenómenos físicos de carácter invulgar e dramático na presença de várias testemunhas, como, através do uso de um trompete tornado tão luminoso que todos os presentes o podiam ver, obtivemos por várias vezes vozes independentes de espíritos que se identificaram pelo nome e conversaram com os assistentes. Durante o mês de setembro, pedi a um editor conhecido e a um cientista distinto que examinassem o meu trompete antes da sessão — estava naturalmente seco. Quando a sessão terminou, pedi-lhes novamente que o inspecionassem, e verificaram que o interior estava húmido. Isto deve-se simplesmente ao facto de o espírito necessitar de materializar os órgãos vocais e respirar para produzir a voz.

Considero imperativo tornar públicos os detalhes da sessão de Nova Iorque e expor claramente a base frágil sobre a qual assenta a acusação de fraude do Sr. De Wyckoff contra Valiantine.

Se o Sr. De Wyckoff tiver algo mais a dizer, que o diga em público. É um visitante frequente deste país e eu estarei a dar conferências no Steinway Hall a 30 de outubro, e para os membros da *Irish Literary Society* a 15 de novembro. Pode encontrar-me. Estou disposto a debater com ele em qualquer palco, em qualquer tribunal ou na imprensa. Se entretanto mudou de opinião e não deseja aceitar o meu desafio, seria de bom-tom — se

for sincero no seu interesse pelos estudos psíquicos — que apresentasse a George Valiantine um pedido de desculpas pelo dano que poderá ter-lhe causado.

Mas, infelizmente para o Sr. Bird e o Sr. De Wyckoff — estranhos aliados! — a questão não terminou aí.

Um ou dois dias após a publicação desta carta, recebi a visita do Capitão Ben Hicks, que acabava de regressar do continente e lera a minha carta na *Light*. Deu-me novos pormenores que sustentavam a minha posição e, além disso, escreveu à *Light* o seguinte:

"THE CARLTON HOTEL
PALL MALL, S.W."

"Li com grande interesse a carta do Sr. Dennis Bradley sobre a sessão realizada no Hotel St. Regis, em Nova Iorque, no dia 10 de abril deste ano."

"O Sr. Bradley refere-se ao facto de eu ter encontrado dois dos participantes que estavam a jantar no restaurante nessa noite, e que foram convidados pelo Sr. Allan Miller a assistir à referida sessão..."[2]

[1] *Comentário de Mrs. Bradley sobre a tentativa de exagero por parte de De Wyckoff.*
[2] *Início do testemunho público do Capitão Ben Hicks em apoio a Bradley.*

"Esses dois senhores, de nome Sr. Henry Anchester e Sr. Seamans, são amigos íntimos meus e, tendo recebido deles um relato direto e pessoal do que se passou, peço licença para apresentar pormenores ainda mais completos do que os fornecidos pelo Sr. Bradley."

"Contaram-me que, na noite de 10 de abril, estavam a jantar num pequeno restaurante em frente ao Hotel St. Regis, já quase a terminar a refeição. O Sr. Joseph De Wyckoff e o Sr. Allan Miller também jantavam no mesmo local. O Sr. Miller, afastando-se do Sr. De Wyckoff, dirigiu-se aos meus amigos e disse: *'Tenho uma proposta um tanto invulgar. O meu amigo, Sr. De Wyckoff, vai realizar uma sessão espírita nos meus aposentos no Hotel St. Regis; gostariam de assistir?'* Eles responderam: *'Nunca fomos a uma coisa dessas, mas gostaríamos certamente de ir.'* O Sr. Miller disse-lhes que também nunca tinha assistido a uma sessão e acrescentou que se sentia ligeiramente nervoso com esse tipo de coisa."

"Os senhores foram então apresentados ao Sr. De Wyckoff e todos se dirigiram aos aposentos do Sr. Miller, no St. Regis. Verificaram-se manifestações tão surpreendentes e convincentes que um dos participantes, o Sr. Anchester, teve de abandonar a sessão antes de esta terminar e, de facto, desmaiou no átrio do hotel. Pouco depois, juntou-se a ele o Sr. Seamans, que também saiu antes do fim por se sentir algo assustado. Ambos me disseram que aquela sessão foi a coisa mais maravilhosa que alguma vez presenciaram."

"O Sr. Bradley informa-me agora que o Sr. De Wyckoff alega ter desmascarado George Valiantine como sendo uma fraude. Tal alegação não assenta em qualquer fundamento concreto, mas apenas num incidente ridículo ocorrido depois de os meus amigos terem deixado a sala. Segundo entendo, o Sr. De Wyckoff acendeu subitamente um fósforo enquanto Valiantine colocava o trompete direito, após este ter caído ao lado da sua cadeira.

Isto não constitui qualquer prova de fraude. Pelo contrário, a ação do Sr. De Wyckoff, ao acender um fósforo quando Valiantine podia estar em transe, foi extremamente imprudente e, como o próprio sabe bem, poderia ter sido perigosa para a saúde — ou até para a vida — do médium. É surpreendente que o Sr. De Wyckoff tenha assumido deliberadamente tal responsabilidade."

"Conhecendo o Sr. De Wyckoff como conheço, e tendo grande apreço pela sua inteligência e pelo seu conhecimento do mundo, não consigo conciliar as suas afirmações atuais com o que me disse no passado. Ao longo de quatro anos, esteve em contacto próximo com George Valiantine e descreveu-me pessoalmente, por diversas vezes, os factos maravilhosos e indiscutivelmente evidenciais que recebeu através da mediunidade deste. É, por isso, inexplicável que agora o ataque, já que, ao longo desse tempo, teve mais do que oportunidades para formar um juízo claro sobre a autenticidade ou não de Valiantine."

"Se Valiantine conseguiu enganar com sucesso o Sr. De Wyckoff durante quatro longos anos, então deve possuir a mente mais extraordinária de que há registo."

"Há um ponto que lamento profundamente ter de referir. Parece-me haver um motivo oculto por detrás do ataque do Sr. De Wyckoff à integridade e honestidade de George Valiantine. Se assim for, no que respeita ao estudo psíquico do Sr. De Wyckoff, tal atitude só pode ser considerada como suicídio espiritual."

"Se me é permitido dizê-lo, considero ter um conhecimento bastante considerável da investigação psíquica nas suas diversas formas. Tive o privilégio de participar em sessões com George Valiantine, na presença tanto do Sr. De Wyckoff como do Sr. Bradley, e durante essas sessões recebi provas pessoais extraordinárias. Sou, por isso, forçado a rejeitar por completo a acusação do Sr. De Wyckoff e a afirmar o meu juízo de que Valiantine não só é genuíno, como é um médium com capacidades notavelmente desenvolvidas."[1]

Esta carta foi composta para impressão, e uma prova tipográfica foi enviada ao Capitão Hicks no Carlton Hotel, em Londres, a 18 de outubro, para correções, se necessárias.

Curiosamente, foi precisamente nesse momento que o Sr. De Wyckoff chegou da América a este país, tendo encontrado por acaso o Capitão Hicks. Os dois tiveram uma longa conversa. O Capitão Hicks mostrou-lhe a prova da carta; o Sr. De Wyckoff tentou persuadi-lo a não a publicar, dizendo que faria uma explicação pública.

Isto, porém, nunca aconteceu, embora as colunas da revista *Light* lhe estivessem abertas para apresentar uma justificação adequada ou oferecer um pedido público de desculpas.

Publico todos os pormenores deste caso porque é de suma importância demonstrar que esta não é a primeira vez que se fazem acusações levianas, que médiuns poderosos e respeitados são desacreditados e arrasados, e que toda a ciência da investigação psíquica é prejudicada.

Este capítulo termina com uma nota de comédia, pois — por estranho que pareça — pouco tempo após esta polémica, o Sr. Malcolm Bird mudou completamente de opinião, e desde

então tem dado palestras na América sobre a veracidade dos fenómenos psíquicos. É atualmente secretário da *New York Society for Psychical Research*. Afirmou acreditar no supranormal, e apresento-lhe aqui as minhas felicitações pela sua conversão.[2]

CAPÍTULO VIII
PERDA DE TEMPO

Alguns pensamentos característicos sobre tolos e charlatães — A médium que vendava os olhos e proferia "disparates inenarráveis e sem sentido" — O investigador revolta-se "com truques vulgares concebidos para impressionar os fracos e crédulos."

Outubro de 1924

Seria tolice negar que existe fraude em todas as profissões. Existem muitos médiuns fraudulentos, mas a maioria destes recorre à forma mais fácil do que se designa por "mediunidade clarividente".

A natureza humana continua a ser crédula — apesar das altas opiniões que alguns opositores do espiritualismo têm de si próprios — e só um tolo faz o seu testamento sozinho, ou guarda notas do Tesouro debaixo da almofada, só porque, ocasionalmente, um advogado é expulso da ordem ou um gerente de banco foge com o dinheiro. Assim, só um tolo condena uma grande área de estudo com base em casos isolados de charlatanismo e embuste por parte de alguns vigaristas que se dizem seus peritos.

No decurso das minhas investigações, cruzei-me com mais de um médium que despertou o lado mais desconfiado da minha natureza — e talvez interesse ao leitor comum conhecer um exemplo típico de uma sessão que, no mínimo, me despertou suspeitas e provocou o meu desprezo.

Em meados de outubro de 1924, recebi uma carta de um dos mais persistentes investigadores de pesquisa psíquica, na qual dizia ter ouvido falar de uma médium clarividente que residia em Londres, mas que ainda não tivera oportunidade de testar os seus poderes. Perguntava-me se eu gostaria de a visitar e conduzir uma experiência, pois ele próprio estava demasiado ocupado naquele momento.

A fama dessa médium parecia ter-se espalhado de tal modo que chegara até círculos verdadeiramente interessados na exploração deste novo mundo, e por isso considerei aconselhável visitá-la e recolher dela o eventual conhecimento adicional que pudesse transmitir-me.

Foi então marcada uma reunião, e, acompanhado por outro homem, visitei-a. Mantive uma breve conversa inicial com ela e concluí que se tratava de uma das típicas médiuns profissionais clarividentes — a forma mais inferior, que por vezes entra em conflito com as autoridades, devido à definição legal de adivinhação, e que, em geral, cobra uma guiné por sessão.

Antes de iniciar, a médium procedeu a vendar os olhos, dizendo-me que entraria em transe, no qual seria controlada por uma personagem estrangeira.

Passou cerca de um minuto, e então começou a falar num inglês claramente entrecortado — mas a voz e o sotaque eram inequivocamente os seus.

Não me pareceu, em momento algum, estar em transe. Durante vinte minutos ouvi os mais inenarráveis e sem sentido disparates, com a médium a sugerir nomes atrás de nomes, que nada me diziam. Notei que todos os nomes eram do tipo mais comum — João, Pedro, Paulo, Guilherme, Eduardo, Artur, e assim por diante. Não conseguindo atingir o registo masculino, tentou então o feminino, oferecendo os nomes habituais, nenhum dos quais me era familiar.

Após suportar este processo durante meia hora, surgiu um nome — igualmente comum — que poderia, por hipótese, aplicar-se ao homem que me acompanhava. Mas não foi dada qualquer outra evidência de identidade, e teria sido pura credulidade da sua parte aceitar tal nome como prova, visto que, quando se perguntou pela causa da morte, a médium mencionou praticamente todas as doenças humanas conhecidas. [3]

[1] *Testemunho do Capitão Hicks, reforçando a credibilidade de Valiantine e revelando inconsistências na conduta de De Wyckoff.*
[2] *Referência irónica à mudança de opinião de Malcolm Bird e ao seu subsequente envolvimento institucional na investigação psíquica.*
[3] *Crítica à superficialidade e falta de fundamento da atuação da médium clarividente.*

Aborrecido e algo enojado, sugeri que a sessão fosse encerrada. Com a sua própria voz, embora falando como "o controlo", a médium concordou. Pediu-nos que esperássemos até que o transe terminasse. Exprimi a esperança de que terminasse rapidamente — o que, por acaso, aconteceu.

A única coisa que posso conscienciosamente admitir a favor desta médium é que recusou aceitar o pagamento pela deplorável atuação.

Desejo deixar claro que não fui de modo algum hostil para com esta médium. Fui até ela com o genuíno desejo de beneficiar dos poderes que pudesse possuir, mas aquilo a que me vejo forçado a chamar de evidente *falsificação* — para usar um termo cru — começou, com o tempo, a enervar-me.

Só posso afirmar que, se esta mulher possui algum dom mediúnico, ele estava ausente no momento da minha visita e, no seu lugar, fui testemunha relutante do que estou pessoalmente convicto ter sido uma fraude grosseira, concebida para impressionar os fracos e crédulos. No final da sessão, pareceu excessivamente nervosa, como se receasse ter sido desmascarada.

Admite-se alguma indignação perante casos como este, pois são os chamados "médiuns" deste tipo e desta classe que desonram e ridicularizam esta grande ciência, podendo induzir pessoas inexperientes a visitar tais praticantes e, em consequência de uma só mentira insignificante, rejeitar toda a verdade.

Mas, como disse, seria tão absurdo permitir que uma experiência destas afetasse as nossas convicções sobre o estudo em si, como seria deixar que um caixa de banco fraudulento, numa pequena cidade de província, nos fizesse perder a confiança no Banco de Inglaterra.

CAPÍTULO IX
A PROCURA DE RAZÕES

O espírito de Warren Clarke explica por que motivo o autor foi aconselhado a interromper as sessões em Dorincourt, e dá-lhe conselhos sobre uma proposta feita pelo responsável da Society for Psychical Research — É também alertado para certas irregularidades financeiras — Uma pergunta sobre os poderes da mediunidade e a respetiva resposta — Uma previsão da grande convulsão psíquica — "Telepatia: o refúgio banal das almas inquietas."

Terça-feira, 18 de Novembro de 1924

I

Em virtude dos conselhos que tinha recebido, decidi interromper temporariamente as sessões de voz direta. Contudo, era natural a minha curiosidade quanto às razões que motivaram tal recomendação.

Não é que acreditasse — ou acredite — que as sessões tenham efeitos nocivos para a saúde física. Parece, sim, que uma certa quantidade de energia é retirada, sendo depois automaticamente recuperada com o devido descanso. Mas, como expliquei, encontrava-me nessa altura excessivamente sobrecarregado com outras atividades, inteiramente alheias aos meus estudos psíquicos, e estava sem dúvida a sentir o desgaste de um excesso de trabalho.

Com o intuito de compreender em pormenor, se possível, os motivos que levaram à interrupção das minhas sessões de voz direta, combinei uma sessão com a minha esposa na casa de campo da Sra. Leonard, em Hertfordshire, único canal através do qual esperava obter uma explicação completa.

Com exceção de algumas omissões de carácter pessoal, o seguinte é o registo literal do que ocorreu.

II

FEDA (após as saudações habituais): Queríamos que viesses; tanto o Warren como a Annie estão aqui.

WARREN: Há várias coisas sobre as quais queremos conversar contigo. Para começar, não te preocupes com a interrupção das sessões em Dorincourt. Não vais perder o poder; ele não está a evaporar-se — vais ver que estará até muito mais forte mais tarde. O carácter do fenómeno será ligeiramente alterado, mas vais beneficiar com o descanso que agora

estás a ter. Fomos obrigados a interromper as sessões por várias razões. A interrupção não se deveu apenas à tua saúde. Havia outro elemento a interferir, e víamos os planos que algumas pessoas tinham em mente.

Estavas prestes a aceitar fazer uma série de sessões para a *Society for Psychical Research.*[1] Terias ficado perturbado e preocupado se tivesses aceitado. É possível que se gerassem muitas complicações, e havia certos planos a serem preparados para ti. Sentimos que teriam tendência para impor condições absurdas, o que poderia obrigar os guias a suspender os fenómenos. Outros poderiam até tentar anular os fenómenos. Deves deixar essas experiências — sob tais condições — para quando o poder estiver suficientemente forte para resistir a todas as complicações e dificuldades. Mais tarde, serás capaz de te adaptar às condições impostas pelos outros.

H.D.B.: Mas, se tivéssemos concordado em colaborar com a S.P.R., eu teria imposto as condições.

WARREN: Eles não as aceitariam.

H.D.B.: Pensas, então, que teríamos obtido maus resultados?

WARREN: Sem dúvida, e esses resultados teriam influenciado negativamente a controvérsia com De Wyckoff e Valiantine. Já tiveste preocupação e trabalho mais do que suficientes a refutar essas acusações.[2] Além disso, havia várias outras razões que tornaram necessário suspender as sessões. As condições na S.P.R. e a atmosfera geral teriam sido prejudiciais — mesmo para médiuns com poderes plenamente desenvolvidos. Todos os motivos combinados tornaram essencial esta paragem.

MRS. BRADLEY: Disseste que as sessões estavam a ter um efeito nocivo na saúde do Herbert.

WARREN: Sim! Porque, na verdade, ele estava a sofrer com o excesso de trabalho e tentava fazer demasiado. Não teria conseguido continuar nessas condições. Vês, quando o Herbert se dedica ao estudo, entra num estado de tensão e de nervosismo. Se tivesse participado em sessões com a S.P.R., é muito provável que perdesse a paciência, e teria havido uma grande confusão, e com essas pessoas isso pode causar muito dano — especialmente depois do episódio com o Joe.[3] Mais tarde poderá tornar-se mais fácil para o Herbert, quando estiver em condições de enfrentar essas pessoas. Neste momento, tem demasiado em mãos para se lançar nisso.

MRS. BRADLEY: Tens visto o Dennis[4] ultimamente?

WARREN: Oh, sim — tenho estado atento a ele; acompanho-o e dou-lhe umas sacudidelas. Claro que ele quer absorver tudo mentalmente. Tem ambição.

(Aqui seguiu-se uma referência espontânea e voluntária a um certo homem — mencionado pelo nome — que geria grande parte das minhas finanças. Foi uma observação crítica e, vinda de Warren, foi completamente inesperada. Tratava-se de um aviso da maior

importância. Em Fevereiro de 1925, quase três meses depois, descobri que esse homem me vinha roubando há anos, em valores de milhares de libras.)

WARREN (continuando): Entretanto, Herbert, vai com calma durante algum tempo e procura recuperar um pouco o equilíbrio.

Voltando ao teu estado, ultimamente estavas a entrar na mesma condição em que te encontravas quando escreveste o teu último livro — completamente nervoso.

H.D.B.: Gostaria de te perguntar, Warren, algo sobre os poderes mediúnicos. Não temos a certeza se o poder através do qual obtemos as vozes vem da Mabel ou de mim.

WARREN: Tu, Herbert, és o fornecedor do poder e a Mabel é a condutora. O Herbert poderia trocar de função e tornar-se condutor, mas preferimos que ele continue como fornecedor. O poder é então canalizado através da Mabel, e o método que usamos é afastar esse poder o mais possível. Tentamos não fazer com que as vozes se manifestem demasiado perto dela.

[1] *No sábado, 18 de outubro, recebi uma carta de cinco páginas do Sr. E. J. Dingwall, responsável pela investigação da Society for Psychical Research, pedindo que eu e a minha esposa realizássemos uma série de sessões experimentais na sala da sociedade. Já tinha praticamente decidido aceitar. Nessa mesma noite, durante uma sessão em Dorincourt, tanto Annie como Warren disseram que era essencial não realizarmos mais sessões a partir dessa data, até nova autorização.*

[2] *Refere-se às acusações lançadas pelo Sr. De Wyckoff contra Valiantine. Ver Capítulo VII.*

[3] *Sr. Joseph De Wyckoff. Ver Capítulo VII.*

[4] *Dennis Bradley, o autor.*

H.D.B.: Achas que eu poderia obter as vozes sozinho, Warren?

WARREN: Sim! Poderias consegui-lo, mas é muito melhor como uma combinação entre ti e a Mabel.

MRS. BRADLEY: E eu, Warren, conseguiria obter as vozes sozinha?

WARREN: Sim, conseguirias, porque acumulas poder, e em condições normais podes recorrer a esse poder quando o reservatório está próximo de ti. O Herbert é o reservatório e tu, Mabel, carregas a tua aura com o poder dele.

H.D.B.: Depois de me dizeres que não devia continuar a sentar-me por um tempo, foi feita mais uma experiência com a Mabel, sob a sua mediunidade, sem eu estar presente no círculo — nem sequer na sala. Nessa ocasião, estava do lado de fora da porta fechada e ouvi a conversa com várias vozes espirituais. Como estava a funcionar o poder nesse momento?

WARREN: Estava a funcionar de forma intermitente. O poder não fluía regularmente. Tu, Mabel, sentiste uma tração constante, como um esticão.[1] Tinhas algum poder, mas não tão

forte como em condições normais. Há outro ponto que quero abordar relativamente às tuas sessões. Tenho de te dizer que a tinta luminosa que usas neutraliza consideravelmente o poder.

H.D.B.: Sugeres que não a devamos usar?

WARREN: Torna tudo mais difícil para nós. Não usem tanta. Seria melhor experimentarem apenas com alguns pequenos pontos na extremidade do trompete.

H.D.B.: Sabes, Warren, o efeito dessa tinta luminosa era muito impressionante para todos os que se sentavam connosco.

WARREN: Sim, mas estavam a exagerar com a tinta. Explico só entre nós: sempre que usamos poder, se houver alguma luz perto da direção em que o estamos a canalizar, o poder enfraquece; quebra-se. Quando só uma parte do trompete está pintada, temos a oportunidade de nos afastar dele o mais possível. Durante as vossas sessões, usávamos o trompete a partir do interior da extremidade.

MRS. BRADLEY: Quando retomarmos as sessões, a quantas pessoas deveríamos limitar o círculo?

WARREN: Não mais do que duas ou três.

H.D.B.: Podemos incluir o Hannen Swaffer?

WARREN: Sim, penso que ele será adequado, mas nunca devem incluir mais do que uma pessoa que nunca tenha participado numa sessão.

H.D.B.: Sabes, Warren, que o Dennis vai fazer a sua primeira tentativa para obter vozes em Cambridge, no próximo sábado, com dois ou três outros homens. Achas que o podes ajudar?

WARREN: Não posso dizer neste momento quanto poder ele tem, mas tanto eu como a Annie faremos o possível para o ajudar. A mediunidade é uma força ainda por desenvolver. É correto dizer às pessoas — a todas — para fazerem experiências e tentarem desenvolver-se. Os poderes mediúnicos não estão limitados a apenas algumas pessoas extraordinárias. É um poder que existe em todos, e pode ser despertado em qualquer um; é um poder que pode ser cultivado.

H.D.B.: Tens visto o Northcliffe ultimamente?

WARREN: Disse ao Northcliffe que não estavas a sentar-te neste momento. Ele esteve em Dorincourt uma ou duas vezes, mas não tem muita paciência; está ansioso que recomeces.

H.D.B.: Quando achas que seria aconselhável retomarmos?

WARREN: Penso que poderiam recomeçar no início do novo ano.

H.D.B.: Achas que poderíamos recomeçar antes de 20 de Janeiro? De qualquer forma, da minha parte, gostaria de começar bem antes disso, pois o Hannen Swaffer vai dar uma palestra no Queen's Hall nessa data.

WARREN: Conseguirei impressionar a Mabel quando sentir que tudo está bem. Ela é condutora de vibrações sensíveis, mas, a não ser que aconteça algo imprevisto, penso que o novo ano será o momento ideal.

ANNIE (intervindo): Fico contente por ver que estás muito melhor, Herbert. Nem tu nem a Mabel teriam aguentado o desgaste tal como estavam. Quero que, até nova indicação, tenhas muito cuidado com quem tens contigo nas sessões.

H.D.B.: Com que frequência nos aconselhas a fazer sessões?

WARREN: Apenas uma vez por semana, para começar. Vês, estas sessões ainda estão numa fase experimental e, com participantes simpáticos, tudo corre bem, mas qualquer novo participante tende a perturbar as condições. Especialmente quando as vozes tentam dizer algo com valor comprovativo.

H.D.B.: Quanto à Society for Psychical Research, se o Valiantine concordar em fazer sessões com eles, seria aceitável que eu e a Mabel o acompanhássemos?

WARREN: Sim, mas não devem sentar-se sozinhos com a Mabel para eles. Não se deixem levar a prometer isso. Devem construir o poder com o Valiantine. Comecem por fazer experiências com os três.

H.D.B.: Disseram-me que, em regra, são atribuídos guias específicos para a mediunidade de voz.

WARREN: A Annie e eu somos ambos os vossos guias, mas John King é o guia particular que está a ajudar nas manifestações vocais.

FEDA (intervindo): Eu conheço o John King, ele ajuda muitas vezes com as vozes. Foi pirata, mas agora é muito respeitável. Está do outro lado há 200 anos. É uma alma grandiosa. Tem uma voz enorme. É uma mistura do Dr. Barnett com o Kokum. Existe uma espécie de maçonaria entre os guias. John King esteve com um homem chamado Husk. Podem ler sobre ele. Fazia todas as materializações. Quando ele se manifestar convosco, não se surpreendam com a força da sua voz.

MRS. BRADLEY: Tens visto o Bob? E sabes se ele viu a Winifred em Brighton?

WARREN: O Bob esteve com eles e participou em experiências muito interessantes. Ficou encantado com essa senhora. Gosta dela; é uma boa alma. O Bob diz: "Digam-lhes que ela está no bom caminho. Enviem o meu amor — o melhor amor — à Alice e digam que tentei enviar-lhe uma mensagem através dessa senhora."

Tem havido uma certa reunião de guias à volta deles para ver se os podem desenvolver mais tarde. O Bob diz que o poder psíquico nas mulheres é mais mental — áurico.

O Bob ficou preocupado porque a Alice se sentia com frio. Diz que a Alice tem mais poder do que a Winifred. Podem dizer-lhe isso? Ela sente o Bob quando ele está perto dela — de forma curiosa, como se ele a envolvesse. Nesses momentos, sente como se o seu rosto já não fosse bem o seu.

Sente como se parte dele se tivesse afastado. Isso acontece quando o Bob está na sua aura. Há vinte anos, poderia ter desenvolvido um grande poder.

H.D.B.: Tens estado com o Pat ultimamente?

WARREN: Sim! E a Annie também.

H.D.B.: Claro que o Pat nunca conheceu a Annie em vida.

ANNIE: Mas agora conhece-me melhor do que se me tivesse conhecido cá. O Pat poderá receber inspiração. Daqui a algum tempo terá um guia que se manifestará através dele.

MRS. BRADLEY: Ele vai cantar?

ANNIE: Sim, entende de ritmo. Será bom em música e pintura, embora o desenho não seja o seu dom natural.

H.D.B.: E quanto ao Dennis?

ANNIE: O Warren e eu estamos muitas vezes com ele e, por vezes, conseguimos impressioná-lo, mas não é tão fácil como com o Pat. Vês, este conhecimento chegou ao Dennis mais tarde, quando outras ideias já estavam enraizadas. Agora, o Dennis tem alguma dificuldade em conciliar esta nova ideia com as suas impressões anteriores.

No que diz respeito às experiências psíquicas, impedirei o Dennis de continuar, a menos que ele sinta que são para seu bem. Tens de dizer-lhe que raciocine por si próprio, que prove que a inspiração certa lhe será concedida. Neste momento, ele não tem certezas, e não é correto que participe nas sessões se não sentir que é absolutamente certo fazê-lo. Deve primeiro decidir-se com firmeza e, só depois, avançar. Tem um temperamento notável, mas, por vezes, esse mesmo temperamento complica-lhe as coisas. É inteligente, mas não seria bom para a sua mente estar dividida neste momento. É muito impressionável, mas por vezes opõe uma grande resistência às impressões. Deve tentar encontrar-se a si próprio.

O Herbert, claro está, tem total confiança em si mesmo, e as sessões com Valiantine ajudaram-no enormemente. Foi uma combinação esplêndida.

H.D.B.: É por isso que considero a mediunidade a maior coisa que o mundo alguma vez conheceu.

WARREN: Sim, mas muitas vezes há uma grande dificuldade em fornecer a energia necessária.

H.D.B.: Penso que, apesar das dificuldades, o trabalho que a Mabel e eu realizámos sozinhos nas nossas sessões recentes em Dorincourt obteve resultados extraordinariamente bons. O que verificámos foi que todos os que lá foram não só ficaram

espantados, como absolutamente convencidos da sobrevivência. Pareciam maravilhar-se ainda mais por não haver nenhum médium profissional presente.

1 O meu filho mais novo.

WARREN: Sim! Conseguiram obter resultados magníficos.

H.D.B.: De qualquer modo, pôs toda a gente do West End a falar — não que o West End conte assim tanto no grande esquema.

WARREN: Sim, e até fez com que o "Velho A" abrisse os olhos de espanto. Já impressionámos um grande número de pessoas e, mesmo que terminasses agora, já terias feito uma grande obra.

H.D.B.: Estiveste na Sociedade Literária Irlandesa no sábado passado, Warren? *1*

WARREN: Sim, e achei que eram incrivelmente ignorantes, mas houve um homem que ficou completamente abalado — o homem corpulento que estava sentado perto de ti. Parecia dizer para si mesmo constantemente: "Valha-me Deus!" Era como uma nota de exclamação permanente.

H.D.B.: Receio que, depois da palestra, quando começou o debate, fui um pouco brusco nas respostas a algumas perguntas.

WARREN: Sim, acho que podias ter tornado as respostas um pouco mais elegantes; foste algo abrupto, mas muitas das perguntas que fizeram eram particularmente estúpidas. Com certeza alguns deles poderiam ter lido algo sobre o assunto. Eu via-te a ficar cada vez mais roxo. Houve um homenzinho particularmente estúpido — mais um mosquito; nunca deve ter pensado. Se tivesse estado em Dorincourt durante dez anos de experiências, continuaria sem saber nada. Tem uma mentalidade como um pedaço de algodão húmido. O homem corpulento não era tão mau, mas no geral eram um grupo bastante estranho. No entanto, apesar de tudo isso, o impacto sobre eles foi muito grande.

H.D.B.: De qualquer forma, não quero fazer mais palestras por agora. Quero descansar um pouco.

1 Fiz uma palestra para os membros da Sociedade Literária Irlandesa no sábado, 15 de Novembro.

WARREN: Não podes ter descanso; serás ressuscitado muito em breve, e é completamente diferente de realizar sessões. É um trabalho árduo, mas é trabalho honesto.

H.D.B.: Estiveste no Steinway Hall? *1*

WARREN: Sim, estávamos todos lá. Correu esplendidamente. O Pastor, Drayton Thomas, disse que foi magnífico.

H.D.B.: Sabes, Warren, nunca utilizo os psíquicos para fins materiais, mas, ao mesmo tempo, quero fazer-te uma pergunta. Lembras-te de quinta-feira passada, por volta da uma e quinze da tarde, em condições peculiares, quando te pedi para impressionares o Sirett?

WARREN: Sim, lembro-me perfeitamente. Fui eu que te coloquei isso na mente para me pedires.

H.D.B.: Na verdade, de uma forma um tanto estranha, senti simplesmente que gostaria de receber esse sinal.

WARREN: Sim, e conseguimos dá-lo. Foi apenas um símbolo de poder — para te mostrar que podes estabelecer ligação connosco. Mesmo quando as coisas estão a correr mal. Às vezes conseguimos fazer isso de forma extraordinária.

H.D.B.: Sabes, Warren, que todos os dias digo "Bom dia" a ti e à Annie. Ouvem-me?

WARREN: Sim, claro que te ouço. Ouço-te quando vais a caminhar. 2

MRS. BRADLEY: Sabes que o Dennis recebeu uma proposta para entrar no negócio editorial?

WARREN: Sim! Mas não estou a levar isso muito a sério. Em todo o caso, não estou muito entusiasmado com essa ideia para ele.

H.D.B.: Ouvi de várias fontes, Warren, e foi-me indicado durante as sessões de Fevereiro passado, pelo Dr. Barnett, que vai haver uma grande convulsão física nos próximos anos. Podes dizer-me se sabes algo sobre isso?

WARREN: Sim! Vês, o mundo, neste momento, está espiritualmente num caos. O Doyle foi informado dessa convulsão e acertou em grande parte, mas tende a exagerar bastante. Virá uma grande agitação no Universo.

1 Fiz uma palestra no Steinway Hall a 30 de Outubro.
2 Isto é correto, visto que normalmente saúdo-os enquanto caminho sozinho por uma estrada de campo, longe de minha casa.

MRS. BRADLEY: Apenas uma agitação espiritual?

WARREN: Não, também mental e física. Uma grande convulsão psíquica terá reflexos no físico. O Herbert sente que as pessoas têm de ser sacudidas desta apatia terrível. Olha para aquelas pessoas da Sociedade Literária Irlandesa; olha para os anos que tiveram para estudar. São todos instruídos, tiveram muitas oportunidades na vida, e no entanto parecem nada saber de verdadeiro valor. Parece inútil esperar que as suas mentes evoluam gradualmente. Demoraria demasiado tempo.

Estas grandes manifestações psíquicas podem surgir sob formas peculiares de agitação. Serão psíquicas e super-físicas. Haverá tempestades — grandes tempestades — ventos fortes, terramotos e maremotos.

H.D.B.: Podes indicar o período em que devemos esperar estas manifestações?

WARREN: Pode ser no próximo ano ou dentro de dois anos.

MRS. BRADLEY: Em que parte do mundo?

WARREN: Especialmente na Europa. Mas a Europa não será destruída. Nem a Inglaterra. A convulsão será mais notória e impressionante do que qualquer outra anterior. O número de mortos não será muito superior ao da grande epidemia de gripe que ocorreu há alguns anos. Essa, de certo modo, foi uma convulsão, mas as pessoas encararam-na como uma espécie de constipação glorificada. Com a próxima convulsão haverá terramotos em Inglaterra, e a grande maioria das pessoas ficará aterrorizada — os cabelos hão de levantar-se-lhes.

Esta convulsão física e psíquica será um sinal espiritual, e muitas manifestações virão do nosso lado. Então o mundo saberá que os espíritos existem. Esses grandes sinais psíquicos surgem em tempos de calamidade; após guerras e durante elas. Embora a guerra seja profundamente antiespiritual, mesmo assim muitos dos pobres soldados na frente tiveram manifestações.

Tu, Herbert, terás o poder de consolar as pessoas e ajudá-las a suportar este tempo de pânico.

H.D.B.: Que queres dizer, Warren? Com os líderes?

WARREN: Sim! O Doyle poderá liderar, se conseguir manter a saúde. O Doyle liderará no plano espiritual. Tu e a Mabel poderão mostrar que a comunicação com os espíritos é possível. Podereis livrá-los de grande parte do medo da morte. Vários espíritos falarão através de vós, e durante o período desta convulsão os Santos falarão a muitas pessoas, mas só virão àqueles que estiverem prontos para os receber.

(Uma ligeira pausa.)

WARREN: O Mestre regressou àqueles que o seguiram na Terra.

H.D.B.: Durante este período, será concedida proteção física àqueles que prestam serviço?

WARREN: Sim! Não têm nada a temer. Ajudaremos os quatro — tu, a Mabel, o Dennis e o Pat. Protegeremos aqueles que nos estão a ajudar, e essa proteção será física, mental e espiritual. Tu, Herbert, terás de viver o máximo possível. Temos muito trabalho para ti.

(Aqui, o Warren falou com a Sra. Bradley sobre o estado da sua saúde. É-me impossível fornecer estes detalhes, mas foi uma análise notável e importantíssima da sua condição, e discutiu-se o tratamento. A minha irmã Annie manifestou-se e aprofundou os detalhes com ela, dando-lhe conselhos sobre o assunto. Foram discutidos certos assuntos e fornecidas informações corretas, das quais nem eu próprio tinha conhecimento.)

H.D.B.: Podes dizer-me como está a Gertrude?

ANNIE: Está um pouco melhor.

H.D.B.: Achas que vai recuperar?

ANNIE: Não posso dizer, mas está certamente melhor do que antes.

MRS. BRADLEY: Podes dizer-me que efeito está a ter o tratamento por pneumotórax?

(Aqui, Warren juntou-se à conversa com a minha irmã. Explicaram minuciosamente o estado da Gertrude, abordaram dois tipos distintos de enfermidade e explicaram as dificuldades do tratamento, que ajudaria num caso mas prejudicaria no outro, e também a necessidade de se ter extremo cuidado na aplicação desse tratamento. Disseram que uma das duas enfermidades estava a desaparecer, o que era positivo, pois estava a consumir imensamente as forças do seu organismo.) *1*

WARREN (no final da discussão): Nunca imaginei, há uns anos, Mabel, que me veria aqui a falar de órgãos internos.

Quero dizer que me sinto bastante mais tranquilo em relação à Dorothy, e também que "o velho" animou-se consideravelmente.

H.D.B.: Provavelmente foi por causa da Ida ter falado com eles. Estavas presente?

WARREN: Sim, mas não exatamente como cúmplice, embora sejamos espertos. Conseguimos impressionar a Ida quanto ao que devia dizer-lhes.

H.D.B.: Achas que a Ida tem probabilidade de desenvolver poderes de mediunidade?

WARREN: Não posso afirmar com certeza. Nos novos médiuns, o processo demora muito mais. Sabes que ela ficou profundamente impressionada com as experiências em Dorincourt.

MRS. BRADLEY: Sim, mas parecia muito nervosa.

H.D.B.: Quando retomarmos as sessões, achas que devemos continuar as experiências com a banda de jazz? Como sabes, não sou particularmente entusiasta dos fenómenos físicos, mas constatei que deixam as pessoas espantadas.

WARREN: Acho que deves continuar como começaste, mas não coloques tanta daquela tinta neles. Cuido muito das minhas mãos agora.

(Aqui, o Warren interrompeu-se para dizer que o Tanner estava a progredir muito bem. *2* Acrescentou também que poderíamos esperar em breve alguns sinais de De Wyckoff, e que este se encontrava num estado de espírito mais humilde.) *3*

WARREN: Todo o meu amor para vós dois, e para o Dennis e o Pat. Aqui terminou a sessão.

1 O diagnóstico apresentado foi absolutamente correto, e menos de uma semana após esta sessão recebi uma nota da Gertrude, na Suíça, dizendo que os médicos tinham decidido interromper o tratamento.
2 O espírito referido no meu último livro.

3 Posteriormente, De Wyckoff tentou duas vezes retomar a amizade com Valiantine, mas este ignorou-o.

III

Nesta sessão, com quase nenhuma pausa, as comunicações e conversas com Warren Clarke e Annie prolongaram-se por mais de duas horas. Trata-se de um bom exemplo dos poderes notáveis que invariavelmente se manifestavam sob a mediunidade da Sra. Leonard.

É fácil perceber como era da maior importância para mim compreender não só a razão precisa da interrupção das sessões de voz direta em Dorincourt, como também determinar, se possível, o momento mais indicado para as retomar. Após a interrupção de 18 de Outubro, compreendi plenamente que era essencial fazer uma pausa devido ao excesso de trabalho. No entanto, surpreendeu-me ser informado por Warren de que havia uma razão adicional para a interrupção: estava prestes a aceitar participar em sessões para a Sociedade para a Investigação Psíquica.

Sempre segui implicitamente os conselhos dados pelos espíritos, e nunca fui induzido em erro. Por isso, assim que recebi esta comunicação, decidi imediatamente que não faria sessões com a minha esposa para essa sociedade até que o poder estivesse mais plenamente desenvolvido, e até que recebesse autorização para o fazer. A forma como Warren abordou os poderes mediúnicos é interessante, e, a partir destas comunicações, estou convencido de que num futuro próximo os poderes da mediunidade serão explicados cientificamente de forma que todos possam compreender os métodos de produção dos fenómenos.

Foi igualmente interessante tomar conhecimento da forma dual da mediunidade entre mim e a minha esposa — sendo eu o fornecedor e ela a condutora. Foi instrutivo saber que, de algum modo, se criou em mim um reservatório de energia de onde se pode retirar.

As observações do Warren sobre a tinta luminosa utilizada na trombeta e noutros instrumentos têm um valor prático considerável. Explicam, em grande medida, por que razão a escuridão total ajuda os espíritos a materializar as suas vozes e a comunicar connosco.

A teoria que eu próprio formulara — de que praticamente toda a gente possui um poder latente de mediunidade, em alguns casos muito pouco desenvolvido e noutros mais avançado — foi confirmada. É, como diz Warren Clarke, uma força grandiosa e por explorar, cujo uso apenas alguns de nós começam agora a descobrir.

Nos últimos setenta anos, muitos dos grandes cientistas do mundo estudaram médiuns, os seus métodos, os seus poderes e os fenómenos produzidos, mas nenhum deles experimentou desenvolver-se a si próprio. Todos deviam experimentar. Sem experiência, nada podemos aprender. Os poderes mediúnicos, como diz Warren, não estão limitados a um punhado de pessoas extraordinárias; dezenas de milhares de pessoas poderão possuí-los, mas estão por cultivar — e sem cultivo, não é possível que se desenvolvam.

A comunicação com os espíritos, nas suas próprias vozes, poderá, dentro deste século, tornar-se tão simples como o telefone ou a rádio. Na verdade, parece-me tratar-se de uma nova e fenomenal forma de comunicação sem fios.

Não há dúvida de que um participante novo e inexperiente tem, por vezes, um efeito peculiar sobre as comunicações, e pode mesmo perturbar a força de comunicação. Isso explica por que, em tantos casos registados no passado, quando um médium é submetido a condições de teste perante um grupo de investigadores, para reproduzir fenómenos que já foram provados com outros participantes experientes, os resultados, nessas novas condições, são muitas vezes totalmente negativos ou extremamente fracos.

A forma como Warren criticou o público da Sociedade Literária Irlandesa provou que esteve presente. As duas ou três figuras que mencionou foram imediatamente reconhecíveis para mim. Não foi propriamente elogioso nas suas críticas, mas tinha razão. No debate que se seguiu à minha palestra, houve dois ou três discursos brilhantes, mas os restantes foram lamentavelmente estúpidos e demonstraram uma total falta de compreensão ou inteligência.

O episódio do Sirett foi espantoso. Demonstrou o conhecimento de Warren Clarke sobre algo que ocorreu de forma peculiarmente dramática. Sobre este incidente não posso dizer mais nada.

Pelo facto de, a partir de várias fontes psíquicas nos Estados Unidos, em Inglaterra, em França e na Alemanha — totalmente independentes e sem qualquer ligação entre si — terem vindo, ao longo do último ano, comunicações relativas a uma grande convulsão num futuro próximo, coloquei uma pergunta. É perigoso fazer profecias, e os próprios espíritos não conseguem prever o futuro com certeza. Mas, dado que esta possibilidade se tornou praticamente um rumor à escala mundial, decidi perguntar. Quer essa convulsão referida por Warren — em termos prudentes — venha a acontecer ou não, isso não afetará a evidência incontestável da comunicação direta com os espíritos.

O diagnóstico da condição de Gertrude — que, no momento em que escrevo, ainda se encontra na Suíça — foi correto em todos os detalhes, revelando um conhecimento absoluto e íntimo, para lá do que nós próprios detínhamos. Foram descritos os efeitos prováveis de uma certa forma de tratamento que lhe estava a ser administrado à data da sessão, bem como os efeitos que realmente estava a produzir. Os médicos, ao descobrirem esses efeitos, suspenderam esse tratamento algumas semanas depois. Trata-se de uma prova única de conhecimento sobre-humano.

Se formos ingénuos ao ponto de supor que mesmo uma parte mínima das comunicações — sendo que a maioria transmitiu informações além do meu conhecimento — feitas nesta sessão se deveu à telepatia humana, essa teoria primitiva que ainda é teimosamente sustentada por muitos cientistas e por uma parte dos membros da Sociedade para a Investigação Psíquica, então tudo o que posso dizer é que os resultados dessa forma de telepatia, mesmo aplicados apenas a essa parte mínima das comunicações, foram

extraordinariamente brilhantes, e sobressaem de forma assombrosa quando comparados com as experiências triviais conduzidas pelo Professor Gilbert Murray e por Lord Balfour na leitura de pensamentos, cujos resultados foram publicados em Dezembro de 1924 — e que não podem senão ser considerados como deploravelmente infantis.

Nos últimos dois anos, tenho mantido uma comunicação constante com o espírito da Annie e com o espírito do Warren Clarke. Em determinadas condições, é muito mais fácil falar longamente com ambos do que com qualquer ser humano. Mesmo os investigadores psíquicos e espiritualistas poderão perguntar-se como é possível que estas comunicações sejam tão extraordinariamente completas.

A razão é que não só estou em sintonia com ambos, como também as nossas mentes estão em harmonia. É perfeitamente natural que receba as informações que recebo deles. A razão de muitas falhas poderá ser que muitos dos que participam em sessões não estão — e talvez não possam estar — em sintonia com os espíritos que tentam comunicar. Não estão habituados ao espírito ou espíritos comunicantes, nem os aceitam na mesma medida em que eu os aceito. Por conseguinte, a harmonia é menor, e a vibração mental mais frágil, tornando a informação recebida mais débil em conteúdo.

Afinal, esta é uma situação a que estamos habituados na vida presente. A empatia — ou compreensão, ou afinidade, chame-se como se quiser — faz com que estejamos infinitamente mais em sintonia com algumas pessoas do que com outras, e com essas pessoas partilhamos frequentemente um entendimento comum de ideias e circunstâncias, mesmo sem palavras. Não se trata de telepatia; talvez se possa descrever antes como uma visão comum, baseada numa empatia comum.

A telepatia, claro está, é o refúgio banal das almas inquietas que, por alguma razão inexplicável, recusam sequer a ideia da sobrevivência e da possibilidade de comunicação com aqueles que já partiram desta vida. Regra geral, no entanto, evitam cuidadosamente definir o que entendem por telepatia. Percebe-se que "telepatia" se tornou um chavão conveniente, que afasta de imediato o incógnito — e, portanto, o desconfortável.

Nenhuma teoria telepática pode explicar o fenómeno da voz direta. Nenhuma teoria telepática pode explicar o fenómeno da mediunidade em transe da Sra. Leonard. Nenhum cientista moderno fará progressos reais na investigação psíquica enquanto não abandonar as teorias negativas da telepatia e da mente subconsciente aplicadas à comunicação direta com os espíritos. Ambas essas teorias foram absolutamente refutadas pelas evidências acumuladas nos últimos anos.

CAPÍTULO X
UMA SÉANCE DE MEDIUNIDADE DE VOZ

Uma correspondente escocesa chama a atenção do autor para as irmãs Moore — Arthur Brandise na propriedade do Sr. De Wyckoff — Provas inquestionáveis obtidas — O segredo

para obter poder mediúnico.
20 de Novembro de 1924.

I

Uma correspondente na Escócia informou-me de que duas médiuns escocesas, as senhoras Moore, se encontravam de visita a Londres. Disse-me também que as considerava as melhores entre as poucas médiuns de voz direta do norte da Grã-Bretanha. As sessões foram organizadas pela Srta. Estelle Stead, e foi através dela que marquei um encontro para mim e para a minha esposa. No entanto, à última hora, a minha esposa não pôde acompanhar-me, pelo que levei outra senhora, a quem chamei "Srta. M.B." A sessão teve lugar em 5 Queen's Square, Westminster. Sou pessoalmente conhecido da Srta. Stead, mas apresentei-lhe a senhora sob pseudónimo.

Não estavam presentes mais participantes além de mim e da Srta. M.B.

As senhoras Moore realizam as suas sessões em escuridão total, à semelhança de George Valiantine.

Formámos um círculo de quatro, com a trombeta colocada ao centro, longe de todos. Tocava música numa caixa de música. Passados alguns minutos, um dos guias espirituais das médiuns manifestou-se e falou durante algum tempo. Foi seguido por outro guia, chamado Angus, que também nos dirigiu a palavra. Depois, surgiu um espírito que se dirigiu à senhora que me acompanhava, chamando-a pelo nome próprio. O espírito identificou-se como Diana, prima da senhora, falecida há alguns anos. A conversa, com conteúdo comprovativo, durou dois a três minutos, sendo a voz razoavelmente clara e distinta. A identificação foi completa. Outro espírito dirigiu-se à minha amiga pelo seu nome correto. Desta vez, tratava-se de uma voz masculina, que se identificou como Cyril ------. 2 Embora o Cyril, em vida, não tivesse grande intimidade com a senhora, deu-se o reconhecimento e foi estabelecida a identidade.

Um espírito, falando com voz materializada, dirigiu-se a mim como "Sr. Bradley".

H.D.B.: Quem és tu?

ESPÍRITO: O meu nome é Arthur. Falei contigo na América.

H.D.B.: Estavas vivo na Terra quando falaste comigo pela última vez?

ESPÍRITO: Falei contigo numa sessão lá. Não te lembras que estava a falar sobre a Propriedade?

H.D.B.: És o Arthur Brandise? 2

ESPÍRITO: Sim. Não creio que a Propriedade seja de grande utilidade para o Joe. 3 Ele sente-se muito só lá. Alguém devia dizer-lhe para se livrar dela.

Depois de Arthur Brandise ter partido, manifestou-se o espírito da avó da minha amiga, com quem conversou longamente sobre assuntos pessoais.

A sessão foi curta mas bem-sucedida, especialmente considerando que não havia qualquer possibilidade das médiuns conhecerem a senhora que me acompanhava. Foi a primeira sessão a que a minha amiga alguma vez assistiu. Ficou algo espantada com os resultados.

As senhoras Moore são, sem dúvida, médiuns fiáveis.

II

O estudo da mediunidade e dos seus métodos — especialmente da mediunidade de voz direta — é de grande interesse para mim, além de ter um valor científico considerável para o mundo.

Pedi, portanto, às senhoras Moore, que terão cerca de trinta anos, que me fornecessem pormenores sobre o seu percurso e me dissessem como descobriram o seu dom.

1 Nome completo fornecido.
2 Quase não me lembrava deste episódio até ele mencionar a Propriedade, pois, na altura, não lhe atribuí grande importância. Está, no entanto, registado no Capítulo II de "Towards the Stars". Dei uma pista aqui, fornecendo o nome completo.
3 O Sr. Joseph De Wyckoff.

Até há nove anos, em 1917, nenhuma delas tinha qualquer interesse no espiritualismo. Na segunda metade desse ano, foram apresentadas a uma família de espiritualistas, com quem começaram a participar em algumas reuniões e sessões. O interesse foi crescendo e, algum tempo depois, iniciaram uma série de sessões de escrita automática, embora com resultados pouco encorajadores.

Numa dessas sessões, receberam a orientação para passarem a sentar-se regularmente no escuro, com uma trombeta, a fim de desenvolverem a mediunidade de voz direta. Os comunicadores garantiram que esse dom podia ser desenvolvido, e essa afirmação foi depois confirmada por um médium em transe a falar num palco público. Decidiram, então, tentar obter a voz direta e formaram um círculo familiar com os seus amigos. Sentaram-se durante alguns meses com esse grupo, mas sem resultados.

As sessões experimentais foram então suspensas devido a doença. Mais tarde, formaram um novo círculo em casa de um amigo. Passaram a reunir-se semanalmente durante vários meses, até que algo finalmente aconteceu. Começaram a ouvir-se leves batidas na trombeta. Consideraram este sinal animador, ainda que subtil — e a animação era, de facto, necessária, pois a experiência de sentar-se tanto tempo sem qualquer progresso estava a pôr a sua paciência à prova.

Esse sinal ténue, por mais trivial que possa parecer, criou novas condições no círculo. Algumas pessoas manifestaram vontade de participar, e logo se notou que a presença de novos elementos abrandava o desenvolvimento do grupo.

Foram apresentadas a uma senhora clarividente e conferencista na Escócia. Esta juntou-se a elas nas sessões, e foi durante uma série dessas sessões que ouviram, pela primeira

vez, um espírito falar-lhes por voz direta. Disseram que era difícil descrever o sentimento de admiração e alegria que sentiram ao ouvir essa voz.

A partir desse momento, o desenvolvimento foi rápido, e durante vários meses continuaram a reunir-se, geralmente duas vezes por semana, até que, eventualmente, chegaram a manifestar-se até dez personalidades espirituais distintas. Os resultados variavam consoante as condições trazidas pelos participantes. Observaram que mesmo a presença de um único participante cético ou antipático afetava negativamente a sessão, e os fenómenos tornavam-se frequentemente fracos.

Desde que desenvolveram os seus poderes mediúnicos, realizaram sessões completamente infrutíferas e, noutras ocasiões, os fenómenos foram muito pobres. Dizem que, nas sessões sem resultados, sentem que não há qualquer energia no ambiente e que a atmosfera se torna como que amortecida.

Quanto mais estudo o desenvolvimento dos médiuns bem conhecidos, mais me convenço de que o progresso que a minha esposa e eu fizemos na mediunidade de voz direta é, em termos de rapidez, sem paralelo.

Parece-me que os poucos bons médiuns que existem no mundo desenvolveram-se graças à sua extraordinária paciência. Tenho sérias dúvidas de que, se tivesse sido forçado a participar durante vários meses em sessões sem que absolutamente nada acontecesse, teria conseguido reunir paciência suficiente para continuar.

CAPÍTULO XI
UM MÉDIUM EM TRANSE

A Sra. Scales, uma médium clarividente e clariaudiente — A questão do controlo — Uma transformação extraordinária — Annie manifesta-se, originando uma das experiências mais impressionantes e memoráveis da vida do autor.
27 de Novembro de 1924.

I

Fui convidado pela Sra. Gaston Sargeant para participar numa sessão experimental na sua casa em Chelsea, com a médium Sra. Scales, que nunca antes conhecera.

A Sra. Scales é uma médium clarividente e clariaudiente em transe, e permanece sob controlo durante toda a sessão. O seu tipo de mediunidade é semelhante ao da Sra. Osborne Leonard, na medida em que se encontra sempre em estado de transe. A diferença é que, enquanto a Sra. Leonard é sempre controlada pelo espírito de Feda, a Sra. Scales é frequentemente controlada por mais do que um espírito.

A Sra. Gaston Sargeant teve o máximo cuidado em garantir que o meu nome não fosse revelado antes da sessão, nem sequer aos empregados da casa.

A sessão teve lugar por volta das oito e quarenta e cinco da noite, na sala de estar, à plena luz elétrica, permitindo-me tomar notas durante todo o tempo. Também me foi permitido fumar.

Estávamos apenas nós três: a Sra. Sargeant, a Sra. Scales e eu. A Sra. Scales, com as mãos sobre os olhos, entrou gradualmente em transe.

Seguiram-se três minutos até que ocorresse o primeiro movimento. As mãos foram afastadas do rosto e os olhos começaram a contrair-se de forma bastante intensa.

Foi então controlada por um espírito chamado Chloe, que falava com uma voz claramente diferente da da médium, e em inglês imperfeito. Chloe, foi-me dito, era o espírito de uma rapariga indígena.

Inicialmente, as suas declarações eram bastante caóticas, e tive dificuldade em compreendê-las.

CHLOE: Há um grande índio atrás do *massa* e ele quer manifestar-se pela minha médium, mas eu digo: *"Não, ainda não."* (Dirigindo-se à Sra. Sargeant) O Chefe [1] está atrás de ti.

(Voltando a dirigir-se a mim) K. está agora atrás de ti; vejo uma grande chama por cima do teu cabelo. Vejo três sangues diferentes em ti.

H.D.B.: Só conheço ascendência irlandesa e inglesa.

CHLOE: Vem de muito atrás, dos teus antepassados. Talvez descubras mais tarde. Está aqui um espírito chamado John, e ele mostra uma moeda pequena, como uma de seis pence. Não entendo como é que tens tanto poder; tens poder para materialização.

Mais tarde conseguirás obter materialização. Se, quando estiveres na cama, pedires quatro ou cinco vezes, eles conseguirão construir.

(Interrompendo a discussão) Vejo uma bandeira americana; enrola-se até formar a grande letra A. (Aqui a médium segurou a minha mão direita.) Constrói-se a imagem de uma senhora, e há também um cavalheiro pequenino (suponho que queria dizer um rapaz). Ele chama-te *"Tio Herbert"*. [1]

É de sangue próximo da senhora.

(Novamente interrompendo, o espírito soletrou as letras:
T-A-N-N-E-R. Nessa altura, não consegui conter o riso, pois, embora até aí todas as comunicações me parecessem confusas e praticamente sem valor, de repente surgiu um certo significado e então disse: "Acho que já percebo o que queres dizer.")

Ele diz que foi uma brincadeira do John contigo. Ele diz que devo dizer-te que os dois irmãos estão aqui e queria que soubesses disso. *(Nota-se aqui a forma peculiar como esta evidência surgiu: primeiro, John mostra uma moeda de seis pence, vulgarmente chamada de "tanner", e depois o nome "Tanner" é soletrado. Eu conhecia um Sr. John Tanner, que faleceu há alguns anos, e também o seu irmão, que faleceu cerca de um ano depois. Os dois irmãos eram muito próximos.)*

John diz que podia falar mais sobre isto, mas a Annie está aqui e quer manifestar-se. [2] O Kokum [3] também está aqui, e ele e John vão dar um passeio. (Uma ligeira pausa.)

(Para a Sra. Sargeant) A Annie diz: "É absolutamente encantador da tua parte teres trazido o meu irmão até aqui."

MRS. SARGEANT: Foi um prazer fazê-lo.

CHLOE: A Annie diz que trouxe o Georgie [4] com ela. Ela pergunta: "Tens agora a trombeta no teu quarto?" [5]

Pede à Mabs que a traga. [1]
(Aqui Chloe repetiu duas vezes: "*Door in the court, door in the court.*" Presumo que se referisse a "Dorincourt.")

A Annie diz que vai ver o Pat. Diz que, há muito tempo, se chamava Nancy. [2] Manda uma mensagem: deves esperar notícias sobre um senhor idoso — alguém muito próximo. Ele poderá fazer uma viagem em breve. (Aqui Chloe soletrou "*Galway.*") [3]

[1] *A Sra. Sargeant disse-me que isto se refere ao marido, a quem o espírito se refere sempre como "o Chefe".*
[2] *Nome transmitido com clareza e sem hesitação.*
[3] *Kokum é um dos guias espirituais de George Valiantine.*
[4] *Georgie era o filho da Annie, que faleceu há vários anos.*
[5] *A trombeta que uso para as sessões de voz direta em Dorincourt tinha sido enviada para Cambridge.*

Pede à Mabs que a traga. [1]

(Aqui Chloe repetiu duas vezes: "*Door in the court, door in the court.*" Presumi mais tarde que se referia a "Dorincourt".)

A Annie diz que vai ver o Pat. Diz que, há muito tempo, o seu nome era Nancy. [2] Manda uma mensagem: deves esperar notícias acerca de um senhor idoso — alguém muito próximo. É possível que ele faça uma viagem em breve. (Aqui Chloe soletrou "*Galway.*") [3]

Manifestou-se aqui um espírito que faleceu com uma tosse horrível. Esteve por pouco tempo no círculo, mas não quis permanecer, receando que a sua condição pudesse provocar um sufocamento à médium. [4]

(Para a Sra. Sargeant) O Chefe diz que gostaria de ajudar a senhora bonita — a Annie — a manifestar-se e tomar o controlo. (Isto significava tomar o controlo da médium em lugar de Chloe.)

Seguiu-se então uma conversa de dois a três minutos sobre a mudança de controlo, com a Chloe a falar e a interpretar em nome do espírito do marido da Sra. Sargeant. Deu-se então uma discussão verdadeiramente extraordinária. Chloe disse que a Annie estava receosa de tentar, pois nunca antes se manifestara dessa forma. Sentia-se nervosa com a ideia de ocupar o corpo da médium, e não sabia se conseguiria controlá-lo e utilizá-lo.

Acabou por ser persuadida a tentar. A médium recostou-se na cadeira, e esperámos cerca de dois minutos.

A Sra. Scales é uma mulher bastante corpulenta e baixa. O seu sotaque habitual é, para dizer o mínimo, vulgar. O seu rosto pode ser descrito como agradavelmente comum e familiar.

Gradualmente, toda a expressão do rosto da médium transformou-se por completo. Foi uma verdadeira metamorfose.

[1] *"Mabs" é uma abreviação que a Annie usava frequentemente para se dirigir à minha esposa, Mabel.*
[2] *Totalmente verdadeiro e de elevado valor comprovativo.*
[3] *Esta é a região da Irlanda onde nasceu o meu pai.*
[4] *Supondo que se tratava do espírito do Warren, e admitindo também que se considerava a hipótese de ele tomar o controlo, isso poderia ter causado um ligeiro sufocamento, dado que se observou que, quando um espírito toma posse do corpo da médium pela primeira vez, são transmitidas as condições sob as quais faleceu. Warren Clarke morreu de problemas cardíacos.*

Embora o contorno se mantivesse, os olhos e a expressão tornaram-se belíssimos. Não foi alucinação. Os meus sentidos estão tão aguçados agora como alguma vez estiveram — senão mais — e é preciso lembrar que esta mudança impressionante foi observada não só por mim, mas também pela Sra. Sargeant, sob luz forte e plena.

Inicialmente, as primeiras palavras foram articuladas com grande dificuldade. Era como se fossem produzidas com enorme esforço. Pouco depois, contudo, a força aumentou consideravelmente, e o espírito da minha irmã conseguiu assumir o controlo completo.

Era a minha irmã. Era o seu espírito, a utilizar o organismo de outro corpo físico, a falar comigo na sua própria voz. Não me importa se o cético inexperiente se sente tentado a rir disto — mas quem estudou os fenómenos espirituais saberá e compreenderá. Tenho recebido comunicações dela em quase todas as formas há quase dois anos. Falei com ela por voz independente, na presença de testemunhas ilustres, em centenas de ocasiões. Conheço a sua personalidade, e conheço o seu espírito.

A voz da Annie conservava a sua antiga beleza; a qualidade era a mesma, e cada sílaba de cada palavra era perfeitamente enunciada, com aquela clareza que era tão característica da minha irmã quando estava na Terra. Nenhuma atriz viva seria capaz de simular essa individualidade maravilhosa. Eram duas almas a conversarem num plano de compreensão mútua. Conversou comigo sobre todas as delicadas intimidades da sua vida terrena.

Ela sempre foi a única alma, a única mulher unida a mim por laços de sangue, por quem — para além de qualquer laço sexual — senti o mais profundo e puro amor que se pode conceber. Penso que só eu conhecia e compreendia a sua alma. Nos domínios mais subtis da mente, quando em vida, ela estava sempre além de mim, assim como infinitamente além de todos aqueles com quem privou. Com aquela mente vasta, ajudou-me enormemente — de

forma gentil e subtil — a desenvolver quaisquer possibilidades latentes no meu carácter e, como agora sei, tem-me ajudado ainda mais desde que passou para uma esfera superior.

Durante esta cena maravilhosa, enquanto utilizava o organismo de outra pessoa, a Annie deu-me as provas mais íntimas e excecionais da sobrevivência. Nome após nome, facto após facto foram mencionados: a minha esposa, o Pat, o Dennis — tudo.

Houve uma grande tragédia na sua vida — apenas insinuada, mas velada em *Rumo às Estrelas*. Essa tragédia, cujos pormenores nunca foram publicados e que não são conhecidos por mais de duas ou três pessoas ainda vivas, foi discutida por ela.

Falou-me do meu filho Anthony, em Cambridge, que, aliás, a conheceu quando era muito pequeno e que já falou com ela por voz direta várias vezes desde que ela passou para o outro lado. Enviou-lhe mensagens. Durante toda a sessão houve tantas comunicações e gestos que seria completamente impossível a qualquer escritor tentar descrevê-los por escrito. Só posso afirmar que foi uma das experiências mais maravilhosas da minha vida.

Imaginem, se puderem, a complexidade das minhas emoções. Ali, diante dos meus olhos, estava o espírito da minha irmã, ocupando e controlando o mecanismo do corpo de outra pessoa. Que era a minha irmã foi algo provado pela abundância das evidências que deu. Contudo, embora os tons fossem os dela, e a expressão do rosto estivesse transformada, o corpo físico que eu via era o de outra.

Era uma situação particularmente difícil para mim de gerir. Manifestava-se ali um espírito extraordinário, mas também um corpo físico perturbador através do qual esse espírito expressava o seu amor.

Dentro de mim travava-se um conflito entre a atração espiritual e a repulsa física. Há cenas na vida que não se podem descrever. Esta foi uma delas. Têm de ser vividas e experimentadas para poderem ser compreendidas…

Depois, Chloe voltou a manifestar-se e perguntou-me se podia chamar novamente a Sra. Sargeant para a sala. Esqueci-me de referir que, pouco depois do início desta cena, a Sra. Sargeant, por iniciativa própria, sugeriu sair da sala, para nos deixar mais livres para tratar de certas questões.

Chamei a Sra. Sargeant, que regressou à sala. Pouco depois, a médium foi controlada pelo espírito do marido da Sra. Sargeant.

Mais uma vez, toda a condição da médium mudou. Era a voz de um homem a falar num tom masculino e culto. Não é necessário transcrever a conversa entre a Sra. Sargeant e o seu marido. Depois de falar com ela durante algum tempo, dirigiu-se a mim, dizendo que estivera presente durante a conversa com a minha irmã e que, do lado de lá, consideravam a Annie como um dos espíritos divinos. Foi reconfortante ouvi-lo dizer isto. Certamente que o foi neste mundo, e sinto que também o é no plano onde agora se encontra.

II

Na manhã seguinte, telefonei à Sra. Sargeant para lhe fazer uma pergunta que me esquecera de colocar. Pedi-lhe que descrevesse a voz que ouvira quando a minha irmã tomou o controlo da médium. Fi-lo para afastar qualquer dúvida de que os tons pudessem ter sido produzidos pela minha imaginação. A Sra. Sargeant disse, ao descrever a voz da minha irmã, que a articulação era lenta, e a enunciação, excecionalmente doce e clara. Esta era, de facto, uma característica da voz da Annie quando estava viva.

CAPÍTULO XII
A NECESSIDADE DE CRÍTICA

Algumas observações sobre a mediunidade do Sr. Evan Powell — A mãe de Miss Madeline Cohen — Lord Northcliffe fala com Lord Beaverbrook — O sussurro ténue de Mr. Bonar Law e a resposta de Lord Northcliffe — A conversa do falecido Mr. Harold Ashton sobre Mr. A. G. Hales, o correspondente de guerra.
8 de Dezembro de 1924

I

Antes da sessão que passo a relatar, tive três experiências anteriores com o médium Sr. Evan Powell.

Uma teve lugar em Julho de 1923 e está registada em *Rumo às Estrelas*. Esta sessão não foi particularmente bem-sucedida, pois não se ouviram vozes, e os fenómenos — que foram puramente físicos — limitaram-se ao movimento de diversos objetos.

A segunda sessão decorreu por convite de Sir Arthur Conan Doyle, em Westminster, com várias outras pessoas presentes. Surgiram várias vozes, embora apenas por breves momentos, e falaram muito pouco. Estas frases foram proferidas enquanto uma caixa de música tocava. Nenhum dos meus amigos pessoais se manifestou, mas um espírito, falando comigo em duas ou três frases, identificou-se como Arthur Brandise, dizendo que já falara comigo na América, em Arlena Towers. Este facto não poderia ser conhecido pelo médium.

Além disso, um espírito, que se apresentou como sendo William Stead, dirigiu-se a mim a propósito do meu trabalho literário. Outras vozes espirituais falaram a vários membros do grupo, mas não sei se alguma informação com valor comprovativo foi transmitida. Pareceu-me haver demasiadas informações fornecidas pelos próprios participantes, que apenas exigiam concordância por parte dos espíritos.

Ainda assim, posso afirmar que não há dúvida de que o Sr. Powell é um médium genuíno, sendo também um dos homens mais honestos e íntegros que alguma vez conheci. Acredito que os seus poderes mediúnicos poderão vir a fortalecer-se.

Na terceira ocasião, participei numa sessão com o Sr. Powell no British College of Psychical Science. Não foi especialmente marcante. Ocorreram alguns fenómenos físicos e uma ou duas vozes manifestaram-se, mas nada de carácter comprovativo foi obtido.

II

A quarta sessão com Evan Powell teve lugar em Dorincourt, a 8 de Dezembro. Estavam presentes, para além do Sr. Powell e de mim, a Sra. Bradley, Anthony Bradley, o Sr. e a Sra. Hannen Swaffer, Miss Madeline Cohen, Miss Louise Owen e Lord Beaverbrook.

Lord Beaverbrook chegou pouco antes da sessão, pois só de última hora foi decidido que ele participaria. O Sr. Swaffer e eu estamos certos de que o Sr. Powell não sabia quem ele era.

O médium insistiu em ser amarrado à cadeira com cordas. Estava preso firmemente, mãos e pés. As cordas foram passadas por baixo da cadeira e atadas de tal forma que se tornava absolutamente impossível mover-se. Isso foi feito pelo Sr. Swaffer e pelo Anthony, na presença de todos nós. Os nós das cordas foram selados com cera. Além disso, o polegar direito foi atado com linha, que depois foi passada até ao polegar esquerdo e presa, de forma que qualquer movimento a partir daí romperia o fio.

Quanto a mim, não me interessa particularmente se o Sr. Powell está atado ou não, pois nesta área de estudo dependo exclusivamente de provas mentais, e não de fenómenos físicos.

Enquanto conversava com o Sr. Powell antes da sessão, disse-me ele que ouvira dizer que a minha esposa e eu tínhamos conseguido obter vozes diretas. Sugeri-lhe que, além da sua própria trombeta — um instrumento longo, preto, de couro (bastante leve) — colocássemos também, no centro da sala, a minha própria trombeta de alumínio.

A minha trombeta iluminada foi, assim, colocada no centro da sala, e a trombeta de couro do Sr. Powell foi deixada fora do círculo, sobre uma secretária.

Pôs-se o gramofone a tocar e, passados poucos minutos, o Sr. Powell entrou em transe, sendo então controlado pelo seu guia espiritual, Black Hawk.

Importa compreender que, quando Black Hawk fala, fá-lo através dos lábios e das cordas vocais do médium, e que a sua voz, embora em inglês imperfeito, é muito semelhante à do próprio Sr. Powell. Por isso, um observador crítico está perfeitamente justificado em não se impressionar com as suas palavras, pois estas podem muito bem emanar, consciente ou inconscientemente, do próprio médium. As generalidades proferidas por Black Hawk não têm valor real.

O fenómeno extraordinário só se dá quando a voz direta é ouvida através da trombeta ou de forma independente, a alguma distância do médium.

A primeira voz independente que se ouviu dirigiu-se à Srta. Madeline Cohen, chamando-a "Maddy" (nome pelo qual é conhecida entre os amigos). Esta voz, que afirmava ser a da mãe de Miss Cohen, mal conseguiu pronunciar duas ou três frases, demonstrando claramente não conseguir sustentar o poder necessário.

Pouco depois, manifestou-se um espírito que se identificou como Northcliffe, dirigindo-se ao Sr. Swaffer como "Poeta" [1] e à Srta. Louise Owen como "Lulu".

Disse ao Sr. Swaffer: "Consegui passar o nome. Estou muito contente."

Lord Northcliffe acrescentou que estava feliz por esta sessão em particular ter sido organizada.

A voz falava de forma independente ou estava a usar a trombeta preta, que, naturalmente, não era visível. O espírito não permaneceu muito tempo e só conseguiu transmitir algumas frases curtas, nenhuma das quais poderia ser considerada comprovativo por um cético.

De repente, Black Hawk, através da boca do médium, gritou: "Ele está a falar contigo, Lord Beave!"

MR. SWAFFER: Está a falar contigo, Lord Beaverbrook.

NORTHCLIFFE: Meu Deus, Beaverbrook, se soubesses o quão difícil foi! [1]

Pouco depois, a voz disse: "Law está aqui."

Nesse momento, Black Hawk, ainda através do médium, afirmou que estava atrás de Lord Beaverbrook um homem alto, moreno, muito reservado mas muito ansioso, com uma pequena tosse. Disse também que esse homem perdera dois filhos, e que essa perda apressara a sua morte.

Black Hawk acrescentou que o espírito estava demasiado emocionado para falar naquele momento. Disse que tentava tocar em Lord Beaverbrook, e perguntou-lhe se sentia algo. Pouco depois, Lord Beaverbrook foi efectivamente tocado e confirmou que o sentiu.

Uma voz espiritual, afirmando ser a de Bonar Law, falou num sussurro ténue:

BONAR LAW: Continua como estás; tentarei comunicar e ajudar-te. Não te comprometas já.

LORD BEAVERBROOK: O que devo fazer?

Não foi dada resposta a essa pergunta. Northcliffe manifestou-se novamente, e durante a conversa, Lord Beaverbrook perguntou-lhe se poderia obter uma resposta à pergunta que tinha dirigido a Bonar Law.

LORD BEAVERBROOK: Podes perguntar-lhe o que devo fazer?

Houve uma pausa de um minuto.

NORTHCLIFFE: A favor. Law diz que deves dar o teu consentimento; é a única coisa a fazer.

Black Hawk disse que iria trazer uma luz espiritual. Surgiu uma luz espiritual, semelhante a uma chama redonda, com cerca de oito centímetros de diâmetro. Flutuou para cima e para baixo, e à volta do círculo.

Warren falou, como habitualmente, com vários de nós, utilizando a minha trombeta iluminada. Conversou durante algum tempo com a minha esposa, comigo, com o meu filho, com o Sr. Swaffer, com Lord Beaverbrook e com mais uma ou duas pessoas.

Como estava a usar a trombeta iluminada, pedi-lhe que a levasse até ao teto, que, como já referi, se encontra a cerca de três metros e meio do chão, completamente fora do alcance de qualquer pessoa. A trombeta foi então elevada até ao teto, que foi tocado várias vezes.

[1] *Talvez esta frase quisesse exprimir a dificuldade de materializar a sua voz para se manifestar.*

Durante o tempo em que Warren usava a minha trombeta, esta foi passada à volta de todo o círculo, e até para fora do círculo — o que é, de facto, um fenómeno impressionante. O espírito da Annie proferiu algumas palavras dirigidas a várias das pessoas presentes.

Um espírito, dizendo ser Harold Ashton, dirigiu-se ao Sr. Swaffer:

HAROLD ASHTON: Já me livrei do ácido clorídrico. [1]

Black Hawk interveio na conversa e, referindo-se ao espírito que acabara de falar, disse: "Os seus interiores desapareceram."

Harold Ashton fez alguns comentários sobre "Smiler."

MR. SWAFFER: Queres dizer o "Smiler" Hales?

LORD BEAVERBROOK: Quem é o "Smiler" Hales?

H.D.B.: A. G. Hales.

MR. SWAFFER: O correspondente de guerra.

Mais tarde, manifestou-se um espírito que afirmou ser Keir Hardie, e dirigiu-se primeiro a Lord Beaverbrook e depois ao Sr. Swaffer.

Este espírito fez referência a Bruce Glazier, e seguiu-se uma breve discussão sobre democracia.

O espírito de Bonar Law voltou a manifestar-se, falando com voz débil, dirigindo-se a Lord Beaverbrook, chamando-o "Beaverbrook" e dizendo: "É o Law a falar."

LORD BEAVERBROOK: Por que te anuncias como Law, e me chamas Beaverbrook?

BONAR LAW: Saberás o porquê mais tarde!

BLACK HAWK (para Lord Beaverbrook): Law pede que marques uma sessão com a Sra. Osborne Leonard, e que o faças de forma anónima.

A Annie falou-nos novamente, assim como a Feda, que apenas permaneceu por pouco tempo.

Depois —
NORTHCLIFFE: Law está cheio de emoção; é por isso que tem tanta dificuldade em falar.

1 Harold Ashton, que era bem conhecido do Sr. Swaffer, tinha tomado hidroclórico antes de morrer em 1917.

Durante a conversa, Northcliffe disse também a Lord Beaverbrook: "Isto é uma nova revelação; é a grande realidade."
Black Hawk, tendo dito que o poder estava a enfraquecer, deu por encerrada a sessão. Depois acenderam-se as luzes, e o Sr. Powell continuava em transe; tinha a cabeça inclinada para baixo, estava fortemente amarrado e o fio entre os dois polegares permanecia intacto.

III

Ao analisar os resultados desta sessão, adotando uma perspetiva crítica e imparcial, sinto-me inclinado a dizer que, do ponto de vista da evidência, os resultados poderão ser considerados como relativamente negativos, e foi essa a opinião que exprimi a Lord Beaverbrook na conversa que tivemos depois.

Deve compreender-se claramente que, ao dizer que esta sessão foi relativamente negativa, refiro-me apenas à perspetiva que teria se esta fosse a minha primeira sessão espírita. A minha impressão, nesse caso, seria a de que necessitaria de obter provas muito mais marcantes antes de poder aceitar o facto da sobrevivência após a morte.

Todas as vozes, com exceção da do espírito que dizia ser Bonar Law, foram bastante distintas e claras. No entanto, as conversas foram muito curtas, pouco fluentes, e cada espírito parecia ter bastante dificuldade em manter o poder para falar por mais de um ou dois minutos.

As vozes provinham, de facto, de várias partes da sala, deslocando-se para diferentes posições ao falar com os diversos participantes. Cada voz apresentava um sotaque e uma individualidade diferentes. Durante a sessão, ambos os trompetes foram utilizados em diferentes momentos.

CAPÍTULO XIII
UMA MISTURA DE EMOÇÕES

O relator fica irritado — Um encontro com o Sr. F. F. Craddock — O falecido Alfred Russel Wallace renega as suas teorias no livro *"Man's Place in the Universe"* — O estado mental do autor ao sentar-se com novos médiuns.

5 de dezembro de 1925

I

Um médium de Voz Direta, de quem ouvira falar por diversas fontes, é o Sr. F. F. Craddock, e decidi marcar uma sessão com ele. O encontro foi marcado por intermédio de uma apresentação, e a sessão teve lugar na casa do médium, no campo, a cerca de trinta milhas de Londres. Posso mencionar que estou ciente de todo o histórico de Craddock.

A sessão realizou-se à tarde e estavam presentes o médium, a minha esposa e eu. Sentámo-nos numa pequena sala, totalmente escura — com exceção de uma ténue luz vermelha num canto do teto, tão fraca que se tornava impossível distinguir as figuras de quem quer que fosse. Os três estávamos sentados muito próximos, lado a lado, em linha, de frente para um trompete fixo de grandes dimensões.

Uma caixa de música — particularmente grande e pesada, acionada pelo próprio médium — tocou praticamente durante toda a sessão, mesmo enquanto as várias vozes falavam. Pessoalmente, considero perturbador e irritante ouvir música enquanto as vozes se manifestam. A voz espiritual que se manifesta em absoluto silêncio é infinitamente mais impressionante, e é dessa forma que as vozes se fazem ouvir em todas as sessões com Valiantine, assim como nas sessões realizadas sob a mediunidade da minha esposa e da minha. As vozes surgem muitas vezes nas nossas sessões domésticas enquanto o gramofone está a tocar, mas paramos a música imediatamente para que sejam mais audíveis.

Através do grande trompete fixo, manifestou-se a voz de um dos guias de Craddock, chamado "Joey" [1], com quem conversámos durante algum tempo. Manifestou-se também outro guia de Craddock, chamado "Dr. Ord" — ou pelo menos, assim me soou o nome. Falou sobre os planetas e fez uma breve descrição do tipo de seres que habitam Marte, os quais, segundo ele, são muito mais desenvolvidos do que nós, aqui na Terra.

Outro guia de Craddock, chamado "Irmã Amy", disse ter sido uma freira canadiana que faleceu há cerca de um século.

Joey fez uma ou duas referências a *"Towards the Stars."*

Um espírito que se identificou como Alfred Russel Wallace falou comigo, referindo-se a um livro seu que disse chamar-se *"Man's Place in the Universe."* [2] Disse que o seu livro está completamente errado, que gostaria de nunca o ter escrito e que, se fosse possível, desejaria recuperar todos os exemplares e queimá-los!

Um dos guias disse-me que uma nova e importante revelação me seria feita algures em fevereiro próximo. [3] A minha atitude é asquithiana e não me comprometo. Limitar-me-ei a esperar e ver.

Um espírito apresentou-se como John Bradley. Disse que também tinha sido escritor. Não tenho qualquer conhecimento sobre John Bradley.
Uma voz, falando em francês, identificou-se como "Cérise."

Ouviram-se pelo trompete duas ou três pessoas a dirigir-se a mim como Herbert, e à minha esposa como Mrs. Bradley. Embora tenha falado e incentivado cada uma destas vozes, não consegui obter os seus nomes. Também não recebi qualquer indício que sugerisse evidência das suas personalidades.

Francamente, nenhum destes espíritos foi reconhecível, e a conversa com aqueles que diziam ser amigos foi muito curta — apenas duas ou três frases banais, enquanto tentava fazer perguntas. Depois, as vozes desapareceram.

[1] *Foi-me dado a entender mais tarde que este espírito dizia ser Joseph Grimaldi, o famoso palhaço.*
[2] *Não li este livro, nem sei se este é o título correto.*
[3] *Algo semelhante foi sugerido também numa sessão com Mrs. Scales.*

As vozes dos guias eram bastante claras, não apenas através do trompete, mas também de forma independente, mesmo por trás das nossas cabeças, e por vezes mesmo em frente aos nossos rostos.

Foi uma sessão interessante, mas não ofereceu qualquer prova da sobrevivência da personalidade.

Costumo fazer questão, em qualquer nova sessão, de manter a mente aberta e de encarar a sessão e os fenómenos exatamente como se fosse a minha primeira experiência. Existem muitas grandes dificuldades neste estudo, e é absolutamente impossível para qualquer médium garantir ou produzir resultados sob encomenda.
É fundamental, neste campo de estudo, manter um espírito crítico quanto ao valor da evidência. Cada nova experiência deve ser ponderada e avaliada por si só.

II

Dado que Craddock sabia o meu nome e quem eu era, se fosse um impostor teria sido lógico que tivesse reproduzido alguma da informação que facilmente poderia ter obtido de "*Towards the Stars.*" Na verdade, essa teria sido a primeira fonte a consultar. Embora não tenha reconhecido nenhuma das vozes espirituais, e embora não tenha sido adquirida qualquer evidência pessoal de qualquer tipo nesta sessão, não seria justo assumir que os fenómenos por ele produzidos não eram genuínos.

Ao analisar os meus sentimentos durante esta sessão, o efeito geral que me causou foi o de uma curiosa mistura de emoções. Durante toda a sessão, não consegui deixar de sentir a sugestão de uma "personificação supranormal."

No geral, inclino-me a pensar que Craddock possui consideráveis poderes, mas imagino que esses poderes variem.

Os seus guias parecem, de facto, possuir individualidades distintas. Contudo, embora eu fosse cuidadoso e encorajador nas conversas com eles, pareceram-me bastante evasivos nas respostas a perguntas que se aproximassem de qualquer ponto com valor comprovativo. Penso que a sua mediunidade se manifesta mais no plano físico do que no plano mental. Fiz certas perguntas com bastante cautela, e foi bastante evidente que os comunicadores não tinham conhecimento de quaisquer dos espíritos pessoais que anteriormente se tinham comunicado comigo. Pareceram-me pertencer a uma esfera totalmente diferente.

CAPÍTULO XIV
A MEDIUNIDADE DE MUNNINGS

Um discurso sobre ministros de Estado, advogados, atores, pintores, poetas e proprietários de jornais como prefácio ao relato de uma sessão com o Sr. F. T. Munnings, um médium de voz direta — Dan Leno canta, George R. Sims oferece um limerique, W. T. Stead envia uma saudação — O seu cão favorito comunica com o Sr. J. M. Dick, o jornalista desportivo — Animais nas esferas espirituais — Dr. Ellis Powell como guia de Munnings — A corda psíquica — Lord Northcliffe fala com o Sr. Swaffer e o Sr. Dick.

18 de dezembro de 1924

I

Poucos dos céticos declarados se esforçaram tanto nem dedicaram tanto tempo a tentar detetar a fraude mediúnica como eu.

Um médium — tal como um ministro do governo, um advogado, um ator, um pintor, um poeta ou um proprietário de jornal — pode, na sua vida privada, ser tudo o que se considere indesejável, e ainda assim possuir inegáveis poderes psíquicos. Quando se observa uma grande pintura, não se pergunta se o registo matrimonial do artista é irrepreensível, ou se o seu crédito é inatacável aos olhos do talhante; as indiscrições de um poeta, de um ministro ou de um magnata da imprensa pouco interessam, salvo a futuros colecionadores de lixo sob a forma de memórias íntimas, e não devem ter qualquer influência na avaliação da sua obra realizada.

Assim, o facto de um médium possuir um passado duvidoso — embora possa, e deva, justificar um exame minucioso do seu trabalho — não prova, de forma alguma, que ele não possua os misteriosos poderes psíquicos cujas leis ainda hoje desconhecemos quase por completo.

Se o Sr. Lloyd George descobrisse subitamente um surpreendente dom mediúnico, seria absurdo que o investigador tory da verdade deixasse que o passado material de George condenasse o seu futuro psíquico; se surgisse um novo Lenine ou um novo Crippen como médiuns, os seus passados não alterariam o meu desejo de investigar as suas alegações e observar os seus feitos. Utilizaria as minhas faculdades e, se fossem produzidos fenómenos genuínos e indiscutíveis, aceitá-los-ia, tal como os aceitaria de um homem do mais nobre carácter que alguma vez respirou.

O observador consciente deve dissociar os fenómenos do carácter pessoal do médium, assim como o artista esquece que Turner bebia e morreu num tugúrio miserável em Chelsea, que os assuntos conjugais de Shelley eram complicados, e que Kit Marlowe não teria decorado a sala de visitas de um arcebispo.

II

O Sr. F. T. Munnings é um médium de voz direta, e foi utilizado por um jornalista, o Sr. Sidney Moseley, para uma "campanha" de desmascaramento do espiritualismo na revista *John Bull*.

Segundo o Sr. Moseley, Munnings tinha sido acusado de certa conduta em assuntos totalmente alheios à mediunidade. No entanto, Moseley usou esse incidente de forma ilógica. Obviamente, achou que, no que dizia respeito ao carácter moral, tinha ali um "instrumento" ideal para o seu espetáculo. Conhecendo todos os detalhes desse uso indevido, e embora pense de forma internacional, agradeço a Deus ter nascido irlandês de raiz pura.

Muitos estudiosos do campo psíquico tinham-me dito que Munnings — independentemente do seu carácter, que eles conhecem bem melhor do que o brilhante Sr. Moseley — era um médium muito poderoso, e que em sessões com ele se tinham obtido resultados notáveis. Decidi, portanto, investigar por mim mesmo e organizei uma sessão em Dorincourt.

Estavam presentes, além do Sr. Munnings, da minha esposa e de mim, Anthony Bradley, o Sr. e a Sra. F. A. H. Eyles, o Sr. Hannen Swaffer e o Sr. John M. Dick, o conhecido jornalista desportivo.

O Sr. Dick nunca tinha assistido a uma sessão espírita.

Não foi apresentado, e teve-se o máximo cuidado para que o seu nome não fosse mencionado na presença do médium, que chegou a minha casa cinco minutos antes da sessão começar.

Munnings utiliza um trompete curto, que é frequentemente usado para a produção das vozes, embora algumas destas se manifestem de forma independente, sem necessidade de amplificação ou do trompete. O trompete do Sr. Munnings era ligeiramente e muito tenuemente luminoso no interior. Na verdade, mal se conseguia ver qualquer brilho. Antes da sessão, perguntei a Munnings se teria alguma objeção à utilização do meu trompete luminoso também.

Convém mencionar que é necessário perguntar a um médium se consente nas condições, pois uma alteração pode muitas vezes afetar os fenómenos. Munnings concordou com o uso dos dois trompetes. A sessão começou e, passados cerca de dez minutos, manifestou-se um dos guias espirituais do médium, Emanuel. Emanuel fala com uma voz muito distinta, e o seu sotaque é claramente diferente do de Munnings.

Ao falar com Emanuel, pedi-lhe que fizesse o possível para ajudar os espíritos que se manifestassem durante a noite a dar-nos o máximo de provas irrefutáveis da sua identidade.

Depois de Emanuel, manifestou-se outro dos seus guias, que se apresentou como Angus Stern. Angus disse que atuava como mensageiro dos outros espíritos. Falava com um forte sotaque escocês.

Emanuel disse então que o espírito de uma senhora idosa estava a perguntar por Alec Huntley (o meu motorista).

Uma voz dirigiu-se à Sra. Eyles e mencionou algo sobre o "pai." Como não conhecia os seus familiares, imaginei tratar-se do pai dela, mas parece que não era esse o caso. O Sr. Eyles pareceu reconhecer essa figura e indicou o nome "Newson." Note-se que o espírito não indicou o nome espontaneamente. Travou-se uma breve conversa. A voz falou através do trompete de Munnings, e não do meu.

Depois disso, manifestou-se outro guia do médium — o Dr. Ellis Powell — que nos falou durante algum tempo.

Uma voz que dizia ser Dan Leno falou connosco de forma geral e bem-humorada. Posso apenas registar que, se não fosse o espírito de Dan Leno, era a imitação mais extraordinária que alguma vez ouvi. Conhecia bem o trabalho de Leno em palco e ocasionalmente encontrava-me com ele na vida privada.

A Sra. Bradley pediu a Leno que cantasse para nós. A voz então cantou uma estrofe de três canções: "*The Midnight March,*" "*The Recruiting Sergeant*" e "*If You Won't Marry Me I Will Marry You.*" Cada uma destas estrofes foi cantada de forma notavelmente característica de Dan Leno.

No fim das canções, Leno falou por mais algum tempo e disse que Herbert Campbell queria enviar cumprimentos aos velhos amigos. Acrescentou que gostaria que Stanley Lupino assistisse a uma sessão, pois queria falar com ele, e comentou também que uma vez quase o assustou de morte.

Leno disse que não voltaria à Terra nem que lhe oferecessem todo o dinheiro de Drury Lane — uma afirmação ambígua, talvez, considerando que à época se apresentava a produção fracassada de *A Midsummer Night's Dream* de Basil Dean.

Depois disso, manifestou-se um espírito que dizia ser George R. Sims, e conversou durante algum tempo com o Sr. Eyles sobre um livro que este tinha ajudado a compilar.

Devo referir que nenhuma destas vozes falou através do meu trompete luminoso; ou falaram de forma independente ou usaram o trompete de Munnings. O único uso dado ao meu trompete foi o de ser agitado por diferentes partes da sala.

Uma voz que se apresentou como "Avô Bradley" dirigiu-se ao meu filho como Dennis, à minha esposa como Mabel, e a mim como Herbert — o que tem relevo, pois é assim que somos conhecidos familiarmente, enquanto fora de casa o meu filho é chamado Anthony e eu sou conhecido como Dennis. Esta voz espiritual disse: "Sabes, quando falo de Dennis refiro-me ao teu filho. Conhecemos-te como Herbert." Não pude reconhecer o espírito, pois nunca conheci esse avô, que faleceu quase quarenta anos antes do meu nascimento. Tentei obter alguma informação probatória sobre a região da Irlanda onde teria nascido, mas assim que formulei a primeira pergunta, o espírito desapareceu.

Emanuel disse que o espírito que acabara de falar era um espírito muito evoluído que descera de um plano muito elevado. Acrescentou: "Posso dizer-te que ele está num plano muito mais alto do que eu." [1]

Depois, no centro do círculo, um cão ladrava. Era um ladrar alto e muito nítido. *Wough-Wough–Wough-Wough!* Seguiu-se uma pausa de cerca de sete segundos, e depois novamente: *Wough–Wough-Wough-Wough!* Depois veio uma espécie de ganido, como se o animal quisesse aproximar-se de alguém. O Sr. Dick parecia profundamente impressionado.

Uma voz então falou e anunciou que era Bloomfield, de Yeovil, o tratador de cães nas esferas espirituais. Bloomfield disse que o cão tinha pertencido a um dos presentes. O Sr. Dick perguntou: "É o Bogey?"

Foi pena o Sr. Dick ter sido ele a indicar o nome, mas isso foi corrigido mais tarde. Bloomfield respondeu: "Sim, é o Bogey." Perguntei então à voz se nos poderia dizer a raça do cão. Esta era uma pergunta direta que pedia uma resposta com valor probatório.

BLOOMFIELD: É um cão muito grande — um Dogue Alemão.

O cão continuou a ladrar durante mais algum tempo, sempre da mesma forma: quatro latidos profundos de cada vez. Após os primeiros latidos deste cão, ouviu-se um latido de resposta do meu lobo-da-alsácia, que estava num anexo a alguma distância da sala onde decorria a sessão. Sempre que se ouvia o latir do Dogue Alemão na sala da sessão, vinha o latido de resposta do meu cão.

O Sr. Dick disse-nos que estava pasmado com este fenómeno e declarou que reconheceria o ladrar do seu cão em qualquer lado. O cão tinha sido um grande amigo dele e da sua esposa, e ambos lhe tinham um afeto muito profundo. Este cão tinha o hábito de ladrar sempre em quatro latidos distintos de cada vez, o que era uma das suas principais características.

[1] *Isto não tem valor probatório, mas é lisonjeiro para a vaidade patriarcal.*

Pouco depois, surgiu um espírito que dizia ser Harry Hawker (o aviador). Este espírito afirmou que vivia perto de Kingston — em Hook. Disse que, antes de falecer, tinha sido avisado por uma voz espiritual de que, quando estivesse a meio do Atlântico, receberia uma ducha fria. A voz dissera-lhe: "Desta vez estás bem, Harry, mas tem cuidado da próxima."

(Entendeu-se que esta referência dizia respeito à ocasião em que Hawker foi dado como desaparecido, mas acabou por reaparecer são e salvo após alguns dias.) A voz prosseguiu: "Fui imprudente novamente, e por isso cá estou. A separação física da minha mulher foi, no início, muito dolorosa, mas agora estou perfeitamente feliz; gostava de ter oportunidade de falar com ela."

Emanuel disse que tinha ouvido dizer que eu e a minha esposa tínhamos obtido vozes diretas em Dorincourt; e que, se pudesse ser-nos útil, teria muito prazer em tentar ajudar-nos quando retomássemos as sessões.

O guia, Dr. Ellis Powell, afirmou que, se pudesse ajudar-nos de alguma forma, também o faria com gosto.

EMANUEL: Quanto à vossa mediunidade, neste momento ela é de natureza algo dual entre vós os dois. [1]

Durante a sessão, Munnings disse que via muito nitidamente a corda psíquica a atravessar o círculo desde ele até mim, unindo-se ao nível do plexo solar.

Manifestou-se um espírito que se apresentou como Husk, o famoso médium, e falou durante algum tempo comigo e com o Sr. Eyles. Disse que a sua mediunidade em vida lhe tinha sido útil ao passar para outras esferas.

Durante a primeira parte da sessão, quando Emanuel estava a falar, o Sr. Swaffer disse-lhe, de forma bastante cautelosa: "Há um amigo muito especial meu que gostaria que tentasse trazer, se possível."

[1] *Isto é absolutamente verdade, e era algo completamente fora do conhecimento do médium, Munnings. Isto é referido na sessão com Osborne Leonard de 18 de novembro de 1924.*

EMANUEL: Sim, farei o possível. É o George Charles William?

SWAFFER: Não!

EMANUEL: É o Charles William?

SWAFFER: Sim, penso que se pode aceitar isso.

EMANUEL: É o Alfred Charles William?

HANNEN SWAFFER: Sim! [1]

EMANUEL: Não faria ele sessenta anos a 15 de julho?

SWAFFER: Não sei — talvez sim.

J. M. DICK: Sim, isso está certo. É o aniversário do Chefe. Sei-o porque o meu aniversário é poucos dias depois do dele. [2]

Só mais tarde surgiu uma voz que dizia ser a de Northcliffe e falou connosco. A voz não podia, em caso algum, ser reconhecida como sendo de Northcliffe. A mim e ao Sr. Swaffer pareceu-nos extremamente semelhante à voz de Emanuel. A voz falou connosco durante algum tempo, saudando o Sr. Swaffer, o Sr. Dick e a mim. A saudação ao Sr. Dick teve sem dúvida significado, pois a voz dirigiu-se diretamente a ele dizendo: "Olá, John", e mais tarde, ao falar com ele, referiu-se duas ou três vezes como "Dick."

A voz falou bastante tempo com o Sr. Swaffer e referiu-se a um acontecimento relacionado com ele que ocorreria em janeiro.

Pouco depois, o espírito voltou a manifestar-se, dizendo que faria um esforço para surgir quando retomássemos as sessões privadas em Dorincourt sob a minha mediunidade e da

minha esposa. Disse também que tentaria manifestar-se na segunda-feira seguinte, na experiência de escrita automática. [3]

Disse eu que duvidava que fosse possível, nesse tipo de mediunidade, obter qualquer comunicação, e que considerava praticamente impossível conseguir-se, por esse meio, informação que pudesse servir para confirmar uma identidade pessoal. Fiz esta afirmação porque as sessões que conduzo com Mrs. Travers Smith são de natureza puramente filosófica, e nunca procuro obter evidência pessoal.

[1] *São estes os três nomes próprios de Lord Northcliffe.*
[2] *O Sr. Dick era amigo muito próximo e íntimo de Lord Northcliffe. Trabalhou no seu quadro durante muitos anos.*
[3] *Eu tinha marcado uma experiência para segunda-feira com Mrs. Travers Smith, mas estas experiências nunca são conduzidas por mim para fins de prova pessoal.*

Quando a voz cessou, o Sr. Swaffer disse que não podia afirmar que reconhecia aquela voz como sendo de Lord Northcliffe. Imediatamente, a voz de Emanuel voltou a manifestar-se e disse: "Tenho de dizer-vos que o Visconde Northcliffe teve grande dificuldade em materializar a sua voz, e tive de ajudá-lo bastante. Tive, por vezes, de lhe emprestar os meus órgãos vocais, por isso a voz pode ter soado muito parecida com a minha."

III

Esta sessão foi particularmente mista. Houve uma escassez absoluta de provas reais e de identidade pessoal. Note-se que nem Annie nem Warren Clarke tentaram manifestar-se. Sempre que o fazem, dão imediatamente provas da sua identidade. Não pude reconhecer o espírito que dizia ser o meu avô, e o Sr. Swaffer não afirma reconhecer a voz de Lord Northcliffe, nem que tenha sido apresentada qualquer evidência a provar que se tratava de Northcliffe.

As outras vozes, contudo, foram excecionalmente distintas. A de Dan Leno foi absolutamente fiel à vida, e a de G. R. Sims foi também convincente.

O reconhecimento de J. M. Dick, tanto no nome próprio como no apelido, deve ser considerado um ponto positivo.

O episódio do cão a ladrar foi notável, e surgiu de facto informação com valor probatório quando a voz espiritual afirmou tratar-se de um Dogue Alemão.

Devo mencionar que, numa sessão anterior em que estive com Munnings, também surgiu um cão a ladrar. Aparentemente, a entidade de Bloomfield está, de algum modo, associada às sessões de Munnings, e por vezes traz os espíritos de cães que outrora pertenceram a participantes.

Não há razão para o cético troçar da ideia de um cão falecido manifestar-se. Porque não haveriam os espíritos dos cães de existir na vida após a morte? Sou um amante de cães, e

tenho mais afeto por alguns dos meus do que por grande parte das pessoas que conheci em vida.

Além disso, Warren disse-me que existe um Reino Animal e que os animais continuam a sua existência.

Na minha opinião, F. T. Munnings é um médium de voz direta muito poderoso. As vozes surgiram de todos os pontos da sala, afastadas da posição em que o médium se encontrava. Algumas vozes eram totalmente independentes, e o trompete, quando utilizado por outras vozes, podia ser visto a mover-se por si só.

A presença do meu trompete luminoso aumentou o impacto da sessão, pois não só foi elevado até ao teto e a várias partes da sala, como serviu, por vezes, de refletor dos movimentos do outro trompete, que se via a passar junto dele. Quando se movia pela sala e era elevado até ao teto, Munnings era o homem mais espantado da sala. Exclamou que nunca tinha visto nada assim.

Não posso afirmar se o poder para o movimento do nosso trompete foi retirado de mim ou da minha esposa, mas é improvável que qualquer poder nos tenha sido retirado para a produção das vozes nessa ocasião.

Após a sessão, o Sr. Swaffer e eu fomos extremamente críticos ao discutir a questão da escassez de provas obtidas. O Sr. Dick, no entanto, afirmou que fora a noite mais extraordinária da sua vida. Acrescentou: "Aquele era o meu cão, e eu sei disso!"

Há que dizer o seguinte: independentemente de termos ou não obtido provas, não existe ninguém vivo que possa reproduzir fraudulentamente os fenómenos extraordinários que ocorreram durante mais de duas horas.

Desafio qualquer homem, ou três dos melhores imitadores ou atores vivos, a ensaiar cuidadosamente uma sessão fraudulenta e conseguir produzir sequer um quarto dos resultados. Tal tentativa seria um fiasco completo.

O carácter pessoal do médium não me interessa minimamente. Estou envolvido neste estudo pela investigação de qualquer forma de fenómeno.

Os serviços de Munnings devem, sem dúvida, ser aproveitados por investigadores científicos.

Um ou dois dias depois, o Sr. J. M. Dick escreveu-me, e segue-se um excerto da sua carta:
"... continuo num estado de assombro com as revelações feitas na sua casa na outra noite... O ladrar do meu cão não me deixou margem para dúvidas, e, no entanto, a revelação foi tão surpreendente que a minha mente ainda não consegue compreender plenamente o seu significado."

IV

Munnings é atualmente um homem com cerca de cinquenta anos. Contou-me que só descobriu ou desenvolveu os seus poderes de mediunidade de "voz" depois dos quarenta anos, há cerca de nove anos.

Foi por mero acaso que participou numa sessão de voz direta, onde uma voz lhe disse que possuía dons mediúnicos, e decidiu imediatamente formar um círculo privado para verificar se conseguiria desenvolvê-los. Iniciou as suas experiências com alguns amigos em sessões à mesa. Receberam-se mensagens notáveis por meio de pancadas.

Uma dessas mensagens indicou-lhe as medidas de um trompete, que foi instruído a mandar construir. Embora se reunisse com os seus amigos regularmente uma vez por semana, durante nove meses, e recebesse muitas mensagens por pancadas, só no final desse longo período surgiu uma voz. Munnings disse que foi estranho e bizarro, mas inconfundivelmente uma voz. Desde então, as vozes melhoraram gradualmente e tornaram-se cada vez mais claras.

CAPÍTULO XV
A FILOSOFIA DE JOHANNES

H.D.B. retoma contacto com o espírito de Johannes, o filósofo cujas observações constam de *Rumo às Estrelas* — Escrita automática — Johannes discorre sobre o futuro da comunicação espiritual, a evidência de Northcliffe, Oscar Wilde, os símbolos da Trindade, ética e moral, energia e preguiça, e critica alguns dos detratores da sua filosofia tal como exposta no livro mencionado.

22 de dezembro de 1924

I

Mrs. Travers Smith, uma das médiuns de escrita automática mais conhecidas, é filha do falecido Edward Dowden, Professor de Literatura Inglesa, autor de uma biografia de referência de Shelley, investigador psíquico e estudioso de Shakespeare.
Ela teve poucas experiências psíquicas além da escrita automática ou com o tabuleiro ouija.

Como já afirmei, nestas sessões de escrita automática nunca tento obter informação com valor probatório; as minhas perguntas são, como regra, de ordem filosófica. O único ponto com valor comprovativo que poderá ser considerado uma confirmação de que as comunicações de Johannes, que está no controlo de Mrs. Travers Smith, provêm diretamente do seu espírito, é o facto de, em várias ocasiões durante as sessões com Valiantine, em fevereiro de 1924, em Dorincourt, Johannes ter-se manifestado e falado comigo na sua própria voz, referindo-se detalhadamente aos vários diálogos filosóficos que tínhamos tido por intermédio de Mrs. Travers Smith.

Deve compreender-se que Mrs. Travers Smith não esteve presente nessas sessões com Valiantine, nem qualquer das testemunhas dessas conversas tinha conhecimento de Johannes ou das suas dissertações, pois estas ainda não estavam publicadas.

II

A experiência desta data foi organizada para permitir ao Sr. Swaffer observar a extraordinária rapidez com que as respostas podiam ser dadas a qualquer questão filosófica colocada a Johannes.

A última vez que me sentei com Mrs. Travers Smith foi a 7 de janeiro deste ano, o que concluiu uma série de sessões registadas em *Towards the Stars*. O mesmo procedimento foi usado entre ela e eu, como em ocasiões anteriores. Mrs. Travers Smith sentou-se com o tabuleiro ouija, e eu sentei-me à sua frente, com bloco de notas e lápis, para registar as respostas à medida que surgiam.

A sessão teve lugar depois do jantar, na sala de estar de Dorincourt, com luzes acesas. Estavam presentes, além de Mrs. Travers Smith e de mim, como observadores, o Sr. Swaffer, a minha esposa e o meu filho Anthony. As perguntas colocadas a Johannes foram inteiramente espontâneas, feitas por mim ou pelos outros participantes. As respostas vinham com tal rapidez que eu tinha dificuldade em acompanhá-las no registo.

H.D.B.: Já passou algum tempo desde que falei contigo, Johannes. Esta sessão foi organizada apenas para permitir ao Sr. Hannen Swaffer observar esta forma particular de comunicação.

JOHANNES: Sei perfeitamente por que fui chamado aqui; devo dizer desde já que esta noite a tarefa será difícil para mim.

H.D.B.: Porquê? Onde está a dificuldade?

JOHANNES: Não me é permitido explicar exatamente, mas há outras forças aqui tão fortes que parte das minhas pode ser contida. Fui avisado pela minha criança [1] de que devia afastar esta influência dela, e assim o farei. Tens de perdoar-me se não conseguir dar-te o que pedes.

(Pode entender-se por isto que Johannes quis dizer que não desejava responder a quaisquer perguntas que pudessem ser colocadas pelo Sr. Swaffer sobre o espírito de Lord Northcliffe. A Sra. Travers Smith já tinha anteriormente declarado que, por razões pessoais, não queria envolver-se na controvérsia de Northcliffe.)

1 Johannes refere-se à Sra. Travers Smith.

SRA. TRAVERS SMITH: Podes dizer-nos algo sobre o círculo aqui presente esta noite, Johannes?

HANNEN SWAFFER (interrompendo): Em ocasião anterior, Johannes, ouvi-te falar com a tua própria voz.

JOHANNES: Isso é absolutamente verdade. Consegui fazê-lo nesta casa e achei as condições excelentes. Em relação a esta noite, acrescentas consideravelmente à força do círculo; tens uma mentalidade curiosa — parece-me que possuis uma certa força física que ajuda a influência mais poderosa da força psíquica.

H.D.B.: Já ouviste antes o Sr. Swaffer a falar? *1*

JOHANNES: Sim!

H.D.B.: Ouviste algumas das críticas feitas ao registo publicado da tua filosofia? *2*

JOHANNES: Sim! Por vezes, senti uma grande vontade de ter a oportunidade de transmitir mensagens em contradição com alguns dos meus inimigos, que se mostram ansiosos por divulgar as suas próprias teorias. Gostaria de transmitir essas mensagens esta noite, se me permitirem.

H.D.B.: Estás a referir-te à reencarnação?

JOHANNES: Sim!

H.D.B.: Sei, Johannes, que não acreditas na reencarnação do espírito no corpo físico neste plano terrestre. Devo entender, com o uso do termo "inimigos", que te referes a um ou dois críticos literários na Terra que atacaram as declarações que fizeste, por estas não concordarem com as teorias que eles formaram?

JOHANNES: Falei frequentemente sobre este assunto com muitas pessoas. Estou muito ansioso por não ser mal interpretado. Nunca disse que a alma não se reencarnaria. Toda a vida é uma evidência contínua da mesma centelha que flui da vida maior por trás, sem qualquer alteração do espírito.

1 O Sr. Swaffer esteve presente numa sessão com Valiantine, quando Johannes me falou com voz direta.
2 Muitos dos críticos literários de "Towards the Stars" referiram-se a Johannes, e a "The Occult Review" publicou vários artigos de destaque sobre as opiniões de Johannes sobre a reencarnação.

Haverá uma mudança de alma, mas não uma mudança de espírito. A centelha fundamental ou espírito é sempre a mesma. Assim, o espírito reencarna, mas não no corpo físico — apenas na alma mais íntima — e avançamos para uma existência que encerra uma vida maior.

H.D.B.: Podes dizer-nos algo sobre as ocasiões em que me falaste com voz audível? E também como foi conseguido esse fenómeno?

JOHANNES: Lembro-me de ter-te falado através de um método que era novo para mim. No que me diz respeito, encontrei uma parte do corpo físico que era adaptável para eu utilizar, e, através disso, produzi uma impressão em redor do médium, impressões essas feitas não pela respiração, mas através de uma garganta física real. Tornou-se como se eu tivesse passado para uma condição quase idêntica à tua. As minhas palavras surgiram com um ritmo curioso. Esta condição era-me estranha, e, por vezes, estava completamente ignorante quanto ao sucesso ou não da impressão que estava a tentar transmitir.

H.D.B.: Consegui ouvir-te perfeitamente; produziste impressões muito claras e deste-me provas confirmatórias.

JOHANNES: Agora, é fácil para mim falar contigo através da minha criança. Mesmo noutros contextos, isso não poderia ser conseguido sem ajuda. Encontro aqui esta noite uma harmonia.

H.D.B.: Sabes que sempre estive de acordo com a tua filosofia.

JOHANNES: Tens vindo a assimilá-la gradualmente. Há tanto para estudar antes de tudo ser reunido e a filosofia completa do universo ser descoberta. Tudo se baseia nos ensinamentos que podem ser lidos no Novo Testamento.

H.D.B.: Qual achas que será a forma de comunicação espiritual mais convincente no próximo ano?

JOHANNES: Estou interessado em responder a essa pergunta. Aqui deste lado, neste momento, há a sensação de que algo deve ser oferecido ao mundo — algo com um significado mais amplo do que as provas que têm sido lentamente apresentadas ao longo do tempo. Deliberámos sobre o que deve ser mostrado para convencer. Acreditamos que é necessário apresentar certos casos com provas tangíveis — provas que possam ser manuseadas e vistas. Podem esperar vários casos, como o de Glastonbury. *1*

Por vezes, poderá estar diante dos olhos dos homens, de modo que ninguém poderá contestar que temos inspiração exclusiva deste lado. Estes são os primeiros passos, e muito será feito por alguns indivíduos. O número de casos tornados públicos está a aumentar à medida que encontramos pessoas dispostas a atuar deste lado. O resultado será que o tema se tornará parte da fé educativa das populações de todos os países, com o tempo. A educação é o nosso objetivo neste momento.

HANNEN SWAFFER (à Sra. Travers Smith): Importa-se que coloque uma pergunta sobre uma palestra que vou dar no Queen's Hall no próximo mês?

SRA. TRAVERS SMITH: Claro, se assim o deseja.

HANNEN SWAFFER: Podes dizer-me, Johannes, se estiveres a par, qual o valor das provas de Northcliffe que serão apresentadas no encontro no Queen's Hall?

JOHANNES: A minha opinião baseia-se apenas no que foi discutido do nosso lado. Sinto que este será o centro de uma série de raios que se irão expandir a partir dele como núcleo. É de extrema importância que as provas dadas ao mundo tenham interesse público. Por essa razão, temos discutido quem deverá ser chamado a continuar aquilo que já foi iniciado. O caso em que a minha criança esteve envolvida foi inteiramente uma questão de acaso. Ela atuou por um tempo como intérprete de alguém que estava fortemente ligado à Terra.

H.D.B.: Estás a referir-te a Oscar Wilde?

JOHANNES: Sim! Neste caso, havia o desejo de falar, e foi-lhe dada essa oportunidade. Wilde recebeu a tarefa de fazer sentir de novo os seus dotes literários como uma prova. Agora, estas novas provas são de outra natureza. Foram escolhidas porque o homem em questão possui a personalidade necessária. Personalidade significa força — a força que é

necessária neste momento. A mensagem deve agora ser gravada nas mentes da multidão. Muitos permanecem numa ignorância voluntária sobre a vida além — vida que não difere totalmente da vida que vivem na Terra.

1 Isto refere-se ao manuscrito de Glastonbury obtido através da Sra. Travers Smith e registado nos livros do Sr. Bligh-Bond.

É a isto que aspiramos. Queremos uma personalidade forte. Uma figura cuja evidência seja totalmente indiscutível, para que ninguém possa negar a prova da sua existência contínua.

(Neste ponto, Johannes fez uma pausa de alguns minutos a meu pedido, pois a minha mão estava cansada de escrever. Fui descansar brevemente noutra sala.)

H.D.B. (regressando): Há uma pergunta que gostaria de te fazer, Johannes. Encontraste ou viste o Deus do Universo? E, se sim, ou mesmo que não, podes dizer-nos qual é a tua conceção d'Ele?

JOHANNES: Penso que já respondi a isso antes. Não, não encontrei o Deus do Universo. Vocês chamam-lhe "Deus" – nós chamamos-lhe "Vida". A Vida que está por detrás de todos nós que ainda não passámos para o estado que é espírito puro, mas que está para além da alma.

A Vida é tripla: Filho, Pai, Espírito. Do estado último não conseguimos compreender mais claramente do que vocês. Sabemos que toda a vida surgiu disso. É uma inteligência para lá de toda a compreensão humana. Comanda tudo de tal modo que nada é desperdiçado – mesmo criaturas imperfeitas que são enviadas ao mundo e utilizadas, e depois reutilizadas até que, como seres perfeitos, se tornem triplos, como referi. Por trás de tudo está o símbolo da Trindade, que explica a criação. No vosso plano terrestre existe a trindade do pai, mãe e filho; e, num estado mais avançado da civilização, existe o Filho, o Pai e o Espírito, que está acima de tudo e permeia o mundo, depois de o corpo – que é a criança – ter desaparecido e sido sacrificado.

HANNEN SWAFFER: Se todas as religiões do mundo forem fundidas numa forma de unitarismo, porque razão todos os espíritos que falam em círculos espíritas usam termos que fazem referência a Cristo?

H.D.B.: Por favor, Johannes, tenta dar uma resposta breve e concisa, e procura não ditar tão depressa.

JOHANNES: Tentarei explicar com simplicidade. Tens razão ao dizer que vos damos os símbolos que vos são familiares. Damos-vos a vossa religião como vos damos roupas conhecidas. Mas, além disso, há outro ponto que passaste por alto. A vossa mente foi treinada num canal específico, e isso continua na vida após a morte, porque esse desenvolvimento da alma encontra nas ideias e ambientes familiares um terreno mais fértil para o seu crescimento do que se fosse mergulhada num mar novo de conceitos. As mesmas religiões e crenças continuam, e mesmo Cristo não foi um mito, mas uma alma viva enviada ao mundo com um propósito, que cumpriu.

ANTHONY BRADLEY: Qual é o padrão ético do vosso lado? Coincide com os nossos valores morais ingleses?

JOHANNES: De forma alguma, meu caro. Tal pergunta parece-me muito elementar. Se me deres tempo, pegarei no vosso código moral, ponto por ponto, e explicarei. As falhas são enormes. Quando cá chegares, verás que os valores das vossas virtudes são alterados em quase todos os casos. É parte da mudança do estado geral aqui. A visão mental é consideravelmente alargada, e as consequências de certos juízos tornam-se mais claras. Tens de compreender que as chamadas virtudes, especialmente os pontos de honra, não são assim tão imaculadas como imaginas.

ANTHONY BRADLEY: Podes dizer-nos qual é o valor da energia, em oposição à apatia e à preguiça?

JOHANNES: Isso é uma questão extremamente importante. A energia é vida. Se usas mal a energia, estás a usar mal a vida. A preguiça é o mais perverso de todos os vícios. Nada é tão degenerativo como o fracasso em usar a força interior. É quase preferível ser energicamente mau na vida do que permanecer prostrado sob a força que te domina de qualquer forma.

Posso assegurar-te que o castigo mais severo que encontras é seres confinado a um lugar onde não podes usar a força dominante que é tua por natureza.

ANTHONY BRADLEY: Podes dizer-me se tenho alguma aptidão para a mediunidade?

JOHANNES: Direi o que vejo. Encontro em ti uma sensibilidade, mas ainda sem prática no lado motor. O lado psíquico está lá. Tens sensibilidade mental para captar impressões claras e transmiti-las à tua consciência.

III

A Sra. Travers Smith defende que contribuo, de certa forma, para o poder durante as minhas sessões com ela. A minha posição é que, se tal acontece, será psíquico e não conscientemente mental, pois durante essas sessões estou tão absorvido a registar as respostas às várias perguntas que não faço ideia do seu valor ou inteligência até ler as minhas notas posteriormente, com calma.

A minha mentalidade e pensamentos não têm qualquer influência nas respostas. Pode argumentar-se que, de forma subconsciente, a minha mente possa influenciar uma resposta à minha própria pergunta, e que a filosofia exposta por Johannes, por vezes, parece coincidir com a filosofia a que eu próprio tinha chegado anteriormente. Na secção filosófica de *Rumo às Estrelas*, que continha as "Conversas com Johannes", o registo de uma longa série de sessões minhas com a Sra. Travers Smith, foi sugerido – com certa lógica – pelo Sr. J. A. Spender, num artigo especial no *Westminster Gazette*, que as comunicações de Johannes estavam coloridas pela minha mentalidade. No entanto, foram registadas muitas respostas a perguntas que não eram minhas, e sobre temas dos quais eu não tinha conhecimento.

Não foi preparado qualquer programa de perguntas para esta sessão em particular. Tinha uma ou duas questões para minha informação pessoal, mas, como teste, pedi ao Sr. Swaffer e ao meu filho Anthony que colocassem qualquer pergunta que lhes ocorresse no momento. O ponto fenomenal é que as respostas foram dadas com tal rapidez que o meu braço doía de tanto escrever, e por várias vezes fui obrigado a pedir a Johannes que parasse.
No total, a conversa e as respostas perfizeram 2.323 palavras. Contando com uma ou duas pausas curtas para descanso, o tempo total foi de meia hora.

CAPÍTULO XVI

UMA DISCUSSÃO SOBRE O PODER DA "VOZ"

O trompete do Sr. Munnings interessa ao investigador – contudo, os acontecimentos desta sessão são registados fielmente: como o espírito de George Herbert Lee Mallory se manifestou, o que o guia Emanuel disse a Anthony, como o Dr. Herbert Fullerton Ransome examinou a Sra. Bradley e H.D.B., e os resultados desse exame.

31 de Dezembro de 1924

I

Esta sessão teve lugar em Dorincourt. Eu queria estudar mais aprofundadamente a mediunidade de F. T. Munnings, e além disso desejava verificar se seria possível obter alguma informação sobre a minha própria mediunidade.

Estavam presentes, além de Munnings, a Sra. Bradley e eu próprio, Anthony Bradley, Miss Queenie Baylis e Alec Huntley – o meu motorista.

Pedi a Huntley que participasse neste círculo, pois tinha sido feita referência a ele na sessão anterior com Munnings. Huntley tinha-se interessado pelo espiritualismo, mas nunca tinha assistido a uma sessão.

Além do trompete de Munnings, que já descrevi, o meu trompete também foi utilizado. Foi posto a tocar um disco de Battistini no gramofone, e após um segundo disco operático ser colocado, o meu trompete luminoso foi levantado e transportado até ao teto, que foi tocado várias vezes.

Depois disso, foi colocado um disco de jazz, e o tempo sincopado foi batido dentro do trompete com perfeita cadência.

Emanuel – o guia de Munnings – falou connosco. Munnings perguntou a Emanuel se, em sessões futuras, seria possível dispensar o trompete por completo, e se as vozes dos espíritos poderiam manifestar-se sem a sua utilização. Emanuel respondeu que, com toda a probabilidade, seria possível, mas que seria prudente manter o trompete presente, caso o poder não fosse suficiente para que os espíritos conseguissem materializar as suas vozes adequadamente sem ele. O trompete ajudava-os a amplificar o som.

Perguntei a Emanuel se nos podia dar alguma informação relativamente à mediunidade pessoal da minha esposa e da minha própria. Emanuel respondeu que sabia que iríamos retomar brevemente as nossas sessões privadas. O guia, Angus Stern, manifestou-se e saudou-nos. Emanuel disse que havia um espírito presente — não conhecido pessoalmente por nós — que desejava ter a oportunidade de praticar a fala e a materialização da sua voz. O espírito manifestou-se então, anunciando-se como George Herbert Lee Mallory. Disse que já tinha falado em uma ou duas ocasiões anteriores, e esperava mais tarde ter a oportunidade de falar com a esposa.

MALLORY: Cheguei ao topo. *1* Irvine não chegou tão longe. Quando passei para o outro lado, senti a separação dos meus. (Aqui mencionou Godalming.)

Seria a alegria da minha vida se conseguisse comunicar com a minha esposa, e com os meus. Quero dar notícias — assuntos de família. Os nossos corpos ainda estão sob a neve. Espero mais tarde ter a oportunidade de me manifestar e relatar as minhas experiências. A minha passagem foi indolor, e vi visões mesmo antes do fim. As pessoas deste plano têm sido muito bondosas comigo, mas ao início estava algo preso à Terra. Deus vos abençoe!

Emanuel disse que vários espíritos estavam a disputar o trompete na tentativa de falar. Acrescentou:

EMANUEL: Posso dizer-vos que alguns deles não hesitam em dizer pequenas mentiras, mas nós, os guias, asseguramo-nos de que tudo o que chega ao vosso plano seja autêntico.

H.D.B.: Podes dizer-me, Emanuel, porque estás disposto a dedicar tanto do teu tempo a atuar como guia nestas sessões? Isso tem algum valor para a tua progressão pessoal?

1 Referindo-se ao Monte Evereste.

EMANUEL: A progressão vem através do ensino prestado a outros. Os guias não estão presos ao avental do médium. Munnings tem-nos dado mais trabalho do que a maioria dos médiuns. *1*
Os guias adquirem essa posição voluntariamente, e isso representa uma progressão para os espíritos que assumem esse trabalho por sua própria vontade.

Em resposta a uma pergunta colocada por Anthony, Emanuel disse: "Qualquer boa ação que se realize compensará sempre os pequenos erros da vida. Um dia hei de contar-te tudo sobre a minha vida na Terra."

H.D.B.: Foste de Cambridge?

EMANUEL: Sim, estive em Cambridge.

ANTHONY: Em que colégio estiveste?

EMANUEL: Clare. E tu, onde estás?

ANTHONY: Estou em Trinity.

EMANUEL: No meu tempo dizia-se: 'Oxford para o físico, Cambridge para o intelecto.'

ANTHONY: Sim, mas esse dito pode ter-se invertido hoje.

EMANUEL (a rir): Com certeza que não, agora que tu lá estás!

A conversa entre Anthony e Emanuel continuou por algum tempo. Mais tarde, Emanuel perguntou-me se havia um homem chamado Shepherd Scott ligado à casa. Respondi que sim, que tinha existido um homem com esse nome. Fora o meu jardineiro-chefe há cerca de um ano.

Durante o tempo em que Emanuel falava, o trompete luminoso movia-se com movimentos amplos e peculiares. Esses movimentos varriam o espaço exatamente da mesma forma que acontecia em ocasiões anteriores, quando as vozes espirituais nos tinham falado em Dorincourt, durante as nossas sessões privadas.

Por causa disso, perguntei a Emanuel a razão dos movimentos rápidos e em varrimento do trompete em certos momentos.

EMANUEL: É necessário mover o trompete dessa forma para recolher poder. Sou perito em captar o poder ectoplásmico a usar na materialização da minha voz. Durante uma sessão, esse poder fica suspenso em torno do círculo, em diferentes pontos. Eu recolho o suficiente para me permitir falar; é por isso que o trompete se desloca de ponto em ponto.

1 Uma observação particularmente divertida.

Tu e a Sra. Bradley estão a fornecer poder continuamente. Sei que ambos têm estado, temporariamente, impedidos de realizar sessões privadas de voz, mas mesmo assim conseguimos recolher alguma energia vinda de vós. Esse poder circula da esquerda para a direita.

Emanuel pediu se podíamos pôr um pouco de música, pois queria trazer o espírito do Dr. Ransome para examinar a Sra. Bradley e a mim, no que dizia respeito à nossa mediunidade. Pouco depois, a voz espiritual do Dr. Ransome falou connosco. Essa voz era extraordinariamente distinta e completamente diferente de qualquer outra voz que tivesse falado nas nossas sessões. Falava num tom rápido, mas amável. A voz fez-me lembrar muito a do meu amigo Dr. George Cathcart, o famoso especialista em garganta.

O Dr. Ransome pediu que nos certificássemos de que o seu nome fosse bem registado — Herbert Fullerton Ransome.

DR. RANSOME: Diz-se por vezes que duas pessoas da mesma família — ambas mediúnicas — não devem sentar-se juntas. Isso é um disparate completo. Neste caso, é apropriado que se sentem juntos nas sessões privadas. Nesta forma de mediunidade, há um entendimento perfeito entre o senhor, Sr. Bradley, e a sua esposa. Aconselharia que, ao fazerem sessões de voz, nunca o fizessem um sem o outro. Se um estiver doente, mais vale não fazer sessão nenhuma.

Se me derem um momento, gostaria de examinar as vossas gargantas. (Para a Sra. Bradley) Por favor, abra a boca.

Após a observação, disse que a Sra. Bradley estava perfeitamente bem. Bem próximo da sua boca, a cerca de quinze centímetros, foi emitido do trompete luminoso um som forte de sopro. Pouco depois, examinou-me.

DR. RANSOME (para H.D.B.): O poder da mediunidade é uma produção conjunta dos dois. Neste sentido, existe quase uma afinidade entre vocês. Aconselho que, quando retomarem as sessões, não o façam mais do que uma vez por semana, e penso que poderão recomeçar dentro de duas semanas. Não precisam de se preocupar com o poder mediúnico — ele ainda está presente e provavelmente tornar-se-á muito mais desenvolvido. No futuro, obterão fenómenos muito mais avançados do que qualquer coisa que tenham conseguido até agora.

O senhor, Sr. Bradley, está de boa saúde, mas por vezes tem ligeira congestão no fígado. Costuma sentir-se muito sonolento depois do almoço, não é verdade? *1* Seria aconselhável beber um copo de água morna todas as manhãs e noites.
Não tem motivo para preocupação, vejo longevidade assegurada.

H.D.B.: Pode dizer-me se o meu coração está completamente bem?

(Durante o tempo em que conversava com o Dr. Ransome, o meu trompete luminoso foi colocado muito perto de mim, talvez a menos de trinta centímetros do meu rosto.)

DR. RANSOME: O seu coração está perfeitamente saudável, mas desde que parou com as suas sessões tem tido ligeiros episódios de palpitações. Não precisa de se preocupar com isso. É apenas causado por um pouco de ar à volta do coração — vou remover isso por si. *2*

H.D.B.: Tenho uma razão muito importante, Dr. Ransome, para desejar realizar a primeira das minhas sessões privadas na quinta-feira da próxima semana. Seria aconselhável?

DR. RANSOME: Oh, sim. Penso que será perfeitamente adequado e, de qualquer forma, farei questão de estar presente nesse dia para observar se há algum esforço excessivo.

SRA. BRADLEY: Seria amável da sua parte examinar o meu filho, visto que ele sofre periodicamente de dores de cabeça?

(O trompete iluminado foi então até Anthony, e durante o exame o Dr. Ransome manteve com ele uma conversa leve, característica e bem-humorada.)

1 Há algum tempo que sinto, invariavelmente, sonolência e fraqueza depois do almoço, apesar de fazer uma refeição bastante ligeira. Curiosamente, nunca me sinto cansado depois do jantar, e muitas vezes fico acordado a trabalhar ou em lazer até às duas ou três da manhã.
2 Os sintomas diagnosticados pelo Dr. Ransome relativamente ao meu coração estavam correctos. Nunca tinha mencionado os episódios de palpitações a ninguém, pois detesto exibir indisposições perante outras pessoas, mas isso tinha acontecido várias vezes nos últimos dois meses, deixando-me completamente sem fôlego. Mais tarde esses episódios cessaram e não voltaram a ocorrer.

DR. RANSOME: As tuas dores de cabeça localizam-se mesmo no topo da testa, não é? Parece que tens um grande peso a pressionar essa zona, não é verdade?

ANTHONY: Sim, é isso mesmo.

DR. RANSOME: É isso que te faz franzir o sobrolho (rindo). Se não as curarmos, vais ficar com rugas aí antes do tempo, e isso fará com que pareças bastante mais velho (rindo). A causa das tuas dores de cabeça é que produzes sangue em excesso. Há ali um excesso. Não quero dizer que exista um coágulo, mas sim uma certa pressão sanguínea. Isto é afetado por uma formação específica da tua coluna vertebral.

Depois da partida do Dr. Ransome, uma voz espiritual manifestou-se, identificando-se como Henry Withall, e dirigiu-se a mim. Disse que tinha estado ligado à publicação *Light*. Queria dizer-me o quanto estava interessado na minha mediunidade, e acrescentou que esta se iria desenvolver num poder verdadeiramente extraordinário.

Um espírito tentou falar com Huntley, mas a voz era muito indistinta e não se conseguiu identificar a sua origem.

Mais cedo, naquela noite, eu tinha perguntado a Emanuel se seria possível trazer o espírito de Cecil Husk, um dos médiuns mais célebres do século XIX. Perto do final da sessão, Husk manifestou-se, anunciando-se pelo nome e falando comigo.
A voz era completamente diferente da de qualquer outro espírito que tivesse falado naquela noite.

H.D.B.: Um amigo meu, o Sr. Hannen Swaffer, que participou numa sessão fora deste círculo, disse-me que lhe foi dito que o senhor desejava falar comigo.

CECIL HUSK: Está absolutamente certo. Enviei uma mensagem a dizer que queria falar consigo sobre a sua mediunidade. Estou profundamente interessado na mediunidade sua e da sua esposa. Quero ajudá-lo de todas as formas possíveis nas suas sessões pessoais, e irei ligar-me a si como um dos seus guias, de modo a poder impressioná-lo e aconselhá-lo sobre como proceder, e também para o proteger. A sua mediunidade irá desenvolver-se de forma muito poderosa, e receberá grande ajuda deste lado. Mais adiante, irão ocorrer fenómenos de carácter muito excecional, e de natureza diferente de qualquer um que tenha experienciado até agora.

H.D.B.: Espero que, quando voltarmos a sentar-nos, nem a minha esposa nem eu tenhamos de ser colocados em estado de transe.

CECIL HUSK: Não! Irei garantir que isso não aconteça. Não será necessário. Irão desenvolver-se de forma natural, mantendo-se perfeitamente conscientes ao longo de todo o processo. É infinitamente melhor evitar o estado de transe. Se se lembra, eu sofri bastante durante a minha vida terrena por entrar em transe nas sessões em que servia de médium. Fiquei cego por causa disso. *1* Não quero que ninguém sofra como eu sofri. Terão os melhores guias possíveis. Deste lado, está John King, que foi o meu guia quando eu estava na Terra. Ele irá ajudá-lo, e é realmente o mais poderoso de todos os guias vocais deste lado; quando se manifesta e fala, verão que a sua é a voz mais forte e poderosa deste plano.

SRA. BRADLEY: A voz dele é mais forte que a de Kokum? *2*

CECIL HUSK: Sim! Creio que, por vezes, irão encontrá-la até mais forte que a de Kokum.

A conversa sobre aspetos da mediunidade continuou por algum tempo, e entre outras questões, perguntei se o consumo de álcool afetava de algum modo a mediunidade.

CECIL HUSK: Não, de modo algum, desde que com moderação. Continue exatamente como tem feito, e tome aquilo de que sentir necessidade. Apenas, nos dias em que se sentar, não fume em excesso, pois isso pode afetar os órgãos vocais, dos quais precisamos usar parte das forças ectoplásmicas.

Husk pareceu-me ser uma personalidade extremamente simpática.

Depois disso, uma voz falou através do trompete num sussurro muito agitado, rouco e indistinto. Dirigiu-se à Sra. Bradley. A voz era tão rápida e excitada que não conseguimos perceber o que pretendia dizer. Chamou a Sra. Bradley de "Mabel", mas apenas conseguimos entender que tinha falecido recentemente em Sydney — Austrália — num acidente, e que conhecia tanto a minha esposa como a mim, tendo estado presente no nosso casamento. A voz ficou tão agitada que, no fim, acabou por emitir um tipo de sussurro incoerente e aos gritos.

1 Cecil Husk ficou cego.
2 Aqui a Sra. Bradley refere-se a Kokum, um dos guias espirituais de Valiantine, que possui a voz mais alta que alguma vez ouvi. Pode ser ouvida a duzentos metros de distância.

Em várias ocasiões ouviram-se duas vozes espirituais a falar ao mesmo tempo; por vezes Emanuel falava simultaneamente com outro espírito, e noutra ocasião falava para outro espírito, e estas duas vozes eram ouvidas a conversar entre si no centro da sala.

No final da sessão, Emanuel voltou a manifestar-se e perguntou-nos se, antes de encerrar, poderíamos cantar alguma coisa, e que ele se juntaria a nós. Cantámos, e a voz de barítono de Emanuel foi ouvida bem alto, musical e distinta, no alto da sala. A minha esposa e eu reparámos em particular que o médium estava também a cantar ao mesmo tempo.

II

A minha análise desta sessão é que nada ocorreu que possa ser registado como prova de carácter pessoal. No entanto, foi uma sessão extremamente interessante. Apresento aqui apenas um breve resumo das conversas que tiveram lugar, já que a sessão durou duas horas e três quartos.

As personalidades e vozes de Cecil Husk e do Dr. Ransome foram notavelmente marcantes nas suas individualidades.

Parece-me que, com Munnings, não se consegue obter qualquer evidência pessoal. Por que razão assim é, não sei dizer, excepto talvez porque os seus poderes mediúnicos e as forças ectoplásmicas são de tal ordem que os espíritos amigos pessoais encontram dificuldade em manifestar-se.

CAPÍTULO XVII
UMA EXPERIÊNCIA NEGATIVA

As sessões privadas são retomadas e, na medida em que a sessão descrita abaixo se revelou negativa, o autor oferece as suas observações sobre o seu trompete luminoso, poder psíquico, instrumentos musicais, como meios para confundir os materialistas.
8 de Janeiro de 1925

I

Durante a sessão com a Sra. Osborne Leonard em 18 de Novembro de 1924, nas comunicações que recebi do espírito de Warren Clarke, foi-me dito que poderíamos retomar as nossas sessões privadas de conversação em "voz" no início do novo ano. Como o Sr. Swaffer tinha concordado em dar uma palestra no Queen's Hall a 20 de Janeiro, convidei-o a estar presente nesta ocasião, caso fosse possível estabelecer comunicação com o espírito de Lord Northcliffe.

Tinham passado três meses desde que tanto Annie como Warren me tinham pedido que cessasse essas sessões. Era, portanto, particularmente interessante para mim retomar as experiências.

A minha mente estava completamente aberta, e disse ao Sr. Swaffer que não me era possível prever se algo aconteceria ou não, pois compreendia perfeitamente que a comunicação espiritual por voz direta não podia ser obtida a pedido. Ao mesmo tempo, sentia realmente que era provável que recebêssemos alguma comunicação por essa via. Segui à risca as instruções dadas pelos espíritos, e estavam presentes apenas cinco pessoas: o Sr. Hannen Swaffer, a Srta. Madeline Cohen, a Sra. Bradley, Anthony e eu próprio.

De acordo com as instruções, as faixas luminosas que corriam ao longo do trompete foram alteradas para vários pontos de cerca de um centímetro e meio de diâmetro e espaçados de cerca de dois centímetros e meio. A faixa luminosa na extremidade mais larga do trompete permaneceu como antes.

As luzes foram apagadas, e vários discos foram tocados no gramofone. Durante trinta e cinco minutos nada aconteceu; depois disso, o trompete iluminado foi ligeiramente elevado no ar por um curto período de tempo, sendo depois colocado de novo no centro da sala. Cerca de dez minutos mais tarde, o trompete foi levantado, moveu-se ao redor do círculo e foi novamente pousado.

Após cerca de uma hora de sessão, o trompete foi novamente erguido, circulou pelo grupo e tocou em cada um de nós, mas não conseguimos ouvir qualquer voz — nem mesmo o mais leve sussurro.
Perguntei então em voz alta: "Se o poder for fraco, podem por favor tentar bater uma vez no trompete?" Foi ouvida uma batida muito suave, em sinal afirmativo.

Sentindo que o poder era fraco e que era improvável obtermos qualquer fenómeno pessoal, perguntei também em voz alta: "Consideram aconselhável que encerremos esta sessão? Se sim, batam uma vez." Uma batida foi ouvida, e após isso encerrámos a sessão.

II

Durante toda esta sessão, a atmosfera na sala pareceu-me algo mortiça e, passados os primeiros vinte minutos, deixei de acreditar que seriam obtidos resultados.

Estas notas foram escritas imediatamente após a sessão, e desejo registar que não me sinto minimamente perturbado pelo facto de, nesta primeira retomada das nossas sessões privadas, não se terem obtido resultados de valor.

Não estou de forma alguma afetado por este aparente fracasso; pelo contrário, estou plenamente confiante de que os poderes mediúnicos da minha esposa e meus continuam intactos, e irão desenvolver-se gradualmente para um grau muito mais elevado do que até aqui.

Neste estudo da mediunidade há tanto a aprender, e tornar-se-á parte do estudo futuro compreender exatamente por que razão em certas ocasiões nada acontece, tal como é igualmente importante aprender por que razão e de que modo os fenómenos se manifestam. Nenhum instrumento musical foi colocado no círculo. Este tipo de fenómeno não me interessa particularmente, salvo pelo facto de ter-se revelado útil para confundir os materialistas.

CAPÍTULO XVIII
UMA RETOMADA BEM-SUCEDIDA

Mr. John De Forest tem uma experiência dramática: Theodora transmite-lhe uma mensagem para "Napper" — O espírito de T. W. H. Crosland tenta comunicar e falha — O autor sente-se satisfeito.
12 de Janeiro de 1925

I

Após o fracasso da minha primeira experiência ao retomar a mediunidade pessoal, não tencionava realizar nova sessão até passar uma semana completa. No entanto, nesse dia, um amigo do Anthony, o Sr. John De Forest, filho mais novo do Barão De Forest, jantava connosco.

O Sr. De Forest não tinha qualquer conhecimento de espiritualismo, mas, tendo ouvido falar de algumas das minhas experiências, introduziu o assunto com entusiasmo e discutiu-o com grande interesse. Após o jantar, mostrou-se extremamente desejoso de fazermos uma experiência. Eu não estava particularmente inclinado a isso, mas, como o meu filho também estava entusiasmado, e como ele regressava a Cambridge no dia seguinte, acedi.
O círculo ficou assim composto por mim, pela minha esposa, por Anthony e pelo Sr. John De Forest.

Anthony perguntou-me se me importava que se colocassem instrumentos de jazz no centro do círculo. Disse-lhe que fizesse como achasse melhor. O trompete luminoso foi, como de costume, também colocado no centro da sala. As luzes foram apagadas e o gramofone ligado.

Passados cinco ou seis minutos após o segundo disco ter sido tocado, o trompete foi levantado, moveu-se rapidamente ao redor do círculo e foi elevado até ao teto. Quando foi posto a tocar um disco de jazz, a bateria e os címbalos tocaram em tempo sincopado. Quando se tocaram discos de Galli-Curci e Battistini, o trompete foi levantado e os cânticos foram dirigidos.

Perguntei: "Foi o Palastrina que conduziu?" — e uma forte batida no trompete confirmou afirmativamente.

Após cerca de vinte minutos, o trompete foi novamente levantado e uma voz feminina falou ao Sr. De Forest de forma algo excitada.

SR. DE FOREST (aparentemente reconhecendo a voz): És tu, Theodora, a falar comigo?

A VOZ: Sim.

A VOZ: Vais contar isto ao "Napper"?
Como eu não sabia quem era "Theodora" nem a quem se referia o nome "Napper", perguntei ao Sr. De Forest:

H.D.B.: Sabes quem é o "Napper"?

SR. DE FOREST: Sim, é o nome pelo qual chamamos o Dean Paul.
H.D.B.: Reparaste que foi o "espírito" quem mencionou esse nome espontaneamente?

Imediatamente após ter dito isto, o trompete luminoso afastou-se do Sr. De Forest e veio diretamente até mim, dizendo: "Sim, fui eu."

O trompete voltou então para junto do Sr. De Forest, e a conversa entre os dois continuou.
O Sr. De Forest informou-me mais tarde que Theodora era uma amiga próxima sua, que falecera há quinze dias devido a febre tifóide. Ficou profundamente impressionado com o fenómeno, dizendo: "É simplesmente maravilhoso."

Annie falou com Anthony, com a minha esposa e também comigo. Perguntei-lhe se estava tudo certo para retomarmos as nossas sessões, e ela respondeu afirmativamente.
O poder não parecia ser muito forte, e as conversas só puderam ser mantidas durante pouco tempo.

Após um breve intervalo, outro espírito manifestou-se de forma extremamente agitada, falando num sussurro rouco e quase ininteligível. Tudo o que conseguimos perceber foi "Crosland" — o nome foi repetido duas vezes. Tentei encorajar a voz e obter alguma informação, mas foi totalmente impossível, e o trompete luminoso caiu ruidosamente ao chão.

Levantei-o e perguntei: "A última voz que falou era a de T. W. H. Crosland?" — e uma forte batida no trompete confirmou afirmativamente.
Ficámos mais dez minutos sentados, mas nada mais aconteceu, pelo que encerrámos a sessão, que durara cerca de uma hora.

II

Nem o poder, nem a força das vozes pareciam estar ao nível das experiências realizadas em Outubro. Ainda assim, fiquei bastante satisfeito com os resultados desta segunda experiência após a retomada, e a evidência dada com a menção espontânea do nome "Napper" teve valor distinto.

CAPÍTULO XIX
UM IMPORTANTE AVISO MATERIAL

O espírito de Gaston lembra à Sra. Gaston Sargeant de um dever social para com os seus amigos, os Lowther — Warren Clarke fala das suas filhas — O "tom de marreta" de H.D.B. impresso — Annie adverte o autor sobre deficiências financeiras.
15 de Janeiro de 1925

I

Esta foi a minha segunda sessão com a Sra. M. Scales. Foi conduzida à luz do dia, pelas três da tarde, no apartamento da Sra. Gaston Sargeant em Chelsea. Nesta ocasião fui acompanhado pela minha esposa, pelo que estavam presentes, além da médium, a minha esposa, eu próprio e a Sra. Sargeant. Esta última saiu da sala após os primeiros minutos.

A médium entrou em transe, e houve uma pausa de três ou quatro minutos antes de falar. A Sra. Scales, como já referi noutro capítulo, é controlada por vários espíritos, e as comunicações são feitas pela sua boca.

O primeiro espírito que se manifestou foi o de Gaston Sargeant — o nome do marido da Sra. Sargeant — falando na primeira pessoa.

GASTON (para H.D.B.): Tens andado um pouco nervoso ultimamente. Vou tentar ver se consigo colocar-te uma bateria.

H.D.B.: Na verdade, os nervos não me incomodam. Costumo trabalhar com eles, mas o estudo deste assunto desgasta bastante.

GASTON: Sim, uma vez iniciado, este estudo passa a fazer parte da vida do indivíduo. À boa senhora (a médium pousou a mão sobre a Sra. Bradley), eu diria: não demasiadas sessões. Não é bom que ela se esgote a si própria.

(Voltando-se para a Sra. Sargeant) Os Lowther partem amanhã de manhã para África. Não lhes escreveste. Deverias telefonar-lhes imediatamente.

A Sra. Sargeant informou-me que se tinha esquecido de escrever aos seus amigos, os Lowther, e então saiu da sala e telefonou-lhes.

Pouco depois, Chloe, o guia espiritual da Sra. Scales, falou através da médium.

CHLOE: "O Massa" *1* diz que precisas de electricidade.

Chloe prosseguiu dizendo que estava presente o espírito de um homem, de quem deu uma descrição vaga. Disse que ele chamava por "Mabs". Queria lembrar à minha esposa o aniversário recente da sua passagem. Mencionou então os números 3 e 1, e 3 e 1 de Dezembro. *2*

Chloe referiu depois a letra "W".

CHLOE (para a Sra. Bradley): Agora ele está a sussurrar. Diz: "Tenho o privilégio de entrar no teu quarto sem a permissão dele (H.D.B.)." Agora ele está a fazer isto...

(Neste momento, a médium levantou o queixo e moveu a cabeça para trás e para a frente. Em seguida, acariciou o queixo de forma peculiar. Estes dois gestos eram traços marcantes de Warren Clarke.)

CHLOE: Annie está a chegar, acompanhada de Georgie.

Chloe disse que o homem falava de algo relacionado com "as vozes", e que estas tinham a ver com alguns grandes escritos. Estava a mostrar dois livros.

As mensagens de Warren Clarke foram transmitidas por Chloe, que precedia cada resposta com "Ele diz". Por isso, para maior clareza, assumi que foi Warren quem transmitiu essas mensagens, e registei as respostas como sendo dele.

H.D.B.: Podes sugerir-me um título para o novo livro?

1 "O Massa" e "O Chefe" são os termos com que Chloe se refere ao falecido Sr. Gaston Sargeant.
2 Esta data — 31 de Dezembro — foi o dia da morte de Warren Clarke.

WARREN: Desta vez o título deve ser "Beyond" [Para Além], em vez de "Towards" [Em Direção a] (aqui mencionou um nome).

SRA. BRADLEY: Achas que ela está a evoluir bem?

WARREN: Não está a evoluir; para mim, está a regredir. Dá-me vontade de ir à igreja e dizer: "Ilumina as nossas trevas, nós te suplicamos, ó Senhor." (De repente, o nome "Betty" *1* foi mencionado espontaneamente.)

H.D.B.: Tens algum conselho a dar sobre a Betty?

WARREN: Não me atreveria a dizer que sei mais do que tu sobre isso, mas o peito da Betty deve ser mantido quente. Eu não gostava nada da tosse que tive em vida. Era um verdadeiro estorvo.

H.D.B.: Bem, já te livraste disso.

WARREN: Sim, mas não conseguimos patentear o elixir. (O nome "Phyllis" *2* surgiu em seguida.) Claro que ela é importante, mas não tanto quanto a Betty.

(Para H.D.B.) Não te deixes forçar a desviar-te do teu "tom de marreta" na escrita. Dá-lhes direto pela esquerda.

H.D.B.: Estou a tornar-me demasiado brando?

WARREN: Não te acomodes a certos tipos.

H.D.B.: Alguns dizem que sou demasiado frontal.

WARREN: No teu plano, as pessoas estão muito adormecidas. Não nos incomoda tanto, desde que, ao despertarem, sejam sensatas.

1 Este é o nome da filha mais nova de Warren Clarke.
2 O nome da segunda filha de Warren Clarke.

(A conversa continuou por algum tempo em tom bem-humorado.)

Queria animar-te. Que condições atmosféricas infernais tens andado a aguentar. Isto não é propriamente como em Itália. *1*

H.D.B.: As vozes irão desenvolver-se?

WARREN: Claro que sim!

H.D.B.: Warren, serias capaz de controlar a médium e falar diretamente através dela?

WARREN: Talvez na próxima vez, mas hoje não quero tentar.

H.D.B.: Como achas que correrão as coisas em Fevereiro, quando o Valiantine vier?

WARREN: Nessa altura vou montar grandes coisas.

H.D.B.: Descobriste algo sobre os meus guias?

WARREN: Quando fizeres as tuas sessões de voz, eles estarão todos a andar pela sala. Estão ali para gerar poder.

Quando o Valiantine vier, aconselho-te a usar os instrumentos musicais. Acho que vais surpreender toda a gente com os resultados. *2*

Após esta comunicação, Chloe, através da médium, disse que havia uma senhora e um rapazinho presentes e que, se esperássemos um pouco, a senhora iria controlar a médium e falar connosco. Após uma pausa de três minutos, ocorreu um fenómeno semelhante ao descrito no Capítulo XI. O rosto da médium foi gradualmente transfigurado, e a voz que nos falou através dela era exatamente igual à da Annie.

Inicialmente, a articulação parecia difícil, mas depois os tons eram idênticos aos usados pela minha irmã quando estava viva.
Seguiu-se uma conversa delicada entre Annie, a minha esposa e eu, que durou cerca de vinte minutos. Foram discutidos assuntos de carácter pessoal e privado.

A Annie mencionou vários nomes e deu provas da sua personalidade sobrevivente. Entre outras coisas, referiu-se a certos assuntos financeiros meus e demonstrou conhecimento absoluto sobre os mesmos. Foi aqui que recebi o segundo aviso sobre um assunto de importância material excecional. Para meu espanto absoluto, descobri um desfalque grave nas minhas finanças em Fevereiro de 1925 — um mês após esta sessão e três meses depois do primeiro aviso.

A conversa decorreu como se ela estivesse presente em corpo, não só pelas palavras, mas por cada inflexão da voz, incluindo o modo suave e peculiar como ria. Era um riso leve, trinado, durante o qual a médium inclinava ligeiramente a cabeça — um traço muito característico da Annie em vida. A minha esposa, que nunca tinha testemunhado este tipo extraordinário de fenómeno, ficou profundamente impressionada e disse considerá-lo notável.

II

Não tenho qualquer hesitação em afirmar, após as minhas duas experiências com a Sra. Scales, que ela é, na sua forma particular de mediunidade, excecional.

É perfeitamente concebível que os seus poderes possam variar com o tempo, mas a evidência pessoal que recebi da Annie é incontestável. Foram mencionados nomes e transmitidas informações que só eu e a minha esposa conhecíamos — e algumas que cada um de nós desconhecia sobre o outro.

Fora a intimidade dos assuntos, não faria sentido publicar os detalhes, porque ao longo de *Towards the Stars* e deste livro, a identidade dela está estabelecida para além de qualquer dúvida.

Durante a conversa, perguntei a Annie por que razão nem ela nem Warren se manifestavam nas sessões com Munnings, e ela respondeu que isso se devia a certas condições pelas quais não queriam atravessar.

CAPÍTULO XX
UMA SESSÃO COMPROVATIVA EXTRAORDINÁRIA

Lord Northcliffe fornece evidências da sobrevivência do seu espírito — Este capítulo regista uma sessão verdadeiramente surpreendente; o autor lamenta as expurgações de matéria de carácter privado — Uma tentativa de materialização — As vinte e uma declarações de Northcliffe, muitas das quais são confirmadas por Miss Louise Owen no próximo capítulo.

11h da manhã, Domingo, 18 de Janeiro de 1925

I

Era o domingo anterior a terça-feira, 20 de Janeiro — data em que o Sr. Hannen Swaffer se comprometera a dar uma palestra no Queen's Hall sobre espiritualismo, com o título: "Está Lord Northcliffe morto?"

Durante três meses, o Sr. Swaffer prosseguiu as suas investigações, muitas das quais com a minha colaboração. A conferência teria lugar sob a presidência de Sir Edward Marshall Hall e, além do Sr. Swaffer, os oradores seriam Sir Arthur Conan Doyle, o Reverendo Vale Owen, Miss Louise Owen (sem relação com o Rev. Vale Owen), e eu próprio.

A procura de lugares tinha sido enorme e, embora o Queen's Hall tivesse capacidade para 2.500 pessoas, todos os lugares estavam reservados com duas semanas de antecedência. Pouco antes disso, a Sra. Osborne Leonard tinha sido aconselhada a fazer repouso e encontrava-se a recuperar em Whitstable. A meu pedido, e devido à importância desta reunião, ela veio até Londres, e uma sessão foi realizada sob a sua mediunidade em Dorincourt, na manhã de domingo.

Estavam presentes apenas a Sra. Osborne Leonard, o Sr. Hannen Swaffer e eu.

II

A Sra. Leonard demorou cerca de quatro minutos a entrar em transe. Durante o último minuto, ouviu-se um murmúrio indistinto através dos seus lábios, até que se tornou coerente. Depois, Feda tomou o controlo.

As primeiras comunicações através de Feda foram feitas na segunda pessoa, mas após algum tempo passaram a ser feitas na primeira pessoa, pelo próprio comunicante. O seguinte é o registo da sessão, com exceção de algumas omissões necessárias relacionadas principalmente com assuntos privados e pessoais.

FEDA: Bom dia! Estou tão contente por estar aqui. O Chefe veio, e diz que está satisfeito por poder falar sem tantos intrusos. *1* Diz que envia os seus agradecimentos a ti, Swaff, e a ti também (H.D.B.). O Chefe está a dar-te uma palmada nas costas, Swaff.

NORTHCLIFFE: Anima-te, Swaff, vamos conseguir ajudar-te a superar isto. Por favor, mantém-te calmo antes da reunião. Não mergulhes no que chamam "o profundo" antes de tempo. Se te mantiveres sereno, conseguirei controlar-te e ajudar-te na reunião. Tenho-me manifestado várias vezes desde a última vez que falei contigo através da Feda. Tens pensado demasiado em mim ultimamente. Tens-te concentrado em mim, consciente e subconscientemente, e essa concentração tem, muitas vezes, feito com que eu ficasse em segundo plano, mentalmente. Em várias sessões, tens demonstrado demasiada ansiedade para que eu me manifeste. *2*

Tenho um forte pressentimento de que mais tarde conseguirei comunicar contigo mentalmente com maior facilidade, especialmente depois desta reunião. Este é um período de tensão nervosa para ti, e até para mim. Temos um sistema nervoso aqui, tal como vocês. Não estamos sujeitos às mesmas condições, mas sentimos a mesma ansiedade em concretizar os nossos objetivos.

1 Isto pode ser entendido como uma referência a outras sessões em que Northcliffe se comunicou e em que havia mais pessoas presentes.
2 Foi-me dito várias vezes que, quando um participante se concentra demasiado num espírito em particular, isso dificulta que esse espírito se manifeste livremente. Este é um ponto importante para quem assiste a sessões.

Tentei mostrar-me a ti, Swaff. *1* Com mais prática, acho que conseguirei fazê-lo com maior facilidade, mas ainda não consegui.

(Aqui foram feitas algumas referências pessoais sem grande relevância.)

Ultimamente tens estado um pouco em baixo, e tenho tentado aliviar essa tristeza. Sentiste-te melhor?

SWAFFER: Sim!

NORTHCLIFFE: Conheces aquele a quem eu chamava de "Mac"? Dá o amor dele à Louise. Ele está muito contente com o que ela tentou fazer recentemente. Diz-lhe para não se preocupar porque uma parte do plano não pôde concretizar-se. Havia algo que ela não conseguiu fazer relacionado com a criança. Ela fez mais do que eu alguma vez esperaria. Mac tem estado muito preocupado com um dos filhos, mas agora já não tanto. Gostaria de ajudar o velho Mac de vez em quando. Materialmente, as coisas não estão tão bem como deviam estar. *2*

Especialmente esta manhã, estou a tentar dar-vos informações que não conhecem. Tentei andar com um só pé e não consegui. Saí, mas tive de voltar. Foi uma dor real, e fiquei zangado por causa disso. Acho que a Louise se vai lembrar disto porque rasguei algo — um papel. Nessa ocasião, era um documento importante. Depois, quis verificar certos detalhes e tentei colar os pedaços novamente. A Louise costuma ter uma excelente memória, mas por vezes é algo errática. Ela forneceu-me os detalhes e ajudou-me a resolver a questão. Podes dizer-lhe que o atraso em encontrar o papel causou uma "fenda no alaúde". O meu alaúde devia ter imensas cordas. Algumas sobreviveram. "Alaúde" é uma espécie de pista sobre isto. Acho que vão perceber que isto é essencial. Estou a tentar dar-vos provas, e é por isso que vos aborreço com estes pormenores. *3*

1 Isto refere-se a uma tentativa de materialização numa sessão em que o Sr. Swaffer esteve presente, mas que não foi bem-sucedida.
2 Ver a pergunta n.º 1 colocada a Miss Owen no Capítulo XXI.
3 Ver as perguntas n.ºs 2, 3, 4 e 5 colocadas a Miss Owen no Capítulo XXI.

WARREN CLARKE (interrompendo): Era isso que eu sempre insistia em bater.

(Feda disse que o Chefe não gostava de ser interrompido e limitou-se a lançar um olhar a Warren.)

FEDA: Às vezes ele tem um olhar… Os olhos não são muito abertos; ele apenas olha de forma tranquila.

NORTHCLIFFE: Quem foi que lhe chamou um "olhar em três volumes"? Pergunta à Louise.

SWAFFER: Sim, Chefe, tinhas uma forma única de olhar para as pessoas.

NORTHCLIFFE: Sim, não era bem o que se chamaria um "olhar de dez libras", mas sim um "olhar de três volumes". *1*

Diz à Louise que a tenho ajudado em várias ocasiões. Acho que ela sabe. Acariciei-lhe o cabelo. Estou a ajudá-la com planos materiais, para que se concretizem com sucesso. Sei que as coisas foram difíceis para ela no passado, mas agora estará melhor. Teve uma luta dura em tempos. Agora ela, tu e eu estamos a trabalhar para tornar a vida comum mais fácil. *2*

Pergunta à Louise sobre os meus desaparecimentos. Costumava contar-lhe histórias sobre como desaparecia e despistava as pessoas de maneira muito engraçada. Tinha uma forma muito original de escapar às pessoas. Ela lembrar-se-á. Ríamos muito com isso. *3*

FEDA: Às vezes ele ri sem rir. Faz um som engraçado e dá palmadas na cabeça.

NORTHCLIFFE: Muitas pessoas veem a evidência de diferentes pontos de vista.
Vi a Louise a coser fitas numa peça de roupa. Estava a colocar a fita na margem errada. Ela vai rir-se quando souber disto.
Ficou bastante irritada com as fitas. *4*

Vou trazer um grupo de espíritos na terça-feira, porque acho que haverá ali um elemento que tentará não quebrar a reunião, mas perturbar de alguma forma. Usaremos o nosso poder para os manter calados e suprimir isso. Há muita incompreensão voluntária e não vamos permitir isso. Não te preocupes, Swaff, se sentires uma energia contrária. Tentaremos manter as condições limpas, corretas e harmoniosas.

1 Ver as perguntas n.ºs 6 e 7 colocadas a Miss Owen no Capítulo XXI.
2 Ver a pergunta n.º 8 colocada a Miss Owen no Capítulo XXI.
3 Ver a pergunta n.º 9 colocada a Miss Owen no Capítulo XXI.
4 Ver a pergunta n.º 10 colocada a Miss Owen no Capítulo XXI.

Queremos criar e manter a atmosfera certa. (A Feda disse que Northcliffe estava a colocar um livro à frente de Swaffer.)

Faremos muito pelo livro depois da reunião. Tenho bastante material para te impressionar.

(Aqui, Feda disse: "Agora ele tem dois livros" e perguntou: "Há dois livros?")

Um é para o Swaff.

H.D.B.: Quem achas que deve publicá-lo?

NORTHCLIFFE: Pessoas independentes.

(A Feda disse que Northcliffe se estava a aproximar de mim.)

H.D.B.: O que quer ele dizer com isso? Tem algo a ver com o meu editor?

NORTHCLIFFE: Sim, é por isso que mencionei o assunto. Recebeste uma carta dele há pouco tempo. [1] Vais receber outra carta mais tarde; espera por ela.

(Para Swaffer) Quero um editor forte. Alguém que acredite no livro e tenha coragem para o apoiar.

(O Warren voltou a intervir e deu-se uma breve discussão entre Warren e Northcliffe sobre publicação, na qual Feda também interveio. Northcliffe pareceu um pouco impaciente com a interrupção.)

WARREN: Apenas uma palavra, por favor — esta é a minha sala, e tenho o direito de falar quando quiser. É aqui que trabalho.

NORTHCLIFFE (para Swaffer): Sabes que vais ter de dar outras palestras.

SWAFFER: Acho que poderíamos ter enchido o Albert Hall para esta reunião.

NORTHCLIFFE: Sim, já te disse que o Albert Hall poderia ter sido reservado. Mais tarde será.

SWAFFER: Achas que o conseguiríamos encher?

NORTHCLIFFE: Ah, sim, penso que sim, se as condições forem favoráveis e não houver nevoeiro.

[1] *Não consigo identificar isto. Recebi duas cartas de duas editoras com propostas para o meu próximo livro (ou seja, este) e também uma carta do meu próprio editor — o Sr. Werner Laurie — a perguntar quando estaria concluído o meu próximo trabalho.*

WARREN (intervindo de novo): Eu trato de dissipar o nevoeiro, se houver algum.

(A Feda disse que Northcliffe não ficou nada impressionado com esta observação de Warren.)

NORTHCLIFFE (para Warren): Não creio que se possam usar poderes para provocar tais condições.

WARREN: Ah, podem sim. Eu sei mais sobre esses poderes do que tu.

NORTHCLIFFE (mudando de assunto): Estamos todos envolvidos neste assunto até ao pescoço. É a coisa mais importante, Swaffer, em que alguma vez te envolveste. Quando tivermos os nossos próprios jornais, poderemos tratá-lo devidamente. Tens de ser independente.

H.D.B.: É muito bonito falar de jornais, mas e o lado financeiro?

NORTHCLIFFE: Isso virá; será tratado.

WARREN (intervindo de novo — para H.D.B.): A Mabel está sempre a tremer de medo com os teus estudos psíquicos. Pensa que isso pode afetar os teus interesses materiais, mas não te preocupes, Herbert, nós tratamos disso. [1]

NORTHCLIFFE: É necessário cuidar também dos interesses materiais. Não os deves negligenciar, Swaff. Tens de cuidar do teu trabalho ou não poderei ajudar-te como gostaria.

SWAFFER (de repente): Consegues dizer-me, Chefe, onde está a Louise agora?

NORTHCLIFFE: Como hei de saber, estando aqui? Espera um momento. (Uma pausa de cerca de trinta segundos.) Ela não está longe e estou a captar muito intensamente os seus pensamentos.

FEDA (intervindo): Será que esta manhã ela está a deslocar-se entre dois lugares?

NORTHCLIFFE: Neste momento — por favor, anota a hora exacta [2] — a Louise parece estar sentada, parada, no meio de movimento. Talvez seja uma paragem temporária. Parece estar perto de uma janela ou de um vidro. [3] Esqueceu-se de algo. [4]

[1] *Estavam, sem dúvida, a cuidar dos meus interesses materiais, como será mostrado no Capítulo XXVI.*
[2] *A hora era 11h42.*
[3] *Ver pergunta nº 11 colocada à Sr.ª Owen no Capítulo XXI.*
[4] *Ver pergunta nº 12 colocada à Sr.ª Owen no Capítulo XXI.*

Ela queria telegrafar — enviar um telegrama a alguém. [1]
Alterou os planos da sua viagem. Esta viagem não estava a ser como inicialmente pensara organizar. [2]

Estou um pouco confuso quanto à forma de transmitir isto. Ela ouviu recentemente falar de um acidente? [3] Vê, tenho de captar os pensamentos dela como um rádio. Tenho de sintonizar a minha mente com o estado do aparelho necessário. É difícil para mim agir como transmissor e receptor ao mesmo tempo. Estou a ver um lugar no sentido de ondas, se me entendes — um lugar rochoso ou pedregoso. Há falésias muito altas de um lado e falésias mais baixas do outro. Vejo um abismo — uma profundidade enorme — e do lado direito, um abismo ainda mais profundo. Há um enorme penedo.

(Aqui, a voz independente de Northcliffe manifestou-se, dizendo claramente e distintamente a última frase. A voz estava a cerca de trinta centímetros da cabeça da Sr.ª Leonard.)

Este penedo parece estar equilibrado numa posição bastante precária. Continuo a captar a ideia de um acidente. Os vossos pensamentos, pessoas do plano terrestre, chegam até nós através da nossa ligação com eles. Reconstruímos os vossos pensamentos.

O acidente que capto através da mente da Louise pode estar a acontecer agora ou ter ocorrido no passado. Temos tanto a aprender sobre esta transferência de pensamento como vocês. Ainda não nos deram as oportunidades para desenvolver isto. Devíamos cooperar, nós e vocês.

Se este acidente é passado, é muito, muito recente. [4]

FEDA: Ele (o Chefe) tem o hábito de repetir palavras. Está a dizer: "Tenho a certeza disso, tenho a certeza disso."

NORTHCLIFFE: Mencionei que, antes de falecer, tive uma dor estranha num dos lados da cara? Penso que o efeito disso era visível. Era do lado direito, como uma contração. Uma ou duas pessoas sabiam disto. [5]

[1] *Ver pergunta nº 13 colocada à Sr.ª Owen no Capítulo XXI.*
[2] *Ver pergunta nº 14 colocada à Sr.ª Owen no Capítulo XXI.*
[3] *Ver pergunta nº 15 colocada à Sr.ª Owen no Capítulo XXI.*
[4] *Ver pergunta nº 16 colocada à Sr.ª Owen no Capítulo XXI.*
[5] *Ver pergunta nº 17 colocada à Sr.ª Owen no Capítulo XXI.*

(Aqui, o telefone no meu escritório começou a tocar incessantemente de forma irritante durante um ou dois minutos. Não tinha intenção de atender. As comunicações continuaram enquanto o telefone tocava.)

NORTHCLIFFE: O telefone costumava irritar-me imenso. Lembras-te, Swaff, do silencioso que eu tinha?

SWAFFER: Não, não me lembro.

NORTHCLIFFE: Havia três telefones. Dois estavam relativamente perto, e outro mesmo à porta. Costumava culpar a Louise por não fechar a porta quando ia atender. [1]

Outra coisa que quero mencionar, que talvez saibas. Umas pequenas flores amarelas — prímulas. Podes perguntar à Louise por elas, e perguntar-lhe sobre o duplo ramo que alguém me enviou. Apreciei-as mais do que ela imaginava na altura. [2]

Podes também perguntar-lhe se se lembra da confusão que fiz quando mandei estofar o sítio? [3]

(Como o telefone continuava a tocar, atravessei a sala e tirei o auscultador do gancho.)

NORTHCLIFFE (referindo-se a mim): Senti-o passar por mim como uma brisa.

WARREN CLARKE (intervindo): Sim, o Herbert é muito mais uma brisa do que uma corrente de ar.

FEDA: O Chefe está a pegar em algo na mão — uma coisa comprida — está a escrever com isso. Algo com um tubo na ponta.

NORTHCLIFFE (para o Swaffer): Lembras-te disso, Swaff? [4]

SWAFFER: Hum...

NORTHCLIFFE: Não adianta dizer "Hum." Diz que sabes ou que não sabes. Tu viste — tens de descobrir, todas estas pequenas coisas são importantes. Devias lembrar-te.

FEDA: O Chefe está a dizer algo sobre o irmão ter deixado cair alguma coisa. Isto é só para teu esclarecimento. Ele está a abandonar um empreendimento. A última coisa que imaginarias que ele largaria.

[1] *Ver pergunta nº 18 colocada à Sr.ª Owen no Capítulo XXI.*
[2] *Ver pergunta nº 19 colocada à Sr.ª Owen no Capítulo XXI.*
[3] *Ver pergunta nº 20 colocada à Sr.ª Owen no Capítulo XXI.*
[4] *Ver pergunta nº 21 colocada à Sr.ª Owen no Capítulo XXI.*

NORTHCLIFFE: Vais ficar surpreendido com isto, Swaff — estupefacto. Ele já anda em movimentações secretas sobre o assunto. Bradley, não deixes que o Swaff se esqueça disto.

H.D.B.: Sabes, Northcliffe, que estou a escrever um novo livro sobre este tema? E nele terei de tratar desta conversa contigo.

NORTHCLIFFE: Sim, muito bem. Isso não afectará o outro livro. Vais ver que um livro encaixará no outro.

(Para o Swaffer) Ficaste desiludido com uma sessão há pouco tempo?

FEDA: O Chefe diz: "Lembras-te de uma senhora numa sessão que queria muito comunicar contigo?"

SWAFFER: Dá-lhe o meu amor, Chefe.

NORTHCLIFFE: Deves manter-te fiel a --------. Lembras-te que te provoquei uma vez sobre isso — numa sessão. [1] -------- entra nos nossos planos, de certa forma — não sejas tão impaciente. Sabes que és muito irritadiço.

SWAFFER: Não consigo evitar ser irritadiço ao telefone.

WARREN (para Northcliffe): Terias ficado ainda mais irritado. Se uma mulher te tivesse telefonado e tu não atendesses, ela dava a volta pelo outro lado da linha.

(A Feda disse que Northcliffe não gostou da interrupção e disse que dava tanta atenção ao Warren como a uma mosca.)

NORTHCLIFFE: Não ligues ao que o Warren diz -------- será útil. Eu tive uma na minha vida. Lembra-me particularmente da minha. Não me refiro à Louise; o Warren pensou que sim.

FEDA: O Warren não tem direito a pensar.

NORTHCLIFFE (para o Swaffer): Não consigo entrar na tua mente extraordinária, Poeta.
SWAFFER: Disseste que -------- te fazia lembrar alguém da tua vida. Estás a referir-te a ------?

[1] *Aparentemente refere-se a uma sessão a que o Sr. Swaffer assistiu.*

NORTHCLIFFE: Sim. Lembras-te da touca rendada dela? Em vida, ela de facto atormentava-me.

SWAFFER: Sim, suponho que te teria perseguido se fosse mulher.

NORTHCLIFFE: Estou grato pelas pequenas misericórdias. Acho que serias particularmente insuportável como mulher. Suponho que algo te fez lembrar dela.

SWAFFER: Sim!

NORTHCLIFFE: Ela escreveu algumas coisas recentemente. Tem a intenção, algo maliciosa, de as publicar. Não creio que sejam muito boas. Lembras-te daquele sítio com o grande lago — um tanque comprido com uma borda à volta. A Louise saberá.

(Seguiu-se uma longa discussão sobre jornalismo, durante a qual Northcliffe adiantou, por vontade própria, que o Swaffer em breve estaria a escrever para o "Sunday Express." [1] Logo após esta conversa, a Feda disse que Northcliffe se tinha afastado.)

WARREN: Herbert, dá o meu amor à Mabel, e também à mãe da Mabel.

H.D.B.: Sim, dou. Diz-me, Warren, o que achas da forma como as sessões com voz direta em casa estão a evoluir?

WARREN: Estão a correr bastante bem.

H.D.B.: Vamos ter uma sessão esta noite. Ajudarás o Northcliffe a comunicar, para que ele possa falar connosco com a sua própria voz materializada?

WARREN: Sim, a Annie e eu faremos o nosso melhor para ajudar.

FEDA: Também irei comunicar e falar. (Para o H.D.B.) Ouço-te dizer-me "Bom dia." Dizes isso quando vais a andar pela estrada; quando já estás fora do portão. Ouço-te sempre.

(Trata-se de uma afirmação espontânea da Feda, e verdadeira. Quando ando todas as manhãs pela Portsmouth Road, depois de sair pelo portão de Dorincourt, digo "Bom dia" à minha irmã, ao Warren Clarke e à Feda, como faria se os encontrasse em carne e osso.

Nunca mencionei este facto a ninguém, mas tive confirmação disso, espontaneamente, por parte do Warren e da Annie, e agora também pela Feda.)

[1] *Esta previsão veio mais tarde a confirmar-se.*

SWAFFER: Ouvistes-me a brindar à tua saúde ontem à noite, Warren? [1]

WARREN: Sim, ouvi.

SWAFFER: Brindei à tua saúde com café. Não me respondeste com uma pancadinha.

WARREN (em tom humorístico): Nós não damos pancadinhas por café.

H.D.B.: Gostaria de fazer uma pergunta ao Northcliffe. Estiveste presente na sessão com o Munnings?

NORTHCLIFFE: Sim, estive.

H.D.B.: Warren, quero fazer-te uma pergunta específica. Sei que na mediunidade de voz direta há sempre guias experientes designados do vosso lado. Podes dizer-me o nome de algum deles?

WARREN: Sim, um dos guias é o John King.

H.D.B.: Conheceste o Husk e o Dr. Ransome?

WARREN: Sim, conheci o Husk.

H.D.B.: E conheceste o Emanuel?

WARREN: Não conheço muito bem o Emanuel.

Neste ponto, a força estava a esgotar-se, e, com as saudações habituais, a sessão terminou às doze e trinta e cinco da tarde.

A análise feita a Louise Owen sobre as vinte e uma afirmações espontâneas do espírito de Lord Northcliffe — todas completamente fora do conhecimento do Sr. Swaffer, da Sr.ª Osborne Leonard ou do próprio autor — será apresentada no capítulo seguinte.

1 *Muitas vezes, quando estou sozinho, faço um brinde ao Warren. Digo o brinde em voz alta e, frequentemente, uma pancada em resposta faz-se ouvir. Isto não é imaginação, pois as pancadas vêm de qualquer parte da sala quando pedidas.*

CAPÍTULO XXI
CONFIRMAÇÃO POR EXAME

Uma impressionante entrevista com valor probatório, durante a qual a Sr.ª Louise Owen é questionada sobre as vinte e uma declarações de Lord Northcliffe.

20h30, domingo, 18 de janeiro de 1925.

Durante a notável sessão que teve lugar em Dorincourt de manhã, a conversa não cessou durante mais de uma hora e meia, e as personalidades individuais sobreviventes de Lord Northcliffe e de Warren Clarke foram evidentes em cada característica, maneirismo e expressão. Para mim, a força, determinação e impaciência de Northcliffe foram evidentes ao longo de toda a sessão, tal como o humor leve e o conhecimento de Warren Clarke também caracterizavam fortemente a sua personalidade.

Tomei notas durante toda a sessão e, mais tarde, ao analisar o conteúdo, constatei que Northcliffe tinha feito espontaneamente vinte e uma declarações específicas sobre

assuntos totalmente fora do conhecimento da Sr.ª Osborne Leonard, do Sr. Hannen Swaffer ou do meu.

Pareceu-me evidente que Northcliffe, ao fazer estas declarações, tinha um propósito importante em mente. Estava a tentar não apenas estabelecer a sua identidade, mas também dar-nos informações sobre assuntos que não poderiam, de forma alguma, ser explicados por qualquer teoria de telepatia humana.

A maioria das declarações dizia respeito à Sr.ª Louise Owen, e posso garantir que nenhum dos três participantes sabia onde ela estava na manhã em questão, nem o que estava a fazer.

Trabalhando com o Sr. Swaffer durante a tarde, a partir das notas taquigrafadas da sessão, elaborei vinte e uma perguntas para colocar à Sr.ª Owen de forma a que não lhe fosse possível dar uma resposta correta e informada, a menos que se tratasse de assuntos do seu conhecimento pessoal.

O Sr. Swaffer sugeriu que, se descobríssemos que ela estava na cidade, almoçássemos com ela no dia seguinte — segunda-feira — e lhe fizéssemos essas perguntas.

Por volta das seis e meia da tarde, ligámos para o seu apartamento em Buckingham Gate para saber se estava em Londres. No momento em que ligámos, soubemos que tinha acabado de chegar à cidade. Perguntámos então se poderia vir de imediato de automóvel, e, após alguma hesitação, aceitou.

Chegou pouco depois de o jantar ter sido servido e foi conduzida à sala de jantar. Durante o jantar, a conversa foi geral, e nenhum indício foi dado nem houve qualquer menção ao que se passara de manhã.

Após o jantar, o Sr. Swaffer e eu pedimos à Sr.ª Owen que permanecesse connosco na sala de jantar, e as perguntas foram-lhe feitas pela seguinte ordem. Expliquei-lhe que tinha uma razão para lhe fazer uma série de perguntas que poderiam parecer algo bruscas. As respostas dadas pela Sr.ª Owen foram registadas como segue:

PERGUNTA N.º 1: Fizeste algo recentemente pelas crianças do Mac?

RESPOSTA: Sim! Levei um dos rapazes comigo para a Suíça durante um mês e trouxe-o de volta comigo para Paris. Teve alguns problemas nos pulmões e pensei que umas férias na Suíça lhe fariam bem. Vou voltar lá dentro de quinze dias. Se possível, e se a mãe dele concordar, gostaria que passasse seis meses nas montanhas. As férias fizeram-lhe muito bem — voltou completamente diferente. Queria que ficasse mais tempo, mas ele não quis ficar sozinho.

Esta é uma resposta confirmatória e com valor probatório à pergunta, composta por apenas oito palavras. A Sr.ª Owen mencionou o nome completo do Mac. O Mac faleceu há algum tempo e ela tem procurado ajudar um dos seus filhos.

PERGUNTA N.º 2: Sabes de algum problema que o Northcliffe tenha tido com os pés durante a vida?

RESPOSTA: Não, não me lembro de nada em particular. Pode ser que tivesse calos.

É evidente que Northcliffe pensou que ela pudesse lembrar-se de um problema específico que teve em determinada altura.

PERGUNTA N.º 3: Lembras-te de algum incidente em que o Northcliffe tenha rasgado papéis com raiva?

RESPOSTA: Não posso dizer nada em particular. Ele zangava-se com frequência e rasgava papéis muitas vezes, mas não me recordo de nenhum incidente específico.

PERGUNTA N.º 4: Alguma vez o ajudaste a recordar detalhes sobre ter rasgado papéis?

RESPOSTA: Sim, fiz isso. Houve um certo episódio em que rasgou cartas relacionadas com... Não consigo identificar nenhum incidente especialmente importante, mas essas coisas aconteciam com frequência. Lembro-me de outro caso com uma carta assinada com "K.J." [1]

PERGUNTA N.º 5: Consegues associar algum incidente a uma "rutura na lira"? [2]

RESPOSTA: Não, isso não me diz nada. Lembro-me de discutir com o Northcliffe por causa das cartas que mencionei. Escrevi-lhe uma carta a insultar-me, e ainda a tenho comigo, mas é demasiado privada para publicar, pois ele faleceu em 1923.

PERGUNTA N.º 6: O Northcliffe tinha uma forma peculiar de olhar para as pessoas. Ele disse-nos que esse olhar não era chamado de "olhar de dez libras." Já ouviste referir-se a isso com alguma expressão semelhante?

RESPOSTA: Não, não me lembro disso.

PERGUNTA N.º 7: Esse olhar alguma vez foi referido como "olhar de três volumes"?

RESPOSTA: Pode ter sido, mas não posso dizer que me lembre dessa expressão em particular.

PERGUNTA N.º 8: Alguma vez pensaste recentemente que o Northcliffe te tocou?

RESPOSTA: Sim, várias vezes.

H.D.B.: Alguma vez pensaste que ele te tocou no cabelo?

RESPOSTA: Não, não posso dizer isso, mas senti muitas vezes que me tocava.

PERGUNTA N.º 9: Lembras-te de o Northcliffe mencionar alguma coisa sobre "desaparecer"?

RESPOSTA (rapidamente): Sim, claro. Ele fazia isso com frequência. Por vezes enganava as pessoas. Quando estava na Riviera, por vezes fingia ser outra pessoa. Em algumas ocasiões mandava-me um telegrama a dizer: "Onde estou eu?" Depois ríamos muito com isso.

Quando se consulta a comunicação literal do Northcliffe sobre o seu desaparecimento, vê-se que ele disse que costumava contar-lhe histórias de como desaparecia e enganava as pessoas de forma divertida. A Sr.ª Owen confirmou espontaneamente que ela e ele costumavam rir-se disso, e nas notas literais vê-se o espírito comunicador de Northcliffe dizer: "Ela lembra-se de como nos ríamos juntos com isso."

[1] Kennedy Jones.
[2] Northcliffe fez um trocadilho com "lute" (lira) em vez de "loot" (espólio).

PERGUNTA N.º 10: Tens feito alguma costura ultimamente?

LOUISE OWEN: Sim, muito recentemente. Faço bastante trabalho de costura por minha conta.

H.D.B.: Consegues lembrar-te de alguma peça em particular que estivesses a coser recentemente?

LOUISE OWEN: Sim, na Suíça estive a fazer uns trabalhos de costura no meu vestido de gala — aquele que usei quando uma das minhas filhas adotivas foi apresentada no ano passado.

H.D.B.: Esse vestido tinha fitas?

LOUISE OWEN (rapidamente e espontaneamente): Sim! Tinha. Cosi as fitas do lado errado. Cosi a fita de remate do lado errado da renda, onde a cauda foi cortada do vestido de gala, e tive de desmanchar tudo.

H.D.B.: Tinhas também alças de fita?

LOUISE OWEN: Sim! Fiquei bastante irritada com as alças de fita. Fiz com que ficassem demasiado apertadas.

PERGUNTA N.º 11: Onde estavas hoje às 11h42 da manhã (domingo, 18 de janeiro)?

LOUISE OWEN: Penso que, por essa altura, estava a entrar no vagão-restaurante. Viajei de Paris no comboio das dez da manhã com destino a Calais.

H.D.B.: O comboio estava em andamento ou parado?

LOUISE OWEN: Não tenho bem a certeza, mas acho que parou por essa altura, perto de Abbeville. Lembro-me de comentar com a Barbara, que estava comigo, coisas sobre Abbeville e a guerra.

PERGUNTA N.º 12: Esqueceste-te de alguma coisa?

LOUISE OWEN: Sim! Esqueci-me de trazer comigo um frasco de perfume de que precisava.

PERGUNTA N.º 13: Tinhas intenção de enviar um telegrama?

LOUISE OWEN: Tinha, mas depois pensei que não valia a pena enviar um telegrama à Mary — a minha filha adotiva — que deixei em Paris com uma família francesa. Como não os conhecia muito bem, receei que isso os perturbasse num domingo.

PERGUNTA N.º 14: Alteraste os planos que tinhas para esta viagem?

LOUISE OWEN: Sim, alterei. Tinha planeado apanhar o comboio do meio-dia em Paris, mas não consegui reservar um compartimento, por isso fui obrigada a viajar no das dez, sabendo que o barco estaria menos cheio.

PERGUNTA N.º 15: Por essa altura — 11h42 — ouviste falar de algum acidente ou pensaste em algum?

LOUISE OWEN: Sim, estava a pensar num acidente. Estávamos a atravessar nevoeiro, e pensei em alguns acidentes ferroviários franceses, e também na possibilidade de um acidente durante a travessia do Canal. Disse à Barbara: "Seria horrível se houvesse um acidente — odeio nevoeiro."

PERGUNTA N.º 16: Estavas a pensar em algum tipo específico de acidente? E conseguiste visualizar de alguma forma o local ou a forma como poderia acontecer?

LOUISE OWEN (após alguns segundos de pausa): Espera um pouco — isso é curioso. Tinha comigo o *Continental Daily Mail* e estava a ver uma fotografia publicada na última página — era de um esquiador de três anos. Esta fotografia tinha sido enviada por mim da Suíça.

H.D.B.: Consegues descrever a cena da fotografia?

LOUISE OWEN: A fotografia foi tirada nos Alpes. Tenho uma cópia e vou enviá-la. Mostrava uma grande ravina. Já tínhamos falado várias vezes sobre o acidente mencionado, e ao olhar para a fotografia da criança, pensei no pai — um conhecido guia da região da Jungfrau — e pensei no que seria para a criança se o pai morresse. Imaginei a Jungfrau, virada para Wengen, onde estivemos durante um mês. À frente há uma ravina enorme.

PERGUNTA N.º 17: Lembras-te de alguma dor peculiar que o Northcliffe tivesse na cara?

LOUISE OWEN: Não de uma dor peculiar, mas por vezes tinha problemas nos dentes.

(Aqui, a Sr.ª Owen levou involuntariamente a mão ao lado direito da cara.) [1]

PERGUNTA N.º 18: Sabes algo sobre um telefone silencioso do Northcliffe?

LOUISE OWEN (rapidamente): Sim, claro! Ele tinha um telefone silencioso; um que não fazia barulho. Um telefone onde se podia sussurrar. Costumava chamar-lhe o "telefone silencioso". Dizia: "Não grites, estou a usar o meu telefone silencioso."

H.D.B.: Quantos telefones tinha ele?

LOUISE OWEN: Tinha o seu telefone privado, o da central normal e também um privado direto para o escritório.

H.D.B.: Havia algum telefone fora do quarto dele que tu usavas?

LOUISE OWEN: Sim!

H.D.B.: Usavas esse telefone por vezes enquanto ele estava presente, sem fechares a porta? E isso causava incómodo?

LOUISE OWEN: Sim, ele queixava-se muitas vezes por eu não fechar a porta. Dizia que a minha conversa o incomodava.

PERGUNTA N.º 19: Lembras-te de algo relacionado com o Northcliffe e prímulas?

LOUISE OWEN: Sim, só ontem estava a pensar nisso. O "N.N." [2] costumava enviá-las para ele.

H.D.B.: Lembras-te de algo sobre uma entrega em duplicado?

LOUISE OWEN: Lembro-me de uma caixa de prímulas que lhe foi dada uma vez, e lembro-me de que depois foram entregues a outra pessoa. Achei graça na altura.

PERGUNTA N.º 20: Sabes de alguma comunicação com o Northcliffe sobre estofos?

LOUISE OWEN: Não, nada em particular, mas havia tantas coisas que eram estofadas de tempos a tempos. Não consigo identificar nenhum incidente específico.

PERGUNTA N.º 21: Lembras-te de um objeto comprido, como um tubo — não uma caneta — que ele usava para escrever?

LOUISE OWEN: Não, não me lembro disso. Apenas recordo que ele usava lápis excecionalmente compridos.

Das vinte e uma comunicações feitas — todas totalmente fora do nosso conhecimento — onze das respostas foram confirmações absolutas com valor probatório excecional, seis respostas podem ser consideradas corretas, mas sem valor probatório, e as restantes quatro referem-se a incidentes que lhe escaparam à memória.

[1] *Quando a comunicação do Northcliffe referiu esta dor, indicou o lado direito do rosto. Este pormenor, embora confirmatório, não tem valor essencial.*
[2] *Nome dado voluntariamente pela Sr.ª Owen.*

CAPÍTULO XXII

O MILAGRE DAS "VOZES"

Onde Lord Northcliffe volta a falar – Warren: "Não tenho experiência suficiente para ser o Guia Principal" – Provas confirmatórias da sessão com Munnings – "Northcliffe está satisfeito com os preparativos para o Queen's Hall."

Cerca das 21h30, domingo, 18 de janeiro de 1925

I

Esta sessão teve lugar no meu escritório imediatamente após o Sr. Swaffer e eu termos interrogado a Sr.ª Owen sobre as comunicações de Northcliffe.

Foi a terceira experiência com voz direta desde que recomeçámos em Janeiro, sob a mediunidade da minha esposa e de mim próprio. Estavam presentes, além de nós dois, o Sr. Hannen Swaffer, a Sr.ª Louise Owen, a Sr.ª Osborne Leonard, a Sr.ª Hunt e a Sr.ª Madeline Cohen.

A minha corneta luminosa foi colocada no centro da sala e as luzes foram apagadas. Após o terceiro disco de gramofone ter sido tocado, a corneta foi levantada por um breve período e depois pousada. Depois de outro disco ter sido tocado, a corneta voltou a erguer-se e uma voz espiritual, inicialmente pouco nítida, dirigiu-se ao Sr. Swaffer.

As primeiras frases não conseguimos perceber, mas depois a voz fez-se ouvir, algo impacientemente: "É o Northcliffe, é o Northcliffe!" O espírito falou então com o Sr. Swaffer, com a Sr.ª Owen e comigo. Referiu-se à reunião no Queen's Hall. Entre outras coisas, disse-nos que a reunião ajudaria muito a espalhar o espiritualismo por todo o mundo.

A Feda manifestou-se com muito mais clareza e distinção do que Northcliffe. Usou a minha corneta, que se movia de um lado para o outro enquanto ela se dirigia a cada um dos presentes. Por várias vezes, deu aquela risada alegre e característica que todos conhecemos tão bem.

Foi interessante ouvi-la conversar com a Sr.ª Leonard, pois, embora Feda seja o seu espírito-guia, a Sr.ª Leonard, quando está em transe, está completamente inconsciente do que se passa durante as sessões sob a sua mediunidade. A Sr.ª Leonard afirma que é uma das suas maiores alegrias poder sentar-se e conversar com Feda em voz direta, como aconteceu nesta noite.

Feda fez referência às comunicações recebidas de manhã pelo Sr. Swaffer e por mim. Depois passou à volta do círculo e falou com a minha esposa e com a Sr.ª Owen. Feda é um espírito único e inconfundível. É hoje uma das figuras mais famosas do mundo psíquico, tendo sido o canal de uma massa irrefutável de provas da sobrevivência. A sua voz anima sempre qualquer círculo, e sente-se pena quando tem de partir.

Warren também se manifestou. Disse que achava que o desenvolvimento da voz estava a progredir muito bem. Falou abertamente, mas disse que as condições naquela noite estavam ligeiramente difíceis para conversas prolongadas.

H.D.B.: Podes dizer-me, Warren, quem é o guia das vozes aqui? Sei que tu e a Annie ajudam, mas gostava de saber se és o guia principal?

WARREN: Não tenho experiência suficiente para ser o guia principal.

H.D.B.: Podes então dizer-me quem é?

WARREN: Husk!

H.D.B.: O John King está ligado ao Husk?

WARREN: Sim! [1]

Mais tarde, Northcliffe voltou a comunicar e falou connosco novamente sobre a reunião no Queen's Hall. A Feda também voltou a falar pela segunda vez. O mesmo aconteceu com o Warren.

WARREN: O Northcliffe está muito satisfeito com os preparativos que foram feitos para terça-feira. Diz que é a "sua" reunião. Mas estaremos todos convosco.

Durante a sessão, quando foram tocados discos de ópera no gramofone, a corneta luminosa foi levantada e usada como batuta, e toda a seleção operática foi "dirigida" com os magníficos gestos de um génio musical.

II

A sessão foi muito bem-sucedida, mas é necessário registar que as vozes ainda não estavam tão fortes e nítidas como nas nossas sessões privadas em Outubro passado. Ainda assim, a noite foi brilhante e miraculosa. A sessão foi tardia e todos estávamos cansados; eu próprio vivi um dia intenso e surpreendente, cujo relato ocupa três capítulos.

[1] *Este é um ponto importante, pois confirma a sessão com Munnings, onde Husk disse que estaria presente e se encarregaria dos fenómenos de voz, bem como a sessão com Leonard onde foi mencionado o John King.*

CAPÍTULO XXIII

UMA VIAGEM ESTÉRIL

Sobre a peregrinação a um médium simples do Norte de Inglaterra – O autor regressa após uma visita desapontante.

Janeiro de 1925

Algures em Novembro de 1924, recebi uma carta de um correspondente no extremo norte de Inglaterra. Dizia que tinha lido o relato de uma palestra minha no Steinway Hall, onde eu referia que a voz direta ou independente era a forma mais rara e intensamente dramática de mediunidade.

O meu correspondente — que, ao que parece, não tinha lido o meu livro — ficará sem nome, pois não desejo magoá-lo com as minhas observações. Escreveu-me uma longa carta dizendo que, em sua casa, esse fenómeno ocorria há trinta anos. Convidou-me a visitá-lo, e afirmou que ninguém fora do seu círculo tinha sido anteriormente convidado para

testemunhar o fenómeno, mas que, se eu conseguisse fazer a viagem, poderia falar com os espíritos de quem já partiu como se falasse com qualquer pessoa viva — e que não eram usados instrumentos como cornetas, etc., nas suas sessões.

Como desejava explorar todas as possibilidades de conhecimento, escrevi-lhe — presumindo tratar-se de um dos raros casos de voz independente — dizendo:

"Ficaria grato se me pudesse dizer se realmente ouve vozes espirituais e, nesse caso, qual o volume sonoro? Ou seja, têm a mesma força que as nossas vozes normais?"

Ele respondeu dizendo que a minha pergunta o divertiu um pouco, e que o volume era suficiente para satisfazer qualquer pessoa — podendo ser ouvido noutra sala com a porta fechada. Acrescentou ainda que as vozes surgiam da forma mais natural, à luz do dia, tanto a meio do dia como da noite, ou mesmo no meio de um campo, e que, se alguém que tivesse falecido quisesse falar comigo, eu reconheceria a voz sem dificuldade.

Entre outras coisas, a carta dizia ainda que, depois de uma sessão lá, eu perceberia quão enganado tinha estado até então.

Respondi-lhe dizendo que o fenómeno de obter vozes a qualquer hora e em qualquer lugar — até nos campos — me parecia bastante excecional, e que gostaria que explicasse o que queria dizer com "perceber como tinha estado mal informado até aqui".

CAPÍTULO XXIII

UMA VIAGEM ESTÉRIL

Sobre a peregrinação a um médium simples do Norte de Inglaterra – O autor regressa após uma visita desapontante.

Em resposta, recebi uma carta muito longa e dogmática. Apresentava todo o tipo de afirmações extraordinárias sobre os fenómenos que teriam ocorrido na sua casa. Era evidente que o meu correspondente não tinha estudado o tema nem lido os trabalhos de nenhum dos grandes autores sobre investigação psíquica, e escrevi-lhe nesse sentido.

Ao mesmo tempo, decidi que, se surgisse a oportunidade, o visitaria, pois seria interessante estudar o desenvolvimento destes círculos privados domésticos, especialmente no caso de um médium que — como imaginava — teria obtido vozes independentes.

Apesar do meu estado de exaustão por excesso de trabalho, fiz a longa viagem para o norte, no final de Janeiro, para investigar as alegações deste médium. Cheguei à casa por volta das duas da tarde. O meu correspondente vivia numa pequena vivenda, modesta mas irrepreensivelmente limpa. O médium, segundo me fora dito anteriormente, era a sua esposa.

Encontrei ambos como pessoas simples e gentis — do tipo trabalhador do Norte. Os três sentámo-nos à luz do dia. O meu anfitrião fumava cachimbo e eu um cigarro. Como me

haviam dito que as vozes se manifestavam a qualquer momento, estava atento e interessado em observar o fenómeno.

Fiquei surpreendido e algo divertido ao verificar que, em vez de se tratar de mediunidade de voz independente, era apenas um caso de mediunidade de transe primitiva. A sua esposa entrou num transe — um transe genuíno — e o controlo, um suposto guia de Zululândia, uma jovem, durante uma hora e um quarto, dedicou-se a dar interpretações medíocres de passagens bíblicas, numa linguagem mais rudimentar do que aquela que se encontra nos salões missionários mais modestos.

Não foi apresentada qualquer prova de carácter pessoal, à exceção de alguns comentários confusos relacionados com figuras conhecidas cujos nomes haviam sido publicados recentemente nos jornais.

Foi uma viagem inútil de seiscentas milhas sem qualquer valor prático.

Estas pessoas eram sinceras e verdadeiras, mas o que se verificava era um caso de mediunidade absolutamente não desenvolvida, e elas, na sua simplicidade, imaginavam tratar-se de algo mais maravilhoso do que qualquer fenómeno ocorrido na história da investigação psíquica.

Não me arrependo da viagem, pois mostrou-me como a maioria das pessoas se deixa impressionar pelas formas mais ténues de fenómeno e como, quando ainda estão à soleira da porta do conhecimento, julgam ter alcançado toda a sabedoria e toda a filosofia.

Estes dois seres simples, contentes na sua fé, sem qualquer tentativa de tirar proveito monetário da mesma, acreditavam, com a firmeza característica dos nortistas, que tinham atingido o cume do saber.

Não achei sensato perturbar a sua paz de espírito, por isso, com algumas palavras de agradecimento pelo convite sincero e bem-intencionado, iniciei a minha longa e monótona viagem de regresso para o sul, chegando a casa nas primeiras horas de uma manhã fria e melancólica de Janeiro.

CAPÍTULO XXIV

A TERCEIRA EXPERIÊNCIA COM MUNNINGS

O autor faz algumas observações sobre Horatio Bottomley – Movimentos sobrenaturais da corneta de H.D.B. – Luzes espirituais na sala.

Janeiro de 1925

I

Apesar de os espíritos me terem alertado para o excesso de trabalho e recomendado que evitasse realizar demasiadas sessões sob a minha própria mediunidade, senti que isso não me devia impedir de continuar os meus experimentos psíquicos com outros médiuns.

O Sr. Hannen Swaffer, um dos poucos editores destemidos e jornalistas críticos, disse-me: "Não podes usar o Munnings." Mas Munnings, enquanto estudo psicológico, interessa-me muito mais do que, por exemplo, Horatio Bottomley, pois Munnings tem a vantagem de possuir faculdades psíquicas — perante as quais as suas pequenas falhas sociais são relativamente insignificantes. Então por que razão haveria alguém de dizer: "Não podes usar o Munnings"?

Conheço a história de Munnings e não irei satisfazer a curiosidade mórbida repetindo os seus pequenos desvios de conduta. Não foram de carácter particularmente grave e nada tinham a ver com o campo da espiritualidade.

Nesta nossa Inglaterra, muitos homens notórios passam por altos e baixos. O patriota Bottomley, que durante a Grande Guerra fazia discursos de recrutamento comoventes no Empire Theatre — recebendo cem libras por noite — encontra-se agora, onde espero que permaneça, na prisão. Bottomley era por vezes divertido, mas Munnings é mais ainda — e é por isso que o convidei a Dorincourt pela terceira vez.

Munnings, que chegou depois do jantar, não foi apresentado aos meus convidados, caso viesse a surgir alguma evidência espontânea — o que não aconteceu.

II

Esta terceira sessão experimental realizou-se na segunda metade de Janeiro, sob a mediunidade do Sr. F. T. Munnings. Estavam presentes, além de mim e da minha esposa, o Dr. V. J. Woolley, investigador honorário da Society for Psychical Research, o Sr. P. G. Wodehouse, a Sr.ª Leonora Wodehouse e a Baronesa Kakucs.

O Sr. Munnings informou-me antes da sessão que não se sentia bem e que tinha estado com uma constipação forte.

Das pessoas presentes, a Baronesa Kakucs e a Sr.ª Leonora Wodehouse não tinham qualquer experiência anterior com sessões espíritas. Expliquei ao Dr. Woolley que, em sessões anteriores com Munnings, raramente se recebia alguma prova concreta de identificação pessoal das vozes comunicantes.

O Dr. Woolley compreendeu também que esta não era uma sessão de investigação em sentido estrito, mas sim um experimento para observar eventuais fenómenos sobrenaturais.

O Dr. Woolley estava sentado ao lado de Munnings.

Coloquei a minha corneta iluminada no centro do círculo e, nesta ocasião, Munnings, tendo observado nas sessões anteriores o efeito marcante da minha corneta iluminada, pintou a sua própria corneta com duas faixas luminosas vívidas. O efeito foi muito bom, pois ambas as cornetas podiam ser vistas com clareza. Estavam colocadas a cerca de trinta centímetros uma da outra.

Três ou quatro discos foram tocados no gramofone antes de qualquer fenómeno ocorrer.

Munnings disse que sentia as condições algo estranhas e parecia surpreendido por termos de esperar tanto tempo até algo acontecer. Disse que não sabia o que se passava, pois nunca antes tivera de esperar tanto. Eu sabia porquê [1] — e achei graça.

Pareceu-me, e também aos outros participantes, que uma das cornetas se movia na direção da outra, mais para o fim do quarto disco. O Dr. Woolley disse que achava que ela não se tinha mexido.

Durante a audição do quinto disco, a minha corneta iluminada foi subitamente levantada no ar e moveu-se em volta do círculo, tocando cada um dos presentes. Em seguida, foi erguida mais alto, e perguntei se poderia ser levada até ao teto. A corneta foi então erguida até ao teto, onde bateu várias vezes.

Enquanto a minha corneta estava junto ao teto, mantive uma conversa com Munnings, para garantir que ninguém pudesse pensar que ele, eu ou outra pessoa a estava a mover. Não sei se o Dr. Woolley reparou nisso.

Os movimentos da minha corneta foram manifestamente sobrenaturais. Pouco depois, a voz de Emanuel manifestou-se, utilizando a corneta iluminada de Munnings.

[1] *Sabia que a presença de pessoas novas — e especialmente de investigadores formais — afectava a espontaneidade dos fenómenos nas sessões de Munnings, mas achei melhor não comentar.*

Emanuel disse que a energia estava algo fraca e que os espíritos comunicantes teriam de extrair uma certa quantidade de energia de mim e da Sra. Bradley. Respondi a Emanuel, dizendo que não desejava que ele retirasse demasiada energia de mim, pois tinha sido aconselhado a ter cuidado com o esforço exigido pela mediunidade. Emanuel respondeu que teriam cuidado com a quantidade de energia que nos iriam retirar.

As poucas vozes que se manifestaram durante a noite eram fracas e desconexas, parecendo incapazes de manter a energia por mais de um minuto de cada vez. Um espírito que afirmava ser Dan Leno cantou uma estrofe de uma canção, mas a voz não era muito boa e, certamente, não pôde ser identificada com a mesma certeza da sessão anterior com Munnings, em que este comunicante se manifestou.

Uma voz espiritual anunciou-se como sendo a de Lord Grenfell, cujo funeral ocorrera nesse mesmo dia. Mais tarde soube que Lord Grenfell estava interessado no espiritualismo, mas a voz não forneceu qualquer informação que pudesse ser considerada como evidência. *1 As vibrações adversas de um dos participantes.*

Husk falou comigo e com a minha esposa sobre a nossa mediunidade. Husk parecia perturbado; a sua voz não era muito nítida e, embora eu tenha feito certas perguntas que poderiam ter tido bastante valor, não obtive respostas com valor comprovativo.

Durante a noite, surgiram certas luzes espirituais em várias partes da sala. É significativo notar que nem Annie nem Warren alguma vez tentaram falar numa sessão com Munnings.

III

A sessão careceu de qualquer prova comprovativo da personalidade dos espíritos comunicantes. No entanto, é indiscutível que ocorreram fenómenos supranormais. As vozes que vinham do espaço pareciam ter alguma dificuldade em manter uma conversação.

CAPÍTULO XXV
UMA DESCOBERTA MATERIAL DRAMÁTICA

Uma experiência emocionante — uma sessão cujos resultados envolviam muitos milhares de libras — os espíritos localizam livros de contabilidade incriminadores — "O facto é que, sem qualquer médium externo, eu e a minha esposa conversámos durante horas e horas com os espíritos da minha irmã Annie e de Warren Clarke, e esses espíritos falaram com as suas próprias vozes individuais, clara e distintamente, a partir do espaço" — À soleira do Templo do Conhecimento.

Domingo, 25 de Janeiro de 1925

I

Com um propósito muito importante, realizei uma sessão privada em Dorincourt nessa noite para comunicação por voz direta. Estavam presentes apenas a minha esposa, a mãe dela e eu. O meu trompete iluminado foi colocado no centro da sala, e música operática foi tocada no gramofone. A primeira selecção foi um disco de Galli-Curci. A atmosfera parecia ter uma acuidade peculiar, e a voz de Galli-Curci, cantando "Dóv'è l'Indiana bruna", soou-me mais bela do que nunca. Pensei que talvez fosse imaginação minha, mas, para minha surpresa, a minha esposa comentou que nunca ouvira a sua voz tão pura e tão clara.

Depois, enquanto Galli-Curci cantava "Tutte le feste al Tempio", de Verdi, o trompete iluminado foi erguido, usado como batuta, e a canção foi regida. O tempo era controlado com precisão. A batuta luminosa vibrava com a música; o espírito da grande composição foi trazido à vida de forma vívida. Foi emocionante e sobrenatural, pois o instrumento material do gramofone foi subjugado a uma inteligência superior.

Warren Clarke manifestou-se. A sua voz não era alta, mas era rápida, decidida e alerta. Tinha algumas questões pessoais importantes que desejava colocar-lhe. As respostas que deu foram diretas e de grande valor imediato.

Nos dois meses anteriores, Warren e Annie tinham feito referências a certos assuntos que afetavam os meus interesses materiais ou financeiros. As primeiras indicações, que surgiram como um aviso, estão registadas nos Capítulos IX e XIX do Livro I desta obra.

Raramente os espíritos abordam questões materiais, e, embora na altura não tenha compreendido plenamente, este assunto revelou-se de enorme importância para mim. Só mais tarde percebi a gravidade da situação. Descobri que se tratava de um caso de traição e injustiça, e é, aparentemente, apenas em casos assim que os espíritos intervêm em questões materiais.

Fui aconselhado exatamente sobre o que fazer e segui o conselho dado.
Duas semanas após esta sessão, fiz descobertas espantosas. A investigação que empreendi implicou o estudo de contas de vários anos, totalizando mais de um milhão em dinheiro. Felizmente, sou perito em contabilidade e, embora o trabalho exigido fosse quase sobre-humano, foi entre a noite de sexta-feira e a madrugada de sábado, a 7 de Fevereiro, às duas da manhã, após um estudo concentrado, que descobri e provei os desfalques.

Antes disso, os espíritos tinham-me dito exatamente qual o conjunto de livros de contabilidade a examinar primeiro. Todos esses livros eram inesperados, um conjunto aparentemente insignificante que provavelmente nunca teria consultado se não fosse pela sua orientação.

Posteriormente, tive de provar estes factos a três firmas de revisores oficiais de contas e, ao longo do exame, fui guiado por meios supranormais para encontrar provas em locais inesperados. Os desvios tinham-se prolongado durante anos e estavam habilmente ocultos. Foi um caso terrível e, não fosse o conselho dos espíritos, provavelmente teriam continuado indefinidamente, causando-me a perda de muitos milhares de libras a mais.

Este incidente dramático demonstra que os espíritos podem e efetivamente ajudam aqueles com quem comunicam, e que, além dos seus conselhos espirituais, podem proteger-nos contra injustiças materiais.

Após a minha conversa com Warren, Annie manifestou-se e confirmou a informação transmitida por Warren. Em seguida, indicou-me a hora certa em que deveria agir de acordo com o meu novo propósito. Também falou sobre o estado de saúde da minha irmã Gertrude, que ainda estava muito doente. Antes de partir, disse-me que Husk estava presente e queria falar comigo.

Husk apareceu algum tempo depois e falou comigo e com a minha esposa. Durante a conversa, disse que achava correto aconselhar-nos a não realizar mais sessões até à chegada de Valiantine, pois sentia que, neste momento, seria demasiado para nós. Sabia que havia agora uma enorme quantidade de trabalho complexo que eu precisava de realizar com urgência. Acrescentou que mais tarde seríamos inspirados sobre o momento certo para retomar as nossas sessões privadas.

II

As comunicações que recebi foram notáveis, mas foi uma surpresa ser instruído a interromper as sessões. Refletindo, contudo, percebi que tinha um volume excessivo de trabalho para cumprir, e continuar a realizar sessões privadas de voz seria um esforço mental demasiado exigente. Manifestei, no entanto, a esperança de que os poderes mediúnicos meus e da minha esposa se desenvolvessem consideravelmente ao longo da série de sessões que estavam planeadas para a primavera desse ano, sob a mediação de Valiantine.

Esta sessão privada de voz teve um valor inestimável para mim.

III

Vivemos numa era de milagres — milagres maiores do que quaisquer outros anteriormente registados. É difícil para a mente humana conceber que a barreira da morte tenha sido ultrapassada.
Eu e a minha esposa podemos sentar-nos juntos e conversar longamente e com fluência sobre todos os assuntos importantes com os espíritos daqueles que nos são próximos e que já partiram deste plano terreno.

Se eu fizesse esta afirmação sem testemunhas externas que a corroborassem, não esperaria que o mundo acreditasse em mim. É algo quase incompreensível, mas o facto estabelecido permanece: sem qualquer médium externo, eu e a minha esposa conversámos durante horas e horas com os espíritos da minha irmã Annie e de Warren Clarke, que falaram com as suas próprias vozes individuais, clara e distintamente, a partir do espaço.

Muitas pessoas famosas ouviram-nos a nós e a eles, e também falaram, na minha casa, com os seus próprios amigos espirituais. Não se trata tanto da maravilha do universo, mas sim da verdade do universo.

LIVRO II
VALIANTINE E AS VOZES

CAPÍTULO I

George Valiantine chega a Inglaterra e é recebido por H.D.B. — Segue-se uma sessão notável, na qual velhos amigos — amigos de *Towards the Stars* — regressam — "Sei que não existe a morte."

Sexta-feira, 13 de Fevereiro de 1925

I

GEORGE VALIANTINE chegou a Inglaterra vindo dos EUA a 12 de Fevereiro. O Berengaria chegou atrasado devido ao nevoeiro, e já passava da meia-noite quando o encontrei em Waterloo e o levei de carro até Dorincourt.

Foi em resposta a inúmeros pedidos de destacados estudiosos da Investigação Psíquica que o convidei a fazer a sua segunda visita a este país.

Foi agradável reencontrar este homem simples e honesto. Verifico que, quando estou na sua companhia, Valiantine exerce um efeito calmante sobre os nervos, ao passo que, antes da sua visita, eu tinha suportado a tensão de um período difícil de trabalho intricado.

II

O dia seguinte à chegada de Valiantine foi passado tranquilamente em Dorincourt — a minha esposa encontrava-se doente na cama. À noite, fizemos juntos uma sessão.

Sentámo-nos frente a frente, a cerca de dois metros de distância; no chão entre nós, dois trompetes, um dele e um meu.

Onze personalidades espirituais distintas e individuais falaram connosco. Apenas duas usaram o trompete. O poder era tão forte que nove dos espíritos falaram independentemente dos megafones, as suas vozes sendo claras, reconhecíveis e no ar, entre nós.

Annie discutiu comigo, na sua voz independente, várias questões importantes e íntimas.

Warren Clarke dispensou o trompete e falou longamente com voz independente. Abordou também certos assuntos pessoais e deu-me conselhos extremamente valiosos sobre as investigações financeiras que eu estava a realizar com três firmas de revisores oficiais de contas. Feda manifestou-se, falando no seu habitual tom alegre, dando-nos as boas-vindas e intercalando a sua fala com a sua risadinha característica.

Foi uma grande alegria falar com os guias de Valiantine [1] — cada um com uma personalidade marcante e característica, tanto na forma de construir as frases como na entoação: o Dr. Barnett falou connosco de forma sábia e determinada; Bert Everett com o seu humor leve; Pat O'Brien com o seu forte sotaque irlandês; Kokum e Hawk Chief [2] com vozes imponentes e retumbantes; por vezes falavam todos ao mesmo tempo, outras vezes entre si. Todos os espíritos referiram-se com simpatia à minha esposa. Enquanto os dois guias índios falavam, pedi-lhes que falassem o mais alto possível, para que talvez a minha esposa os pudesse ouvir. Apesar de a Sra. Bradley estar na cama, num piso superior (não por cima da sala onde nos encontrávamos), a uns trinta ou quarenta metros de distância e com todas as portas fechadas, disse-me depois que ouvira distintamente os oradores.

Não admira, pois, quando eles elevavam a voz, esta podia ser ouvida a mais de cem metros de distância.

Manifestaram-se também o espírito da pequena Honey e o do pequeno Bobby Worrall [3].

As conversas decorreram fluentemente e praticamente sem interrupções durante tanto tempo que acabei por perguntar ao Dr. Barnett se deveríamos encerrar a sessão. Assim que coloquei esta questão, Bert Everett disse que não queriam terminar naquele momento, pois Johannes desejava falar comigo.

[1] *Valiantine tem um número excepcional de guias espirituais: Dr. Barnett, Bert Everett, Kokum, Pat O'Brien, Honey, Hawk Chief e Bobby Worrall.*

[2] *Todas estas personalidades espirituais são descritas em "Towards the Stars."*
[3] *Ambas estas personagens aparecem em "Towards the Stars."*

Johannes então falou comigo sem usar o trompete. A sua voz era pausada e os seus tons cultos, com a cadência medida de um intelecto brilhante. Foi um prazer imenso falar com ele.

Disse que se tinha ligado a mim como um dos meus guias e que, no meu trabalho literário, faria sempre os possíveis por me ajudar. Respondi-lhe que, por agora, não teria tempo para criação literária e que o máximo que poderia fazer seria registar os acontecimentos psíquicos.

As conversas decorreram com onze espíritos individuais, cada um falando com facilidade, fluidez, doçura, intimidade e brilho. Cada frase proferida estava repleta de significado e conhecimento. Conhecia cada um deles de forma muito mais verdadeira do que à maioria dos homens e mulheres que conheço na Terra. Todos vivem num plano infinitamente superior àquele em que eu existo. Nenhum expressava um pensamento que não fosse nobre. Nenhum exalava outra atmosfera que não a de tranquilidade e amor. Cada um respirava o mais raro sopro da vida — a vida para além da nossa compreensão.

Sei que não existe a morte, mas há graus de vida, e são os espíritos que estão verdadeiramente vivos, enquanto nós estamos em estado comatoso.

Esta noite vívida foi um augúrio magnífico do futuro, quando esta nova e grandiosa verdade possa ser comprovada de forma incontestável a este mundo assolado pela luta.

CAPÍTULO II

O autor irrita-se — O efeito negativo de um participante materialista — Discute-se um caso de encefalite letárgica, e o Dr. Barnett dá uma prescrição.

Domingo, 15 de Fevereiro de 1925

I

Ao ler estes registos dos fenómenos ocorridos ao longo da extensa série de sessões com Valiantine, o leitor compreenderá que apenas é possível apresentar um relato sucinto e abreviado, contendo pontos de interesse psicológico ou informações com valor comprovativo. Se alguns dos capítulos seguintes parecerem frios e breves, não será por falta de matéria, mas sim pelo excesso dela e pela necessidade de síntese. Caso contrário, este livro teria milhares de páginas.

No dia 15 de Fevereiro convidei a Dorincourt o Sr. Hannen Swaffer, a Srta. Madeline Cohen, a Srta. Winifred Graham, a Sra. Robert Graham e um cavalheiro que permanecerá anónimo. George Valiantine e eu completávamos o círculo.

Pouco antes do início da sessão, o cavalheiro anónimo disse-me: "Bradley, não quero que o meu nome apareça em nenhum livro, porque dois membros da minha família vão deixar-me uma quantia considerável nas suas heranças. Eles detestam o espiritualismo, e se souberem que participo em sessões, deserdam-me."

Esta observação enfureceu-me. Desde que comecei este estudo — do que considero o mais importante tema do mundo — e fiz grandes sacrifícios para que este conhecimento fosse estabelecido, foi revoltante deparar-me com uma mentalidade deste tipo. Soube, desde o início, que a sessão estaria condenada ao fracasso.

Esperámos cerca de um quarto de hora e, então, eu disse: "Quero dizer-vos que considero fútil continuar com esta sessão."
Evidentemente, os meus sentimentos tinham-se espalhado pela sala, pois o cavalheiro em questão ofereceu-se para sair. Saiu.

Disse aos restantes que estava disposto a continuar por mais algum tempo, mas receava que, devido a esta perturbação, as comunicações fossem extremamente difíceis ou até impossíveis. Passados cinco ou seis minutos, a voz do Dr. Barnett manifestou-se, mas o poder não era muito forte.

Havia uma questão de grande importância que tinha surgido durante o dia e que eu desejava colocar ao Dr. Barnett. Explicarei a importância dessa questão. Um médico local estava a tratar da doença da minha esposa e, durante a manhã, contou-me que também acompanhava um caso de uma doença rara. Um dos seus pacientes — o filho do Sr. R. H. Saunders — estava afetado por encefalite letárgica. Respondi que estávamos a realizar sessões em Dorincourt com a mediação de George Valiantine, e que, por vezes, tinham sido dados conselhos notáveis pelos espíritos. Acrescentei que um dos espíritos, o Dr. Barnett, possuía conhecimentos de medicina. O médico da minha esposa sugeriu que, logo que possível, eu pedisse conselho ao Dr. Barnett sobre esse caso.

Perguntei ao Dr. Barnett se seria possível ele dar-nos orientação, ou obter do seu lado conselhos sobre o tratamento de um caso de encefalite letárgica.
O Dr. Barnett respondeu que podia dar conselhos.

Perguntei-lhe se seria necessário trazer o médico até lá para tomar nota do tratamento.

DR. BARNETT: Não — vou dá-lo agora. Por favor, escreva.

Anotei o tratamento.

DR. BARNETT: Diga ao seu médico para administrar ao paciente — a cada dois dias — uma injecão de Antimónio e Óleo de Chaulmoogra. Diga também ao seu médico para manipular os braços e ombros do paciente a partir das ancas, enquanto este estiver numa posição relaxada.

Tive de pedir-lhe que soletrasse "Chaulmoogra", pois era uma palavra que nenhum de nós conhecia.

II

Logo após o encerramento da sessão, telefonei ao meu médico e transmiti-lhe o tratamento sugerido. Deve recordar-se que eu nada sabia sobre antimónio, e nenhum de nós jamais ouvira as palavras "Óleo de Chaulmoogra". O meu médico ficou estupefacto com a receita. Disse-me que telefonaria a um especialista de West End sobre as dosagens, etc., e acrescentou que, tanto quanto sabia, o Óleo de Chaulmoogra era usado ocasionalmente em casos de lepra.

CAPÍTULO III

Uma sessão à luz do dia, durante a qual os espíritos conversam com Pat, o filho de oito anos do autor — O Sr. Greville Collins assiste a uma sessão, parece perturbado e é retirado da sala — A mãe de Miss Madeline Cohen dirige-se à filha — Informação comprovativo — O espírito de Arthur Playfair fala com o Sr. Swaffer: é mencionada Miss Phyllis Monkman — Os lamentos do falecido William Archer.

Segunda-feira, 16 de Fevereiro de 1925

I

Um acontecimento extraordinário teve lugar, e contarei o incidente tal como foi relatado pelo meu filho Pat, de oito anos. Estava com Valiantine no meu escritório, de manhã, e a sala estava inundada por uma forte luz solar. Pat, que já sabe bastante sobre espiritualismo, pediu a Valiantine para falar com os espíritos. Valiantine riu-se e disse que poderiam tentar. Então, segurou o trompete com o braço esticado, em ângulo reto em relação ao corpo, e, passados poucos minutos, Pat ouviu uma voz a falar-lhe. Durante seis a sete minutos, Pat manteve uma conversa com Annie; depois com Warren Clarke, que falou sobre Phyllis e Betty, duas amigas de brincadeira de Pat; mais tarde, Kokum falou com ele, seguido por Bert Everett. Pat contou-me tudo o que eles disseram.

Este é um fenómeno muito notável, pois é raro os espíritos conseguirem manifestar as suas vozes em plena luz do dia.

II

Quarta-feira, 18 de Fevereiro de 1925. Esta sessão teve lugar no meu escritório em Dorincourt, por volta das 20h45.
Para além de Valiantine e de mim, estavam presentes Miss Louise Owen, Miss Kate Goodson, Miss Madeline Cohen, o Sr. Greville Collins (empresário teatral) e o Sr. Swaffer.

Foram usados dois trompetes — o meu trompete iluminado e o de Valiantine, que tem uma estrela iluminada no interior.

Miss Goodson e o Sr. Greville Collins não foram apresentados ao médium.

A meu ver, os participantes estavam algo excitados e inquietos.
Foram tocados dois ou três discos no gramofone antes de ocorrer qualquer fenómeno e, depois, vários dos presentes foram tocados, tanto com o trompete como, presumivelmente, com mãos materializadas.

Um dos trompetes iluminados aproximou-se de mim e repousou durante algum tempo sobre o meu joelho.

O Sr. Greville Collins foi tocado duas ou três vezes e parecia nervoso.

A voz de Bert Everett foi ouvida no alto da sala, soltando uma gargalhada sonora. O Dr. Barnett disse: "Almas, não tenham medo!" Ao ouvir isto, o Sr. Greville Collins pareceu bastante perturbado e disse-me que não aguentava mais e que precisava de sair da sala. Acompanhei-o até fora, servi-lhe um whisky com soda forte, e deixei-o confortavelmente junto à lareira, na sala de estar.

Quando regressei, o Dr. Barnett falou quase de imediato. Disse que havia demasiada excitação entre os participantes e que isso dificultava muito as condições para os espíritos se manifestarem.

A mãe de Miss Madeline Cohen dirigiu-se à filha. Falaram durante algum tempo sobre assuntos pessoais e familiares. A voz da Sra. Cohen era indistinta ao início, mas foi ganhando força. Discutiram-se alguns pontos relativos a uma venda e foi feita referência a membros da família, alguns dos quais se encontravam em Monte Carlo. A Sra. Cohen transmitiu espontaneamente a informação de que Hilda (irmã de Miss Cohen) tinha ficado recentemente abalada com um certo incidente. [1]

Uma voz dirigiu-se ao Sr. Swaffer e identificou-se como sendo Arthur Playfair. Arthur Playfair falou durante algum tempo com o Sr. Swaffer e também comigo, embora eu não o conhecesse enquanto vivo. Dirigiu-se ao Sr. Swaffer por "Swaff" e fez várias referências a Phyllis Monkman, a quem chamou primeiro "Phyl" e depois, a pedido, forneceu o nome completo.

Deve notar-se aqui que Valiantine, sendo estrangeiro neste país, nada sabia sobre Arthur Playfair, que falecera há alguns anos, nem era provável que soubesse que Playfair era amigo de Phyllis Monkman.

Playfair agradeceu-me pelo que chamou de "grande trabalho que eu estava a realizar", e também agradeceu a Valiantine por lhe dar o poder de nos poder falar.

William Archer manifestou-se. A voz era indistinta ao início, mas foi melhorando consideravelmente. Conversou comigo durante algum tempo. Disse que o seu filho estava com ele do outro lado e que lamentava profundamente não ter revelado esta verdade enquanto estava na Terra. Acrescentou que já sabia há bastante tempo da sua veracidade e que agora se arrependia profundamente de não ter tornado pública essa verdade.

[1] *Informação confirmada posteriormente como exata.*

O Sr. Archer falou também com o Sr. Swaffer sobre o livro que este último estava a escrever na altura.

Mais tarde, uma voz espiritual chamou "Kate-Kate". Miss Goodson respondeu de imediato, e a voz disse logo que era o pai dela. Miss Goodson e o espírito conversaram longamente sobre assuntos familiares, enquanto Miss Goodson chorava durante grande parte da conversa. [1] O espírito referiu-se à irmã de Miss Goodson, Annie, e ao bebé dela, que, disse, era uma criança adorável e que estava a crescer no mundo espiritual. Acrescentou que os três estavam lá juntos e eram tão felizes quanto possível. Pediu a Miss Goodson que trouxesse a mãe, para que esta pudesse falar com ele. "Por favor, dá-lhe o meu amor e beija-a."

Isto é apenas uma amostra das comunicações feitas por este espírito.

O Dr. Barnett disse que deveríamos encerrar a sessão. Levantei-me para acender a luz e, enquanto ainda estava de pé, a voz de Annie falou comigo a cerca de trinta centímetros do meu rosto e sem usar o trompete. Todos os presentes ouviram claramente os seus tons. Disse apenas: "Herbert, há muitos espíritos aqui esta noite; lamento termos de encerrar, mas é necessário hoje!"

III

Esta sessão foi razoavelmente bem-sucedida, mas não senti que as condições fossem muito boas. Faltava completa passividade, e houve muita agitação e inquietação por parte de todos os presentes.

CAPÍTULO IV

Uma passividade útil que proporcionou uma sessão bem-sucedida — O pequeno Bobby Worrall e Pat — Um espírito assobia uma marcha militar — Os marcianos: a sua mentalidade e os seus corpos — O testemunho de Mrs. Helen White — "Perfeitamente natural."

Quinta-feira, 19 de Fevereiro de 1925.
Esta sessão foi notavelmente bem-sucedida. Estavam presentes quatro pessoas: Mrs. Helen White, o Capitão C. J. Astley Maberley, Valiantine e eu.

Percebi logo que as condições eram extremamente boas. Havia uma atmosfera de grande passividade e cooperação.

[1] *Aparentemente, o bebé referido tinha falecido.*

O Dr. Barnett saudou-nos, e manifestaram-se os guias espirituais de Valiantine: Bert Everett, com a sua voz aguda em falsete; Kokum, com o seu tom forte; e Pat O'Brien. Todos falaram connosco individualmente.

O pequeno Bobby Worrall manifestou-se com o seu tom infantil e contou-me como tinha falado com Pat à luz do dia, na tarde anterior. [1]

A mãe de Mrs. White falou com a filha sobre assuntos pessoais, e também se dirigiu ao Capitão Maberley. Uma voz assobiando uma melodia militar aproximou-se do Capitão Maberley. Este pediu ao assobiador que executasse outra marcha militar que conhecia — e assim foi feito. Uma voz, aparentemente do assobiador, falou com o Capitão Maberley, e conversaram durante algum tempo. Esta mesma voz também falou com Mrs. White.

Outra voz espiritual manifestou-se a Mrs. White, identificando-se como Cônego ------. Mrs. White e o Capitão Maberley reconheceram esta personalidade e discutiram certos assuntos.

Annie falou comigo por um curto período sobre questões pessoais.

Perto do fim da noite, o Dr. Barnett manifestou-se e proferiu um longo e brilhante discurso sobre Marte e a condição dos seus habitantes. Explicou que os marcianos são seres intelectualmente muito superiores aos da Terra, e também mais desenvolvidos tanto em ciência como em espiritualidade. Os seus corpos físicos são mais pequenos do que os nossos e possuem muitos sentidos que nós não temos. Em breve conseguirão comunicar connosco; estão já a tentar fazê-lo. Conseguirão contactar-nos antes de nós conseguirmos contactá-los. Os marcianos estabeleceram comunicação com os espíritos num grau mais elevado do que nós; na verdade, comunicar com as esferas espirituais a partir de Marte tornou-se um processo relativamente simples.

Bert Everett fez um discurso espiritual.

[1] *Na tarde anterior, em plena luz do dia, Pat voltara a sentar-se com Valiantine e falara com Annie, bem como com Bobby Worrall. Nessa ocasião, Bobby disse que tinha lido alguns dos livros de Pat com ele, mencionando os títulos.*

Após a sessão, Mrs. White afirmou que considerava a experiência absolutamente maravilhosa, e que, até então, nunca tinha sentido absoluta convicção da sobrevivência. Estava radiante por ter conseguido comunicar diretamente com a sua mãe, e o mais notável para ela foi que tudo lhe pareceu tão perfeitamente natural.

CAPÍTULO V

O autor desfruta de uma pausa estimulante longe das questões psíquicas — Mrs. Bradley realiza uma sessão a sós com Valiantine — "Só um movimento espiritual universal pode evitar a guerra": o aviso solene do Dr. Barnett — Uma combinação mediúnica ideal.

I

Sexta-feira, 20 de Fevereiro de 1925.

Esta foi a noite da estreia da produção de *The Grand Duchess* no Globe Theatre, com Miss Margaret Bannerman no papel principal. Eu tinha marcado presença para este espetáculo. Embora a adaptação inglesa desta obra francesa não tenha sido um sucesso comercial, Miss Bannerman teve um desempenho brilhante num papel extremamente exigente. Após o espetáculo, a convite do Sr. Anthony Prinsep, eu e o meu amigo Charles Sykes juntámo-nos à companhia para jantar e dançar. Uma pausa estimulante na minha dedicação ao espiritualismo.

Nessa noite, a minha esposa, ainda em convalescença após a doença, realizou uma sessão sozinha com o Sr. Valiantine no meu escritório em Dorincourt. Os trompetes (o dele e o meu) foram colocados no centro da sala. As condições estavam perfeitas e não foi necessário tocar o gramofone. Passados apenas alguns minutos, manifestou-se a primeira voz, que falou com Mrs. Bradley — apresentando-se como Georgie [1], chamando-lhe "Tia Mabel."

[1] *Nome próprio e apelido foram dados.*

Esta voz era a do filho de Annie, que tinha falecido alguns anos antes, aos dezassete anos. Disse que queria falar com o Tio Herbert [1] sobre certos assuntos e que tinha tentado contactar Dennis, em Cambridge, mas que fora demasiado difícil, por não haver energia suficiente.

Mais tarde, Annie falou de forma independente, sem usar o trompete, referindo-se à sessão em que tomou controlo e falou através de Mrs. Scales.

Warren enviou o seu amor aos filhos, Phyllis e Betty. Falou da doença deles e forneceu espontaneamente uma informação sobre o estado de saúde da irmã da minha esposa, Ida, que se encontrava então na Alemanha.

Ao falar da doença dos filhos, explicou como esta tinha sido contraída.

Durante a conversa com o Dr. Barnett, a minha esposa referiu a agitação que tinha sido prevista e perguntou se, entre outras formas, haveria probabilidade de terramotos. O Dr. Barnett respondeu que haveria alguns terramotos e acrescentou que recentemente tinham ocorrido dois ou três pequenos abalos no plano terrestre.

DR. BARNETT: Existe um perigo muito grave de uma nova grande guerra nos próximos dois anos, e só um movimento espiritual universal poderá evitá-la. Se esta guerra acontecer, será uma guerra catastrófica no ar; a Alemanha e o Japão estão a preparar-se em segredo. O Japão encontra-se neste momento ativamente empenhado em preparar enormes frotas de aviões.

MRS. BRADLEY: Há alguma forma de a evitar?

DR. BARNETT: Só pode ser evitada se as pessoas do plano terrestre difundirem a verdade do espiritualismo. Esta é a única maneira.

Bert Everett falou com Mrs. Bradley durante algum tempo. Kokum também. O Dr. Barnett encerrou a sessão.

[1] *H.D.B.*

II

Mrs. Bradley relata que as conversas decorreram com facilidade e fluidez, as vozes surgindo sem qualquer dificuldade. Vale a pena notar que o mesmo acontecera anteriormente, quando me sentei a sós com Valiantine.

Durante a última série de experiências realizadas em Fevereiro do ano anterior, verificámos que, nas ocasiões em que nos sentámos os três juntos — a minha esposa, Valiantine e eu — as condições eram perfeitas. As comunicações surgiam com uma fluidez e facilidade extraordinárias; evidentemente, esta combinação constitui uma ideal para a vibração da voz.

CAPÍTULO VI

H.D.B. lamenta o número excessivo de senhoras nesta sessão: uma atmosfera de chá das cinco — O falecido Sr. Scott fala com a sua viúva — Espíritos falam em alemão — O espírito do Major Dighton-Probyn sobre a prevenção de guerras — Uma carta notável.

I

Sábado, 21 de Fevereiro de 1925.
Estavam presentes: Valiantine, Mrs. Dighton-Probyn, Mrs. Kinloch, Mrs. Scott-Nelson, Mrs. Benvenisti (tradutora de *Towards the Stars* para alemão), a sua secretária Miss Engster, o Tenente-Coronel Miles Tristram, a sua filha Miss Tristram, e eu.

Foi uma reunião heterogénea e havia senhoras a mais. Convidei uma ou duas pessoas, e inadvertidamente a minha esposa convidou outras. Das participantes, cinco nunca tinham assistido a uma sessão de voz.

A sessão decorreu em Dorincourt e, embora todas as senhoras fossem extremamente agradáveis, senti que o ambiente se assemelhava mais ao de uma tertúlia de chá do que ao de uma sessão espiritual. Fiquei extremamente irritado com a conversa constante e, por isso, considero que as condições estavam longe do ideal.

A maioria parecia inquieta, excitada, com pensamentos dispersos e expectativas fragmentadas. No entanto, apesar destas condições pouco favoráveis, manifestaram-se catorze vozes espirituais diferentes e distintas.

O Dr. Barnett falou em várias ocasiões, tal como Bert Everett, Kokum, Pat O'Brien e Honey. Feda dirigiu-se a mim e a outro participante, e Warren Clarke manteve uma breve conversa comigo. Todos os guias e Warren Clarke falaram com voz independente, sem recorrer ao trompete.

Um dos trompetes iluminados foi erguido e uma voz espiritual falou com Mrs. Scott-Nelson, apresentando-se pelo nome de Jack Scott. [1] Seguiu-se uma longa conversa pessoal entre ambos. Foram referidos muitos assuntos demasiado delicados para serem publicados.

Mrs. Scott-Nelson mostrou-se muito emocionada durante toda a conversa e disse-me mais tarde estar profundamente impressionada.

Duas vozes espirituais de parentes de Mrs. Kinloch falaram com ela durante bastante tempo. Como ela pediu a cada um desses espíritos que chamasse outros familiares, comecei a temer que a sessão se prolongasse por todo o fim-de-semana.

Dois espíritos distintos falaram com Miss Engster e também com Mrs. Benvenisti; ambos falaram em alemão. As vozes eram muito indistintas e foi difícil traduzir as comunicações.

Um dos espíritos apresentou-se como sendo a mãe de Miss Engster e o outro como o pai.

Uma voz espiritual de um parente do Coronel Tristram falou com ele e com Miss Tristram; ouvi claramente a voz dirigir-se a ele por "Miles". Miss Tristram reconheceu evidentemente o comunicante, que mencionou uma viagem que ela planeava fazer ao Canadá.

O espírito do marido de Mrs. Dighton-Probyn, o Major Dighton-Probyn, da Artilharia de Guarnição Real, que faleceu aos cinquenta e um anos, falou com ela durante algum tempo. A voz era razoavelmente distinta e foi reconhecida por Mrs. Dighton-Probyn. Conversaram sobre assuntos pessoais, e ele dirigiu-se também a mim, falando da necessidade imperiosa de a humanidade evitar futuras guerras. Elogiou-me por alguns dos meus trabalhos literários.

O Dr. Barnett encerrou a sessão.

[1] *Este é o nome do primeiro marido de Mrs. Scott-Nelson. Era desconhecido para mim.*

II

Devido ao número de pessoas presentes e à animada discussão que se seguiu, esqueci-me de interrogar a secretária de Mrs. Benvenisti sobre a comunicação que recebeu.

Mais tarde, lembrei-me de que não lhe tinha perguntado se os seus pais estavam vivos ou mortos.
Este é um ponto importante, pois nenhum de nós — com exceção de Mrs. Benvenisti — sabia algo sobre ela. Nem sequer o nome dela nos era conhecido.

No dia seguinte escrevi a Mrs. Benvenisti, recordando-lhe que o Dr. Barnett afirmara claramente que as vozes que se dirigiram à sua secretária eram as do pai e da mãe, e pedi-lhe, se fosse possível, que me confirmasse esse ponto.

Mrs. Benvenisti respondeu-me que a sua secretária se chamava Miss Engster e acrescentou: "Quero declarar que Miss Engster tem apenas vinte e quatro anos e que, infelizmente, perdeu ambos os pais nos últimos anos. Posso garantir que ninguém presente sabia qualquer coisa sobre ela. Quando foi abordada pelas duas vozes, respondeu-lhes no

dialeto suíço-alemão da sua terra natal. As vozes eram muito indistintas e foi difícil compreender o que disseram, para além de algumas frases curtas. Durante a sessão, Miss Engster foi tocada na testa, e pediu — no dialeto suíço-alemão, incompreensível para os outros presentes — que voltassem a tocar-lhe na cabeça, ao que foi tocada duas vezes na testa."

CAPÍTULO VII

O espírito de Bert Everett canta um dueto com um disco de Galli-Curci: a comédia faz o Dr. Barnett rir — O pai de Miss Winifred Graham fala com a filha — Mais sobre a receita para a encefalite letárgica — A vida nas esferas espirituais.

Domingo, 22 de Fevereiro de 1925.

Nessa noite, para além de Valiantine, estavam presentes a minha esposa, Mrs. Graham, Miss Winifred Graham e eu. As condições eram muito boas e as vozes manifestaram-se sem qualquer dificuldade. Dez espíritos falaram.

O Dr. Barnett falou connosco várias vezes sobre diversos assuntos, tal como Bert Everett. Tanto Hawk Chief como Kokum falaram com os seus habituais tons fortes, e Pat O'Brien manifestou-se duas vezes, conversando de forma jovial com cada um de nós, no seu sotaque irlandês.

Bobby Worrall falou sobre Pat. Disse também que estivera connosco — comigo, Pat e Valiantine — nessa manhã, quando passeávamos ao longo do Beverley Brook.

Nessa ocasião usámos o meu trompete iluminado e um dos trompetes de Valiantine, ao qual apliquei uma faixa espessa de tinta luminosa e duas estrelas de cada lado.

Perguntei a Pat O'Brien se a forte luminosidade afetava a capacidade dos espíritos pessoais de levantar os trompetes, e ele respondeu que não achava que sim. Acrescentou: "Vamos levantá-los agora." E imediatamente ergueu o trompete de Valiantine, que foi rapidamente movido pela sala e elevado em direção ao teto.

BOBBY WORRALL: Vou ver se consigo levantar os dois trompetes.

E assim, ambos os trompetes foram movimentados um sobre o outro e rodopiados pela sala.

Enquanto se ouvia um disco de Galli-Curci no gramofone, Bert Everett juntou-se à gravação. A sua voz, vinda de cima, era aguda, e embora não se possa dizer que fosse musicalmente bela, a agudeza das suas notas era de facto fenomenal — tanto que provocou gargalhadas gerais. Fez isto uma ou duas vezes e, durante a sua atuação, surgiu do centro do círculo a gargalhada profunda e sonora do Dr. Barnett.

Georgie, filho de Annie, anunciou-se pelo nome completo. Foi a primeira vez que falou comigo, embora anteriormente já tivesse falado com a minha esposa. Durante a vida terrena, ele e eu éramos grandes amigos, e foi um prazer poder voltar a conversar com ele.

Disse-me que tentara comunicar várias vezes, mas que lhe fora muito difícil materializar a voz. Estava ansioso por falar com Dennis. Ele e Dennis gostavam muito um do outro e passaram muito tempo juntos na infância.

Annie falou comigo, com a minha esposa, com Mr. Valiantine e com Mrs. Graham. Warren falou connosco também, no seu habitual tom alegre.

Manifestou-se então o espírito do marido de Mrs. Graham, Bob. A sua voz era, inicialmente, um pouco indistinta, mas foi ganhando clareza à medida que falava. Conversou durante algum tempo com a sua filha, Miss Winifred Graham, que ouviu tudo o que foi dito. Infelizmente, Mrs. Graham é ligeiramente surda e não conseguiu captar todas as frases, mas, enquanto falava com a esposa e a filha, chamou-as pelos nomes próprios: "Alice" a Mrs. Graham e "Winnie" a Miss Graham. Bert Everett dirigiu-se a Mrs. Graham e, referindo-se a este espírito, comentou: "Agora que está deste lado, ele rapou a barba." [1]

Perto do final, discutimos com o Dr. Barnett o tratamento para a encefalite letárgica. Ele disse que a injeção de antimónio devia ser administrada a cada dois dias, e que uma dracma de Óleo de Chaulmoogra devia ser tomada em cápsula, e não misturada com leite. Voltou a frisar que os braços do paciente deviam ser manipulados desde os ombros até às ancas, enquanto este estivesse relaxado, e destacou também a importância de manter os intestinos bem evacuados.

No encerramento, Bert Everett fez um discurso impressionante sobre as condições de vida nas esferas espirituais. Disse que vivia com o espírito da sua mãe numa linda casinha; que cada uma das várias divisões dessa casa tinha uma cor predominante, e que as paredes estavam decoradas com flores que combinavam com o esquema cromático.

[1] *Mr. Graham usava barba em vida.*

Em resposta a uma pergunta, Bert Everett disse que andavam sobre chão sólido, e que existiam vários belos Templos de aprendizagem. Acrescentou ainda que havia rios, mares e veículos cristalinos com os quais podiam viajar a grande velocidade sobre as ondas do éter.

CAPÍTULO VIII

Mrs. M. I. Ellis tem uma sessão privada com Valiantine — Dois espíritos falam ao mesmo tempo — Relato de Mrs. Ellis sobre conversas com a filha e com Sir Ernest Shackleton.

Segunda-feira à tarde, 23 de Fevereiro de 1925

I

Em resposta a um pedido específico de Mrs. M. I. Ellis para uma sessão privada com Valiantine, este visitou-a no seu apartamento. Estavam apenas os dois presentes. Valiantine nunca a tinha conhecido antes.

O Dr. Barnett, Bert Everett e Kokum manifestaram-se e falaram com Mrs. Ellis, tal como Feda. Dos espíritos pessoais, três dirigiram-se a ela, identificando-se com nome e estabelecendo uma conversa pessoal.

Além desses, um outro espírito afirmou ser um guia espiritual de Mrs. Ellis.

O trompete luminoso foi utilizado pelos espíritos pessoais, e moveu-se no ar. A certa altura, duas vozes espirituais falaram simultaneamente: uma com voz independente e a outra usando o trompete.

II

Segue-se o relato de Mrs. Ellis sobre a sua experiência:
"Sentámo-nos nos meus aposentos às três e quarenta e cinco da tarde. A primeira voz espiritual foi a de um amigo espiritual, conhecido, quando se manifesta publicamente, como 'G.S.'. À medida que avançava o disco com que tínhamos iniciado a sessão, uma mão tocou a minha cabeça com dedos firmes e quentes. O trompete metálico foi usado por este espírito com dificuldade.

Segundo — Sem qualquer intervalo, a minha filhinha Sybil manifestou-se, também com dificuldade. Disse que não podia entregar as violetas, como eu lhe tinha pedido, ao médium, porque ele era um estranho. 'Entrega-as depois, por favor', disse. O médium comentou então que sentia uma corrente de ar frio.

Terceiro — De imediato, uma voz masculina, ainda muito rouca, disse ser Sir Ernest Shackleton, e recordou-me um momento passado, quando trouxe neve para a minha sala de sessões, neve que derreteu nas nossas mãos. Riu-se, recordando o meu espanto na altura.

Quarto — Os guias do Sr. Valiantine, especialmente o Dr. Barnett, falaram de forma muito afável e com mais clareza do que os meus próprios amigos espirituais conseguiram.

Quinto — Feda apareceu e falou muito docemente, recordando as suas outras visitas à minha pequena sala de sessões.

Sexto — Sybil falou de novo, ou melhor, murmurou que havia um estranho presente. Sybil, G.S. e outro espírito (o oitavo) falaram em simultâneo, usando dois trompetes.

Nono — Um espírito que afirmou ser meu guia e que soletrou o seu nome: Alla Pasha. Comentei: 'Certamente um turco ou egípcio.' Respondeu que vinha da Índia, era hindu, e que estava ali para me ajudar a alcançar a voz direta, o que conseguiria em menos de um ano.

G.S., que ainda não tinha deixado a sala, voltou a tocar-me. Quando brinquei com ele sobre a sua voz borbulhante no trompete, disse: 'Ah, este trompete! Consigo tocar-te através dele; é mais fácil pôr a mão dentro do trompete do que a voz!' O mesmo espírito pediu-me então que voltasse a pôr o mesmo disco com que começámos a sessão e, como o Dr. Barnett, o controlo do médium, dissera que se ia retirar, com a permissão do médium acendi a luz vermelha.

G.S. então retirou o meu trompete de papel machê do canto da sala e levou-o até ao gabinete, onde o usou para marcar o compasso da música que tocava. Os amigos espirituais vieram rapidamente, mas só tinham energia para sussurrar, tendo de permanecer muito perto de mim o tempo todo. As manifestações foram muito rápidas, mas o tempo era demasiado curto. Sentámo-nos apenas durante três quartos de hora, e a sensação de

urgência era muito intensa. Não houve ajuda por canto nem música para incentivar as vozes."

CAPÍTULO IX

Realizar duas sessões no mesmo dia enfraquece o poder — A questão do desgaste e da dificuldade na manifestação.

Segunda-feira à noite, 23 de Fevereiro de 1925

I

Na noite do mesmo dia em que Valiantine realizou a sessão privada com Mrs. Ellis, convidei dois convidados a Dorincourt para uma nova sessão. Foi lamentável que tivessem sido marcadas duas sessões no mesmo dia para Valiantine, mas, dadas certas circunstâncias, tal foi inevitável. Considero extremamente desaconselhável que um médium de voz realize duas sessões num único dia, pois acredito que isso representa um esforço excessivo. Contudo, era impossível desmarcar os meus convidados.

Esta segunda sessão em Dorincourt teve lugar por volta das 20h45.

Para além do Sr. Valiantine e da minha esposa, estavam presentes Priscilla, Condessa de Annesley, o Major Colley e eu.

Lady Annesley, que conheço há muitos anos, dizia-se há muito interessada em estudos psíquicos, mas esta foi a primeira vez que participou numa sessão.

O trompete iluminado de Valiantine e também o meu foram colocados no centro do círculo.

As condições não me pareceram muito boas, e a energia manifestada era, sem dúvida, fraca. Passou-se meia hora até ocorrer qualquer tipo de manifestação.

Então, a voz profunda do Dr. Barnett manifestou-se do centro da sala, pronunciando uma breve frase de saudação. Bert Everett falou do alto da sala, e Kokum dirigiu-se a nós com um tom muito elevado. Pat O'Brien falou primeiro comigo, depois com a minha esposa e com Lady Annesley.

Perguntei a Pat O'Brien se sentia que o poder estava fraco e se acreditava que algum espírito pessoal conseguiria levantar o trompete. Imediatamente, ambos os trompetes iluminados foram erguidos e rodopiaram no ar.

Após algum tempo, o trompete de Valiantine foi levado até junto de Lady Annesley. Tocou-lhe no joelho e na cabeça, e, com grande esforço, uma voz conseguiu manifestar-se. Era terrivelmente indistinta, quase indecifrável. No entanto, a voz conseguiu pronunciar a palavra "Ethel".

Durante bastante tempo esta voz insistiu, mas, embora tenhamos captado algumas frases, não foi possível obter qualquer identificação ou informação precisa deste espírito. Lady Annesley, no entanto, disse conhecer bem uma "Ethel" que tinha falecido.

O meu trompete iluminado foi levantado e uma voz dirigiu-se ao Major Colley. Também esta voz era extremamente indistinta e apenas conseguimos perceber que se tratava de "Arthur" (o segundo nome não pôde ser decifrado). A voz persistiu e esforçou-se muito durante seis ou sete minutos, mas não conseguimos entender o que dizia.

II

A noite foi muito pobre em termos espirituais, a mais fraca desde a chegada de Valiantine ao país. Estou inclinado a pensar que a sessão da tarde consumiu uma quantidade considerável de energia, tornando as manifestações extremamente difíceis.

CAPÍTULO X

Uma espera de três quartos de hora — Uma voz dirige-se à Condessa Oeitiongham — Conversa em dialeto chinês — "Informação que pode ter um valor incalculável" — Lord Northcliffe sugere um título para o livro do Sr. Swaffer.

I

Quarta-feira, 25 de Fevereiro de 1925.

Esta sessão teve lugar em Dorincourt, às 20h30. Presentes: Valiantine, Mrs. Bradley, Mr. Hannen Swaffer, Mrs. Kennedy, Mrs. Reynolds (irmã de Mr. John Galsworthy), a Condessa Tyong Oeitiongham, o Dr. V. J. Woolley e eu.

Entre os participantes, Mrs. Reynolds e a Condessa Oeitiongham nunca tinham assistido a uma sessão de voz.

Os dois trompetes luminosos (o de Valiantine e o meu) foram colocados ao centro da sala.

As condições pareciam difíceis, pois passaram-se cerca de três quartos de hora até que se registasse qualquer movimento ou se ouvisse uma voz, embora, nesse intervalo, todos os presentes tenham indicado ter sido tocados.

A primeira manifestação surgiu quando a voz do Dr. Barnett falou a partir do centro do círculo, dizendo: "Tenham paciência, amigos."

Pouco depois, Bert Everett manifestou-se do alto da sala. A sua voz pareceu-me muito mais fraca do que o habitual.

Enquanto se ouvia um disco no gramofone, a voz potente de Kokum falou. Pouco depois, ouviu-se o sotaque irlandês de Pat O'Brien, que me dirigiu algumas frases.

Durante esse período, o meu trompete iluminado foi levantado duas vezes no ar.

Depois de termos estado sentados durante, pelo menos, uma hora, um dos trompetes foi levado até junto do rosto da Condessa Oeitiongham, e uma voz dirigiu-se a ela numa língua estrangeira.

A Condessa respondeu em chinês, mas a voz era tão indistinta que ela não conseguiu perceber o que foi dito.

A energia parecia fraca, e o trompete foi deixado cair.

Após um intervalo, durante o qual o gramofone continuava a tocar, o trompete foi novamente erguido até à Condessa, e a voz voltou a dirigir-se a ela nos mesmos tons. A Condessa respondeu novamente em chinês. Enquanto a voz tentava falar, encorajámo-la a perseverar, dizendo que compreendíamos quão difícil era materializar os órgãos vocais.

A voz tentou manifestar-se por quatro vezes, até que se tornou suficientemente forte e distinta para que a Condessa conseguisse compreender o que era dito.

Seguiu-se então uma breve conversa entre ambos em chinês.

Logo após a partida do espírito, perguntei à Condessa: "Recebeu alguma informação valiosa?" Ela respondeu: "O que ele disse pode ter um valor incalculável." Outro participante perguntou: "Poderia dizer-nos o que foi dito?" A Condessa respondeu: "Prefiro não o fazer."

Naturalmente, não havia qualquer curiosidade impertinente da nossa parte quanto à natureza da comunicação, que poderia muito bem ter sido de carácter pessoal. O fenómeno era suficientemente notável pelo simples facto de um espírito desconhecido ter falado em chinês e de ter sido compreendido pela Condessa.

DR. BARNETT (aos participantes): Era o pai da senhora quem falava, e ele enviou uma mensagem, através dela, para a sua mãe.

Foi posteriormente confirmado pela Condessa que o seu pai tinha falecido e que a sua mãe estava viva.

Ninguém no círculo sabia falar chinês e, ao discutir o acontecimento mais tarde, a Condessa explicou que existiam pelo menos vinte dialetos diferentes em chinês, qualquer dos quais poderia ter sido utilizado. Acrescentou que a voz lhe falou com dois dialetos misturados, de um modo que nenhum europeu — mesmo que falasse chinês — seria capaz de reproduzir. Um dos dialetos era aquele em que o pai falava com ela durante a infância, e o outro era o que ambos usavam depois de ela ter crescido. Este é, evidentemente, um ponto de enorme valor comprovativo.

Feda dirigiu-se a Mrs. Reynolds. A sua voz era algo ténue, mas falou de forma independente, sem utilizar o trompete.

Feda disse a Mrs. Reynolds que havia um espírito presente que desejava comunicar com ela, mas que não conseguia reunir energia suficiente. "É muito difícil para eles esta noite."

Enquanto esteve presente, Feda também falou com Mr. Swaffer e com mais um ou dois participantes.

Perto do fim, uma voz manifestou-se de forma independente — sem utilizar o trompete — dizendo: "Swaff, Swaff, sou o Chief!" [1]

Esta voz, embora não poderosa, era muito distinta, e tudo o que foi dito foi ouvido por todos os presentes na sala. Northcliffe e Mr. Swaffer discutiram o livro que este último

acabara de completar, e Mr. Swaffer perguntou, entre outras coisas: "Tens um título para mim, Chief?"

LORD NORTHCLIFFE: Chama-lhe *O Regresso de Northcliffe.* [2]

Assim que o espírito partiu, Mr. Swaffer afirmou com grande convicção: "Essa era a própria voz de Lord Northcliffe! Reconheço-a."

Após a sessão, Mr. Swaffer disse que a voz de Lord Northcliffe estava melhor do que alguma vez a ouvira.

[1] *"Chief" (chefe) era como Lord Northcliffe era tratado pelos seus colaboradores.*
*[2] *Northcliffe's Return*, título sugerido por Lord Northcliffe para o livro de Mr. Swaffer.

O Dr. Barnett encerrou a sessão.

As condições não me pareceram de todo favoráveis. Desta sessão, deve registar-se que foi algo muito notável conseguir levar a cabo uma conversa com uma voz em chinês. Deve também ser registado que a voz de Lord Northcliffe era clara e distinta. Não tenho a certeza se Valiantine estaria um pouco nervoso devido à presença do Dr. Woolley, mas deve notar-se que a força ao longo da sessão esteve longe de ser intensa, e que a maioria das comunicações foram curtas e pouco fluentes.

1 Lord Northcliffe.
2 O Sr. Swaffer utilizou este título para o seu livro "Northcliffe's Return", publicado a 3 de Julho de 1925.

CAPÍTULO XI

O desafio de cem guinéus de H.D.B. ao Capitão Maskelyne – As condições – A desistência – Porque o Capitão Maskelyne recuou – Uma confissão de ignorância reveladora diverte o sentido irónico do autor – "Ilusionistas e prestidigitadores são entediantes."

26 de Fevereiro de 1925.

Nesta altura, havia bastante atenção mediática relativamente à visita de Valiantine a este país, e jornalistas, entrevistadores, fotógrafos, etc., solicitavam insistentemente vê-lo diariamente.

Alguns dias antes, o Capitão Clive Maskelyne, ao saber que Margery (uma médium amadora bem conhecida e esposa do Dr. L. R. G. Grandon, de Boston, EUA) poderia visitar este país, lançou um desafio afirmando que conseguiria reproduzir qualquer um dos fenómenos psíquicos que se dizia que ela tinha produzido na América.

Enquanto o *Daily Sketch* me entrevistava a mim e a Valiantine, mencionei que lançaria um desafio de cem guinéus ao Capitão Maskelyne para provar que ele não conseguiria reproduzir fenómenos semelhantes aos que obtínhamos através de Valiantine. Houve

grande alarido nos jornais em torno disto, e o Capitão Maskelyne aceitou o desafio, declarando: "Estou convencido de que posso fazer tudo o que Valiantine consegue."

Esta foi uma afirmação particularmente insensata e precipitada por parte do Capitão Maskelyne. Eu estipulei que ele teria de aceitar e trabalhar sob as mesmas condições que Valiantine; isto é, teria de se sentar numa sala, seis convidados entrariam, sem que fossem apresentados ao Capitão Maskelyne. As luzes teriam então de ser apagadas imediatamente, e o Capitão Maskelyne teria de produzir vozes que falassem com os diferentes participantes, e essas vozes teriam de estabelecer as identidades dos interlocutores.

O Capitão Maskelyne aceitou o desafio sem o mínimo conhecimento deste vasto tema.

Quando lhe foi explicado o que estava a acontecer e o que teria de fazer, ele desistiu e admitiu que não conseguiria. Afirmou que podia produzir qualquer fenómeno físico, mas foi-lhe dito que, neste estágio avançado do estudo psíquico, já não atribuíamos valor aos fenómenos físicos.

O Capitão Maskelyne veio falar comigo e disse-me que não tentaria tal feito. Assim, retirou a sua aceitação do meu desafio. Na conversa que tivemos, que foi bastante cordial, o Capitão Maskelyne disse-me que nunca tinha assistido a uma sessão espírita na vida, que nada sabia sobre fenómenos mentais e que não tinha qualquer conhecimento da literatura psíquica moderna. Uma confissão de ignorância reveladora que despertou o meu sentido irónico.

Foi algo dececionante, no entanto, que o meu desafio, aceite com tanto entusiasmo, fosse tão rapidamente abandonado. Esperava ansiosamente uma apresentação. Prometia um descanso da constante atenção das estrelas e a nova diversão de um pseudo-substituto. Quando se compreende a comédia divina do Universo, é um entretenimento divertido observar as manobras ridículas da farsa material.

O Capitão Maskelyne pode ser um ilusionista competente – embora a maioria deles seja inexprimivelmente entediante, e todos esses tipos de entretenimento me deixem aborrecido e indiferente – mas caiu no mesmo erro em que tantos outros ilusionistas já caíram antes, ao imaginar que truques físicos têm alguma relação com o facto autêntico e estabelecido da comunicação direta com espíritos. Nenhum ser humano na Terra consegue, por meios artificiais, reproduzir as vozes dos espíritos de outra esfera, que fornecem provas vocais e mentais das suas identidades individuais. Nós, estudantes avançados, não nos interessamos por ilusões materiais primitivas e cómicas, estamos apenas focados nas grandes realidades mentais e espirituais.

É sintomático que, na infância deste grande estudo das forças psíquicas – que abrange problemas científicos e filosóficos da mais alta importância para a nossa civilização – os líderes sejam seguidos por bufões, que se viram em caretas para a multidão e, com as suas contorções cómicas, procuram inspirar um riso irreverente.

CAPÍTULO XII

Pat O'Brien fala com Sir Oliver Lodge – "Pat" Raymond Lodge fala com o pai – O Almirante Henderson e uma estranha referência a Joseph Honner – Sir Oliver discute o éter com um espírito – A prescrição de Dr. Barnett para a encefalite letárgica é testada – Nota de rodapé: a vítima de encefalite letárgica é curada – O autor desabafa sobre a S.P.R. – Comentários sobre "Raymond" – H.D.B. expõe a sua filosofia espiritual.

Sexta-feira, 27 de Fevereiro de 1925.

Esta sessão teve lugar no meu escritório em Dorincourt por volta das oito e quarenta e cinco da noite. De acordo com o procedimento habitual, nenhum dos participantes foi apresentado ao médium, Valiantine.

O Sr. Valiantine sentou-se no meu escritório, e os presentes entraram diretamente assim que as luzes foram apagadas, o que ocorreu dentro de poucos segundos.

Estavam presentes Sir Oliver Lodge, o Almirante Wilfred Henderson, o Sr. Lionel Corbett, a Sra. Bovill, a minha esposa e eu próprio.

É possível presumir que Valiantine conhecesse Sir Oliver Lodge, dado que o seu retrato apareceu em tantos jornais, mas não foi apresentado, nem conhecia os nomes dos restantes participantes.

Embora o meu escritório esteja bem aquecido por aquecimento central, durante uma sessão o ambiente frequentemente muda e a sala torna-se bastante fria.

Aconselhei, por isso, os participantes a levarem agasalhos, e Sir Oliver Lodge levou e vestiu um casaco de pele. As duas trombetas luminosas foram colocadas no centro da sala.

As condições pareciam ser muito boas.

Durante a audição dos primeiros quatro discos no gramofone, muitos dos presentes foram tocados no joelho, mãos ou cabeça, por aquilo que se presume serem mãos materializadas.

A primeira voz a ser ouvida foi a do Dr. Barnett, falando em tons profundos e claros, perto do chão, no centro do círculo. Saudou-nos.

Um pouco mais tarde, ouviram-se os tons altos de Kokum a falar, enquanto um disco era tocado no gramofone. Durante a noite, vindo de uma zona elevada da sala, surgiu a voz estridente de Bert Everett, que também falou connosco em duas ou três ocasiões posteriores. A pedido, Hawk Chief soltou um grito penetrante. Pat O'Brien, com o seu rico sotaque irlandês, manteve uma conversa com Sir Oliver Lodge.

Bobby Worrall falou connosco e com dois ou três dos participantes, e referiu ter observado Pat a brincar com um comboio de brincar durante o dia, na sala de brinquedos. *1*

Feda manifestou-se e falou com vários dos presentes, incluindo Sir Oliver Lodge, e deu a sua peculiar risadinha.

Todos estes espíritos falaram de forma independente, sem utilizar a trombeta, e as suas vozes pareciam surgir de diferentes pontos da sala.

Quanto aos espíritos pessoais, bastante cedo na noite, ouvimos uma voz independente junto a Sir Oliver Lodge a chamar: "Pai!" Quase de imediato, a trombeta luminosa foi levantada e levada muito perto de Sir Oliver, que foi tocado na cabeça e no corpo.

A voz disse então: "Sou o Pat, pai!" E depois acrescentou, como se se anunciasse a todos nós: "Pat Raymond Lodge." Sir Oliver Lodge disse-nos que Raymond era frequentemente tratado pela família por "Pat." Seguiu-se uma conversa entre Sir Oliver e Raymond sobre assuntos familiares, que durou algum tempo. O espírito forneceu nomes espontaneamente. Três vezes ao longo da noite, Raymond comunicou com Sir Oliver Lodge.

Uma voz independente dirigiu-se a mim, dizendo os meus nomes próprios e apelido por completo. Era George, o filho jovem da minha irmã.

Conversou comigo e com a minha esposa, e disse que faria um esforço para falar com o meu filho Dennis, em Cambridge, na noite seguinte.
1 Isto confirmou-se mais tarde como sendo verdade.

Pouco depois, a trombeta luminosa foi levantada e levada na direção do Almirante Henderson. Pairou junto a ele, e uma voz, que inicialmente era muito indistinta, falou com ele. Tudo o que conseguimos perceber foi "Honner." O Almirante Henderson, que é ligeiramente surdo e tem de usar um aparelho auditivo, não pareceu reconhecer o nome. A voz prosseguiu então dizendo: "Conheci-te há quarenta anos." O nome "Honner" foi repetido e, pouco depois, alguns dos presentes ouviram distintamente a voz dizer "Joseph Honner." O Almirante Henderson então afirmou que reconhecia esse nome e acrescentou que tinha servido com um tal Joe Honner há cerca de quarenta anos, dizendo também, creio eu, que não tinha notícias dele há mais de trinta anos. A voz era fraca e apenas foram trocadas uma ou duas frases, mas o Almirante Henderson pareceu algo surpreendido com o nome pronunciado pela voz.

Este episódio é interessante porque eu estava sentado ao lado do Almirante e, por mais fraca que fosse a voz, ouvi distintamente as palavras "Joseph Honner." O mesmo aconteceu com o Sr. Lionel Corbett e com o próprio Almirante Henderson, que confirmaram comigo o sucedido. Sir Oliver Lodge, no entanto, disse, após a sessão, que achava que o nome completo "Joseph Honner" tinha sido sugerido pelo Almirante. Este ponto é importante porque a voz disse com certeza algo sobre "há quarenta anos" e disse claramente "Joseph Honner," e o Almirante teve de fazer um esforço mental para reconhecer o nome. A voz disse "Joseph," e o Almirante referiu-se a ele como "Joe," a abreviação pela qual provavelmente recordaria um jovem companheiro de navio.

Embora o nome completo e algo invulgar dado pela voz pudesse ter sido usado apenas como referência identificativa, presumiu-se que se tratava do espírito de Joseph Honner a tentar comunicar. No entanto, três meses depois, soubemos que o Joseph Honner referido estava vivo.

O registo exato deste episódio foi confirmado pelo Almirante Henderson, que acrescentou: "Fiz uma ou duas perguntas à voz sobre a Estação do Mediterrâneo da altura e, curiosamente, obtive respostas bastante razoáveis e inteligentes. O episódio é de grande

interesse. Os factos são demasiado genuínos para serem ignorados. Tenho a certeza de que o nome Joseph Honner não me vinha à mente há pelo menos trinta e tal anos."

Após este episódio, uma voz surgiu, identificando-se como George Hunt, pai da minha esposa (foram dados os nomes próprios e apelido completos), e conversou comigo e com a minha mulher. Disse que estava ansioso por ter a oportunidade de falar com a sua esposa.

Dois espíritos individuais comunicaram com a Sra. Bovill e também com o Sr. Lionel Corbett. Estes espíritos deram os seus nomes próprios e apelidos completos, e seguiu-se uma breve conversa pessoal entre eles.

De repente, a meio da sessão, uma das trombetas luminosas foi levantada e rodopiada à volta do círculo a uma velocidade estonteante. Foi então levada até ao teto – bem alto – e o teto foi percutido.

Perto do final da sessão, o Dr. Barnett voltou a falar connosco, e seguiu-se então uma longa discussão entre ele e Sir Oliver Lodge sobre o éter. Sir Oliver Lodge colocou perguntas ao Dr. Barnett sobre a constituição do corpo humano. A forma como o Dr. Barnett respondeu a cada uma das perguntas de Sir Oliver foi fluente e inteligente.

O discurso prolongou-se por mais de um quarto de hora. Discutiram os métodos através dos quais a comunicação espiritual pela própria voz poderia ser obtida. Sir Oliver perguntou se, do lado deles, isso implicava a quarta dimensão, ao que Dr. Barnett, soltando – como fez várias vezes durante a noite – a sua característica e estentórea gargalhada, respondeu que havia várias dimensões para além da nossa.

O Dr. Barnett falou das diversas formas de vida – dos humanos, animais, árvores, plantas e afins – e afirmou que a vida sobrevive sob todas as formas e que é impossível destruir a vida.

Em resposta a uma pergunta do Sr. Lionel Corbett sobre convulsões psíquicas, o Dr. Barnett voltou a emitir um aviso muito grave sobre os preparativos secretos do Japão e da Alemanha para a guerra aérea. Em várias ocasiões, o Dr. Barnett já havia referido este assunto, e, embora qualquer previsão seja incerta, ele insiste que a próxima guerra ocorrerá relativamente em breve e será a mais terrível que a civilização humana já teve de suportar.

O Dr. Barnett acrescentou que estava muito aborrecido por o médico ter demorado tanto tempo a administrar o tratamento que ele havia prescrito para a encefalite letárgica. Em relação a este ponto, telefonei ao pai da paciente na manhã deste dia, e ele disse que apenas na noite anterior o médico tinha finalmente administrado o tratamento que tinha sido transmitido por Dr. Barnett doze dias antes. *1*

Referi as sessões que havíamos planeado realizar em Tavistock Square para a Society for Psychical Research, e disse que esperava que obtivéssemos bons resultados, embora não estivesse certo de que as condições fossem totalmente satisfatórias.

O Dr. Barnett riu-se e disse: "Faremos o nosso melhor, mas devem perguntar a vós próprios se os vossos intelectos não serão superiores aos deles." Isto, evidentemente, é bem verdade. Na verdade, eu próprio aprendi tanto nos últimos dois anos de estudo, com a minha própria mediunidade, e com o enorme número de sessões que tive não apenas com Valiantine, mas também com outros médiuns – que a minha experiência nesses dois anos ultrapassa a de toda a Society for Psychical Research ao longo dos seus mais de quarenta anos de existência. E deve também ser tido em conta que estava presente nesta sessão Sir Oliver Lodge, ex-presidente da Sociedade e o maior cientista da Grã-Bretanha.

No final da sessão, o Dr. Barnett, dirigindo-se à minha esposa, disse: "Quero falar consigo sobre o seu animal de estimação. (Referia-se ao meu cão-lobo alsaciano!) Deve dar-lhe um vermífugo. O cão tem lombrigas; é por isso que se coça. Deve dar-lhe uma colher de sopa após as refeições."

Todos os presentes ficaram impressionados com os fenómenos que ocorreram.

Tive depois uma conversa com Sir Oliver Lodge, que expressa a sua convicção sobre a comunicação espiritual de forma muito mais livre e convincente na conversa do que o faz nos seus escritos públicos. Referiu-se às comunicações que tem recebido nos últimos anos do espírito de F. W. H. Myers. Desde a publicação do seu excelente livro *Raymond*, creio que não publicou mais nenhuma obra sobre investigação psíquica; o seu génio tem sido dedicado à resolução de problemas científicos materiais.

Na compilação de *Raymond*, Sir Oliver baseou a sua prova da sobrevivência sobretudo nas comunicações recebidas através de médiuns clarividentes – isto é, comunicações proferidas pelas bocas e lábios desses médiuns. Para se compreender o grande avanço feito recentemente, convém notar que não existe qualquer registo em *Raymond* de provas obtidas através da voz direta e independente a falar a partir do espaço, que é a forma mais rara e dramática de fenómeno até hoje descoberta.

Na altura em que *Raymond* foi publicado, Sir Oliver aparentemente não tinha qualquer experiência pessoal deste tipo de fenómeno e, embora desde essa data tenha ouvido as "vozes independentes," percebi, pelas suas palavras, que o seu conhecimento dos fenómenos de "voz" é extremamente limitado. Isto não é de admirar, pois os "médiuns de voz" são tão raros que apenas uma mão-cheia é conhecida no mundo. Na verdade, há apenas um ano, Sir Oliver disse-me que não acreditava que os principais investigadores da Society for Psychical Research tivessem alguma vez ouvido a voz independente.

É necessário sublinhar estes factos porque, uma semana depois da sessão em Dorincourt, na qual Sir Oliver esteve presente, escreveu-me uma carta levantando uma ou duas questões que exigiam uma análise imediata e aprofundada. Disse que "o que mais o impressionou foi a trombeta luminosa a mover-se em círculo a grande velocidade e em altura." Agora, embora concorde que isto possa parecer espantoso para quem assiste a fenómenos físicos pela primeira vez, estou tão habituado a manifestações deste género que deixei de lhes atribuir grande significado.

O ponto mais importante levantado por Sir Oliver foi a sua sugestão quanto ao controlo do médium. Aqui, fui forçado a discordar. Na sua carta, referindo-se às comunicações por "voz," escreveu:

"Para que tenham verdadeiro valor como prova, seria essencial algum controlo do médium. Não tenho razão para duvidar da genuinidade dele (Valiantine), mas um relatório científico deve dar ênfase ao encerramento de todas as brechas por onde se possam produzir fenómenos de forma normal."

Ora, na noite em que Sir Oliver esteve em Dorincourt, pela sua conversa durante a sessão e depois, ele parecia claramente convencido de que vozes supranormais estavam a falar a partir do espaço. Contudo, uma afirmação pessoal é diferente de uma confirmação científica e, quando se entra em contacto com uma descoberta de importância infinitamente maior do que a da telegrafia sem fios, é justo que, numa primeira experiência, se revejam cuidadosamente todos os aspetos.

Tornou-se, por isso, imperativo para mim demonstrar a Sir Oliver que o controlo físico de um médium – embora essencial para o estabelecimento científico de fenómenos físicos – não tem qualquer relevância na validação científica dos fenómenos psíquicos ou mentais, como os das "vozes espirituais" que voluntariamente apresentam provas das suas identidades sobreviventes. Fi-lo na seguinte resposta:

"No que diz respeito ao fenómeno da mediunidade de voz, sinto que compreendo mais deste assunto do que qualquer cientista do mundo, pois nos últimos nove meses tanto eu como a minha esposa desenvolvemos mediunidade de voz e, para além dos poucos relatos que terá lido, evidências espantosas de personalidades sobreviventes foram estabelecidas na presença de testemunhas de renome.

"Não acredito em controlar um médium. Se alguém sugerisse que eu fosse controlado, sentir-me-ia insultado, e recusei fazê-lo com Valiantine, embora ele tenha trazido da América uma rede com cadeado, que me pediu para utilizar. Acho esses métodos estúpidos quando se está a recolher provas mentais.

"Como pode alguém explicar o facto de serem faladas, em voz independente de espírito, línguas como o chinês, russo, alemão, italiano e praticamente todas as outras? Haverá algum tipo de controlo que justifique isto?

"Perdoe-me, Sir Oliver, se analiso a sua carta.

"Aparentemente, temos conceções completamente distintas sobre o valor dos vários fenómenos. Diz que o que mais o impressionou foi a trombeta luminosa a voar pela sala em grande velocidade e em altura. Ora, devo dizer que esse foi o incidente que menos me impressionou. Tive, na minha própria casa, sob a minha mediunidade pessoal e também com Valiantine, fenómenos físicos que vão muito além de tudo o que alguma vez li. Já ouvi uma banda inteira a tocar, e já ouvi solos brilhantes, sem qualquer instrumento material, tocados pelos espíritos, mas considero os fenómenos físicos de valor relativamente reduzido. Nunca me convenceriam da sobrevivência.

"Na sua carta afirma, quanto às comunicações por voz, que 'para que sejam realmente evidenciais, seria essencial algum controlo do médium', e que, num relatório científico, se deve dar ênfase à eliminação de qualquer possibilidade de produção normal dos fenómenos.

"Uma vez que, tanto quanto sei, tem assegurada uma sessão semanal com Mrs. Osborne Leonard há vários anos (cujos registos nunca são tornados públicos), controla-a? E desconsidera quaisquer provas que venham através da sua voz? Se não o faz, como pode desconsiderar quaisquer provas que venham através de uma voz independente no espaço?

"Com grande sacrifício de tempo, praticamente não interrompi os meus estudos psíquicos por um só dia nos últimos dois anos. Durante esse período, participei em centenas de sessões, e fiz grandes progressos no conhecimento. Afirmo, sem hesitação, que a ideia de controlar um médium de voz representa uma conceção primitiva deste tipo de fenómeno, e pode até destruir o instrumento, afetar as vibrações sensíveis e aniquilar o progresso.

"Estudei a vida de todos os médiuns com quem tive contacto, e observei como os poderes de muitos foram destruídos, e como os de um número ínfimo se desenvolveram.

"Por favor, não interprete estas palavras como sendo de tom hostil. Tenho o maior respeito por si como grande cientista, mas, no que respeita ao estudo das mentalidades sensíveis e ao valor de qualquer ponto psicológico comprovativo que possa ser voluntariamente apresentado, não reconheço qualquer autoridade neste plano superior à minha própria.

"A Society for Psychical Research falha por causa da sua atitude e da sua falta de experiência e conhecimento. Pensam apenas em termos de suspeita e dúvida, e não conseguem conceber nada mais original do que amarrar ou enjaular um médium.

Quando for publicado o volume que reúne a longa série de experiências em que estou empenhado, verificar-se-á que foi reunida uma vasta quantidade de provas voluntárias obtidas diretamente das vozes espirituais. Essas provas são irrefutáveis e foram dadas a pessoas de grande intelecto, cujas palavras o mundo respeita e que, um a um, começam a manifestar-se publicamente e a declarar a sua nova convicção."
1 Foram administradas quatro doses no total e, tenha sido por isso ou não, o paciente está agora completamente recuperado.

Desde a data em que escrevi essa carta a Sir Oliver Lodge, registou-se um novo e tremendo avanço na investigação psíquica. Em Dorincourt, os espíritos conversaram com vozes audíveis em plena luz do dia, na presença de várias testemunhas.

Foi essencial para mim salientar a Sir Oliver, quando ele levantou a questão do controlo, a analogia entre as comunicações e provas que recebeu através de Mrs. Leonard e de outros médiuns clarividentes — nas quais baseou a sua convicção sobre a sobrevivência — e as comunicações e provas que estão agora a ser recebidas sob a forma ainda mais surpreendente das vozes diretas e independentes dos espíritos.

Se, como cientista, ele sentisse que a sobrevivência não podia ser cientificamente validada com base nas vozes independentes sem que o médium fosse controlado, seria

paradoxal afirmar cientificamente essa mesma sobrevivência com base em comunicações provenientes da boca de um médium clarividente, no qual nunca foi sequer sugerida tal forma de controlo e que, evidentemente, seria considerado um absurdo.

Se o controlo fosse o critério decisivo, então *Raymond* seria inútil, e todos os estudos psíquicos de Sir Oliver teriam sido uma perda de tempo.

Mas *Raymond* não é inútil; é o trabalho cuidadosamente compilado de um dos nossos maiores pensadores, que compreenderá plenamente a oportunidade que me concedeu de expor estes argumentos.

Controlar um médium de voz não é apenas tolice, é prejudicial. O que conta é o que os espíritos dizem. Ou provam a sua identidade com provas, ou não. Se o fazem, ficamos convencidos da sobrevivência; se não o fazem, permanecemos na dúvida. O facto de o médium estar ou não controlado não tem a menor importância.

O médium é apenas o instrumento passivo e, nesta forma rara de mediunidade, é hiper-sensível. Controlar ou perturbar de qualquer forma é algo que pode interferir com as vibrações. Não estou a teorizar, falo com autoridade, pois como médium de voz eu próprio, sei mais sobre este assunto do que qualquer cientista vivo.

Controlo? O Espírito de Deus, na Sua sabedoria, dá-nos a todos o livre arbítrio para progredirmos ou estagnarmos. O controlo é uma anátema para o artista. Pode-se controlar a manifestação física do amor, mas será possível controlar o seu exercício mental? Isso seria devastador.

A rádio não é uma invenção, e a comunicação com os espíritos também não o é. Ambas são descobertas novas e extraordinárias. Há poucos anos atrás, teríamos ridicularizado a ideia de ouvir vozes a falar do outro lado do Atlântico; agora, não achamos ridículo que vozes de outro mundo nos falem. Vivemos numa era de milagres. Milagres infinitamente superiores aos que foram registados há dois mil anos. A nossa fé já não se baseia em lendas frágeis, mas em factos sólidos como o granito.

Estamos à beira de novas e importantes descobertas.

CAPÍTULO XIII

Uma sessão numa sala inadequada em 27 Trinity Street, Cambridge – "Impossível continuar", diz o Dr. Barnett – Discurso de H.D.B. aos Heretics.

Sábado, 28 de Fevereiro de 1925

Tendo sido convidado para fazer uma conferência na Sociedade em Cambridge no domingo, dia 1 de março, fui de automóvel durante o fim de semana e realizei uma sessão nos aposentos do meu filho, no número 27 de Trinity Street, nessa noite.

Estiveram presentes: Valiantine, o Dr. Broad, o Sr. I. A. Richards, o Sr. Jack Baines, o Sr. W. W. Laurence, a Srta. Margaret Gardiner, a Sra. Bradley, Anthony Bradley e eu próprio.

A sala onde a sessão teve lugar era bastante grande e inadequada para uma sessão espírita. Os cortinados não eram pesados e a luz exterior entrava em certos pontos. Entre os presentes, quatro nunca tinham tido qualquer experiência anterior.

As condições pareceram difíceis e a sessão foi comparativamente pobre. Apenas três vozes foram ouvidas. O Dr. Barnett falou a partir do centro da sala, pronunciando uma curta frase. Bert Everett falou, assim como Kokum.

Uma voz independente foi ouvida muito próxima da Srta. Gardiner, chamando: "Margaret, Margaret!", mas não conseguimos obter mais nada além disso.

A certo momento, a trombeta luminosa foi levantada e flutuou pela sala, tocando os vários presentes; em seguida, colapsou no chão.

A voz do Dr. Barnett surgiu e declarou ser impossível continuar. A sessão, que durou menos de uma hora, foi então encerrada.

II

Na noite seguinte, dirigi-me à Heretics Society para falar sobre "O Avanço Recente na Investigação Psíquica." O Liberal Club, onde a conferência foi realizada, estava completamente cheio.

O presidente dos Heretics, o Sr. P. Sargent Florence, presidiu à sessão.

O Sr. Hannen Swaffer também se dirigiu aos membros da Sociedade.

Foi uma audiência particularmente atenta e inteligente, e as perguntas que se seguiram foram muitas e variadas, a maioria de natureza bastante estudiosa.

Após o encontro, dirigimo-nos para alguns aposentos na universidade, e para meu divertimento, vários estudantes que tinham assistido à conferência acorreram, perguntando-me se seria possível realizar uma sessão ali mesmo.

CAPÍTULO XIV

"As mulheres", afirma o autor, "são melhores participantes do que os homens" – Um pai encontra-se com a filha no espírito – Miss Ida Cohen fala com a sua tia falecida – Dezassete vozes manifestam-se.

Segunda-feira, 2 de Março de 1925

A sessão teve lugar no meu escritório em Dorincourt.

Presentes: George Valiantine, a Sra. Bradley, a Srta. Ida Cohen, o Sr. L. D. Gainsmore, a Sra. Hunt, a Sra. W. Y. Johnstone, a Sra. H. I. Whittet e Mlle. Bechard. Nenhum dos novos participantes foi apresentado a Valiantine, nem este conhecia os seus nomes.

Eu não estive presente na sessão, pois nesse serão encontrava-me a proferir uma palestra no Lyceum Club.

Dos participantes, com exceção da minha esposa, da Sra. Hunt e da Sra. Whittet, nenhum dos presentes tinha anteriormente participado numa sessão espírita.

As condições pareciam razoavelmente boas, e um longo período de observação leva-me a afirmar que a maioria das mulheres é infinitamente melhor participante do que os homens. O relato seguinte foi escrito a partir das anotações feitas pela Sra. Bradley.

Dos guias espirituais, cinco manifestaram-se e falaram durante a noite: o Dr. Barnett e Bert Everett em várias ocasiões, bem como Kokum, Hawk Chief e Pat O'Brien. Feda falou com dois ou três dos presentes.

No que diz respeito às manifestações físicas, durante a noite uma das trombetas luminosas foi levantada e girou em torno do círculo a uma velocidade vertiginosa, sendo depois levada para fora do círculo, bem alto no ar.

Uma trombeta foi levada na direção da Sra. Johnstone, e uma voz chamou: "Kitty, é o pai!" Pai e filha conversaram durante algum tempo sobre assuntos pessoais.

Um pouco mais tarde, após outras vozes se dirigirem a vários participantes, surgiu outra voz que também falou com a Sra. Johnstone, identificando-se como "Elsie" e tratando a Sra. Johnstone pelo seu nome próprio. Seguiu-se uma conversa entre a Sra. Johnstone e este espírito. A Sra. Johnstone perguntou: "Foste feliz na Índia?", ao que a voz respondeu: "Não", de forma decidida.

A identidade de ambas as vozes que lhe falaram foi reconhecida pela Sra. Johnstone.

Através da trombeta, uma voz dirigiu-se ao Sr. Leo D. Gainsmore, dando o nome "Lou". Uma voz também se dirigiu à Srta. Cohen, chamando-lhe "Ida", e seguiu-se uma conversa.

Outra voz dirigiu-se à Srta. Ida Cohen, identificando-se como "Louisa." Esta voz continuou a conversar com a Srta. Cohen e com o Sr. Gainsmore sobre assuntos pessoais. A Srta. Cohen informou mais tarde os participantes de que tinha falado com a sua tia Louisa.

Através da trombeta, uma voz dirigiu-se à Sra. Hunt, identificando-se com o nome completo "George Hunt." Outra voz, falando também com a Sra. Hunt, identificou-se como "Carrie." *1* A voz continuou a falar com a minha esposa e com Mlle. Béchard.

Warren falou com a minha esposa, com a Sra. Hunt e com Mlle. Béchard, sobre as suas filhas, Phyllis e Betty.

Quando a voz de Carrie estava a falar, Mlle. Béchard perguntou: "Sabes o que a Phyllis fez esta manhã?"
CARRIE: Ela caiu!

1 Irmã da Sra. Hunt.

Mlle. Béchard declarou mais tarde que, de manhã, Phyllis tinha desmaiado.

Dois espíritos individuais comunicaram com a Sra. Whittet. Um deles anunciou-se dizendo: "Sou o teu Gordon, mãe." Seguiu-se uma conversa sobre assuntos pessoais. A segunda voz

falou através da trombeta, dizendo: "Sou a Girlie." Era a voz de outra das filhas da Sra. Whittet que já havia falecido.

Uma voz dirigiu-se a Mlle. Béchard, à qual ela respondeu em inglês. A voz então respondeu-lhe em francês, e conversaram durante algum tempo nessa língua.

As vozes manifestaram-se de forma relativamente constante ao longo da noite.

Verifica-se que, ao longo da sessão, dezassete vozes — masculinas e femininas — se manifestaram, sendo que a maioria delas forneceu os seus nomes e estabeleceu a sua identidade perante os presentes.

CAPÍTULO XV

Uma sessão fraca – Uma mensagem intraduzível – Uma voz persistente – Bert Everett tenta ajudar mas não consegue.

Terça-feira, 3 de Março de 1925

Esta foi uma noite fraca. Estiveram presentes: George Valiantine, a minha esposa, o Honorável Richard Bethell e a Sra. Bethell, o Sr. N. P. Whaddia e o seu amigo Sr. Dharwar, e eu próprio. Com exceção da minha esposa e de mim, nenhum dos presentes alguma vez tinha participado numa sessão de voz.

Após cerca de um quarto de hora, a voz do Dr. Barnett deu-nos as boas-vindas. Bert Everett falou uma ou duas frases, assim como Kokum. Foi feito um esforço considerável para permitir a manifestação de um espírito a falar em voz independente, utilizando depois a trombeta luminosa para se dirigir ao Sr. Whaddia. Este espírito falava numa língua estrangeira. A voz era muito indistinta, e o Sr. Whaddia e o Sr. Dharwar responderam em algum dialeto indiano. Apesar de a voz ter respondido e persistido durante algum tempo na tentativa de transmitir uma comunicação, o Sr. Whaddia disse que era impossível compreender o que estava a ser dito. A voz, naturalmente, foi ouvida por todos nós e era moderadamente alta, mas ninguém conseguiu traduzir a mensagem. A persistência desta voz aparentemente consumiu uma parte considerável da energia disponível. A trombeta luminosa deslocou-se do Sr. Whaddia para o Sr. Dharwar, e o esforço contínuo que estava a ser feito tornou-se algo cansativo para os restantes participantes. Após este episódio, Bert Everett disse: "Sr. Maddia" (foi assim que soou, e não Whaddia), "era o seu pai a falar consigo." Depois, o Dr. Barnett declarou que as condições não eram boas e encerrou a sessão.

CAPÍTULO XVI

Um espírito tenta comunicar com o Sr. Austin Harrison – O espírito de William Archer dá uma explicação – O enredo de *The Green Goddess* – Feda repele a anónima Sra. X – A confissão da Sra. X – Carta do autor ao Sr. Harrison – Fotografias de ectoplasma.

Quarta-feira, 4 de Março de 1925

Esta sessão teve lugar em Dorincourt por volta das oito e quarenta e cinco da noite, na presença de Valiantine, da minha esposa, do Sr. Hannen Swaffer, da Sra. Kennedy, do Sr. Austin Harrison, da Sra. X (uma senhora cujo nome prefiro não mencionar) e de mim próprio. O Sr. Harrison não tinha qualquer experiência anterior, e a Sra. X apenas havia participado uma vez numa sessão de voz direta.

As condições pareceram-me bastante boas, e senti que o grupo formava um bom círculo.

Contudo, mais uma vez, a sessão foi o que eu classificaria como mais ou menos negativa.

O Dr. Barnett manifestou-se ao fim de dez minutos e saudou-nos, falando depois connosco várias vezes, em diferentes momentos.

Bert Everett também falou em duas ocasiões, Kokum uma ou duas vezes, e Pat O'Brien dirigiu-se a mim e a vários dos presentes. Feda falou duas ou três vezes.

Dos espíritos pessoais, Lord Northcliffe dirigiu-se a nós de forma independente, e falou com o Sr. Swaffer e com o Sr. Harrison, mas a energia não foi suficiente para manter a conversa por muito tempo.

Uma voz, falando de forma independente e passando junto à cabeça do Sr. Harrison, chamou duas vezes: "Harrison – Harrison." A trombeta luminosa foi então levantada numa tentativa de se dirigir ao Sr. Harrison, chamando-o "Austin." Mais uma vez, a energia parecia fraca, e não foi possível estabelecer ou reconhecer qualquer identidade, e a trombeta caiu no chão.

Outra voz, falando de forma independente, declarou claramente ser William Archer. O Sr. Archer falou com o Sr. Harrison e comigo. Em conversa com este espírito, referi a declaração feita no *Literary Guide* a respeito de um parágrafo publicado na imprensa, no qual eu afirmava que William Archer tinha estado comigo em Dorincourt enquanto ainda estava encarnado, quando falou com o seu filho e se referiu ao seu trabalho. Quando este episódio foi referido no *Literary Guide*, na edição atual, foi declarado:

"Pouco antes da sua morte, o Sr. Archer assegurou-nos que não era, de forma alguma, crente no espiritualismo."

Ao que eu respondi:

Essa afirmação foi refutada pelo próprio William Archer na sua longa carta a John Middleton Murry, publicada este mês em *The Adelphi*, na qual escreveu:

"Estou absolutamente convencido, por repetida experiência e observação, da autenticidade de um grande número de fenómenos, e da estupidez crassa dos homens de ciência e outros que simplesmente os denunciam e se recusam a estudá-los."

William Archer, respondendo-me nesta noite, disse-me que acreditava na comunicação com os espíritos enquanto estava na Terra.

MR. HANNEN SWAFFER: De onde tiraste o enredo de *The Green Goddess*?

WILLIAM ARCHER: Do meu filho.

A trombeta, então movendo-se na direção do Sr. Harrison, disse: "Harrison, esta é a grande Verdade."

A trombeta dirigiu-se depois à Sra. Kennedy e falou com ela, a voz dizendo: "É o Paulie, mãe." Seguiu-se uma conversa pessoal entre os dois e, mais tarde, a Sra. Kennedy afirmou que reconhecera tratar-se do seu filho Paul, e que o facto de ele se ter anunciado como "Paulie", nome pelo qual era conhecido, era para ela uma prova muito significativa.

Pouco depois, a trombeta foi levantada e uma voz independente falou na direção da Sra. X. A voz era indistinta, e foi impossível estabelecer qualquer comunicação clara. Foram feitas duas tentativas, e em ambas a trombeta caiu no chão. A voz independente de Feda manifestou-se novamente e, dirigindo-se à Sra. X, disse: "Não deve tentar tocar na trombeta!"

A Sra. X pareceu algo agitada e respondeu: "Está bem, peço imensa desculpa; não voltarei a fazê-lo."

DR. BARNETT: Esta noite houve uma perturbação, e teremos de encerrar.

A Sra. X, que é uma senhora muito simpática, ficou extremamente perturbada e disse-nos abertamente que, durante a sessão, por várias vezes estendeu os braços quando a trombeta estava no ar, na tentativa de ver se alguém a estava a segurar, e que, por uma ou duas vezes, a tocou. Verificou que nenhuma mão humana a segurava, mas que, quando a tocava, ela caía no chão.

Esse gesto de movimentar os braços atrás da trombeta deve ter interferido com as forças ectoplásmicas.

A Sra. X disse-me mais tarde que estava terrivelmente arrependida por ter feito aquilo, pois uma sessão anterior a tinha convencido da sobrevivência. Quando descreveu o fenómeno da trombeta luminosa a mover-se no ar a um parente muito próximo, este pediu-lhe que, na próxima ocasião, colocasse a mão atrás da trombeta para confirmar que ninguém a segurava. Acrescentou que apenas o fizera para poder afirmar com certeza que os movimentos eram supranormais.

Disse-me ainda que o que fizera nessa noite lhe tinha dado uma prova extraordinariamente convincente, mas que depois se apercebeu de que a sua ação tinha destruído o poder necessário para a comunicação mental, que é, naturalmente, a única coisa de verdadeiro valor.

II

Do ponto de vista comprovativo, é claro que a noite deve ser considerada fraca, e a duração das conversas foi bastante curta. No entanto, o incidente infeliz teve um certo valor e acrescentou algo ao meu conhecimento. Percebo agora que, no futuro, com céticos ou participantes inexperientes, há a possibilidade de que muitos estendam os braços no

escuro, destruindo assim as forças sensíveis e impedindo que as comunicações de voz se manifestem.

Após a sessão, a discussão girou, quase exclusivamente, em torno do incidente que perturbou os fenómenos.

Como resultado, houve um desfecho algo divertido.

O Sr. Austin Harrison é meu amigo íntimo há muito tempo. Foi, durante vários anos, editor da *The English Review* e é também autor de diversos livros brilhantes.

Durante os seis meses anteriores a esta sessão, vi-o muito pouco e não tive oportunidade de discutir com ele o tema do espiritualismo.

Refiro isto porque algum tempo depois desta sessão foi publicado um artigo da sua autoria no *Sunday Pictorial*, no qual relatava a sua única experiência de forma algo humorística e colocava a questão de por que motivo as pessoas não haviam de colocar a mão atrás da trombeta luminosa se assim o desejassem, e porque razão os espíritos não podiam falar à luz do dia. Escrevi-lhe então a seguinte carta:

"O seu artigo chegou até mim como uma lufada refrescante de humor. É como se um cocheiro georgiano entrasse pela primeira vez nas instalações da Rolls-Royce e, olhando para um motor parado, achasse que o compreendia.

O artigo está cheio de contradições e afirmações psicológicas muito divertidas.

Diz que os espíritos abominam a luz, mas desde a sua visita a Dorincourt que temos obtido vozes em plena luz do dia, e todos esses registos serão publicados no meu livro.

Que tem a dizer sobre isto?

Na sua descrição da única sessão a que assistiu, dá as suas impressões sobre certos fenómenos psíquicos (para mim, perfeitamente normais) e diz para si mesmo: 'mas isto é miraculoso.' Claro que era. Mas depois da sessão, porque eu, com enorme experiência, digo que não houve nada de comprovativo, você responde dizendo que, apesar disso, sentiu que viveu muita coisa. Então enumera os factos:

Primeiro, corpos inanimados moveram-se livremente no ar, aparentemente por vontade própria. Segundo, fui misteriosamente tocado na perna e na cabeça. Terceiro, uma corrente fria passou-me pela testa. Por fim, ouvi, sem qualquer dúvida, várias vozes, e falei com duas pessoas falecidas, ambas conhecidas minhas em vida. Se isto não é "comprovativo," então o que é? Apenas faltava um fator – a luz. Um fator importante.'

Posso mostrar-lhe que até a questão da luz já foi ultrapassada.

Agora, o que acho estranho, Harrison, é o seguinte: você, na sua primeira experiência, aceita como "miraculosos" e "evidenciais" um conjunto de incidentes menores que eu, com o meu conhecimento avançado, registo como não evidenciais. Com base nos incidentes que observou e ouviu, nunca reivindicaria a prova da sobrevivência.

Você diz: 'Fico irritado com pessoas que consideram uma trombeta flutuante como "não comprovativo." Para mim, tal fenómeno é fantasticamente comprovativo. Mas de quê? Essa é a questão.'

Respondo-lhe, Harrison, que a 'trombeta flutuante' é apenas prova dos movimentos supranormais de um objeto físico. Por si só, nunca me convenceria da sobrevivência. A trombeta serve apenas como amplificador do som, para tornar mais audível a voz materializada do espírito, e só quando essas vozes voluntariamente fornecem informações que nos permitem, sem dúvida, reconhecer as suas personalidades vivas, é que podemos aceitar a sobrevivência do seu espírito."

Também dizes, com referência às manifestações físicas, que os eruditos (entre os quais presumo que me incluis) nos asseguram que estas são meramente preliminares.* Estas manifestações físicas são, de facto, preliminares, e foram provadas e testadas por cientistas em muitos países. Eu próprio as provei e testei, e fui muito além delas, e, caso não tivesse conseguido alcançar um avanço no conhecimento mental através destes primeiros passos preliminares, teria há muito deixado de prosseguir os meus estudos.

O físico não me atrai, porque é um beco sem saída, e o progresso da investigação psíquica deverá depender, no futuro, inteiramente do conhecimento que possa ser obtido através dos fenómenos mentais.

Se tivesses passado por tudo aquilo que vivi nos últimos dois anos, tenho a certeza de que considerarias como relativamente insignificante aquilo que, em Dorincourt, te pareceu miraculoso.*

Pensei que soubesses, mas talvez me tenha esquecido de te contar, que durante uma longa série de experiências, a minha esposa e eu, sem a presença de qualquer médium profissional, obtivemos vozes e comunicações evidenciais da mesma forma como aconteceu com Valiantine.

Isto foi o resultado do meu estudo sobre como a mediunidade pode ser desenvolvida.

Isto provou tanto a existência das faculdades supranormais do ser humano, como o facto da sobrevivência do espírito, bem como a realidade de que conversas audíveis com espíritos podem ser mantidas por nós neste plano.

Se apenas declarasse isto, não esperaria que me acreditassem, mas já o provei perante testemunhas de reputação reconhecida.

As poucas questões levantadas por Mr. Austin Harrison no seu artigo eram do tipo invariavelmente colocadas por aqueles que, pela primeira vez, presenciam fenómenos psíquicos. Mr. Harrison considerou o ectoplasma e as forças ectoplásmicas como meras suposições. O ectoplasma não é uma suposição; é um facto científico estabelecido, e os dados completos e acessíveis sobre a natureza do ectoplasma encontram-se nos livros do Barão von Schrenck Notzing, de Madame Bisson, do Dr. Geley e do Dr. Crawford.

O Barão von Schrenck Notzing, o principal investigador psíquico na Alemanha, realizou sessões com a célebre médium francesa Eva C. durante quatro anos e, sob uma luz vermelha suave, foram tiradas duzentas e vinte e cinco fotografias de ectoplasma sob as mais rigorosas condições.

As obras científicas dos autores que mencionei constituem os manuais a partir dos quais o investigador poderá iniciar os seus estudos. São a base do conhecimento psíquico, mas o facto comprovado da existência do ectoplasma e o facto comprovado do movimento supranormal de objetos não constituem, por si só, base suficiente para a aceitação da sobrevivência do espírito humano após a morte corporal. Só através da acumulação de provas irrefutáveis de personalidade sobrevivente, voluntariamente oferecidas pelos próprios espíritos desencarnados, é que se pode estabelecer essa afirmação. Por isso, aquilo que Austin Harrison considerou miraculoso e comprovativo, fui forçado a considerar como não comprovativo, ainda que fosse fenomenal.

CAPÍTULO XVII

Quando a publicidade se torna irritante: a fama de Valiantine e a posição ridícula da Society for Psychical Research — A sala de sessões da S.P.R.: medieval na concepção e inquisitorial no design — O autor indigna-se — Como foi arruinada a primeira sessão experimental da S.P.R. — A S.P.R. moribunda

Sexta-feira, 6 de Março de 1925

I

A Society for Psychical Research, da qual sou membro, contactou-me, antes da chegada de Valiantine a Inglaterra, com o intuito de organizar uma série de sessões experimentais com ele na sua sala de sessões.

Desde a chegada de Valiantine a Inglaterra, desenvolveu-se um enorme interesse na imprensa britânica pelos diversos fenómenos produzidos nas sessões realizadas. Muitos jornais dedicaram colunas inteiras à descrição dos acontecimentos ocorridos em Dorincourt, e fui inundado por pedidos de pessoas — famosas e não só — a solicitar o privilégio de uma sessão com Valiantine.

Quando se divulgou que ele iria dar uma sessão à Society for Psychical Research, foi dado a este evento um destaque desproporcionado, e a sua importância foi absurdamente exagerada.

Um jornal chegou a referir-se à Society for Psychical Research como o corpo mais importante do seu género no mundo. Isto é perfeitamente ridículo, dado que a maior parte do trabalho de investigação recente tem sido conduzido, não pela Sociedade, mas por investigadores individuais.

Antes de prosseguir com o relato desta sessão, vou analisar o estatuto dos participantes que representavam a S.P.R. e, em justiça para com os muitos intelectos brilhantes que estudam este assunto, devo também analisar as suas inteligências por comparação.

A primeira sessão que consegui organizar para eles teve lugar por volta das oito e meia, no número 31 de Tavistock Square, em Londres.

II

Estavam presentes o Dr. V. J. Woolley, o Sr. E. J. Dingwall (ambos investigadores da S.P.R.), três senhoras membros da Sociedade, cujos nomes desconheço, o Sr. Hannen Swaffer, a Sra. Bradley, Valiantine e eu próprio.

A sala de sessões da S.P.R. é de construção recente e foi equipada para esse fim. A sala foi raramente utilizada, e o ambiente é de um novo ostensivo.

Num canto, ergue-se uma enorme gaiola, suficientemente grande para encarcerar um homem adulto. É um aparato de aspeto sinistro, medieval na conceção e inquisitorial no design.

Foi-me informado que a sala tinha sido usada apenas uma vez nos últimos meses; foi para uma série de experiências com um médium físico — não um médium de voz.

Essas experiências consistiam em colocar objetos dentro da gaiola, enquanto os investigadores se sentavam do lado de fora a segurar nas mãos do médium durante longos períodos de tempo, a fim de observar se os objetos se moviam ou não. Por vezes os objetos moviam-se, por vezes não. Não consigo evitar a sensação de que as mãos dos assistentes se tornariam desagradavelmente húmidas durante estas longas esperas por um evento "emocionante", e estou absolutamente certo de que, se eu fosse um dos assistentes, a minha mente ficaria ainda mais húmida do que as suas mãos.

Este fenómeno pode ter tido um interesse peculiar do ponto de vista científico para os novatos, mas a mim, hoje, deixá-lo-ia completamente aborrecido. É uma forma muito primitiva de mediunidade — uma forma que muitos de nós há muito ultrapassámos. Se um objeto se erguesse, por acaso, dois centímetros no ar, tal não provaria a sobrevivência a ninguém. No que toca a fenómenos físicos, em muitas ocasiões em Dorincourt tivemos alguns dos mais maravilhosos fenómenos físicos e mentais que o mundo alguma vez testemunhou.

O círculo de nove pessoas na sessão da S.P.R. era algo numeroso. As duas trombetas luminosas foram colocadas no centro da sala, e debaixo da cadeira do Sr. Dingwall havia uma pequena marca luminosa. Outra marca luminosa estava na parede, de frente para o Sr. Dingwall. Não compreendo o propósito destas duas marcas, a não ser que o Comité pensasse que o médium poderia andar às voltas pela sala a tentar apanhar a trombeta para falar através dela.

Expliquei aos Investigadores que qualquer tipo de fenómeno físico não me interessava minimamente, e que só as comunicações mentais, para mim, tinham verdadeiro valor.

Dos presentes, o Dr. Woolley, creio eu, teve apenas quatro experiências de sessões de voz direta, todas elas proporcionadas por mim em Dorincourt.

Quanto à extensão das experiências do Sr. Dingwall, não sei mais do que o facto de ele ter assistido a uma sessão de voz direta — uma fraca — em Dorincourt, sob a mediunidade de Valiantine, em Fevereiro de 1924, e de ter investigado Margery, a médium física amadora dos EUA.

O Sr. Dingwall informou-me de que estava muito mais interessado em fenómenos físicos do que mentais, e que não se considerava um bom assistente para comunicações mentais.

Ambos os senhores são homens encantadores e inteligentes, com quem me dou muito bem.

Relativamente às três senhoras membros do Comité da S.P.R., e que foram convidadas para esta sessão, creio que nenhuma delas tinha qualquer experiência anterior numa sessão de voz direta.

Os resultados da sessão foram praticamente nulos. A temperatura da sala era relativamente amena, mas a mentalidade dominante pareceu-me excessivamente fria.

O Sr. Dingwall operou o gramofone. A seleção musical consistia apenas em discos de jazz. Não tenho nada contra música jazz, mas como entretenimento para uma noite inteira, tende a tornar-se monótona. Seleções de ópera são um alívio.

Uma das senhoras manifestou-se contra a música que estava a ser tocada. Disse que achava que seria melhor se recitássemos orações ou se mantivéssemos um silêncio completo e sagrado.

Isto irritou-me profundamente. Embora me aproxime deste estudo com o mais sincero espírito, sei que, para além das questões filosóficas, estas comunicações dependem de uma consideração científica das vibrações quando as vozes tentam manifestar-se em condições difíceis.

Depois de esperarmos três quartos de hora — durante os quais me senti aborrecido de forma indescritível — ouvimos finalmente a voz de Bert Everett dizer: "Boa noite, almas." A voz surgiu, como costuma acontecer, num tom agudo e falsete, vindo de cima da sala. Esperámos mais meia hora, e então a senhora anónima fez mais um comentário inexperiente, ao qual reagi com fúria, arruinando por completo a noite.

Imediatamente depois, a voz do Dr. Barnett disse: "Boa noite, amigos."

Tudo aquilo foi ridículo.

Foi uma completa perda de tempo. Estávamos ali reunidos com aquilo que se presume ser a grande sociedade de investigação psíquica da Grã-Bretanha. E o que encontramos? Descobrimos que estava representada por senhoras idosas que, na prática, nada sabiam sobre o desenvolvimento moderno do assunto.

Disse ao Dr. Woolley que recusaria sentar-me novamente. Em primeiro lugar, porque a companhia me aborreceria; em segundo, porque senti que os membros da Sociedade não

compreendiam as condições adequadas para este tipo de fenómeno direto e sensível; e em terceiro lugar, porque sei que ficaria tão irritado que isso teria um efeito dissuasor sobre quaisquer manifestações que pudessem ocorrer.

Estudei e compreendo o que significam as condições. Conheço a sensibilidade da mediunidade, a sensibilidade da atmosfera e a mentalidade dos assistentes. Conheço os poderes de Valiantine, e sei como se desenvolveu a mediunidade de voz da minha esposa e a minha.

As minhas impressões pessoais da primeira experiência com os membros da Society for Psychical Research foram de espanto perante a sua falta de conhecimento dos rudimentos dos fenómenos e de surpresa, durante a conversa com eles, face à forma ingénua com que revelaram a sua ignorância.

III

No dia seguinte, Una, Lady Troubridge, que é membro da S.P.R., telefonou-me para dizer que o Dr. Woolley lhe havia pedido que ela e Miss Radcliffe Hall — que durante um longo período integrou o Conselho — participassem numa sessão com Valiantine na sala da Sociedade. Lady Troubridge disse-me que não desejava sentar-se ali porque achava que as condições não eram favoráveis.

"Posso ir até Dorincourt," perguntou, "e sentar-me convosco? Só me sentarei com eles na S.P.R. se não houver outra oportunidade, mas sei que é quase impossível obter bons resultados com as condições que ali existem."

No dia seguinte, Lady Troubridge enviou-me esta carta:

"Na sequência da nossa conversa telefónica, escrevo para te recordar que a Miss Radcliffe Hall e eu nos manteremos disponíveis, em qualquer data ou hora, para uma sessão com Valiantine em tua casa, se tiveres a amabilidade de a organizar. Escrevi ao Dr. Woolley a dizer que, tendo em conta a inclusão de assistentes novatos no círculo deles, preferimos não participar, pois aceitámos fazê-lo apenas na convicção de que o círculo se limitaria a investigadores experientes da S.P.R., a ti, à Sra. Bradley e a qualquer pessoa que recomendasses como conhecedora da conduta e atitude necessárias para que se possam obter resultados.

"Não creio que possam retirar dali qualquer conclusão válida se incluírem pessoas sem qualquer tipo de experiência."

Lady Troubridge, que conheço pessoalmente, tem conhecimentos na área psíquica, embora o seu estudo se tenha centrado sobretudo na mediunidade de transe clarividente. Aparentemente, sentiu que as condições em Dorincourt eram propícias a resultados valiosos, e que as condições e organização por parte de pessoas inexperientes na sede da S.P.R. não o eram.

A grande vaga de conhecimento psíquico parece ter passado ao lado da Society for Psychical Research. De momento, está claramente em estado moribundo.

CAPÍTULO XVIII

O autor sublinha a importância da harmonia — As vozes falam em trinta segundos — Algumas observações sobre más peças de teatro e pessoas estúpidas — Mais conselhos sobre assuntos financeiros — Discurso do Dr. Barnett sobre o planeta Marte — Bert Everett sobre o corpo etéreo

Sábado, 7 de Março de 1925

Nessa noite, como alívio para a tensão aborrecida das condições e da mentalidade estranha da Society for Psychical Research, decidimos realizar uma sessão privada em Dorincourt.

Apenas três de nós participaram: a minha esposa, Valiantine e eu. Os estudantes devem observar a imensa importância da harmonia completa quando desejam obter comunicações por voz direta oriundas das esferas superiores. Não estou a apresentar teorias; estou a transmitir conhecimento. Conheço as condições. Esses pseudo-investigadores não.

Os três entrámos no meu gabinete. Não necessitámos de música para gerar vibrações; sabíamos que poderíamos entrar em comunicação direta de imediato.

As trombetas luminosas foram colocadas no chão, mas nunca foram utilizadas. Em trinta e cinco segundos, na voz independente, os espíritos começaram a falar connosco, e nunca se calaram por mais de um minuto — apenas o necessário para dar lugar a outra voz.

Sete espíritos falaram connosco com grande fluência e durante bastante tempo. Era como se dez pessoas, em vez de três, estivessem sentadas na sala a conversar. Cada uma das sete personalidades invisíveis era vívida, cativante e distinta. Mais ainda, de facto, do que quaisquer sete pessoas que pudéssemos convidar para nossa casa, pois o peso do corpo físico tantas vezes gera a irritante cultura das poses, afetações e maneirismos. Bert Everett comentou como era fácil falar connosco em condições harmoniosas e quão agradável era poder falar apenas com os três.

Kokum, o guia índio, falou connosco com a sua voz poderosa durante muito tempo.

Questionámos o Dr. Barnett sobre as condições da noite anterior, perguntando-lhe como era possível que não tivessem conseguido materializar as suas vozes e falar connosco, como estavam a fazê-lo naquela noite. Ele disse que, naquela ocasião, os assistentes criaram uma atmosfera que formou uma barreira impenetrável, e que talvez devêssemos voltar a sentar-nos ali apenas mais uma ou duas vezes; e que, caso não conseguissem atravessar essas condições e obter bons resultados, seria sensato desistir de tais tentativas, pois estavam a dissipar tempo precioso.

Disse: "Mr. Bradley, tem de tentar controlar os seus nervos." Tenho plena consciência da sabedoria deste conselho, mas, sendo humano, não consigo controlar os meus nervos perante certos tipos irritantes, e recuso-me a voltar a sentar-me com eles. Quando assisto a uma má peça — e a maioria das peças são artisticamente fracas — sinto uma náusea; e

quando me sento com pessoas estúpidas, a estudar um tema tão grandioso, a náusea é dez vezes pior.

A minha esposa perguntou como estava o homem com encefalite letárgica, e novamente o Dr. Barnett disse que estava muito aborrecido por não terem seguido rapidamente as instruções que haviam sido dadas.

Pat O'Brien manifestou-se e falou longamente. O seu agradável humor irlandês foi um magnífico sedativo. Georgie, falando de forma independente, conversou com a minha esposa e comigo, exprimindo o desejo de poder falar com o seu avô e a sua avó — os meus pais idosos*1*, que ainda estão vivos.

Annie falou connosco, os três, com os seus esplêndidos e distintos tons de voz, e disse o quanto estava feliz por poder falar connosco de forma livre e afetuosa, sem as restrições impostas por outros assistentes, nem pela necessidade — que, do lado deles, era importante respeitar — de trazer outros espíritos para comunicar com os seus amigos.

Disse-me, mais uma vez, que me estava a ajudar no meu trabalho literário, bem como em certas questões materiais muito essenciais com que eu tinha de lidar. Durante a nossa conversa, disse-me muitas coisas que me animaram de uma forma impossível de descrever.

1 Ele morreu quatro meses depois.

Warren falou durante muito tempo com a minha esposa e comigo. Disse que as questões materiais se resolveriam em breve para mim e que estavam a ajudar-me. Discutiu em detalhe vários assuntos importantes de carácter privado.

Tanto a minha irmã como Warren falaram sobre os desenvolvimentos dramáticos que tinham ocorrido desde a sessão com Osborne Leonard, cerca de três meses antes, quando Warren apareceu e, dando-me o nome completo de uma determinada pessoa, avisou-me de que teria de ser cuidadoso e atento a certas questões. Annie também me tinha alertado, dizendo que havia assuntos materiais que eu não poderia ignorar, oferecendo-me uma linha de observação diferente e direta.

Sobre essas importantes questões financeiras, foi-me dito com precisão o que fazer, e o momento exato em que deveria agir.

Na data desta sessão, 7 de Março, eu continuava as minhas investigações, que já tinham resultado na descoberta de um desfalque de dezenas de milhares de libras. Esta traição subtil e maliciosa, vinda de uma origem inesperada, foi persistente e talvez nunca tivesse sido descoberta se não fossem as comunicações recebidas dos meus dois grandes amigos espirituais. Este incidente é um exemplo notável de como as forças espirituais podem contrariar um mal material.

Depois da partida de Warren, o Dr. Barnett voltou a manifestar-se e, com a sua sabedoria filosófica, disse que, enquanto estivéssemos neste plano material, era necessário cuidarmos das questões materiais. Afirmou: "A tua irmã e Warren avisaram-te do que se estava a

passar. Não só falaram contigo, como também impressionaram a tua mente com a forma exata de agir."

Mais tarde, disse que, do lado deles, estavam a reunir provas tremendas da realidade da comunicação espiritual, para que nós as pudéssemos apresentar ao mundo.

Em resposta a uma pergunta sobre a estatura física dos marcianos, o Dr. Barnett disse que eram mais baixos do que nós, com uma altura média de cerca de um metro e trinta, mas perfeitamente proporcionados. Disse que já tinham tentado, muitas vezes, comunicar connosco por rádio, mas que não conseguiram fazer-se compreender. Referiu que a vida em Marte era muito mais bela e espiritual do que neste plano terrestre, e que a maioria dos seus habitantes, ao deixarem o corpo físico, passava diretamente para o sétimo plano, em vez dos planos inferiores para os quais a maioria de nós vai ao deixar a Terra. Acrescentou que a comunicação entre os que estão no corpo físico em Marte e os que passaram para o espírito noutras esferas é, há muito, um facto amplamente aceite pelos marcianos.

Perguntei ao Dr. Barnett se os espíritos daqueles que tinham deixado o plano terrestre se misturavam com os espíritos que tinham partido de Marte ou de inúmeros outros planetas. O Dr. Barnett respondeu que, em redor da Terra e dos vários outros planetas, existiam os espíritos correspondentes a esses planetas, e que as comunicações espirituais que ocorriam eram dirigidas àqueles que viviam no planeta onde esses espíritos tinham habitado.

No entanto, ele e a maioria dos espíritos que tinham vivido na Terra podiam comunicar com os espíritos dos que tinham vivido em Marte e noutros planetas. Disse que, tal como eles comunicam nas suas esferas com os espíritos de outros mundos físicos, também nós, no futuro, poderíamos vir a comunicar com os que vivem fisicamente noutros planetas. Esta possibilidade fascinante abre vastos campos de exploração.

Durante a noite, todos conversámos longamente com Bert Everett. Pedi-lhe que me explicasse a sua condição ao falar connosco neste plano com a sua própria voz. Disse-lhe que compreendia que o corpo etéreo do espírito era, em forma e sentidos, mais ou menos semelhante ao corpo físico que habitamos aqui. Perguntei-lhe se, ao falar connosco, nesta sala, deixava o seu corpo etéreo na esfera onde vivia. Expliquei-lhe que o que queria saber era, sendo que tantas vezes nos tinham dito que possuíam um corpo etéreo semelhante ao nosso — se, ao virem comunicar connosco, traziam esse corpo etéreo completo para a sala de sessões ou se apenas materializavam a voz, deixando o corpo etéreo no plano onde existiam.

Para tornar mais clara a questão, expliquei a Everett que ele me tinha dito uma vez que vivia no mesmo plano que a sua mãe, numa bela morada que nos tinha descrito. Perguntei-lhe: "Deixas o teu corpo etéreo nessa casa com a tua mãe, e ela pode vê-lo lá, enquanto estás aqui a falar connosco com a tua voz materializada?"

Ele respondeu: "O corpo etéreo está lá, embora o pudesse trazer, se quisesse. Posso viajar até aqui com a rapidez do pensamento, mas não é necessário trazer o corpo etéreo; posso trazer o meu espírito e materializar a minha voz para falar convosco. Além disso, podemos, sob as condições certas, materializar as mãos e tocar-vos com elas."

Durante uma conversa com o Dr. Barnett, ele disse de repente: "O vosso cão quer entrar na sala." Momentos depois, ouvimos o meu cão-lobo alsaciano a arranhar à porta. Fui até lá fora e levei-o embora, para evitar que perturbasse.

Warren voltou a manifestar-se e falou connosco de forma íntima e característica, e enquanto falava, pude ver a sua forma espiritual a mover-se pela sala até junto de cada um de nós.

Bert Everett apareceu novamente e disse: "Mrs. Bradley, quero dizer-lhe que pode sentar-se outra vez, a sós com o Mr. Bradley, para as vozes, e nós viremos falar convosco."

O Dr. Barnett juntou-se à conversa e disse que também procuraria manifestar-se quando nos sentássemos.

De repente, no meio de uma longa discussão, o Dr. Barnett disse-me com humor: "O seu mordomo está a escutar à porta." Mais tarde, questionei o meu mordomo sobre o assunto, e ele admitiu de forma aberta e honesta que tinha estado do lado de fora da porta naquela noite, e que em várias ocasiões, nas últimas semanas, escutara e ouvira diversas vozes a falar com diferentes pessoas — vozes essas completamente diferentes das dos indivíduos que ele próprio tinha recebido em casa. Esta sessão foi absolutamente maravilhosa.

É-me totalmente impossível transmitir uma impressão vívida das conversas que ocorreram. Reconheço que não consigo fazer justiça ao brilho extraordinário das conversas do Dr. Barnett, nem aos demais espíritos que se comunicam connosco sob condições perfeitas.

Que os cientistas e a Society for Psychical Research façam algum esforço, ainda que como autênticas crianças, para aprender o que significam condições harmoniosas — então, talvez consigam alcançar algo de valor para si próprios.

CAPÍTULO XIX

Pessoas que são bons e maus assistentes — Uma palavra-passe com o espírito — A Sra. Dawson Scott é abordada pelo avô — Um amigo falecido fala com o Sr. Dennis Neilson-Terry — O falecido Harry Pelissier comunica com a Srta. Fay Compton — Pelissier prega partidas com o gramofone — O riso como melhor vibração para fenómenos de voz — O espírito de Billie Carleton — As impressões da Srta. Fay Compton e do Sr. Dennis Neilson-Terry

Domingo, 8 de Março de 1925

I

Na obtenção da voz direta, o estudo das condições, tanto atmosféricas como mentais, é de importância fundamental. Descobri que, de entre todas as classes e tipos, os melhores assistentes são os grandes artistas do mundo teatral. Descobri também que, com a exceção de Sir Oliver Lodge — que é um assistente perfeito e um conversador brilhante — o

cientista médio exerce uma influência fria e destrutiva e que, nestes estudos psíquicos tão sensíveis, a maioria demonstra uma intelectualidade infantil.

Nesta ocasião estiveram presentes: a Srta. Fay Compton, a famosa actriz cuja arte está para além da sua encantadora beleza; o Sr. Dennis Neilson-Terry, um actor de considerável talento artístico; a Sra. Dawson Scott, conhecida romancista; a minha esposa, Valiantine, e eu. Nem a Sra. Dawson Scott nem a Srta. Fay Compton tinham antes participado numa sessão de voz direta.

Devido à pressão do trabalho e à cansativa necessidade de reunir provas em Dorincourt sob as condições exigentes de não apresentar nenhum dos assistentes ao médium, decidi que, ao menos aos domingos, deveria desfrutar de dias livres e agradáveis. Assim, estes três novos assistentes vieram a minha casa por volta das seis da tarde e foram apresentados pelo nome correto ao médium. Conversámos, jantámos e sentámo-nos por volta das 20h15.

Embora os nomes lhe tenham sido dados, tenho a certeza de que Valiantine nada sabia sobre eles, para além do facto de serem pessoas extremamente interessantes e agradáveis, e que lhe proporcionaram muito mais prazer do que muitos dos assistentes com quem fora forçado a lidar noutras ocasiões.

Durante a noite, catorze personalidades distintas falaram connosco.

Dos guias, manifestaram-se o Dr. Barnett, Bert Everett, Pat O'Brien, Kokum e Bobby Worrall.

Nos vinte minutos finais da sessão, o Dr. Barnett discutiu connosco todas as questões que lhe quisemos colocar.

Os guias comunicaram com facilidade e falaram várias vezes ao longo da noite.

Na véspera, eu tinha combinado com Bert Everett que me desse, logo no início da sessão, uma palavra-passe que indicasse se considerava que as condições estavam propícias às manifestações. A palavra-passe acordada foi "esquisito".

Logo no início da sessão desta noite, perguntei: "Como estão as coisas esta noite, Bert?" A palavra-passe foi imediatamente proferida, pelo que soube de imediato que obteríamos bons resultados — e fiquei completamente tranquilo.

Bobby Worrall, que impressionou todos os assistentes, falou longamente com cada um de nós, de forma encantadora. Enquanto conversava comigo, perguntei-lhe se tinha estado com Pat naquele dia, e respondeu que o vira a passear comigo durante a manhã, e que tinha visto os cavalos a correr descontroladamente pelos campos. *1* Disse ainda que vira o Pat a brincar com o seu comboio, e que tinha mantido os carris no sítio.

Isto referia-se a um episódio peculiar, pois durante o dia o Pat tinha montado os carris desde o parapeito da janela até uma cadeira, depois para outra cadeira, e de volta à janela; o comboio percorreu todo esse trajeto tortuoso sem descarrilar — uma proeza única que causou grande espanto. Bobby Worrall disse que tinha conseguido manter o comboio nos

carris. Pode parecer um episódio trivial, mas é extraordinário, pois em carris tão frágeis, com solavancos e ligações, tanto o Pat como a minha esposa ficaram pasmados por o comboio não ter descarrilado.

1 Três cavalos no campo em frente à minha casa tinham ficado selvagens.

Feda também se manifestou e falou docemente, com a sua voz independente, com vários de nós.

Das presenças espirituais pessoais, surgiu uma voz que se dirigiu à Sra. Dawson Scott. Esta senhora tinha escrito previamente uma nota privada para mim, dizendo que tinha uma razão muito especial para desejar participar numa sessão com Valiantine, mas não me revelou qual era essa razão.

Quando Feda se manifestou, disse à Sra. Dawson Scott: "O Sr. Dawson está aqui." Mais tarde, uma voz, através da trombeta luminosa, disse: "É o avô Dawson que está a falar." Conversaram por alguns minutos. O avô Dawson disse à Sra. Dawson Scott que a estava a ajudar e a inspirar no seu trabalho literário.

A Sra. Dawson Scott, que é uma mulher encantadora com uma ligeira tendência para o elitismo intelectual — uma acusação que, por vezes, também me foi feita, e que agora, evasivamente, lanço sobre ela — mostrou-se algo contrariada, dizendo-lhe que não queria ajuda no seu trabalho. Acrescentou que desejava criar a sua obra por si mesma. Esta observação não teve qualquer efeito sobre o espírito, que afirmou que continuaria a ajudá-la.

Compreendo perfeitamente esta manifestação do ego da Sra. Dawson Scott. É quase justificável — o que, por si só, já é um grande elogio, que se pode aplicar a muito poucas pessoas. Tive bastante dificuldade em abandonar o meu próprio ego no que toca à ajuda recebida por parte das inteligências superiores. Agora, aceito de bom grado qualquer impressão que me chegue de outra inteligência, desde que venha de um plano superior ao meu.

Pouco depois, surgiu outra voz, também pela trombeta luminosa, falando de forma algo indistinta com a Sra. Dawson Scott. Disse-lhe para perguntar: "É um parente?" Ela fez a pergunta, e a voz respondeu: "Sim, estou o mais próximo possível de ti." Isto foi claramente ouvido por todos os presentes. Enquanto a voz falava, a Sra. Dawson Scott não conseguiu perceber bem o que foi dito, mas o Sr. Dennis Neilson-Terry, que estava à sua esquerda, ouviu perfeitamente. A trombeta moveu-se na direção do Sr. Terry, que ajudou a interpretar o que fora dito, afirmando: "É o marido dela." A voz voltou à Sra. Dawson Scott e disse: "Tu és minha esposa."

Em relação às comunicações recebidas pela Sra. Dawson Scott do seu marido e do seu avô, é interessante referir que ela não me disse, antes de vir, que naquela mesma semana tinha recebido mensagens de uma fonte que me era desconhecida, dizendo-lhe que, se fosse a casa de Dennis Bradley, receberia comunicações desses dois espíritos específicos, ouviria as suas vozes e conheceria a verdade. E foi exatamente isso que aconteceu. Deve

destacar-se, do ponto de vista comprovativo, que o avô mencionou espontaneamente o nome correcto "Dawson".

Durante a noite, uma voz dirigiu-se ao Sr. Dennis Neilson-Terry, chamando-o "Dennis." Estabeleceu-se reconhecimento, e pareceu tratar-se de um primo do Sr. Terry, chamado Frederick Morris, que morreu durante a guerra. Embora o espírito respondesse ao nome de Frederick, o Sr. Terry tratava-o por "Bay." O Sr. Terry disse que, nessa manhã, tinha falado ao telefone com o irmão de Mr. Morris, ao que a voz respondeu: "Sim, eu sei." A voz acrescentou: "Tenho estado contigo e com os teus miúdos." Do ponto de vista da investigação psíquica estrita, esta conversa não foi altamente comprovativo, excepto pelo facto de Valiantine não saber se o jovem Dennis Neilson-Terry tinha ou não filhos.

Depois, manifestou-se uma voz que se dirigiu à Srta. Fay Compton. A trombeta luminosa foi levantada, pairou à sua volta e tocou-lhe várias vezes. A voz disse então que era o seu pai. A Srta. Compton conversou com ele por alguns minutos, e a voz terminou a conversa dizendo: "O Harry está aqui e quer falar contigo."

Pouco depois, a trombeta foi novamente levantada, e uma voz disse: "Fay, sou o Harry." A Srta. Compton e a voz conversaram de forma alegre durante algum tempo. O reconhecimento foi imediato. A voz era de Harry Pelissier, o primeiro marido da Srta. Compton, o mais brilhante ator de burlesco do século, que falecera há alguns anos. Três ou quatro vezes durante a noite, o espírito de Pelissier comunicou com ela.

O mais notável para mim foi a vividez da sua personalidade espiritual. Pelissier fez-nos rir às gargalhadas na sala de sessões, tal como fazia com o seu génio nos palcos enquanto esteve neste plano terrestre. Por várias vezes, a sua voz soltou sonoras gargalhadas de humor; não só riu, como pregou várias partidas com o gramofone. Enquanto eu manuseava o gramofone e os discos tocavam com a tampa fechada, ele manipulava a agulha de tal forma que os discos não paravam, mas produziam sons estranhos devido ao movimento da agulha. É difícil descrever, mas posso dizer que nos ríamos até não aguentar mais. Numa ocasião, ao colocar um novo disco e baixar a cabeça de leitura para o iniciar, esta foi levantada, transportada para longe do disco e colocada na minha mão.

Pelissier é um espírito extraordinário de se conseguir manifestar, porque nos inspira a rir — e o riso é a melhor vibração para os fenómenos de voz. O riso cria a maior harmonia, pois quando ocorre uma manifestação física ou um momento de humor vindo do espírito, todos os assistentes riem em uníssono. Isso é harmonia!

Enquanto todos ríamos, Bert Everett manifestou-se lá no alto, junto ao teto, rindo connosco, e depois disse espontaneamente: "Foi o marido da senhora quem fez isso." Considero isto uma prova, pois, embora todos tivéssemos jantado juntos, posso garantir que Valiantine não foi informado de nada acerca da Srta. Fay Compton.

De algum modo, os espíritos pareciam sentir-se atraídos pela Srta. Compton. Durante a noite, ela perguntou ao Dr. Barnett se seria possível trazer o espírito de Billie Carleton. Mais tarde, uma voz surgiu e disse-lhe: "Sou a Billie." A voz não era muito forte e só conseguia falar com dificuldade. Conversaram por pouco tempo, mas nada do que foi dito

poderia ser considerado de valor comprovativo. Fiquei algo desapontado com isso, pois, no dia da sua trágica morte — que ocorreu no dia seguinte ao grande Baile da Vitória, realizado no Albert Hall em 1918 — eu estava a almoçar com uma amiga íntima de Billie, que saiu de bom humor para ir vê-la e, ao chegar, encontrou-a morta.

Provavelmente, esta foi a primeira vez que o espírito de Billie Carleton falou, e, por isso, a voz estava ainda fraca e não conseguiu manter-se por muito tempo, o que me impediu de fazer algumas perguntas que poderiam ter tido importância comprovativo considerável. Billie Carleton poderia ter referido um nome que eu conhecia, mas talvez o venha a fazer mais tarde. *1*

Annie falou comigo por breves instantes, assim como com a minha esposa. Referiu-se às preocupações ligeiramente perturbadoras por que recentemente eu tinha passado. Warren falou comigo e com a minha esposa, e apresentámo-lo aos outros participantes, com quem trocou algumas palavras. Já não procurarei mais provas, nem da minha irmã nem de Warren. Seria excessivo. Falo com eles apenas no plano da compreensão cultivada.

Em relação a estes dois espíritos, o Sr. Dennis Neilson-Terry disse mais tarde que ficou profundamente impressionado com as extraordinárias personalidades das vozes de Annie e Warren. Para ele, disse, destacavam-se como duas individualidades notáveis. Já falei tanto destas duas grandes entidades espirituais, que me falam nas suas próprias vozes, que nada mais posso acrescentar. Apenas me confirma aquilo que já experimentei ao longo dos últimos dois anos, quando outras pessoas que os ouvem pela primeira vez ficam igualmente impressionadas.

1 A oportunidade surgiu mais tarde e encontra-se registada noutra parte deste livro. Obtive a prova que desejava. As notas acima foram ditadas exatamente como aparecem, antes desse acontecimento.

Foi uma noite fluente do princípio ao fim. No final, o Dr. Barnett perguntou se desejávamos colocar-lhe perguntas, e durante cerca de vinte minutos uma verdadeira chuva de questões foi lançada sobre ele. Várias perguntas foram feitas por Mr. Neilson-Terry, pela Srta. Fay Compton e pela Sra. Dawson Scott.

Em resposta a certas perguntas, afirmou que, no que diz respeito ao brilho na arte, na literatura e na representação, a inspiração vem por impressão de uma esfera superior à nossa.

Quando o pai da Srta. Compton falou com ela, disse-lhe que a ajudava e que a impressionava no seu trabalho.

O Dr. Barnett, confirmando este ponto, disse que o génio artístico era invariavelmente influenciado pelas inteligências das esferas espirituais.

SR. TERRY: Cristo é o Filho de Deus?
DR. BARNETT: Cristo foi filho do homem; de um pai e de uma mãe materiais.

Já fiz esta pergunta antes e recebi sempre a mesma resposta.

Este homem brilhante, que confundiu os maiores cientistas vivos, não teve qualquer hesitação em afirmar o seu conhecimento. Disse que Cristo foi um espírito muito elevado, que existia no Sétimo Plano da Sétima Esfera. Cristo foi um dos maiores espíritos que habitou um corpo físico no plano terrestre, e a sua influência será, num futuro próximo, de valor ainda maior para este mundo do que alguma vez foi, pois a espiritualidade e a grande filosofia de Cristo poderão salvar a nossa civilização da destruição material.

O Dr. Barnett falou com a máxima reverência pelo espírito de Cristo, a quem considerava como se aproximando da inteligência divina e incompreensível do grande Deus do Universo. O Sétimo Plano da Sétima Esfera é apenas uma aproximação à colossal intuição e sabedoria do grande Deus, que é a Inteligência Suprema, não apenas deste pequeno planeta Terra, mas dos inúmeros planetas do vasto e desconhecido Universo no espaço.

Foi uma noite brilhante.

Houve harmonia total e as comunicações foram de profundo interesse. A harmonia é a única condição essencial que devemos cultivar e compreender.

II

Como matéria de interesse valioso, apresento o relato independente do Sr. Neilson-Terry sobre as suas impressões e experiências nesta sessão:

"Achei extremamente difícil registar qualquer impressão da sessão realizada no último domingo à noite, sem entrar numa descrição profunda dessa mesma sessão e, ao refletir sobre o assunto, decidi que, no que me diz respeito, a única forma fiel de registar as minhas impressões é dar uma descrição completa e imparcial do que aconteceu, deixando a quem lê a liberdade de tirar as suas próprias conclusões.

Em primeiro lugar, quero registar que estive em casa do Sr. Dennis Bradley, em Dorincourt, Kingston Vale, no domingo, 8 de Março, como seu convidado. O Sr. Bradley é meu amigo, e seria impertinente da minha parte questionar a sua integridade moral. O Sr. Bradley trouxe da América o Sr. Valiantine, um médium americano muito conhecido, e o propósito da visita era participar numa chamada sessão de voz direta.

Cheguei às seis da tarde, e tivemos uma conversa agradavelmente informal, seguida de um jantar igualmente descontraído. A sessão decorreu numa sala de estar de tamanho médio, das oito e meia às onze e meia da noite. Conheci a esposa de Dennis Bradley pela primeira vez nessa noite, assim como a Sra. Dawson Scott, e também a Srta. Fay Compton, que conheço há muitos anos. Conversámos sobre espiritualismo, teatro, livros, pessoas — enfim, uma conversa geral.

Após o jantar, que terminou por volta das oito e vinte, fui com o Sr. Bradley e o Sr. Valiantine até à pequena sala de estar, enquanto as senhoras se dirigiram para a sala de visitas, e nós preparámos os cilindros ou trombetas usados durante a sessão. Gostaria de referir que o Sr. Valiantine é um cidadão americano de constituição robusta, algo corpulento, com um marcado sotaque americano, e que nada nele poderia ser descrito como sobrenatural — qualquer pessoa comum, ou mesmo uma pessoa artística, já terá visto 'Srs.

Valiantine' a andar pelas ruas ao longo de trinta anos de vida. A preparação consistiu em colocar os cilindros numa lâmpada de alabastro que, ao acender-se, fazia brilhar as extremidades e os lados pintados com tinta fosforescente (o objetivo disto será explicado mais adiante).

Gostaria de salientar que meço mais de um metro e oitenta, e que, mesmo subindo para uma cadeira com um dos cilindros na mão, esticando os braços completamente para cima, não conseguiria tocar no teto. Havia um gramofone na sala, onde, durante a sessão, foram tocados discos de John McCormack, Clara Butt, Galli-Curci e música jazz, mas sempre que alguma voz espiritual se manifestava, o gramofone era parado pelo Sr. Bradley.

A sala, completamente coberta por cortinas que impediam qualquer entrada de luz, era aquecida por um radiador e tinha apenas uma porta, que permaneceu fechada durante toda a sessão. O Sr. Valiantine nunca entrou em transe durante o decorrer da sessão e falou várias vezes, embora nunca, que me lembre, enquanto alguma das vozes espirituais estava a falar. Tem uma forma peculiar de dizer 'muito bom' e ri-se de forma bastante sonora de tudo o que o diverte."

Dennis Bradley estava mais próximo da porta; à sua direita encontrava-se o Sr. Valiantine; à direita deste, a Sra. Bradley; à sua direita, eu próprio; à minha direita, a Sra. Dawson Scott; à direita da Sra. Dawson Scott, a Srta. Fay Compton; e à direita da Srta. Fay Compton, o Sr. Dennis Bradley. O gramofone estava colocado entre o Sr. Bradley e o Sr. Valiantine. No centro deste círculo foram colocadas as duas trombetas ou cilindros; as luzes foram apagadas e iniciámos a sessão. Ouviu-se um disco com Clara Butt a cantar e, quando terminou, foi recitada a Oração do Pai Nosso com perfeita reverência e simplicidade. Fora isso, e um momento em que se cantou "Avante, Soldados de Cristo", não houve qualquer cerimónia religiosa; na verdade, tudo decorreu com leveza e de forma notavelmente natural para todos nós.

E agora passo ao que de facto aconteceu. O primeiro fenómeno invulgar foi que senti, de forma bastante nítida, que fui tocado. Mencionei-o, foi-me dito que agradecesse, e assim fiz. Depois disse que estava habituado ao procedimento geral de uma sessão espírita e que, de facto, não desejava mais instruções. As extremidades e os lados das trombetas brilhavam no escuro, e pouco depois vi uma delas mover-se lentamente na minha direção, sem qualquer meio de apoio visível. Mais tarde, surgiu um som que parecia vir do chão. Dennis Bradley disse: "É a voz do Dr. Barnett a dizer boa noite." Logo a seguir, surgiu uma voz com um acentuado sotaque irlandês, aparentemente vinda de lugar nenhum, que proferiu algo. O Sr. Bradley apresentou-a como a voz, creio eu, de Pat O'Brien.

Em seguida, ouviu-se uma voz grave e estranha, apresentada pelo Sr. Bradley como sendo de Kokum. Depois, uma voz feminina, pequena, quase infantil, apresentada como Feda, o espírito-guia da Sra. Osborne Leonard. Em seguida, muito acima, no teto, surgiu uma voz muito aguda, quase como a de um papagaio, e aqui devo dizer que era uma voz, para mim, curiosamente clara e com um timbre fora do comum.

O Sr. Bradley apresentou-a como sendo de Bert Everett, que, segundo compreendo, é cunhado falecido do Sr. Valiantine. O Sr. Bradley perguntou a Bert Everett como estavam as condições nessa noite, e a voz respondeu: "Exquisito." Não posso dizer que aprecie a voz do Sr. Everett; não era musical e parecia extremamente artificial, mas era, sem dúvida, claríssima.

Das vozes ouvidas, Dr. Barnett e Bert Everett voltaram a manifestar-se. Everett falou intermitentemente durante toda a sessão, e o Dr. Barnett por um longo período no final. Os restantes não voltaram a falar. Mais uma vez, quero sublinhar que Everett falava sempre vindo do alto da sala. O Dr. Barnett parecia estar ao nível do chão — na verdade, parecia que, se pegássemos numa das trombetas do chão, o encontraríamos sentado calmamente por baixo. A voz do Dr. Barnett era muito profunda, respondia às perguntas sempre com rapidez e clareza, e tinha um riso peculiar. Sem querer ofender, não creio que tivesse grande consideração pela nossa — ou talvez devesse dizer pela minha — inteligência, pois ao terminar cada resposta às minhas perguntas, soltava um riso, mas não um riso caloroso.

Durante a sessão, uma das trombetas começou a mover-se pelo ar, descrevendo círculos e flutuando por cima das nossas cabeças, chegando por momentos a tocar no teto como uma mariposa (ouvi claramente o som do seu bater no teto). A trombeta girava e acabou por parecer suspensa em frente à Srta. Fay Compton. Volto a frisar que a trombeta era perfeitamente visível, pois estava pintada com tinta luminosa. Através dela, uma voz tentou sussurrar ou falar com a Srta. Compton, e, por fim, o seu pai, Mr. Edward Compton, falou, dizendo mais tarde que "Harry estava ali".

Harry revelou ser Harry Pelissier, e a Srta. Compton manteve uma longa conversa com este espírito em tom natural e quotidiano. Num momento, ela não conseguiu perceber bem o que tinha sido dito através da trombeta, e, como eu ouvi claramente, disse-lho; de imediato, a trombeta voou até mim, e uma voz disse: "Obrigado, senhor!" e logo regressou à Srta. Compton. A dada altura, o espírito enviou um beijo pela trombeta, e esta regressou suavemente ao chão.

A Srta. Compton expressou então o desejo de que este mesmo espírito falasse comigo e, se possível, que o espírito de Billie Carleton se manifestasse. Ambas as coisas aconteceram, em momentos diferentes. Tive uma breve conversa com o espírito de Harry Pelissier sobre o tempo em que ele esteve no Hotel St. Mildred's, em Westgate-on-Sea, e Billie Carleton teve uma conversa casual com Fay Compton, enviando cerca de oito beijos pela trombeta — de carácter bem distinto do enviado por Pelissier.

Pouco depois, enquanto o Sr. Bradley colocava um novo disco e, certamente, durante parte da sessão, o gramofone — apesar de completamente carregado — tocava de forma intermitente, fazia pausas e comportava-se de modo estranho. Foi sugerido a Bert Everett, que entretanto voltara a manifestar-se, que fosse Harry Pelissier a pregar partidas. Everett concordou imediatamente, exclamando: "Foi o marido da senhora. Ele tem muito humor."

Devo dizer que, sempre que um espírito falava pela trombeta (com exceção do Dr. Barnett, que parecia falar debaixo dela), o cilindro elevava-se no ar com a extremidade larga ligeiramente acima do nível da boca de uma pessoa sentada, num ângulo de cerca de cento e trinta e cinco graus.

À Sra. Dawson Scott, através de uma das trombetas, manifestaram-se dois espíritos: um dizia ser "o Avô Dawson" e o outro, o seu marido. Não compreendi bem o que disseram — ouvi mal — e não creio que a Sra. Dawson Scott tenha sido muito cooperante, se é que tal ajuda seria necessária. A mim, dirigiu-se uma voz espiritual que, após alguma insistência e persuasão da minha parte, se identificou como "Freddy." Aceitei-o como tal e tratei-o por "Bay," alcunha de um primo meu chamado Frederick Morris, que foi morto na guerra. Falou comigo com interesse pelos meus filhos, e eu disse-lhe o quanto lamentava a sua morte.

Ele respondeu: "Oh, não te preocupes, estou bem vivo," e creio — embora não com certeza — que enviou o seu amor a alguém chamado "Louise" ou "Luísa"; até onde sei, não conheço ninguém com esse nome. Também gostaria de salientar que ninguém na sala sabia que eu tinha um primo chamado "Freddy" que morreu na guerra. Isso faz seis vozes espirituais que falaram pela trombeta elevada. Nenhuma delas, exceto a de Harry Pelissier, me pareceu ter uma personalidade marcante, e não sou capaz de julgar se ele falava tal como fazia em vida. Um rapazinho chamado Bobby também falou durante a sessão.

Tinha um ligeiro sotaque americano e dizia: "Yes, sir" e "No, ma'am." Tive uma pequena conversa com ele sobre se preferia rapazes ou raparigas, e contei-lhe que tinha duas filhas. Ele mostrou desejo de as conhecer e, quando consenti, sugeriu que fosse comigo nessa mesma noite depois da sessão. Disse-lhe que provavelmente as encontraria a dormir, ao que respondeu: "Oh, não te preocupes, não as vou acordar." Depois disse que tentaria ver-me na manhã seguinte e bater em algum sítio perto da minha cama. Pedi-lhe que não viesse muito cedo, e ele perguntou: "Ficas na cama o dia todo?" Respondi: "Às vezes até um pouco tarde," e foi tudo o que soube sobre Bobby. Era, sem dúvida, uma criança encantadora e lamentei não o ter sentido na manhã seguinte.

Não quero que quem leia isto pense que houve alguma construção acumulativa rumo a um grande clímax ou desfecho dramático. A ordem dos acontecimentos pode estar algo imprecisa, e deixei propositadamente para o fim aquele que, para mim, foi o fenómeno mais marcante. Senti uma sétima presença na sala — algo muito mais tangível do que tudo o que descrevi até agora — e, finalmente, uma voz bem modulada, de um homem de meia-idade, falou com o Sr. Bradley e depois com a Sra. Bradley.

Era, segundo o Sr. Bradley, a voz de Warren Clarke. Falou do seu grande desejo de ver e falar com certas pessoas. Insistia muito para que fossem levadas até ali, e, enquanto falava com o Sr. e a Sra. Bradley, era quase como se se sentisse a sua voz mover-se de um lado para o outro da sala, e com grande rapidez. Estava a falar com a Sra. Bradley quando foi apresentado à Srta. Compton, e disse: "Fico muito feliz por vê-la aqui, Srta. Fay Compton."

Era como se se pudesse sentir o virar da sua cabeça de uma pessoa para a outra. A mesma força de personalidade, a mesma clareza, a mesma voz bem modulada — mas desta vez em

tom feminino — surgiu quando a irmã do Sr. Bradley também falou, como aconteceu durante a sessão. Da mesma forma, pude sentir a sua personalidade; quase podia perceber os seus movimentos. Estes dois espíritos, Warren Clarke e a irmã do Sr. Bradley, foram os mais definidos em termos de presença humana.

O facto de terem falado em tons perfeitamente naturais e comuns, como os nossos, tornou a situação vivida naquela noite extremamente insólita. Não consigo encontrar nenhuma explicação normal para o que ocorreu, por mais que tenha pensado no assunto. Se o Sr. ou a Sra. Bradley me tivessem dito que tal coisa poderia acontecer, talvez tivesse duvidado. Mas ouvi ambos os espíritos e senti a presença de ambos, e registo aqui que acredito ter ouvido os espíritos dessas duas pessoas a falar naquela sala, na noite passada.

No final da sessão, o Dr. Barnett falou durante algum tempo. Perguntou-nos se algum de nós queria colocar-lhe perguntas. Muitas foram feitas e respondidas, mas não pretendo abordá-las agora. Mencionarei apenas uma que eu próprio coloquei e a resposta que recebi. A pergunta foi: "Jesus Cristo era o Filho de Deus?" Ele respondeu: "Filho do homem, de pai e mãe materiais, tal como tu ou eu."

Não posso evitar que tal pergunta seja considerada uma blasfémia da minha parte: foi feita com seriedade, com o desejo de saber a resposta de alguém que, se de facto estivesse morto, segundo a minha religião, deveria estar em posição de saber. Limito-me a registar a resposta que me foi dada. Pouco depois, a sessão foi encerrada e as luzes acesas. Tinha durado três horas. Tudo, tanto quanto pude ver, estava exatamente como antes de se apagarem as luzes.

Gostaria de acrescentar que, quando o rapazinho Bobby estava a falar, foi-lhe pedido que levantasse uma das trombetas; o que fez. Foi então solicitado a levantar ambas, o que também conseguiu, ficando assim as duas trombetas a flutuar no ar. Examinei-as depois e estavam cobertas de humidade. O Sr. Valiantine não parecia minimamente cansado, nem as suas cordas vocais davam sinais de esforço, nem havia suor na sua testa. Estava tão calmo e sereno como quando o conheci, antes do jantar. Achei-o um homem muito encantador, e agradeci-lhe por uma experiência verdadeiramente notável. Não posso explicar esta experiência. Só posso registá-la, a pedido do meu amigo, o Sr. Bradley, que teve a amabilidade de me apresentar ao Sr. Valiantine.

III

Dois dias depois, recebi uma carta entusiástica da Sra. Dawson Scott, na qual dizia, entre outras coisas:

"Escrevo para agradecer-lhe a prova conclusiva, no que me diz respeito. Deu-me aquilo de que precisava!"

E também esta da Srta. Fay Compton:

"Escrevo para agradecer-lhe a maravilhosa experiência que me proporcionou no domingo à noite. Estou-lhe tão grata. Se pudesse voltar a assistir e trazer o meu marido (Leon

Quartermaine), que está extremamente interessado, não imagina o quanto isso me agradaria."

CAPÍTULO XX

Outra sessão na sede da S.P.R. — Uma noite absurda — O autor, ausente, critica as condições da S.P.R. — Obstáculos impostos pela falta de inteligência.

Segunda-feira, 9 de Março de 1925

Esta foi a noite marcada para a segunda sessão com a Society for Psychical Research, em Tavistock Square.

Na sexta-feira anterior, recusei-me a voltar a sentar-me lá. Esta sessão decorreu, portanto, sem a minha presença.

Para além de George Valiantine, estiveram presentes a minha esposa, o Dr. V. J. Woolley, o Sr. E. J. Dingwall, o Sr. Hannen Swaffer e duas das senhoras que tinham estado na sessão anterior e que continuam, para mim, anónimas. A terceira senhora anónima, que estivera na sessão anterior e que tanto me irritou com a sua atitude tola e completa inexperiência, não esteve presente.

As duas senhoras que participaram desta vez não tinham qualquer experiência prévia numa sessão de voz direta.

A sessão durou cerca de uma hora e meia, e nada aconteceu. Nenhuma voz de qualquer espécie conseguiu manifestar-se ou penetrar a atmosfera. Parece-me que uma das primeiras coisas que a Society for Psychical Research precisa de estudar são as condições sob as quais os fenómenos podem ocorrer. Atmosfera, vibrações, localização e mentalidade são de importância fundamental para se obterem resultados.

Na fase atual do seu desenvolvimento, o fenómeno da voz repousa sobre o mais delicado dos fios. Consoante as condições, as vozes que se ouvem podem ser extraordinariamente claras, moderadamente distintas ou extremamente fracas na articulação, e por vezes não conseguem manifestar-se de todo.

O médium é apenas um instrumento passivo, que pode falar com as vozes ou até em simultâneo com elas.

Sou membro da Society for Psychical Research e fui eu quem lhes apresentou, pela primeira vez, esta rara forma de fenómeno.

Que me conste, nunca antes se realizou qualquer sessão de voz direta na Society for Psychical Research até àquela que registei no Capítulo XVII, em 6 de Março de 1925.

Durante a presente série de experiências com Valiantine, todas as sessões realizadas têm sido, no verdadeiro sentido, sessões de teste. Em Dorincourt testamos com o mesmo rigor que nas instalações da S.P.R. ou noutro lugar qualquer. O verdadeiro teste é a quantidade de provas oferecidas espontaneamente pela voz quanto à sua identidade e personalidade sobrevivente.

Com a minha experiência prolongada, sou agora capaz de perceber quase de imediato quando a atmosfera e as vibrações são boas — e quando são impossíveis.

Tanto o Dr. Woolley como o Sr. E. J. Dingwall demonstram ostensivamente vontade de fazer tudo o que puderem para apoiar este trabalho de investigação. Sendo assim, oferecerei certamente novas oportunidades para a observação do fenómeno da voz.

Com o conhecimento pessoal que possuo, como um dos investigadores científicos mais avançados nesta área, insistirei, no entanto, que cada experiência seja feita sob condições favoráveis à obtenção dos melhores resultados.

Este estudo é mental, não físico.

Recebi dezenas de pedidos de membros da Society for Psychical Research que desejam assistir às experiências realizadas em Dorincourt.

Num dos principais jornais de Londres, por esta altura, foi mencionado que um membro de destaque da Sociedade teria dito:

"Na nossa sala especial de sessões temos uma jaula metálica, e foi proposto que o Valiantine fosse eventualmente colocado lá dentro durante as sessões, para garantir que os fenómenos fossem produzidos sob verdadeiras condições de teste."

Essa jaula metálica estava, de facto, na sala na primeira noite em que participei numa sessão. Para mim, era um objeto ofensivo. Não sabia se a Sociedade tencionava usá-la — e o Dr. Woolley assegurou-me que não — mas, se tal tivesse sido sugerido, eu teria recusado a sua utilização, pois sentir-me-ia insultado na minha inteligência enquanto investigador.

Será que esse "membro de destaque" da Sociedade imagina que se trata de um espectáculo de ilusionismo?

As comunicações por vozes independentes, fornecendo provas de identidade, já foram feitas em todas as línguas europeias e em muitas orientais. Isso constitui uma prova mental extraordinária — e é unicamente esse tipo de prova que procuramos obter.

Esta é uma investigação de tal importância que acabará, em última instância, por influenciar a opinião do mundo inteiro. Não pode haver obstáculos impostos pela ignorância ou falta de inteligência nesta grande área de estudo.

CAPÍTULO XXI

O espírito do Dr. Barnett explica o que está errado com a S.P.R. — Northcliffe fala com Mr. Gonnoské Komai, o famoso poeta japonês — A Hon. Sra. Fitzroy Stanhope recebe provas — Uma conversa em japonês — A condessa Ahlefeldt-Laurvig fala com um espírito em dinamarquês e russo

Terça-feira, 10 de Março de 1925

I

Valiantine estava ansioso por saber, através do seu espírito-guia, o Dr. Barnett, exatamente o que se passava com as condições na Praça Tavistock e, apesar de termos combinado receber convidados nessa noite, pediu à minha mulher que se sentasse com ele a sós durante alguns minutos depois do jantar. Sentaram-se no meu escritório. Não foi tocada música e a voz do Dr. Barnett manifestou-se em menos de três minutos.

O Sr. Hannen Swaffer, que estava presente nessa noite, ficou comigo na sala de estar, de onde ouvimos a conversa. Fomos depois escutar junto à porta do escritório. Três vozes conversavam entre si — Valiantine, a minha mulher e a voz forte do Dr. Barnett.
Esta foi a primeira vez que o Sr. Swaffer ouviu uma voz espiritual do lado de fora da porta, e ficou profundamente impressionado. Ouvimos cada palavra.
Segue-se um breve relato da conversa que teve lugar:

MRS. BRADLEY: Sabe porque estamos aqui, doutor, não sabe?

DR. BARNETT: Sim, ouvi-vos falar sobre o assunto.

MRS. BRADLEY: Bem, pode dizer-nos o que correu mal ontem à noite e porque não conseguiu comunicar?

DR. BARNETT: Não, não quero falar sobre esse assunto; prefiro não o fazer.

VALIANTINE: Não nos pode dizer porque foi tão difícil, doutor?

MRS. BRADLEY: O George (*1) está tão preocupado com isso.

*1 Valiantine.

DR. BARNETT: Os espíritos sentem-se insultados pela atitude que têm para connosco. Este é um tema que deve ser abordado com reverência, e não com truques e engenhocas.

MRS. BRADLEY: Sim, doutor, compreendo, mas estou certa de que o Dr. Woolley e o Sr. Dingwall estão verdadeiramente empenhados em criar as condições certas e em fazer o que for necessário, conforme aquilo que considere melhor.

DR. BARNETT: Eles não conseguirão fazer nada até que mudem a forma de pensar.

MRS. BRADLEY: Seria melhor se nos sentássemos naquela salinha onde tomamos café ao chegar?

DR. BARNETT: Não, toda a atmosfera é má.

MRS. BRADLEY: Bem, doutor, se trouxermos o Dr. Woolley aqui, a esta sala, dir-lhe-á pessoalmente o que está errado e o que deve fazer?

DR. BARNETT: Sim, fá-lo-ei.

Depois da sessão negativa na S.P.R., na segunda-feira, 9 de Março, o Dr. Woolley veio ter comigo no dia seguinte e pediu-me que perguntasse ao Dr. Barnett, na próxima reunião que realizássemos, o que havia de errado com as condições. Deve notar-se que este pedido do

Dr. Woolley — para que se pedissem instruções a uma voz espiritual — é particularmente significativo. O Dr. Woolley já ouviu o Dr. Barnett falar em quatro ocasiões; portanto, conhece a inteligência deste espírito.

II

Dez minutos depois de Valiantine ter falado com o Dr. Barnett, os meus convidados para a noite chegaram. Valiantine não lhes foi apresentado; nem sequer viu os seus rostos até entrarmos no meu escritório, onde as luzes se apagaram dois ou três segundos depois.
Os nossos convidados eram a Condessa Ahlefeldt-Laurvig, a culta esposa do Ministro Dinamarquês; a Honorável Sra. Fitzroy Stanhope; e Gonnoské Komai, o famoso poeta japonês.

Nenhum destes participantes tinha tido experiências anteriores com a voz direta; nem poderiam ser descritos como espiritualistas, no sentido comum do termo.
Estavam também presentes o Sr. Hannen Swaffer, a minha mulher, eu próprio e Valiantine.
As condições estavam excelentes e parecia haver uma harmonia total entre os presentes.
Foi, de facto, uma noite brilhante. No total, onze vozes espirituais distintas comunicaram connosco.

Dos guias, o Dr. Barnett e Bert Everett falaram connosco em várias ocasiões.
Recebi de Bert Everett a palavra-passe de que a atmosfera era "esquisita".
Pat O'Brien falou com vários dos presentes, e Kokum e Hawk Chief intervieram em duas ocasiões com as suas vozes imponentes. Bobby Worrall permaneceu connosco durante algum tempo, conversando com quase todos nós, e manteve um diálogo particularmente encantador com Gonnoské Komai.

As trompetes luminosas foram levantadas e rodopiadas pela sala a uma velocidade vertiginosa, e também erguidas até ao teto por Hawk Chief. Ambas as trompetes foram erguidas simultaneamente por Bobby Worrall.

Warren falou com facilidade e fluência na voz independente, tanto com a minha mulher como comigo. Lord Northcliffe comunicou em duas ocasiões com o Sr. Swaffer. Também conversou com o Sr. Komai, que conhecia pessoalmente, pois Northcliffe, quando ainda em vida, tinha grande apreço pelos dotes literários de Komai.

À Honorável Sra. Fitzroy Stanhope surgiu uma voz através de uma das trompetes; a voz disse espontaneamente chamar-se Evelyn, estabeleceu a sua identidade e conversou com ela durante algum tempo.

Uma voz dirigiu-se ao Sr. Gonnoské Komai em japonês. Inicialmente indistinta, essa voz acabou por mencionar nomes e lugares específicos, tendo também afirmado que cometera "Hari-kari". Embora o Sr. Komai não tenha conseguido identificar definitivamente o espírito, disse que suspeitava de quem se tratava.

Nenhum de nós, naturalmente, falava japonês, mas, durante a conversa, a Condessa Laurvig afirmou ter ouvido claramente algumas palavras japonesas proferidas pelo espírito.
Uma voz dirigiu-se à Condessa Laurvig, e ela respondeu-lhe em dinamarquês. A voz, ao

responder, disse: "Fala comigo em russo" e declarou ser o seu irmão Óscar. Falaram durante algum tempo em russo.

Considero esta noite extraordinariamente notável. Que melhor prova se poderia desejar do que ter três participantes conduzidos à sala, completamente desconhecidos do médium, e, ao longo da sessão, obter comunicações em dinamarquês, russo e japonês?

Os tolos que falam em enclausurar um grande médium como se fosse um macaco deviam esforçar-se por compreender que esta noite constituiu uma das provas mais exigentes concebíveis.

III

Dois dias depois da sessão descrita neste capítulo, recebi uma carta da Honorável Sra. Fitzroy Stanhope, dizendo:

"... Foi absolutamente convincente e foi uma alegria receber a minha mensagem."
O Sr. Gonnoské Komai, ao agradecer-me por aquilo que descreveu como "uma oportunidade única e maravilhosa de presenciar a experiência da voz", escreveu, entre outras coisas: "Jamais esquecerei! Lamento muito não ter conseguido reconhecer o cavalheiro que se esforçou tanto por comunicar comigo na minha língua natal. Mas suponho que não devo estar demasiado ansioso por isso, segundo o conselho que nos foi dado pelo Doutor naquela noite.

"Também queria fazer ao Dr. Barnett muitas perguntas — internacionais — mas estava muito envergonhado na altura, sendo a primeira noite em que presenciei uma experiência tão maravilhosa."

A Condessa Ahlefeldt-Laurvig escreveu também:

"Obrigada pela sua imensa gentileza em me permitir estar presente naquela maravilhosa sessão de ontem à noite. Não consigo exprimir o quanto apreciei a experiência e o quão profundamente grata lhe estou por me proporcionar esta vivência extraordinária e inesquecível, especialmente sabendo que toda a Grã-Bretanha lhe pede acesso às suas sessões."

Na manhã seguinte a essa sessão, recebi uma carta do Capitão C. J. Astley Maberley, relatando um incidente que considero de grande importância, acompanhada de uma cópia da carta que ele escreveu à Society for Psychical Research. Esta carta é de tal interesse que penso ser pertinente citá-la:

"Desejo informar a vossa Sociedade que, numa sessão realizada na casa do Sr. H. Dennis Bradley a 19 de Fevereiro passado (com a mediação de Valiantine), entre as várias vozes que se manifestaram, ouviu-se a de 'Bert Everett', um dos guias de Valiantine. Este espírito utiliza uma voz diferente da que tinha em vida, por motivos que já explicou, sendo essa voz de carácter bastante distinto.

No dia 7 de Março assisti a uma sessão em Hockley House, a convite do meu anfitrião, o Reverendo L. Corbett. O Sr. Corbett também tinha ouvido Everett falar na casa do Sr. Bradley, embora noutra ocasião diferente da minha.

Essa sessão em Hockley foi conduzida com o médium Evan Powell.

Entre várias outras vozes, manifestou-se uma voz espiritual que se apresentou como 'Bert Everett'; mas logo que falou — antes mesmo de dizer o nome — tanto o Sr. Corbett como eu reconhecemos a voz como sendo a de Bert Everett, com o mesmo timbre, embora não tão forte como a ouvida na casa do Sr. Bradley.

A certa altura, pedi-lhe que falasse connosco com a sua própria voz — e assim fez. A voz espiritual é assumida por razões de vibração. O Sr. Evan Powell nunca conheceu nem esteve em sessão com Valiantine, e nunca teve qualquer oportunidade de ouvir a voz de Everett. Considero isto um ponto importante, pois trata-se de uma verificação cruzada da mesma voz espiritual."

Trata-se de uma evidência verdadeiramente notável, uma vez que relata o reconhecimento do timbre exato da voz do espírito de Bert Everett por dois senhores que o tinham ouvido em ocasiões distintas em Dorincourt e que, posteriormente, ouviram essa mesma voz em Hockley.

CAPÍTULO XXII

Relato do Sr. Hannen Swaffer sobre uma sessão bem-sucedida — Kokum canta a sua canção favorita — Mensagem de Charles Garvice para a sua esposa — Northcliffe arranja uma secretária para Miss Louise Owen — A nova palavra do Dr. Barnett: "hipostático."

Quarta-feira, 11 de Março de 1925

I

Eu não estava na sala durante esta sessão, pois repousava na sala contígua ao meu escritório. Durante toda a noite, do local onde me encontrava, conseguia ouvir nitidamente várias das vozes espirituais a conversarem com os participantes. Transcrevo o relato do Sr. Hannen Swaffer sobre o que se passou.

Esta sessão foi ainda mais extraordinária do que a da noite anterior. Bradley não esteve presente, permanecendo na sala ao lado.

O círculo era composto por Mrs. Alice Graham, mãe de Winifred Graham, a escritora; Alfred Morris de Tankerton, Whitstable; Louise Owen, Madeline Cohen, Mrs. Bradley, Valiantine e eu próprio. Estabeleceu-se imediatamente uma harmonia perfeita, o que fez com que, quase logo após a oração do Pai Nosso, a voz do Dr. Barnett dissesse: "Boa noite, almas." Pouco depois, a voz de Bert, o segundo guia, saudou-nos do alto da sala e, quando lhe perguntaram como estavam as condições, respondeu: "Esquisitas." E de facto pareciam estar.

Depois, um a um, foram chegando: Pat O'Brien disse algumas frases, dirigindo-se à maioria dos presentes e apresentando-se aos novos. Hawk Chief disse uma ou duas palavras, e

Kokum gritou tão alto que se poderia ouvi-lo da rua. Após alguma insistência, cantou a sua canção favorita, "La Paloma", proveniente de alguma ópera italiana. Enquanto a cantava, produziu um volume de som tremendo.

Feda, que apareceu logo no início, falou comigo primeiro, dizendo: "Boa noite, Swaff."
A sua voz foi um verdadeiro milagre de clareza, com o dobro do volume de qualquer outra vez que a ouvi. Conversou com quase todos os presentes, brincou com o Sr. Morris, a quem chamou "Alf", (*1) e, após uma conversa muito agradável, disse: "Mrs. Graham, o seu marido está aqui."

**1 Feda já tinha, ao que parece, falado anteriormente com o Sr. Morris através da médium Mrs. Osborne Leonard.*

Mrs. Graham tinha participado em duas outras sessões com Valiantine na esperança de falar com o seu querido. A primeira foi, em grande parte, infrutífera — o marido não apareceu. Na segunda, ele falou, mas ela não conseguiu perceber bem tudo o que disse. Mrs. Graham tem alguma surdez, por isso foi uma sorte eu estar sentado ao seu lado.
A voz do Sr. Graham, contudo, era mais clara do que estas vozes costumam ser. A atitude da trompete luminosa durante a sua presença foi, diria eu, afetuosa. Pousava na cabeça de Mrs. Graham e acariciava-lhe os braços.

"Diz à Winnie que tenho ajudado com o livro dela," disse ele. "Estou sempre em casa. Manda-lhe o meu amor."

Foram várias frases deste género, todas carregadas de uma ansiedade afetuosa.
"Vou dar-lhe um título para o novo livro," acrescentou.

Mrs. Graham então disse: "Gostava tanto que o Garvice falasse."

Charles Garvice, o romancista, era um amigo muito querido. Imediatamente após estas palavras, a trompete aproximou-se dela novamente. Tudo indica que possuía algum sentido intuitivo da presença de Garvice, pois foi ele quem lhe falou.

"Manda o meu amor à minha esposa," disse, e depois falou sobre a sua filha, que está viva, e sobre a filha Olive, que faleceu há quatro meses.

"Ela está comigo," afirmou.

Pouco depois, a trompete luminosa dirigiu-se ao Sr. Morris e disse algo que não consegui ouvir.

"És tu, Alstrom?" perguntou Morris.

"Sim," veio a resposta, numa voz muito clara, que continuou assim com notável nitidez.

Charles Alstrom, que era fabricante de mobiliário de escritório, com negócios no mesmo edifício da Great Eastern Street onde funcionava a empresa do Sr. Morris, tinha falecido há apenas alguns meses. Quando Morris falou recentemente com o pai, este disse-lhe que Alstrom estava a fazer grandes progressos no além; tal ficou evidente pela clareza da sua fala.

O espírito de Alstrom enviou cumprimentos ao seu filho e, conversando com Morris, manifestou o seu contentamento por este estar agora a negociar o arrendamento das instalações que ele próprio ocupara.

A ligação entre ambos foi tal que, para um estranho, pareceria algo sensacional, tal era o grau de entendimento demonstrado entre Alstrom e Morris. Estas visitas espirituais só ocorrem, reparo eu, quando a sessão é extremamente harmoniosa e não há lugar a dúvidas. Depois, o espírito de Alstrom disse a Morris que estava sempre com o seu pai e que eram grandes amigos no outro mundo.

Logo de seguida, o pai de Morris manifestou-se e confirmou tudo isso.

Se o Sr. Morris fosse um participante novo, a noite teria sido para ele uma revelação. Sendo já experiente, esta foi, ainda assim, a melhor sessão que jamais tivera, pois, apesar de investigar o espiritualismo há anos, a sua melhor experiência até então tinha sido numa sessão com Evan Powell organizada por Conan Doyle.

Depois Feda regressou e disse: "O Chefe está aqui." Segundo Feda, que assim o disse a Mrs. Bradley noutra sessão, o mundo espiritual agora chama Lord Northcliffe de "o Chefe." Parece que ouviram este título ser repetido tantas vezes nas sessões que acabaram por se habituar.

Após uma pequena pausa, a voz de Northcliffe falou de forma independente, cerca de dois metros acima do chão. Estava mais forte do que nunca a ouvira antes.

Esqueci-me do que Lord Northcliffe me disse — foi ele quem falou comigo primeiro — foram apenas umas palavras; mas, logo de seguida, dirigiu-se a Miss Owen, chamou-a de "Louise" e disse-lhe "para continuar com a secretária".

Isto constitui uma prova significativa, pois, dias antes, Louise Owen tinha recebido uma mensagem de Northcliffe por escrita automática, dizendo que lhe encontrara uma secretária espiritual. Ela não contara isto a ninguém; no entanto, o Northcliffe que se manifestou na nossa sessão sabia perfeitamente do assunto.

Pouco depois, Northcliffe disse-lhe: "Obrigado pelas flores. Sei que as trouxeste para mim," e soltou uma gargalhada alta, tal como costumava fazer em vida. Foi um gesto tipicamente "Northcliffeano", pois a verdade é que Miss Owen trouxera algumas flores para Mrs. Bradley, mas Northcliffe — que, em vida, tinha o hábito de se apropriar de atenções destinadas a outros — estava, obviamente, a brincar, fingindo que as flores lhe eram destinadas. Ele era, de facto, um grande apreciador de flores. Elas estavam sempre presentes nos seus aposentos.

Northcliffe, como era habitual, dirigiu-se apenas às pessoas que conhecia entre os presentes. A única terceira pessoa a quem se dirigiu foi Madeline Cohen, a quem disse: "Madeline, fico feliz por te ver aqui."

Essas foram todas as mensagens pessoais da noite, que se destacou pela rapidez com que as conversas se sucediam e pela forma como os guias espirituais entravam e saíam do

círculo, cada um com personalidade, voz, modos e sotaque distintos. Foi também uma sessão superior às habituais, no sentido em que Valiantine, logo após uma manifestação espiritual, fazia observações involuntárias, por vezes um segundo depois da voz do espírito se calar. Em alguns casos, as vozes espirituais estavam provavelmente a mais de dois metros de distância dele, e, ainda assim, os seus comentários surgiam, como sempre, imediatamente após, a partir do seu lugar.

A sessão foi igualmente notável por um outro episódio: quando pedimos a Kokum que erguesse as trompetes — tal como já o havíamos feito antes — ele agarrou-as num segundo e começou a rodopiá-las como bastões de malabares, bem alto, junto ao teto. Parecia que algum gigante se encontrava na sala — não fora o facto de nenhum gigante conseguir manobrar os objetos com tamanha leveza e, ao mesmo tempo, precisão. Também Feda foi convidada a levantar as trompetes, e respondeu com uma espécie de imitação infantil, assim que lho pediram, de forma tal que nenhum médium se arriscaria a simular aquilo.

Considero estas manifestações, por mais teatrais que possam parecer, como altamente probatórias.

No final, o Dr. Barnett disse que a energia estava a esgotar-se e, como era habitual, trocámos algumas palavras com ele. Dirigindo-se a mim, disse: "Sr. Swaffer, o seu nome está inscrito na história do mundo espiritual pelo grande trabalho que tem feito."

Respondi que tinha recebido grande ajuda do outro lado no meu trabalho e, tendo sido assim elogiado, atrevi-me a perguntar ao Dr. Barnett se estaria disposto a apoiar as nossas sessões na S.P.R.

"Sei que é tolice," disse eu, "mas este é um mundo tolo, e só podemos lidar com ele tal como é. Compreendo bem o seu ponto de vista e, em muitos aspetos, até concordo consigo. No entanto, sinto que, tendo Valiantine iniciado estas sessões na S.P.R., deve continuar com elas, e que o senhor deveria ajudar a que sejam bem-sucedidas."

Dr. Barnett, que até então demonstrara grande desprezo por todo o assunto, mostrou-se mais inclinado a colaborar.

"E se chamássemos o Dr. Woolley cá na sexta-feira?" perguntei.

"Falarei com ele e discutirei todo o assunto," respondeu.

Depois disse algo como: "Lamento por aquelas almas que não reconhecem que há vida depois da morte. Essas pessoas não são hipostáticas."

"O que quer dizer essa palavra, doutor?" perguntei. "Nunca a tinha ouvido até à semana passada, quando a utilizou."

"Significa que não estão em harmonia," explicou ele. "H-i-p-o-s-t-á-t-i-c-a!"

Dr. Barnett insistiu depois na necessidade de tentarmos evitar guerras, uma advertência frequente nas sessões. "Caso contrário," disse ele, "seguirá uma longa série de catástrofes e guerras. Cabe-nos fazer o melhor possível."

A lição desta sessão é fundamental para quem deseja comunicar com os seus entes queridos que partiram. Se se aborda o espiritualismo com amor e sincera empatia, obtêm-se resultados. Se, pelo contrário, se começa a interrogar os espíritos como se fossem ladrões ou carteiristas, é natural que se sintam ofendidos. Além disso, sessões como esta deixam-nos num estado espiritual muito mais elevado do que as sessões insípidas com céticos presentes, às quais por vezes assisti. Sai-se destas sessões com o espírito elevado, sentindo-se melhor.

Gostaria de registar aqui algo que Mrs. Bradley contou aos presentes após a sessão, e que já me tinha contado antes: na sexta-feira, doze dias antes, Sir Oliver Lodge partilhara com eles uma experiência que tivera com a sua família na noite de Natal, durante o jantar. Lodge tem doze filhos, que se sentaram à sua volta à mesa.

"Vamos fazer um jogo," disse ele. "Fingem que estou morto, e interroguem-me como se quisessem confirmar se sou ou não o vosso pai. Façam todas as perguntas que acharem que o provariam."

Durante uma hora, fizeram-lhe perguntas sobre acontecimentos da sua vida e da deles — e ele não conseguiu lembrar-se de nada do que eles recordavam. No final, disse: "Isso prova que não sou eu. Não sou o vosso pai!"

II

Logo após esta sessão, recebi uma carta de Mrs. Alice Graham, na qual escreveu:
"Uma noite maravilhosa e manifestações espirituais verdadeiramente incríveis."

O Sr. Alfred Morris escreveu:
"A sessão com esse grande médium, Valiantine, não foi apenas notável; foi muitíssimo convincente."

CAPÍTULO XXIII

O enigma da investigação do Dr. Woolley — Una, Lady Troubridge, e Miss Radcliffe Hall em Dorincourt — Lady Troubridge recebe provas — O pai de Miss Radcliffe Hall comunica com a filha — Novas provas mentais são estabelecidas.

Sexta-feira, 13 de Março de 1925

I

A última sessão realizada na Praça Tavistock, na sala da Society for Psychical Research, revelou-se negativa. O Dr. Woolley veio visitar-me durante a semana e pediu-me que perguntasse ao Dr. Barnett o que teria falhado. Informei-o do que o Dr. Barnett dissera.

O Dr. Woolley mostrava-se verdadeiramente empenhado em fazer tudo ao seu alcance para obter provas irrefutáveis e espontâneas, que fossem de grande valor para o trabalho da investigação psíquica.

Contudo, não sei ainda se o Dr. Woolley está mais interessado no estudo das faculdades supranormais do ser humano, ou se o seu objetivo é provar a sobrevivência da personalidade após a morte do corpo físico.

Pessoalmente, o meu único interesse reside nas provas da sobrevivência, pois creio que esse é o facto essencial que a civilização mais necessita de conhecer. É meu desejo oferecer à Sociedade provas inquestionáveis, que possam ser registadas nos seus arquivos.

Chegámos à conclusão de que, tendo-se comprovado que a atmosfera e as vibrações em Dorincourt produziam os melhores resultados, duas das principais investigadoras da Sociedade — Una, Lady Troubridge, e Miss Radcliffe Hall — deveriam deslocar-se até lá para aquilo a que se poderia chamar uma sessão de teste rigoroso, cujos resultados e eventuais provas seriam depois registados pela Sociedade.

Miss Radcliffe Hall fazia parte do Conselho da Society for Psychical Research há vários anos, e tanto ela como Lady Troubridge tinham obtido, ao longo dos últimos oito anos, provas relevantes da sobrevivência, através da mediunidade de Mrs. Osborne Leonard. Ambas são senhoras de grande inteligência e cultura, mas importa referir que têm pouca experiência no fenómeno da voz independente, uma forma rara com que tiveram escassas oportunidades de contacto.

II

Os participantes, para além do médium Valiantine, foram a minha esposa, o Sr. Hannen Swaffer, as três representantes da S.P.R. — Una, Lady Troubridge, Miss Radcliffe Hall — e eu próprio. Valiantine não foi apresentado às duas novas participantes, nem viu os seus rostos até entrarmos no escritório, momento em que as luzes foram apagadas poucos segundos depois.

Cerca de dez minutos depois, a voz espiritual do Dr. Barnett saudou-nos, e, pouco depois, Bert Everett falou-nos com a sua voz estridente, vinda do alto do teto, e deu-me a palavra-passe que tínhamos combinado que seria pronunciada caso as condições fossem favoráveis.

Durante a noite, vários guias espirituais materializaram as suas vozes e falaram connosco. A voz potente de Kokum vibrou por toda a sala, e Pat O'Brien falou com vários presentes. Feda manifestou-se e falou-nos no seu estilo habitual, utilizando a voz independente.

Não irei descrever com detalhe os fenómenos físicos sobrenaturais. Irei restringir-me estritamente às provas mentais que foram fornecidas.

A Una, Lady Troubridge, e a Miss Radcliffe Hall, manifestaram-se três espíritos diferentes, que declararam os seus nomes próprios e apelidos, identificando-se como personalidades sobreviventes.

Ambas as senhoras foram participantes exemplares, incentivando a conversa com inteligência e extraindo provas de valor.

Sabem como conversar com as vozes espirituais quando estas se manifestam — o que a maioria das pessoas não sabe fazer.

Utilizando a trompete luminosa para amplificar o som, uma das vozes espirituais forneceu voluntariamente o nome próprio e apelido "Arthur Herbert" e conversou com ambas. Lady Troubridge e Miss Radcliffe Hall estavam sentadas em lados opostos do círculo, e quando o espírito se dirigia a uma delas, a trompete, por vezes, atravessava a sala num segundo para se dirigir à outra.

Quando este espírito foi convidado a indicar o nome de uma pessoa que conhecia, deu um nome, que se revelou correto.

Outro espírito manifestou-se com um nome reconhecido por Lady Troubridge. A mim, soou como "Lowther." O espírito conversou longamente com ela. Durante a conversa, pediu-lhe que enviasse o seu amor à filha.

Com cuidado e suavidade, Lady Troubridge pediu ao espírito que dissesse o nome da filha. A voz deu-o voluntariamente — um nome invulgar: "Toupie."

Uma voz espiritual falou com Miss Radcliffe Hall, identificando-se como o seu pai. Fê-lo de uma forma muito peculiar, dizendo: "É o Pai Radcliffe." Verificámos mais tarde que esta forma de se identificar era absolutamente correta.

Hawk Chief também se manifestou, e, além disso, Lord Northcliffe falou com voz clara e distinta, utilizando a voz independente, sem recorrer à trompete luminosa. Conversou durante algum tempo com o Sr. Swaffer, e também comigo.
A minha irmã também se manifestou, falando com ternura, em tom suave, comigo e com a minha esposa.

Durante a sessão, em certo momento, a trompete luminosa rodopiou pela sala a uma velocidade impressionante e saiu para fora do círculo. Foi assim manobrada a mais de trinta centímetros atrás das cabeças dos seis participantes e do médium. Também foi elevada até ao teto. Trata-se, evidentemente, de um fenómeno físico notável, mas como tenho dito repetidamente, não baseamos as provas da sobrevivência em movimentos físicos. Ainda assim, estes factos causariam perplexidade a muitos investigadores interessados sobretudo nos fenómenos físicos.

No final, o Dr. Barnett falou durante bastante tempo e respondeu a perguntas filosóficas colocadas por Lady Troubridge e Miss Radcliffe Hall.

Como esta sessão de teste — acordada entre o Dr. Woolley e eu — proporcionou provas irrefutáveis para a Society for Psychical Research, fico satisfeito por registar oficialmente o seu êxito total.

III

Mentes inteligentes compreenderão imediatamente que só a evidência mental pode ser considerada válida, e que tanto faz se essa evidência mental é obtida na casa de campo de Mrs. Osborne Leonard, em Whitechapel, em Timbuktu, em Los Angeles ou em Dorincourt —

provas mentais devidamente estabelecidas, onde quer que sejam obtidas, não podem ser refutadas nem anuladas.

CAPÍTULO XXIV

Valiantine pede para ouvir a banda de jazz — Notas recolhidas a partir do relatório de Mrs. Bradley — O espírito de um baterista italiano — Dr. Barnett traz notícias da família de Valiantine nos EUA — Impressões de H.D.B. fora da sala — Um esforço estupendo.

Sábado, 14 de Março de 1925

I

Nesta noite, não tinha planeado realizar uma sessão, mas Valiantine, tendo ouvido falar dos fenómenos físicos com instrumentos de jazz que tinham ocorrido em Dorincourt sob a mediação da minha esposa e minha, mostrou-se ansioso por ouvir os espíritos tocarem os instrumentos. Disse também que gostaria de conversar com o Dr. Barnett, para saber como estavam a sua esposa e família em Williamsport.

Tenho procurado ser cauteloso para não sobrecarregar Valiantine com demasiadas sessões, mas é interessante notar que ele está sempre desejoso de participar. Na verdade, parece considerar uma noite desperdiçada se não houver sessão. Apesar de toda a sua experiência, mantém um entusiasmo genuíno pelas conversas e manifestações espirituais, como se fosse um iniciante.

Nessa noite, eu tinha algum trabalho literário que desejava concluir. O meu filho Anthony tinha acabado de chegar de Cambridge para as férias da Páscoa, e, como também estava ansioso por participar numa sessão, sugeri que ele, a minha esposa e Valiantine se sentassem juntos.

O conjunto de instrumentos de jazz foi colocado no centro do círculo, com baquetas luminosas, guizos, sinos de trenó, etc.

Transcrevo de seguida o relatório baseado nas notas tiradas pela minha esposa.

II

Após permanecerem sentados durante mais tempo do que o habitual sem que nada acontecesse, a minha esposa comentou como o Dr. Barnett estava a demorar-se — sendo ele quem, quase invariavelmente, abre a sessão. Imediatamente, um dos sinos soou. Pôs-se então um disco de jazz no gramofone, e os sinos, o triângulo e o tamborim começaram a tocar em acompanhamento. Pouco depois, as baquetas luminosas foram erguidas, e o tambor foi tocado subitamente com uma batida forte. Começou com pancadas lentas, que se tornaram cada vez mais rápidas e mais altas, até produzir um volume de som tremendo, em ritmo sincopado.

O gramofone foi então desligado, e seguiu-se um solo de tambor executado da forma mais perfeita. Durante esta execução, Anthony deu um salto quando a voz de Warren Clarke se fez ouvir, ao mesmo tempo que o tambor era tocado. Anthony ficou surpreendido, pois não

esperava ouvir uma voz enquanto decorria o solo. Perguntou a Warren Clarke quem estava a tocar o tambor, e este respondeu: "Camarano", acrescentando que era o espírito de um baterista italiano, um verdadeiro especialista.

Após esta exibição, o Dr. Barnett falou com os presentes, e Valiantine conversou com ele sobre a sua família, dizendo estar um pouco preocupado com o atraso das cartas vindas da América. O Dr. Barnett tranquilizou-o, dizendo que todos estavam bem, e que ele receberia uma nova carta em breve — o que de facto aconteceu.

Mrs. Bradley perguntou ao Dr. Barnett se este poderia sugerir um título para o livro de Gonnoské Komai, conforme o pedido feito por Komai. O Dr. Barnett perguntou detalhes sobre o novo livro — nomeadamente se estava escrito em inglês ou japonês — e disse que tentaria sugerir um título assim que soubesse mais.

Dr. Barnett declarou então que a sessão teria de ser encerrada, pois na noite seguinte viriam vários novos participantes a Dorincourt e seria necessário conservar as forças.

III

Este relato foi elaborado com base nas impressões de Mrs. Bradley dentro da sala. As minhas impressões, a partir do exterior, parecem-me ainda mais notáveis. Sentei-me na sala de estar, a pelo menos seis metros do círculo, com as portas fechadas e uma parede espessa a separar-nos.

Devo registar que nunca na minha vida ouvira tamanha mestria a tocar tambor. O tambor, como instrumento, não me entusiasma. Mas foi tocado sem qualquer música de acompanhamento, e durante cerca de quinze minutos ouviu-se todo o tipo de ritmos, executados de forma brilhante e cativante. Foi um esforço absolutamente estupendo.

Durante o momento em que a banda de jazz se manifestava, ouvi Valiantine a rir às gargalhadas. Aparentemente, estava a divertir-se imenso com esta forma de fenómeno que lhe era inteiramente nova.

CAPÍTULO XXV

Pat, com oito anos, senta-se com Valiantine — Conta como a sua tia falou com ele, bem como Bert Everett e Bobby Worrall — Observações sobre as condições perfeitas proporcionadas por uma criança — A mãe falecida de Miss Constance Collier faz uma observação significativa — A falecida Lily Hanbury fala com Dame Clara Butt — Mrs. Hilton Philipson, M.P., é saudada por um amigo espiritual — Mr. Ivor Novello reencontra um velho conhecido — O canto de Clara Butt — Os espíritos elogiam uma grande artista.

Domingo, 15 de Março de 1925

I

O meu filho mais novo, Pat, para quem a comunicação espiritual é tão natural como o telefone, pedia-me constantemente para o deixar assistir a uma das sessões, mesmo que fosse à noite. Isso, claro, era impossível, pois as sessões prolongam-se habitualmente até às onze da noite, demasiado tarde para um rapaz de oito anos. Contudo, nessa noite, enquanto eu estava sozinho no meu gabinete a saborear um cocktail, Pat entrou a correr e disse que acabara de ter uma pequena sessão de cinco minutos sozinho com Valiantine.

Valiantine tem grande afeição por Pat, e Pat retribui-lhe esse carinho. Na verdade, este gentil americano possui toda a simplicidade de uma criança — talvez seja por isso que se dão tão bem.

Não tocaram música — não fizeram nada. Simplesmente sentaram-se juntos e, em menos de um minuto, conseguiram comunicar com os espíritos.

Pat contou-me que a sua tia lhe falou. Disse: "Agora reconheço logo a voz dela, assim que fala." Acrescentou ainda que Bert Everett e Bobby Worrall também lhe falaram. Afirmou ter reconhecido imediatamente as vozes. Bobby falou com Pat sobre os seus jogos, e Pat contou-me que riu quando Bobby lhe disse que tinha mantido os comboios parados para ele na linha, enquanto brincava no domingo anterior.

PAT (para mim): "Não me deixas ficar acordado uma noite para falar com eles outra vez contigo?"

Prometi ao Pat que, numa das noites, o deixaria participar — e cumpri essa promessa algumas semanas depois.

Os observadores científicos devem tomar nota do efeito das condições perfeitas alcançadas com Pat e Valiantine. Pat é um participante ideal.

II

20h30, domingo, 15 de Março de 1925

Guardo os domingos, geralmente, para membros da profissão teatral. Conheço muitos deles, e antes de iniciar estes estudos psíquicos, Dorincourt era o lar de reuniões informais aos domingos. Quando as vozes espirituais se manifestam, actores e actrizes costumam expressar-se com clareza; mantêm as vibrações activas e não são inibidos nem artificiais na conversa.

Presentes nesta noite: Dame Clara Butt, a famosa contralto; Miss Constance Collier, uma das nossas actrizes mais cultas; Mrs. Hilton Philipson, M.P., cujo nome artístico era Mabel Russell; e Mr. Ivor Novello, jovem génio que domina a arte de compor, escrever e representar. Também estavam presentes o Sr. Swaffer, a minha esposa, Valiantine e eu próprio.

Dos quatro convidados, Mr. Novello e Mrs. Philipson nunca tinham tido qualquer tipo de experiência. Dame Clara Butt nunca participara numa sessão de voz direta. Miss Constance Collier tinha feito algumas experiências com fenómenos psíquicos em diferentes contextos.

Cerca de dez minutos depois do início, o Dr. Barnett saudou-nos. Seguiram-se Bert Everett, com a sua voz aguda, Kokum, com o seu tom imponente, e Pat O'Brien. Bert Everett deu-me a palavra-código.

Feda falou com o Sr. Swaffer, com a minha esposa e comigo.

De repente, ouviu-se uma voz por cima da cabeça de Miss Constance Collier. Não conseguimos perceber o que dizia, e pedi ao espírito que tentasse comunicar através da trompete, pois talvez assim o conseguíssemos entender melhor.

A trompete luminosa foi então erguida e apontada a Miss Collier. A voz tornou-se bastante distinta. Era o espírito da mãe de Miss Collier, e travaram uma conversa afectuosa. Entre outras coisas, a voz disse-lhe: "Fico tão feliz por vos ver aqui juntas." Depois dirigiu-se a Dame Clara, com quem também falou. Miss Collier contou-me depois que esta observação tinha um significado muito especial, pois fazia referência a um episódio conhecido apenas por ela e por Clara Butt.

Uma voz dirigiu-se a Dame Clara Butt, identificando-se como sendo Lily Hanbury (a conhecida atriz falecida em 1908), e conversaram durante algum tempo. Dame Clara tinha sido uma grande amiga de Miss Hanbury antes da sua partida.

Com voz independente, a cerca de trinta centímetros da cabeça de Mrs. Philipson, ouviu-se outra voz. Eu percebi o nome, mas Mrs. Philipson não. Evitei, com cuidado, qualquer sugestão, e passados alguns minutos a trompete foi erguida, e a voz identificou-se como "Hubert." O reconhecimento foi imediato, e mantiveram uma longa conversa. Mrs. Philipson foi tratada por "Mabel."

Convém aqui referir que os outros novos participantes também foram corretamente chamados pelos seus nomes próprios pelas vozes que se manifestaram. O espírito que falou com Mrs. Philipson fora morto em Loos; colocou-se-lhe uma questão pessoal que a preocupava há meses, e a resposta foi dada. Hubert disse que queria que Hilton participasse numa sessão, para que pudesse ficar satisfeito. De facto, o Sr. Hilton Philipson desejava muito participar, mas naquela noite não havia lugar para ele.

Uma voz, usando a trompete luminosa, dirigiu-se a Mr. Novello, chamando-lhe Ivor. Identificou-se como "Bertie Austin." O reconhecimento foi imediato, e conversaram durante algum tempo, falando de pessoas que conheceram em Toronto. Este espírito falou espontaneamente, mencionando nomes de conhecidos. Mr. Novello referiu um nome específico e perguntou ao espírito como essa pessoa estava. Bertie Austin respondeu: "Ainda não passou para este lado."

Falando comigo, com voz clara e digna, manifestou-se o espírito do Dr. Ellis Powell. Referiu-se ao meu trabalho, e tivemos uma conversa interessante sobre o desenvolvimento

da comunicação espiritual. Pediu-me depois que convidasse a sua esposa a Dorincourt, pois desejava falar com ela. O que, mais tarde, fiz.

Bert Everett e o Dr. Barnett falaram connosco em várias ocasiões, sendo que Bert Everett fez uma declaração acerca de um notável caso de prova cruzada. Bert disse: "Sr. Bradley, falei com a minha própria voz durante uma sessão com Evan Powell, em Hampshire, há poucos dias." Recordar-se-á que o Capitão Astley Maberley comunicou esse facto à Society for Psychical Research e veio pessoalmente informar-me. O episódio está registado no

CAPÍTULO XXI

Já perto do final, o Dr. Barnett manifestou-se e perguntou se alguém teria perguntas que gostaria de lhe colocar. Várias questões interessantes foram então formuladas por Mr. Novello, Dame Clara Butt e outros participantes. Cada pergunta foi respondida com a habitual fluência do Dr. Barnett.

III

A sessão foi muito boa, embora eu sentisse uma ligeira tensão entre os participantes. Talvez tenha sido uma noite mais notável do que o registo aqui consegue transmitir. Mais tarde, Miss Constance Collier disse: "Não consegui dormir durante horas nessa noite, a pensar na beleza de tudo aquilo." E Ivor Novello declarou: "Foi o maior dia da minha vida."

Ao sairmos do meu escritório, soubemos que cinco pessoas tinham estado sentadas fora da porta durante a segunda metade da sessão, e que ouviram nitidamente as várias vozes espirituais que comunicavam connosco.

Durante a noite, Anthony estava noutra sala, a fazer companhia a alguns amigos dos participantes. Entre eles estavam a filha de Dame Clara Butt, uma amiga sua, Miss Madeline Cohen, e o Sr. Hilton Philipson. Estes quatro, juntamente com o meu filho, tinham deixado a sala de estar e passaram algum tempo sentados fora da porta. Disseram-me depois que a experiência fora extraordinária.

Foi uma noite muito mais fluente do que estas notas podem sugerir. É preciso lembrar, porém, que, uma vez dado o nome comprovativo por parte de um espírito e estabelecido o reconhecimento, a conversa que se segue é quase sempre de um carácter demasiado íntimo para ser impressa.

O primeiro disco que costumo colocar no gramofone durante uma sessão é o da gravação de Clara Butt a cantar *God Shall Wipe Away All Tears*, com música de Sullivan. Coloquei esse disco de parte, pois Mr. Novello dissera-me que Dame Clara não gostava de ouvir as suas próprias gravações — sentia-se embaraçada.

Contudo, durante a sessão, pedi a Dame Clara permissão para passar o disco. Ela acedeu. Perguntei então se se importaria de cantar juntamente com a gravação, e ela, gentilmente, concordou. Foi um gesto generoso da sua parte, já que tinha estado muito doente

recentemente. O efeito foi maravilhoso — tínhamos as duas Clara Butt a cantar em uníssono: a da gravação, e a verdadeira, na mesma sala.

Já perto do fim desta bela melodia, ouviu-se a voz de Lily Hanbury a sussurrar-lhe algo. Mais tarde, Dame Clara Butt cantou novamente para nós, desta vez sem o acompanhamento do gramofone.

Feda manifestou-se e disse: "Clara Butt tem uma voz grandiosa."

BERT EVERETT: "Tens uma voz maravilhosa."

Esta deve ter sido a primeira vez que a mais célebre contralto de Inglaterra foi elogiada pelo seu canto por espíritos.

Foi interessante ouvir a mãe de Constance Collier a falar com Clara Butt, pois, segundo nos contou Miss Collier, quase a última coisa que a sua mãe pediu em vida foi que Dame Clara fosse cantar para ela.

CAPÍTULO XXVI

Sessão oficial de teste da S.P.R. — Lady Troubridge recebe uma comunicação com valor probatório — Dr. Woolley concorda — Lady Troubridge chama a atenção para um espírito que fala em simultâneo com Valiantine — Palavras diretas do Dr. Barnett para o Dr. Woolley.

Segunda-feira, 16 de Março de 1925

I

Tinha sido combinado durante a semana anterior com o Dr. Woolley que, após a primeira sessão de teste com Una, Lady Troubridge, e Miss Radcliffe Hall — ambas em representação da Sociedade —, ele se juntaria ao mesmo círculo para observar o que se passasse.

Ficou acordado que a sessão teria lugar em Dorincourt, onde as condições já tinham demonstrado ser propícias aos fenómenos.

Entretanto, a imprensa londrina deu grande destaque às experiências que estavam a decorrer. O excesso de publicidade nesta fase foi, por vezes, bastante incómodo.

Para meu desgosto, apareceram no *Daily Sketch* e noutros jornais declarações atribuídas ao Dr. Woolley, afirmando que estas sessões privadas não podiam ser consideradas oficiais pela Sociedade, por não se realizarem nas suas instalações.

Antes da sessão, Dr. Woolley jantou em Dorincourt e disse-me que fizera tal declaração porque pensara que eu preferia que as sessões não fossem registadas como oficiais. Respondi que essa não era, de todo, a minha posição, e que, estando sobrecarregado com pedidos de sessões, me seria impossível continuar a organizar encontros exclusivos para os membros principais da Sociedade, a menos que fossem considerados testes oficiais e os seus resultados inseridos nos registos da mesma.

Dr. Woolley concordou imediatamente e disse que os acontecimentos passariam a ser considerados oficiais e registados como tal.

Estavam presentes quatro dos principais investigadores da S.P.R.: Una, Lady Troubridge, Miss Radcliffe Hall, o Dr. Woolley como responsável da investigação, e eu próprio.
Os restantes participantes eram o Sr. Hannen Swaffer, Mrs. Bradley e Valiantine.

Foi mantida a mais atenta observação sobre todos os fenómenos ocorridos.

O gramofone foi posto a tocar e, após cerca de dez minutos, os tons graves do Dr. Barnett saudaram-nos, com a voz a emergir do centro da sala.
Pouco depois, a voz aguda de Bert Everett falou a partir do alto do teto. Em resposta a uma pergunta minha, não me deu a palavra-código — o que indicava que as condições não estavam boas.

Pat O'Brien, com o seu sotaque irlandês, falou connosco, e logo depois Kokum saudou-nos com o seu tom poderoso.

Estas três vozes manifestaram-se, como é habitual, de forma independente — sem uso da trompete — e a partir do espaço.

Feda falou com vários de nós. Também ela se manifestou independentemente, com o seu tom feminino e infantil. A sua voz parecia flutuar pela sala, à medida que se dirigia aos diferentes participantes.

Entre os espíritos pessoais, uma voz dirigiu-se a Lady Troubridge e a Miss Radcliffe Hall, identificando-se como "Arthur Herbert." Lady Troubridge e Miss Radcliffe Hall estavam sentadas em lados opostos do círculo, e a trompete luminosa movia-se com grande rapidez de uma para a outra, à medida que o espírito se dirigia a cada uma.

A trompete foi então erguida no ar e encaminhada para o Dr. Woolley, com a voz espiritual a identificar-se como sendo a de seu pai. Trocaram algumas frases, mas nada de valor probatório foi registado.

Dr. Woolley é um homem relativamente jovem. Eu não sabia — e tenho a certeza de que Valiantine também não sabia — que o pai do Dr. Woolley já tinha falecido.

Outro espírito dirigiu-se a Miss Radcliffe Hall, identificando-se como "Pai Radcliffe". Conversaram durante algum tempo.

Uma voz falou com o Sr. Swaffer, apresentando-se como sendo um irmão seu, mas a voz era bastante indistinta e fraca, e nada de valor probatório foi dito. O Sr. Swaffer teve, de facto, um irmão que faleceu.

Outro espírito dirigiu-se a Lady Troubridge, dando o nome de Mrs. Lowther, e falou com ela durante algum tempo. Em resposta a uma pergunta, a voz mencionou, por iniciativa própria, dois nomes, sendo um deles, segundo percebi, o nome da filha de Mrs. Lowther.

Mais tarde, outra voz espiritual falou com Lady Troubridge, dizendo: "É o Harry — o pai." Isso pareceu-me particularmente significativo, e, após a sessão, Lady Troubridge disse-me que se tratava de uma evidência, pois chamava sempre ao seu pai "Harry". Seguiu-se então uma conversa entre Lady Troubridge e este espírito.

Durante a noite, uma das trompetes luminosas foi erguida e rodopiada em volta do círculo, sendo elevada até bem alto. Em várias ocasiões, enquanto a trompete se encontrava no ar e afastada da zona onde Valiantine estava sentado, este foi convidado a falar — e assim fez.

A atenção do Dr. Woolley foi chamada a este facto: Valiantine estava a falar ao mesmo tempo que a trompete luminosa se encontrava suspensa no ar, longe dele. O Dr. Woolley confirmou-o.

Durante o momento em que a voz espiritual de Mrs. Lowther conversava com Lady Troubridge, Valiantine falou em simultâneo. A atenção do Dr. Woolley e dos outros participantes também foi chamada a esse facto.

O Dr. Barnett dissera, numa sessão anterior, que iria discutir com o Dr. Woolley as condições e a mentalidade presentes nas duas sessões realizadas na sala da S.P.R. — e assim fez. Durante mais de dez minutos, com voz alta e determinada, a poderosa voz do Dr. Barnett ecoou pela sala.

Mais uma vez afirmo que esta voz característica e digna vinha do espaço. Era a voz do espírito do Dr. Barnett, e não a de qualquer pessoa presente na sala. Esta conclusão foi partilhada pelo Dr. Woolley, por Lady Troubridge, por Miss Radcliffe Hall e por mim próprio — quatro dos investigadores mais experientes da Society for Psychical Research.

Foi igualmente confirmada pela minha esposa e pelo Sr. Hannen Swaffer, ambos com vasta experiência em ouvir o Dr. Barnett em dezenas de ocasiões. Para além disso, enquanto a voz do Dr. Barnett ecoava — literalmente, pois falava com grande determinação —, Valiantine interveio subitamente com uma pergunta, e as duas vozes puderam ser ouvidas a falar em simultâneo. Quando isso aconteceu, Lady Troubridge declarou de imediato: "Desejo registar que o médium falou ao mesmo tempo que o Dr. Barnett."

II

Segue-se um breve resumo da conversa:

DR. WOOLLEY: Pode dizer-me, Dr. Barnett, porque não conseguimos obter resultados na S.P.R.?

DR. BARNETT: Porque as condições lá não são boas.

DR. WOOLLEY: Pode dizer-me porquê?

DR. BARNETT: Por causa dos truques e engenhocas que têm lá.

DR. WOOLLEY: Na verdade, não sei ao que se refere, Dr. Barnett.

DR. BARNETT (imediatamente e com tom firme): Não seja infantil, sabe perfeitamente ao que me refiro. Têm lá uma grande gaiola de arame. Para que serve aquilo? Pensam que um médium é um canguru ou um gorila?

DR. WOOLLEY: Sim, doutor, mas essa gaiola não era para o Sr. Valiantine — era para outro médium físico.

DR. BARNETT: O simples facto de terem objetos desses altera completamente a atmosfera. É preciso abordar o estudo da comunicação espiritual com amor e reverência.

DR. WOOLLEY: Eu tento, doutor.

DR. BARNETT: Não compreende, senhor. O seu pai falou consigo esta noite e disse que é muito difícil aproximar-se de si, pois construiu à sua volta uma muralha quase impenetrável. Deixe-me dizer-lhe que tem de mudar de mentalidade. Esta grande verdade está a ser divulgada em todo o mundo por pessoas convencidas de que só a espiritualidade poderá travar as guerras. Quando as pessoas perceberem que a vida não pode ser destruída, então as guerras cessarão. Como explica os espíritos que esta noite falaram aqui? Não os ouviu a falar com os seus amigos?

DR. WOOLLEY: Sim, ouvi.

DR. BARNETT: Então, como explica isso?

DR. WOOLLEY: Receio não saber.

DR. BARNETT: Então diga-me, está convencido?

DR. WOOLLEY: Sim, penso que sim, doutor.

DR. BARNETT: Não! Não está. A sua mente ainda não compreende esta grande Verdade. Nós, deste lado, estamos a fazer tudo para o convencer — e ao mundo. Estamos todos a trabalhar muito, e em breve serão dadas provas maravilhosas.

Durante a discussão das condições da S.P.R., intervim na conversa e disse que achava um insulto à inteligência ser convidado a sentar-me numa sala cheia de engenhocas mecânicas criadas por suspeitas de fraude. Foi por isso que declarei que não aceitaria sentar-me ali novamente.

Em resposta a uma pergunta de Miss Radcliffe Hall, o Dr. Barnett disse que as mulheres eram muito melhores participantes do que os homens, por serem mais espirituais, enquanto os homens eram mais materiais.

O Dr. Woolley, como responsável máximo da S.P.R., concordou que os fenómenos físicos — nomeadamente os movimentos relâmpago da trompete luminosa — eram supranormais. Quando isso aconteceu, perguntei-lhe diretamente: "Concorda que isso seja supranormal?" Ao que ele respondeu: "Sim."

É também importante registar que ele concordou, assim como todos os outros presentes, que Valiantine nunca se moveu da cadeira. Deve ainda notar-se que onze vozes espirituais distintas e individuais falaram connosco; que Dr. Woolley reconheceu ter ouvido essas vozes espirituais; e que, quando uma delas lhe fez uma pergunta, ele admitiu não ter explicação.

Foi uma noite interessante e electrizante, e o Dr. Woolley ficou profundamente impressionado. No domingo seguinte, a imprensa londrina publicou uma declaração do Dr. Woolley afirmando estar perfeitamente satisfeito com as condições em que a sessão decorreu.

Contudo, continuo a sentir que os estudos psíquicos do Dr. Woolley ainda tendem a sobrevalorizar as faculdades supranormais do ser humano, enquanto o meu único interesse é provar ao mundo o facto da sobrevivência espiritual do Homem.

CAPÍTULO XXVII

Anthony e Valiantine experimentam à luz do dia — Relato de Anthony sobre as manifestações de Warren e Annie — Experiência de Mrs. Bradley em plena luz — Uma sessão numa sala desconhecida e sem trompetes — *"Considero isto um teste notável."*

12h30, terça-feira, 17 de Março de 1925

I

Tinha planeado que este fosse um dia de descanso dos estudos psíquicos, mas, aparentemente, é impossível interromper a sucessão de acontecimentos extraordinários.

Enquanto eu estava na cidade durante a manhã, o meu filho Anthony e Valiantine realizaram uma experiência à luz do dia. Apresento aqui o relato de Anthony sobre o que aconteceu:

"Às doze e meia desta manhã muito ensolarada de 17 de Março, fechei parcialmente os cortinados do escritório onde normalmente se realizam as sessões. Ainda havia luz suficiente para distinguir claramente os vários objetos na sala, bem como para observar a expressão no rosto de George Valiantine.

Valiantine segurava uma extremidade da trompete; eu coloquei a extremidade estreita junto ao ouvido e esperamos alguns instantes. Consegui ver o rosto de Valiantine durante toda a sessão.

Após alguns toques, ouvi uma voz dentro da trompete a sussurrar: 'Dennis!' Dei as boas-vindas à voz e perguntei de quem se tratava. A resposta veio claramente: 'Warren.' 'Fico tão feliz por te ver aqui,' continuou a voz. Comentei a dificuldade de obter uma voz à luz do dia. Ele respondeu que era muito difícil. A sua voz, embora não fosse alta, era perfeitamente distinta. O meu tio (Warren) disse então: 'A tua tia Annie está aqui' — e afastou-se.

A voz clara da minha tia fez-se então ouvir, saudando-me pelo nome. 'Estou a ajudar-te no teu trabalho,' disse. 'E estou também a ajudar o Herbert.'

Conversámos durante um ou dois minutos, e depois perguntei-lhe se seria capaz de falar com a minha mãe da mesma forma. Respondeu que achava que sim. Despedi-me então e fui buscar a minha mãe para ocupar o meu lugar.

A mãe contou-me depois que se sentou como eu, com a extremidade pequena da trompete junto ao ouvido. Ambas as mãos de Valiantine seguravam a extremidade maior da trompete, e, ao fazê-lo, ocultava o seu rosto da visão da minha mãe. No entanto, o seu rosto refletia-se na estante lateral, permitindo-lhe observá-lo claramente. Os seus lábios não se moveram.

Após alguns instantes, uma voz sussurrou: 'Aqui é o Warren Clarke.' Depois disse algo incompreensível. A mãe pediu que repetisse, mas só conseguiu perceber as palavras 'muito difícil!' A voz tornou-se então mais nítida. 'Diz ao Herbert para não ser tão impaciente,' disse com clareza."

(Devo mencionar que o meu pai, devido ao excesso de trabalho, tem vivido quase exclusivamente sobrecarregado, e tende a momentos de irritabilidade quando se vê envolvido em sessões pouco agradáveis.)

"A mãe levantou-se então e afastou os cortinados, deixando entrar uma torrente de luz na sala. Retomou a sua posição, e novamente a voz do meu tio se fez ouvir, continuando a conversa."

O fenómeno de se obterem vozes espirituais em plena luz do dia representa um grande avanço na investigação psíquica.

II

17h00, terça-feira, 17 de Março de 1925

Na tarde desse mesmo dia, a minha esposa, Valiantine e eu fomos convidados para tomar chá com a Honorável Mrs. Fitzroy Stanhope, no n.º 49 de Onslow Square. Estavam também presentes a Condessa Ahlefeldt-Laurvig e outra senhora.

Tomámos chá e conversámos. Por volta das cinco horas, Mrs. Stanhope perguntou-nos se aceitaríamos realizar uma sessão ali mesmo, na sua sala de estar. A proposta foi totalmente inesperada. Nada havia sido sugerido anteriormente, e o encontro era meramente social. Fiquei algo contrariado com a sugestão, pois Valiantine não tinha trompetes consigo, e isso implicava fazer uma sessão improvisada, numa sala estranha.

A situação era delicada; recusar poderia criar uma impressão errada. Não me parecia provável que se obtivessem resultados, e não gosto da perturbação mental causada por sessões negativas, pois deixam sempre uma atmosfera de suspeição nas mentes de participantes novos. De qualquer forma, achei que era algo a enfrentar — e acedi.

As cortinas foram fechadas para bloquear a luz do dia. Sentámo-nos os seis em sofás e cadeirões. Não se utilizaram trompetes.

O gramofone foi posto a tocar e, ao fim de cinco ou seis minutos, enquanto eu fazia alguns comentários, ouvimos, vinda do alto da sala, a gargalhada sonora de Bert Everett.

Pouco depois, surgiu Pat O'Brien, falando com o seu acentuado sotaque irlandês, saudando-nos.

Seguiu-se Bobby Worrall. Falou com alguma dificuldade, mas a sua voz infantil foi ouvida de forma clara por todos. Conversou por um momento comigo, com a Condessa Ahlefeldt-Laurvig e com Mrs. Fitzroy Stanhope. À Condessa disse: "O seu irmão está aqui."

Pouco depois, mesmo junto à Condessa, ouviu-se uma respiração ofegante, como se alguém tentasse, com grande esforço, falar. Por fim, a voz conseguiu dizer: "Óscar!" — e nada mais. Óscar era o nome do irmão da Condessa, já falecido.

Bert Everett voltou a falar connosco com o seu tom agudo, e a sessão terminou em seguida.

Considero esta experiência notável. De forma súbita, numa sala desconhecida, sem trompetes ou amplificadores, fomos convidados a sentar-nos, e quatro vozes espirituais conseguiram materializar-se e falar connosco.

A sala era bastante apropriada, e a atmosfera estava muito boa. Durante a sessão foram observadas várias luzes espirituais luminosas.

CAPÍTULO XXVIII

O autor rejeita a teoria da telepatia e expõe as suas razões — O falecido Albert Chevalier comunica com a sua viúva — A irmã de Sir Arthur Conan Doyle — A esposa de E. W. Hornung — Uma conversa em japonês — Provas que impressionam profundamente o

autor — "Não há guerras em Marte" — "*Sei que o meu marido falecido me falou,*" diz Mrs. Chevalier.

Quarta-feira, 18 de Março de 1925

Esta sessão teve lugar em Dorincourt por volta das 20h45.

Presentes: Sir Arthur Conan Doyle e Lady Doyle; Mr. Gonnoské Komai; Mrs. Albert Chevalier, viúva do grande comediante; o Sr. Swaffer, Mrs. Bradley, Anthony Bradley, eu próprio e Valiantine.

Ao fim de alguns minutos, a voz do Dr. Barnett saudou-nos. Pouco depois, Bert Everett manifestou-se e deu-me a palavra-código que indicava que as condições estavam boas.

Os outros guias que falaram foram Pat O'Brien, Kokum, Hawk Chief e Bobby Worrall.

Ao falar com o meu filho Anthony, Bobby disse: "Vi-te hoje com o Pat no jardim a jogar à bola." Menciono este episódio por ser representativo de uma série de incidentes extraordinários, pois, mesmo quando a minha esposa, Valiantine e eu passamos o dia inteiro fora, em Londres, Bobby aparece à noite e conta-nos tudo o que Pat fez durante o dia. A narração destes factos — por mais simples que pareçam — tem grande valor, já que nenhuma teoria de telepatia pode explicar dados posteriormente confirmados.

Entre os espíritos pessoais, a primeira voz a manifestar-se dirigiu-se a Mrs. Chevalier. A trompete luminosa foi erguida e aproximou-se do rosto de Mrs. Chevalier, anunciando-se como "Albert" e dizendo: "Estou tão feliz por te ver aqui, querida Old Dutch; estou sempre contigo." Conversaram durante algum tempo. A voz de Albert Chevalier era distinta e característica. A sua identidade foi estabelecida sem qualquer dúvida, através das informações espontaneamente dadas. Disse ainda a Mrs. Chevalier: "A Annie está aqui." Soube depois que "Annie" era a mãe de Mrs. Chevalier.

Mrs. Chevalier perguntou ao espírito: "Sabes que dia é no próximo sábado?"

ALBERT CHEVALIER: "É o meu aniversário."

Mais tarde, Mrs. Chevalier afirmou que reconheceu de imediato a voz do marido; era inconfundível e impossível de imitar. Contou-nos que a voz do seu marido era uma das poucas que a famosa imitadora Cissie Loftus nunca conseguiu reproduzir, e que, em vida, Chevalier tentara várias vezes ensiná-la, mas sem sucesso.

Uma voz dirigiu-se a Sir Arthur e Lady Doyle, apresentando-se como "Kingsley", o filho dos Doyles que havia falecido há algum tempo. A conversa entre este espírito e os Doyles prolongou-se por alguns minutos, e Kingsley declarou espontaneamente: "A Annette está aqui."

Sir Arthur contou-nos que Annette era uma irmã sua que falecera há trinta anos e que, em todas as suas experiências em sessões espíritas, esse nome nunca fora mencionado, nem alguma vez referido em público. Por conseguinte, o facto de o nome ter sido dado espontaneamente por um espírito deve ser considerado como tendo valor probatório.

Durante a conversa entre os Doyles e Kingsley, a trompete luminosa aproximou-se rapidamente de mim e disse: "Está a fazer um trabalho muito importante, Sr. Bradley", e depois deslocou-se até Sir Arthur, dizendo: "E o senhor também, pai."

Através da trompete luminosa, outro espírito pessoal dirigiu-se a Sir Arthur e Lady Doyle, apresentando-se como "Connie". A voz disse: "Estamos aqui juntos — o Willie e eu." O espírito Connie era a esposa de E. W. Hornung, o famoso co-autor da peça *Raffles*.

Outro espírito falou com Lady Doyle, apresentando-se como "Lillie". O reconhecimento foi imediato, e conversaram por algum tempo.

O momento mais dramático da noite ocorreu quando uma voz se dirigiu ao Sr. Gonnoské Komai em japonês. Por duas vezes a trompete luminosa caiu antes de o espírito conseguir reunir força suficiente para materializar a voz. Depois, através da trompete, que se aproximou do rosto do Sr. Komai e chegou a tocá-lo duas ou três vezes, ouviu-se a voz a dizer: "Gonnoské, Gonnoské." Este facto impressionou vivamente o Sr. Komai, por razões que explicaria mais tarde.

A voz foi ganhando força gradualmente e acabou por dizer o nome "Otani". A identidade foi estabelecida, e uma conversa em japonês foi mantida. Não foi longa, mas durante esse tempo foram feitas referências aos filhos de Otani.

Mais tarde, o Sr. Komai explicou um ponto muito importante: o espírito dirigiu-se a ele pelo nome próprio, "Gonnoské", e no Japão apenas um irmão mais velho, a mãe ou o pai podem tratar um homem pelo nome próprio.

O Sr. Komai afirmou que o espírito que falara era o seu irmão mais velho, que falecera há algum tempo.

Quase imediatamente após a partida desse espírito, Bert Everett falou com o Sr. Komai, dizendo: "A tua mãe e o teu irmão estão aqui esta noite."

O Sr. Komai é um homem relativamente jovem, e é fundamental referir que ninguém naquela sala sabia que ele tivera um irmão mais velho falecido, nem que a sua mãe já não era viva. Nenhuma outra pessoa presente falava japonês.

Considero este incidente — uma conversa em japonês, acompanhada de provas espontâneas dadas pela voz espiritual — como uma das mais convincentes e incontestáveis evidências da sobrevivência já apresentadas.

No final da sessão, o Dr. Barnett falou connosco sobre o título de um novo livro que o Sr. Komai acabara de escrever.

O Dr. Barnett discutiu então com o Sr. Komai a situação política. Falou da terrível possibilidade de novas guerras num futuro muito próximo. Disse que o Japão estava a construir aviões a um ritmo tremendo, em grande número, e que os japoneses se preparavam o mais rapidamente possível para uma grande guerra aérea.

A situação americana foi mencionada, e o Sr. Komai disse: "Mas os Estados Unidos são um grande país — muito maior do que o Japão."

DR. BARNETT: "Talvez seja, mas os preparativos do Japão são muito mais vastos e mais avançados do que os da América."

KOMAI: "O povo japonês não quer guerra, deseja paz."

DR. BARNETT: "Sei que sim, mas os responsáveis são os líderes políticos. É um grande escritor, e os seus escritos terão enorme influência. A menos que o mundo se torne mais espiritual, haverá uma terrível convulsão civilizacional. Pode fazer um trabalho importante."

Em resposta a outra pergunta, o Dr. Barnett disse: "Em Marte, a guerra foi extinta há muito tempo. Os seus habitantes são muito mais espirituais do que os da Terra. A Terra é um planeta muito mais jovem."

Depois da sessão, Mrs. Chevalier ficou visivelmente emocionada. O seu casamento com Albert Chevalier fora uma história de amor ideal. "Era a própria voz do Albert", disse ela. "Reconheci nela aquele algo que não se consegue descrever. Havia uma certa ternura que o tornava tão querido — uma qualidade emocional que reconheci de imediato. Podem dizer ao mundo que não *acreditei* apenas que fosse o meu marido — *sei* que era."

E acrescentou: "A minha vida tem estado tão vazia ultimamente. Não sabe o que fez por mim. Foi o maior dia da minha vida."

CAPÍTULO XXIX

Uma sessão dedicada à S.P.R. — O autor confessa que a sua irritabilidade não melhorou — Feda fala sobre um erro curioso na identidade de duas senhoras — Conselhos a investigadores psíquicos — Feda desaparece das sessões com Valiantine.

Sexta-feira, 20 de Março de 1925

I

Esta foi mais uma noite dedicada à Society for Psychical Research. Estavam presentes: Una, Lady Troubridge; Miss Radcliffe Hall; Dr. V. J. Woolley; e eu próprio (enquanto representantes da Sociedade); bem como Mrs. V. J. Woolley, o Sr. Swaffer, Mrs. Bradley e Valiantine. O horário tinha sido alterado.

Numa sessão anterior, realizada por Lady Troubridge e Miss Radcliffe Hall com Mrs. Osborne Leonard, na quarta-feira anterior, Feda sugerira que seria melhor para as vozes se a sessão se realizasse por volta das 18h30, em vez de depois do jantar, pois isso poderia melhorar as condições.

Se melhorou ou não as condições, é discutível, mas a minha irritabilidade não melhorou. Raramente tenho apetite, e o meu interesse pela comida é escasso, mas não gosto de tomar um cocktail cedo sem o respectivo antídoto da refeição a seguir.

A sessão foi realizada em Dorincourt, e deve mencionar-se que Miss Walker — secretária de Sir Oliver Lodge — estava prevista para estar presente. No entanto, à última hora, não pôde comparecer, sendo substituída por Mrs. Woolley. Informei o Dr. Woolley de que tal alteração não fora comunicada a Valiantine, mas o Dr. Woolley respondeu que, ao entrarem no átrio, o nome de Mrs. Woolley poderá ter sido mencionado na presença de Valiantine.

A sessão foi negativa do ponto de vista de provas espontâneas, mas, ainda assim, quatro dos guias falaram com voz independente.

O Dr. Barnett saudou-nos; Bert Everett e Pat O'Brien também falaram connosco. Embora Bert Everett tenha dito que as condições eram boas, eu não me sentia confortável. Estava nervoso. Sentia-me aborrecido e cansado com estas sessões algo prolongadas de "investigação" da S.P.R.

Feda manifestou-se e, após nos saudar, pareceu-me pronunciar o nome de "Miss Walker". Perguntei-lhe por que razão mencionara o nome de Miss Walker, e acrescentei: "Pode ver quem está aqui sentado. Quer dizer-nos porque mencionou o nome dela?"

Feda não respondeu, mas disse: "O Raymond está aqui e quer transmitir uma mensagem à Sr.ª Walker."

Então disse à Feda: "Se o Raymond consegue ver a Sr.ª Walker aqui, leva a corneta até ela e toca-lhe." Quase imediatamente após este meu comentário, a corneta luminosa foi levantada e tocou na Sr.ª Woolley.

Tendo tido anteriormente uma sessão relativamente negativa com a S.P.R. e não apreciando as condições mentais que ali se faziam sentir, ocorreu-me de imediato a suspeita de que poderia ser possível que a Sr.ª Woolley (que eu nunca tinha conhecido antes) fosse, afinal, a Sr.ª Walker, e exclamei: "É a Sr.ª Walker?" Naturalmente, não era a Sr.ª Walker, e pareceu-me que se tinha dado um erro peculiar. Isto deixou-me algo desanimado, uma vez que Feda, através da Sr.ª Leonard, já tinha fornecido algumas das mais notáveis provas mentais obtidas por intermédio de um espírito guia.

Na sua voz independente, Feda aproximou-se de mim; a sua voz denotava ansiedade e, de forma agitada, disse: "Sr. Bradley, foi outro espírito que levantou a corneta. Não foi o Raymond." Feda continuou a falar durante mais algum tempo, insistindo e frisando que não se tinha enganado.

Pelo tom da sua voz, estava verdadeiramente perturbada, e inclino-me a pensar que se deu um erro extraordinário.

Quero, contudo, sublinhar que a voz da Feda era clara e distinta, e que falava a partir do espaço. Isto pode ser confirmado por todos os que estavam presentes. Logo de seguida, Lady Troubridge disse: "Quero declarar que o Valiantine sabia que a Sr.ª Walker não

estava presente e que a Sr.ª Woolley a tinha substituído, porque, antes de o Sr. Bradley e o Dr. Woolley entrarem na sala, e na presença da Sr.ª Bradley, contámos-lhe (ao Valiantine) isto." Este ponto é de grande importância.

O incidente foi perturbador. O Dr. Barnett manifestou-se dizendo: "Quero falar com o Sr. Bradley." Afirmou que Feda tinha toda a razão no que dissera, e que, imediatamente após a minha pergunta, a corneta tinha sido levantada por outro espírito e levada até à Sr.ª Woolley. O Dr. Barnett acrescentou que era o espírito de uma senhora que desejava comunicar com a Sr.ª Woolley.

Após cerca de um minuto, o Dr. Barnett disse: "Temos de encerrar esta sessão."

II

Durante a semana que antecedeu esta sessão, foram apresentadas provas extraordinárias da sobrevivência do espírito. As vozes espirituais surgiram com fluência e facilidade, e foram espantosamente evidenciais.

Os testes mentais superaram em dez vezes qualquer coisa que pudesse ser concebida por uma mente oficial de um investigador académico.

Anunciei, posteriormente, que não tencionava voltar a participar enquanto membro investigador da S.P.R. Era paradoxal para mim agir como um investigador iniciante de uma nova ciência da qual eu já possuía um conhecimento avançado. A Slade School dificilmente pediria a Augustus John que prestasse um exame primário.

Em duas sessões de teste da S.P.R. foram dadas provas incontestáveis da sobrevivência através das vozes independentes de espíritos reconhecidos. No entanto, não sentia que, ao continuar neste círculo específico, o ambiente fosse propício a novos avanços no conhecimento.

Quero reiterar que, no que toca ao Dr. Woolley e a mim, damo-nos extremamente bem, e gosto de o encontrar e discutir vários problemas com ele fora destas sessões. Dentro das sessões — apesar de ser um excelente e atento participante — sinto uma vibração contrária, fria, pouco recetiva e incompreensiva. Essa vibração colide com o conhecimento que já adquiri. Tendo comprovado tanto nos últimos dois anos, qualquer tentativa fria ou teórica de explicar de forma material o fenómeno maravilhoso da voz independente torna-se risível.

Embora esta sessão possa ser considerada negativa, a ligação de Valiantine à S.P.R. ficou estabelecida na segunda-feira, 16 de março. Isso foi suficiente para mim, e não podia conceder mais tempo a estas experiências com a Sociedade, enquanto muitas das grandes mentes do Reino Unido aguardavam a sua experiência pessoal.

III

Depois da sessão, jantámos todos juntos e o ambiente era bastante alegre. Mais tarde, o Dr. e a Sr.ª Woolley, Úna, Lady Troubridge e a Sr.ª Radcliffe Hall regressaram a Londres de automóvel; o Sr. Swaffer ficou.

Valiantine disse de repente: "Vamos sentar-nos os quatro juntos." Assim, às 22h45, o Sr. Swaffer, a minha mulher e eu sentámo-nos com Valiantine. Não foi tocada música, e em trinta segundos os espíritos começaram a comunicar, falando connosco de forma fluente e rápida durante meia hora. Conversámos sobre qualquer assunto que quiséssemos. Foi um contraste extraordinário com as condições da sessão anterior.

Anthony estava na sala ao lado e ouviu claramente as vozes — altas, claras e distintas — a falar connosco.

O meu conselho para os investigadores psíquicos do futuro é este: o primeiro requisito essencial é aprender a abordar o estudo com a mentalidade adequada e, acima de tudo, lembrar-se de que, para haver progresso, a comunicação espiritual deve ser abordada com amor e reverência.

Eis um facto curioso: ao longo de toda a série de sessões de Valiantine, Feda nunca mais se manifestou. Algumas semanas mais tarde, encontrei Lady Troubridge num jantar do *P.E.N. Club* [1] e, durante a nossa conversa, disse-me que, numa sessão que teve com a Sr.ª Osborne Leonard, Feda afirmou que não se tinha enganado na noite em questão. Lady Troubridge disse então a Feda que, para evitar qualquer possibilidade de erro, seria melhor que ela não tentasse manifestar-se novamente nessas sessões de voz.

[1] *Um clube literário internacional.*

Aparentemente, Feda aceitou este conselho, pois é muito significativo que nunca mais tenha surgido desde então. Lady Troubridge levantou a hipótese de talvez não ter sido Feda a manifestar-se, mas sim uma entidade a imitá-la. Esta tese, no entanto, não posso aceitar, pois Feda já se manifestou dezenas de vezes, falando de forma característica tanto nas sessões de Valiantine como nas sessões privadas realizadas sob a minha própria mediunidade e a da minha esposa.

Ela tem uma personalidade inconfundível, e além disso, possuo uma notável acumulação de provas cruzadas através da voz direta de Feda, confirmadas por sessões com a Sr.ª Osborne Leonard, quando Feda falava através dela em transe. Não só eu e a minha esposa tivemos essa experiência, como também muitos outros que se sentaram connosco, incluindo o Sr. Swaffer, o Sr. Newman Flower, o Sr. Harold Wimbury, a Sr.ª Gibbons Grinling, o Sr. Denis Grinling e o Sr. Osborne Leonard; até a própria Sr.ª Osborne Leonard já falou longamente com Feda nas sessões de voz direta realizadas em Dorincourt. Todos a conhecemos e cada entoação da sua voz.

Portanto, a hipótese de Lady Troubridge não pode sustentar-se. O simples facto de Feda não se ter manifestado após este pedido prova que era realmente ela.

Lamento profundamente que Feda pareça ter-se afastado de nós por algum tempo, mas este facto peculiar tem valor comprovativo, pois demonstra que os espíritos são sensíveis a qualquer sugestão de desarmonia com aqueles com quem comunicam.

CAPÍTULO XXX

Uma sessão a pedido especial de Pat — Pat faz o Dr. Barnett rir — O espírito de Camarano executa um brilhante solo de bateria — Repetição da atuação para Pat — Bobby Worrall toca a sirene — Kokum está feliz por ver o "pequeno papoose com os seus mocassins e quimono" — A atitude de uma criança perante a morte.

Sábado, 21 de março de 1925.

I

Foi realizada uma sessão nesta noite especialmente para o Pat. Eu não estive presente, pois não me sentia muito bem, mas permaneci na sala ao lado e ouvi as vozes dos espíritos a falar.
Estavam presentes Valiantine, a minha esposa, a Sr.ª Robert Graham, Anthony e Pat.

Pat estava entusiasmado por ouvir a banda de jazz, cujos instrumentos, assim como a sirene e os guizos de trenó, tinham sido pintados com tinta luminosa.

Segue-se o relato de Anthony:
"O conjunto da banda de jazz foi colocado, juntamente com a corneta, no centro da sala. Pat estava emocionado por poder ficar acordado até mais tarde. Só tinha participado uma vez antes numa sessão durante toda a noite. Isso foi há um ano.

Bert Everett foi o primeiro guia a manifestar-se. Mostrou-se muito feliz por ver o Pat, que o reconheceu de imediato pela voz. As condições estavam 'exquisitas', pois Bert Everett falou cerca de trinta segundos depois de as luzes terem sido apagadas.

O Dr. Barnett disse que estava contente com a presença do Pat. Em resposta a uma pergunta minha, o Dr. Barnett afirmou que Marte estava livre de guerras há centenas de séculos. Pat interrompeu o doutor, dizendo: 'Desculpe, espero que não ache isto indelicado, mas acho que soa como um "filisifer".' "Filisifer." (Querendo dizer, naturalmente, filósofo.) O Dr. Barnett soltou uma gargalhada sonora. Continuou então a falar sobre a guerra neste planeta e mencionou a possibilidade de uma guerra aérea devastadora entre 1926 e 1927. Inglaterra, América, Japão, Alemanha, Rússia e França poderiam estar envolvidas.

Quando o Dr. Barnett terminou, houve movimento no tambor. Pusemos a tocar um disco de jazz, e logo se começou a marcar um ritmo perfeito com as baquetas luminosas, primeiro num prato e depois no próprio tambor. Quando o disco terminou, Camarano (nome fornecido pelo Dr. Barnett) executou um notável solo de bateria com força invulgar. Pedimos repetição, e, para agradar ao Pat, o tambor foi tocado de forma a representar um cavalo a galope vindo de longe, tornando-se cada vez mais alto, depois diminuindo gradualmente até desaparecer. Foi absolutamente maravilhoso.

'Annie' falou com Pat. Disse que me estava a ajudar no meu trabalho. Deu as boas-vindas à Sr.ª Graham e disse que já a tinha visitado duas vezes. Annie disse à minha mãe que estava a ajudar o meu pai e que ele devia evitar demasiada excitação no trabalho que estava a realizar no momento.

Depois, Bobby Worrall falou com Pat e disse que o tinha visto a jogar ténis comigo naquela tarde. (Perfeitamente verdade.) Pat pediu a Bobby que soprasse a sirene que estava no chão, o que ele fez. Depois, Pat pediu-lhe que tocasse o aro de guizos que tinha caído. 'Sim,' respondeu Bobby Worrall, 'se mo entregares.' Pat apanhou os guizos e estendeu-os. 'Oh, senti uma mão,' disse Pat, sem medo e deliciado, ao sentir que lhe retiravam os guizos das mãos. Os guizos moveram-se rapidamente à volta do círculo (eram visíveis por causa da tinta luminosa). Depois caíram. Pat voltou a apanhá-los, estendeu-os, e de novo sentiu a mão que lhos retirava.

Um espírito manifestou-se e falou, sem usar a corneta, com a Sr.ª Graham. 'Alice,' disse, 'sou o Bob!' Conversaram juntos e discutiram um título para o novo livro da Winnie. Depois, o pai da Sr.ª Graham, com a ajuda da corneta, falou com a filha. Agradeceu à Sr.ª Bradley por ter levado a Sr.ª Graham à sessão e agradeceu ao Valiantine pelo grande trabalho que estava a realizar. 'Kokum estava feliz por ver o pequeno papoose com os mocassins e quimono.' (Pat estava de chinelos e roupão.) Acompanhando-se com o tambor, Kokum cantou uma breve canção indígena, que foi aplaudida e repetida.

Por fim, Warren (meu tio), falando com grande clareza, dirigiu-se ao Pat, à minha mãe e a mim. Assim terminou uma breve sessão, onde a energia era excecionalmente forte."

II

O meu jovem filho Pat e eu somos grandes amigos e, com frequência, damos passeios juntos, durante os quais falamos sobre os mais variados assuntos. A atitude do Pat em relação à morte, desde que começou a falar com os espíritos, é impressionante. Disse-me: "Papá! Antes de falar com os espíritos, eu tinha muito medo da morte. Agora já não me incomoda nada a ideia. Claro que não quero morrer já; quero continuar a viver aqui, mas sei que, quando morrer, vou divertir-me imenso."

Eis a nova sabedoria. Se todos no mundo pensassem assim, seria um lugar muito melhor para viver.

CAPÍTULO XXXI

Amantes reencontrados — "Dá o meu amor à Vivian" em alemão — O pai de Miss Violet Loraine sente orgulho na carreira da filha — O espírito de Minnie, criada e camareira de Miss Loraine, regressa à sua senhora: "Estive contigo, mas não estou no túmulo" — As impressões de Miss Loraine.

Domingo, 22 de março de 1925.

I

O círculo desta noite foi particularmente bom. Alguns de nós tinham jogado ténis intensamente durante a tarde em Dorincourt com Randolph e Joan Lycett (internacionais

ingleses). O grupo no jantar estava animado. A harmonia mental de um grupo misto é sempre propícia aos melhores resultados psíquicos.

Os Lycett tiveram de regressar à cidade, e eu não entrei na sala da sessão, pois tinha trabalho literário urgente para terminar. De tempos a tempos, no entanto, da sala ao lado, ouvia as vozes dos espíritos.

O meu filho Anthony, que convém referir ser editor do *Cambridge Gownsman*, registou o que se passou. Seguem-se as suas notas:

"Estavam sentados, incluindo Valiantine, o Sr. Edward Joicey; a Sr.ª Joicey, anteriormente Miss Violet Loraine, uma das nossas mais brilhantes atrizes de revista; o Sr. Jack Baines, do Cambridge University L.T.C.; o Sr. George Prins, o Sr. Hannen Swaffer, a Sr.ª Bradley e eu. Depois de se ter posto a tocar um disco, o Dr. Barnett disse, 'Boa noite, almas,' a partir do fundo da corneta luminosa.

Depois, a voz aguda de Bert Everett veio do topo da sala e disse que as condições estavam boas. Kokum saudou-nos em alto e bom índio.

O Sr. Prins sentiu um toque na cabeça. 'George!' Era uma voz forte, que falava sem a corneta. 'Sim, querida, quem és? Tenta falar comigo.' O espírito pegou na corneta e falou através dela. A voz vibrava de emoção. 'Sou tua mulher — a Viva.' Seguiram-se as usuais expressões de alegria trocadas por amantes reencontrados. A pedido do Sr. Prins, a esposa (que era inglesa) falou-lhe depois em alemão.

Tocámos outro disco no gramofone.

A corneta girou e parou em frente do Sr. Joicey. Uma voz falou através dela, mas durante alguns momentos não conseguimos perceber de quem se tratava. Por fim, tornou-se mais clara. 'É o Laurence!' exclamou o Sr. Joicey, surpreendido e encantado. 'Laurence' era um grande amigo do Sr. Joicey. 'O Clive está aqui e vai falar,' disse Laurence, após alguns momentos de conversa.

A corneta foi colocada de novo no centro da sala e, passados alguns segundos, foi novamente levantada, desta vez por um espírito que se apresentou como 'Clive.' Clive era irmão do Sr. Joicey. 'Estou vivo — digam a todos em casa que estou vivo!'

O espírito seguinte dirigiu-se à Sr.ª Joicey. 'Pai,' anunciou uma voz ligeiramente rouca através da corneta. 'Estou tão contente por te ver aqui,' disse o pai. 'Tenho-te observado e estou muito orgulhoso da tua carreira. Estou sempre contigo... Vejo que trouxeste o teu marido,' e a corneta passou então para junto do Sr. Joicey por um momento. 'Sim, ele é muito satisfatório!' sentenciou o pai dela. 'Envia o meu amor à mãe, querida.'

Depois, surgiu uma voz rápida, entrecortada e muito distinta, que disse 'Vi.' A Sr.ª Joicey respondeu. 'Sou o Harry Wall,' anunciou o espírito. Harry Wall era tio da Sr.ª Joicey. A voz breve e entrecortada conversou durante algum tempo. Quando cessou, a Sr.ª Joicey exclamou: 'Era exatamente assim que ele falava — aos solavancos!' Era, sem dúvida, uma voz muito invulgar.

Pat O'Brien manifestou-se com o seu característico 'To be sure!' e falou connosco.

Então, uma voz suave surgiu através da corneta, que a Sr.ª Joicey reconheceu com alegria como sendo a de Minnie, que durante anos fora sua dedicada e compreensiva criada e camareira.
"Chama-me pelo nome com que costumavas tratar-me", disse Miss Violet Loraine.
"Estou tão contente por falar contigo, minha menina." Este era o nome com que Minnie tratava a sua senhora. A Sr.ª Joicey contou que recentemente visitara o túmulo de Minnie.
"Estive contigo, mas não estou no túmulo." Minnie disse também que estivera com a sua senhora quando esta visitou o antigo camarim no Alhambra. Acrescentou o quanto se orgulhava da sua senhora e que estava com ela com frequência.

Em resposta a uma pergunta, disse à Sr.ª Joicey que esta segurava naquele momento um lenço e uma carta. Isto era absolutamente verdadeiro; a Sr.ª Joicey tinha nas mãos um lenço e também a última carta que a sua criada lhe escrevera. Antes de se despedir, o espírito falou também com o Sr. Joicey, a quem conhecera em vida. Minnie fez uma terna despedida e pousou a corneta.

Depois, manifestou-se um espírito enérgico, que se colocou diante de Jack Baines.
"Avô", disse. "Sim, a tua mãe está aqui, mas quero falar contigo primeiro."
O Sr. Baines afirmou que a voz era bastante típica da personalidade vigorosa do seu avô.
"Morreu em 1905", acrescentou. A corneta foi rapidamente levantada de novo. "Não estou morto!", disse a voz.

Depois, a Sr.ª Baines manifestou-se e falou com o filho, dizendo o quanto estava feliz e que não queria voltar. Ao dizer "Boa noite", soou, através da corneta, o som de um beijo.

O Sr. Prins foi novamente interpelado e conseguiu distinguir a palavra "Oscar" — o seu irmão. "Como está o teu ouvido?", perguntou Oscar. "Não te preocupes com isso, vai ficar tudo bem." Isto constituiu uma prova, pois o Sr. Prins afirmou mais tarde que recentemente fora submetido a uma operação ao ouvido.

Finalmente, Lord Northcliffe falou com o Sr. Swaffer na sua voz independente, dizendo que voltaria a falar sobre uma questão relacionada com o *New York Times*.

William Archer, falando de forma independente, e num ponto elevado da sala, disse que aquele era um grande trabalho que se estava ali a realizar.

O espírito da tia Carrie da minha mãe também falou, sem usar a corneta, identificando-se claramente. Conversou durante algum tempo com a minha mãe e comigo.

O Dr. Barnett exclamou que estava disponível para responder a quaisquer perguntas; mas os participantes habituais aparentemente já tinham esgotado a maioria das suas questões, e os novos participantes pareciam demasiado comovidos para pensar em algo para perguntar. Lembraram-se das perguntas assim que a sessão terminou. Assim, o Dr. Barnett encerrou a sessão. Tinha durado apenas uma hora e meia, mas cada novo participante recebera provas inegáveis e evidentes da sobrevivência.

II

Esta foi, ao que tudo indica, uma sessão bem-sucedida e comprovativo.

Onze espíritos distintos e característicos falaram com os participantes e, além disso, três dos guias manifestaram-se.

Todos os novos participantes disseram-me pessoalmente que acharam a noite maravilhosa.

Conversámos durante algum tempo sobre o que acontecera, e é curioso notar que, embora a noite estivesse fria, a Sr.ª Joicey, que regressava de carro fechado a Londres, partiu esquecendo o chapéu e o casaco.

No dia seguinte, a Sr.ª Joicey escreveu-me uma carta encantadora, na qual dizia: "Fiquei absolutamente fascinada. O meu marido e eu estamos muito gratos a si — estamos ambos tão felizes com o que aconteceu, e ambos estamos absolutamente convencidos — depois da noite passada, não tenho quaisquer dúvidas."

CAPÍTULO XXXII

Miss Radcliffe Hall assiste a uma sessão diurna com Valiantine — Úna, Lady Troubridge, junta-se ao círculo — "Isto estabeleceu Valiantine de forma excecional."

Segunda-feira, 23 de março de 1925.

Após a sessão da S.P.R. em Dorincourt, que teve lugar na passada sexta-feira, debatemos os fenómenos extraordinários que ocorreram em duas ou três ocasiões, quando primeiro o Pat, depois o Anthony e a minha esposa obtiveram as vozes durante o dia com Valiantine.

Úna, Lady Troubridge, e Miss Radcliffe Hall ficaram extremamente interessadas com isto, e ficou combinado que viriam na segunda-feira seguinte, durante a tarde, para uma experiência.

Miss Radcliffe Hall sentou-se sozinha com Valiantine na primeira experiência. As cortinas estavam parcialmente corridas para atenuar a intensidade da luz do dia. Miss Radcliffe Hall pôde observar claramente o rosto e os lábios de Valiantine, que não se moveram.

Após algum tempo, ouviram-se algumas batidas dentro da corneta e, de seguida, Miss Radcliffe Hall ouviu a voz do seu pai a falar, dando o nome da sua mãe, que, segundo ele, estava com ela na casa. Deu ainda uma frase curta que Miss Radcliffe Hall não conseguiu decifrar por completo.

Lady Troubridge juntou-se-lhes então, e ouviram-se mais batidas. Precisamente nesse momento o telefone tocou, interrompendo a sessão.

Depois disso, Lady Troubridge sentou-se sozinha com Valiantine, e voltaram a ouvir-se batidas dentro da corneta e também na estante.

Ouviu-se então uma voz que dizia: "Arthur Herbert." Um pouco depois, uma voz identificou-se como "Lowther," dizendo: "Gostava que a Toupie estivesse aqui." Lady Troubridge respondeu: "Ela está ausente." Então a voz de Mrs. Lowther disse espontaneamente: "Estive muitas vezes contigo em Stirling Street."

Lady Troubridge ficou profundamente impressionada com esta experiência única. Declarou que observara atentamente a boca de Valiantine e notara que esta permanecia fechada, sem qualquer movimento dos lábios. Disse: "Considero que isto estabeleceu Valiantine de forma excecional."

Depois, Valiantine disse-lhe que não tinha objeção em sentar-se na sala de sessões da S.P.R., mas Lady Troubridge afirmou que, se estivesse no lugar dele, não se voltaria a sentar ali sob circunstância alguma, pois os guias pareciam opor-se e, segundo ela, podiam obter-se melhores resultados fora desse ambiente.

CAPÍTULO XXXIII

Uma sessão médica — As prescrições do Dr. Barnett para a tuberculose, cancro, sífilis — O Dr. Barnett é interrogado por médicos sobre a sua fórmula — O autor discorre sobre os prós e contras desses tratamentos sugeridos.

Terça-feira, 24 de março de 1925.

I

Os registos dos acontecimentos supranormais contidos neste livro estão apresentados pela ordem e data exatas em que ocorreram. A sequência das sessões médicas, que se estendeu de 24 de março a 17 de abril, será, no entanto, mantida no capítulo seguinte. Entretanto, outras sessões foram intercaladas, e o capítulo que se segue a este continuará o registo pessoal a partir de 25 de março.

Quem leu "*Towards the Stars*" recordar-se-á de que o Dr. Barnett afirmou (nos Capítulos XVIII e XIX dessa obra) que, numa data posterior, nos transmitiria os tratamentos para certas doenças humanas.

Disse-nos que deveríamos ter cuidado na escolha dos médicos qualificados que estariam presentes para registar a fórmula.

Discutimos este assunto com o Dr. Barnett em várias ocasiões e combinámos realizar a primeira sessão com esse propósito na data referida.

Os dois médicos convidados a estar presentes foram o Dr. Abraham Wallace, de 1 Park Crescent, Portland Place, W.1., e o Dr. T. Moore O'Donnell, de Oxted.

Estavam presentes: Valiantine, a minha esposa, o Sr. Swaffer, o Dr. Abraham Wallace, o Dr. Moore O'Donnell e eu próprio.

Todos estávamos sentados com blocos de notas nos joelhos para registar o que fosse dito e, adicionalmente, o Anthony encontrava-se sentado fora da porta, junto a uma mesa com uma lâmpada vermelha, para também ele registar e verificar todas as declarações.

Apenas um disco fora tocado no gramofone quando se ouviu a voz do Dr. Barnett a saudar-nos: "Boa noite, almas."

O Dr. Abraham Wallace tem vasta experiência em fenómenos psíquicos. Durante algum tempo integrou o Conselho da S.P.R., mas demitiu-se.
O Dr. O'Donnell estudava fenómenos psíquicos há mais de trinta anos, mas nunca antes participara numa sessão de voz direta.

Apresentei os dois médicos ao Dr. Barnett.

II

Tuberculose

DR. BARNETT (aos dois médicos): Estão ambos qualificados para receber esta grande Verdade em nome da humanidade?

Tendo recebido uma resposta afirmativa, o Dr. Barnett prosseguiu:

DR. BARNETT: Temos estado um pouco dececionados com algumas almas terrenas. Vou agora dar-vos um tratamento para a tuberculose.

Depois das duas fórmulas, desejo indicar as proporções, o que se deve e o que não se deve usar.

O primeiro é escila (*squill*), para fortalecer os brônquios e estimular a mucosa brônquica.

A seguir, para os pulmões:

Datura Stramonium na forma de fumo deve ser administrado ao paciente. Coloquem o paciente numa divisão onde possa inalar o fumo.

Se o paciente não estiver muito gravemente afetado, deve ser utilizada esta aplicação inicial.

Deve dar-se ao paciente uma chávena de chá muito forte de malva, para purgar os intestinos. Depois de os intestinos estarem limpos, dar uma chávena de chá de sangue-de-dragão (*blood root tea*). O chá de sangue-de-dragão estimula as artérias e, assim, ajuda a circulação do sangue por todo o sistema.

Depois, deve dar-se um banho com folhas de goiabeira medicinais, acrescentando ao banho meio pint (cerca de 0,3 litros) de flores de enxofre. Coloquem o paciente na água tão quente quanto ele conseguir suportar, deixando a água quente correr gradualmente. Não manter o paciente na água demasiado tempo. Cinco minutos são suficientes.

Depois, o paciente deve receber bastante ar fresco e luz solar. Se for possível obter luz solar artificial, será ainda melhor.

Agora preciso de descansar um pouco.

A voz do Dr. Barnett era muito clara e distinta, sendo naturalmente difícil para um espírito materializar a voz e continuar a falar durante um período prolongado sem pausa. Tocou-se mais um disco no gramofone e, em seguida, o Dr. Barnett retomou:

DR. BARNETT: Devem tentar eliminar alimentos gordurosos, ou melhor, carnes gordas. Deem ao paciente caldo de vaca ou de galinha.

O paciente não deve fumar; fumar fará mal. E nada de álcool — apenas, quando o paciente estiver a recuperar, poderá tomar uma pequena quantidade.

O exercício físico é bastante importante, mas não deve ser excessivo.

Observem o paciente com muito cuidado durante o tratamento. Digo isto porque é muito importante que o paciente esteja sob vigilância. Uma enfermeira deve cuidar do paciente, pois muitas vezes ele tentará obter tabaco, drogas ou álcool, o que o prejudicaria. Será benéfico o paciente praticar respiração profunda.

(*Pausa breve*)

Tomem nota com atenção. É neste ponto que introduzimos antimónio como parte do tratamento.

Deve ser administrada uma injeção diária de antimónio. (*Pausa*)

Massagem diária no peito e costas com a seguinte preparação:

- Uma dracma de terebintina
- Uma dracma de álcool
- Uma onça de azeite de oliva
- Uma dracma de cânfora líquida

Este é o tratamento.

O Dr. Barnett disse então que não podia continuar a falar mais naquela noite, mas que continuaria com as instruções na próxima sessão.

Perguntou se gostaríamos que um ou dois dos outros guias falassem connosco, e, naturalmente, concordámos.

Bert Everett manifestou-se e falou connosco durante algum tempo, com o seu tom agudo.

Kokum, com os seus poderosos e impressionantes tons, falou connosco e contou-nos como o Pat (meu filho) ficara satisfeito por ter falado com ele na sessão do sábado anterior.

Pat O'Brien falou durante bastante tempo, ficando mais do que é habitual. Conversou com o Dr. Wallace e, durante algum tempo, com o seu compatriota, o Dr. O'Donnell.

Enquanto Kokum estava presente, levantou uma das cornetas luminosas, que voou pela sala, subiu até ao teto e bateu nele.

Feda conversou com vários de nós.

A sessão foi então encerrada.

III

Sábado, 28 de março de 1925

Esta sessão foi realizada especialmente com o objetivo de registar as fórmulas para o tratamento de doenças. Tinha sido combinado que o Dr. T. Moore O'Donnell estaria presente para tomar nota das fórmulas e que, posteriormente, as discutiria com o Dr. Abraham Wallace.

Estavam presentes: Valiantine, a minha esposa, Miss Madeline Cohen, o Sr. Hannen Swaffer, o Dr. T. Moore O'Donnell e eu próprio.

Tal como anteriormente, Anthony encontrava-se numa mesa fora da sala, a tomar notas verbatim do que se passava, à luz de uma lâmpada vermelha.

Passados alguns minutos, a voz do Dr. Barnett manifestou-se e, ao saudar-nos, disse: "Quero dizer umas palavras ao doutor. Relativamente ao tratamento para a tuberculose que foi dado no início da semana, ouvi-vos dizer que alguns dos remédios eram antiquados. Já melhoraram a forma natural de produzirem os vossos bebés terrenos? Estou a dar-vos os remédios da natureza — aquilo que a natureza providenciou para o vosso corpo físico."

IV

Cancro

DR. BARNETT: O tratamento para o cancro é muito simples e fácil. O que vos dou agora é uma preparação que nunca foi investigada por médicos humanos: é o xarope do fruto do cacto selvagem, conhecido como *Prickly Pear*. Naturalmente já ouviram falar da cereja-brava (*Wild Cherry*). Estes dois devem ser misturados em forma de xarope e devem ser administradas três onças (cerca de 85 ml) por dia ao paciente com cancro.

Para o outro medicamento, uma colher de chá de açúcar (de cana ou de beterraba) com quatro gotas de essência de terebintina, de manhã e à noite, ao deitar.

O seguinte é enaculado de fosfato, estricnina, fosfatos de cálcio e hipofosfato de ferro. Desejo declarar que antimónio e óleo de chaulmoogra devem ser injetados.
(*Pausa*)

O paciente deve ser tratado com raios vermelhos. É essencial manter os intestinos do paciente bem regulados. O paciente deve tomar um banho com sais de Epsom — meia libra (cerca de 225 g) de sais de Epsom por banho. O paciente deve permanecer na água entre dez a doze minutos. O corpo não deve ser enxaguado nem seco completamente. A sala deve ter uma temperatura razoável.

Deveis compreender que o xarope de cato eliminará o cancro em pessoas que tenham uma forma ligeira da doença. O xarope de cato é um purificador do sangue que irá conter a progressão da doença.

Se houver casos com feridas — feridas cancerosas — devem usar brometo de potássio, sulfato de zinco e petróleo. Misturem estes ingredientes com flores de enxofre e alúmen pulverizado, e apliquem sobre a parte afetada com um ferro muito quente (coloquem algodão sobre a área antes de aplicar o ferro). Isto deve ser feito duas vezes por dia e, se possível, massajar a coluna vertebral desde o cerebelo até às extremidades inferiores com fricção manual.

Agora vou indicar a dieta: Eliminar completamente carne de qualquer tipo. Legumes, ovos e leite são muito recomendados. O leite deve ser fervido e depois arrefecido antes de ser dado ao paciente — a água potável também. Dar muita água ao paciente.

(Em resposta a uma pergunta que lhe foi colocada.)

No caso de cancro em estado avançado, como por exemplo no seio, o remédio deve ser aplicado localmente, entre algodão medicado, com auxílio de ferro quente.

Durante o tempo em que o Dr. Barnett prescrevia o tratamento para o cancro, respondeu por diversas vezes a perguntas colocadas pelo meu filho a partir da sala exterior.

Depois de o Dr. Barnett ter partido, manifestou-se Bert Everett, que conversou connosco durante algum tempo; Kokum também. A pedido do Sr. Swaffer, pegou nas duas cornetas e rodou-as pela sala. O Sr. Swaffer tinha pedido a Kokum que o fizesse para que o Dr. O'Donnell pudesse observar a manifestação física, o que o impressionou bastante.

Pat O'Brien também se manifestou e falou connosco, trocando algumas palavras com o Dr. O'Donnell.

Annie falou com voz independente comigo e com a minha esposa, dizendo que gostaria de realizar uma sessão privada, pois havia certos assuntos que desejava discutir comigo.

Na noite anterior a esta sessão, ao deitar-me, o travesseiro da minha cama foi movido e colocado numa posição mais confortável por mãos invisíveis. Já tinha tido uma ou duas experiências semelhantes antes, mas nenhuma tão impressionante como esta. Nesse momento, levantei completamente a cabeça do travesseiro e ele foi, então, erguido e posicionado cuidadosamente sob a minha cabeça.

Quando a minha irmã falou comigo nessa noite, perguntei-lhe se tinha estado comigo na noite anterior quando me deitei, e ela respondeu que sim — que tinha estado comigo e que fora ela quem ajustara o meu travesseiro para maior conforto.

Warren falou durante alguns minutos.

Segunda-feira, 31 de março de 1925

Esta sessão teve lugar às 20h30, com o objetivo de receber a fórmula para o tratamento de doenças dada pelo Dr. Barnett.

Estavam presentes: Valiantine, a minha esposa, o Dr. O'Donnell, Miss Madeline Cohen, o Sr. Swaffer e eu próprio. Anthony permaneceu, como habitual, sentado numa mesa com uma lâmpada vermelha, tomando notas verbatim da sessão.

Depois de tocarmos um disco no gramofone, o Dr. Barnett manifestou-se e saudou-nos como de costume.

Sífilis

DR. BARNETT: Compreendem que este remédio se destina a fins sifilíticos. Agora, doutor, prescrevo chá de escila (*Squill*) para induzir o vómito no paciente.

Em seguida, deve usar a casca da raiz de areca — esse é o tónico, a ser administrado após provocar o vómito.

Depois, deve dar ao paciente um grão de mercúrio. O próximo é anchita — que é o purgativo, também útil para doenças de pele.

A seguir, glicerofosfato, estricnina e cal.

Depois, deve ser administrado internamente: carvão de magnésio e enxofre. Pulverizem bem ambos e deem uma colher de chá, três vezes por dia, intercalado com os outros remédios.

A seguir, deve aplicar-se um tratamento externo com óleo, enxofre e petróleo. Misturar e esfregar sobre o corpo.

Se houver feridas abertas, utilizar enxofre e bórax em pó. Aplicar um pouco de zinco sulfurado, aplicado seco sobre as feridas. O paciente deve também tomar banho.

Em todos estes tratamentos, o paciente deve passar por um processo de vómito e deve ser administrado um purgante para libertar os intestinos; é essencial aplicar os remédios conforme a ordem prescrita.

Estes remédios são muito simples — o sucesso do tratamento depende da aplicação ordenada das diferentes fórmulas.

Os médicos deste lado da vida irão guiar-vos e ajudar-vos no vosso trabalho. Fico muito feliz por vos ter conseguido transmitir estas fórmulas de forma tão fácil e tão direta, e voltarei a falar-vos mais tarde.

Depois de o Dr. Barnett ter partido, manifestou-se Bert Everett, que conversou connosco durante bastante tempo. A sua voz estava especialmente potente nesta ocasião e mostrou-se extremamente bem-humorado. Referiu ter visto Valiantine na noite de estreia de "*Tarnish*" no Teatro Vaudeville. Bert Everett e Valiantine mantiveram uma conversa sobre os acontecimentos da noite anterior.

Kokum também se manifestou e falou com dois ou três de nós.
Entre os espíritos pessoais, a corneta luminosa foi levantada e Miss Cohen foi interpelada pela sua mãe, tendo ambas conversado durante algum tempo.

A corneta luminosa foi novamente erguida e uma voz espiritual falou com o Dr. O'Donnell. O Dr. O'Donnell disse-nos que se tratava do espírito da sua irmã, Mary.

Uma voz espiritual, utilizando a corneta luminosa e falando de um ponto elevado da sala, anunciou ser "George Kates", referindo que era secretário da N.S.A. — presumivelmente a American Spiritualist Association. Este espírito tinha uma voz muito forte e anunciou ainda que George Warne — o presidente — estava com ele. Ao falar comigo e com o Sr. Swaffer, George Kates disse que estávamos a fazer um trabalho magnífico neste país.

Warren falou com a minha esposa, com o Sr. Swaffer e comigo.

No final, o Dr. Barnett disse que estaria disponível para responder a quaisquer perguntas que os médicos quisessem colocar-lhe na próxima sessão, depois de analisarem as fórmulas que tinham sido transmitidas.

VI

Segunda-feira, 6 de abril de 1925

Esta noite foi dedicada às comunicações médicas. O Dr. Abraham Wallace e o Dr. T. Moore O'Donnell tinham estudado as fórmulas dadas para o tratamento da tuberculose, cancro e sífilis, e tinham preparado as questões que desejavam colocar ao Dr. Barnett sobre diversos pontos.

Estavam presentes: Valiantine, a minha esposa, o Dr. T. Moore O'Donnell, Miss Madeline Cohen, o Sr. Swaffer e eu. Deve notar-se que o círculo não se alterou nas duas últimas sessões dedicadas às comunicações médicas. Anthony, como de costume, estava fora da sala, a tomar notas.

Tocou-se um disco no gramofone e, após a saudação inicial, a conversa do Dr. Barnett prosseguiu sem interrupção durante uma hora e meia. Falou longamente sobre vários assuntos, mas apenas os pontos principais, com valor prático, foram registados. As

perguntas dos Drs. Wallace e O'Donnell eram feitas em voz alta pelo meu filho, a partir do exterior da sala, e foram registadas juntamente com as respostas, pronunciadas de forma clara e impressionante pela voz do espírito do Dr. Barnett. As perguntas foram previamente tabuladas, por ser este o modo mais claro de as apresentar.

Tuberculose

DR. O'DONNELL: Por que eliminar gorduras e carnes da dieta?

DR. BARNETT: Quando digo gordura, refiro-me a carnes gordurosas, não ao leite, manteiga, azeite, etc. O leite e a água devem ser fervidos e arrefecidos antes de serem dados ao paciente.

DR. O'DONNELL: Que efeito tem o antimónio sobre os bacilos da tuberculose e como limita os seus efeitos letais apenas aos tecidos doentes?

DR. BARNETT: Depende da forma como é administrado. A doença no tecido pulmonar causa grande sofrimento ao paciente ao obstruir os pulmões. O antimónio vai clarificar os tecidos e regenerar as células. Depois do antimónio, devem administrar o chá que prescrevi; isso irá eliminar qualquer perturbação nas partes saudáveis dos pulmões.

DR. O'DONNELL: Qual a dosagem de antimónio e de óleo de chaulmoogra a injetar?

DR. BARNETT: Meio grão de antimónio e uma dracma de óleo de chaulmoogra, uma vez por dia.

Cancro

DR. WALLACE: O cato selvagem *prickly pear* é o *Opuntia vulgaris*, ou de que género se trata?

DR. BARNETT: É um cato espinhoso; os frutos têm pequenos espinhos e a flor é púrpura. Podem encontrá-los em França, Itália e América.

DR. WALLACE: A cereja-brava é a *Prunus serotina*?

DR. BARNETT: A cereja-brava comum.

DR. WALLACE: Terebintina — para que sintomas e em que fase da doença?

DR. BARNETT: A terebintina serve para purificar o sangue e eliminar as secreções causadoras da irritação. Pode ser usada em qualquer fase.

DR. WALLACE: O que significa o termo "enaculado"?

DR. BARNETT: Significa fosfato de ferro e estricnina.

DR. WALLACE: Em que fase devem ser usados os raios vermelhos?

DR. BARNETT: Desde o início. Raios vermelhos elétricos. São completamente diferentes dos raios violeta. Devem ser aplicados uma vez por dia e, se possível, na presença de luz solar ou luz solar artificial. A exposição deve durar entre dez a quinze minutos.

DR. WALLACE: Por que motivo os banhos com sais de Epsom?

DR. BARNETT: Para clarificar os poros da pele, penetrar os tecidos delicados e eliminar dores do corpo.

DR. WALLACE: O que entende por "ataque ligeiro"?

DR. BARNETT: As fases iniciais da doença.

DR. WALLACE: O cancro é de natureza bacteriana, ou resulta primariamente de alterações nos núcleos e no conteúdo celular? Será um processo fisiológico pervertido ou uma diminuição da vitalidade nos elementos nervosos — especialmente no sistema nervoso simpático — ou será uma combinação de causas?

DR. BARNETT: É uma complicação nas secreções do sangue, causada por certos alimentos e infeções, por via de inoculação.

DR. WALLACE: Quais são as causas predisponentes e desencadeadoras do cancro nas suas várias localizações?

DR. BARNETT: Causado por erupções cutâneas; a mais ligeira afeção da pele pode evoluir para cancro. Algumas pessoas são predispostas. Uma irritação que cicatriza nuns, pode tornar-se cancerosa noutros. Não é hereditário.

DR. O'DONNELL: Como se compara o seu tratamento para o cancro com o tratamento por rádio?

DR. BARNETT: Não há comparação possível. O rádio pode curar, mas não erradica a doença do organismo. É necessário purificar o sangue para eliminar a doença.

DR. O'DONNELL: O seu tratamento alcança o fígado? Chaulmoogra e antimónio são suficientes?

DR. BARNETT: A aplicação de antimónio e óleo de chaulmoogra será suficiente e alcançará o fígado.

Sífilis

DR. O'DONNELL: Em que medida o seu tratamento melhora o de Jonathan Hutchinson de há quarenta ou cinquenta anos?

DR. BARNETT: Não há comparação. Estou apenas a prescrever uma dose ligeira de mercúrio diariamente. É o tratamento coletivo que terá efeito, não o mercúrio isoladamente.

DR. O'DONNELL: Como é destruída a espiroqueta, especialmente no líquido céfalo-raquidiano?

DR. BARNETT: Pode ser tratado amolecendo os ossos com fosfatos. Desejo indicar ao doutor aqui presente a aplicação de antimónio sobre a coluna vertebral, uma vez por dia, e, com fosfato de cal e estricnina, será possível alcançar a medula óssea.

DR. O'DONNELL: O antimónio é o principal elemento no tratamento?

DR. BARNETT: O antimónio não desempenha um papel muito grande — os outros remédios que se seguem têm um efeito maior. O segredo está na combinação. Do nosso lado, temos médicos maiores do que os do vosso plano físico. Há milhares de anos que tentamos ajudar a humanidade, mas temos sido ignorados.

H.D.B.: Está, naturalmente, familiarizado, Dr. Barnett, com o tratamento da sífilis pelo 606, que é uma descoberta dos últimos quinze anos. Pode dizer-nos o efeito final desse tratamento?

DR. BARNETT: Temos grandes médicos deste lado. Desejamos afirmar que estes tratamentos mais suaves são mais eficazes do que os métodos modernos atualmente em uso. Embora tenham conseguido ajudar os pacientes até certo ponto, não conseguiram erradicar a doença.
No que diz respeito ao 606, conseguiram ajudar o paciente, mas não conseguiram erradicar a doença do sangue. Há possibilidade de recidiva após o 606, e isso pode ser grave para o paciente.

DR. WALLACE: Pode dizer algo sobre as reações eletrónicas de Abrams? Conseguem estabelecer contacto com ele?

DR. BARNETT: Sim, discutimos esse assunto deste lado da vida, e é muito eficaz. Sim, conhecemos Abrams e debatemos a questão com ele.

Não posso exprimir opinião sobre se as fórmulas transmitidas provarão ter valor ou não. Vale a pena tentar. Em qualquer caso, está estabelecido sem margem para dúvidas o fenómeno extraordinário de uma voz espiritual, falando em voz alta e transmitindo métodos de tratamento, muitos dos quais vão além de qualquer conceção prévia das mentes que escutam. A teoria telepática não se aplica a este fenómeno. Trata-se de uma inteligência desencarnada, a oferecer informações na sua própria voz.

Deve notar-se também que as respostas dadas com a voz do Dr. Barnett foram proferidas com clareza, determinação e autoridade. A sua voz foi magnífica do início ao fim. Não houve pausas, nem sequer a menor hesitação. Para mim, e também para o Dr. O'Donnell, a fluidez desta sessão foi extraordinariamente impressionante.

VII

Sexta-feira, 17 de abril de 1925, 20h30

Esta noite foi organizada como a última sessão com os médicos sobre as fórmulas fornecidas pelo Dr. Barnett. Estavam presentes: Valiantine, a minha esposa, o Dr. T. Moore O'Donnell e a sua esposa, e o Dr. Abraham Wallace. Nesta ocasião, Anthony estava em Cambridge. Por isso, ocupei o seu lugar e sentei-me fora da sala, com uma mesa à frente, onde coloquei uma lâmpada elétrica e um bloco de notas, para registar tudo o que acontecesse. Passado cerca de um minuto, ouvi o Dr. Barnett a falar. Seguem-se as minhas notas resumidas da conversa que se desenrolou:

DR. BARNETT: Boa noite, almas. Estou muito contente por vos ver aqui esta noite.

DR. WALLACE: Lamento não ter podido vir antes, mas li e apreciei as suas declarações. Posso fazer-lhe algumas perguntas?

DR. BARNETT: Terei muito prazer em responder.

DR. WALLACE: Estou interessado na causa do cancro. Pode dizer-me quais os fatores predisponentes? E são influenciados pelo consumo de carne?

DR. BARNETT: Sim, mas por vezes também são causados por vegetais, devido às substâncias em decomposição presentes na terra.

DR. WALLACE: Quer dizer que essas substâncias são absorvidas?

DR. BARNETT: Sim, pela infusão da terra nos vegetais.

DR. O'DONNELL: Quer dizer que as substâncias em decomposição entram nos vegetais?

DR. BARNETT: Sim. Ambas se misturam com os sucos gástricos e são absorvidas conjuntamente. Sabem que os animais também têm cancro?

DR. WALLACE: Pode descrever a patologia? É, mais ou menos, uma doença do sangue? E pode dizer-nos também qual a causa determinante da localização?

DR. BARNETT: Como sabem, por vezes aparece no coração, outras no fígado e outras no seio.

DR. WALLACE: O que leva a que se localize no fígado?

DR. BARNETT: É causado pela transfusão do sangue através de diferentes órgãos.

H.D.B. (intervindo do exterior da sala): Quer dizer com isso, Dr. Barnett, que a doença tende a atacar os órgãos mais fracos?

DR. BARNETT: Sim, atacará a parte mais sensível do organismo.

DR. WALLACE: Suponhamos que há sinais localizados de um ataque ao seio feminino. Como se deve tratar? Se o seio da mulher está a inchar e não se tem certeza, mas há suspeita de cancro, como se deve proceder?

DR. BARNETT: Já vos dei essa indicação. O tratamento deve ser feito com ferro quente e aplicações locais, para dispersar o sangue.

DR. WALLACE: Quando se deve aplicar o tratamento com raios vermelhos?

DR. BARNETT: Os raios vermelhos devem ser usados desde o primeiro até ao último estágio. Devem seguir as instruções que vos dei.

DR. WALLACE: Suponhamos que a doença está em fase ulcerada. Deve o ferro ainda assim ser usado?

DR. BARNETT: Sim. Ele irá enriquecer os tecidos em redor e proteger as outras partes do corpo.

Após estas perguntas, o Dr. Barnett afirmou que os tratamentos transmitidos para as várias doenças resultaram da colaboração de inteligências médicas do seu lado. Acrescentou que naquela noite estavam com ele o Dr. Gustave Geley e o Dr. Peebles, que falecera na Califórnia. Ao ouvir isto, o Dr. Wallace pediu ao Dr. Barnett que transmitisse os seus cumprimentos ao Dr. Peebles.

Retomando o tema dos tratamentos, o Dr. Wallace questionou sobre o uso do antimónio, perguntando: "É injetado nos vasos sanguíneos?"
DR. BARNETT: "Sim, a doença deve ser tratada como uma doença do sangue, e é necessário chegar à sua origem."

Depois de mais algumas perguntas, o Dr. Barnett chamou-me em voz alta:
"Sr. Bradley, pode agora entrar na sala."
Deixei então as minhas notas de lado e juntei-me ao círculo.

A sessão prosseguiu. O círculo estava particularmente harmonioso e a energia era muito forte.

Kokum e Bert Everett manifestaram-se e conversaram connosco longamente. Pat O'Brien também falou durante algum tempo com a maioria dos presentes, e, ao dirigir-se a mim, foi bastante brincalhão:

"Sr. Bradley, disse que escreveria apenas um livro sobre fenómenos psíquicos, mas agora está quase a terminar outro, e verá como será difícil afastar-se deste tema. Escreverá mais livros do que esses dois."[1]

Bert Everett foi espirituoso e fluente nas suas intervenções, e a voz de Kokum ressoou por toda a sala.

[1] *Espero sinceramente que não. O tema é tão inesgotável que exaure o escritor. Desejo refrescar-me com fantasia satírica, afastando-me desta realidade cósmica.*

Bobby Worrall falou sobre o Pat, dizendo que o vira a brincar com girinos, a andar de bicicleta, e descreveu outras atividades do Pat ao longo do dia.

Durante a sessão, o espírito da irmã de Dr. O'Donnell, Mary, manifestou-se e falou com ele durante algum tempo através da corneta luminosa; depois, atravessando a sala, dirigiu-se à Sr.ª O'Donnell. Também à Sr.ª O'Donnell se apresentou um espírito que deu o nome de "Ray" e que falou com ela durante bastante tempo.

Ao Dr. Wallace manifestou-se o espírito da sua mãe, que falou com ele; pouco depois, o espírito do Dr. Peebles, utilizando a corneta luminosa, falou em tons claros e distintos ao Dr. Wallace. Durante a conversa, disse:

"Lembras-te que foi realizado um banquete em minha honra, quando deixaram uma cadeira vazia para mim. Estive presente nesse banquete, apreciei-o muito e gostei do convívio."

Este comentário teve, sem dúvida, valor comprovativo, pois nenhum de nós, exceto o Dr. Wallace, conhecia este episódio.

Um banquete tinha sido planeado em honra do Dr. Peebles por ocasião do seu centésimo aniversário, creio que na Califórnia. O Dr. Peebles faleceu pouco antes do evento, mas o banquete foi realizado na mesma, e uma cadeira vazia foi colocada em sua homenagem. O Dr. Abraham Wallace confirmou-nos este facto posteriormente.

Annie falou comigo e disse que gostaria que fosse realizada uma sessão privada, para poder falar comigo e com a minha esposa sobre Gertrude.

A sessão foi então encerrada.

É importante notar que cinco noites foram especialmente dedicadas ao registo dos tratamentos sugeridos por Dr. Barnett para diversas doenças.
Estes tratamentos foram sempre transmitidos na presença de médicos, e publico estas comunicações tal como foram recebidas, sem oferecer qualquer opinião quanto ao seu valor.

No entanto, é necessário registar o fenómeno da voz de um espírito a falar do espaço, durante longos períodos, de forma inteligível e coerente sobre assuntos médicos, ao longo de cinco sessões extensas.

Se os métodos prescritos serão efetivamente testados ou não, é incerto.

A profissão médica é, naturalmente, o sindicato mais conservador do mundo. É improvável que aceite uma visão psíquica superior, podendo até rejeitar ou ridicularizar as fórmulas apresentadas. Isso não é da minha responsabilidade. Mas, antes de criticar, deverá demonstrar que possui, de facto, conhecimentos e remédios eficazes para combater esses flagelos.

Se a medicina conhece a cura para o cancro, o mundo sofredor saudá-la-á.
Se não conhece, não tem fundamento para condenar qualquer tratamento sugerido, venha de onde vier, até que esse tratamento tenha sido devidamente testado e provado como inútil.

Se algumas partes do tratamento parecerem simples ou expressas de forma descomplicada, isso não justifica a rejeição imediata de todo o conjunto, especialmente se

a combinação total, na ordem exata dada, nunca tiver sido tentada. Mesmo que apenas uma pista nas fórmulas leve a uma futura descoberta, isso por si já seria inestimável.

Contudo, há outro ponto de vista que me cabe apresentar, enquanto investigador psíquico com vasta experiência: não aceito, nem por um momento, que todas as comunicações recebidas estejam inspiradas por sabedoria omnipotente, pois tenho plena consciência de que o espírito humano, ao passar para o além, não se torna infalível.

O Dr. Barnett viveu na Terra há sessenta ou setenta anos. Os espíritos dizem-nos que o seu tempo é dedicado à aquisição de conhecimento sobre as vastas esferas espirituais do Universo. Temos, portanto, de considerar se o Dr. Barnett progrediu, desde então, no domínio da medicina aplicada ao mundo terreno.

Como argumento contrário, no entanto, tenho recebido há dois anos comunicações diretas com a sua própria voz, e sou capaz de avaliar se se trata de um espírito inteligente na maioria dos temas que aborda. E tem-se revelado certamente como tal, confundindo em debate muitos homens de intelecto considerável. Mas, ainda assim, isso não prova conclusivamente a sua autoridade médica.

Apresento estes pontos para demonstrar que pretendo ser absolutamente justo na análise destas experiências.

Dadas as comunicações notáveis e a extraordinária evidência da sobrevivência da inteligência após a morte, não me sentiria, de modo algum, justificado em omitir as opiniões do Dr. Barnett e os seus métodos de tratamento.Só após testados é que poderemos saber se são eficazes ou não. E esse é, certamente, o método da verdadeira investigação científica.

Se os tratamentos revelarem ser eficazes ou não, isso em nada diminui o fenómeno impressionante da voz ressonante, distinta e fluente do Dr. Barnett, a falar do espaço, em tons que ecoavam por toda a sala. A sua voz foi ouvida claramente do lado de fora da porta fechada, onde estas notas foram registadas.
Foi também ouvida, ocasionalmente, por vários criados de Dorincourt que passavam pela sala nesse momento.

Todos os presentes, incluindo o Dr. O'Donnell e o Dr. Abraham Wallace, podem confirmar os factos supranormais aqui descritos. Ambos os médicos estiveram presentes como observadores, testemunhas e relatores imparciais. As suas opiniões sobre as comunicações devem, naturalmente, ser reservadas. Contudo, o Dr. O'Donnell declarou que considerava o fenómeno da voz — a voz materializada de um espírito inquestionavelmente inteligente — como a experiência mais maravilhosa da sua vida.

Um desenvolvimento espantoso de valor incalculável — Relato de Mr. Swaffer sobre uma sessão diurna — Nenhuma possibilidade de fraude — "Removemos o medo da morte."

Quarta-feira, 25 de março de 1925, 15h30

Nesse dia, Mr. Hannen Swaffer viajou até Dorincourt durante a tarde. Como investigador, estava profundamente interessado no novo fenómeno de obtenção de vozes espirituais à luz do dia — um desenvolvimento espantoso de valor incalculável.

Segue-se o relato de Mr. Hannen Swaffer:

"Na semana passada, a prova mais convincente de todas: ouvi vozes à luz do dia. Valiantine estava sentado à minha frente, de forma que o podia ver perfeitamente à luz clara do dia, segurando uma corneta (ou amplificador) a cerca de 45 centímetros do rosto, mas cobrindo a extremidade larga com a mão, criando assim escuridão suficiente no interior.

Depois, uma após outra, ouvi as vozes de Lord Northcliffe, Warren Clarke e Dr. Geley, o distinto cientista francês que morreu num desastre de avião em agosto passado.

As vozes eram ténues, mas ouvi claramente as mensagens. Foi uma prova definitiva, mesmo para o cético mais renitente, de que podia acontecer à luz aquilo que geralmente ocorre mais facilmente no escuro.

Nenhuma ventriloquia poderia colocar uma voz dentro da corneta. Além disso, o médium não se moveu. Não havia qualquer possibilidade de fraude.

Em todos os sentidos, durante estas sessões frequentes, fizemos todos os testes possíveis; a mediunidade de Valiantine resistiu a todos.

Úna, Lady Troubridge, e Miss Radcliffe Hall, duas membros experientes da Society for Psychical Research, ouviram estas vozes da mesma forma na passada segunda-feira.
A Sr.ª Bradley e o seu filho mais velho também as ouviram.

O filho mais novo, Pat, de oito anos, ouve-as quase todos os dias, em circunstâncias idênticas.
Fala com a sua tia e o seu tio como se fosse a coisa mais natural do mundo.

Quando tivermos eliminado o medo da morte, teremos removido o maior pavor da Humanidade. Sim, teremos remodelado todas as filosofias e feito com que a Vida seja compreensível.

CAPÍTULO XXXV

Uma mão espiritual toca Mr. Beverley Nichols — Lord Chancellor Westbury dá conselhos a um dos seus descendentes — Pat Raymond Lodge agradece à Sr.ª Bradley pela cortesia para com o pai — Um espírito trata um pulso fraturado — Impressões da Honorável Sr.ª R. Bethell.

Quinta-feira, 26 de março de 1925

I

Esta sessão realizou-se em Dorincourt, às oito e vinte da noite. Como eu não me sentia bem, não participei, mas permaneci na sala contígua. Segue-se o relato do Anthony:

"Estavam presentes a Viscondessa Molesworth, a Honorável Sr.ª Richard Bethell, o Sr. Beverley Nichols (o autor), o Sr. E. P. Hewitt, K.C., o Sr. Swaffer, a Sr.ª Bradley, Valiantine e eu próprio.

Talvez as condições não fossem tão boas como Bert Everett afirmava; pois apenas após quatro discos terem sido tocados é que o Dr. Barnett nos saudou com o seu habitual 'Boa noite, almas!' e Bert Everett proferiu as suas boas-vindas.

Então, o Sr. Beverley Nichols sentiu um toque, e uma voz clara disse: 'Beverley, Beverley!' Ele respondeu e perguntou quem era, mas não houve mais som. Uma mão espiritual voltou a tocar-lhe; e ele queixou-se de sentir muito frio e algo de desmaio. Os participantes pediram-lhe que esperasse e que não interrompesse o círculo. Mas, meio desfalecido, levantou-se e pediu para sair: 'Dêem-me alguma luz', disse. Cambaleou para fora e ficou algum tempo sentado nas escadas; após beber um pouco de conhaque, recuperou o ânimo, mas não voltou a entrar nessa sessão.

Os espíritos foram surpreendentemente rápidos a manifestar-se de novo após esta interrupção. A corneta foi levantada e uma voz rouca falou com a Sr.ª Bethell. 'Avô Westbury' foi compreendido com alguma dificuldade. 'É o Lord Chancellor?' perguntou a Sr.ª Bethell. 'Sim.' Westbury, o Lord Chancellor, era bisavô do marido da Sr.ª Bethell. Ele disse estar interessado no filho da Sr.ª Bethell. 'Deverá ele seguir a carreira de advogado?' perguntou ela. 'Sim, querida, se ele quiser.'

A avó da Sr.ª Bethell também se manifestou e enviou lembranças à mãe da Sr.ª Bethell.

A corneta luminosa foi então levada até à Lady Molesworth. 'Charlie Molesworth,' identificou-se o espírito. 'Oh, sim,' disse Lady Molesworth, dirigindo-se ao seu filho. 'Ronnie está aqui,' afirmou a voz, 'e o Raymond também.'

Quando a corneta foi colocada ao centro, foi apanhada por um espírito firme e poderoso. 'Pat Raymond Lodge', ouviu-se claramente. Hannen Swaffer, por razões evidenciais, perguntou quem era Ronnie. 'Ronnie Morgan,' respondeu Raymond distintamente. 'Estão a fazer um grande trabalho,' disse ao Sr. Swaffer. 'Tu e o Bradley. Ouvi-vos a discutir a atitude do meu pai. Lamento.' Raymond pousou a corneta, e o Sr. Swaffer explicou aos outros que existira uma controvérsia entre Sir Oliver Lodge e o meu pai sobre a questão do controlo." [1]

Pela segunda vez, Raymond manifestou-se e a corneta foi levantada. Raymond voltou a expressar o mesmo ponto de vista e acrescentou: 'Desgostou-me muito essa sugestão. Não é próprio dele.'

A seguir, Raymond dirigiu-se à Sr.ª Bradley: 'Obrigado pela tua cortesia para com o meu pai,' e prosseguiu a discussão com o Sr. Swaffer sobre esse episódio.

Após este interessante interlúdio, a corneta luminosa foi levantada e o espírito do pai do Sr. Hewitt falou com o filho. Pouco depois, manifestou-se também o espírito da mãe do Sr. Hewitt.

As perguntas respondidas pelo Dr. Barnett foram esclarecedoras. Falou brevemente sobre a cura para a tuberculose que tinha transmitido, afirmando que não era um remédio exclusivamente seu, mas o resultado de um conhecimento combinado, dado com o propósito de aliviar o sofrimento da humanidade.

A Sr.ª Bethell perguntou-lhe algo sobre o túmulo de Tutankhamon, ao que o Dr. Barnett respondeu que não se interessava por esses assuntos. A outra pergunta revelou que toda a inspiração provém do mundo espiritual. Os espíritos tentam influenciar as pessoas na Terra, mas estas mantêm o livre-arbítrio para decidir se seguem ou não essas inspirações.

Em resposta a duas perguntas, o Dr. Barnett disse que o seu nome próprio era Franklin, e que se encontrava na quinta esfera.

A Sr.ª Bradley agradeceu ao Dr. Barnett por um conselho que ele lhe dera naquela manhã, através de Valiantine.

Nessa manhã, a minha mãe escorregara no chão de madeira encerada do quarto e fraturara o pulso. (A fratura foi posteriormente confirmada por radiografia.) Estava com dores intensas e não foi possível encontrar um médico, pois todos estavam ausentes nas suas visitas. Foi de carro até Putney, sem sucesso, e por fim um farmacêutico tratou provisoriamente o pulso.

Continuava com dores quando regressou, e Valiantine realizou uma sessão especial, durante a qual o Dr. Barnett se manifestou e lhe disse para ferver vinagre e banhar o pulso com ele, envolvendo-o em seguida até que o médico chegasse. Assim se fez, e a dor aliviou-se, tal como o inchaço, quase de imediato.

O Dr. Barnett prosseguiu, dizendo que forneceria ao Sr. Swaffer bom material para os seus artigos e agradeceu-lhe pelo trabalho realizado. Disse ainda que o Sr. Swaffer já desenvolvera poder suficiente, devido às sessões frequentes, para iniciar um círculo próprio.

Disse à Sr.ª Bradley que tentaria voltar a comunicar com ela, e também comigo, depois da partida de Valiantine. Recomendou ainda que, nas sessões diurnas, a corneta fosse coberta com material escuro. Enquanto houvesse uma zona escura — como a boca coberta da corneta — os espíritos poderiam comunicar à luz do dia."

II

Como se verifica pelas notas do meu filho, o Sr. Beverley Nichols teve de sair da sala. Fiquei com ele, dei-lhe conhaque e apliquei-lhe toalhas quentes na cabeça. Ele ficou comigo até ao fim da sessão.

Quando o Sr. Nichols recuperou, ambos fomos até à porta do escritório e ouvimos a voz do Dr. Barnett a discutir diversos temas. Do exterior, chamei o Dr. Barnett e perguntei-lhe se poderíamos continuar as sessões no sábado seguinte com apenas um médico presente. Ele respondeu em voz alta, de dentro da sala:
"Está bem, Sr. Bradley."

Mais tarde, a Honorável Sr.ª R. Bethell escreveu-me, dizendo:

"Gostaria de lhe poder dizer metade da alegria que me deu com a sua imensa amabilidade."

Numa entrevista publicada dias depois num jornal londrino, a Sr.ª Bethell declarou:

"Considero a comunicação espiritual algo de muito sagrado, e não uma brincadeira de salão.
Provavelmente algo terrível aconteceria se fosse tratada dessa forma, e discordo totalmente das pessoas que querem encará-la como diversão social."

[1] *Ver Capítulo XII, Livro II.*

CAPÍTULO XXXVI

Uma sessão com muitos artistas – O Sr. Oliver Baldwin é contactado por um parente morto – O anel da Sr.ª Margaret Bannerman é reconhecido pelo espírito – O autor parte um disco de gramofone – Relato da sessão pelo Sr. Oliver Baldwin.
Domingo, 29 de março de 1925.

I

A sessão dessa noite revelou-se extremamente interessante. Era composta quase exclusivamente por artistas, todos nós nos conhecíamos bem e, por isso, a atmosfera mostrou-se receptiva e harmoniosa. Estavam presentes Valiantine, a Sra. Bradley, Anthony Bradley, o Sr. Swaffer, a Sr.ª Margaret Bannerman, a conhecida atriz, o Sr. Donald Calthrop, M. Vladimir Cernikoff, o pianista russo, o Sr. Oliver Baldwin, filho do Primeiro-Ministro, e eu próprio.

Os meus convidados chegaram cedo e o jantar foi muito animado. Cernikoff tocou para nós antes e depois de jantar, logo antes de entrarmos na sala da sessão. No último momento, uma das convidadas adoeceu e não pôde comparecer. Teríamos, portanto, apenas duas mulheres e sete homens, o que, num círculo grande, cria uma proporção desequilibrada e pode dificultar as manifestações.

Apesar da agradável harmonia, senti que as condições psíquicas não estavam perfeitas. No início da sessão, a voz espiritual do Dr. Barnett saudou-nos e o guia Bert Everett falou connosco durante algum tempo. Pat O'Brien também proferiu algumas frases.

Dos espíritos pessoais, foi o primeiro a manifestar-se a voz dirigida ao Sr. Oliver Baldwin. O trompete luminoso ergueu-se e uma voz que dizia "Oliver" anunciou-se como "Tio Harold". A força da manifestação não parecia grande e, durante a conversa, o trompete subiu e desceu seis vezes. O Sr. Baldwin colocou algumas questões pessoais que foram respondidas. Explicou depois que não se tratava de um tio verdadeiro, mas do primo em primeiro grau de seu pai, Harold Baldwin, falecido há cerca de cinco anos. "Ele era tão mais velho do que nós, as crianças, que o chamávamos tio." O Sr. Baldwin reconheceu no uso de certas palavras o sotaque de Worcestershire.

O trompete elevou-se de novo e outra voz dirigiu-se, em termos emocionados, à Sr.ª Bannerman. Ela exclamou: "É o W-?" *(1)* A voz respondeu afirmativamente e continuou a dirigir-se a ela, bastante agitada. A Sr.ª Bannerman, comovida, perguntou ao espírito: "Trago algo comigo esta noite que me deste. Consegues dizer-me o que é?"
(1) Esta personagem tinha morrido num acidente a bordo de um navio há alguns anos.

A voz respondeu de imediato: "Sim, estás a usar o anel que te dei." A Sr.ª Bannerman confirmou que era correto.

Outra voz dirigiu-se a M. Cernikoff em francês, mas de forma muito indistinta, e a identidade do espírito não foi estabelecida.

Eu estava a ficar impaciente com a escassez de vozes e, aborrecido pelo ruído de um disco riscado, tirei-o, parti-o e atirei-o ao chão. Receio que essa não tenha sido a melhor "vibração" para emitir, mas diverti-me quando, ao fazê-lo, o Dr. Barnett surgiu e deu uma gargalhada compreensiva. Pouco depois, porém, disse que teríamos de terminar a sessão.

Face aos resultados psíquicos tão extraordinários que se têm registado, tornei-me hiperceloso e a sessão pareceu-me relativamente pobre. Não o foi, porém, para os três novatos – a Sr.ª Margaret Bannerman, o Sr. Oliver Baldwin e M. Cernikoff consideraram a noite notável.

Após a sessão, Cernikoff voltou a tocar de forma brilhante e, embora me parecesse ter havido pouca manifestação, a companhia e o ambiente proporcionaram um momento de descontração muito agradável.

II

O Sr. Oliver Baldwin enviou-me no dia seguinte o seu próprio relato da experiência, que transcrevo:

"Incluindo as vezes em que o trompete luminoso se ergueu, penso que foram cinco no total. Os intervalos estão marcados com (X).

Voz: Oliver.

O.B.: Sim.

Voz: Oliver.

O.B.: Sim, quem é?

Voz: Tio Harold.

O.B.: Sim.

Voz: Fico muito contente por te ver aqui.

O.B.: Sim. (X)

Voz: Como vai o teu pai?

O.B.: Muito bem, que eu saiba. E tu?

Voz: Muito bem. Não me ouves?

O.B.: Não muito bem. Podes falar mais alto? (X)

Dr. Barnett: Que o cavalheiro não toque no trompete.

Voz: Oliver.

O.B.: Sim.

Voz: Consegues ouvir-me?

O.B.: Sim, o que é?

Voz: Estás a fazer um trabalho. Diz a eles para pararem estas guerras terríveis. (Aos outros presentes) Parem estas guerras terríveis.

O.B.: Posso fazer algo por ti?

Voz: Estou sempre contigo.

O.B.: Posso ajudar em relação ao dinheiro?

Mr. Bradley (dirigindo-se a mim): Não faças uma pergunta material.

O.B.: Não é material. (X)

O.B. (à Voz): Posso fazer algo pela tua esposa?

Voz: Dá-lhe o dinheiro. Não te esqueças.

O.B.: Não.

Voz: Não te esqueças.

O.B.: Não me esquecerei.

Mr. Bradley: Pergunta-lhe o nome da mulher. Fala com ele.

O.B.: Diga-nos o nome da sua mulher?

Voz: Já o disse antes.

Mr. Bradley: Lamento não termos ouvido.

Voz (para O.B.): Por que perguntas? Sabes bem o nome dela."

Almocei com o Sr. Baldwin no dia seguinte e ele confessou-me que a experiência lhe parecera maravilhosa e que considerava a comunicação espiritual a maior coisa do mundo.

CAPÍTULO XXXVII

Uma sessão a pedido de um espírito – Conselhos de saúde do Dr. Barnett – Kokum prega uma partida ao médium – Prova irrefutável de um espírito infantil – O meu tio Michael manifesta-se pela primeira vez – Mensagens de Marte – Uma experiência que deixaria perplexo o mais criterioso investigador psíquico.

I

Quarta-feira, 1 de abril de 1925.

No sábado, Annie manifestara desejo de uma sessão privada. Assim, sem convidados, a minha esposa e eu sentá-mo-nos com George Valiantine. As condições estavam perfeitas, pois nós três somos médiuns de voz e não havia vibrações exteriores. Nem tocámos música, pois sabíamos que as vozes espirituais se fariam ouvir sem dificuldade.

As luzes foram apagadas e, em trinta segundos, o Dr. Barnett saudou-nos. Tivemos uma longa discussão sobre variados assuntos pessoais. Ele deu-me conselhos de saúde muito valiosos, revelou conhecimento íntimo acerca da minha esposa e falou com Valiantine sobre a sua família na América.

Kokum manifestou-se várias vezes. Cantou canções indianas de modo maravilhoso, ergueu um dos trompetes luminosos no centro da sala e dele bateu com entusiasmo, chegando a acompanhar o ritmo batendo no meu joelho. Tocou-me com a mão materializada na cabeça e no ombro; a Valiantine, que é algo calvo, deu-lhe algumas palmadas sonoras no topo da cabeça.

Bert Everett falou connosco em várias ocasiões.

Warren falou connosco em voz independente sobre assuntos pessoais durante quinze minutos. Mencionou os seus filhos — Phyllis e Betty — e a sua esposa, e expressou o desejo de ter a oportunidade de lhe falar. Expliquei-lhe as dificuldades de o conseguir, visto que a sua mulher tem receio de comunicação espiritual. Enviou esta mensagem ao pai: "Diz-lhe que estou sempre perto dele e que o meu amor permanece com ele."

O espírito do filho da minha irmã Annie, o Georgie, falando também em voz independente, conversou connosco durante algum tempo, dando prova irrefutável da sua personalidade continuada ao referir certos acontecimentos que, devido ao seu carácter intensamente pessoal, não é possível publicar.

Annie, falando em voz independente, discutiu demoradamente alguns assuntos familiares. A conversa com ela tomou um tom de grande intimidade.

O trompete luminoso ergueu-se e uma voz algo poderosa dirigiu-se a mim. Anunciou-se como "Michael — tio Michael". Seguiu-se uma longa conversa entre nós, e Michael falou também durante algum tempo com a minha esposa. Foi um prazer acolher este espírito, pois tinha grande afeição por este meu tio irlandês, que em vida foi uma das mais bondosas almas que conheci. Ele passou para o outro plano há cerca de vinte anos, com cerca de setenta anos de idade.

Durante os meus dois anos de experiência, muitas vezes me perguntara por que razão Michael não se manifestara antes. Perguntei-lhe o motivo e ele respondeu que, embora desejasse falar comigo, não tivera ainda oportunidade de materializar a sua voz.

Bert Everett (depois de Michael ter partido): "É um espírito nobre, e tem um rosto muito semelhante ao do seu pai, Sr. Bradley. Há sempre tantos espíritos à sua volta durante as sessões que desejam falar com os seus amigos. Michael esperou pacientemente para dar lugar a outros."

O trompete luminoso foi então colocado mesmo em frente ao rosto de Valiantine, e a voz dirigiu-se a ele, dizendo: "Aqui é a priminha Lulu." Valiantine e este espírito conversaram durante algum tempo. Saliento este facto para evidenciar que, em muitas ocasiões, o médium estabelece também diálogo direto com os espíritos. Lulu continuou: "O teu tio George está aqui."

Mais tarde, o tio George falou em voz forte e independente a Valiantine, a mim e à minha esposa. Assegurou a Valiantine que não deveria preocupar-se por não vir falar com ele com frequência, porque estava muito ocupado com outros trabalhos nos planos espirituais.

No final da sessão, Bert Everett falou-nos demoradamente sobre a vida no planeta Marte. Contou-nos o quão mais avançados eram do que os habitantes da Terra e disse que, num futuro próximo, conseguiriam comunicar-se connosco — que já tentavam fazê-lo. Explicou que, mais tarde, seriam capazes de enviar uma mensagem numa espécie de dardo, despachado pelos ares nas «ondas etéreas».

Bert Everett insistiu, tal como o Dr. Barnett sempre faz, na necessidade de nos empenharmos em acabar com as guerras na Terra para conseguirmos o verdadeiro desenvolvimento espiritual.

II

Esta sessão durou duas horas e meia, sem qualquer interrupção. As conversas foram longas e absorventes, as vozes fortes e poderosas, e, ao que sei, foram ouvidas pelos criados da casa em vários momentos, quando passavam junto à sala.

Foi uma noite maravilhosa — daquelas que deixariam perplexo o mais exigente investigador psíquico.

CAPÍTULO XXXVIII

Um sitser obstinadamente cético – O Dr. Barnett repreende o Sr. Allan Miller – A Sra. Gordon Craig fala com o filho que se afogou – A Sr.ª Rebecca West abordada por vozes

espirituais – A Condessa de Malmesbury explica o atraso trágico na sua viagem à mãe moribunda.

Quinta-feira, 2 de abril de 1925.

Estavam presentes Valiantine, a minha esposa, o Sr. Swaffer, o Sr. Allan Miller, de Nova Iorque; a Sr.ª Rebecca West, uma das poucas escritoras cuja obra me impressiona verdadeiramente; a Sra. Gordon Craig, esposa do filho artista de Ellen Terry; Susan, Condessa de Malmesbury; e eu próprio.

A Sr.ª Rebecca West e a Sra. Gordon Craig nunca tinham assistido a sessões de voz direta e o Sr. Allan Miller só tivera uma experiência anterior, em Nova Iorque, no ano passado.

Dias antes desta sessão, recebera um marconigrama da Sra. Grace Rodems, informando que o Sr. Allan Miller estaria em Londres durante o fim-de-semana e pedindo-me para arranjar-lhe um lugar numa sessão com Valiantine.

No Capítulo VI do Livro I, verá que o Sr. Miller foi um dos presentes na sessão em que o Sr. De Wyckoff acusou injustamente Valiantine de fraude.

Cerca de dez minutos após o início, o Dr. Barnett saudou-nos como de costume. Bert Everett também nos saudou, com a sua voz aguda vinda de cima, junto ao teto. Perguntei-lhe pelas condições daquela noite, mas não obtive resposta — sinal de que a comunicação seria difícil. Pouco depois, enquanto soava uma melodia irlandesa no gramofone, Pat O'Brien falou com o seu marcante sotaque.

O trompete luminoso ergueu-se e flutuou na direção do Sr. Miller, uma voz chamando "Allan". Não era muito distinta, e o Sr. Miller recusou-se a encorajar a voz.

O trompete aproximou-se novamente do rosto do Sr. Miller e, pelo que percebi, a voz pareceu mencionar "juiz Morris". Pelo menos foi assim que o nome me soou. A voz disse ao Sr. Miller: "Conheceste o meu filho" e passou a referir-se a San Bernardino, chegando a dar o endereço completo de um lugar. O Sr. Miller respondeu apenas em monosílabos, mantendo-se obstinadamente cético — se não mesmo antagonista.

Numa das pausas, enquanto as vozes dirigiam-se ao Sr. Miller, o Dr. Barnett surgiu e disse: "Sr. Miller, deve encorajar os seus amigos espirituais se quiser que eles falem."

Depois de uma voz mencionar certos nomes e lugares e o trompete ter caído, a minha esposa perguntou-lhe: "Certamente obteve prova disso, Sr. Miller?" Intervim dizendo: "Não sabemos se foi prova ou não." Mal proferi estas palavras, o trompete ergueu-se de repente e a mesma voz dirigiu-se diretamente a mim, afirmando com firmeza: "Eu dei-lhe a prova."

Durante a conversa, a voz referiu-se ao pai do Sr. Miller, sem, porém, esclarecer se ele estava vivo ou tinha falecido.

H.D.B. (ao Sr. Miller): "O seu pai está vivo?"

Sr. Miller: "Prefiro não responder."

A voz, dirigindo-se ao Sr. Miller, afirmou deliberadamente: "A sua mãe está aqui." Tratou-se de uma declaração direta de que ela tinha ultrapassado o limiar da vida. Nenhum de nós sabia se os pais do Sr. Miller viviam ou tinham falecido, logo só ele podia confirmar se tal estava correto.

Grande parte da força da sessão foi empregue nas tentativas dos espíritos para falar com o Sr. Miller.

DR. BARNETT (ao Sr. Miller): Demorará algum tempo até compreender esta grande verdade.

SR. MILLER: Estou ansioso por ser convencido.

DR. BARNETT: Você não abordou este assunto com o espírito correto. Ouvi a sua conversa com o Sr. De Wyckoff e ouvi-o ridicularizar este tema.

O trompete luminoso ergueu-se e dirigiu-se à Sra. Gordon Craig. Uma voz disse-lhe: "É o Peter." Falava com grande emoção: havia lágrimas na voz, que se quebrou e soluçou. Não me pareceu que fosse dor, mas a alegria de falar com ela. Tratava-se do filho da Sra. Craig, Peter, que se afogou há quase dois anos ao tentar salvar uma rapariga no mar em Selsey. Vestido, lançou-se à água, mas, ainda fraco dos efeitos do choque de trincheira, afogou-se na presença da mãe.

A Sra. Craig chorava também. Passado algum tempo, o trompete caiu.

Voltei a ligar o gramofone e, enquanto Galli-Curci cantava "Solveig's Song" de Peer Gynt, o trompete ergueu-se de novo e veio ter com a Sra. Craig.

SRA. CRAIG: Peter, sabes quem costumava cantar isto?

PETER: Sim, a Katherine.

Isto, disse depois a Sra. Craig, correspondia perfeitamente à verdade e tem um valor probatório considerável.

Após a sessão, a Sra. Craig afirmou: "A voz era intensamente característica do meu filho, não tanto pelo conteúdo, mas pela personalidade, inconfundível. Os pormenores circunstanciais que ouviram e a empatia do meu filho comigo manifestaram-se de forma exata, tal como quando ele estava entre nós."

Então ocorreu um episódio muito estranho: o trompete ergueu-se de novo para a Sra. Craig e, simultaneamente, o outro trompete ergueu-se junto da Sr.ª Rebecca West, que ouviu alguém chamar "Rebecca!" Estavam ambos no ar e as duas vozes falavam em simultâneo. A voz que se dirigiu à Sr.ª West estava indistinta, mas julguei ouvir "Avô West". Neste caso poderá ter havido engano, pois o sobrenome correto dela é Fairfield.

Mais tarde, um espírito que se declarou ser a mãe da Sr.ª West falou com ela com um pouco mais de clareza, e conversaram brevemente sobre assuntos relacionados com os negócios deixados pela mãe após o seu falecimento. A Sr.ª West mostrou-se emocionada.

Duas vozes distintas dirigiram-se à Condessa de Malmesbury: primeiro a do pai e depois a da mãe, ambas mantendo curtas conversas. Durante a guerra, quando a mãe da Condessa agonizava, o comboio que a levava até ela ficou retido num túnel durante cinco horas devido a um alerta aéreo. Quando chegou à cama da mãe, ela já tinha morrido. Referindo-se a isso, a Condessa disse: "Não consegui chegar a tempo, querida." A voz da mãe respondeu, com uma ponta de dor: "Esperei por ti o mais que pude."

Ainda nessa noite, Kokum falhou-nos na sua voz estrondosa, pegou num dos trompetes (o menos luminoso) e rodopiou-o pela sala, depois largou-o e voltou a pegar no outro, mais luminoso e salpicado de estrelas, levou-o ao teto, fez-no rodopiar e bateu no teto.

O pequeno Bobby Worrall falou connosco com as suas entoações infantis.

H.D.B.: Que dia é hoje, Bobby?

BOBBY: É o aniversário do Pat. Vi-o esta manhã, quando acordou no escuro.

Isto correspondeu à verdade: mais tarde verificámos que o Pat acordara às seis horas, ainda escuro, para ver os presentes que lhe tinham sido colocados na cama.

No final, o Dr. Barnett falou connosco demoradamente, e seguiu-se uma discussão interessante sobre várias questões filosóficas e científicas, colocadas por vários dos presentes, destacando-se as perguntas da Sr.ª Rebecca West, da Condessa de Malmesbury e do Sr. Swaffer.

CAPÍTULO XXXIX

O investigador convida certos membros da sua casa para uma sessão com Valiantine – Os resultados são relatados pelo seu chófer, A. Huntley.
Sexta-feira, 3 de abril de 1925.

Durante o período em que estas sessões decorriam em Dorincourt, era natural que alguns dos meus domésticos ficassem muito interessados. Organizei, por isso, uma sessão para eles, sem que eu ou a minha esposa estivéssemos presentes.

Além de George Valiantine, estavam presentes: A. Huntley, o meu chófer; Sra. Huntley, sua esposa; H. North, o meu jardineiro-chefe; E. Boler, o meu copeiro; e Sra. Walker, da equipa doméstica.

Parece que formaram um círculo bastante coeso e obtiveram resultados razoáveis.

Cinco guias se manifestaram durante a noite: Dr. Barnett, Bert Everett, Pat O'Brien, Bobby Worrall e Kokum, que em determinado momento rodopiou os trompetes no ar.

Dos espíritos pessoais, cinco se manifestaram na sessão e apresento a seguir o relato tal como foi escrito naquela noite por A. Huntley:

"Gostaria de partilhar as minhas impressões sobre a sessão desta noite em Dorincourt. O círculo era composto por alguns membros da equipa e foi gentilmente organizado pelo Sr. H. Dennis Bradley.

A reunião começou às 20h45 e, após um pouco de música, o trompete iluminado ergueu-se lentamente e parou em frente da Sra. Walker. Uma voz disse-lhe: 'Sou a tua irmã Emm. Estou muito feliz aqui; dá o meu amor à nossa irmã.' A Sra. Walker ficou nervosa, sem saber o que dizer ao trompete, que depois caiu.

Voltou a tocar-se o gramofone e o trompete ergueu-se, circulando o grupo e parando junto do Sr. North, que perguntou: 'Quem és?' A voz respondeu: 'Harry — sou o teu avô; dá o meu amor ao teu pai.' Ninguém sabia que o nome do avô era Harry.

Tocou-se novamente o gramofone e, pouco depois, um dos guias de Valiantine, o Dr. Barnett, disse: 'Tenham paciência, almas.'

Pouco depois, o trompete dirigiu-se à minha esposa, que perguntou: 'Quem quer falar comigo?' A voz, pouco clara, disse: 'Dá o meu amor à tia Helena' e 'à mãe'.
A minha esposa emocionou-se e exclamou: 'Mãe, és tu?'

'Sim', respondeu a voz, também emocionada. 'Estou muito feliz, mas o teu pai não está.' O pai da minha esposa tinha um grave problema que lhe causava grande apreensão. Ela perguntou como o poderia ajudar. A voz respondeu, mas ela não percebeu."

"A trombeta veio imediatamente ter comigo e disse: 'Alec, podes ajudá-lo.' A trombeta, regressando à minha mulher, disse: 'Dá o meu amor à tia Helena.' A tia Helena é a madrasta do pai da minha mulher, que a criou depois de a mãe dela ter falecido. A seguir, a minha mulher foi tocada na cabeça e a trombeta caiu no chão. Um dos guias espirituais (Bert Everett) disse então: 'Foi a mãe da senhora que a tocou.'

"A trombeta voltou a aproximar-se de mim e uma voz dirigiu-se a mim, dizendo: 'Alec.' Reconheci a voz como a do meu pai, mas perguntei: 'Quem és tu?' A voz respondeu imediatamente: 'O teu pai.' Eu disse: 'Estás feliz?' e a resposta veio: 'Sim, e tu?' Eu respondi: 'Sim,' ao que ele acrescentou: 'Pouco!' Seguiu-se então um comentário sobre assuntos meus em particular e determinadas desavenças domésticas. A seguir, dirigiu-se à minha mulher e disse: 'Minha querida, tens de te empenhar mais — sou o padre Huntley.'

"Perguntei então ao meu pai: 'Estás com o meu irmão?' e ele respondeu: 'Sim.' Perguntei: 'Qual é o nome dele?' e a resposta foi: 'Owen William.' (Este era o nome correto do meu irmão que falecera dezassete anos antes.) O meu pai transmitiu-me uma mensagem para a minha mãe, dizendo: 'Diz-lhe que estou sempre com ela e que faço tudo o que posso para a ajudar. Fico feliz por ela estar a melhorar.' (A minha mãe estivera doente nos últimos dois meses.) O meu pai disse ainda que estava muito feliz e acrescentou algo que não consegui perceber. Fui então tocado na mão e a trombeta caiu no chão.

"Passado algum tempo, a trombeta moveu-se na direção do Sr. Boler, mas a voz estava muito fraca. Ele percebeu tratar-se de Hilda Boler. A voz falou bastante, mas não consegui entender o que dizia.

"Outro dos guias espirituais do Sr. Valentine — Bobby Worrall — manifestou-se. Disse-nos que estivera a observar a minha pequenina filha, Doreen, a brincar com o cão e com o carrinho; e que ela tivera partido um jarro de leite (o que era verdade).

"O Dr. Barnett falou então connosco por algum tempo.

"Depois de ter assistido a esta sessão hoje à noite com o Sr. Valentine, estou convencido — e os restantes presentes também estão — de que não transmitimos qualquer informação, mas a recebemos diretamente dos espíritos. Ninguém aqui sabia que a mãe da minha mulher havia morrido, nem que ela tinha uma tia Helena, nem conhecia qualquer pormenor sobre o pai dela. Também ninguém sabia que a minha mãe estivera doente, nem qualquer detalhe sobre os meus assuntos.

"Só posso dizer que é uma grande Verdade, e verdadeiramente maravilhosa."

CAPÍTULO XL

"I am researcher and not a missionary" – O autor discorre sobre um certo tipo de mentalidade – Miss Gladys Cooper pede para assistir a uma sessão – Convidados auto-proclamados que esperavam um entretenimento sensacional – Um espírito desconhecido fala com o Sr. Somerset Maugham – A pronta réplica de Mrs. Dudley Coats – Uma noite terrivelmente aborrecida – "A sensibilidade é uma cultura da polaridade."

I

Domingo, 5 de abril de 1925.

Os eventos aqui registados só interessam em retrospetiva; na vivência foram aborrecidos, monótonos e entristecedores. Não há caminho fácil para o conhecimento e, nos fenómenos psíquicos, como em tudo, o perigo do sucesso é a saciedade. Uma noite de pobreza, por isso, pode revelar-se um estímulo saudável e, se o estudante subtil também for psicólogo, por vezes alimentará o seu tédio e, se isso o divertir, criará um interesse onde antes nada havia. Para esta altura, a série de experiências e investigações psíquicas levadas a cabo em Dorincourt já suscitara considerável comentário; muitas pessoas célebres contavam publicamente as suas experiências, e era impossível evitar essa publicidade.

As minhas cartas chegavam às milhares, a maioria de gente sinceramente interessada em inquirir e aprender. Contudo, sou investigador e não missionário: nunca discuti espiritualismo ou investigação psíquica com quem não o pedisse primeiro, e nunca convidei ninguém para uma sessão — foram os participantes que me pediram para os aceitar.

Havia tantos amigos meus nos meios literário, artístico, teatral e científico que as recusas seriam indelicadas. Dos restantes, tratei de escolher: era óbvio limitar o número de presentes, pois a minha casa não é uma instituição pública, a minha sala de estar não é Olympia, e o meu espírito de hospitalidade tem limites. Sentimentos contraditórios dominaram-me nessa seleção: decidi estudar tanto os aspetos psicológicos como psíquicos, mas o que menos queria era que a minha casa se tornasse num espetáculo público.

Não se satisfaz a clientela entediada dos caçadores de emoções sociais com meras sensações; se tudo o que lhes agrada já se esgotou, que sofram de falência de engenho. O estudo do psíquico, comprovando a possibilidade real de comunicação direta com espíritos

noutro plano, é a descoberta mais importante da história da humanidade; reduzi-lo a mero entretenimento é uma afronta à inteligência.

As minhas longas investigações demonstraram que a atitude mental e a harmonia num círculo de participantes são cruciais para as vibrações necessárias às manifestações vocais; não é preciso crer no fenómeno, um cético absoluto não perturba, desde que mantenha a mente aberta e queira ser convencido — ninguém é mais crítico do que eu próprio —, mas é essencial sentir que se assiste a uma tentativa séria de explorar o desconhecido; entrar por mera curiosidade, para acompanhar a moda do momento, é perverter assunto tão supremo.

Felizmente, salvo raras exceções, fui poupado ao contacto direto com esses tipos mentais; nas raras vezes em que os encontrei, deram-me apenas um breve exercício intelectual.

II

Algum tempo antes da reunião que vou descrever, recebi uma carta de Miss Gladys Cooper, que usou o nome de Ivor Novello como introdução e pedia convite para uma sessão com Valiantine, acrescentando vagamente se podia "trazer três ou quatro amigas". Respondi que não havia espaço para tantas e afirmei que podia vir com apenas uma. Eu e Miss Cooper não nos víramos há cerca de dezassete anos: então ela era figurante de dança e eu jovem escritor em dificuldades. Candidatara-se a um papel numa peça minha em estreia no West End, papel principal de Charles Bryant, excelente ator que fizera "Justice" de Galsworthy e encarnara Lawrence na estreia de "Iris" de Pinero.

Depois de uma semana de ensaios, o produtor Clifford Brooke considerou demasiado arriscado dar a atriz inexperiente num registo cómico, substituindo-a por Miss Nina Sevening. Desde então, a determinação meritória de Cooper foi recompensada e, nos dois últimos anos, interpretou papéis principais nas reposições de "Iris" e "The Second Mrs. Tanqueray" de Pinero, dando vida a duas damas vitorianas neuroticamente cruas, de virtude flexível.

Não obstante a minha carta em que lhe pedia para trazer apenas uma amiga, na sexta-feira anterior a esta sessão ela voltou a escrever-me, implorando que lhe permitisse trazer uma terceira convidada, cujo nome referiu: Mrs. Dudley Coats. Não chegou a revelar o nome da primeira amiga. Respondi que mais um participante tornaria o círculo um pouco maior do que seria útil ou confortável, mas que, se assim o desejasse, estava à vontade para trazer a Sra. Coats. Pouco antes, o Sr. Hannen Swaffer havia perguntado ao senhor W. Somerset Maugham, o dramaturgo, se gostaria de participar de um dos círculos; e, por intermédio da Srta. Margaret Bannerman, chegou-me o pedido de que o Sr. Maugham pudesse trazer a esposa. De acordo com o procedimento habitual das minhas sessões dominicais, enviei uma pequena nota formal de convite, pedindo aos meus convidados que chegassem a tempo de um jantar leve às sete, para que a sessão pudesse começar por volta das oito. A Srta. Cooper chegou acompanhada pela Sra. Dudley Coats, e a segunda amiga revelou-se ser a Srta. Olga Lynn.

A Sra. Dudley Coats, que estava com a perna partida num acidente de caça, foi transportada numa cadeira. Como psicólogo, os meus estudos psíquicos aguçaram os meus poderes de observação, e o caráter humano despido das suas decorações e véus mostra-se com clareza. Havia uma atmosfera curiosa. Era irritante para mim, pois era óbvio que os meus convidados autoconvidados esperavam algum tipo de espetáculo mediúnico sensacional. Aparentemente, presumiam que, num dado momento, a cortina se ergueria para revelar um cabaré psíquico de ousadia inesperada.

O papel de empresário mediúnico era-me absolutamente desinteressante. Quando o Sr. e a Sra. Somerset Maugham chegaram, serviu-se o jantar. A Sra. Dudley Coats, que permanecia na cadeira, preferiu ficar na sala de estar. A Srta. Cooper, solicitamente, insistiu em fazer-lhe companhia. A Srta. Olga Lynn acompanhou o resto de nós à sala de jantar, levantando-se em intervalos irregulares para atender às necessidades das amigas, que, espero, foram adequadamente satisfeitas.

A essa altura, encontrava-me profundamente entediado com toda a atmosfera. Já me tinha apercebido de que a minha hospitalidade fora solicitada simplesmente porque estas sessões se tinham tornado "da moda". Contudo, encarar um grande estudo científico, filosófico e fenomenal meramente como uma "moda" era pouco lisonjeiro para a minha inteligência, enquanto escritor de reputação internacional. Nenhum dos meus convidados tinha o mais leve conhecimento ou conceção do mundo psíquico e demonstrava ignorância total em relação à investigação e à literatura modernas.

Como investigador experiente, julguei que qualquer experiência psíquica realizada em tais condições seria inevitavelmente negativa, e que qualquer tentativa séria de investigação poderia, de imediato, ser abandonada. Decidi, por isso, que não perderia tempo a participar no círculo, e os presentes ficaram assim constituídos: Valiantine, a minha esposa, Anthony Bradley, a Srta. Gladys Cooper, a Sra. Dudley Coats, a Srta. Olga Lynn, o Sr. Swaffer e o Sr. e a Sra. Somerset Maugham. A seguir, reproduzo o relato do Anthony.

III

"Havia evidentemente alguma falta de harmonia nesta sessão, pois só ao quinto disco tocado no gramofone é que a voz grave do Dr. Barnett abriu a sessão. Bert Everett surgiu logo de seguida, com a sua saudação estridente: 'Boa noite, almas.' Perguntou-lhe se as condições eram favoráveis, mas permaneceu em silêncio. Foram tocados mais discos. Uma voz independente, falando aparentemente com alguma dificuldade, exclamou: 'Gladys! Gladys!'

A Srta. Cooper pediu o nome do orador, mas não obteve resposta. Após outra tentativa de comunicação, o trompete luminoso foi levantado, e a voz voltou-se para a Srta. Cooper, sendo que as únicas palavras distinguíveis foram 'Gladys' e algo que soou como 'Phyllis está aqui'. Pareceram repetir-se esforços para que a voz falasse através do trompete para a Srta. Cooper (cuja era a sua primeira sessão), mas, logo que encontrou pouca resposta, cessou sem se identificar. De algum ponto da sala veio um ruído que soou como um fraco

gemido; mas não é certo que se devesse a fenómenos psíquicos. A Srta. Olga Lynn mostrou-se então excitada e expressou o desejo de não ser tocada.

O guia, Dr. Barnett, falando através de um dos trompetes, comentou que as condições não eram "hipostáticas" e, a um pedido de esclarecimento, explicou que queria dizer que havia falta de uníssono. Depois, o trompete foi inclinado na direção da Sra. Maugham e, quase de imediato, caiu ao chão. 'Comportem-se', disse a voz de Bert Everett. Num sobressalto, um dos presentes tinha tocado impulsivamente no trompete. 'O espírito ia falar ao seu marido', explicou Bert à Sra. Maugham. Com grande dificuldade pareceu erguer-se novamente o trompete, e uma voz dirigiu-se ao Sr. Maugham. Só se conseguiu distinguir: 'Olá! Olá! Somerset.' 'Por que me chama "Somerset"?', perguntou o Sr. Maugham.

O trompete ergueu-se outra vez, e a voz fez mais uma tentativa, mas as condições pareciam demasiado adversas. A Sra. Dudley Coats expressou então o desejo de que alguém lhe falasse. Após breve intervalo, o trompete foi levantado laboriosamente ao nível do seu rosto. 'Coats' foi a única palavra que se conseguiu distinguir. 'É parente minha ou do meu marido?', perguntou a Sra. Coats, cujo nome de solteira era James. 'Do seu marido', respondeu a voz. 'Não conheço nenhum dos parentes do meu marido', observou ela. Não houve mais comunicação.

As "condições" ou a "atmosfera" pareciam erradas, e qualquer comunicação adicional parecia improvável. 'Temos de terminar agora. Boa noite', disse a voz do Dr. Barnett. Comparada com outras, esta foi, sem dúvida, a sessão mais insatisfatória alguma vez realizada em Dorincourt."

IV

Aquela noite foi terrivelmente monótona. No entanto, forneceu ao meu sentido satírico novo combustível. Além disso, provou quão fútil é tentar estabelecer comunicação com espíritos apenas para saciar o desejo febril de uma nova emoção. É absurdo imaginar que basta entrar numa sala, tocar um sino psíquico e um espírito adere ao pedido. Tal impressão é uma perversa distorção de toda a investigação e estudo psíquicos.

Os espíritos não são serventes da nossa vontade, nem se manifestam para satisfazer curiosidades casuais. É a mentalidade de cada um que eleva ou rebaixa o buscador da Verdade na escala psíquica, e somente a mentalidade que despreza friamente todas as ânsias de excitação nova e se recusa a perverter as leis que regem estes mistérios é suscetível de obter resultados valiosos para o conhecimento humano.

A sensibilidade é uma cultura de polaridade. Pode oscilar até às mais elevadas alturas psíquicas ou às profundezas físicas. Os meus estudos intensivos podem ter ilustrado uma quarta dimensão e um sexto sentido, e certamente me proporcionaram conhecimento das faculdades humanas ocultas.

O facto de a intelectualidade mundial estar atenta às descobertas psíquicas de hoje fica provado pelo facto de as minhas obras terem sido traduzidas e publicadas em França,

Alemanha, Polónia e Itália. Esta afirmação não é ostentação da minha parte; é uma prova irrefutável da tendência da mente estudiosa.

Os poderes pessoais de mediunidade que desenvolvi têm-me sido úteis. Agora consigo ler a mentalidade de qualquer homem ou mulher em poucos minutos. Essa leitura não corresponde à minha conceção pré-concebida das pessoas, nem respeita a imagem egoísta que elas tenham de si próprias.

O desenvolvimento de uma sensibilidade mediúnica fornece-nos uma arma de subtilidade.

CAPÍTULO XLI

Oficiais da S.P.R. na sessão diurna em Dorincourt — O primeiro experimento: respostas dadas por toques — O segundo experimento: o Sr. Dingwall ouve uma voz através do trompete — O terceiro experimento: uma voz dizendo "Father Woolley" — Um avanço científico.

I

Terça-feira, 7 de Abril de 1925. Tendo sido informado dos resultados dos experimentos de Una, Lady Troubridge, e da Srta. Radcliffe Hall, que obtiveram vozes à luz do dia com Valiantine, recebi uma carta do Dr. V. J. Woolley a perguntar-me se podia organizar uma sessão diurna para ele e para o Sr. Dingwall — outro oficial de investigação. Marquei-a para a tarde dessa data. A primeira tentativa foi feita pouco depois das 15h30 no meu gabinete.

O Dr. Woolley e o Sr. Dingwall sentaram-se com Valiantine. Este segurou o trompete afastado do rosto, cobrindo a extremidade larga com a mão para obscurecer a luz do dia. Seguro-se o trompete à luz do dia para conservar todo o poder destinado à materialização das vozes, e o ouvido do participante pode ser colocado em qualquer parte do trompete para captar o som mais ténue. O rosto de Valiantine podia ser observado tanto pelo Dr. Woolley como pelo Sr. Dingwall, e deve notar-se que ele não fez qualquer movimento nem mexeu os lábios durante este experimento.

Ouviram-se toques no trompete. Estabeleceu-se um código — três toques para "sim" e um para "não". Foram colocadas perguntas, e as respostas vieram por toques. Um dos presentes perguntou se podiam ser dados seis toques dentro do trompete, e seis toques foram dados. Não se ouviram vozes.

Logo de seguida, cada um tentou a experiência de se sentar sozinho. Alguns minutos depois, o Sr. Dingwall fez o experimento com Valiantine. Ouviram-se raps dentro do trompete e, a pedido do Sr. Dingwall, tocaram-se raps tanto na extremidade como no meio do trompete, sobre o qual ele colocou o ouvido. Durante esta breve sessão ouviram-se raps noutra parte da sala. Uma voz materializou-se e falou com o Sr. Dingwall através do interior do trompete. Não posso dar os pormenores do que foi dito; desconheço-os, e podem ou não figurar nos relatórios da S.P.R. Só posso afirmar que, quando o Sr. Dingwall entrou na sala de estar após esta sessão, me disse ter ouvido uma voz através do trompete.

Deve notar-se cuidadosamente que uma voz de dentro do trompete falou com ele à luz do dia, e manteve-se uma breve conversa de duas ou três frases.

O terceiro experimento foi realizado pelo Dr. Woolley, sentado sozinho. Contou-me depois que muitos toques corresponderam a respostas a perguntas, e que ouviu uma voz no interior do trompete a dizer "Father Woolley". O Dr. Woolley e o Sr. Dingwall mostraram-se muito interessados e pediram outra sessão diurna. Respondi que, se estivesse ao meu alcance, assim o faria.

II

Ainda não tinha experimentado obter vozes à luz do dia, por isso perguntei a Valiantine, às 17h45, se se dispunha a tentar comigo — ao que ele imediatamente concordou. Valiantine sentou-se numa espreguiçadeira, reclinou-se confortavelmente e segurou o trompete afastado, estendendo um braço e cobrindo a extremidade larga com a mão. Pude observar o seu rosto durante toda a sessão: não se moveu, nem os lábios se entreabriram, exceto quando formulou uma pergunta ao espírito.

Foram dados vários toques dentro do trompete e, em menos de um minuto, ouvi vozes a sussurrar-me. Não percebi o que disseram e perguntei: "É a Annie que fala comigo?" A resposta veio imediata e distintamente: "Não, é o Warren." Mantivemos uma breve conversa e depois ele disse: "A Annie está aqui e gostaria de falar contigo." Em poucos segundos, surgiu a voz da Annie, relativamente clara e distinta, que disse, entre outras coisas: "Tenho ajudado a pôr as coisas em ordem."(1)

Durante essa conversa referi as muitas pequenas trocas que o Pat tivera com ela à luz do dia, e ela riu-se um pouco, dizendo: "Sim, tento sempre encorajá-lo." Pediu-me ainda que dissesse ao Dennis, o meu filho, que estava a tentar impressioná-lo. Mais tarde afirmou: "Estou contente por o Valiantine vir para este país." (Referia-se ao facto de Valiantine ter dito que se esforçaria por vir no outono.) Este fenómeno de obter vozes diretas de espíritos à luz do dia representa um grande avanço científico, talvez com possibilidades mais marcantes do que qualquer fenómeno até hoje registado.

III

O Sr. Dingwall é uma personalidade fascinante, com uma mente mercurial para fenómenos psíquicos. Descreveu-me, bem como aos restantes presentes, algumas das suas experiências recentes na América, em representação da Sociedade Inglesa para a Investigação Psíquica, em várias sessões sob a mediunidade de Margery. Afirmou que ela é uma médium notável e está convencido da autenticidade dos fenómenos que ocorreram.

Numa carta a Baron von Schrenck Notzing, reproduzida na edição de janeiro da Paris Révue Métapsychique, o Sr. Dingwall escreveu, entre outras coisas: "Vi dedos (teleplásticos) e senti-os à luz; o controlo era irrepreensível."

(1) Isto é perfeitamente verdadeiro e referia-se a negócios que exigiram uma atenção considerável da minha parte.

O que é estranho, porém, é que, ao referir-se a estes mesmos experimentos com Margery numa das recentes edições do English Journal of the Society for Psychical Research, ele escreveu: "Portanto, as condições das sessões são tais que, de momento, não posso afirmar a minha crença na autenticidade destes fenómenos." E sei que, após esta completa contradição, afirmou ainda que "não pode chegar a qualquer convicção quanto à genuinidade dos fenómenos, e nada o fará admitir a sua natureza sobrenatural." O Sr. Dingwall é, evidentemente, um homem de opiniões variadas. Fico a questionar-me se será admirador dos métodos do antigo ou do novo regime da diplomacia russa.

CAPÍTULO XLII

O Sr. Harry Price regista esta sessão — Bert Everett utiliza a palavra-código — O gramofone para sem razão aparente — Uma conversa em italiano — O círculo repreendido por falar demais — A Sra. Ellis Powell dirige-se ao marido — Lord Northcliffe fala com Louise Owen — Os guias põem o gramofone fora de funcionamento — Impressões da Sra. Vlasto. Quarta-feira, 8 de Abril de 1925.

Esta sessão realizou-se em Dorincourt por volta das oito e meia da noite. Estiveram presentes Valiantine, a Sra. Erato Vlasto, amiga pessoal de Sir Edward Marshall Hall; (1) a Sra. Ellis Powell, a Srta. Louise Owen, a Srta. Lilian Walbrook, o Sr. Harry Price, Director Honorário do National Laboratory of Psychical Research; o Rev. Walter Wynn; e a Sra. Bradley.

Eu não assisti à sessão, ficando na divisão ao lado. Durante a sessão ouvi várias das vozes dos espíritos.

Infelizmente, o Sr. Wynn teve de sair mais cedo para apanhar um comboio para o campo, e a sua partida antecipada perturbou o círculo.

Pelo relato subsequente dos presentes, parece que quatro dos guias falaram, e entre os espíritos pessoais o Dr. Ellis Powell dirigiu-se duas vezes à Sra. Ellis Powell; Lord Northcliffe falou em voz independente à Srta. Louise Owen; e o espírito de Lester conversou com a Srta. Walbrook por três ou quatro vezes.

Um parente da Sra. Vlasto, de nome Panny, falou com ela. O espírito da mãe do Sr. Harry Price falou-lhe em duas ocasiões, e o espírito do seu filho Rupert falou com o Sr. Wynn.

(1) Sir Edward Marshall Hall, a quem conheço há alguns anos, estava ansioso por assistir a uma sessão de "voz direta", dado que nunca experienciara este fenómeno. Infelizmente, por esta altura, devido a excesso de trabalho, sofreu uma doença grave que o impediu de comparecer.

Pedi ao Sr. Harry Price, que é um investigador muito experiente, que tomasse notas detalhadas durante o decorrer dos acontecimentos, e apresento aqui o seu relatório:

"A sessão começou às 20h26, com o círculo composto pelas seguintes damas e cavalheiros, sentados na ordem indicada, começando pelo lado esquerdo do médium: a Sra. Dennis

Bradley, que tratou do gramofone; o Rev. Walter Wynn, autor de 'Rupert Vive', etc.; a Srta. Lilian Walbrook, autora de 'O Caso de Lester Coltman'; a Sra. Ellis Powell, viúva do finado Dr. Ellis Powell; a Sra. Vlasto; a Srta. Louise Owen, durante muitos anos secretária confidencial do finado Lord Northcliffe; e o médium, George Valiantine.

"O Sr. Dennis Bradley pediu-me que tomasse notas dos acontecimentos e, de modo geral, que assumisse a sessão caso algo inesperado se passasse. Este relatório foi redigido na manhã seguinte, a partir de cerca de vinte páginas de apontamentos escritos às escuras conforme os eventos se iam sucedendo. O Sr. Anthony Bradley (filho do Sr. Bradley) encontrava-se do lado de fora da porta da sala da sessão, anotando os nomes dos guias à medida que se manifestavam. Os participantes não se entrelaçaram em círculos de mãos dadas, antes sentaram-se livremente e conversaram entre si.

"Tomando os lugares atribuídos, colocaram-se no centro do círculo dois trompetes telescópicos (normalmente em alumínio) em posição vertical no chão; depois apagaram-se as luzes. Os trompetes haviam sido pintados com tinta luminosa nas campânulas, um deles com uma fila de pontos luminosos desde a banda até quase ao topo da primeira seção. Assim, a posição de ambos os trompetes era visível durante toda a sessão.

Devo notar de passagem que a tinta luminosa usada para marcar os trompetes parecia conter rádio, brometo ou nesótório — substâncias radioativas que parecem tornar-se mais brilhantes quanto mais tempo se contempla no escuro. As tintas luminosas ordinárias, compostas por sulfureto de zinco fosforescente ou substâncias semelhantes, perdem rapidamente energia no escuro e precisam de nova excitação para voltar a brilhar.

"Apagadas as luzes, um pedido do médium para música foi atendido pela Sra. Dennis Bradley, que pôs o gramofone a tocar um disco de Clara Butt com 'There shall be no more Death'. Seguiu-se um hino e o 'Pai-nosso' repetido por Valiantine. Esses esforços vocais por parte do círculo pareceram estimular as forças em ação, pois imediatamente vários dos participantes sentiram uma brisa fria a soprar da parte direita da sala, junto ao médium.

Um minuto depois, o Dr. Barnett (o guia principal do médium), com voz forte, rica e redonda, disse: 'Boa noite, amigos!' Os presentes responderam-lhe adequadamente. Parecia vir do trompete do lado direito, que contudo se manteve imóvel. Instantes depois, o outro trompete foi erguido por uma agência invisível e aproximou-se a pouco mais de cinco centímetros do meu rosto. Ao mesmo tempo, uma voz sussurrou 'Harry, Harry!' Reconheci o meu nome, mas o trompete voltou a cair ao chão.

"Um pedido de mais música foi atendido com 'Abide with Me' de Clara Butt e uma canção de Galli-Curci. O trompete esquerdo moveu-se de novo. Perguntei se as condições eram boas e, de imediato, Bert Everett — um guia que costuma fazer-se ouvir nestas sessões — exclamou num falsete agudo que soou lá em cima: 'Esplêndido, exótico!' Esta última palavra, soube depois, era a palavra-código combinada entre o Sr. Bradley e o Bert. Kokum, o guia indígena vermelho do médium, deu então um uivo de guerra que fez toda a sala vibrar.

Fiquei impressionado com a semelhança quase exata da voz do Bert com a do velho Fratinelli, um dos dois famosos palhaços que há anos divertem Paris no Cirque Medrano,

Montmartre. Sempre que o Bert falava vinha-me à lembrança o curioso falsete do Fratinelli, ainé, quando falava um inglês rudimentar. A semelhança era verdadeiramente surpreendente, mas, claro, os Fratinellis estão muito vivos.

"Foi então que se deu algo curioso: a Sra. Dennis Bradley informou que o gramofone se 'engarrafara' e não podia ser posto a tocar. Valiantine (que não entra em transe e conversa ao longo da sessão) disse que tentaria 'consertá-lo', mas também não conseguiu pôr a máquina a funcionar. A Srta. Louise Owen pediu então à amiga, a Srta. Lilian Walbrook, que cantasse. A Srta. Walbrook, que tem uma voz encantadora, cantou várias peças, incluindo 'Il Bacio'.

Quando acabou esta canção, o trompete direito ergueu-se no ar, aproximou-se da Srta. Walbrook (que estava à minha direita) e uma voz disse: 'Ringrazio assai — La ringrazio tanto e tanto' (Obrigada — agradeço-lhe muito, muito). Perguntou-se depois se seria o compositor (Luigi Arditi, 1822–1903) a falar. O trompete ergueu-se outra vez e uma voz respondeu: 'Sì, sì signora!' Outras frases que captei foram: 'Canta a meraviglia' (canta maravilhosamente); '… Briganti … Piemonte … Frequentate il teatro?'

(Costuma ir ao teatro?) e, por fim, 'l'esecuzioni di questa attrice è stupenda … di nuovo … felice notte!' — o que sugere que a entidade a falar achava o canto da Srta. Walbrook muito encantador e pedia um bis! Constou-me que Valiantine não sabe uma palavra de italiano.

"Logo a seguir a esta interessante conversa em italiano, a voz profunda do Dr. Barnett surgiu de um trompete (que permaneceu imóvel) e disse: 'É com muito prazer que o vejo aqui esta noite, Sr. Price.' Respondi-lhe adequadamente. O trompete esquerdo foi então levitado, descreveu um arco no círculo e parou junto da Sra. Ellis Powell. Uma voz disse: 'É o Ellis a falar', e intercambiou-se uma troca de cumprimentos entre a voz e a Sra. Ellis Powell.

O Dr. Barnett, pelo outro trompete, repreendeu depois o círculo por falar em excesso: 'Não conversem uns com os outros quando os espíritos falam!' Prometemos que não o voltaríamos a fazer. O trompete esquerdo ergueu-se então até perto do meu rosto e uma voz disse: 'Harry, consegues ouvir-me?' Repete-ste três vezes, e tentei responder, mas a voz calou-se e o trompete foi baixado ao chão."

** (1) Briganti era uma ópera composta por Arditi em 1841.*
** (2) Arditi nasceu no Piemonte em 1822.*

Foi nessa altura que ocorreu um incidente divertido. A voz aguda do Bert disse-me que eu não deveria estender a mão para o trompete. Respondi que a Sra. Dennis Bradley me pedira para apanhar o trompete que caíra e que eu entendia ser esse o procedimento habitual. A Sra. Bradley confirmou-o. O Dr. Barnett então disse: "Ele quer dizer que não toques no trompete que está em pé."

A Sra. Ellis Powell trocou depois mais algumas palavras com o marido, após as quais se fez uma pausa. Cantámos então "We are waiting just now", uma pequena balada melódica que

pareceu ter o efeito desejado, pois a voz fina do Bert exortou-nos de imediato a "sentar-nos direitos". Logo depois, vários presentes disseram ter sentido uma brisa fresca. Cantámos ainda "We shall wear the white robes", após o que uma voz disse:

"Boa noite, Louise!", que a Srta. Owen reconheceu de imediato como sendo a de Lord Northcliffe. "Boa noite, Alfred", respondeu a Srta. Louise Owen, que manteve uma conversa bastante animada com o antigo chefe. Durante o diálogo ouvi as palavras "Diz ao Swaff para não parar" — uma referência incisiva ao trabalho que o Sr. Hannen Swaffer (há muitos anos na equipa do Carmelite House) estava a realizar. O Sr. Swaffer era frequentemente tratado por "Swaff" por Lord Northcliffe quando este ainda vivia. Soube que Lord Northcliffe detestava o trompete (que não usava). Ele comunicou através da voz direta.

Antes de Northcliffe se retirar, a Srta. Walbrook perguntou-lhe se o seu parente chamado Lester estava com ele. A voz respondeu que sim, e quase de imediato o trompete direito ergueu-se e flutuou até junto da Srta. Walbrook, que reconheceu de imediato a voz de Lester. Após algumas saudações e beijos, a entidade retirou-se.

Uma voz tentou então manifestar-se junto do Rev. Walter Wynn, e todos ouvimos distintamente as palavras "É o teu pai quem está a falar", mas o trompete caiu antes de poderem ser feitas perguntas. A voz aguda do Bert voltou a gritar: "Não estão sentados direitos nas cadeiras!" — e admitimos de imediato a suave censura. O trompete esquerdo ergueu-se de novo em minha direção e uma voz disse: "Harry, a tua mãe está a falar." A voz era muito fraca e indistinta, e lamento não ter conseguido ouvir tudo o que me disseram. Mas as palavras "Deus te abençoe, meu filho" soaram bem claras, e recebi vários beijos. Em seguida, o trompete caiu.

Um novo guia fez-se ouvir: foi saudado como Pat O'Brien, um irlandês com forte sotaque do Sul da Irlanda. Proferiu algumas palavras e disse estar satisfeito por ver o Sr. Price connosco naquela noite. Todos o recebemos calorosamente, mas Pat não ficou por muito tempo.

A Sra. Vlasto recebeu depois uma mensagem e beijos de uma parente (filha?) chamada Panny (alcunha de Pansy), que disse que o avô, o Jimmy e o William estavam com ela. O trompete moveu-se então até ao Sr. Wynn e todos ouvimos a voz dizer: "Sou eu, pai, é o Rupert quem fala", e teve lugar uma comovente conversa entre pai e filho.

Voltou a fazer-se uma breve pausa, pelo que assobiámos algumas melodias animadas (o gramofone continuava inoperacional). Ao som de "The Campbells are Coming" o trompete direito saltou de repente (se me permitem o termo) e começou a dançar um jig, acompanhando o ritmo dos nossos assobios. Depois aproximou-se do trompete estacionário e bateu-lhe com toques metálicos, criando um acompanhamento surpreendentemente musical para o nosso assobio. Subitamente, sem aviso, o Bert gritou ameaçador: "Sentem-se direitos e mantenham os joelhos juntos", e estou certo de que todos trememos tanto quanto os habitantes de "Alice no País das Maravilhas" quando a Rainha gritava "Cortem-lhes a cabeça!"

O Dr. Barnett perguntou-me então se vivia na Scot's Avenue, nº 31, e respondi que nunca ouvira falar desse endereço. Ele disse que havia alguém que morara aí à espera de falar comigo, mas, como não o identifiquei, o doutor não o deixou entrar. Nessa altura (22h12) o Rev. Walter Wynn informou que tinha de partir, e o Dr. Barnett gritou de seguida que a sessão terminara. Hesitámos por momentos após a saída do Sr. Wynn, mas o doutor exclamou: "Fechei o círculo" — frase que não deixou sombra de dúvida quanto ao significado! Fê-lo com evidente desgosto pela forma pouco ortodoxa de encerrar a sessão, o que deveria servir de lição para quem desfaz prematuramente o círculo.

Quando finalmente se acenderam as luzes, a Sra. Bradley constatou, para seu espanto, que o gramofone estava perfeitamente a funcionar — consertara-se sozinho! Sugeriu-se que os guias o tinham bloqueado para dar à Srta. Walbrook oportunidade de cantar mais algumas peças. O círculo dispersou-se então após uma noite extremamente interessante. Durante horas achei ouvir o Bert a aconselhar-nos a sentar-nos direitos, e jamais esquecerei a voz autoritária do Dr. Barnett, o rico sotaque irlandês do Pat O'Brien, nem os trompetes a dançar um jig ao som de "The Campbells are Coming".

A Sra. Vlasto enviou-me o seguinte relato das suas experiências. A fidelidade dos nomes pareceu-me importante:

"Refiro-me apenas aos meus pontos pessoais, mas, se quiser verificar outros, julgo lembrar-me de quase tudo o que aconteceu. Assim que nos sentámos vi luzes psíquicas na sala e senti toques bem nítidos nos joelhos e depois no rosto. Começou o gramofone e ouvi a voz da minha filhota do outro lado a juntar-se; não usou o trompete, a voz era baixa mas muito clara e absolutamente verdadeira. Mais tarde, outra vez à noite, ouvi-a de novo; desta vez levantou o trompete, segurando-o alto e firme: 'Olá, olá!' (Perguntei: 'É o avô?') 'Não, mãe, sou a Panny. Consegui entrar, finalmente.

O avô está aqui e tentará mais tarde. O Jimmy e o William não entraram; somos tantos que está uma confusão, por isso é difícil.' (Perdi algo do que ela disse e disse-lhe que não a ouvia bem.) 'Não, mãe, está terrivelmente difícil esta noite; não consigo fazer com que seja alto ou claro. Adeus, mãe, tenho que parar.' A Panny pousou o trompete cuidadosamente e não consegui mais nem a conversa prometida com o avô, que costuma comunicar comigo. Os outros nomes estão corretos.

O Jimmy é um sobrinho e o William um rapaz que eu não conhecia deste lado mas que conheço bem do outro, pois é grande amigo da Pansy. Numa sessão em transe à tarde, a Pansy mencionou que traria o avô, o William e o Jimmy."

Esta experiência, durante a qual o espírito de Michael Bradley estabeleceu a sua identidade, leva ao seguinte comentário: "Tal incidente demonstra como a comunicação espiritual pode ser natural e normal em condições perfeitas." Sexta-feira Santa, 10 de Abril de 1925.

Uma semana antes, um velho tio meu — Michael Bradley — me comunicara pela primeira vez, expressando o desejo de ter oportunidade de falar com o irmão — o meu pai. O meu pai, com 85 anos, estava a passar a Páscoa connosco, e nessa noite realizou-se uma sessão.

Não estive presente porque estava de cama com uma constipação. Os participantes foram, portanto, George Valiantine, a minha esposa e o meu pai.

Não se tocou música, e os espíritos falaram com eles em poucos minutos. Quatro guias — Dr. Barnett, Bert Everett, Kokum e Pat O'Brien — falaram várias vezes, longamente. Michael manifestou-se usando o trompete luminoso, falando alto e de forma distinta. Tratou o meu pai por "Dan" — como lhe chamava habitualmente — e conversaram demoradamente, o meu pai fazendo muitas perguntas que exigiram respostas probatórias. Michael forneceu espontaneamente toda a informação necessária: mencionou o lugar do seu nascimento, próximo de Galway, a idade em que faleceu e muitos pormenores da sua vida na Terra, estabelecendo claramente a sua identidade. É precisamente isto que acontece invariavelmente em condições harmoniosas.*(1)*

Annie falou com a minha esposa e com o meu pai durante algum tempo. Referiu-se à mãe e à doença da Gertrude.

Dr. Barnett e Pat O'Brien falaram fluentemente sobre vários assuntos durante a sessão. O Anthony, que se encontrava noutra divisão nessa altura, passou junto à porta precisamente quando o Dr. Barnett estava a falar. Ele saudou o Dr. Barnett do lado de fora, após o que mantiveram uma conversa. A porta do meu quarto (que ficava noutro piso e a certa distância) estava entreaberta, e ouvi as várias observações do meu filho, mas não, naturalmente, as respostas. Um episódio tal demonstra quão natural e normal pode ser a comunicação espiritual em condições perfeitas.

CAPÍTULO XLIV

Na tarde de sábado, 11 de Abril de 1925, a minha esposa e George Valiantine tomavam o chá com a Srta. Winifred Graham e a mãe desta, na encantadora e antiga casa em Hampton. Durante a tarde, discutiam o fenómeno de obter vozes à luz do dia. A Srta. Graham mostrou grande interesse e disse que possuía um trompete que nunca fora usado para uma sessão. Valiantine ofereceu-se para fazer um experimento.

"De modo bastante casual e para nosso deleite, o Sr. Valiantine sugeriu à minha mãe que ela e eu víssemos se conseguiríamos ouvir vozes espirituais através do trompete em plena luz do dia. Ele tinha-nos assegurado que a atmosfera estava ideal para as vibrações. Para nossa surpresa, ouvimos sussurros a falarem, muito ténues, através do trompete. A minha mãe e eu ouvimos a voz do meu pai a falar. Pareceu-nos tão extraordinário e muito mais agradável do que sentar na escuridão. Notei com prazer o ar calmo e desprendido no rosto do Sr. Valiantine."

(1) O meu pai faleceu no mês de julho seguinte a esta sessão. Embora católico romano irlandês, disse-me que considerava o conforto e a filosofia do espiritualismo magníficos.

CAPÍTULO XLV

I

Esta sessão foi comparativamente fraca. Presentes: Valiantine, a minha esposa, o Sr. Charles Sykes, a Sra. Sykes, o Sr. T. C. Cannell e o Sr. Alfred Johnson. Permaneci na sala-de-estar, durante a qual, por diversas vezes, ouvi as vozes dos vários guias. Nem o Sr. Cannell nem o Sr. Johnson tinham experiência prévia.

Ao longo da noite, quatro guias espirituais mantiveram conversas com os participantes. O levantamento sobrenatural do trompete ocorreu várias vezes. O trompete luminoso ergueu-se em direção ao Sr. Cannell, com uma voz a dirigir-se-lhe, mas sem sucesso no reconhecimento. Pouco depois, o trompete ergueu-se junto do Sr. Johnson, e uma voz muito indistinta falou-lhe—também sem identificação.

Ao Sr. Sykes aproximou-se uma entidade que, chamando-o pelo nome, apresentou-se como "Charlotte", uma tia sua. Este espírito também falou com a Sra. Sykes, mencionando outro parente chamado "May" e dizendo-lhe para lhe perguntar por ela.*(1)* Mais tarde comprovou-se que essa parente sofrera, nos últimos dias, um ligeiro derrame—o Sr. Sykes desconhecia-o na altura.

O pai do Sr. Sykes também conversou com ele e com a esposa. Ainda, a madrasta da Sra. Sykes, que falecera em novembro de 1924, falou-lhe brevemente.

Segue-se o relato da Sra. Sykes:

"Sentámo-nos no escuro, conversando sobre assuntos pertinentes e impertinentes, acompanhados por árias de ópera e jazz tocadas no gramofone. Observávamos, de quando em quando, qualquer sinal de movimento dos dois trompetes luminosos erguido no centro do nosso pequeno círculo. Passaram cerca de quarenta e cinco minutos antes de surgir qualquer manifestação.

"Então vimos um dos trompetes inclinar-se para um lado, e a voz do Dr. Barnett saudou-nos. Outro guia (Bert Everett) falou lá no teto, e, a uma pergunta sobre se as forças estavam fracas, não houve resposta.

"Pouco depois, a mesma voz fina e estridente chamou do alto: 'Boa noite, Sr. Sykes, fico contente por o ver aqui esta noite', e, após breve pausa, 'e a si, Sra. Sykes'. *(2)*

"Decorridos alguns instantes, um trompete ergueu-se em direção ao Sr. Cannell, que pareceu surpreso e assustado, perguntando quem queria falar com ele. A voz sussurrante tentou várias vezes pronunciar o nome alto, mas o Sr. Cannell não se mostrou receptivo, e não surgiu comunicação satisfatória.

"Nesse momento, o Dr. Barnett repreendeu-o, dizendo que estava excitado e devia acalmar-se. O Sr. Cannell pediu o nome do espírito, e o Dr. Barnett disse supor que se chamava 'Chanwell', mas que o próprio teria de se identificar. Várias tentativas seguintes falharam, as forças enfraqueceram, e o trompete caiu com um estrondo no chão. Foi então reposto por quem estava mais próximo.

"A música recomeçou e, de repente, uma voz potente gritou algo incompreensível—os veteranos reconheceram-no como o guia que se intitula Kokum. A música prosseguiu e, pouco depois, um trompete ergu-se e dirigiu-se ao meu marido. O gramofone foi interrompido e um sussurro alto anunciou: 'Tia Charlotte', dizendo: 'Como estás, Charlie? Fico feliz por te ver novamente.' O meu marido perguntou se o pai estava presente, e a voz respondeu: 'Sim.' Logo depois, o pai apareceu e cumprimentou-o.

O meu marido perguntou: 'A Hannah está contigo? Achas que pode falar?' A voz disse: 'Creio que sim', mas o trompete começou a descer e não se conseguiu mais comunicação. A música recomeçou e, em breve, um trompete moveu-se decisivamente em minha direção, parando a cerca de dez centímetros do meu rosto, e uma voz chamou-me pelo nome: 'Jessica'—identificando-se como "Mãe". Eu tinha perdido a minha dedicada madrasta no outono anterior e cuidara dela nos dezasseis dias finais da sua vida.

Perguntei-lhe se sabia que eu estava ao seu lado até ao fim, e ela respondeu: 'Oh, sim.' Sem descer, o trompete varreu depois até ao meu marido e cumprimentou-o. Ouvimos um som de beijos, e o trompete caiu novamente. Pouco depois, ergueu-se de novo, e tia Charlotte disse: 'Viste a tia May? Deverias vê-la.' A tia May do meu marido está viva, mas, como não soubéssemos dela há meses, no dia seguinte contactámos uma das filhas e soubemos que sofrera um ligeiro derrame e esteve doente com gripe durante um mês, de que se está a recuperar lentamente.

"Uma voz, num dos trompetes, tentou falar com o Sr. Johnson, mas não se fez entender, e logo a seguir a voz do Dr. Barnett anunciou: 'Temos de fechar agora. Boa noite.'"

_(1) Mais tarde confirmou-se que a parente mencionada sofrera um ligeiro derrame nos últimos dias, facto que o Sr. Sykes desconhecia à data.
(2) Já lá ia mais de um ano desde que ouvíramos a mesma voz numa sessão no Sr. Bradley.

CAPÍTULO XLVI

No domingo à tarde, 12 de Abril de 1925, Pat teve uma breve sessão diurna com Valiantine. Cinco espíritos distintos falaram com Pat: Annie, Warren, Bobby, Bert Everett e Pat O'Brien. Bobby comentou as várias coisas que fizera ao longo do dia; falou-lhe das girinas que Pat tinha apanhado na lagoa do jardim, e contou-lhe que o viu andar de bicicleta, cair e partir o sino da máquina.

A Pat conversa com os espíritos e eles com ele tão rápida e naturalmente como a qualquer de nós na Terra.

CAPÍTULO XLVII

Uma sessão que se destaca em nítido contraste — uma ilustração do negativo e do positivo no psíquico — Leon Quartermaine, o distinto ator, conversa com o irmão — o espírito de um amigo intriga o Sr. P. G. Wodehouse — Harry Pelissier diz que acolherá a Srta. Fay Compton do outro lado — Billie Carleton recorda a sua morte, e o seu amigo Jack

Marsh recorda um incidente — "Não há ciúme do outro lado", diz o Dr. Barnett — a Srta. Compton escreve as suas impressões.

I

Domingo, 12 de Abril de 1925. Esta sessão destaca-se em agradável contraste com os enfadonhos acontecimentos do domingo anterior. Realizou-se à noite, por volta das 20h45, e estiveram presentes, para além de George Valiantine, a minha esposa e eu, a Srta. Fay Compton, o seu marido, o Sr. Leon Quartermaine — um dos raros atores ingleses verdadeiramente brilhantes — o Sr. P. G. Wodehouse, o famoso romancista cujo humor já alegrou dois continentes, e a Srta. Leonora Wodehouse.

Os meus convidados eram todos pessoas simpáticas e intelectualmente vivazes. Chegaram ao final da tarde, jantámos cedo e fizemos a sessão em seguida. A atmosfera criada por todo o grupo foi recetiva, espontânea, agradável, sincera e sem qualquer fingimento. Enfatizo isto porque aprendi que tal mentalidade é de valor inestimável ao conduzir estudos psíquicos num assembleia heterogénea. A título de ponto de interesse psicológico, chamo deliberadamente a atenção para a mentalidade que se exibiu nesta noite, em nítido contraste com a do domingo anterior, que lhe era certamente o antítese. Estas duas noites ilustram os efeitos do negativo e do positivo no psíquico.

II

Seis dos guias espirituais nos falaram. O Dr. Barnett abriu a sessão com a sua saudação habitual, seguido por Bert Everett. Pat O'Brien manifestou-se e disse algumas frases no seu rico sotaque irlandês. Kokum deu-nos cumprimento, e Hawk Chief proferiu uma ou duas frases e, a pedido, uivou com tal estrondo que sacudiu toda a sala.

Bobby Worrall também se fez ouvir, referindo-se às peripécias de Pat ao longo do dia: contou-nos como o vira cair da bicicleta no jardim e magoar-se.

O trompete luminoso ergueu-se e aproximou-se do Sr. Leon Quartermaine. A voz apresentou-se como "Harold". Harold parecia ser irmão do Sr. Quartermaine, e ambos conversaram brevemente.

Ao Sr. P. G. Wodehouse uma voz voluntariou o nome "Ernest Wodehouse". Tratava-se de um primo do Sr. Wodehouse, falecido durante a guerra. A um pedido, o espírito disse ter passado para o outro lado há alguns anos e aventou algo acerca de ter estado com o Sr. Wodehouse em Harrogate, há um ano. Quando a voz se retirou, o Sr. Wodehouse confirmou ter ido a Harrogate nesse período, mas não compreendia por que o espírito se referira a esse facto. A voz do Dr. Barnett então explicou: "Não há engano; o espírito está completamente certo — disse que esteve consigo em espírito quando esteve em Harrogate há um ano."

O trompete moveu-se até à Srta. Leonora Wodehouse e disse-lhe: "Fico tão contente por a ver aqui, Leonora."

Já afirmei anteriormente estar convencido de que a Srta. Fay Compton é excecionalmente dotada de facultades psíquicas. Creio que ela poderia, se o desejasse, desenvolver-se num médium muito poderoso, chegando a obter as vozes por si própria, com o tempo. As suas capacidades psíquicas são evidentes, tanto na sua personalidade como nalgumas das suas interpretações teatrais.

A sua prestação em "Mary Rose", de Barrie, foi uma das interpretações mais notáveis que alguma vez vi, impressionando toda Londres. Não foi só a beleza — o carácter etéreo que interpretou foi transmitido de forma poética, indo além da conceção do próprio autor. Menciono isto para ilustrar porque Fay Compton, numa sessão, parece atrair os espíritos. *(1)*

Quatro espíritos individuais manifestaram-se para lhe falar nessa noite. O primeiro foi Harry Pelissier, o seu primeiro marido. Pelissier é um espírito muito viril e determinado. Falou-lhe com voz vibrante de amor, aparentando estar tão atraído por ela agora como o estivera em vida. Ele não só lhe falou, mas dirigiu-se também a Leon Quartermaine, com pleno entendimento das mudanças ocorridas nas condições terrestres. Pelissier disse a Fay que, quando ela também passasse para além, estaria lá para a receber. *(2)*

O pai da Srta. Compton falou-lhe em seguida.

Billie Carleton anunciou-se pelo nome completo:

FAY COMPTON: "Billie, lembras-te do dia em que passaste para o outro lado?"

BILLIE CARLETON: "Sim, foi no dia seguinte ao Baile da Vitória."

Billie Carleton fora uma rapariga de beleza excecional, mas sabia-se que em ocasiões recorria a drogas. Supôs-se que, na manhã após o baile, tomara uma dose excessiva de alguma substância para dormir. *(3)*

FAY COMPTON: "O Jack está contigo?"

BILLIE CARLETON: "Sim; ele está aqui e vai falar-te."

Pouco depois, surgiu uma voz dirigindo-se à Srta. Compton, identificando-se como "Jack Marsh". Conversaram algum tempo e eu disse discretamente a Fay: "Pergunta-lhe se me conhece." A Srta. Compton colocou a questão, o trompete aproximou-se de mim e disse: "Fico contente por o ver aqui, Sr. Bradley!" Conversámos de modo que para os outros devia soar enigmático. Refiri-me a um incidente que só Jack Marsh podia conhecer, ocorrido há alguns anos, aludindo-lhe de forma velada, mas Jack Marsh compreendeu perfeitamente e riu-se comigo.

O episódio envolvia ambos num contexto dramaticamente humorístico. Conhecia Jack Marsh em vida — era-lhe amigo próximo de Billie Carleton. No dia em que ela morreu, almocei com ele e mais algumas pessoas na Bruton Street. Após o almoço, a conversa centrou-se em Billie Carleton, da qual Marsh falara muito. Pelas três ou quatro da tarde, partiu dizendo que ia ver a Billie, sem saber que ela jazia já morta.

No final da sessão, o Dr. Barnett respondeu a várias perguntas. A uma delas disse que o ciúme não existe do outro lado, e a outra espontânea, minha, sobre se as perversões sexuais dificultam o progresso após a passagem, afirmou que, embora retardem temporariamente, tais espíritos têm depois oportunidade de se desenvolverem quando superarem a condição.

Após a sessão, pedi à Srta. Compton que escrevesse as suas impressões, no seu estilo particular, tal como as sentiu.

(1) Assertiva feita com deliberada confiança.
(2) Só posso fornecer indicação vaga da conversa que se deu.
(3) Não vejo por que Billie Carleton não devesse fazer uso de uma droga material; a maioria é drogada ao longo da vida pela própria estupidez mental, infinitamente mais perniciosa.

Aqui estão as impressões de Miss Fay Compton desta sessão. "Só tive duas experiências de sessões espíritas na minha vida. Ambas tiveram lugar em Dorincourt e foram, para mim, igualmente notáveis. É muito difícil para mim escrever as minhas primeiras impressões de uma sessão — principalmente porque estava tão intensamente exaltada e entusiasmada com toda a ideia. Não sei bem o que esperava, certamente não o ambiente tão 'natural' que existia em casa do Sr. Dennis Bradley naquela primeira noite de domingo em março.

Não vou tentar descrever em pormenor o que aconteceu. O Sr. Bradley já fez isso muito melhor do que eu posso fazer. Foi maravilhoso encontrar um ambiente tão complacente quando cheguei; chega sempre a gente a pensar que, em circunstâncias invulgares, as pessoas vão colocar um certo 'ar' forçado, mas conversámos e tivemos um jantar muito agradável antes de a sessão começar, e fiquei satisfeita por ver que o médium — o Sr. Valiantine — era um homem tão simples e encantador. Gostaria de referir que ele tem um sotaque americano muito marcado. Isto, na minha opinião, é importante, já que tantos descrentes acham que um médium é um ventríloquo brilhante. Se assim fosse, o Sr. Valiantine teria de ser um superventríloquo! Nenhum dos espíritos que se manifestaram na sessão era americano, à exceção de Bobby Worrall, e talvez um ou dois dos guias.

Acho graça quando me dizem que os médiuns são prestidigitadores e ventríloquos. Se o fossem, bastaria dedicarem-se ao palco como profissão, e garanto que fariam fortunas — certamente o Sr. Valiantine o faria!

Sou uma pessoa extremamente nervosa e confesso que, na primeira vez em que fiquei sentada no escuro — à espera —, fiquei verdadeiramente aterrorizada. O gramofone foi tocado — disseram-me que o som ajudava os espíritos a manifestarem-se — e, depois de duas gravações, o Sr. Valiantine pediu-nos para recitarmos juntos a Oração do Senhor. Fiquei feliz por o fazer; deu-me uma sensação de conforto e de realidade. Cantámos em conjunto, tocaram-se mais gravações. Disseram-me que podia sentir um toque e que o devia reconhecer dizendo uma palavra de agradecimento, ou qualquer coisa que sugerisse que não estava indiferente. Isso aterrorizou-me, mas quando, pouco depois, alguém sacudiu o meu joelho com força, senti-me até contente e disse "Bem-vindo, amigo" com genuína sinceridade, esquecendo-me completamente do medo.

Já terão lido no relato do Sr. Bradley o que aconteceu e o que foi dito. Creio que ele apenas espera que eu partilhe as minhas impressões — não um relato do que se passou.

Na primeira ocasião, se mal me lembro, um dos primeiros guias que falou foi Bert Everett — com uma voz tão estridente e penetrante, lá no alto da sala, que quase saltei da cadeira. Mas, depois de um momento, considerei aquela voz tão agradável que fiquei ansiosa por falar com ele. Surpreendeu-me verificar que o médium não dizia palavra, exceto para colocar perguntas ocasionais. Sempre imaginei que os espíritos falassem através do médium, ou seja, usando a voz do médium como instrumento.

Estes guias falaram de todas as partes da sala, e sentia-se uma presença em cada lugar de onde ecoavam as vozes. Além disso, estava muitíssimo consciente dos espíritos que, por já estarem habituados a manifestar-se, como Warren Clarke e a irmã do Sr. Bradley. Pareciam mover-se e caminhar connosco na sala, bem visíveis. É impossível traduzir em palavras o efeito que provocavam, mesmo os espíritos que nunca tinham falado antes e o fizeram nesta sessão com a ajuda do megafone luminoso. Eu percebia não só uma voz, mas uma personalidade.

Disseram-me as pessoas se eu conseguia reconhecer as vozes dos espíritos em particular — o meu pai, o meu primeiro marido Harry Pelissier e Billie Carleton. Era impossível identificar entoações, pois falavam quase a sussurrar. Compreendo que lhes seja difícil falar claramente de imediato; têm de aprender, tal como nós deste lado temos de aprender a encorajá-los. Mas a personalidade de cada um era muito distinta.

Tive toques várias vezes durante a sessão e senti uma força intensa a percorrer-me. O Sr. Bradley acha que sou sensitiva e que consigo ajudar os espíritos a manifestarem-se. Isso pode explicar esta sensação estranha.

Não vou escrever sobre as mensagens pessoais que me dirigiram; o Sr. Bradley registou o que se passou e está tudo correto. Apenas tentei explicar um pouco do que senti.

Estou-lhe muito grata por me ter permitido assistir às duas sessões; foi para mim uma experiência verdadeiramente maravilhosa e cativante."

CAPÍTULO XLVIII

Miss Winifred Graham regista as suas impressões da segunda sessão à luz do dia. Segunda-feira, 13 de abril de 1925.

"Na tarde deste dia, a Sr.ª Winifred Graham e a Sr.ª Graham estiveram em Dorincourt e viveram a segunda sessão à luz do dia.

O que se segue é o relato da Sr.ª Winifred Graham:

'A minha mãe e eu fomos convidadas para Dorincourt e, durante a tarde, ouvimos novamente a voz direta sob a luz do dia.

'A clareza das mensagens aumentou muito nesta ocasião com o uso do trompete do Sr. Valiantine, que tinha tido um papel tão importante em várias sessões. O meu pai falou comigo e com a minha mãe. Enquanto ele me falava, mencionei o nome abreviado de um parente muito querido, totalmente desconhecido do médium. Mais tarde, esse parente foi trazido para falar comigo. A voz desse espírito era muito característica: viva, rápida, jovem, a insistir que não existe morte! A voz deste espírito mais jovem contrastava com a do meu pai, que era intencionalmente deliberada, pois tinha mais para dizer e queria ser claro e firme.

'O meu pai expressou um agradecimento enfático ao Sr. Valiantine.

'Quando o trompete foi colocado no armário, ficou a brilhar com uma estranha luz púrpura.'

CAPÍTULO XLIX

Uma sessão fraca — Espíritos falam com a Sr.ª Constance Collier e o Sr. Ivor Novello. Quarta-feira à tarde, 15 de abril de 1925.

Esta sessão realizou-se na casa da Sr.ª Arthur Bendir, no 43 da Grosvenor Square, Londres W.

Eu não estive presente e os participantes foram: Valiantine, a Sr.ª Bradley, a Sr.ª Arthur Bendir, a Sr.ª Constance Collier, o Sr. Ivor Novello, o Sr. W. B. Purefoy e outro cavalheiro cujo nome desconheço.

Os dois trompetes luminosos foram colocados ao centro do círculo. Foi bastante difícil privar a sala da luz do dia.

Passaram-se cerca de três quartos de hora antes de ocorrer qualquer fenómeno. A sessão foi relativamente fraca, mas quatro dos guias pronunciaram algumas palavras: o Dr. Barnett, Bert Everett, Kokum e Bobby Worrall.

Registaram-se movimentos sobrenaturais e, por vezes, alguns dos presentes sentiram toques.

O espírito da mãe da Sr.ª Collier manifestou-se e falou-lhe brevemente; além disso, um espírito chamado Bertie Adams (que já tinha falado com o Sr. Novello numa sessão anterior) surgiu de novo e falou-lhe por pouco tempo.'

CAPÍTULO L

O Sr. P. H. G. Fender recebe mensagem espiritual para o seu pai — Uma velha serva fala com a Sr.ª Arthur Bendir — A Sr.ª Theodore McKenna fala com o filho, Justine: "*Tens de parar estas guerras*" — O Sr. Oscar Hammerstein, dramaturgo, recebe provas valiosas. Quinta-feira, 16 de abril de 1925.

Esta sessão realizou-se às 20h45. Estavam presentes Valiantine, a Sr.ª Arthur Bendir, a Sr.ª Theodore McKenna (cunhada do ex-Chanceler do Tesouro, Sr. Reginald McKenna), a sua irmã, a Sr.ª Hannen, o Sr. Oscar Hammerstein, autor de *Rose Marie*, e a sua esposa, a Sr.ª Hammerstein; o Sr. P. H. G. Fender, famoso jogador de críquete, e eu.

A maioria dos presentes nunca antes assistira a uma sessão espírita e, como habitualmente em todas as ocasiões, exceto nas minhas experiências dominicais, nenhum dos convidados foi apresentado a Valiantine.

As condições pareceram favoráveis. Depois de duas gravações no gramofone, o Dr. Barnett deu-nos cumprimento e Bert Everett falou com a sua voz estridente, vindo do teto da sala. Em resposta a uma questão minha, ele transmitiu-me a palavra-código que indicava que o círculo estava em perfeita harmonia.

Por duas vezes, durante a sessão, a voz alta de Kokum surpreendeu alguns dos presentes. Pat O'Brien falou comigo e com mais duas ou três pessoas, usando o seu forte sotaque irlandês. Bobby Worrall referiu-se aos movimentos de Pat ao longo do dia, dizendo que o vira no dentista.

Ao Sr. P. H. G. Fender falou-lhe uma voz através do trompete luminoso. No início era indistinta, e só à segunda ou terceira tentativa é que se conseguiu identificar. Anunciou-se como sendo o avô do Sr. Fender e, durante a conversa, o Sr. Fender perguntou-lhe onde vivera; a voz respondeu: "Dundee" *1*. Foi mencionado o nome "Percy Fender" e a voz referiu-se ao pai do Sr. Fender, enviando-lhe uma mensagem. Quando o Sr. Fender perguntou se, em determinadas circunstâncias, deveria levar esta mensagem ao seu pai, a voz insistiu que sim.

Um espírito falou à Sr.ª Arthur Bendir, identificando-se como "Harry Bendir". Durante a conversa, fez-se referência ao seu irmão Arthur. Mais tarde, outra voz se dirigiu à Sr.ª Bendir através do trompete luminoso, anunciando-se como "Ellen". Estranhamente, mostrou-se surpreendida por a encontrar no círculo, dizendo: "Olha só ver-te aqui", e depois aludiu a certas reuniões. A Sr.ª Bendir contou-nos depois que se tratava de uma antiga serva sua, muito ligada a ela na juventude, que costumava assistir regularmente a reuniões religiosas.

Quando esse espírito partiu, ouviu-se a voz do Dr. Barnett no centro da sala, soltando uma risada e comentando: "O espírito falava dos seus encontros do Exército de Salvação." Esta observação comprovativo referia-se ao facto de, em certa altura, essa serva ter frequentado mesmo reuniões do Exército de Salvação.

Durante a sessão, ouviu-se uma voz a falar de forma independente — sem usar o trompete — perto de onde estava sentada a Sr.ª McKenna. A voz era um pouco fraca, mas consegui perceber o apelido. Todos o ouvimos e julgámos que dissera "a começar agora". Pouco depois, ouvi-a dizer "McKenna".

Isto é extraordinário, pois logo de seguida o trompete foi levantado e aproximado da Sr.ª McKenna, e um espírito falou-lhe, identificando-se claramente como "Just McKenna" — um

prenome inusitado. Soube-se depois tratar-se de Justine McKenna, filho da Sr.ª Theodore McKenna, falecido com cerca de vinte e um anos; a família chamava-lhe "Just". Mãe e filho conversaram um bom momento e, à pergunta da Sr.ª McKenna sobre o que ele fazia no mundo espiritual, respondeu que estudava os registos da guerra. A Sr.ª McKenna estranhou: "É curioso que estejas a fazer isso."

A voz replicou, muito firme: "Tens de parar estas guerras." Este desejo é, aliás, exprimo por quase todos os espíritos — parece ser de importância capital que as guerras cessem, sob pena da nossa civilização ruir. Enquanto Justine McKenna falava, dirigiu-se várias vezes também à irmã da mãe, a Sr.ª Hannen, manifestando-se satisfeito por a verem ambas juntas.

Ao Sr. Oscar Hammerstein manifestou-se o espírito da sua mãe em duas ocasiões. Durante o diálogo, ela mencionou "Aunt Annie". O Sr. Hammerstein não compreendeu bem o nome, mas a Sr.ª Hammerstein, sentada em frente, ouviu-o e disse: "Está a falar da tia Annie." A voz voltou-se para ela e esclareceu: "Falava da Mousie." Este pormenor tem grande valor comprovativo, pois a "tia Annie" era conhecida pelo apelido afetivo de "Mousie", dado voluntariamente pela voz espiritual.

Ao longo da noite, os trompetes luminosos foram movidos por toda a sala: por vezes levantados em conjunto, noutra ocasião Kokum rodopiou um destes trompetes, tocando mesmo o teto. Estas manifestações físicas são deveras assombrosas de presenciar.

CAPÍTULO LI

A extraordinária experiência à luz do dia de duas senhoras desconhecidas.
Sexta-feira, 17 de abril de 1925, 16h00.

Na tarde desta sexta-feira, a minha esposa recebeu em Dorincourt duas senhoras que lhe eram estranhas. Tinham vindo de Camberley, em Surrey, para ver se era possível agendar uma sessão com o Sr. Valiantine. Ela explicou-lhes que não era possível, pois todas as noites estavam já reservadas, mas convidou-as para o chá e contou-lhes os diversos fenómenos ocorridos nas sessões e a forma como se manifestaram, à luz do dia, com o Sr. Valiantine.

O médium prontificou-se então a fazer-lhes uma sessão diurna. As duas senhoras eram a Sr.ª D. F. McKenzie e a sua filha, a Sr.ª Theo Uzielli.

A Sr.ª Uzielli foi a primeira a entrar em sessão e, pelo trompete, em plena luz do dia, manifestaram-se os espíritos do pai e do irmão, cujos nomes — Donald e Charlie — foram voluntariados. Enquanto falava com eles, o pai disse-lhe que chamasse a mãe.

A Sr.ª McKenzie entrou então na sala e conversou com o marido e com o filho.

Este foi um teste verdadeiramente excecional quando se considera que duas senhoras desconhecidas, num espaço de tempo muito curto após a sua chegada a Dorincourt, conseguiram falar à luz do dia com alguns dos seus parentes já falecidos.

CAPÍTULO LII

A Condessa Ahlefeldt-Laurvig participa numa conversa em francês e russo com o espírito do seu irmão Oscar em plena luz do dia.

17h45, Sábado, 18 de abril de 1925.

Nesta tarde, a Condessa Ahlefeldt-Laurvig fez uma visita social a Dorincourt à minha esposa, sem qualquer intenção de realizar uma sessão espírita. Estavam presentes George Valiantine e eu, e discutiram-se diversos pontos acerca do fenómeno psíquico. A minha esposa contou à Condessa sobre as sessões à luz do dia que já tinham ocorrido, e ela mostrou-se tão interessada que Valiantine lhe ofereceu imediatamente uma sessão, caso assim o desejasse.

A Condessa e Valiantine sentaram-se no meu gabinete, ainda iluminado pela luz do dia, e quase imediatamente a voz de Oscar (irmão da Condessa) manifestou-se, dirigindo-se a ela. A primeira parte da conversa decorreu em russo, e depois a Condessa sugeriu que continuasse em francês. A sessão prolongou-se por cerca de quinze minutos e, ao regressarem à sala de estar, a Condessa afirmou que a experiência fora verdadeiramente maravilhosa, e que o seu irmão teria continuado a falar por muito mais tempo, não fosse ela ter de regressar de automóvel à cidade e trocar de roupa para um compromisso de jantar.

CAPÍTULO LIII

A mãe do autor, devota católica romana, fala com o espírito da filha — Um pássaro azul entra no círculo — A experiência do Sr. Noel Jaquin — Impressões das mãos e pés de um pássaro — A acusação de perversão sexual — H.D.B. pede uma exposição pública.
20h30, Sábado, 18 de abril de 1925.

I

Nessa noite, a pedido do espírito de Annie, convidei a minha velha mãe a comparecer em Kingston para uma sessão. A minha mãe, já com oitenta anos, nunca antes havia participado, e embora, pela leitura dos meus escritos, estivesse convencida da realidade da comunicação espiritual, sendo devota católica romana, não estava inteiramente segura sobre a justeza deste estudo.

Estávamos apenas quatro sentados: Valiantine, a minha esposa, a minha mãe e eu. Em poucos minutos, o Dr. Barnett manifestou-se e cumprimentou-nos. Logo depois, a voz de Annie falou de forma independente, dirigindo-se imediatamente à mãe. As duas conversaram algum tempo; Annie falou também comigo e com a minha esposa, referindo-se ao estado de saúde de Gertrude e mostrando-se incerta quanto à sua condição.

O filho de Annie, Georgie, manifestou-se e falou com a minha mãe. A minha mãe amava Georgie talvez tanto como qualquer pessoa na terra, e ele tinha-lhe um grande carinho. A conversa entre ambos vibrou de amor e emoção. Possivelmente os diálogos prolongaram-se por cerca de três quartos de hora, quando, sentindo-se cansada, retirei a minha mãe da

sala. Ao abrir a porta, a luz do hall invadiu o espaço e ouviu-se a voz do guia, Bert Everett, em tom forte, chamando-lhe com simpatia: "Boa noite, Sra. Bradley."

A minha mãe foi depois para a cama e disse-me que considerara a experiência assombrosa. Após a sua partida, nós três continuámos a sessão. É necessário referir que outro objetivo desta sessão era realizar um experimento de importância talvez capital, cuja natureza explicarei adiante.

O Sr. Noel Jaquin — um dos maiores peritos em impressões de mãos na Grã-Bretanha, capaz de diagnosticar doenças e traços de carácter de modo extraordinário — pedira-me há algumas semanas para levar a cabo um experimento nas sessões de Valiantine, utilizando papel fumegado pregado num estojo, colocado no centro do círculo, com o propósito de verificar se seria possível obter impressões digitais de um espírito. A sua ideia era única e só fora tentada uma vez, sob a nossa mediação privada em Dorincourt, com resultado negativo.

O estojo do Sr. Jaquin — que abri — foi colocado no centro do círculo, sobre um banco. Durante o tempo em que o espírito de Georgie nos falava, o trompete foi levantado com cuidado e a voz transmitia-se através dele, mas, embora o trompete percorresse todo o círculo, não tocou no banco.

Warren manifestou-se e falou comigo, com a minha esposa e com Valiantine. Não vale a pena descrever pormenorizadamente as minhas conversas com Warren e Annie: foram íntimas, fluentes e repletas de pontos evidenciais voluntariamente oferecidos. Bert Everett falou-nos algum tempo, Pat O'Brien talvez dez minutos, e eu mantive um longo diálogo com o Dr. Barnett.

Perguntei ao Dr. Barnett sobre perversão sexual. Explicara-lhe no domingo anterior que sabia não ser oportuno discutir o tema em detalhe então, por ser difícil na presença de terceiros.

DR. BARNETT: A perversão sexual tem um efeito gravíssimo no desenvolvimento do carácter e, sobretudo, no desenvolvimento dos espíritos quando passam para o outro lado. Quando tais práticas são cultivadas ou fomentadas, o mal é infinitamente maior do que nos casos em que são inatas ou instintivas. A promoção dessas ideias é uma maldição. Lésbicas e sodomitas que praticam os seus vícios na terra vivem em trevas por muito tempo após deixarem o corpo físico, até aprenderem a evoluir além da sua condição mental.

Recuando ao experimento das impressões digitais, para o fim da sessão houve um silêncio de dez a quinze minutos, durante o qual todos sentimos uma grande captação de energia. Notou-se um esvoaçar em torno da sala e, em seguida, um som estranho mas agradável de um pássaro a "piar" ao redor do círculo. Todos comentámos isso.

DR. BARNETT: Há um pássaro azul atraído para aqui.

(Pouco depois) DR. BARNETT: O pássaro está pousado no seu estojo.

Houve nova pausa de cerca de dez minutos, e depois o Dr. Barnett anunciou: "Estamos a concentrar o poder para obter a impressão ectoplasmática de uma mão." Após mais alguns minutos, o Dr. Barnett disse que deveríamos encerrar a sessão. As luzes foram acesas e, para nosso espanto, estava lá a impressão de uma mão com quatro dedos, parte do polegar e parte da palma, e, noutra folha, a impressão das duas patas de um pássaro *1*.

Informei o Sr. Noel Jaquin disso na segunda-feira seguinte, e ele considerou estas impressões de máxima importância. Pode demonstrar-se que era totalmente impossível que as marcas tivessem sido feitas por qualquer dos presentes. O relatório cuidadosamente estudado do Sr. Noel Jaquin surge num capítulo posterior.

1 Fotografias da "mão ectoplásmica" e das "patas de pássaro" encontram-se no final deste livro.

II

Tinha razões particulares para colocar ao Dr. Barnett essas questões sobre perversão sexual. Conheço o West End de Londres tão bem como qualquer homem vivo. Não sou apenas psicólogo, mas detenho um conhecimento muito mais profundo da vida interior e dos hábitos daqueles que encontro, casual ou socialmente, do que eles próprios imaginam. A podre *"mancha"* da perversão sexual é mil vezes mais perigosa do que o homem ou a mulher comuns percebem. Está omnipresente — a *"mancha"* existe nas artes, nos círculos literários, no teatro e nas universidades da Grã-Bretanha.

Está hoje mais flagrante do que nunca, mais aparente do que na época de Oscar Wilde, e o que se necessita é de uma grande exposição pública que liberte o estrangulamento que estes pervertidos exercem sobre uma certa parte do público. Estes decadentes imaginam-se por agora seguros, mas são covardes medrosos no fundo, e devem envidar-se esforços determinados para reprimir e esmagar a sua influência maligna.

Não sou um moralista hipócrita. Vivi quarenta anos de forma completa e a um ritmo elétrico, mas a constância ou inconstância das minhas paixões tem sido controlada pelo instinto natural. Não me preocupo nem sou influenciado pelos códigos morais inventados pelo homem, mas percebo que todo o universo só pode ser governado por leis naturais. A perversão é uma rebelião contra a criação e um crime contra a natureza. Os seus efeitos no esquema do universo podem ser insignificantes e efémeros, mas representam um crescimento cancerígeno que poderá destruir uma nação.

CAPÍTULO LIV

Três vozes falam com a Sr.ª Gibbons Grinling — Um espírito dirige-se ao Sr. Dennis Neilson-Terry — A Sr.ª Mary Glynne recorda-se, pelo espírito do pai, de uma visita a Penarth — O finado Lord Curzon fala com o Sr. Oliver Baldwin — Uma mensagem para Lord Birkenhead — Lord Curzon reencontra, do outro lado, a sua primeira esposa — As impressões do Sr. Denis Grinling e do Sr. Oliver Baldwin.

I

Domingo, 19 de abril de 1925.

Esta sessão foi bastante fluida. Todos jantáramos juntos e, entre os convidados, havia uma agradável sensação de harmonia. Os presentes foram Valiantine, a minha esposa, a Sr.ª Gibbons Grinling; o filho dela, o Sr. Denis Grinling; o Sr. Dennis Neilson-Terry; a sua esposa, a Sr.ª Mary Glynne, a encantadora jovem atriz; o Sr. Oliver Baldwin; e eu. Em poucos minutos, a voz do Dr. Barnett saudou-nos e, ao longo da noite, falou-nos longamente em duas ou três ocasiões sobre diversos assuntos.

Dos outros guias, Bert Everett falou com os seus tons estridentes, Kokum e Hawk Chief manifestaram-se e pronunciaram algumas frases, e Pat O'Brien também se fez ouvir em duas ocasiões, dirigindo-se aos vários presentes no seu forte sotaque irlandês. Dos comunicadores pessoais, apareceram, através do trompete luminoso, três espíritos individuais que falaram com a Sr.ª Gibbons Grinling e com Denis Grinling: Cedric, um filho da Sr.ª Grinling que falecera algum tempo antes e voluntariou o seu nome; Godfrey, um amigo do Sr. Denis Grinling morto na guerra; e Raymond, irmão mais novo de Denis Grinling.

Ao Sr. Dennis Neilson-Terry falou uma voz — não muito claramente — dando o nome de "Emily" e dizendo ser a sua avó. Este espírito referiu-se a Maria, irmã dela. À Sr.ª Mary Glynne chegou uma voz, através do trompete luminoso, dizendo tratar-se do seu pai. Durante a breve conversa, a voz disse: "Estive contigo em Penarth." Isso, contou-nos Miss Glynne depois, estava correto, pois ela estivera a representar em Cardiff numa nova peça na semana anterior e, durante esse período, visitara a casa onde o pai vivera em Penarth. A Oliver Baldwin dirigiu-se-lhe um espírito, anunciando-se como "Harold Baldwin", seu tio.

Pouco depois, o trompete luminoso foi erguido e o Sr. Baldwin foi abordado por uma voz que se identificou como "George Curzon". Tratava-se do espírito de Lord Curzon de Kedleston, falecido há poucas semanas. Durante a conversa, Lord Curzon pediu-lhe que dissesse a Lord Birkenhead que tivera contacto com ele e enviou o seu amor a Lady Curzon, acrescentando: "Diz-lhes esta grande Verdade." Todos estes nomes foram voluntariados pelo espírito. No decorrer do diálogo, Lord Curzon revelou que a sua esposa (a primeira) estivera lá para o receber quando ele passara para o outro lado, ajudando-o imenso nessa nova condição.

Mais tarde, outra voz dirigiu-se ao Sr. Baldwin, apresentando-se como "Almirante Madden" e, enquanto falava, perguntou-lhe: "Dirás que cumpri o meu dever?" Ao longo da noite, manifestou-se, através do trompete luminoso, o espírito de Harry Pelissier, que falou exatamente no mesmo tom e com a mesma risada característica das vezes em que falara com Fay Compton. Falou também com o Sr. Dennis Neilson-Terry e comigo. Ao dirigir-se a Terry, referiu-se à conversa que tivera no domingo anterior com Fay e também a ter falado com Leon Quartermaine, relatando a Terry algumas das coisas que dissera a Fay. Falou com a Sr.ª Bradley sobre o seu filho Anthony Pelissier, que viera a Dorincourt na sexta-feira anterior, e expressou grande afeição pela mulher, dizendo: "Ela é a minha alma gémea e a mãe do meu filho." Durante a sua conversa com o Sr. Neilson-Terry, mantiveram um breve

diálogo sobre afinidades; o tom era descontraído e, em certos pontos, Terry não concordou totalmente.

Pelissier disse: "Não adianta discutir comigo; estou deste lado e sei mais do que tu." Pelissier falou também com Mary Glynne, dizendo-lhe, de forma jocosa: "Não estás com ciúmes dele (referindo-se a Dennis Neilson-Terry), minha querida?" Antes e depois do discurso de Pelissier, enquanto o gramofone tocava com a tampa fechada, o tempo foi alterado e, em duas ocasiões, ouviram-se ruídos estranhos e macabros vindos do interior da caixa. Já tarde da noite, manifestou-se o espírito de Arthur Playfair, que falou com o Sr. Neilson-Terry e comigo. Referiu novamente Phyllis Monkman, dizendo que queria falar com ela. Depois de falar connosco por algum tempo e responder a questões éticas e filosóficas, o Dr. Barnett encerrou a sessão.

II

Numa carta que recebi do Sr. Denis Grinling dois dias depois, referindo-se à sessão, ele escreveu: "Cedric, o meu irmão, falou primeiro, dando o seu nome sem auxílio. A minha mãe revelou os nomes de Godfrey (um grande amigo morto na guerra) e de Ray, o meu irmão mais novo, que falou imediatamente após Cedric. As poucas palavras que proferiram foram naturais e afetuosas, e a forma como se expressaram era familiar. Godfrey tinha uma maneira entusiasta de falar, fielmente reproduzida.

Quando pedi a Ray que elevasse o trompete até ao teto, ele disse: 'Vou tentar.' Um momento depois, ergueu-o rapidamente do chão até ao teto, bateu forte no teto e depois deixou o trompete cair com estrondo. A força etérica falhou antes de ele ter tempo de o colocar suavemente no chão. Isso pareceu-me uma prova crucial da autenticidade dos poderes de Valiantine, já que sugeri espontaneamente a Ray e sem aviso prévio. Além disso, o médium teria de praticar ginástica ruidosa para conseguir o mesmo resultado."

III

Eis as notas do Sr. Oliver Baldwin: "Uma voz espiritual, através do trompete luminoso, identificou-se como George Curzon e dirigiu-se a mim como Sr. Baldwin. Disse estar satisfeito por me ver ali e que conhecera bem o meu pai (Stanley Baldwin). Acrescentou que tinha muito trabalho importante por realizar, pois deixara muito por fazer. Pediu-me que informasse Birkenhead e também a sua mulher (Lady Curzon) de que estava bem e feliz. A pedido do Sr. Bradley, George Curzon disse que tentaria manifestar-se na quarta-feira seguinte, 22 de abril *1*.

"O segundo espírito que me falou foi o meu tio Harold, que me agradeceu pelo que eu fiz quanto ao dinheiro e repetiu as súplicas em relação às guerras catastróficas. Quando sugeri que talvez quisesse enviar uma mensagem ao meu pai, respondeu que gostaria, mas não achava que ele (meu pai) o aceitasse. "O terceiro espírito que me falou deu o nome de Almirante Madden, dizendo que se alegrava por falar comigo. Eu não tinha a certeza da identidade deste espírito, mas ele disse, entre outras coisas: 'Cumpri o meu dever.' Relativamente a este espírito, não consegui descobrir nada sobre um Almirante Madden; alguns dizem que ainda estará vivo. Acredito, no entanto, que houve também um almirante

americano com esse nome… Creio que a conversa da Sr.ª Grinling com os espíritos foi uma das coisas mais belas que já ouvi."

1 Assim o fez. Ver Capítulo LVIII.

CAPÍTULO LV

Valiantine senta-se com dois amigos à luz do dia — Bobby Worrall fala com o avô Segunda-feira, 20 de abril de 1925.

Neste dia, dois amigos de Valiantine almoçaram em Dorincourt: o Sr. Harry Worrall e a filha, Maud.

Após o almoço, realizou-se uma breve sessão à luz do dia. A Sr.ª Worrall sentou-se primeiro, falando com quatro espíritos distintos. O primeiro foi a mãe, o segundo a avó (que voluntariou o nome "Avó Hooper"), e depois um irmão que falecera há mais de quarenta anos. Este irmão ela nunca chegou a conhecer, sendo ela a mais nova de uma família numerosa.

A Sr.ª Worrall é tia do pequeno guia espiritual Bobby Worrall, que lhe falara numa sessão anterior em Dorincourt — no ano passado — mas que nunca a conhecera em vida, pois, embora filho de pais ingleses, nascera e falecera na América.

Bobby Worrall falou com a tia durante bastante tempo. Em seguida, o Sr. Harry Worrall (1) sentou-se e falou brevemente com Bobby.

1 O Sr. Worrall é o avô de Bobby Worrall.

CAPÍTULO LVI

A Sr.ª Maurice Hewlett não consegue manter o compromisso — O autor faz um desabafo característico — O segredo do pássaro azul revelado

I

Terça-feira, 21 de abril de 1925.

Entre as muitas candidaturas a uma sessão com Valiantine, recebi uma carta da Sr.ª Maurice Hewlett, viúva do distinto escritor falecido há pouco. Considero Maurice Hewlett um dos maiores autores ingleses do século XX: mestre de estilo literário, psicólogo subtil, ironista delicado e artista sensível. A Sr.ª Hewlett preparava uma obra sobre a sua vida e cartas. Pareceu-me de grande interesse trazer o espírito do marido à sessão, pelo que aceitei o convite e a convidei. Infelizmente, ela teve de ser operada de repente, e recebi um telegrama a informar que a Sr.ª X. (por razões que depois se entenderão, omito o nome) a substituiria.

O telegrama, vindo da Sr.ª X. e não da própria Sr.ª Hewlett, limitava-se a anunciar a substituição, sem pedir autorização. Fiquei irritado — havia muitos candidatos com maior direito — e, ao vê-la chegar pouco depois das oito, tive um pressentimento forte de que

nada daria certo. Não era apenas por mágoa da autoinvitação, mas um sentimento intuitivo inefável.

Tão forte foi esse sentimento que, poucos minutos após a sua chegada, pedi a Valiantine para não entrar na sessão. Ele convenceu-me a ficar e acabei por concordar.

Convidara o Sr. Noel Jaquin para uma nova experiência, na presença dele, de obter impressões espirituais. Preparou-se então um estojo com duas folhas de papel fumegado, colocadas num banco ao centro da sala.

Os presentes foram Valiantine, a minha esposa e eu, a Sr.ª Ayres — que me parecia participante atenta — o Sr. Noel Jaquin e a Sr.ª X.

Em menos de dois minutos, percebi que teríamos uma noite em branco. Tocaram-se várias gravações no gramofone e eu pedi para sair. Os demais convenceram-me a ficar. Após três quartos de hora, a voz do Dr. Barnett falou: "Esta noite está muito difícil." E, após breve pausa: "Teremos de encerrar."

II

Recolhêmo-nos ao salão; pouco depois, as duas senhoras partiram de carro para a cidade. Valiantine e Jaquin, insatisfeitos, pediram nova experiência. Ficámo-nos apenas nós quatro. A atmosfera transformou-se por completo e, em menos de um minuto, Dr. Barnett manifestou-se e falou durante longo tempo, mantendo interessante diálogo com Jaquin. Por mais de uma hora, sem pausa, conversámos com os espíritos. O gramofone só foi usado uma vez, por um quarto de gravação, enquanto um espírito recolhia energia para materializar a voz.

Bert Everett falou demoradamente conosco, assim como Kokum, em tons impressionantes, e Pat O'Brien abordou vários temas. Enquanto Dr. Barnett discutia as impressões ectoplasmáticas com Jaquin, referiu-se às marcas das patas do pássaro, explicando que Annie trouxera daquele pássaro azul consigo.

Ao Sr. Noel Jaquin manifestou-se, via trompete luminoso, um espírito que se identificou como "George Gregory" — cunhado que já falara noutra ocasião em Dorincourt.

Warren manifestou-se, falando clara e distintamente de forma independente com a minha esposa, com Valiantine e comigo. Lembrou-se de ter visto Jaquin numa sessão anterior e ambos comentaram como a ideia de Jaquin de obter impressões espirituais fora excelente.

As vozes estiveram esplêndidas, mas no final Dr. Barnett disse que não conseguiram materializar uma mão espiritual, prometendo nova tentativa futura. O contraste nos resultados destas duas sessões na mesma noite foi deveras notável.

CAPÍTULO LVII

Pat Bradley faz uma pergunta imparcial sobre um barco e recebe resposta satisfatória — Um cão pastor-alemão ouve uma voz espiritual à luz do dia
Quarta-feira, 22 de abril de 1925.

Pat convidara algumas crianças para jogos no jardim de Dorincourt. De manhã chovia torrencialmente e a mãe sugeriu adiar para o dia seguinte. Pat, porém, quis manter. Pediu então a Valiantine uma sessão em plena luz do dia para perguntar aos espíritos sobre o tempo.

BOBBY: Deves deixar os teus amigos vir, porque acho que o tempo vai melhorar mais tarde. *(E assim foi, por volta do meio-dia.)*

Bert Everett falou com Pat e, no espaço, estava o meu cão pastor-alemão, Mike. Enquanto Everett falava disse: "Bom dia, Mike." O cão saltou e olhou para o ponto no espaço de onde vinha a voz. Dizem que o cão vê formas espirituais, mas mesmo sem as ver, ouviu a voz.

Pat, que esperava um barco novo, perguntou a Bobby quando chegaria.

BOBBY: Na sexta-feira.

E assim sucedeu. Bobby prometeu ser um dos guias de Pat em vida.

CAPÍTULO LVIII

A experiência de um estadista anónimo em Dorincourt — Lord Curzon afirma que está vivo — Lord Northcliffe recorda a H.D.B. uma omissão importante — O estadista recebe um aviso

Quarta-feira, 22 de abril de 1925.

Havia algumas semanas que se decidira reservar esta noite para um certo cavalheiro que deve permanecer anónimo. Posso apenas dizer que é um dos poucos verdadeiramente grandes intelectos da Grã-Bretanha. Ocupou um dos mais altos cargos de Estado, mas há razões políticas que impedem a divulgação do seu nome. Jantámos tranquilamente antes da sessão; estavam presentes Valiantine, a minha esposa, eu e o referido cavalheiro, para quem esta foi a primeira experiência de sessão espírita.

As condições pareceram bastantes favoráveis, pois, logo após a primeira gravação no gramofone, o Dr. Barnett manifestou-se e falou. Bert Everett falou com o seu tom estridente; Kokum manifestou-se, e também Pat O'Brien, que permaneceu algum tempo, dirigindo-se a cada um dos quatro. Bobby Worrall falou connosco e comentou as iniciativas de Pat ao longo do dia.

O primeiro dos espíritos pessoais a manifestar-se foi George Curzon (Lord Curzon de Kedleston), através do trompete luminoso. Em duas ou três ocasiões falou com o sitiante anónimo e comigo. Referiu-se a certas figuras conhecidas do panorama político, pedindo que lhes fosse comunicado que ele (Lord Curzon) estava vivo. Durante a conversa, insistiu na possibilidade de uma catástrofe iminente, com terríveis consequências para a nossa civilização, dizendo: "*Deveis envidar todos os esforços para parar essas guerras. Dizei a …*" *1* Lord Curzon aludiu também à sua última enfermidade, voluntariando o nome do Dr. John Everidge e referindo-se a uma operação a que havia sido submetido.

1 Os nomes, que não posso publicar, foram naturalmente voluntariados.

A referência ao Dr. John Everidge omiti gravar nas minhas notas na altura, embora os quatro a tenhamos ouvido. O espírito de Lord Northcliffe, na sua própria voz, durante uma sessão na sexta-feira seguinte, chamou a atenção para essa omissão — episódio extraordinário registado no Capítulo LXI. Perguntei ao sitiante anónimo, que conhecia bem Lord Curzon, se sabia se o Dr. John Everidge o tivera assistido. Ele respondeu que não sabia e que nunca ouvira falar do Dr. Everidge. Nós também não.

Pouco depois, usando o trompete luminoso, outro espírito dirigiu-se ao sitiante anónimo. A voz falava com emoção evidente; tratava-se do espírito de um parente muito próximo. O sitiante, que tem certa dificuldade auditiva, não percebeu tudo com clareza, mas manteve a conversa com delicada simpatia. Foram-lhe transmitidas mensagens pessoais de afeto e, embora pouco do que pudesse ser considerado comprovativo tenha sido voluntariado, deu-se a data correta da passagem deste espírito. 2 Várias vezes a voz espiritual manifestou-se através do trompete, mas parecia, por vezes, ter dificuldade em manter o poder.

2 Ponto comprovativo.

Após a sua partida, a voz do Dr. Barnett confirmou aquele parentesco. Mais tarde, em voz independente, Annie falou comigo e com a minha esposa, explicando que fora um pouco difícil ao espírito anterior materializar a voz, pois era a primeira vez que tentava fazê-lo.

No final, o Dr. Barnett falou connosco demoradamente. Durante a discussão, ocorreu-me perguntar-lhe sobre o suicídio. Questionei-o sobre o grau em que o crime de suicídio, tal como praticado na Europa, seria considerado em comparação com o rito do *harakiri* no Japão. O Dr. Barnett respondeu que se considerava a mentalidade: quando a mente concebe o *harakiri* como sacrifício sincero, não pode ser equiparado ao crime de suicídio, que é a vingança do corpo sobre a alma, motivada pelo desespero. 3

3 Ponto comprovativo.

O Dr. Barnett abordou vários temas, mas tratou especialmente de uma catástrofe provável dentro de um ou dois anos. Falando em tom muito determinado ao sitiante anónimo, afirmou que, a não ser que uma grande onda de espiritualidade varresse o mundo, a próxima guerra, travada a partir do ar, destruiria a nossa civilização. Referiu que os anos cruciais iam desde este momento até 1927, e sublinhou a necessidade urgente de difundir a espiritualidade como único meio capaz de evitar tal desastre.

CAPÍTULO LIX

Uma sessão com o propósito de obter impressões supernormais, com o auxílio do Sr. Noel Jaquin — O Sr. Christopher Marlowe, M.A. — O Sr. Jaquin discute a mão ectoplásmica com o Dr. Barnett — Impressões de assinatura e de uma borboleta — A perspetiva do Sr. Charles Sykes sobre a borboleta — A impressão do Sr. Marlowe — A análise das

impressões pelo Sr. Jaquin — O autor: "Estas impressões confundirão as críticas dos grandes cientistas."

I

Quinta-feira, 23 de abril de 1925.

Esta sessão realizou-se com o objetivo específico de tentar obter, se possível, novas impressões supernormais. O Sr. Noel Jaquin tomou a precaução de recolher as impressões das mãos de Valiantine, de cada membro da minha família e de todos os criados de Dorincourt, para verificar eventual semelhança de contorno com a impressão de mão obtida no sábado anterior. Nenhuma revelou qualquer semelhança.

O número de sentados foi, nesta ocasião, um pouco maior do que o habitual. Para além de Valiantine, da minha esposa e de mim, estavam presentes a Sr.ª Robert Graham, a Sr.ª Winifred Graham, o Sr. Charles Sykes, a Sr.ª Sykes, o Sr. Christopher Marlowe, M.A., de St. John's College, Cambridge, e o Sr. Noel Jaquin.

Convém mencionar que o Sr. Sykes, enquanto artista, se mostrava muito interessado na impressão obtida no sábado anterior.

O Sr. Jaquin preparou a sala e dispôs várias folhas de papel fumegado em diferentes pontos. Duas folhas ficaram sobre um banquinho no centro do círculo. Outras foram colocadas na lareira, na estante de livros e no tapete debaixo do banquinho.

Após a reprodução de uma gravação, o Dr. Barnett saudou-nos. Bert Everett falou conosco e deu-me a palavra-código que indicava condições satisfatórias. Kokum falou em tons altos e vibrantes: chegou a erguer um dos trompetes e rodopiá-lo por todo o círculo, tocando mesmo o teto.

O espírito do marido da Sr.ª Graham, anunciando-se como "Bob", manifestou-se e falou à filha e à esposa.

A voz do pai de Mr. Charles Sykes falou-lhe. Apenas disse uma ou duas frases e disse a Mr. Sykes: "Estamos a trabalhar na impressão." A Mr. Christopher Marlowe chegou uma voz que, no início, era muito indistinta, mas que, à segunda tentativa, se anunciou pelo nome como uma sua parente. Foram ditas apenas algumas frases, durante as quais Mr. Marlowe mencionou algo acerca de ela estar morta.

A voz respondeu com firmeza: "Não estou morta." Em seguida, uma voz, utilizando a trombeta luminosa, anunciou-se como «George Gregory» e falou durante muito pouco tempo com Mr. Jaquin. A voz disse: "Estamos a fazer o nosso melhor para o ajudar"; referindo-se, presumivelmente, ao facto de estarem a esforçar-se para obter algumas impressões no papel enfumaçado. Warren falou durante breve tempo na voz independente. Todas estas conversas foram muito curtas. Era evidente que o poder estava a ser conservado para outro propósito. Em dado momento, Dr. Barnett fez a observação significativa: "Estamos a fazer o nosso melhor para vos ajudar a passar por isto." A remark foi significativa no aspeto de que, por regra, ele dizia:

«Estamos a fazer o nosso melhor para os ajudar a passar por isto.» No final, houve uma discussão muito interessante entre Mr. Noel Jaquin e Dr. Barnett em referência à mão ectoplasmática, cuja impressão havia sido dada alguns dias antes. Perto do fim, Dr. Barnett disse: «Fizemos o nosso melhor» e depois despediu-se de nós com um "boa noite". As luzes foram então acesas e, numa das duas folhas colocadas em cima do banco, estava a assinatura "O. B. Everett".

Noutra, encontrava-se a impressão do que poderia assumir-se como ectoplasma e, numa folha colocada no tapete debaixo do banco, havia uma impressão extraordinária de uma borboleta *(1)*. No que diz respeito a estas impressões notáveis, devo deixar Mr. Noel Jaquin (que é perito) tratar das duas primeiras, e Mr. Charles Sykes tratar da impressão da borboleta. Mr. Sykes disse que seria totalmente impossível desenhar esta borboleta, que só poderia ser a impressão do corpo de uma borboleta, e que existia aquele tremor peculiar do corpo de uma borboleta que só poderia ser reproduzido por uma impressão, e não por um desenho.

Tive a sorte de estar presente numa sessão de espiritualismo muito interessante, a que Mr. Bradley convidou a minha esposa e a mim, em Dorincourt, na quinta-feira, 23 de abril de 1925. Desejara Mr. Bradley obter, se possível, impressões de mãos materializadas em algumas folhas de papel enfumaçado colocadas dentro e fora do círculo de nove participantes, incluindo Mr. Valiantine, o médium. Quando a sala voltou a ficar completamente iluminada, surgiram-nos outras surpresas nas três folhas de papel no centro do nosso círculo.

Numa estava inscrita uma grande assinatura, noutra aparecia uma forma nebulosa e, na terceira, a impressão nítida de uma borboleta que evidentemente fora impressa de cima para baixo, medindo quase cinco centímetros de extremidade a extremidade das asas abertas. A impressão desta borboleta apresenta todas as características de certa malícia (não de malandrice; é demasiado bem definida para isso).

É um feito em dois extremos, demonstrado, por um lado, pela delicadeza com que a superfície enfumaçada do papel foi perturbada pela textura muito suave das asas e, por outro, pela força relativamente grande expressa por várias impressões salientes dos cantos das asas, dos dois olhos e das antenas, que se torna claramente visível ao segurar o verso deste papel firme à luz. Alguém perguntou se seria possível desenhá-la tão bem à mão.

À luz do dia, poderia ser possível copiá-la, laboriosamente, ao estilo litográfico, mas inventá-la – bem, é demasiado exata. Foi sugerido que um carimbo de borracha poderia produzir um efeito semelhante. Um carimbo de borracha não seria suficientemente fino. Também se sugeriu que poderia ter sido feito com o molde de uma borboleta em metal – mas onde estaria a impressão aveludada da superfície das asas? Deverá mencionar-se também que existe uma ação de arrasto óbvia, maioritariamente deixada nas margens serrilhadas das porções inferiores das asas, e um arrasto muito leve nos ombros e nas margens superiores das asas superiores, sendo que tudo parece firme no corpo, nos olhos e nas antenas.

É difícil determinar se este arrasto foi causado ao ser impressa ou ao ser libertada, ou apenas por um bater de asas. O pedaço de papel em que a borboleta surgiu fora posto sobre o tapete macio, debaixo de um banco com assento de pele que tinha traves entre as quatro pernas. Essas traves ficavam a menos de um palmo do chão e, junto à trave mais próxima de mim, encontrava-se a impressão da borboleta com o abdómen apontado na minha direção.

Esta descrição da posição serve para explicar o quão difícil teria sido fazer a impressão com um dispositivo de estampagem, já que a trave teria impedido a ação natural da mão a regressar ao corpo, que é a direção do efeito de arrasto. Mesmo que isto tivesse sido possível, o corpo sólido da pessoa teria que passar entre mim e as trombetas iluminadas, e eu teria visto o luminoso ser cortado abruptamente pela passagem da forma sólida, pois durante a sessão conseguia notar facilmente a forma de uma trombeta a cortar nitidamente o brilho da outra ao subir do chão sempre que alguma voz quisesse usá-la.

Na quinta-feira, 23 de abril de 1925, graças à generosidade de Mr. Dennis Bradley, tive a oportunidade de assistir à primeira sessão de espiritualismo da minha experiência. Sendo naturalmente de mente aberta e totalmente ignorante de todos tais fenómenos, não esperava que acontecesse muito, mas os resultados deixaram-me absolutamente boquiaberto.

A autenticidade da voz de um familiar, que transmitiu uma mensagem privada e pessoal, perfeitamente ininteligível para os outros presentes, é incontroversível, e o comentário do Dr. Barnett para eu me endireitar e não cruzar as pernas – eu estava inclinado para a frente no escuro – também me parece inexplicável por meios humanos. Fiquei certamente espantado com a realidade e o poder das forças espirituais e com a clareza maravilhosa das impressões. Vendo que todo o poder se concentrava em fazer essas impressões, o facto de me ter sido comunicada uma mensagem especial assume um significado novo e mais profundo.

O relatório de Mr. Noel Jaquin abrange os incidentes sobrenormais de sábado, 18 de abril, terça-feira, 21 de abril, e quinta-feira, 23 de abril de 1925. Sendo especialista na mão humana, só faria sentido que a ideia de obter uma impressão destas substâncias sólidas que se materializavam na escuridão da sala de sessões me parecesse de máxima importância. Mr. Bradley concordou, mas achava muito mais provável que se obtivessem resultados se eu estivesse presente.

Isto não me pareceu inteiramente razoável. Se os espíritos dos mortos conseguem, em certas condições, materializar uma mão de modo a que os presentes sejam tocados, parecia-me simples colocar a mão sobre papel enfumaçado. Na segunda-feira, 20 de abril, fui chamado a ver Mr. Bradley em Londres, e ele informou-me de que, no sábado anterior em Dorincourt, tinha sido feita a impressão de tal mão. Eu lhe tinha fornecido um estojo forrado a cortiça que uso para transportar folhas de papel enfumaçado; o papel estava pronto para as impressões e fixado com alfinetes de desenhador.

Para obter a impressão da mão humana, o papel deve ser sempre removido do estojo e colocado sobre um pano dobrado, de modo a ficar perfeitamente plano, de forma que a almofada por baixo garanta a impressão da superfície oca da palma da mão. Mr. Bradley desconhecia isto, por isso limitou-se a colocar o estojo, tal como estava, sobre um banco no centro do círculo. A superfície carbonada do papel é tão delicada que o mais leve toque a marca, e as impressões são depois fixadas com uma solução de goma e álcool.

1 Reproduções fotográficas da impressão da borboleta e da assinatura são apresentadas no final deste livro.

Na terça-feira, dia 21, desci a Dorincourt para examinar as impressões. Uma era de uma mão, a outra das duas patas de um pequeno pássaro. Em seguida, tirei as impressões das mãos dos participantes, mas não havia qualquer semelhança entre a mão espiritual e as das pessoas presentes na casa. Nas duas impressões feitas na sessão de sábado à noite havia um ponto intrigante de diferença: a impressão da mão humana estava perfeitamente clara e desprovida de sulcos — nem sequer as cristas da pele se marcavam —, enquanto na impressão das patas do pássaro apareciam nitidamente as marcações celulares da pele. Essas formações celulares, em tamanho e forma, correspondiam às de um pequeno pássaro, e as marcas das garras estavam claramente definidas.

Depois do jantar, realizou-se uma sessão infrutífera, que terminou às 20h45. Dois convidados regressaram então à cidade, de modo que, às 21h, o casal Bradley, George Valiantine e eu regressámos ao gabinete. Quase de imediato, fomos saudados pela voz grave de um homem — era o Dr. Barnett. O Sr. Bradley apresentou-me e disse-lhe que eu ficara impressionado com as impressões. Coloquei-lhe então uma ou duas questões sobre as mesmas, e o Dr. Barnett respondeu, de forma deliberada e concisa.

Algumas daquelas perguntas e respostas eram bastante complexas e de teor científico, e não creio que alguém sem sólidos conhecimentos de ciência pudesse ter respondido como ele o fez. Explicou que a primeira impressão, a da mão humana, era de uma mão ectoplasmática — isto é, revestida ou formada por ectoplasma —, enquanto as impressões das patas do pássaro resultavam de um pássaro materializado, mantido unido por forças ectoplasmáticas.

Em resposta a uma dúvida sobre as linhas na impressão da mão, esclareceu que, na base do polegar, não eram linhas nervosas, mas vincos naturais criados pela articulação do polegar, provocando dobras no ectoplasma. Eu mesmo tinha observado esse pormenor ao examinar a impressão pela primeira vez, e soube então que a explicação estava correta.

Perguntei ao Dr. Barnett se concordava com a teoria de que a doença é causada primordialmente pela atitude mental, e que a infeção bacteriana e os sintomas consequentes são apenas expressões materiais dessa causa mais profunda. Em tom lento e medido, explicou que isso estava apenas parcialmente correto, pois um desequilíbrio na química do corpo físico poderia igualmente ser responsável pelo desenvolvimento da doença. Em resposta a mais questões, afirmou que essa explicação também se aplicava às predisposições hereditárias. Perguntei depois se não achava que os cientistas estavam a

seguir a via errada, ao concentrarem-se no aspeto materialista da doença e descurarem quase por completo o aspeto mental. A este propósito, respondeu: «Os vossos cientistas, senhor, são infantis.»

Durante a sessão, ouvimos vozes vindas de várias partes da sala, algumas ao nosso nível, outras no alto do ar, e outras ainda da trombeta. A voz de Bert Everett, tenho de admitir, fez-me saltar; não é que eu seja um tipo nervoso, mas o efeito daquela voz inesperada e estridente a vir do alto era verdadeiramente estranho. Falaram o Dr. Barnett, Bert Everett, Kokum, George Gregory (cunhado meu) e Warren Clarke, todos sem recorrer à trombeta, exceto George Gregory.

Foi marcada uma nova sessão experimental para quinta-feira, 23 de abril, e pedi-mos a estes espíritos que nos ajudassem com o máximo das suas capacidades, o que eles prometeram fazer.

Quinta-feira, 23 de abril de 1925. Nesta quinta-feira, cheguei a Dorincourt às 17h15, trazendo papel fresco, que eu próprio enfumei no gabinete. Como investigador científico, tomei todas as precauções necessárias, partindo do pressuposto de que poderia haver truques em algum lado. Tirei as impressões digitais de todos os criados, incluindo o jardineiro e o motorista; nenhuma delas apresentava semelhança com a impressão da mão ectoplasmática feita no sábado anterior.

Não é preciso voltar a referir os nomes dos presentes. O gabinete e as cadeiras em redor do círculo foram preparados na minha presença: coloquei folhas de papel preparado em diversos pontos da sala — duas sobre um banco no centro lado a lado, outra na lareira, mais uma numa estante e uma última debaixo das traves de um banco com assento de pele, no chão tapetado — e dispus duas trombetas. Todos tomaram lugar; o Sr. Bradley ia desligar a luz quando lhe pedi que aguardasse um momento e, sob o pretexto de reajustar os papeis, marquei-os A, B e C, anotando precisamente as posições onde os havia colocado. As luzes foram então apagadas.

O Sr. Bradley estava junto ao gramofone, e eu encontrava-me à sua esquerda, na porta, de modo a que ninguém pudesse entrar ou sair sem o meu conhecimento. Só um disco tinha sido tocado quando, junto ao chão, soou a voz do Dr. Barnett: «Boa noite, almas.» Bert Everett falou com o Sr. Bradley, depois a trombeta foi erguida, dirigiu-se a Mr. Charles Sykes (o célebre artista), que ali falou por uns instantes com o pai, a quem a voz disse: «Os outros estão a trabalhar na impressão.» Logo de seguida, a trombeta foi novamente erguida, dirigiu-se a mim e, sem hesitar, soaram estas palavras clara e fortemente: "Noel, sou George Gregory.

Estamos a fazer tudo o que podemos para te ajudar." A trombeta retomou a posição inicial antes que eu tivesse tempo de responder. Durante a sessão, vários espíritos mantiveram breves conversas com cada um dos presentes. No caso de Mr. Christopher Marlowe, que nunca antes tinha participado, foi notável que a voz do Dr. Barnett lhe dissesse de súbito: «O cavalheiro ao lado de Mrs. Bradley quer cruzar as pernas e sentar-se direito?» Mr. Marlowe cumpriu imediatamente. Quem poderia saber como ele estava

sentado? Sussurrei ao Sr. Bradley: "Quando isto acabar, pedes a todos que fiquem sentados até eu examinar os papéis?" Mal pronunciei a palavra «papéis", ouvi Bert Everett comentar: "Ele chama a isto espetáculo. Vai comer pipocas num instante."

Estou certo de que o mais próximo dos presentes não poderia ter ouvido o meu sussurro. No fim da sessão, o Dr. Barnett afirmou que tinham feito o melhor por nós. Perguntei se tinham feito a impressão de uma mão ectoplasmática ou de uma mão materializada; ele respondeu: "Nenhuma das duas, usamos uma mistura de ambas e fizemos o melhor que pudemos por vós." Terminada a sessão, o Sr. Bradley pediu que todos permanecessem sentados até eu examinar os papéis.

Quando as luzes se acenderam, fui imediatamente ao banco e constatei que as folhas estavam exatamente nas posições onde as colocara. Numa delas havia a impressão de uma substância mole e a marca de um polegar, mas sem rasto das cristas da pele; noutra, a assinatura "O. B. Everett" acompanhada de algumas manchas; e na folha debaixo do banco encontrava-se a delicada impressão de uma borboleta. Fixei de imediato estas impressões com uma solução de goma e álcool antes de permitir que alguém as manuseasse.

Permaneci a noite em Dorincourt e, logo de manhã, fui para o gabinete com Pat Bradley, que tinha nove anos. Pedi-lhe que me deixasse ver a trombeta usada na noite anterior. Segurei-a na mão direita e pedi ao Pat que colocasse o ouvido na extremidade mais estreita. Convém esclarecer que a manhã estava luminosa e clara, com o sol a inundar a sala, e, em dois segundos, ouviram-se pancadas distintas no interior do cone.

Pouco depois, Valiantine entrou e pediu-lhe que segurasse a trombeta enquanto eu escutava; ele segurou-a com o braço estendido, e eu voltei a encostar o ouvido. Em três ou quatro segundos ouvi-se o sussurro de saudação da voz do meu cunhado, George Gregory. Perguntei por que não tinham deixado a impressão de uma mão; a resposta foi indistinta, mas após uma pausa ele observou: "Há a impressão do meu polegar no papel, junto à borda inferior." Devo referir que a marca do polegar mencionada é, tal como a impressão da mão, uma impressão ectoplasmática.

Perguntei depois a George Gregory algumas questões pessoais, às quais respondeu satisfatoriamente. Era impossível que Valiantine as respondesse, pois eu via-lhe o rosto o tempo todo e o som vinha do interior da trombeta. Estou convencido de que, se houvesse qualquer truque, teria sido detetado nestas impressões. A impressão da mão não está completa, e o polegar não se materializou por inteiro — facto que Bert Everett me confirmou na terça-feira à noite.

Desde então tentei reproduzir, com luvas de cabrito e borracha, uma impressão idêntica à do sábado, sem sucesso. Esse polegar incompleto é importante: a segunda articulação do polegar humano é geralmente oca, e é muito difícil obter a sua impressão sem a falange distal.

A impressão da borboleta é extremamente frágil e terá sido depositada no papel de cabeça para baixo. Se tivesse sido feita com uma borboleta real, eu teria detetado as escamas das asas, que se soltam ao mais leve toque. Um carimbo de borracha teria deixado

o contorno rígido e removido a maior parte das partículas de carbono. Perguntei a Mr. Sykes se um artista, com o pincel mais delicado, poderia reproduzir uma impressão semelhante de uma borboleta em papel enfumaçado; a sua resposta foi decisivamente negativa. Além disso, existem as vozes — nenhum indivíduo conseguiria oferecer um espetáculo tão dramático.

Estou convicto de que se trata de impressões supranormais. Como foram produzidas, não podemos ter certeza absoluta; quanto à borboleta, a opinião de um artista como o Mr. Sykes vale mais do que a minha.

Estes são, portanto, os relatórios de dois peritos distinguidos: um dos maiores especialistas em impressões e um artista de exceção. Ambos demonstram tratar-se de provas de impressões supranormais, notáveis pela sua subtilidade extraordinária. Mesmo que a borboleta tivesse sido um desenho e não uma impressão, teria sido impossível para qualquer ser humano vivo desenhar uma borboleta no escuro, tal como seria impossível forçar o corpo de uma borboleta a imprimir-se no papel enfumaçado.

Pedimos um sinal material e prova dos fenómenos espirituais, e o sinal foi dado pela impressão de um pássaro azul e pela de uma borboleta. O apelo pelo material foi respondido por símbolos poéticos e estas impressões confundirão as críticas dos grandes cientistas.

CAPÍTULO LX

Registo de um séance diurno por Mr. Charles Sykes — Discute a impressão da borboleta com o espírito do pai — Notas de Mrs. Sykes.

Sexta-feira de manhã, 24 de abril de 1925. Mr. Charles Sykes ficou tão impressionado com o experimento da noite anterior que desejava vivamente ouvir as vozes em plena luz do dia. Ele e a esposa viajaram de automóvel desde Londres ainda de madrugada.

Com o sol matinal a inundar a sala, Mr. Charles Sykes falou primeiro com o pai e depois com a mãe. Mrs. Sykes tomou então o seu lugar e falou durante algum tempo com a mãe. Devido à sua importância suprema, importa reiterar que o rosto de Valiantine nestas sessões pode sempre ser claramente observado e que as vozes se ouvem afastadas dele.

Segue-se o relato de Mr. Sykes. *11*

Na sexta-feira, pela manhã seguinte, experimentei a minha primeira sessão diurna. Eram doze e quarenta e cinco da hora do meio-dia, hora de verão, com o sol a entrar pela janela. Mr. Valiantine escolheu para si a cadeira estofada mais confortável, apoiando o cotovelo no braço macio, e, segurando a extremidade larga da trombeta na mão esquerda, convidou-me a encostar o ouvido à extremidade estreita e a sentar-me diante dele num banco de pele, que se afundava ao meu peso e cravava os cantos na minha carne, já algo rija pelos primeiros indícios de meia-idade. Contudo, podia rodar-me nesse banco e ver-lhe a figura completa.

Em segundos, ouviram-se toques no interior da trombeta, ora um, ora dois, seguidos de risos e estalidos divertidos. Fiz várias tentativas para descobrir quem batia e perguntei se podiam falar. Responderam-me em dois toques e, pouco depois, fui chamado por um nome familiar. Ao perguntar quem falava, disseram-me que era o meu pai. Lembrando-me de que a sua voz, na noite anterior, me dissera:

"Estamos a trabalhar na impressão agora, Charley", discuti então a produção da impressão da borboleta. O meu pai, que fora artista, explicou que o efeito em relevo resultava da força de baixo a puxar a borboleta para o papel, e não do fixativo líquido soprado por Mr. Jaquin. Fora um trabalho difícil; ele e outros colaboraram na produção e ficaram muito satisfeitos com o êxito. Mostrou-se jocoso e alegre, dando-me até conselhos afetuosos de pai, os quais bem merecia, embora já não seja tão novo como na última vez que nos vimos em sua casa.

Trouxe também a voz da minha mãe para falar comigo. Mudei de ouvido na trombeta, rodando no banco e observando melhor o Mr. Valiantine, que começava a parecer cansado e pálido. A voz e o tom da minha mãe foram característicos: contidos, mas profundamente carinhosos. Expressou o desejo de que eu voltasse para falar com ela, pediu-me que lhe falasse em minha própria casa, recusou a minha sugestão de que eu pudesse parecer rijo e desajeitado e insistiu para que eu tentasse, contando-me o que tinha sucedido entre ela e a irmã mais íntima nos dias que passaram.

Mr. Valiantine mostrou-me depois as partes fosforescentes da trombeta — como tinham ganho luminosidade durante a sessão, em contraste com a outra trombeta, que não fora usada desde a noite anterior. Devo ter sido um pouco cansativo — prolonguei tanto a conversa.

Notas de Mrs. Sykes:

No final da sessão do meu marido, entrei na sala que Mr. Valiantine não havia abandonado. Sentada no banquinho à sua frente e segurando a trombeta junto ao ouvido, conforme instruído, nem tive um minuto de espera até ouvir o meu nome ser chamado. O meu espanto foi tão grande que a presença de espírito me fugiu. Ao perguntar quem falava, a voz respondeu: "Mãe" e disse: "O pai e a Cecile (a minha irmã) estão aqui e desejam falar."

Tremi violentamente, sentindo que não conseguiria formular perguntas que elevassem a conversa do mais elementar ao extraordinário, consciente de quão rapidamente essas vozes se desfazem e de como seria remoto o meu contacto posterior. A sessão rendeu apenas saudações e declarações de felicidade — mas isso foi inteiramente culpa minha, pois a conversa seguiu o rumo que eu mesma tracei.

CAPÍTULO LXI

O derradeiro de uma série maravilhosa de sessões — As belas amizades desta vida mantêm-se intactas e incomensuravelmente fortalecidas na seguinte — A grande Verdade da Sobrevivência estabelecida, não em mito ou crença, mas no sólido fundamento do conhecimento.

Sexta-feira, 24 de abril de 1925. Valiantine partiria de regresso à América na manhã seguinte. Este é, portanto, o relato da última desta série extraordinária de sessões. Para o fim, os acontecimentos supranormais sucederam-se com tal rapidez que, apesar da tensão das prolongadas e variadas experiências, senti uma leve melancolia, sabendo que, por ser imperativo repousar, provavelmente se passariam muitos meses até voltar a ouvir as vozes audíveis dos meus amigos.

Teria preferido uma sessão inteiramente privada, mas isso foi impossível, pois alguns dos meus amigos desejavam estar presentes. Infelizmente, nessa noite sofria de uma dor de cabeça lancinante e temi não conseguir participar. Valiantine, porém, tratou-me a cabeça e os olhos com massagem de dedos e polegares, aliviando enormemente a dor. O jovem Pat implorara para ficar acordado, dizendo querer "dizer adeus aos espíritos". O círculo compunha-se de Valiantine, da minha mulher, de Pat, de Miss Madeline Cohen, de Miss Louise Owen, de Mr. Hannen Swaffer e de mim.

Não tocámos música, e em menos de um minuto Dr. Barnett manifestou-se e falou connosco. Em intervalos regulares, os outros guias — Bert Everett, Kokum, Hawk Chief e Bobby Worrall — também intervieram. Pat foi simplesmente maravilhoso: conversou com todos com alegria ininterrupta. É, de longe, o melhor participante com quem alguma vez me sentei; muito superior ao mais experiente estudioso de fenómenos psíquicos, e dez vezes mais inteligente e interessante no diálogo espiritual do que a maioria dos espiritualistas, cujo repertório se esgota em banalidades como "Está feliz?" ou "Tem alguma mensagem?", saudações que nada homenageiam.

É como entrar num salão em Mayfair e a anfitriã perguntar desconfiada "Tem alguma mensagem?", caso em que eu me levantaria e saía imediatamente. Pat cria uma vibração contínua que atrai respostas imediatas e fluidas dos espíritos. Seria inestimável como tutor de investigadores científicos, ensinando-os a ser bons participantes. Todos os guias se mostraram encantadores com ele, e o timbre das vozes revelava o amor que lhe dedicam. Foi fascinante ouvir Bobby Worrall comentar as traquinices do Pat — estes dois são amigos tão firmes como quaisquer duas crianças a viverem juntas no plano terrestre.

Bert Everett riu e brincou com o Pat; Kokum e Hawk Chief manifestaram-se simultaneamente e dirigiram-lhe a palavra, por vezes em uníssono. O espírito da mãe de Miss Madeline Cohen enviou-lhe palavras de afeto. Lord Northcliffe, em voz independente, falou com Miss Louise Owen, com Mr. Swaffer e comigo; enquanto falava comigo, referiu que Lord Curzon se manifestara. Northcliffe afirmou que Curzon estivera presente na quarta-feira anterior e ouvira o que sucedera, acrescentando: "Não se esqueça, Mr. Bradley, de que Curzon mencionou o Dr. John Everidge." É notável, pois eu me esquecera de registar que, nessa quarta-feira, Curzon mencionara o Dr. Everidge e fizera referências à sua última doença. Nenhum dos presentes — nem sequer o participante anónimo, que

conhecia Lord Curzon pessoalmente — sabia que o Dr. Everidge o assistira. De facto, só ao ditar este parágrafo a minha secretária confirmou, por diretório e telefonema, que tal médico existia e tivera assistido Lord Curzon.

Georgie falou comigo e com a minha mulher, radiante por ver o Pat no círculo; fora a primeira vez que Pat o ouvia, pois Georgie falecera antes do seu nascimento. Falou-lhe com naturalidade encantadora. Annie falava com tom calmo e modulante; conversámos com aquela intimidade que sempre existiu entre nós. Houve grande amor e perfeita sintonia na sua voz e, pouco antes de partir, pousou a mão carinhosamente na minha testa — gesto terno, mão plenamente materializada, cujo calor senti nos dedos.

Disse-me que estaria sempre comigo e que me ajudaria com todo o seu poder ao longo da vida. Falei-lhe das nossas sessões privadas de voz, e ela garantiu que seria perfeitamente aceitável retomá-las no outono, após eu ter repousado o tempo necessário.

Warren falou connosco com o seu habitual ânimo. Agradeceu a Valiantine pelo grande trabalho realizado. À minha mulher dirigiu-se com profunda afeição — a mesma que sempre partilharam na Terra, agora não só mantida, mas incomensuravelmente fortalecida pela sua passagem. A mim, falou sobre o meu trabalho e as muitas experiências narradas neste livro, assegurando que impactariam o mundo muito mais do que eu imaginava.

Confessei-lhe que sentiria falta do som das suas vozes — dele e de Annie — durante o meu período de descanso. Ele garantiu que ambos poderiam comunicar-se comigo por pensamento sempre que desejasse. Antes de se despedir, Warren pousou a mão — totalmente materializada — na minha cabeça e cumprimentou cada um dos presentes, por sua vez, com um "boa-noite".

Sinto que, nos registos deste livro, não fiz justiça às personalidades incríveis da minha irmã e de Warren Clarke. Abstenho-me de detalhar as suas conversas estimulantes e encorajadoras, devido ao volume de outras experiências publicadas. Ainda assim, ambos desempenharam papel fundamental e forneceram provas extraordinárias da sobrevivência. Juntos representam o alicerce, não da minha crença, mas do meu conhecimento.

A sessão já durava mais de uma hora, muito depois da hora de deitar do Pat. Ficou decidido que ele saísse discretamente; despediu-se dos espíritos e retirou-se. A quebra do círculo afetou as vibrações, e a sessão não se prolongou muito mais. Agradeci ao Dr. Barnett pelas suas brilhantes dissertações, dizendo-lhe que seria impossível transcrevê-las na íntegra nos registos publicados, pois só pude indicar resumidamente uma pequena parte do que ele dissera.

Agradeci também a cada um dos outros guias, por sua vez, pelo trabalho fenomenal que haviam realizado e pela ajuda que nos deram em trazer através os amigos espirituais das inúmeras pessoas que sentaram connosco em Dorincourt. Enquanto Pat O'Brien falava comigo, colocou a mão materializada sobre a minha cabeça. Dr. Barnett encerrou a sessão, e assim terminou uma série das mais notáveis sessões que alguma vez se realizaram — uma série que representa, talvez, o maior avanço no conhecimento até hoje alcançado na história da investigação psíquica ou nos anais da comunicação espiritual.

O ÚLTIMO CAPÍTULO

No qual o autor revisita aquilo que fez — Explorando profundezas e galgando alturas — Desafiando o cientista e as Igrejas — A lei divina da evolução — O espírito da sabedoria.

I

QUAL é a extensão da conceção humana?

Junho de 1925.

Cegado pelo materialismo, o homem mal evoluiu de um estado de ignorância mental bárbara. E ainda não abandonou a máscara da sua vaidade primitiva, nem começou a aperceber-se da magnitude do espírito eterno. O planeta insignificante que o homem habita imagina ser o auge da existência. Quando olha para as estrelas, o seu alcance físico de visão ultrapassa largamente a sua visão mental — pois, na sua estúpida arrogância, não consegue conceber outra forma de vida que não seja a sua.

Diante dos seus olhos estende-se a realidade de um vasto universo, junto ao qual este minúsculo mundo é apenas a fração de um átomo — um grão dançante num raio de sol; contudo, na sua perceção limitada, o homem concebe a vida humana como toda a vida, e considera o seu ínfimo mundo o cosmos…

Apresenta-lhes uma história conglomerada, distorcida e hipotética de poucos milhares de anos, e imagina que essa é a história do universo. Satisfeita, assume que a sua conceção primitiva constitui um conhecimento cósmico. Aceita sem questionar uma filosofia bárbara; está aprisionado à tradição, obstado pela convenção; permite que o seu futuro, físico e espiritual, seja determinado pelas regras e sistemas de uma ordem de pensamento medieval. Como consequência, tornou-se ou um materialista pró-terra escancarado ou um supersticioso fraco, vibrando de medo perante um paraíso nebuloso e um inferno repugnante…

Aceitarão estas conceções os verdadeiros pensadores? À nossa volta estende-se um universo imenso, que podemos ver, mas do qual nada sabemos. Vivemos num planeta infinitesimal em relação ao espaço, e a nossa história humana ocupou apenas uma fração de segundo em relação ao tempo. Será lógico imaginar que o universo é insignificante, caótico, irresponsável, sem inteligência e incontrolável? Tal afirmação é absurda. O universo é um esquema magnífica e ordenado, controlado por uma Inteligência infinitamente superior à terrestre…

A eternidade escapa à razão matemática; devemos aceitá-la nos termos do dom do tempo, para nos permitir adquirir conhecimento. Mal chegámos à infância da compreensão humana; contudo, estamos à beira de uma grande Verdade. As descobertas materiais do século XX ultrapassam os sonhos mais audazes dos nossos antepassados. Conquistámos o ar ao derrotar a gravitação; as nossas comunicações sem fios venceram a distância; os cientistas

produziram gases venenosos capazes de aniquilar a civilização, caso os governos tivessem inclinação para o suicídio internacional.

Apesar do progresso material espantoso em invenção e descoberta — sem paralelo na história da humanidade —, há quem questione se esse progresso caminhou para o bem ou para o mal. Quando o filósofo contempla o caos e o tumulto existentes — mental, físico, espiritual — não fica facilmente tranquilizado pelo argumento materialista. A obsessão materialista é a morte do espírito mais nobre do homem.

A Inteligência Divina concede ao homem o inestimável dom do livre-arbítrio. Dá-lhe oportunidades ilimitadas para avançar material e espiritualmente, ou para permanecer letárgico, estagnar e definhar. Deus fez-nos livres e deu-nos livre-arbítrio. Só o homem forja correntes ao redor do próprio homem. Só o homem restringe, contêm, incapacita e cega.

Vivemos na era mais materialista que o mundo alguma vez conheceu. Os milagres de ontem são os factos materiais de hoje. É significativo e sintomático que as inexplicáveis descobertas materiais da nossa era moderna sejam contrabalançadas pelas recentes descobertas psíquicas ou espirituais. Assim se abre um magnífico novo canal de pensamento, oferecendo possibilidades além da conceção.

II

A chave da sabedoria está ao alcance do homem.

Até agora, o conhecimento humano limitava-se a uma única e pequena Terra material. Demos um salto tremendo. Estabelecemos comunicação real com pessoas de outro mundo — um povo de inteligência mais elevada e refinada do que a nossa. Este feito histórico — este facto comprovado — deve ser aceite pelo físico, pelo sacerdote e pelo poeta.

E afirmo, após ponderada deliberação, que tal facto nunca antes foi provado de modo incontestável. As religiões pregaram a sobrevivência, mas basearam-se na fé e no mito. A literatura psíquica moderna estabeleceu provas de fenómenos supranormais de carácter físico, mas falhou ao não recolher a sequência repetida de evidências mentais voluntárias necessárias para convencer o investigador imparcial.

O facto de, por acaso estranho e inesperado, eu ter falado com o espírito da minha irmã na América não me levou a imaginar que o mundo aceitaria esse incidente pessoal como evidência suficiente de uma realidade colossal. A primeira revelação, há dois anos, foi vívida e impressionante, mas as revelações subsequentes tornaram-se ainda mais vívidas, e o meu conhecimento avançou. Durante dois anos reuni evidências para que o estudante desapaixonado do futuro possa formar opinião justa e adequada sobre a apresentação real de factos comprovados.

Não escreverei mais livros de evidência de sobrevivência: estou farto de provas; estou cansado delas. Não desejo dissipar mais tempo em monótonas recordações de nomes "evidenciais", de lugares enfadonhos e de eventos mundanos que aconteceram na Terra. Espíritos dotados de alta inteligência desprezam essas questões sobre a sua existência

primitiva e física. São ofensivas para o seu intelecto; no entanto, responderam e forneceram provas irrefutáveis das suas personalidades sobreviventes.

Nós e eles estabelecemos o facto da comunicação espiritual para além de qualquer dúvida. O desenvolvimento futuro terá de ser de natureza filosófica. Devemos conservar as oportunidades e refinar as nossas mentes em sintonia com os espíritos de um plano superior. Há dez mil coisas que desejo aprender.

Tendo esta obra cumprido o propósito de apresentar provas irrefutáveis, antes de analisar o considerável avanço que representa na investigação psíquica, será interessante considerar a atitude do crítico pseudo-científico.

III

Durante junho de 1925, o *Morning Post* publicou um debate sobre o espiritualismo entre Sir Arthur Conan Doyle e Sir Arthur Keith. Doyle actuou como advogado, Keith como antagonista. Doyle venceu por pontos — era inevitável, pois estava armado de conhecimento, enquanto Keith foi prejudicado pela ignorância.

Sir Arthur Keith é, sem dúvida, um homem excepcionalmente inteligentíssimo e brilhante no seu ramo de ciência, mas é um bebé em matéria de fenómenos psíquicos. É um adversário de boa disposição, mas, nos seus artigos no *Morning Post*, caiu em todas as armadilhas psíquicas. Obviamente, nunca leu uma obra científica sobre psíquica e confessou nunca ter participado numa sessão de espiritualismo, mas atreveu-se a afirmar: "Não existe método de investigação usado pelos espiritualistas que nós não tenhamos experimentado.

Eles não dispõem de meios que não nos sejam acessíveis." Tal declaração, vinda de quem confessa ignorância, só pode ser encarada com humor. Mas seria interessante saber se Keith pretendia que a aceitássemos no sentido irónico, satírico, cómico ou medieval. Eu inclino-me para a definição cómica, pois é a mais lógica e evidente.

As opiniões de Sir Arthur Keith representam, contudo, uma parte considerável da opinião pouco instruída, de mentalidade oitocentista. Ele afirma que "as mensagens raramente são instrutivas". Detesto a palavra "mensagens", mas Keith está mal lido, pois muitas das "comunicações" registadas são brilhantes, sendo reconhecidas como tais por muitos literatos e cientistas.

Sir Arthur Keith supõe que qualquer fenómeno inexplicável pode ser explicado pela credulidade ou suscetibilidade à ilusão dos "espiritualistas". Avançou a ideia vaga de que todos os fenómenos são produto de imaginação exacerbada — argumento tolo, desmentido pelos factos.

Hoje, as mentes mais científicas, psicológicas e intelectuais dedicam-se a este estudo, e fenómenos que deixariam Sir Arthur Keith estupefacto se os experienciasse são friamente analisados e classificados quanto à sua real importância ou insignificância.

Apesar dos argumentos algo gastados, débeis e infantis de Sir Arthur Keith, ele tocou em pontos interessantes. É preciso compreender que ele nada sabe do trabalho de investigação

levado a cabo nos últimos dois anos. Keith afirmou que «o cérebro humano só aceita o que vê, e aquilo que infere deve ser verificado repetidas vezes, e o cientista não acreditará em nada até testemunhas independentes o confirmarem vezes sem conta». Este princípio é sólido e constitui uma base legítima de conhecimento aceite. Conhecendo a densidade da inteligência humana, é precisamente esse o princípio que norteou as minhas investigações.

Provei este milagre colossal de comunicação real com os espíritos vivos de outro mundo na presença de centenas de testemunhas independentes e em centenas de ocasiões. Todas ouviram as vozes, todas falaram com elas, e a grande maioria recebeu provas íntimas e pessoais da sobrevivência das personalidades.

Não insisto por arrogância quando afirmo que nunca na história se tinham realizado tão deliberadamente séries de experiências psíquicas. Em nenhum outro ramo da ciência se julgou necessário repetir tantas vezes um facto comprovado antes de o aceitar. Mas este facto, que consideramos um milagre, é em realidade normal e natural, embora exija uma compreensão suplementar na mente humana ainda por desenvolver. Por isso, foi preciso estabelecê-lo cem vezes antes de o mundo poder aceitá-lo.

IV

É natural que qualquer descoberta nova e rara seja recebida com ceticismo pela mente humana comum. Um vitoriano médio teria ridicularizado a ideia de telegrafar sem fios, tal como, há cem anos, almirantes orgulhosos escarneceram o vapor. Um cientista, ao ouvir os primeiros sons de um fonógrafo, indignou-se, crendo tratar-se de embuste ventríloquo, e afirmou com raiva que era um truque.

Até ao século XX, todos os avanços do conhecimento se efetuaram contra uma oposição incompreensiva e um conservadorismo cego. Os gigantescos progressos em conhecimento material nas últimas duas décadas refutaram inúmeras teorias tradicionais, e só recentemente cessou o preconceito contra o progresso físico ou material.

O progresso moderno do conhecimento psíquico é assombroso. A comunicação na voz audível e real com ocupantes de outro mundo é infinitamente mais miraculosa do que a descoberta cientificamente inexplicável das comunicações sem fios. Gradualmente, o preconceito científico e religioso contra a psíquica está a diminuir, e em breve os que se apegarem às suas ideias medievais serão relegados para o caixote do lixo mental.

A suposição vaga e pouco inteligente de que todos os fenómenos espiritualistas resultam de fraude deve ser rejeitada. Esta evidência óbvia foi refutada por uma acumulação de factos comprovados e testados.

Afirmo com confiança que nenhum estudante de psíquica e espiritualismo deixará de obter uma convicção firme da sobrevivência, desde que estude com mente crítica e aberta. Nenhum conhecimento se alcança sem esforço.

Existem milhares de graus em psíquica, tal como existem no amor e na filosofia. Há tantas fraudes que se dizem médiuns quantas há falsas amantes e amigos traiçoeiros.

Existem muitas formas de mediunidade, e o charlatão segue sempre o caminho mais fácil. O método mais simples para o falso médium é fingir clarividência: sem tentar fenómenos físicos, fala pelos seus próprios lábios, pesca nomes e informações junto do visitante e, por referências vagas e genéricas, engana muitos crédulos. Este tipo de charlatão é mais pernicioso do que o profissional tolo que faz leituras de mão ou cartas a entreter os convidados cansados em tertúlias sofisticadas.

A Srª. Osborne Leonard é clarividente, mas situa-se numa classe à parte: é a melhor clarividente que o mundo conheceu. Entra e permanece em completo transe, e o calibre das evidências obtidas através dela é notável. Há alguns outros genuínos, mas com resultados variáveis, e muitos outros simplesmente comoventes, cujas alegadas comunicações insultam a inteligência. Preferiria antever a aniquilação a sobreviver, se tais manifestações representassem qualquer indício de vida pós-morte.

Se os críticos dos fenómenos físicos baseiam o seu juízo na forma mais baixa que experienciaram, a sua censura satírica é compreensível, mas em nenhuma ciência, arte ou filosofia é justificável formar opinião pelo grau mais baixo. É justo julgar a partir dos píncaros e basear a opinião no cume do conhecimento alcançado.

A escrita automática é outra forma de mediunidade. É a forma preferida e relativamente fácil de desenvolvimento individual.

III

Durante junho de 1925, o *Morning Post* publicou um debate sobre o espiritualismo entre Sir Arthur Conan Doyle e Sir Arthur Keith. Doyle advogava a favor, Keith opunha-se. Doyle venceu por pontos — era inevitável, pois estava armado de conhecimento, enquanto Keith foi prejudicado pela sua ignorância. Sir Arthur Keith é, de facto, um homem extremamente perspicaz e brilhante no seu ramo científico, mas é um verdadeiro bebé no campo dos fenómenos psíquicos. É um adversário bem-humorado, mas, nos seus artigos no *Morning Post*, tropeçou em todas as armadilhas psíquicas.

Obviamente, nunca leu uma única obra científica sobre o assunto e confessou nunca ter participado numa sessão, mas atreveu-se a afirmar: «Não há método de investigação usado pelos espiritualistas que nós não tenhamos experimentado. Eles não dispõem de meios que não nos sejam acessíveis.» Tal declaração, vinda de quem admite total desconhecimento, só pode ser encarada com humor — resta saber se Keith pretendeu o tom irónico, satírico, cómico ou medieval; eu opto pelo cómico, por ser o mais lógico e evidente.

As opiniões de Sir Arthur Keith representam, porém, uma vasta fatia de opinião pouco sofisticada, de mentalidade ainda oitocentista. Ele afirma que «as mensagens são raramente instrutivas». Detesto a palavra "mensagens", mas Keith está mal lido: muitas das "comunicações" registadas são brilhantes e reconhecidas como tal por literatos e cientistas. Keith supõe, de modo vago, que todo o fenómeno inexplicável é produto da credulidade ou da suscetibilidade à ilusão dos "espiritualistas", avançando a ideia de que seriam frutos de imaginação excessivamente estimulada. Tal argumento é pueril e contrariado pelos factos. Hoje, as mentes mais científicas, psicológicas e intelectuais

dedicam-se a este estudo, e fenómenos que deixariam Keith estupefacto são friamente analisados e postos na devida perspetiva de importância ou insignificância.

Apesar dos argumentos algo envelhecidos, fracos e infantis de Keith, ele tocou em pontos de interesse. Ignora por completo o trabalho de investigação levado a cabo nos últimos dois anos. Disse ele que "o cérebro humano só aceita o que vê, e aquilo que infere deve ser verificado repetidamente, e o cientista não acreditará em nada até testemunhas independentes o confirmarem várias vezes".

É um princípio sólido, base legítima de conhecimento aceite, e é precisamente esse o critério que tenho aplicado nas minhas investigações. Provei este colossal milagre de comunicação real com os espíritos de outro mundo, na presença de centenas de testemunhas independentes, em centenas de ocasiões: todos ouviram as vozes, todos falaram com elas, e a grande maioria recebeu provas íntimas e pessoais da sobrevivência das personalidades.

Não o digo em desfile de arrogância, mas sim para sublinhar que nunca, em toda a história da ciência, se repetiu com tal deliberada frequência um facto para que fosse admitido. Em nenhum outro campo científico se julgou necessário reiterar um fenómeno comprovado para que se tornasse credível. Contudo, o que consideramos um milagre é, na realidade, normal e natural — apenas exige um nível de compreensão ainda por desenvolver na mente humana. Por isso foi preciso estabelecê-lo dezenas de vezes antes de o mundo estar preparado para aceitá-lo.

IV

É natural que qualquer descoberta nova e rara seja recebida com ceticismo pela mente comum. Um vitoriano médio teria ridicularizado a ideia de telegrafia sem fios, tal como, há cem anos, almirantes tacanhos zombaram do vapor. Um cientista, ao ouvir os primeiros fonógrafos, indignou-se, convencido de que era um truque de ventríloquo. Até ao século XX, cada avanço científico foi conquistado contra a incompreensão e o conservadorismo cego. Os gigantescos progressos materiais das últimas duas décadas refutaram inúmeras teorias tradicionais, e só muito recentemente cessou o preconceito contra o progresso físico.

O progresso moderno do conhecimento psíquico é prodigioso. Comunicar em voz audível com ocupantes de outro mundo é infinitamente mais miraculoso do que as comunicações sem fios, cientificamente inexplicáveis. Gradualmente, o preconceito científico e religioso em relação à psíquica desvanece, e em breve quem se apegar a ideias medievais será relegado para o caixote do lixo mental.

A suposição leviana de que todos os fenómenos espiritualistas resultam de fraude deve ser banida — está refutada por uma acumulação de factos comprovados. Afirmo, com toda a confiança, que nenhum estudante de psíquica e espiritualismo deixará de obter uma convicção firme da sobrevivência se estudar com espírito crítico e mente aberta. Nenhum conhecimento se alcança sem trabalho.

Existem milhares de graus na psíquica, tal como no amor e na filosofia. Há tantos charlatães que se dizem médiuns quanto falsas amantes e amigos traidores. Muitas formas de mediunidade existem, e o charlatão escolhe sempre o método mais fácil: a clarividência fingida, sem qualquer fenómeno físico, pescando nomes e informações junto dos visitantes e impressionando crédulos com referências vagas. Este tipo de impostor é mais pernicioso do que o tolo profissional que lê mãos ou cartas em tertúlias sofisticadas.

A escrita automática é outra forma de mediunidade — a mais acessível e comum no desenvolvimento individual.

Em casos raros, obtiveram-se provas de sobrevivência extraordinariamente notáveis e, ocasionalmente, ensaios filosóficos brilhantes foram voluntariamente oferecidos. Estes provêm de alguns raros médiuns com escrita automática muito desenvolvida; os restantes, calculo, em 99,99 %, produzem absurdos ou expressões subconscientemente coloridas da própria mente do escritor. Pessoalmente, como investigador psíquico, nada aceito como supranormal sem evidência verídica; por mais intrigante que me pareça uma filosofia, exijo que ela se confirme na voz independente do espírito antes de proclamá-la como proveniente de entidade desencarnada.

No meu estudo optei deliberadamente pelo ramo mais raro e difícil: a voz direta é o fenómeno realmente grandioso. Todas as outras formas de mediunidade são acessórias e insignificantes em comparação. Rara, só conheço cerca de uma dúzia de médiuns no mundo capazes de a produzir, e em muitos deles o fenómeno vocal é irregular e fraco, frequentemente negligenciável. A última série de experiências sob a mediunidade de Valiantine é única e representa o desenvolvimento mais surpreendente alguma vez registado.

O registo completo das experiências que realizei com Valiantine encontra-se em *Toward the Stars*, onde constam sessenta sessões adicionais ao longo de doze semanas. Houve algumas negativas, mas em 90 % delas surgiram fenómenos de voz de carácter estonteante. Executei estas experiências visando estudar os aspetos psicológicos dos fenómenos psíquicos: por isso misturei os participantes.

Entre duas a três centenas de pessoas sentaram-se comigo, muitas delas figuras reputadas cujos testemunhos são incontestáveis. Menciono genericamente as profissões — não necessariamente por mérito — de quem esteve em Dorincourt: ciência, medicina, literatura, arte, teatro, jornalismo, direito, exército, marinha, política e, por fim, as borboletas da alta sociedade. Se omiti alguma, culpem a minha inadvertida delicadeza.

A minha seleção foi deliberada. As condições mentais diversificadas influenciam os fenómenos psíquicos de modos distintos. Foi valioso observar isso e, para o psicólogo, interessante verificar os vários pontos de vista mentais. Não me cabe resumir os resultados; a obra completa e cada experiência friamente registada fornecem o material para estudo individual. Como estudante de filosofia, apresento efeitos e factos, deixando o leitor formar a sua própria opinião.

Recorde-se que, nas sessões de Valiantine aqui relatadas, algumas centenas de espíritos distintos falaram nas suas próprias vozes diretas: homens e mulheres, rapazes e raparigas, crianças. Cada voz apresentava carácter e individualidade próprias, e as evidências voluntárias da sua personalidade sobrevivente são irrefutáveis para qualquer mente lógica. Durante a última série, comunicadores espirituais falaram em várias línguas europeias, além de chinês e japonês — alguns participantes, em plena conversa, mudaram de alemão para inglês, de dinamarquês para russo ou de italiano para francês, sem interrupção.

A evolução mais avançada permitiu obter as vozes espirituais em plena luz do dia, dando-lhes um impulso adicional e tornando a crítica impotente. A acumulação de evidências mentais da sobrevivência do espírito tornou o facto tão incontestável que deverá emergir um novo critério de inteligência: quem admitir crença na comunicação espiritual será tido por sábio; quem não o fizer será considerado tolo.

Para além de toda a evidência mental, obtivemos uma ilustração física excepcionalmente peculiar: as impressões em papel enfumaçado de Noel Jaquin são assombrosas. Eu próprio fui observador atento, mas Noel Jaquin, perito em impressões digitais, e Charles Sykes, escultor, foram igualmente perscrutadores. A impressão mais delicada de uma borboleta deu-se em condições de teste, provando-se ser supranormal.

Desafio qualquer cientista a explicar este fenómeno por teoria material humana. Os cientistas tornam-se, por vezes, enfadonhos nas exigências de provas físicas; aqui têm um fenómeno material em forma artística — resta-lhes explicá-lo. O símbolo é poeticamente esplêndido, de encantadora ironia, e revela-me uma prova física do sublime sentido de humor que persiste para além da morte. Aguardo com interesse uma explicação científica material.

VI

Até agora, quando os cientistas céticos eram confrontados com relatos de fenómenos espirituais inexplicáveis, refugiavam-se na fraca teoria de que se tratava de "alucinações". Sir Arthur Keith e muitos outros repetiram esse argumento, mas tal posição é ilegítima em debate sério e despida de qualquer fundamento factual. Excluindo a evidência mental voluntária — embora se conceba que uma pessoa possa imaginar ouvir "vozes", não é concebível que uma dúzia simultaneamente imagine ouvir as mesmas vozes.

Seria ainda mais absurdo supor que todos estivessem sob hipnose ou sugestão simultânea. Antecipando este receio, tomei precauções na última série de experiências: em várias ocasiões, coloquei ouvintes do lado de fora da porta — e estes confirmaram ter ouvido as vozes tão claramente quanto nós. Muitos ouviram as vozes espirituais, de forma nítida, mesmo sentados numa sala adjacente.

Refutei cada argumento materialista apresentado neste livro; agora é meu privilégio desafiar os cientistas antagónicos a responderem-me e a anularem os meus factos, caso possam.

VII

O estabelecimento da comunicação direta com os espíritos de outro plano não representa apenas um novo e maravilhoso ramo de conhecimento, mas pressagia uma nova filosofia e uma nova confirmação da religião. O antagonismo relativamente amargo das várias Igrejas, em especial da Igreja Católica Romana, é facilmente compreensível, embora intelectualmente ridículo.

As Igrejas pregam a sobrevivência, mas não a podem provar; a sua doutrina fundamental depende absolutamente de um pós-vida e, ainda assim, procuram desacreditar quem está a demonstrar esse facto. Porquê? Porque receiam a comunicação real com os que partiram, temendo que estes refutem as ideias e crenças fabricadas que as Igrejas impuseram aos seus fiéis. Têm medo de que a realidade abale o ritual, ameace a autocracia e enfraqueça o poder de governo.

A Igreja Católica Romana é a autocracia mais poderosa do mundo. É uma organização subtil e brilhante, que desenvolveu uma arte magnífica e incentivou as artes. Sempre governou o rebanho com disciplina rígida e cativou a intelligentsia com tolerância culta. Prezo ambos os métodos! A Igreja controla jornais por todo o mundo. Essa vertente inferior da imprensa tem abusado violentamente do espiritualismo. Em junho de 1925, um dos principais semanários católicos ingleses publicou as seguintes afirmações:

"Nunca conhecemos homem ou mulher que tenha abordado a prática do espiritualismo a sério e que não tenha sofrido deterioração mental, moral ou física."

"O espiritualismo não é todo fraude. Por trás dele há uma realidade, e essa realidade é diabólica."

"É do inferno, sem qualquer dúvida."

"Não há qualquer prova de que algum espírito seja o de um homem ou mulher falecidos."

"Todo o registo deste culto exala mentiras, blasfémias, imundície, imoralidade e vício."

Afirmações como estas são desmentidas pelos factos, e pessoas inteligentes não se expõem a contradição tão óbvia. Será perverso que quase todos os espíritos com quem falámos nos exortem ansiosamente a lutar contra a guerra, para não destruirmos a nossa civilização? Será perverso que os espíritos nos digam que se esforçam por inspirar em nós o progresso da arte, da literatura e uma conceção mais bela da vida?

Será perverso que exalem em nós um amor e uma simpatia infinitamente mais puros do que os que experienciamos na Terra? Será perverso que falem de Cristo como o maior Filósofo Espiritual que já viveu na Terra? Se tais expressões forem más e provenientes do inferno, prefiro o inferno ao seu nebuloso paraíso, com o seu pós-vida sem esforço, que eles sequer não tentam descrever. Mas nem eu nem ninguém iremos ao inferno medieval de chamas que inventaram, nem sofreremos a perdição eterna e o castigo perpétuo que, por uma doutrina bárbara de medo, a Igreja sustenta para subjugar as massas iletradas.

O fanatismo violento desta fação da Igreja não deve ser tomado como reflexo do seu intelecto. Fui educado como católico romano, tenho grande respeito pela Igreja e mantenho

relações íntimas com vários dos seus líderes, que conversaram comigo longamente sobre os meus estudos psíquicos e ficaram muito impressionados com as evidências de progresso.

No espiritualismo não existe refutação de Cristo nem dos Seus princípios. Ele foi o grande Espírito, e o efeito da Sua obra nunca poderá ser destruído. Foi o maior médium que já viveu — explicação de todos os milagres que Lhe são atribuídos — e a ressurreição do Seu corpo pode considerar-se a Sua materialização espiritual.

Sou historiador e psicólogo e atrevo-me a prever: ainda neste século XX a Igreja Católica Romana aceitará o facto da comunicação direta com os espíritos e adaptará a sua filosofia religiosa para abraçar esta nova descoberta.

Só em Inglaterra há quase um milhão de espiritualistas. Não é preciso construir novas igrejas nem inventar novas religiões. Deverá existir apenas uma religião. Uma instituição internacional, como a Igreja Católica Romana, avança com cautela e, apesar das iniquidades que possa ter cometido no passado ao obstar ao desenvolvimento psíquico, agiu bem ao não aceitar a comunicação espiritual enquanto o valor deste facto não estivesse comprovado.

Nenhuma religião estabelecida ofereceu prova de sobrevivência nem sugeriu qualquer ocupação eterna para além de "descansar em paz" sobre uma nuvem ondulante. O que agora aprendemos pelas evidências diretas dos espíritos que se comunicaram connosco é que a nossa permanência física na Terra é, em comparação, meramente um segundo da nossa existência, e que abandonar o casulo corporal é o nosso primeiro voo rumo a um vasto horizonte de aprendizagem, onde a omnisciência ainda escapa à conceção.

As Igrejas falam de Deus de forma solta e reduzem-No a um nível finito. Seria mais sábio supor que ninguém, ao deixar o seu primeiro estágio terrestre, está preparado para se aproximar de Deus. Os espíritos superiores podem conceber e reverenciar a Inteligência Onipotente, que é o Deus do Universo, mas poderão decorrer milhões de anos até que estejam qualificados, por graduais etapas de conhecimento adquirido, para alcançarem a condição dos Seres Divinos.

VIII

Só o verdadeiro grande homem tem humildade para reconhecer a escassez do seu conhecimento. O progresso científico material, por mais notável que pareça, é apenas inicial, e poucos dos nossos intelectos avançaram para além de conceções finitas. Só um ego exagerado nega a imortalidade. Mr. Bernard Shaw concebeu um Matusalém material e prolongou o físico além da paciência humana. Ele exprime aversão à imortalidade espiritual quando diz: «O homem pode acreditar que tem alma sem acreditar em algo tão monstruoso como que vai viver para sempre.» Mas o que a Shaw pode parecer monstruoso a outro poderá ressoar como sedutor. Trata-se de filosofia individual. Para mim, manter a minha personalidade depois de deixar este grão de pó e explorar o conhecimento e a magnificência do universo, comunicar com mentes que eclipsam os maiores intelectos terrenos e compará-los a bebés a vomitar — eis o que entrevejo da magnitude da eternidade.

Já é mérito de Shaw ter ressuscitado, depois de recuar a Matusalém, a Joana d'Arc. E, aliás, é o único homem que lucrou com as vozes — embora as de Joana fossem meramente clariauditivas e inteiramente não autenticadas.

Há uma lei divina na evolução. O homem recebe livre-arbítrio e oportunidades na Terra para desenvolver a sua mentalidade através dos próprios esforços. O propósito da existência física é um exame preliminar para lançar os alicerces do próximo estágio. O seu intelecto avalia-se pelas dificuldades que supera.

Por exemplo, hoje em dia é trivial um homem voar de avião de Londres a Paris, mas foi um feito assombroso quando Wilbur Wright voou os primeiros vinte metros. Na psíquica, damos agora os nossos primeiros voos precários, que, no futuro, permitirão à Humanidade elevar-se a um patamar de pensamento superior. Num futuro próximo, quando a comunicação audível com os espíritos for prática normal em todo o mundo, estes primeiros ensaios parecerão primiticamente ingênuos — mas marcarão uma época na história.

Provei, com firmeza, que os poderes mediúnicos são uma faculdade latente e não anormal no homem — descoberta de importância soberana. Fórmulas simples, pelas quais eu e a minha mulher nos desenvolvemos como médiuns, podem ser seguidas por todos quantos desejem desenvolver esta faculdade.

Todos os cientistas que, até agora, estudaram fenómenos psíquicos cometeram uma grande omissão: limitaram as suas investigações aos poucos médiuns fiáveis que, por acaso, se tinham desenvolvido, considerando-os tipos raros e anómalos. Nenhum cientista tentou ainda desenvolver pessoalmente a mediunidade. Desde o meu próprio desenvolvimento, por sugestão minha três pessoas diferentes iniciaram experiências: uma não teve êxito, a segunda obteve fenómenos físicos supranormais e a terceira, uma senhora muito culta, alcançou imediatamente fenómenos físicos notáveis e, no décimo segundo ensaio, ouviu as vozes.

O primeiro registo de fenómenos psíquicos modernos ocorreu há apenas uns setenta anos. Não pretendo menosprezar o trabalho dos médiuns do passado, mas é preciso reconhecer que a grande maioria dos médiuns genuínos não pertencia ao tipo intelectual. Respeito o seu trabalho por isso mesmo, pois, se não fosse pela demonstração das suas faculdades, talvez eu não me dedicasse hoje a este estudo. Contudo, enquanto estudioso, sou obrigado a afirmar que os fenómenos produzidos e as "comunicações diretas" até agora foram de um nível de inteligência baixo — razão precisa pela qual o escarnecedor materialista tem sempre acesso facilitado.

O semelhante atrai o semelhante. A inteligência atrai a inteligência. Para progredir, a mediunidade deve agora desenvolver-se no plano mais elevado e não no mais baixo. Trata-se de um estudo colossal, de uma grande ciência, que pode e deve ser orientada no plano intelectual. O futuro do conhecimento psíquico dependerá do desenvolvimento pessoal.

Durante dois anos, noite após noite, e muitas vezes durante horas intermináveis, conversei com a minha querida irmã e com o meu excelente amigo Warren. Por mais íntimos que fôssemos em vida, eles estão agora muito mais próximos de mim do que nunca antes.

Embora tivéssemos uma ligação estreita na Terra, falei realmente com eles de forma mais íntima e prolongada depois da sua passagem do que durante toda a vida. Juntos, foram magníficos para mim: protegeram os meus interesses materiais, cuidaram da minha saúde física em momentos de tensão, deram-me a certeza da sobrevivência e foram o meio para espalhar um conhecimento espiritual cujo desenvolvimento pode ultrapassar os nossos sonhos.

Já não estamos no domínio da imaginação física: vivemos num mundo de realidade psíquica. Centenas de pessoas ouviram Annie e Warren a falar comigo e poderão todas testemunhar este facto. Digo-o com fria deliberação: se Annie e Warren não forem duas personalidades vivas, intelectuais e vívidas, então os muitos vultos efémeros que conheço na Terra e com quem converso descuidadamente em Mayfair, nas noites de estreia, nos teatros ou no Embassy Club são ou todos eles pessoas mortas ou meras criações da minha imaginação. Os meus amigos espirituais forneceram-me provas de existência muito mais impressionantes do que os vários "cifrões" sociais alguma vez me deram das deles.

A morte não existe. Empenhei-me em comprovar isso na elaboração de dois grandes livros. Consegui estabelecer comunicação direta e praticamente regular com outro mundo, e esta descoberta é o maior avanço no conhecimento de que há memória. É uma nova forma de rádio sem fios. Neste momento, depende das vibrações mais delicadas, cujas leis ainda se conhecem apenas de forma imperfeita; mas as dificuldades vão sendo ultrapassadas, pois aprendemos que, em condições cuidadosamente estudadas, estas comunicações de voz podem obter-se com incrível fluência.

É impossível oferecer qualquer explicação material do método pelo qual o fenómeno vocal se realiza — nem há necessidade de a haver, já que nenhum cientista do mundo consegue explicar a eletricidade; nenhum consegue explicar as comunicações sem fios e talvez nunca seja capaz de explicar a comunicação audível com os espíritos. Nenhuma destas três formas de fenómeno é uma "invenção"; são todas descobertas modernas e progressivas. Uma invenção é algo material e, normalmente, efémero; uma descoberta é fundamental e eterna. A eletricidade existia sempre antes de ser "descoberta", assim como os meios de telegrafia sem fios existiam antes do processo de utilização ser inventado.

Os meios para a utilização destas três categorias de fenómenos existiram sempre e existirão para sempre — fazem parte dos elementos do Universo. A investigação psíquica é hoje a Cinderela das ciências, mas amanhã será a magnífica mãe do progresso. E, sendo a mais jovem das ciências, é também a mais sensível. Aproximar-se deste estudo sem a maior delicadeza e cuidado é convidar ao fracasso — precisamente aquilo em que tantos pseudo-cientistas e investigadores demonstraram a sua ignorância, lançando-se esporadicamente em experiências com a conceção mais rudimentar das forças subtis, muitas vezes com trompaço grosseiro. Usando uma analogia, tal atitude é como um brutamontes com uma clava que investe contra o coração de uma deusa que voa, imaginando que a pode arrastar para a caverna das suas ideias.

As forças latentes do médium, seja quem for, representam o instrumento de comunicação. Não são o nosso corpo humano o médium de todos os sentidos e perceções? Não são os

nossos olhos o médium da visão e os nossos ouvidos o médium do som? Assim é a força ectoplasmática que possuímos: o instrumento por que os espíritos desencarnados podem comunicar connosco na Terra.

O caminho para o desenvolvimento é agora mais fácil do que há um ano. Testámos e encontramos uma fórmula em que trabalhar. Nenhum de nós ousa assumir que pode explicar os mistérios e milagres do Universo diante dos nossos olhos. Tudo o que podemos fazer é esforçar-nos por compreender. Quem pode explicar a criação? Um grão de protoplasma pode dissolver-se e desaparecer ou, com conceção, frutificar e tornar-se num grande poeta ou pintor.

Estamos a aprender que o físico e o mental, o material e o espiritual, não são tão indivisíveis quanto imaginávamos. Para chegar ao conhecimento, devemos exercitar a nossa capacidade mental ao máximo. O homem deve descobrir por si mesmo — essa é a lei divina, a lei do Universo e a lei à qual até os espíritos devem obedecer. É uma lei sábia e justa, pois, se todo o conhecimento nos fosse dado sem esforço individual, cessariam o interesse e a emoção, e ficaríamos mais pobres, e não mais ricos, pelas nossas experiências — permaneceríamos entidades subdesenvolvidas.

A mentalidade e a personalidade que possuímos sobrevivem quando entramos no próximo plano de existência. Cabe-nos esforçar-nos por desenvolver ao máximo as nossas mentes e os nossos espíritos durante a vida terrestre. E, pela força do seu esforço, o homem pode evoluir da sua crueza abissal, e a Terra acolherá a vinda do super-homem. Para alcançar a sabedoria, é preciso explorar as alturas e as profundezas da experiência; a Verdade deve fundamentar-se não em mito nem em crença, mas na sólida base do conhecimento.

À medida que o homem evoluir pelo próprio esforço e iniciativa, chegará a maior compreensão e, abandonando a sua insularidade, aproximar-se-á da sabedoria dos deuses. Então abrir-se-lhe-á um futuro ilimitado de filosofia, arte e cultura, e será no espírito que descobriremos as fontes do saber, do génio e da inspiração.